

*Este livro é dedicado a minha filha,
Karen, a meus filhos, Mark e Michael
e à sua mãe.*

Muitos dos acontecimentos de *Exodus* são constituídos por assuntos da história e do domínio público. Certas situações foram criadas com base em factos históricos, mas com o propósito de realizar obra de ficção. Talvez ainda sejam vivas pessoas que tomassem parte em acontecimentos semelhantes aos narrados neste livro. É até possível que algumas delas se identifiquem com certas personagens da obra. No entanto, posso garantir que todas as personagens de *Exodus* são puramente fruto da imaginação do autor. As excepções, como é lógico, são constituídas pela citação de homens públicos do período focado, como, por exemplo, Churchill, Truman, Pearsons e outros.



NOTA DE AGRADECIMENTO

A distância percorrida a fim de recolher elementos para escrever Exodus anda por cerca de 80000 quilómetros. Os metros de fita magnética, o número de entrevistas, os livros consultados, a quantidade de fotografias e as importâncias gastas atingem igualmente cifras impressionantes.

Durante um período de dois anos, dezenas de pessoas deram-me o seu tempo, a sua boa vontade e as suas memórias.

Fui duplamente abençoado ao longo da minha peregrinação por uma cooperação fora do vulgar e por uma fé inabalável.

Lamento sinceramente que o número de pessoas que me ajudaram seja tão elevado, pois isso impede-me de aqui deixar um agradecimento a cada uma delas. A indicação dos seus nomes daria todo um volume.

Seria quase um ingrato, no entanto, se aqui não tornasse público o meu reconhecimento pelos esforços de dois homens que foram, de facto, 'aqueles que mais contribuíram para que Exodus se tornasse uma realidade.

Espero não abrir um perigoso precedente ao agradecer em primeiro lugar ao meu agente literário. A ideia de Exodus nasceu de uma conversa depois do almoço e tornou-se um projecto tangível graças à persistência tenaz de Malcolm Stuart. Foi ele que me levou a pôr de pé esse projecto, apesar de por bastantes vezes me ter recusado a aceitar a ideia de escrever este livro.

Quero também agradecer humildemente a Ilan Hartuv, de Jerusalém. Ele tratou das minhas bagagens e seguiu-me através de Israel em toda a minha peregrinação de comboio, avião, automóvel, jeep e a pé. Por vezes, foi rude para comigo. Mas, apesar disso, não posso deixar de reconhecer que devo a Ilan a maior parte dos vastos conhecimentos que adquiri.

LIVRO PRIMEIRO PARA ALÉM DO JORDÃO

*Quando o Senhor tiver dado descanso
a teus irmãos, assim como a ti,
e eles possuam também a terra que
o Senhor teu Deus lhes deu para além
do Jordão, então devolverás a cada
homem aquela que lhe pertence, a qual
te dou.*

(Palavras de Deus a Moisés
no Deuterónimo.)

CAPÍTULO I

Novembro de 1946.

«Bem-vindos a Chipre»

WILLIAM SHAKESPEARE

O avião aterrou com ruído e foi deslizando até se deter diante da grande tabuleta com os dizeres: «BEM-VINDOS A CHIPRE». Mark Parker olhou pela janela e avistou ao longe os belos recortes do pico dos Cinco Dedos, parte da cadeia de montanhas que seguiam para norte ao longo da costa. Dentro de uma hora, aproximadamente, atravessaria de automóvel o desfiladeiro que conduzia a Cirénia. Avançando pelo corredor, afastou a gravata, desenrolou as mangas da camisa e enfiou o casaco. «Bem-vindos a Chipre, bem-vindos a Chipre...» Isto não lhe saía da cabeça. Era do *Otelo*, pensou, mas não conseguiu lembrar-se do resto.

Alguma coisa a declarar? perguntou o funcionário da alfândega.

Um quilo de heroína em bruto e um manual de arte pornográfica respondeu Mark, procurando Kitty com os olhos.

«Os Americanos são todos uns brincalhões», pensou o funcionário enquanto examinava a bagagem de Parker. Uma hospedeira perguntou-lhe:

É o Sr. Mark Parker?

Todo inteiro.

14 LEON URIS

A Sr.a Kitty Fremont telefonou a dizer que não pode vir ao aeroporto e pede-lhe que vá directamente para Cirénia, para o Hotel Dome, onde lhe reservou um quarto.

Obrigado, meu anjo. Onde é que eu posso alugar um táxi para Cirénia?

Arranjo-lhe um carro num instante.

Posso beber aqui um café?

Com certeza. O bar fica já aí em baixo, no átrio.

Mark encostou-se ao balcão e saboreou uma chávena de café sem leite, a fumegar ...«Bem-vindos a Chipre... bem-vindos a Chipre»... Não conseguia lembrar-se do resto, por mais tratos que desse à imaginação.

Oh! soou uma voz. Pareceu-me reconhecê-lo no avião. É o Mark Parker! Aposto que não se lembra de mim.

«Vejamos se o consigo localizar exactamente», pensou

Mark: «Roma, Paris, Londres, Madrid; o Bar de José, a Adega de James, o Esconderijo de Jacques, a Taberna de Joe. Nessa época fazia eu reportagens de guerra, revolução, insurreição. Nessa noite estava com uma loura, morena, ruiva (ou talvez a gorda com duas cabeças)».

O homem tinha-se chegado muito para Mark e falava agora pelos cotovelos.

Eu fui o tal que pediu um *martini*, e eles não tinham *bitter*. Lembra-se agora de mim?

Mark suspirou, saboreou um pouco de café e tomou coragem para novo ataque.

Eu sei que lhe dizem isto a todo o momento, mas a verdade é que gosto de ler os seus artigos. Então que faz em Chipre? Piscou o olho e deu uma palmada nas costas de Mark. Trabalhinho secreto, até aposto. Porque não nos encontramos para tomar qualquer coisa? Estou no Palace em Nicosia. Meteu um cartão na mão de Mark. Além disso, tenho aqui alguns conhecimentos.

Piscou o olho novamente.

Sr. Parker, o carro está à espera.

Mark pousou a chávena no balcão.

Muito prazer em vê-lo disse ele, saindo rapidamente,

Ao partir atirou com o cartão para um cesto de lixo.

EXODUS 15

O carro partiu do aeroporto. Mark inclinou-se para trás e por momentos fechou os olhos. Ainda bem que Kitty não viera ter com ele. Tinha passado tanto tempo e havido tanto para dizer e para recordar... À ideia de a ver novamente sentiu que uma onda de perturbação o invadia. Kitty, a bela, bela Kitty... Quando o táxi ultrapassou os portões exteriores, Mark já estava mergulhado em recordações.

... Katherine Fremont era uma dessas notáveis instituições americanas, como a torta de maçã, os «cachorros» e os Dodgers de Brooklyn. Pois Kitty era a proverbial «pequena do lado», o protótipo acabado do rabo-de-cavalo, das sardas, da maria-rapaz com arames para endireitar os dentes; e, fiel ao protótipo, os arames um dia desapareceram, surgiu o *baton*, a camisola tornou-se mais volumosa e o patinho feio transformou-se num gracioso cisne. De si para si Mark sorriu: era tão bonita nesse tempo, tão fresca e arranjada!

...Tom Fremont era outro produto tradicional americano.

Tom, o rapaz de cabelo cortado à escovinha e riso agarotado, que corria e jogava basquetebol como poucos e conduzia de olhos fechados um *Ford* modelo A. Desde sempre que Tom Fremont fora o melhor amigo de Mark: «Deviam ter sido desmamados ao mesmo tempo», pensou Mark.

...Tom e Kitty... empada de maçã e sorvete... «cachorros» com mostarda. Um rapaz cem por cento americano, uma rapariga cem por cento americana, no cenário cem por cento americano de Indiana. Sim, Tom e Kitty ajustavam-se como a chuva e a Primavera.

Kitty fora sempre uma rapariga calma, muito reservada, muito pensativa e com uma sombra de tristeza nos olhos. Talvez fosse apenas Mark quem descobria nela essa tristeza: para todos os que a rodeavam era a alegria em pessoa. Kitty já dera provas do vigor de que era dotada; além disso, estava sempre atenta, tinha sempre palavras adequadas para dizer, sempre séria e ponderada. E, contudo, essa tristeza existia... Mark sabia-o, ainda que todos os outros porventura o ignorassem.

Mark pensava muitas vezes no que seria que a tornava

16 LEON URIS

tão atraente: talvez o senti-la completamente fora do seu alcance. Lembrava-lhe o champanhe gelado e o seu aspecto físico e maneira de falar perturbavam-no profundamente.

Fosse como fosse, tinha sido sempre a namorada de Tom, e o mais que ele podia fazer era invejá-lo.

Tom e Mark eram companheiros de quarto na Universidade Estadual. Durante o primeiro ano Tom sentiu-se muitíssimo infeliz por estar longe de Kitty: Mark lembrava-se das horas consecutivas em que tinha de ouvir os lamentos de Tom e consolá-lo. Veio o Verão, e Kitty, que frequentava ainda o liceu, partiu para Wisconsin com os pais, que queriam fazer arrefecer o ardor da paixão com o afastamento. Tom e Mark conseguiram uma boleia para Oklahoma, e foram trabalhar nos campos petrolíferos. Quando as aulas reabriram, o entusiasmo de Tom tinha esfriado consideravelmente. O espaço de tempo entre as cartas de Tom e Kitty aumentou, ao passo que os encontros de Tom com outras raparigas no parque da Universidade se tornaram mais frequentes.

No seu terceiro e último ano, Tom já se tinha esquecido de Kitty. Tornara-se o Belo Brummell da Universidade, papel que condizia com a sua qualidade de campeão da equipa de basquetebol. Quanto a Mark, contentava-se com viver à sombra da glória de Tom e celebrar-se como um dos piores alunos de jornalismo na história da Universidade. Kitty veio para a Universidade Estadual como calouira. Foi um raio de luz!

Mark podia ver Kitty um milhão de vezes, mas achava-a sempre tão perturbadora como da primeira vez. Um mês antes da Licenciatura de Tom, este e Kitty, acompanhados de Mark e Ellen, escapuliram-se num *Ford* modelo A com quatro dólares e dez centimes no bolso; atravessaram a fronteira do estado e procuraram um juiz de paz. A lua-de-mel de Tom e Kitty foi no assento de trás do modelo A, atolado na lama de uma estrada e pingando como uma peneira sob uma bátiga de água. Foi um princípio auspicioso para o casal cem por cento americano. Mantiveram o casamento secreto até que passou um ano completo sobre a data da licenciatura de Tom. Kitty

EXODUS 17

continuou na Universidade a acabar a sua preparação como enfermeira. «Também a enfermagem e Kitty ligaram bem», pensara sempre Mark.

Tom adorava Kitty. Tinha sido sempre um pouco rebelde e muito independente, mas tornou-se um marido muitíssimo dedicado. Começou como pequeno empregado de uma grande firma; depois mudaram-se para Chicago, onde Kitty prestava serviço no Hospital de Crianças. Prosperavam gradualmente, à maneira tipicamente americana.

Primeiro viveram num apartamento, depois numa pequena vivenda. Compraram um carro novo, tinham contas mensais e grandes esperanças. Kitty ficou grávida.

Mark deu por si quando o táxi abrandou a marcha ao chegar aos arredores de Nicosia, a capital situada na lisa planície castanha entre cadeias de montanhas.

Fala inglês? perguntou Mark ao motorista.

Sim, senhor!

Há uma tabuleta no aeroporto que diz «Bem-vindos a Chipre». Qual é a frase completa?

Que eu saiba respondeu o motorista, querem apenas ser amáveis para os turistas.

Entraram em Nicosia, uma cidade plana, de casas de pedra amarela cobertas de telha vermelha, povoada de tamareiras, que em tudo fez lembrar a Mark a cidade de Damasco. A estrada seguia ao longo da antiga muralha veneziana, construída em círculo perfeito e que rodeava a cidade velha. Mark notou os dois minaretes que da parte turca da cidade subiam em espiral sobre a linha do horizonte.

Os minaretes pertenciam a Santa-Sofia, essa magnífica catedral dos Cruzados transformada em mesquita muçulmana. Deslocando-se ao longo da muralha, passaram pelos enormes baluartes em forma de pontas de flecha; Mark recordou-se (da sua última visita a Chipre) de que eram onze essas pontas de flecha que saíam da muralha. Esteve quase a perguntar ao motorista por que razão eram onze, mas desistiu da pergunta.

Momentos depois estavam fora de Nicosia e atravessavam a planície em direcção ao norte. Passaram por uma aldeia, depois por outra, monotonamente semelhantes e

E. - 2

18 LEON URIS

compostas de casinhas cinzentas de tijolo e lama. Cada aldeia tinha uma fonte com a inscrição de que fora construída por generosidade de Sua Majestade o Rei de Inglaterra.

Nos campos, de uma cor neutra, os aldeões colhiam batatas, trabalhando com esses magníficos animais que são as mulas de Chipre.

O táxi acelerou de novo e Mark voltou às suas recordações.

..., Mark e Ellen casaram-se pouco depois de Tom e Kitty. Fora um erro desde o princípio: eram duas boas pessoas que não tinham sido feitas uma para a outra.

Durante muito tempo a sensatez calma e suave de Kitty Fremont manteve juntos Mark e Ellen, que a procuravam e desabafavam com ela. Mas a certa altura tornou-se evidente que os laços que os ligavam se tinham desfeito e divorciaram-se. Mark dava graças aos Céus por não ter havido filhos.

Depois do divórcio, Mark partiu para o Oriente e começou a saltitar de emprego em emprego, passando da posição de pior estudante de jornalismo do mundo para a de pior jornalista do mundo. Tornou-se num desses muitos inúteis que povoam o mundo do jornalismo, não por estupidez ou falta de talento, mas por uma inaptidão absoluta para encontrar o seu lugar na vida. Mark era um criador, e a rotina das reportagens cortava-lhe o poder de criar. E, contudo, não sentia desejos de tentar a vida de escritor de ficção, sabendo, como sabia, que a sua personalidade não suportaria as exigências da condição de romancista. Assim, Mark ia pairando no limbo nem carne nem peixe.

Tom escrevia todas as semanas, e as suas cartas vinham sempre cheias de entusiasmo pela sua constante ascensão na vida. Era patente nelas o amor de Tom por Kitty e pela filha, Sandra.

Mark lembrava-se das cartas de Kitty, que, em contrapartida, continham uma apreciação serena das notícias que Tom dava de modo efervescente. Kitty falava sempre de Ellen, até que esta tornou a casar-se.

Em 1938, a sorte sorriu a Mark Parker. Havia uma

EXODUS 19

vaga em Berlim, no S. A. N. (1), e Mark passou de repente de «jornalista falhado» à respeitabilidade de «correspondente estrangeiro».

Nesta nova situação, Mark mostrou talentos. Tinha oportunidade para satisfazer parte do seu desejo de criar, desenvolvendo um estilo próprio, que o definia como Mark Parker e mais ninguém; e tinha, além disso, instinto do correspondente estrangeiro excepcional, que é farejar uma história ainda em embrião.

A vida sorria-lhe: percorreu a Europa, a Ásia e a África de um extremo ao outro. Tinha posição social, um trabalho de que gostava e sólido crédito no Bar de José, na Adega de James e nos Esconderijos de Joe e Jacques, onde uma lista infindável de louras, morenas ou ruivas estava à sua disposição.

Quando a guerra rebentou, Mark correu a Europa. Agradava-lhe instalar-se durante alguns dias em Londres, onde um maço de correio de Tom e Kitty estaria à sua espera.

No começo de 1942, Tom Fremont alistou-se no Corpo da Marinha. Foi morto em Guadalcanal.

Dois meses depois da morte de Tom, a filha deles, Sandra, morreu de paralisia infantil. Mark pediu uma licença especial, mas quando chegou à América Kitty tinha desaparecido. Procurou-a sem resultado e por fim teve de voltar à Europa. Parecia que Kitty desaparecera da face da Terra. Era estranho, pensava Mark, mas essa tristeza que sempre vira nos olhos de Kitty parecia como que uma profecia cumprida.

Logo que a guerra acabou, regressou para procurá-la novamente, mas tinha-lhe perdido o rasto.

Em Novembro de 1945, o S. A. N. tornou a chamá-lo à Europa para fazer a reportagem dos julgamentos de Nuremberga. Mark era agora um profissional categorizado, com o título de «distinto» correspondente estrangeiro.

Escreveu uma série brilhante de artigos, até que foram enforcados os nazis mais responsáveis.

(1) Sindicato Americano de Notícias. (*N. da T.*)

20 LEON URIS

Antes de o transferir para a Palestina, onde havia indícios de que se preparava uma guerra local, o S. A. N. concedeu a Mark uma licença, de que estava bastante necessitado. Para passar o tempo à sua maneira habitual, fez a corte a uma ardente francesinha que trabalhava na O. N. U. e que acabava de ser transferida para Atenas. E um dia, por forma totalmente inesperada, Mark teve a grande notícia. Estava sentado no Bar Americano, com um grupo de colegas jornalistas, quando um dos presentes se referiu a uma enfermeira americana que estava agora em Salónica a realizar um excelente trabalho com os órfãos gregos. Um dos correspondentes acabava justamente de chegar de lá com um artigo sobre o seu orfanato.

A enfermeira era Kitty Fremont.

Mark obteve sem dificuldade a informação de que ela estava naquele momento a passar férias em Chipre.

Deixando atrás de si a planície, o táxi começou a subir, por uma estrada estreita e cheia de curvas, as montanhas dos Cinco Dedos. Escurecia. Chegaram ao pico e Mark deu ordem ao motorista para encostar o carro à berma da estrada.

Saiu e olhou para baixo, para a linda cidadezinha de Cirénia, que mais parecia uma jóia e se aninhava aos pés da montanha, frente ao mar. À esquerda, dominando o desfiladeiro, as ruínas do Castelo de Santo Hilarião, evocativas dos amores de Ricardo Coração de Leão e da sua bela Berengária. Mark pensou que era um sítio ao qual gostaria de voltar com Kitty.

Era quase noite quando chegaram a Cirénia, cidadezinha de casas brancas cobertas de telha vermelha, dominada pelo castelo e enfrentando o mar. Cirénia era pitoresca, requintada e diferente de tudo o que Mark alguma vez tinha visto. Passaram pelo porto em miniatura, cheio de barcos de pesca e pequenos iates, limitado pelos dois braços de uma muralha marítima. Num dos braços ficava o cais; no outro, uma antiga fortaleza, o Castelo da Virgem. Desde há muito que Cirénia era um retiro de artistas e oficiais aposentados do exército britânico, o que se

compreendia, pois era, na verdade, um dos lugares mais sossegados do mundo.

A um quarteirão de distância do porto ficava o Hotel Dome, um edifício demasiado grande e que parecia deslocado na pequena cidade adormecida. O Dome, porém, tinha-se tornado numa das encruzilhadas do Império Britânico.

Onde quer que flutuasse uma bandeira britânica era conhecido como um ponto de encontro favorito dos Ingleses. Era um labirinto de salas de estar, terraços e varandas debruçadas sobre o mar. Um molhe de uma centena de metros ligava o hotel a uma pequena ilha frequentada por nadadores e amadores de banhos de sol. O táxi parou e o *groom* retirou a bagagem de Mark; este pagou ao motorista e olhou em redor. Estava-se em Novembro, mas fazia ainda calor e a atmosfera estava serena. Que local maravilhoso para um encontro com Kitty!

O empregado da recepção entregou um bilhete a Mark.

«Mark querido.

Só posso sair de Famagusta às 9 horas. Perdoas-me?

Estou morrendo por te ver. Saudades.

Kitty.»

Arranje-me umas flores, uma garrafa de *whisky* e um balde de gelo disse Mark.

A Sr.a Fremont tratou de tudo disse o criado de quarto, entregando uma chave ao *groom*. Os quartos são ao lado um do outro e têm vista para o mar.

Mark notou um sorriso equívoco no rosto do criado.

Era o mesmo olhar sórdido que já tinha visto em centenas de hotéis, quando ia acompanhado de mulheres. Esteve prestes a esclarecer as coisas, mas decidiu deixar o empregado pensar o que lhe desse na cabeça.

Recuperou a boa disposição, olhando o mar sob a noite que caía; depois desfez as malas, preparou um *whisky* com água e foi-o bebendo enquanto tomava banho numa tina de água bem quente.

Sete horas... Ainda duas horas de espera.

22 LEON URIS

Abriu a porta do quarto de Kitty. Cheirava bem. O fato de banho e alguma roupa interior, lavada há pouco, estavam pendurados na banheira. Os sapatos estavam alinhados ao lado da cama e os produtos de beleza sobre o toucador. Mark sorriu. Mesmo na ausência de Kitty, o quarto deixava transparecer a maneira de ser de uma pessoa fora do comum.

Voltou ao seu quarto e estendeu-se na cama. Como estaria Kitty passados esses anos? Que efeitos teria tido sobre ela aquela horrível tragédia? «Linda Kitty... Queria tanto que estivesse bem!... Estamos em Novembro de 1946», pensou Mark. «Quando a vi pela última vez? Em 1938... precisamente antes de ir para Berlim, ao serviço do S. A. N. Há oito anos. Kitty terá, portanto, agora, 28 anos.»

A fadiga da viagem e a tensão nervosa venceram-no, e começou a dormir.

O tinir de cubos de gelo, som agradável a Mark Parker, arrancou-o a um sono profundo. Esfregou os olhos e procurou um cigarro.

Você dorme como uma pedra disse uma voz com sotaque acentuadamente britânico. Bati durante cinco minutos. Foi o rapaz que me deixou entrar. Espero que não se importe que me sirva de *whisky*.

Era a voz do major Fred Caldwell, do exército britânico.

Mark bocejou, espreguiçou-se para acordar melhor e olhou para o relógio. Eram oito e um quarto.

Que diabo faz você em Chipre? perguntou Mark.

Parece-me que devo ser eu a fazer essa pergunta.

Mark acendeu um cigarro e olhou para Caldwell. Não gostava do major nem o detestava. «Desprezo» era a palavra própria. Tinham-se encontrado duas vezes. Caldwell era ajudante do coronel Bruce Sutherland, mais tarde brigadeiro, um dos melhores oficiais do exército britânico. O seu primeiro encontro tinha sido junto à fronteira da Holanda, durante a guerra. Numa das suas reportagens, Mark chamara a atenção para um erro de táctica britânico que tinha causado a morte de um regimento. O segundo encontro fora por altura dos julgamentos dos crimes de

EXODUS 23

guerra de Nuremberga, de que Mark fazia a reportagem para o S. A. N.

Quando a guerra estava no fim, as tropas de Bruce Sutherland foram as primeiras a entrar no campo de concentração de Bergen-Belsen, na Alemanha. Tanto Sutherland como Caldwell tinham vindo a Nuremberga como testemunhas.

Mark dirigiu-se à casa de banho, lavou a cara com água gelada e procurou uma toalha.

Em que posso ser-lhe útil, Freddie?

O D. I. C. (1) telefonou esta tarde para o nosso quartel-general e disse-nos que você tinha acabado de chegar. Mas você vem sem credenciais.

Livra, como vocês são desconfiados! Desculpe dar-lhe uma desilusão, Freddie, mas estou aqui em férias, a caminho da Palestina.

A minha visita não é oficial, Parker disse Caldwell. Bem, reconheço que nós estamos um bocado desconfiados consigo, por coisas passadas.

Vocês têm realmente boa memória disse Mark, começando a vestir-se.

Caldwell preparou uma bebida para Mark. Este observava o oficial britânico e cismava porque seria que Caldwell conseguia sempre irritá-lo. Tinha uma arrogância que o identificava como membro dessa raça estranha que são os colonizadores e era um maçador insípido e de ideias tacanhas. Ténis para cavalheiros elegantes vestidos de branco, uma boa genebra com água tônica, e os indígenas que vão para o Diabo. Era a consciência de Freddie Caldwell, ou a total ausência dela, que aborrecia Mark. «Bem» e «mal» eram palavras cujo significado chegava até Caldwell através apenas de um manual do exército ou de uma ordem.

Vocês estão a fazer algum trabalho sujo em Chipre?

Não seja maçador, Parker. Esta ilha é nossa, e queremos saber o que querem daqui.

(1) Departamento de Investigação Criminal. (*N. da T.*)

24 LEON URIS

Sabe... é isso que eu aprecio em vocês, Ingleses.
Um holandês dir-me-ia que fosse para o Diabo. Vocês dizem sempre: «Por favor, vão para o Diabo.» Já disse que estava aqui em férias. Venho encontrar-me com uma velha amiga.

Quem?

Uma rapariga chamada Kitty Fremont.

Ah, a enfermeira. É uma mulher extraordinária! Encontrámo-nos há dias em casa do governador.

As sobranceiras de Freddie Caldwell ergueram-se, interrogativamente, ao olhar para a porta de comunicação com o quarto de Kitty, que estava entreaberta.

Vá dar um banho ao seu espírito imundo disse Mark. Já a conheço há vinte e cinco anos.

Então, claro, está tudo certo.

Exactamente, e a partir de agora a sua visita tornou-se numa formalidade; portanto, vá-se embora.

Freddie Caldwell sorriu, pousou o copo e meteu a elegante bengala debaixo do braço.

Freddie Caldwell disse Mark, quero vê-lo quando esse sorriso tiver desaparecido do seu rosto.

A que diabo se refere?

Estamos em 1946, major. Muitas pessoas leram os *slogans* da última guerra e acreditaram neles. Vocês estão atrasados e vão perder a partida... Primeiro vai ser a Índia, depois a África, depois o Médio Oriente. Lá estarei para vos ver perder o mandato da Palestina. Hão-de correr convosco até do Suez e da Transjordânia. O Império começa a declinar, Freddie... Que vai a sua mulher fazer sem quarenta rapazinhos negros para chicotear?

Li a sua reportagem dos julgamentos de Nuremberga, Parker. Você tem a terrível tendência americana para ser hiper dramático. «Melodramático», é o termo exacto. Além disso, meu velho, não sou casado.

Vocês são sempre amáveis.

Lembre-se, Parker, de que está em férias. Darei cumprimentos seus ao brigadeiro Sutherland. Adeusinho. Mark sorriu e encolheu os ombros. De súbito lem-

EXODUS 25

brou-se da tabuleta do aeroporto... «BEM-VINDOS A CHIPRE»: William Shakespeare. A citação completa era: «Bem-vindos a Chipre, bodes e macacos.»

CAPÍTULO II

Ao mesmo tempo que Mark Parker aguardava o seu encontro, há muito desejado, dois homens preparavam-se para um encontro de natureza muito diferente noutro ponto de Chipre, numa floresta a uns 60 quilómetros de Cirénia, ao norte do porto de Famagusta.

O tempo estava nublado, sombrio, e do céu não vinha qualquer luz. Os dois homens mantinham-se de pé em profundo silêncio, lançando olhares, através da escuridão, para a baía, que ficava umas centenas de metros mais abaixo.

Estavam no monte, numa casa branca abandonada no meio de uma floresta de pinheiros, eucaliptos e acácias. Reinava a escuridão e o sossego era apenas interrompido por um sopro de vento e pela respiração abafada e irregular dos dois homens.

Um deles era um cipriota grego, guarda dos serviços florestais, e estava nervoso. O outro parecia tão calmo como uma estátua e não tirava os olhos da baía. Era David Ben Ami, nome que significava David. Filho do Meu Povo.

As nuvens começaram a dissipar-se. A luz, surgindo, incidiu sobre as águas silenciosas da baía, sobre a floresta e a casa branca. David Ben Ami estava de pé, à janela, e a luz bailava-lhe no rosto. Era um homem de constituição frágil, com pouco mais de 20 anos. Mesmo com aquela luz fraca, o seu rosto magro e os olhos profundos traduziam a sensibilidade de um estudioso.

À medida que as nuvens se dissipavam, a luz reflectia-se nas colunas de mármore e estátuas quebradas que juncavam o chão em redor da casa.

26 LEON URIS

Pedras quebradas, restos mortais do que fora a grande cidade de Salamina, tão importante no tempo de Cristo. Quantos documentos de valor histórico existiriam sob esta terra e nos campos de mármore? Salamina, que o guerreiro Teucro, no seu regresso das guerras de Tróia, fundou em tempos ainda mal conhecidos dos homens de hoje; que foi destruída por um terramoto, se ergueu novamente e tornou a cair sob o domínio árabe, para não mais se levantar. A luz bailava sobre os hectares de colunas quebradas onde outrora se erguera um grande fórum grego.

As nuvens cerraram-se, e novamente escureceu.

Ele está muito atrasado murmurou nervosamente o guarda florestal.

Escuta disse David Ben Ami.

Ouviu-se o ruído abafado de um motor de barco, a grande distância. David Ben Ami ergueu o binóculo, esperando uma aberta nas nuvens. O som tornou-se mais perceptível.

Um jacto de luz jorrou da água em direcção à casa branca. Outros clarões se lhe seguiram.

David Ben Ami e o guarda florestal saíram a correr, desceram o monte e, atravessando os campos de destroços e as matas, chegaram à praia. Ben Ami respondeu com um sinal da sua lanterna.

O ruído do motor deixou de se ouvir.

A silhueta de um homem deslizou pela amurada do barco e começou a nadar em direcção à costa. David Ben Ami levantou a pistola e inspeccionou a praia em todas as direcções, procurando sinais da existência de alguma patrulha inglesa. A figura emergiu das águas profundas e começou a caminhar com dificuldade.

David! chamou da água uma voz.

Ari, por aqui, depressa.

Os três homens correram pela praia, ultrapassaram a casa branca e seguiram por um caminho batido. Escondido entre os arbustos, um táxi esperava. Ben Ami agradeceu ao guarda florestal cipriota e partiu rapidamente, com o homem que viera no barco, em direcção de Famagusta.

Os meus cigarros estão encharcados disse Ari.

'EXODUS 27

David Ben Ami passou-lhe um maço. Por momentos uma chama iluminou o rosto de Ari. Era alto e forte, perfeito contraste com o pequeno Ben Ami. Tinha um rosto atraente, mas os olhos eram nitidamente duros. Tratava-se de Ari Ben Canaan, estrela de primeira grandeza da Mossad Aliyah Bet, a organização ilegal.

CAPÍTULO III

Bateram à porta de Mark. Ele foi abrir: Katherine Fremont estava na sua frente. Achou-a ainda mais bela do que nas suas recordações. Durante muito tempo olharam um para o outro em silêncio. Ele analisou-lhe o rosto e os olhos. Era agora uma mulher, doce e compassiva, a um ponto que só se atinge através de duro sofrimento. Devia bater-te por não responderes às minhas cartas disse Mark.

Olá, Mark! balbuciou ela.

Caíram nos braços um do outro e apertaram-se ao peito. Durante a primeira hora falaram pouco, sentindo-se felizes de olharem um para o outro, sorrindo, apertando as mãos de vez em quando ou beijando-se afectuosamente na cara.

Ao jantar falaram de banalidades, principalmente das aventuras dele como correspondente estrangeiro. Mark notou que Kitty desviava sempre a conversa da sua pessoa. Serviam-se agora de queijo. Mark vazou o resto da cerveja no copo, seguindo-se outro silêncio embaraçoso. Era evidente que Kitty começava a estar pouco à vontade sob o olhar inquisitivo de Mark.

Vamos dar uma volta até ao porto propôs ele.

Vou buscar um abafo.

Caminharam em silêncio pelo cais, ladeado de edifícios brancos, até à muralha, e depois até ao farol situado na estreita abertura do porto. Estava enevoadado, e tudo quanto viam eram os contornos confusos dos pequenos

28 LEON URIS

barcos ancorados. Notaram que o farol fazia sinais para o mar, guiando um arrastão para o porto. Um vento leve soprava sobre o cabelo dourado de Kitty, que chegou a si o abafo Mark acendeu um cigarro e sentou-se na muralha. O silêncio era absoluto.

Fiz-te sentir muito infeliz com a minha vinda disse ele. Amanhã vou-me embora.

Não quero que partas respondeu ela, olhando para o mar. Não sei o que senti quando recebi o teu telegrama. Foi como se abrisse a porta a uma quantidade de recordações que tentava desesperadamente enterrar. Mas bem sabia que este momento tinha de chegar um dia... Por um lado, receava que chegasse... mas, por outro, foi melhor assim.

O Tom já morreu há quatro anos. Ainda não te conformaste?

Muitas mulheres têm perdido os maridos na guerra balbuciou ela. Chorei pelo Tom. Queríamos-nos muito, mas eu sabia que continuaria a viver. Nem sequer sei como ele morreu.

Não há muito a dizer respondeu Mark. Tom era da marinha e com uns milhares de marinheiros tentou tomar de assalto uma praia. Uma bala acertou-lhe e ele morreu. Não foi herói, não teve medalhas... não teve sequer tempo para dizer: «Diz a Kitty que a amo.» Foi simplesmente ferido por uma bala e morreu... eis tudo. Ela empalideceu Mark acendeu um cigarro e deu-lho.

E Sandra, porque é que morreu? Porque é que a minha filhinha tinha de morrer também?

Eu não sou Deus, Kitty, não te sei responder.

Ela sentou-se na muralha, ao lado de Mark, e encostou a cabeça ao ombro dele, respirando com dificuldade.

Creio que no mundo já não há lugar para mim.

Porque não desabafas comigo?

Não posso...

Acho que chegou o momento de o fazeres.

Meia dúzia de vezes Kitty tentou falar, mas da garganta só lhe saíam murmúrios desconexos. Os anos de horror estavam profundamente gravados nela. Atirou o

EXODUS 29

cigarro à água e olhou para Mark. Ele tinha razão: era a única pessoa no mundo em quem poderia confiar.

Foi pavoroso disse ela receber aquele telegrama sobre o Tom. Amava-o tanto! Precisamente... precisamente dois meses depois, Sandra morreu de paralisia...

Não me lembro muito bem... Os meus pais levaram-me para Vermont, para uma casa de saúde.

Um manicómio?

Não... Dão-lhe esse nome quando se trata de pobres...

Chamavam-lhe casa de repouso para esgotamentos.

Não sei quantos meses lá passei. Não consigo lembrar-me de tudo, estive dia e noite como que envolvida num nevoeiro cerrado. Melancolia, chamavam-lhe os médicos.

A voz de Kitty tornou-se mais firme. A porta abriu-se e o sofrimento encontrara um escape.

Um dia, o véu que existia sobre o meu espírito desvaneceu-se. Lembrei-me de que Tom e Sandra tinham morrido. Passei a trazer comigo uma dor permanente. Tudo, a todo o momento, me fazia recordá-los. Sempre que ouvia uma canção, sempre que ouvia uma gargalhada...

sempre que via uma criança. Rezava... rezava, para que a inconsciência caísse de novo sobre mim. Sim, Mark, pedia para endoidecer, de forma a já não poder lembrar-me.

Estava de pé, alta e direita, e as lágrimas corriam-lhe pela cara.

Fugi para Nova Iorque. Tentei aturdir-me no meio da multidão. Tinha quatro paredes, uma cadeira, uma mesa e uma lâmpada pendurada. Deixou escapar um breve riso irónico. Em frente da minha janela havia uma trémula luz néon. Durante horas caminhava sem destino pelas ruas, até que as caras fossem como que um borrão, ou sentava-me e olhava pela janela dias a fio. Tom, Sandra, Tom, Sandra... Nem por um momento me deixavam. Kitty sentiu Mark atrás de si. As mãos dele agarraram-lhe os ombros. Na água, o arrastão aproximava-se do estreito entre os dois braços da muralha. Ela roçou a cara pela mão de Mark.

30 LEON URIS

Uma noite bebi de mais... Vi um rapaz com um uniforme verde como o de Tom. Tinha um ar solitário, usava o cabelo cortado à escovinha e era alto... como o Tom. Bebemos juntos... Acordei num quarto sujo e barato de uma pensão... Sabe Deus onde. Estava ainda meio embriagada. Dirigi-me a cambalear para o espelho e olhei para mim. Estava nua. O rapaz também estava., estendido na cama.

Kitty, por amor de Deus...

Espera, Mark... deixa-me acabar. Fiquei a olhar para aquele espelho não sei quanto tempo... Tinha chegado ao extremo, não podia descer mais. Naquele momento

senti-me perdida. O rapaz ali estava sem dar acordo... um estranho... para mim... Nem sequer me lembro do nome dele. Na casa de banho vi as lâminas de barbear, o cano de gás que descia do tecto, a janela... e durante um minuto ou uma hora... não sei quanto tempo... estive a olhar do décimo andar para o passeio.

Seria o fim da minha vida... mas não tive forças para acabar com ela. Então aconteceu uma coisa estranha, Mark: senti que ia continuar a viver, sem Tom nem Sandra.

De repente, a dor que me atormentava tinha desaparecido.

Querida Kitty! Desejei tanto encontrar-te e ajudar-te...

Eu sei, Mark. Mas era qualquer coisa que tinha de ser eu própria a vencer. Voltei à enfermagem, entreguei-me a ela como louca. Assim que a guerra acabou na Europa comecei a trabalhar neste orfanato grego... Trabalhava vinte e quatro horas por dia. Era exactamente o que eu precisava, trabalhar até não poder mais. Mark... eu... comecei algumas cem cartas para ti, mas receava terrivelmente este momento. Ainda bem que já passou.

Estou tão contente por te ter encontrado... disse

Mark.

Ela olhou-o.

...E aqui está a história de Kitty Fremont.

Mark pegou-lhe na mão e começaram a caminhar ao longo da muralha. Do Hotel Dome chegava-lhes o som de música de dança.

EXODUS 31

CAPITULO IV

O brigadeiro Bruce Sutherland, comandante militar de Chipre, estava sentado a uma grande secretária na sua casa na Rua de Hipócrates, em Famagusta, a uns 60 quilómetros de Cirénia. Sutherland, com excepção de alguns indícios de envelhecimento um pequeno excesso de gordura em volta da cintura e o embranquecimento do cabelo nas fontes, não aparentava os 55 anos que tinha. O seu aprumo indicava claramente que se tratava de um militar. Soou uma pancada forte na porta, e o seu ajudante, o major Fred Caldwell, entrou.

Boa noite, Caldwell. Já de volta? Sente-se.

Sutherland pôs os papéis de lado, espreguiçou-se ligeiramente e pousou os óculos sobre a secretária. Tirou do suporte um dos seus melhores cachimbos e encheu-o com uma mistura *Dunhill*. Caldwell aceitou um charuto, e os dois homens depressa encheram a sala de fumo. O criado grego apareceu em resposta a um toque de campainha.

Duas genebras com água tónica.

Sutherland levantou-se e encaminhou-se para a luz.

Vestia um casaco de veludo vermelho-forte. Instalou-se numa cadeira de couro diante das altas estantes de livros.

Viu o Mark Parker?

Vi, sim.

Que lhe parece?

Caldwell encolheu os ombros.

Em princípio, não podemos acusá-lo de nada. Vai a caminho da Palestina... Veio aqui visitar aquela enfermeira americana, Katherine Fremont.

Fremont? Ah, sim, aquela mulher encantadora que encontrámos em casa do governador.

Parece tudo muito natural... e, contudo, Parker é repórter, e não posso esquecer aquele aborrecimento que nos causou na Holanda.

Ora vamos respondeu Sutherland, todos nós cometemos erros durante a guerra. Aconteceu ele dar com

32 LEON URIS

um dos nossos. Felizmente, o nosso lado ganhou, e não creio que haja dez pessoas que ainda se lembrem disso. A genebra e a água tônica chegaram.

Sutherland pousou o copo e afagou o bigode branco de morsa. Fred Caldwell não se deu por satisfeito e insistiu:

Não acha que se Parker começar a tornar-se curioso e a querer meter o nariz será conveniente que alguns homens do D. I. C. o vigiem?

Ouçã, deixe-o em paz. Dizer que não a um jornalista é como mexer numa colmeia. As histórias de refugiados já passaram de moda, e não acredito que ele esteja interessado nestes campos. Contudo, não vamos correr o risco de excitar a sua curiosidade proibindo-o de andar à vontade. Se quer que lhe diga, acho que foi um erro ir ter com ele hoje.

Mas, meu brigadeiro... depois da Holanda...

Traga a mesa do xadrez, Freddie!

Havia algo de categórico na maneira como Sutherland disse «Freddie». Caldwell resmungou para consigo à medida que colocavam as pedras. Fizeram as jogadas de abertura, mas Sutherland viu que o seu ajudante estava descontente. Pousou o cachimbo e encostou-se.

Caldwell, já tentei explicar-lhe que não estamos aqui a chefiar campos de concentração. Os refugiados de Caraolos estão apenas detidos em Chipre até que esses broncos de Whitehall decidam o que vão fazer do mandato da Palestina.

Mas esses judeus são tão insubordinados que acho que se justificava um bocado de disciplina à maneira antiga.

Não, Freddie, desta vez não. Esta gente não cometeu nenhum crime e tem do seu lado a simpatia mundial. Compete-lhe a si e a mim evitar desordens, tumultos ou o que quer que seja que possa ser utilizado como propaganda contra nós. Está a ver?

Caldwell não compreendia. No seu entender, o brigadeiro devia ser muito mais severo com os refugiados. Mas ninguém ficou alguma vez a ganhar numa discussão com um general, a não ser que se trate de um general superior.

EXODUS 33

e, além disso, o assunto era complexo. Caldwell fez avançar um peão.

É a sua vez disse depois.

Caldwell levantou os olhos do tabuleiro. Sutherland parecia completamente alheado e esquecido donde estava. Isto acontecia cada vez com mais frequência nos últimos tempos.

É a sua vez repetiu Caldwell.

O rosto de Sutherland estava perturbado. «Pobre tipo», pensou Caldwell. O brigadeiro fora casado com Neddie Sutherland durante quase trinta anos, e de repente ela tinha-o deixado e fugido para Paris com um amante dez anos mais novo. Foi um escândalo que abalou as esferas superiores do exército durante meses, e Sutherland, que sofrera um grande abalo, devia ter ainda dificuldade em se recompor. Fora um golpe terrível para o brigadeiro, que tinha sido sempre um homem respeitável. O rosto pálido de Sutherland estava sulcado de rugas e as pequenas veias vermelhas do nariz brilhavam. Neste momento aparentava bem os seus 55 anos, ou mesmo mais. Ao contrário do que Caldwell supunha, Bruce Sutherland não estava a pensar em Neddie, mas no campo de refugiados de Caraolos.

É a sua vez, meu brigadeiro.

«Assim devem parecer os teus inimigos, Israel...»

murmurou Sutherland. Perdão!

CAPÍTULO V

Mark acompanhou Kitty até à mesa. Estavam ambos sem fôlego.

Sabes qual foi a última vez que dancei um samba? perguntou ela.

Para uma velhota como tu, estás muito em forma. Mark olhou em redor da sala, cheia de oficiais ingleses, uns com os uniformes de caqui do exército, outros com os brancos da marinha, falando com diferentes sotaques

34 LEON URIS

de inglês. Mark adorava locais como este. O criado trouxe mais bebidas e os copos tocaram-se. |

À Kitty... onde quer que ela venha a estar! disse Mark. bem, minha senhora, para onde pensa ir agora? Kitty encolheu os ombros.

Sei lá, Mark. O meu trabalho em Salónica acabou e começo a "querer mudar de sítio. Tenho ofertas da O. N. U., para ficar na Europa.

Foi uma linda guerra comentou Mark. Montes de órfãos.

É verdade disse Kitty, ainda ontem recebi uma proposta muito favorável para ficar em Chipre. Em Chipre?

Há uns campos de refugiados em redor de Famagusta, mas parece que estão superlotados, e vão criar mais na estrada de Larnaca. Uma americana entrou em contacto comigo, queria que eu tomasse conta de um deles. Mark franziu a testa.

Foi uma das razões por que não pude ir ter contigo ao aeroporto. Encontrei-me ontem com ela em Famagusta.

E que lhe disseste?

Disse-lhe que não São judeus. Claro que as crianças judias devem ser como quaisquer outras, mas preferia não estar em contacto com elas. Parece que há muita política em volta desses campos e não estão sob os auspícios das Nações Unidas.

Mark estava mergulhado nos seus pensamentos. Kitty piscou o olho com malícia e ameaçou-o com o indicador.

Não estejas tão sério... Queres saber a outra razão por que não fui ter contigo ao aeroporto?

Desconfio que bebestes de mais.

Parece-me bem que sim. Bem, Sr. Parker, fui a Famagusta dizer adeus ao meu namorado. Sabes como eu sou... um apaixonado parte de barco, enquanto outro chega de avião.

Já que puxaste a conversa... Com quem é que vieste para Chipre?

Gostavas de saber?

Hum!...

EXODUS 35

Com o coronel Howard Hillings, do exército britânico.

Houve alguma coisa entre vocês?

Não, *é* tão decente que *é* de se ficar escandalizado!

Onde o conheceste?

Em Salónica, estava encarregado da chefia daquela área. Quando tomei conta do orfanato, tínhamos falta de tudo: camas, medicamentos, comida, cobertores... tudo. Fui ter com ele, cortou-se aos bocados para me ajudar e ficámos amigos para toda a eternidade. É realmente um amor.

Continua. O assunto está a interessar-me.

Há umas semanas informaram-no de que ia ser transferido para a Palestina; antes disso teve direito a uma licença e quis que eu a passasse aqui com ele. Trabalhei tanto ultimamente que até me tinha esquecido de que durante dezoito meses não tive Um dia de folga.

Mas reduziram-lhe a licença, e teve de se apresentar em Famagusta, para partir hoje de barco para a Palestina.

Perspectivas de te tornares Sr.a Hillings?

Kitty sacudiu a cabeça negativamente.

Gosto muito dele. Trouxe-me de tão longe até Chipre só para encontrar o ambiente adequado para me pedir em casamento...

E então?

Eu adorava o Tom. Nunca mais sentirei o mesmo por ninguém.

Tens 28 anos, Kitty. É boa idade para te reformares.

Não me queixo. Encontrei uma ocupação que me agrada. Mark, tu também vais para a Palestina. Há uma quantidade de oficiais que vão daqui para a Palestina.

Vai haver guerra, Kitty.

Porquê?... Não compreendo.

Oh, por muitas razões. Muitas pessoas, pelo mundo fora, decidiram ser senhoras das suas próprias vidas. As colónias estão a passar de moda neste século e os Ingleses cavalgam num cavalo morto. Tirando uma nota de dólar do seu bolso, Mark acrescentou: É este o soldado do novo Império; temos milhões destes soldados verdes movendo-se pelos quatro cantos do mundo. É a

36 LEON URIS

maior força de ocupação que jamais se viu. Uma conquista sem derramamento de sangue... mas a Palestina... é um caso particular. É um caso quase assustador, Kitty. Gente que se propõe ressuscitar uma nação morta há dois mil anos. Nunca houve nada que se parecesse com isto. E, o que é mais, creio bem que vão conseguir o que querem. São os tais judeus de quem tu não gostas.

Eu não disse que não gostava deles protestou Kitty.

Bem, não discutamos isso agora. Já que tens estado em Chipre, diz-me, querida: tens ouvido ou visto alguma coisa que possa ser considerada... digamos, fora do vulgar?

Kitty mordeu o lábio inferior, reflectindo, e respondeu:

Apenas quanto aos campos de refugiados. Ouço dizer que estão superlotados e em condições deploráveis. Porque mo perguntas?

Não sei, mas tenho a intuição de que qualquer coisa de muito importante se está a passar em Chipre.

- Porque não dizes simplesmente que és abelhudo por profissão?

É mais do que isso. Conheces um tal major Fred Caldwell? É ajudante do brigadeiro Sutherland.

É um maçador tremendo. Encontrei-o em casa do governador.

Foi ter comigo ao quarto antes de tu chegares. Por que diabo viria o ajudante de um general visitar-me dez minutos depois de eu ter desembarcado, por causa de um assunto aparentemente banal? Kitty, digo-te que os Ingleses estão nervosos por alguma coisa que aqui se passa...

Não sei bem o que é, mas apostava singelo contra dobrado que se relaciona com esses campos de refugiados. Escuta: queres ir trabalhar nesses campos durante umas semanas, a meu pedido?

Com certeza, Mark. Se tu quiseses.

Mark mudou de tom

Oh, eles que vão para o Diabo. No fim de contas, estamos ambos em férias. Tens razão, querida. Sou abelhudo e desconfiado por profissão. Não penses mais nisso, vamos dançar.

EXODUS 37

CAPITULO VI

Na Rua de Arsinos, em Famagusta, em frente à muralha da velha cidade, havia uma casa grande e luxuosa, pertencente a um cipriota grego chamado Mandria, sócio da Companhia de Navegação Chipre-Mediterrâneo e de um grande número de táxis da ilha. Mandria e David Ben Ami esperavam com ansiedade por Ari Ben Canaan enquanto este, depois da sua travessia a nado, se limpava e vestia roupa enxuta.

Ambos sabiam que o aparecimento de Ari Ben Canaan em Chipre significava que a Mossad Aliyah Bet tinha entre mãos uma missão da maior importância.

Havia muitos anos que os Ingleses seguiam a política de abolir ou limitar o máximo a emigração de judeus para a Palestina, política que era levada a cabo pela armada real inglesa. A Mossad Aliyah Bet, organização de judeus da Palestina, tinha por tarefa ajudar a entrada clandestina de compatriotas nesta região. Mas assim que a armada britânica apanhava barcos da Mossad a tentar romper o bloqueio, transferia os refugiados para campos de detenção em Chipre.

Ari Ben Canaan, depois de ter mudado de roupa, entrou na sala e acenou a Mandria e a David Ben Ami. Era um homem com mais de 1,80 m de altura e bem constituído. Ele e David Ben Ami eram de há muito amigos íntimos, mas usavam de uma certa cerimónia diante do cipriota Mandria, que não era membro da sua organização, mas simplesmente simpatizante.

Ari acendeu um cigarro e foi direito ao assunto.

Mandaram-me para aqui para organizar uma fuga em massa dos campos de detenção. As razões são evidentes para todos nós. Qual é a sua opinião, David?

O interpelado andava de um lado para o outro da sala, pensativo. Havia meses que fora mandado para Chipre pelo Palmach, exército secreto dos judeus da Palestina; ele e umas dezenas de outros *palmachniks* infiltra-

38 LEON URIS

ram-se por entre os refugiados, sem conhecimento dos Ingleses, e criaram escolas, hospitais e sinagogas, construíram instalações sanitárias e organizaram pequenas indústrias. Apesar dos seus 22 anos, David era o comandante do Palmach em Chipre.

Os refugiados que tinham sido forçados a voltar da Palestina para Chipre eram gente desesperada, mas o aparecimento dos jovens membros do exército dos Judeus incutiu-lhes novo ânimo. Usando paus no lugar de espingardas e pedras no de granadas, David Ben Ami e os outros *palmachniks* deram instrução militar a alguns milhares de homens e mulheres. Se os Ingleses tinham suspeitas que havia nos campos judeus vindos da Palestina, procediam como se não soubessem, agindo somente fora dos acampamentos pois não desejavam entrar nas cercas, onde lavrava o ódio.

Quantas pessoas quer fazer fugir? perguntou David.

Aproximadamente trezentas.

David abanou a cabeça.

Abrimos alguns túneis, mas conduzem ao mar Como sabe pela sua travessia desta noite, as marés são traiçoeiras, e só os nadadores fortes se aguentam. Em segundo lugar, entramos e saímos através dos canos de esgoto. A vigilância não é muito apertada, mas nunca conseguiríamos fazer passar tanta gente. Além disso, uniformes ingleses e documentos falsos... também só arranjam os poucos de cada vez. Podemos meter alguns em caixas e mandá-las para as docas. Aqui o Sr. Mandria é um dos proprietários da companhia de navegação e o pessoal da doca está prevenido. Mas uma fuga em massa. Ari, não vejo que seja possível neste momento.

Havemos de arranjar maneira disse Ben Canaan, decidido ; a dificuldade está em termos só umas semanas para levar a cabo esta tarefa.

Mandria levantou-se, suspirou e abanou a cabeça.

Sr. Ben Canaan, o senhor chegou esta noite a nado e pede-nos o impossível... ainda por cima em duas semanas.

O meu coração acrescentou Mandria, tocando no coração diz-me que o conseguimos... mas a cabeça e Mandria bateu no crânio com o indicador diz que

EXODUS 39

não pode ser. O cipriota andava pela sala de jantar de mãos atrás das costas. Acredite, Sr. Ben Canaan . deu meia volta e fez um gesto largo com o braço , vós, homens do Palmach e da Mossad, podeis contar com os gregos de Chipre para vos apoiarmos até à última gota do nosso sangue. Somos por vós! Estamos convosco! Estamos ao vosso lado! E, contudo... Chipre é uma ilha, está rodeada por água de todos os lados, e os Ingleses não são estúpidos nem estão a dormir. Eu, Mandria, farei tudo por vós, mas não conseguireis tirar trezentas pessoas de Caraolos. Há vedações em volta dos campos, com 3 metros de altura, e os guardas trazem espingardas... com balas. Ari Ben Canaan levantou-se e aproximou-se dos outros dois homens. Não tinha dado importância a grande parte das tiradas dramáticas de Mandria.

De manhã preciso de um uniforme inglês, documentos e um motorista. Pode começar a procurar um barco, Sr. Mandria, coisa para 100 ou 200 toneladas. David, vamos precisar de um perito em falsificar documentos.

Temos um rapaz na cerca das crianças que é tido como um verdadeiro artista, mas não quer trabalhar. Os outros não servem.

Vou amanhã a Caraolos falar com ele. Além disso, quero dar uma vista de olhos ao campo.

Mandria exultava. Que homem de acção era Ari Ben Canaan! Encontrar um navio! Arranjar um falsificador! Obter um uniforme e um motorista! A vida era tão cheia de emoções desde que a Mossad e o Palmach tinham vindo para Chipre, e ele gostava tanto de tomar parte no jogo do gato e do rato com os Ingleses... Pôs-se de pé e apertou efusivamente a mão de Ari Ben Canaan. Nós, Cipriotas, estamos convosco. A vossa luta é a nossa luta!

Ben Canaan olhou para Mandria com desagrado.

Sr. Mandria disse ele , o senhor está a ser bem pago pelo tempo e esforços que gasta.

Um silêncio de surpresa caiu na sala. Mandria ficou branco como um lençol.

Acredita... o senhor acredita, que eu, eu, Mandria, faria isto por dinheiro? Arriscar-me a dez anos de prisão

40 LEON URIS

e exílio da minha pátria? Já gastei mais de cinco mil libras desde que comecei a trabalhar com o vosso Palmach.

David interveio apressadamente:

Acho que devia pedir desculpa ao Sr. Mandria. Ele, os seus motoristas e o pessoal de cais correm toda a espécie de riscos. Sem o auxílio do povo grego, a nossa tarefa seria quase impossível.

Mandria deixou-se cair sobre uma cadeira, profundamente magoado.

Sim, Sr. Ben Canaan, nós temos admiração por vocês. Sentimos que, se forem capazes de expulsar os Ingleses da Palestina, talvez um dia possamos fazer o mesmo em Chipre.

As minhas desculpas, Sr. Mandria disse Ari.

Devo estar nervoso. Disse estas palavras como se recitasse, sem lhes atribuir significado.

Um som agudo de sereias no exterior fez terminar a conversa.

Mandria abriu as portas que davam para a varanda e saiu com David. Ari Ben Canaan estava atrás deles.

Viram um carro blindado com metralhadoras escoltando pela rua acima uma série de camiões vindos das docas.

Eram vinte e cinco camiões ao todo, rodeados por metralhadoras montadas sobre *jeeps*.

Os camiões estavam a abarrotar de refugiados do navio clandestino *Porta da Esperança*, que tinha tentado romper o bloqueio britânico de Itália para a Palestina. O *Porta da Esperança* tinha sido abordado por um contratorpedeiro britânico, rebocado até Haifa, e os refugiados transferidos imediatamente para Chipre.

O sibilar das sereias tornou-se mais forte quando a escolta se aproximou da casa de Mandria. Os camiões passaram um a um e os três homens viram a massa compacta de gente andrajosa que ia dentro. Eram pessoas

vencidas até ao último grau, estonteadas, gastas, exaustas.

As sereias continuavam a sibilar e a escolta virou, numa curva da muralha velha, para a estrada de Salamina, em direcção aos campos de detenção britânicos de Caraolos.

Os camiões desapareceram, mas os silvos das sereias pairavam no ar.

David Ben Ami tinha os punhos fechados e os dentes cerrados e o rosto estava lívido de raiva impotente. Mandria chorava abertamente. Apenas Ari Ben Canaan não mostrava emoção. Entraram em casa.

Sei que têm muito que conversar disse Mandria entre lágrimas. Espero que ache o seu quarto confortável, Sr. Ben Canaan. Amanhã de manhã já teremos o seu uniforme, documentos e um táxi. Boa noite.

Quando David e Ari ficaram sós caíram nos braços um do outro. O corpulento Ari pegou no frágil David e pousou-o como se fosse uma criança. Olharam um para o outro, congratularam-se por estarem de saúde e abraçaram-se de novo com quanta força tinham.

. David perguntou com ansiedade:

Viste Jordana antes de partires? Deu-te algum recado?

Trocista, Ari coçou o queixo.

Ora deixa-me ver...

Por favor, Ari... há meses que não recebo carta...

Ari suspirou e tirou do bolso um envelope, que David lhe arrancou das mãos.

Pu-la numa bolsa de borracha. A única coisa em que pensava esta noite enquanto nadava era que me torcerias o pescoço se molhasse a tua maldita carta.

David já não o ouvia. Esforçou-se por ver naquela meia luz e lentamente leu as palavras de uma mulher que sentia saudades do seu namorado. Dobrou a carta com ternura e colocou-a cuidadosamente no bolso junto ao peito, para a ler e reler, pois era bem possível que Jordana não pudesse enviar outra senão daí a meses.

Como está ela? perguntou David.

Não compreendo o que a minha irmã vê em ti.

Jordana? A Jordana é a Jordana. É selvagem, bela e ama-te muito.

Os meus pais... os meus irmãos... como está o nosso grupo do Palmach... o que...

Espera aí, espera aí, não me vou já embora. Faz uma pergunta de cada vez.

David tirou a carta e leu-a novamente; os dois homens

42 LEON URIS

ficaram em silêncio, olhando pelas portas envidraçadas para a muralha antiga, do outro lado da estrada.

Como estão as coisas por lá? murmurou David.

As coisas por lá? Como sempre. Bombas, tiros.

Exactamente como todos os dias, desde que éramos crianças.

Nunca muda. Todos os anos temos uma crise que é suficiente para nos aniquilar depois entramos noutra ainda pior do que a anterior. Na nossa pátria as coisas estão como de costume acrescentou, só com a diferença de que desta vez vai haver guerra. Pousou um braço no ombro do amigo e mudou de tom. Estamos todos muito orgulhosos pela obra que tens levado a cabo em Caraolos com estes refugiados.

Consegui o que era de esperar, tentando instruir soldados com paus de vassoura. A Palestina fica para esta gente à distância de 1 milhão de milhas já perderam a esperança. Ari... não queria que tornasses a ser desagradável para o Mandria. Ele é um amigo estupendo.

Não suporto as pessoas que nos tratam com ares de superioridade, David.

Não podemos realizar o que queremos sem ele e o povo grego.

Não te iludas com os Mandrias que há por toda a parte. Choram lágrimas de crocodilo e prestam falsas homenagens aos nossos milhões de mortos, mas quando chegar a batalha final estaremos sós. Mandria vender-nos-á como todos os outros, seremos traídos e enganados como sempre. Não temos amigos fora do nosso próprio povo, lembra-te disso.

Estás enganado retorquiui David.

David, David, David. Tenho estado em contacto com a Mossad e o Palmach há uma quantidade de anos. Tu ainda és novo e esta é a tua primeira missão importante. Não deixes a emoção obscurecer a tua lógica.

Eu *quero* que a emoção obscureça a minha lógica respondeu David. Fico a arder por dentro de todas as vezes que vejo qualquer coisa como aquela escolta. O nosso povo preso em gaiolas como animais.

Tentamos toda a sorte de planos disse Ari; por isso devemos ter o raciocínio bem claro. Umas vezes triun-

EXODUS 43

famos, outras falhamos, mas devemos trabalhar sempre com o espírito desanuviado.

Ainda agora se ouvia o som das sereias sobrepondo-se à brisa. David acendeu um cigarro e ficou-se meditativo.

Não deverei nunca esquecer disse com solenidade que estou a continuar um novo capítulo de uma história começada há quatro mil anos. Deu meia volta e olhou, excitado, para o seu robusto amigo. Ouve, Ari.

Pensa no local onde desembarcaste esta noite. Em tempos existiu ali a cidade de Salamina. Foi em Salamina que, no século I, começou a revolução de Bar Kochba, que expulsou os Romanos do nosso país e restabeleceu o reino de Judá.

Há uma ponte junto dos campos de detenção chamam-lhe a Ponte dos Judeus. Já lhe chamavam assim há dois mil anos. São coisas de que não me posso esquecer. Exactamente no mesmo lugar em que lutámos contra o Império Romano, lutamos, dois mil anos depois, contra o Império Britânico.

David Ben Ami dava pelo ombro a Ari Ben Canaan.

Este sorriu para o seu amigo mais jovem como um pai pode sorrir a um filho excessivamente entusiasta.

Acaba a história. Depois da revolução de Bar Kochba, as legiões de Roma voltaram e massacraram o nosso povo sucessivamente em todas as cidades. Na batalha final, em Beitar, o sangue das mulheres e crianças assassinadas formou um rio vermelho que percorreu uma milha inteira. Akiva, um dos chefes, foi esfolado vivo e Bar Kochba foi levado a ferros para Roma, para ser morto pelos leões. Ou foi Bar Giora quem morreu na caverna dos leões noutra revolução? Às vezes faço confusão com estas revoluções. Oh, não há dúvida de que a Bíblia e a nossa história estão cheias de contos maravilhosos e de milagres salvadores. Mas actualmente as nossas dificuldades são reais. Não temos um Josué para fazer parar o Sol ou ruir muralhas. Os tanques ingleses não se enterrarão na lama como os carros de Canaã e o mar não se fechou sobre a armada britânica como sobre o exército do faraó. A idade dos milagres já passou, David.

Não passou! Até a nossa existência é um milagre.

Sobrevivemos aos Romanos, aos Gregos e até a Hitler.

Sobrevivemos a todos os opressores e sobreviveremos ao Império Britânico. Isso é um milagre, Ari.

Bem, David... há uma coisa que posso dizer dos Judeus. Pelo menos, discutimos. Anda, vamos deitar-nos.

CAPITULO VII

É a sua vez repetiu Fred Caldwell.

Sim, sim, desculpe.

O brigadeiro olhou demoradamente para o tabuleiro e avançou com um peão. Caldwell moveu o cavalo e Sutherland ripostou com o seu.

Ora esta! murmurou o brigadeiro ao notar que o seu cachimbo se tinha apagado. Voltou a acendê-lo.

Os dois homens levantaram os olhos ao ouvirem os silvos, pouco nítidos mas muito agudos, das sereias. Sutherland olhou para o relógio de parede e pensou que devia tratar-se dos refugiados do navio clandestino, *Porta da Esperança*.

Porta da Esperança, Portas de Sião, Terra Prometida, Estrela de David troçou Caldwell. Temos de concordar que dão nomes pomposos a esses barcos que tentam romper o bloqueio.

A testa de Sutherland enrugou-se. Tentou estudar a sua próxima jogada, mas as sereias não lhe saíam dos ouvidos. Fitou as pedras de marfim, mas mentalmente via a série de camiões cheios de rostos torturados e as metralhadoras e carros blindados.

Se não se importa, Caldwell, prefiro ir deitar-me.

Não se sente bem?

Não é nada. Boa noite.

O brigadeiro saiu rapidamente da sala, fechou a porta do seu quarto e desapertou o casaco. As sereias sibilavam com um ruído insuportável. Fechou a janela para abafar o ruído, mas continuava ainda a ouvi-lo.

Olhando-se ao espelho, Bruce Sutherland cismava em qual seria o seu mal. Sutherland de Sutherland Heights

EXODUS 45

mais uma carreira notável numa série de carreiras notáveis que permaneciam como a própria Inglaterra.

Mas durante as últimas semanas em Chipre alguma coisa se passava que o afligia. Ali estava ele diante do espelho, olhando para os seus próprios olhos rasos de água e imaginando qual seria a razão.

Sutherland: bom companheiro num grupo, dizia o anuário de Eton. Um indivíduo às direitas, esse Sutherland. Boa família, boa preparação, boa carreira.

O exército? Boa escolha, velho Bruce. Nós, Sutherlands. servimos no exército há séculos...

Bom casamento com Neddie Ashton. A filha do coronel Ashton é um bom partido. Boa estirpe e senhora que recebe de maneira admirável. Tem muito bons conhecimentos e será um grande auxílio para a tua carreira. Uma combinação esplêndida; os Ashtons com os Sutherlands!

Porque tinham falhado?, pensava Sutherland. Neddie dera-lhe dois belos filhos. Alberto era um verdadeiro Sutherland, já capitão no velho regimento de seu pai, e Marta tinha feito um esplêndido casamento.

Bruce Sutherland abriu o armário e vestiu o pijama.

Tocou no rolo de gordura à volta da cinta não estava muito mal para um homem de 55 anos. E ainda gozava de bastante energia.

Sutherland tinha subido depressa durante a segunda guerra mundial, em comparação com o avanço lento e monótono dos tempos de paz. Tinha estado na Índia, em Hong-Kong, em Singapura e no Médio Oriente, mas foi necessária uma guerra para mostrar do que era capaz. Deu provas de ser um excepcional comandante de infantaria, e quando a guerra acabou já era brigadeiro.

Calçou as chinelas de quarto, enterrou-se lentamente numa cadeira muito funda, apagou o candeeiro e ficou entregue às suas recordações.

Neddie fora sempre uma boa esposa. Era boa mãe, recebia lindamente em sua casa e fora talhada para mulher de oficial em serviço nas colónias. Bruce tinha tido muita sorte. Quando se dera o rompimento entre eles? Ah, sim, lembrava-se, fora em Singapura, havia muitos anos.

46 LEON URIS

Era major quando conheceu Marina, a eurasiática de pele cor de azeitona, nascida e feita para amar. Cada homem tem uma Marina escondida no mais profundo dos seus pensamentos, mas a dele era de carne e osso. Riso e fogo, lágrimas e paixão. Estar com Marina era como estar num vulcão a ferver, pronto a entrar em erupção. Estava louco por ela desejava-a como um selvagem, como um doido. Tinha ataques de ciúme, para depois choramingar, pedindo-lhe perdão. Marina... Marina...

Marina... de olhos negros e cabelo de azeviche. Ela atormentava-o, mas também era capaz de o arrebatá-lo. Consequia elevá-lo a alturas que ele nunca soubera que existissem na Terra. Esses momentos preciosos e magníficos dos seus encontros...

As suas mãos tinham agarrado o cabelo dela, puxado a cabeça para trás, e olhara para os seus lábios sensuais, de um vermelho forte...

«Amo-te, maldita... amo-te.»

«Amo-te, Bruce» murmurara Marina.

...Bruce Sutherland lembrava-se do olhar espantado e ferido de Neddie quando o pôs perante as provas dos seus amores.

«Não posso dizer que isto não me tenha magoado profundamente» disse Neddie, demasiado orgulhosa para chorar, «mas quero perdoar e esquecer. Temos de pensar nos filhos, na tua carreira... e nas nossas famílias. Tentarei esquecer, Bruce, mas tens de jurar que não verás mais essa mulher e que pedirás imediatamente a transferência para fora de Singapura.»

«Essa mulher essa mulher, como tu lhe chamas», pensava Bruce, «é o meu amor. Deu-me uma coisa que nem tu nem mil mulheres como tu poderão ou quererão alguma vez dar. Deu-me aquilo que nenhum homem sobre a Terra tem direito a esperar.»

«Quero a tua resposta, já, Bruce.»

Resposta? Qual podia ser a resposta? Um homem pode ter uma mulher como Marina por uma noite, o tempo de lhe tocar, mas ela não tem existência real. Há somente uma Marina para cada homem... uma em toda a vida.

EXODUS 47

Resposta? Abandonar a carreira por uma eurasiática?

Cobrir de escândalo o nome de Sutherland?

«Nunca mais a torno a ver, Neddie» prometeu.

Bruce Sutherland nunca mais voltou a vê-la, mas nunca deixou de pensar nela. Talvez tudo tenha começado aí.

O som das sereias era agora muito fraco. «A escolta deve estar perto de Caraolos», pensou Sutherland. Em breve as sereias se calariam e poderia dormir. Começou a pensar na aposentação, que viria dentro de quatro ou cinco anos. A casa de família, em Sutherland Heights, era grande de mais. Talvez uma casa de campo. Em breve seria altura de pensar num par de bons perdigueiros, de coleccionar catálogos de rosas e de constituir a sua biblioteca.

Também era tempo de pensar num bom clube para frequentar em Londres. Alberto, Marta e os seus netos seriam na verdade um conforto na reforma. Talvez... talvez também arranjasse uma amante.

Era estranho que, depois de quase trinta anos de casamento, se aposentasse sem Neddie. Tinha sido tão calma, reservada e distinta todos esses anos... Tinha sido tão compreensiva quanto aos seus amores com Marina... E de repente, depois de toda uma vida de completo decoro, reagira freneticamente para salvar os poucos anos que lhe restavam como mulher. Fugiu para Paris com um boémio dez anos mais novo. Toda a gente se solidarizou com Bruce, mas o seu desgosto não tinha sido grande. Havia muitos anos que não tinha nem contacto com Neddie nem muito amor por ela. Neddie podia ter o seu devaneio, eles eram pessoas civilizadas que compreendiam essas coisas. Talvez ele a tornasse a receber um dia... ou talvez uma amante fosse preferível.

Por fim, as sereias pararam. No quarto, o silêncio era completo, com excepção do ruído abafado da rebentação batendo na praia. Bruce Sutherland abriu a janela e respirou o ar fresco e penetrante de Novembro. Foi à casa de banho, lavou-se e colocou a placa de quatro dentes num copo com um líquido. «Que pena», pensou, «ter perdido

48 LEON URIS

esses quatro dentes.» Havia trinta anos que dizia o mesmo.

Fora o resultado de um jogo de *rugby*. Examinou os outros dentes para se tranquilizar.

Abriu a caixa dos remédios e analisou a fila de frascos.

Tirou uma caixa de pós soporíferos e misturou uma dose dupla. Andava com dificuldade em dormir.

O coração começou a palpitar violentamente enquanto bebia a solução. Sabia que ia ter uma dessas noites terríveis.

Tentou desesperadamente expulsar ou reprimir os pensamentos que lhe ocorriam ao cérebro. Deitou-se e

cobriu-se, esperando que o sono viesse rapidamente, mas tudo começava já a andar à roda no seu espírito...
 ... Bergen-Belsen... Bergen-Belsen... Bergen-Belsen...
 NUREMBERGA ... NUREMBERGA! NUREMBERGA ! NUREMBERGA !
 «Levante-se e diga o seu nome.»
 «Bruce Sutherland, brigadeiro, comandante de...»
 «Descreva por suas próprias palavras...»
 «As minhas tropas entraram em Bergen-Belsen às cinco e vinte da tarde de 15 de Abril.»
 «Descreva por suas próprias palavras...»
 « O campo n.º 1 era uma cerca de uns 400 metros de largura por quilómetro e meio de comprimento. Essa área continha oitenta mil pessoas, na sua maioria judeus húngaros e polacos.»
 «Descreva por suas próprias palavras...»
 « A ração para o campo n.º 1 era de dez mil pães por semana.»
 « Identifique. .»
 «Sim, isso são instrumentos para esmagar testículos e polegares, usados em tortura...»
 «Descreva...»
 «O nosso censo apurou trinta mil mortos no campo n.º 1, entre os quais cerca de quinze mil corpos encontrados em monte. Havia vinte e oito mil mulheres e doze mil homens que ainda estavam vivos.»
 «DESCREVA ..!»
 « Fizemos esforços desesperados, mas os sobreviventes estavam tão enfraquecidos e doentes que treze mil morreram dentro de dias após a nossa chegada.»

EXODUS 49

«DESCREVA...!»

« As condições eram tão más quando entrámos no
«campo que os vivos comiam a carne dos cadáveres.»

No momento em que Bruce Sutherland completava o seu testemunho nos julgamentos dos crimes de guerra em Nuremberga recebeu uma nota urgente mandando-o voltar imediatamente! a Londres. Provinha de um velho e caro amigo do Ministério da Guerra, o general sir Clarence Tevor-Browne. Sutherland sentiu que algo de desusado se passava.

No dia seguinte partiu de avião para Londres e dirigiu-se imediatamente para o enorme e desengraçado edifício, à esquina de Whitehall e Great Scotland Yard, onde estava instalado o Ministério da Guerra britânico.

«Bruce! Entre, entre! Muito gosto em vê-lo. Segui o seu testemunho nos julgamentos de Nuremberga. Que coisa horrível!»

«Ainda bem que acabou» disse Sutherland.

«Lamento o que se passou consigo e com Neddie

Se há alguma coisa que eu possa fazer ..»

Sutherland abanou a cabeça negativamente.

Por fim, Tevor-Browne foi direto ao motivo por que lhe tinha pedido que viesse a Londres.

«Bruce» disse, «chamei-o aqui porque surgiu uma missão bastante delicada. Tenho de propor um nome e quero sugerir o seu, mas quis falar consigo primeiro.»

«Continue, Sir Clarence.»

«Bruce, estes Judeus, a fugirem da Europa, levantam-nos problemas. Estão simplesmente a inundar a Palestina, e os Árabes estão preocupados com as multidões que estão a entrar no mandato. Nós aqui decidimos formar campos de detenção em Chipre para armazenar esta gente. pelo menos como medida temporária, até que Whitehall decida o que vamos fazer do mandato da Palestina.»

« Compreendo» disse Sutherland baixinho.

Tevor-Browne continuou:

«Tudo isto é muito delicado e tem de ser tratado com grande tacto. Ninguém quer maltratar refugiados

E. 4

50 LEON URIS

oprimidos, e o facto é... que... bem, têm muita simpatia do seu lado nas altas esferas especialmente em França e na América. As coisas devem manter-se muito calmas em Chipre, não queremos que se passe nada capaz de criar opiniões desfavoráveis.»

Sutherland encaminhou-se para a janela, olhou para o Tamisa e observou os autocarros de dois andares que passavam sobre a Ponte de Waterloo.

«Acho que é uma história muito desagradável» disse.

«Não sou eu nem você quem decide, Bruce. Whitehall é que dá as ordens, nós apenas as executamos.»

Sutherland continuou a olhar pela janela.

«Vi essas pessoas em Bergen-Belsen. Devem ser as mesmas que estão a tentar entrar agora na Palestina.»

Voltou para a cadeira em que estava. «Durante trinta anos temos quebrado as promessas que fazemos a essa gente, uma após outra.»

«Ouça, Bruce» disse Tevor-Browne, «neste capítulo, você e eu estamos inteiramente de acordo, mas somos uma minoria. Ambos servimos juntos no Médio Oriente e deixe-me dizer-lhe uma coisa. Estava aqui sentado a esta secretária, durante a guerra, e lia os relatórios, um após outro, das traições árabes. O chefe do Estado-Maior egípcio vendendo segredos aos Alemães; o Cairo todo engalanado para acolher Rommel como seu libertador; os Iraquianos chegando-se aos Alemães; os Sírios na mesma; o mufti de Jerusalém agente nazi. Podia continuar durante horas. Deve ver isto do prisma de Whitehall, Bruce. Não podemos arriscar-nos a perder o nosso prestígio e o nosso domínio em todo o Médio Oriente por causa de alguns milhares de judeus.»

Sutherland suspirou.

«E este é o nosso erro mais trágico, Sir Clarence.

Perderemos o Médio Oriente, apesar de tudo.»

«Você está nervoso, Bruce.»

«Bem sabe que há justiça e injustiça»

O general Sir Clarence Tevor-Browne teve um sorriso amargo e sacudiu a cabeça.

EXODUS 51

« Apreendi muito pouco na vida, Bruce, mas uma coisa aprendi. A política externa deste ou de qualquer outro país não se baseia em considerações de justiça. Justiça e injustiça? Não é a si nem a mim que cabe discutir a justiça ou injustiça desta questão. O único reino que se rege pela justiça é o reino dos Céus, os da Terra regem-se pelo petróleo. Os Árabes têm petróleo.»

Bruce Sutherland ficou em silêncio. Depois sacudiu a cabeça, concordando.

« Só o reino dos Céus se rege pela justiça» repetiu.

«Os reinos da Terra regem-se pelo petróleo. Aprendeu uma coisa importante, Sir Clarence. Parece que a vida toda se resume nessas palavras. Todos nós... pessoas... nações... vivemos pela necessidade, e não pela verdade.»

Tevor-Brown inclinou-se para a frente.

« Mas quando Deus fez os seus planos atribuiu-nos a tarefa de governar um império...»

« E não temos de discutir as razões» murmurou Sutherland. «Mas não posso esquecer os mercados de escravos árabes na Arábia Saudita e a primeira vez que fui convidado a ver amputar as mãos a um homem como castigo por roubar, e, sobretudo, não posso esquecer esses judeus em Bergen-Belsen.»

« Não é muito conveniente ser soldado e ter consciência.

Não o forcerei a aceitar este cargo em Chipre.»

«Irei. Claro que vou. Mas diga-me: porque me escolheu?»

« Muitos dos nossos homens são pró-Árabes pela simples razão de que a nossa tradição tem sido pró-árabe, e os soldados devem limitar-se a seguir a política estabelecida.

Não quero mandar para Chipre ninguém que seja hostil a estes refugiados: é um problema que pede compreensão e piedade.»

Sutherland levantou-se.

« Às vezes penso que é quase tão mau ter-se nascido inglês como ter-se nascido judeu.»

Sutherland aceitou a missão em Chipre, mas estava receoso. Cismava se Tevor-Browne saberia que ele era meio judeu.

52 LEON URIS

Aquela decisão, aquela horrível decisão que ele tomara há tanto tempo, vinha agora obcecá-lo novamente.

Lembrou-se de que, depois dela, começara a encontrar alívio na Bíblia. Os anos vazios ao lado de Neddie e a perda dolorosa da rapariga eurasiática, que amava, tudo contribuía para que desejasse reencontrar a paz de espírito.

Como era maravilhoso para um soldado como ele ler as descrições das grandes campanhas de Josué e Gedeão e Joab. E que figuras extraordinárias de mulher eram Rute, Ester, Sara e... Débora. Débora, a Joana d'Arc, a libertadora do seu povo.

Lembrou-se do arrepio que sentiu ao ler as palavras:

Acorda, acorda, Débora; acorda, acorda.»

Débora! Era esse o nome de sua mãe.

Débora Davis era uma mulher bela e fora do vulgar.

Não admirava que Harold Sutherland se tivesse apaixonado por ela. Quando Harold assistiu a quinze representações de *A Fera Amansada*, para ver a bela atriz, os Sutherlands foram compreensivos, e também sorriram com benevolência ao saberem que ele gastara a mesada em flores e presentes. Era uma paixoneta de adolescente, pensavam, que passaria com o tempo.

Mas Harold não podia esquecer Débora Davis, e a família deixou de ser tolerante. Decretaram que Débora aparecesse em Sutherland Heights. Mas ela não o fez. Foi então que o pai de Harold, Sir Edgar, se deslocou a Londres para ver esta rapariga espantosa que se recusava a ir a Sutherland Heights. Débora era tão inteligente e espirituosa como bela. Deslumbrou Sir Edgar e conquistou totalmente a sua simpatia.

Sir Edgar chegou à conclusão de que o filho tinha tido muitíssima sorte. No fim de contas, sabia-se que era tradição dos Sutherlands inclinarem-se para atrizes, e algumas delas tinham-se tornado até nas mais distintas damas da história, já longa, da família.

Sem dúvida que o facto de Débora Davis ser judia tornava o caso mais delicado, mas as dificuldades resolveram-se quando ela concordou em ser instruída nos ensinamentos da Igreja de Inglaterra.

EXODUS 53

Harold e Débora tiveram três filhos: Mary, a única rapariga, o caprichoso e irresponsável Adam e Bruce. O mais velho e o favorito de Débora era Bruce, que por sua vez adorava a mãe. Mas, apesar de se quererem muito, Débora nunca falava da sua infância, nem dos pais. Bruce só sabia que ela fora muito pobre e tinha seguido a vida teatral.

Os anos passaram. Bruce encetou a sua carreira militar e casou-se com Neddie Ashton. Vieram os filhos, Alberto e Marta. Harold Sutherland morreu e Débora foi envelhecendo.

Bruce lembrava-se muito bem do dia em que aconteceu uma coisa triste. Viera a Sutherland Heights passar um tempo e trazia Neddie e os filhos. Débora estava sempre no jardim das rosas ou na sala de música, ocupando-se alegremente com os seus afazeres sempre sorridente, feliz e graciosa. Mas nesse dia, ao chegar a Sutherland Heights, Bruce verificou que ela não estava em nenhum desses locais nem em qualquer outra parte. Por fim, descobriu-a na sala de estar, sentada no escuro. Isto estava tão pouco nos hábitos da mãe que ficou assustado.

Estava sentada como uma estátua, olhando para a parede, alheia ao que a rodeava.

Bruce beijou-a suavemente na face e ajoelhou a seu lado.

«Aconteceu alguma coisa, mãe?»

Ela voltou-se lentamente e murmurou:

« Hoje é o Yom Kippur o Dia da Expição.»

As suas palavras gelaram Bruce.

Falou no assunto a Neddie e a sua irmã Mary e chegaram à conclusão de que desde que o pai morrera a mãe tinha ficado muito só e que, além disso, Sutherland Heights era demasiado grande para ela. Devia ir para um apartamento em Londres, onde estaria mais perto de Mary, Finalmente, e embora tivessem dificuldade em o aceitar, porque ela lhes parecia tão bela como sempre, reconheceram que Débora estava a envelhecer.

Bruce, acompanhado de Neddie e dos filhos, voltou para o seu serviço no Médio Oriente. Mary escrevia cartas optimistas dizendo que a mãe estava de excelente saúde,

54 LEON URIS '

e as cartas de Débora falavam da sua satisfação por estar em Londres junto da família de Mary.

Mas quando Bruce regressou a Inglaterra as coisas tinham mudado, e Mary estava preocupadíssima. A mãe tinha agora 70 anos e, atacada de senilidade, agia de maneira cada vez mais estranha. Não conseguia recordar-se do que se passara na véspera, mas dizia coisas desconexas sobre acontecimentos ocorridos cinquenta anos atrás. Mary assustava-se tanto mais quanto Débora nunca tinha falado no seu passado aos filhos.

Mary estava contente por Bruce ter voltado. Era o mais velho, o favorito da mãe, e era forte.

Um dia, Bruce seguiu a mãe num dos seus passeios misteriosos: foi ter a uma sinagoga em Whitechapel. Reflectindo maduramente, decidiu deixá-la fazer o que entendesse.

Estava velha e não lhe parecia indicado falar-lhe em coisas que tinham acontecido havia mais de cinquenta anos. Mais valia aguardar calmamente.

Com a idade de 75 anos, Débora Sutherland jazia no seu leito de morte.

Bruce não podia ter regressado mais a tempo a Inglaterra.

Ao ver o filho sentado na beira da cama, Débora tinha sorriso:

«Agora és tenente-coronel... Estás com tão bom aspecto... Bruce, meu filho... Já não me restam muitas horas de vida...»

« Não diga isso, mãe. Daqui a pouco já pode levantar-se e andar.»

«Ouve, quero dizer-te uma coisa. Desejei tanto ser a esposa do teu pai... Desejei tanto... tanto, ser senhora de Sutherland Heights... Fiz uma coisa horrível. Bruce, Reneguei o meu povo. Reneguei-os em vida. Quero estar com eles agora. Bruce... Bruce, promete que serei enterrada junto do meu pai e da minha mãe...»

«Prometo, mãe.»

«O meu pai... o teu avô... nunca o conheceste.

Quando... quando eu era menina, ele punha-me no seu colo e dizia-me: «...Acorda, acorda. Débora: acorda, acorda...»

EXODUS 55

Foram essas as últimas palavras de Débora Sutherland.
Entorpecido pela dor, Bruce Sutherland esteve sentado durante mais de uma hora ao lado do corpo de sua mãe. Depois o torpor começou a dissipar-se perante uma incómoda e insistente dúvida que lhe não saía do espírito. Estava ele vinculado por uma promessa feita a uma moribunda, uma promessa que fora forçado a fazer? Não a cumprir seria infringir o código de honra pelo qual sempre se tinha regulado? E não era verdade que Débora Sutherland viera a perder a razão pouco a pouco nos últimos anos? Nunca em vida fora judia; porque havia de sê-lo na morte? Débora tinha sido uma Sutherland, e nada mais. Que escândalo medonho se fosse enterrá-la num mesquinho e mal tratado cemitério judeu no bairro pobre de Londres! A mãe morrera, e os vivos Neddie, Alberto e Marta e a família de Mary e Adam ficariam profundamente sentidos. Era aos vivos que devia atender. Ao dar a sua mãe o beijo da despedida e ao sair do quarto tinha tomado uma decisão. Débora foi levada para o jazigo de família em Sutherland Heights.

As sereias!

As sereias da escolta dos refugiados!

As sereias sibilavam cada vez mais alto, parecendo que lhe iam furar os tímpanos. *Bergen-Belsen... Marina... Neddie... Camiões gradeados... Os campos em Caraolos... Prometo, mãe... Prometo, mãe...*

O estrondo de um trovão fez tremer os alicerces do edifício; o mar, lá fora, embraveceu e as ondas vinham esmagar-se de encontro à praia e corriam até perto da casa. Sutherland atirou com os cobertores e cambaleou pelo quarto como se estivesse embriagado. Ao pé da janela sentiu frio. Relâmpagos! Trovões! A água, enfurecida, subindo cada vez mais!

«*Meu Deus! Meu Deus!... Meu Deus!...*»

Brigadeiro Sutherland ! Brigadeiro Sutherland !

Acorde, senhor! Acorde!

O criado grego sacudiu-o com força.

56 LEON URIS

Os olhos de Sutherland abriram-se e sem a noção da realidade, olhou em redor. O suor escorria-lhe do corpo e o coração batia desordenadamente. Respirava com dificuldade.

O criado apressou-se a trazer-lhe uma aguardente. Olhou lá para fora, para o mar. A noite estava calma e a água, lisa como o vidro, batia levemente de encontro à praia.

Isto já passa disse. - isto já passa

Com certeza, Sr. Brigadeiro?

Sim.

A porta fechou-se.

Bruce Sutherland deixou-se cair sobre uma cadeira, escondeu o rosto nas mãos e chorou, murmurando várias vezes:

...Minha mãe do Céu., minha mãe do Céu...

CAPITULO VIII

O brigadeiro Bruce Sutherland dormia o sono dos atormentados e dos malditos.

Mandria, o cipriota, contorcia-se e voltava-se num sono agitado mais feliz.

Mark Parker dormia o sono de um homem que tinha cumprido uma missão.

Kitty Fremont dormia com uma paz de espírito que já há anos não conhecia.

David Ben Ami adormeceu somente depois de ler tantas vezes a carta de Jordana que já a sabia de cor.

Ari Ben Canaan não dormia. Noutras ocasiões poderia permitir-se esse luxo, mas não agora. Havia muitas coisas que queria saber e tinha pouco tempo. Durante toda a noite esteve agarrado a mapas, documentos e papéis, recolhendo informações sobre os acontecimentos em Chipre, as operações britânicas e a vida do seu povo naquele lugar.

Com um cigarro ou uma chávena de café na mão ia abrindo caminho através das montanhas de dados.

EXODUS 57

Via-se que tinha segurança e à-vontade.

Os Ingleses diziam muitas vezes que os judeus da Palestina desafiavam quem quer que fosse em matéria de inteligência. Gozavam ainda da vantagem de todos os judeus, em todos os países do mundo, serem uma fonte potencial de informações e protecção aos agentes da Mossad Aliyah Bet.

Ao romper do dia. Ari acordou David, e, depois de um pequeno almoço rápido, partiram num dos táxis de Mandria para o campo de detenção em Caraolos.

Os acampamentos estendiam-se por muitos quilómetros junto à baía. entre Famagusta e as ruínas de Salamina.

Os depósitos de sucata eram ponto de encontro entre refugiados e Cipriotas. Os Ingleses não exerciam ali uma vigilância muito intensa: a guarda era feita pelos próprios judeus, por detidos que se tinham distinguido pelo seu bom comportamento. Os depósitos tornaram-se centros de comércio, onde artigos de couro e obras de arte feitas no campo eram trocados por pão e vestuário. David levou Ari através dos depósitos, onde desde manhã cedo se efectuavam as trocas directas entre Gregos e Judeus. Daqui passaram à primeira cerca.

Ari, de pé, olhava para os infindáveis quilómetros, de arame farpado. Apesar de se estar em Novembro, o calor era sufocante e redemoinhos de pó giravam, sem parar. Ao longo da baía estendiam-se sucessivas cercas de tendas entremeadas de acácias arbustivas.

Cada cerca estava isolada por vedações de arame farpado de 3 e 4 metros de altura. Aos cantos, torres com holofotes equipados com guardas ingleses armados de metralhadoras. Um cão escanzelado começou a segui-los. Em homenagem ao ministro dos Negócios Estrangeiros britânico, a palavra «Bevin» estava pintada nos flancos do cão.

O panorama repetiu-se nas várias cercas que visitaram: estavam apinhadas de gente miserável e mal-humorada.

Quase todos vestiam calções e camisas vermelhas grosseiramente cosidos e feitos de pano arrancado aos forros interiores das tendas. Ari notou que os rostos traduziam desconfiança, ódio e frustração.

58 LEON URIS

Em cada acampamento que visitava, Ari, era logo abraçado por um rapaz ou uma rapariga à roda dos 20 anos, entrado clandestinamente nos campos por intermédio do Palmach da Palestina para trabalhar com os refugiados. Faziam-lhe perguntas sobre a pátria, mas Ari escusava-se sempre prometendo organizar uma reunião do Palmach, para todo o grupo, dentro de dias. Os chefes do Palmach mostraram a Ari as cercas de que estavam especialmente

encarregados, e de vez em quando Ari fazia uma pergunta. Ari esteve muito calmo durante a maior parte do tempo. Os seus olhos percorriam os quilómetros de arame farpado em busca de uma solução que lhe permitisse fazer sair trezentas pessoas do campo. Muitas das cercas tinham sido constituídas por nacionalidades, havendo-as de polacos, de franceses e de checos. Outras eram de judeus ortodoxos e outras ainda daqueles a quem ligavam idênticas convicções políticas. A maior parte das cercas, porém, encerravam simples sobreviventes de guerra sem outro ponto de contacto além de se tratar de judeus que queriam ir para a Palestina. Na sua uniforme miséria todos se assemelhavam.

David levou Ari a uma ponte de madeira que ligava dois lados do campo passando por cima das vedações de arame farpado. Na ponte havia uma tabuleta que dizia: «BEM-VINDOS A BERGEN BEVIN».

Esta ponte é uma ironia, Ari: havia uma exactamente igual no *ghetto* de Lodz, na Polónia.

David estava agora muito agitado. Incrêpava os Ingleses pelas condições desumanas do campo, por os prisioneiros de guerra alemães em Chipre terem mais liberdade, pela falta de comida e assistência médica numa palavra, pela flagrante injustiça de tudo. Ari não dava atenção às tiradas dramáticas de David. Estava demasiado ocupado em estudar a natureza e a disposição do local. Pediu a David que lhe mostrasse os túneis.

Ari foi ter a uma cerca de judeus ortodoxos próximo da baía. Havia uma fileira de retretes exteriores junto à vedação de arame farpado. Na primeira barraca havia uma tabuleta que dizia: «BEVINGRADO». Mostraram a Ari que a quinta e sexta retretes na fileira dos barracões eram

EXODUS 59

simuladas. Os buracos existentes sob os assentos seguiam em túnel por baixo do arame farpado e iam dar à baía.

Ari sacudiu a cabeça serviria para algumas pessoas de cada vez, mas não para uma fuga em massa.

Algumas horas se tinham passado e a inspecção estava quase completa. Ari estivera praticamente sem falar durante duas horas. Por fim, ardendo de curiosidade, David perguntou-lhe:

Então, que pensas?

Penso que Bevin não é muito querido por aqui.

Que mais há para ver?

Guardei a cerca das crianças para o fim. Temos lá o quartel-general do Palmach.

Ao entrarem na cerca das crianças, um *palmachnik* lançou-se sobre Ari. Mas desta vez ele retribuiu o abraço com vigor e um largo sorriso, pois tratava-se de um velho e querido amigo, Joab Yarkoni. Fez rodopiar Yarkoni.

pousou-o e tornou a abraçá-lo. Joab Yarkoni era um judeu marroquino de pele escura que emigrara para a Palestina em criança. Os olhos negros cintilavam e um grande bigode ocupava-lhe metade do rosto. Joab e Ari tinham tomado parte juntos em muitas aventuras, porque, apesar de Joab ter ainda pouco mais de 20 anos, era um dos agentes mais categorizados da Mossad Aliyah Bet, tendo um profundo conhecimento dos países árabes. Desde o começo que Yarkoni fora um dos mais engenhosos e ousados agentes da Mossad. A sua melhor iniciativa fora promover que os judeus da Palestina explorassem a indústria das tâmaras. Os Iraquianos defendiam sofregamente as suas tâmaras, mas Yarkoni tinha conseguido introduzir clandestinamente na Palestina centenas de pequenas palmeiras vindas do Iraque.

David Ben Ami dera a chefia da cerca das crianças a Joab Yarkoni por ser o lugar mais importante no campo de Caraolos.

Joab foi mostrar a Ari a sua secção, cheia de órfãos de todas as idades.

Muitos jovens tinham estado juntos nos mesmos» campos de concentração durante a guerra, e crianças havia que não sabiam o que fosse viver sem vedações de arame

60 LEON URIS

farpado em volta. Ao contrário das outras cercas, naquela existiam algumas construções permanentes. Tinham uma escola, uma sala de jantar, um hospital, outras unidades mais pequenas e um grande pátio de recreio. A actividade era aqui muito grande, em contraste com a letargia das outras áreas. Trabalhavam na secção enfermeiras, médicos, professores e pessoal dos serviços sociais, pagos com dinheiro recebido dos judeus americanos.

Devido ao número de pessoas de fora que trabalhavam na cerca das crianças, esta era a menos vigiada de Caraoles. David e Joah não tardaram em aproveitar-se deste facto, estabelecendo aí os quartéis-generais do Palmach.

À noite, o pátio de recreio transformava-se em campo de instrução militar para refugiados. As aulas deixavam de ser aulas vulgares para passarem a ser centros de ensino de psicologia árabe, geografia da Palestina, táctica, identificação de armas e demais instrução militar.

Os refugiados que recebiam esta instrução dada pelo Palmach tinham ao fim de algum tempo de submeter-se a julgamento num tribunal fictício. Era como se o refugiado tivesse chegado à Palestina e fosse apanhado pelos Ingleses. O instrutor do Palmach submetia-se a um interrogatório tendente a demonstrar que o refugiado não estava legalmente no país. O refugiado tinha de responder a um infundável número de perguntas sobre a geografia e história da Palestina para «provar» que estava lá há muitos anos.

Quando um «candidato» completava o curso com êxito, o Palmach organizava a fuga, geralmente através da cerca das crianças ou dos túneis, para a casa branca que ficava no monte, em Salamina, donde era enviado clandestinamente para a Palestina. Várias centenas de refugiados tinham partido por esse processo, em grupos de dois e de três.

O D. I. C. britânico não desconhecia que se davam irregularidades na secção das crianças. De vez em quando colocavam espiões entre os professores e os assistentes sociais vindos de fora, mas o *ghetto* e os campos de concentração tinham produzido uma geração de crianças

EXODUS 61

pouco comunicativas, e os intrusos eram invariavelmente descobertos dentro de um ou dois dias.

Ari terminou a inspecção pelo edifício da escola. Uma das salas era, na realidade, o quartel-general do Palmach.

Dentro da secretária do professor havia um rádio transmissor secreto que mantinha contacto com a Palestina.

Sob as tábuas do chão estavam escondidas armas para os cursos de instrução militar. Também era nesta sala que se trabalhava na falsificação de documentos e passes.

Ari examinou os trabalhos de falsificação e sacudi a cabeça.

Isto está péssimo, não tens jeito nenhum, Joab.

Yarkoni limitou-se a encolher os ombros.

Dentro de semanas continuou Ari vamos precisar de um perito. David, tu disseste que há um. aqui mesmo.

Sim é um rapaz polaco chamado Dov Landau, mas recusa-se a trabalhar.

Tentámos convencê-lo durante semanas, acrescentou Joab.

Vou falar com ele.

Ari disse aos dois homens que esperassem lá fora enquanto entrava na tenda de Dov Landau. Deparou-se-lhe um rapaz louro, enfezado e tenso e que ficou desconfiado com a sua entrada repentina. Ari conhecia aquele olhar, um olhar cheio de ódio. Observou a boca cínica e de lábios caídos do jovem e a expressão malévola que caracterizava tantas das pessoas dos campos de concentração.

O teu nome é Dov Landau disse Ari, fixando-o nos olhos. Tens 17 anos de idade e és polaco. Andas há muito tempo por campos de concentração e és perito em toda a espécie de falsificações. Chamo-me Ari Ben Canaan. Sou da Palestina e pertenço à Mossad Aliyah Bet. O rapaz cuspiu no chão.

Olha Dov não vou implorar nem vou ameaçar-te. Tenho uma simples proposta comercial a fazer-te... chamemos-lhe um pacto de assistência mútua.

62 LEON URIS

Dov Landau resmungou:

Deixe-me dizer-lhe uma coisa, Sr. Ben Canaan. Vocês não são melhores que os Alemães ou os Ingleses. A única razão por que têm tanto empenho em lá os terem é para se defenderem dos Árabes. Fique sabendo: hei-de ir para a Palestina, e quando lá chegar filio-me numa associação que me permita matar gente! Ari não mudou de expressão ao ouvir o desabafo venenoso do rapaz.

Está bem, compreendemo-nos perfeitamente um ao outro. Não gostas dos motivos por que eu te quero na Palestina nem eu gosto dos teus para queres ir para lá. Mas estamos de acordo numa coisa: tu pertences à Palestina e não aqui.

Os olhos do rapaz contraíram-se com desconfiança.

Este Ben Canaan não era como os outros.

Avancemos mais um passo disse Ari. Não é aqui sentado sem nada fazer que vais chegar à Palestina. Ajuda-me, que eu ajudo-te. O que se passará depois de lá chegares é contigo.

Dov Landau pestanejou, surpreendido.

Resume-se tudo nisto prosseguiu Ari. Preciso de documentos falsos. Preciso de montes deles dentro de algumas semanas, e estes rapazes daqui não são capazes de imitar nem os seus próprios nomes. Quero que trabalhes para mim.

O rapaz estava completamente desarmado pela tática rápida e directa de Ari. Precisava de tempo para encontrar um estratagema.

Vou pensar no assunto disse.

Claro, pensa bem. Tens trinta segundos.

E que fará se eu recusar? Tenta obrigar-me?

Dov, já disse que precisamos um do outro. Deixa-me ser claro. Se não te decidires, vou fazer que sejas a última pessoa a sair do campo de detenção de Carallos. Com trinta e cinco mil pessoas à tua frente, estarás demasiado velho e fraco para lançares bombas quando chegares à Palestina. Os teus trinta segundos já passaram.

Como hei-de saber que posso confiar em si?

EXODUS 63

Disse-te que podias fazê-lo.

Um débil sorriso espelhou-se no rosto do rapaz, que fez um sinal de cabeça indicando que trabalharia.

Óptimo. Receberás ordens de David Ben Ami ou Joab Yarkoni. Não lhes levantes problemas. Se tiveres dificuldades, manda-me chamar. Quero que te apresentes no quartel-general do Palmach dentro de meia hora, vejas o trabalho e informes David dos materiais de que vais precisar.

Ari voltou-se saiu da tenda, ao encontro de David e Joab.

-Apresenta-se para trabalhar dentro de meia hora disse Ari.

David e Joab ficaram boquiabertos de admiração e respeito.

Como conseguistes?

Psicologia infantil. Volto para Famagusta disse Ari. Quero ver-vos a ambos esta noite em casa de Mandria. Levem convosco Zev Gilboa. Não se incomodem a acompanhar-me à saída, conheço o caminho.

David e Joab olharam-se maravilhados, enquanto o seu notável amigo Ari Ben Canaan atravessava o pátio de recreio em direcção aos esgotos.

Naquela noite, o cipriota Mandria, juntamente com David, Joab e um novo elemento, Zev Gilboa, aguardava em sua casa a chegada de Ari Ben Canaan.

Zev Gilboa, também *palmachnik* da Palestina, era um lavrador, de ombros largos, natural da Galileia. Tal como Yarkoni, usava um grande bigode parecido com um pincel e tinha pouco mais de 20 anos. Dos *palmachniks* da Palestina que trabalhavam dentro de Caraolos, Zev Gilboa era o melhor soldado. David tinha-lhe confiado a direcção da instrução militar aos refugiados. Com entusiasmo, com armas improvisadas e utilizando à noite o pátio de recreio das crianças, tinha ensinado aos seus alunos quase tudo o que podia ser ensinado sem armas verdadeiras. Os paus de vassoura eram espingardas; as pedras, granadas; as molas das camas, baionetas. Organizou cursos de luta corpo a corpo e de varapau. E sobretudo incutiu coragem naqueles refugiados desencorajados.

64 LEON URIS

Estava a fazer-se muito tarde. Mandria começou a passear nervosamente.

Tudo o que sei disse ele é que esta tarde lhe dei um táxi e um motorista.

Acalme-se, Sr. Mandria, disse David. -Pode ser que não venha senão daqui a três dias. Tem uma maneira muito sua de trabalhar.” Já estamos habituados.

Passou a meia-noite e os quatro homens estenderam-se e acomodaram-se confortavelmente. Dentro de meia hora estavam a dormir e uma hora depois dormiam.

- Às cinco da manhã, Ari Ben Canaan entrou. Tinha os olhos enevoados, por uma noite de viagem pela ilha. Desde que desembarcara em Chipre só tinha dormido pequenas sestas. Ele e Zev Gilboa abraçaram-se à maneira tradicional do Palmach, e logo a seguir Ari meteu ombros ao trabalho sem se desculpar de vir oito horas atrasado.

Sr. Mandria, já arranhou o nosso barco.

Mandria ficou estarecido. Bateu na testa, estupefacto.

Sr. Ben Canaan! Desembarcou em Chipre há menos de trinta horas e pediu-me um barco. Eu não sou construtor de navios, senhor. A minha companhia, a Chipre-Mediterrâneo, tem filiais em Famagusta, Larnaca, Cirénia, Limassol e Pafos, ou seja um todos os portos de Chipre. Todos os meus escritórios estão à procura de um barco para si. Se existir algum barco em Chipre, sabê-lo-á, Sr. Ben Canaan.

Ari não fez caso da ironia de Mandria e voltou-se para os outros.

Zev, suponho, que o David te disse já o que vamos fazer.

O lavrador da Galileia abanou a cabeça afirmativamente. Doravante vocês três trabalham comigo. Arranjem substitutos para as vossas tarefas em Caraolos. Joab, quantas crianças saudáveis há naquela cerca com idades entre os 10 e os 17 anos?

Oh... provavelmente cerca de seiscentas ou setecentas. Zev, escolhe trezentas das mais fortes, das que estiverem em melhores condições físicas.

EXODUS 65

Zev acenou com a cabeça.

Ari levantou-se.

Dentro de meia hora é dia. Preciso de um táxi para tornar a sair, Sr. Mandria. Acho que o motorista de ontem está um pouco fatigado.

Conduzirei eu próprio disse Mandria.

Bem. Sairemos logo que esteja claro. Desculpem, mas quero ainda examinar alguns papéis no meu quarto. Saiu tão repentinamente como tinha entrado. Todos começaram imediatamente a falar.

São então trezentas crianças que vão fugir? disse Zev.

Parece que mais confirmou Mandria Que homem tão estranho... Espera milagres... não diz nada.

Pelo contrário replicou David, ele não acredita em milagres. É por isso que trabalha tanto. Parece-me que Ari não nos diz tudo. Sinto que a fuga das trezentas crianças é apenas parte do que ele tem em mente. Joab Yarkoni sorriu.

Já conhecemos o Ari há tempo suficiente para não tentarmos descobrir o que pensa fazer. Também o conhecemos o suficiente para sabermos que ele sabe o que faz. Em devido tempo veremos do que se trata.

No dia seguinte, Mandria conduziu Ari através de Chipre no que parecia ser um passeio à toa. Passando por Salamina e Famagusta, foram desde a agitada baía Oriental até ao cabo Greco. Em Famagusta, Ari caminhou ao longo da velha muralha e estudou a área do porto. Durante todo o dia quase não falou com Mandria, excepto para fazer de vez em quando uma pergunta oportuna. O cipriota tinha a impressão de que o enorme judeu era o ser humano mais frio que jamais encontrara. Sentia uma certa hostilidade contra ele, mas não podia deixar de admirar Ari pelo seu poder de concentração e resistência sobre-humana. Devia ser, pensou Mandria, um homem extremamente delicado o que ao mesmo tempo seria de admirar, dado que Ben Canaan não dava mostras de sentir qualquer emoção humana.

Do cabo Greco seguiram, ao longo da baía Sul situada na bacia de Chipre, para as montanhas altas e recortadas, E.- 5

66 LEON URIS

onde as estâncias de turismo se preparavam para os desportos de Inverno. Se Ben Canaan tinha descoberto algo com interesse, não o mostrava. Quando regressaram a Famagusta, depois da meia-noite, Mandria estava exausto, mas tinham outra reunião com Zev, David e Joab. Ari dedicou-se seguidamente a outra sessão de estudo, que durou toda a noite.

Na manhã do quarto dia após a chegada a Chipre de Ari Ben Canaan, Mandria recebeu uma chamada do seu escritório de Larnaca informando que acabava de chegar da Turquia um navio nas condições pretendidas e que podia ser transaccionado. Mandria foi com Ari e Caraolos buscar David e Joab e os quatro deslocaram-se a Larnaca.

Zev Gilboa ficou, pois já estava a trabalhar na selecção das trezentas crianças e a organizar treinos especiais para elas.

Mandria sentia-se orgulhoso de si, enquanto ia guiando o carro pela estrada Famagusta-Larnaca.

A meio caminho, a atenção de Ari foi repentinamente atraída por umas construções num grande campo à esquerda da estrada. Pediu a Mandria que parasse o carro e saiu para ver. Construía-se febrilmente o que parecia serem barracas militares.

Os Ingleses estão a construir novos campos de detenção disse David ; Caraolos chegou ao ponto de saturação.

Porque não me falaram disto? perguntou Ari.

Não perguntaste respondeu Joab Yarkoni.

O que me parece disse David é que começarão a transferir o excesso de gente de Caraolos para aqui dentro de duas ou três semanas.

Ari voltou para o carro e seguiram viagem. Joab, que desistiu de tentar adivinhar as intenções do seu amigo, via, contudo, que Ari estava, indubitavelmente, intrigado com os novos acampamentos. Podia dizer-se que Joab quase ouvia as rodas do cérebro de Ari a rangerem.

O carro entrou nas ruas estreitas e tortuosas de Larnaca e seguiu pela estrada do cais, orlada de casas de dois andares caiadas e limpas Pararam diante da Taverna

EXODUS 67

das Quatro Lanternas, onde os esperava o proprietário do navio, um turco chamado Armatau. Ari não quis nem beber, nem regatear o preço, nem entrar nas longas conversas que eram prato obrigatório nas transacções comerciais normais. Queria ver o navio imediatamente. Armatau levou-os pela rua até ao molhe que avançava umas centenas de metros pelo mar dentro. Enquanto se cruzavam com uma dúzia, ou mais, de arrastões, lanchas e barcos à vela, Armatau ia sempre conversando. Assegurava-lhes que o navio que iam inspeccionar era, na verdade, o rei dos mares. Pararam, no fim do cais, diante de um velho rebocador salva-vidas de casco de madeira que tinha ainda o nome esbatido na proa: *Afrodite*.

Não é uma beleza? perguntou Armatau, entusiasmado.

Depois, apreensivo, susteve a respiração enquanto quatro pares de olhos frios examinavam a velha barça de ponta a ponta. Claro continuou o turco, não é um cruzador de corrida.

O olhar experimentado de Ari calculou que o *Afrodite* teria uns 45 metros de comprimento e cerca de 200 toneladas.

Pela sua construção e aparência geral, devia andar perto dos 45 anos de idade.

Quem era Afrodite? perguntou Joab Yarkoni.

Afrodite era a deusa do amor. Foi engolida pelas ondas a uns quilómetros daqui, há cinco mil anos respondeu David.

Não há dúvida de que esta velha barça já mudou de idade disse Joab.

O turco engoliu em seco e tentou sorrir dos gracejos.

Ben Canaan deu uma volta e colocou-se diante dele.

Armatau, estou empenhado numa coisa. Daqui à Palestina são 200 milhas. É possível ou não fazer uma viagem até lá com este barco?

Armatau levantou os braços aos céus.

Juro pela honra de minha mãe que fiz trezentas viagens entre Chipre e a Turquia. O Sr. Mandria é sócio da companhia de navegação. Ele bem sabe que é verdade.

É verdade confirmou Mandria. É velho, mas é de confiança.

68 LEON URIS

Sr. Armatau, leve os meus dois amigos a bordo e mostre-lhes as máquinas.

Enquanto os outros três estavam no navio. Mandria voltou-se para Ari.

Arrnatau é turco, mas pode-se confiar nele.

Que velocidade podemos obter disto? perguntou Ari.

Talvez 5 nós, com o vento a favor. O *Afrodite* não tem pressa.

Foram para a coberta e olharam para todos os lados do navio. Este estava meio carcomido, e já há muito que tinha deixado de valer a pena repará-lo. Mas, apesar dos seus achaques, tinha um ar muito sólido. Dava a sensação de conhecer as ciladas do mar e de ter ganho muitas batalhas contra ele.

Meia hora depois a inspecção de David e Joab estava concluída.

Este navio é um perfeito aborto disse David , mas estou certo de que com ele conseguiremos o que queremos.

Poderemos meter trezentos miúdos a bordo? perguntou Ari.

David esfregou o queixo.

Bem... talvez com uma calçadeira.

Ari voltou-se para Mandria.

Há uma série de reparações a fazer. E, é claro, não devemos atrair as atenções.

Mandria sorriu, radiante.

Tenho, como devem calcular, muito boas amizades. É questão de untar umas tantas mãos, e ninguém verá nem ouvirá nada.

David, transmite esta noite uma mensagem pela rádio para a Palestina dizendo que precisamos de um capitão e de uma tripulação de dois homens.

Uma tripulação de três será o bastante?

Já te digo: vocês dois e Zev voltam comigo para a Palestina. Completamos nós a tripulação. Joab, fica a teu cargo providenciar para que este bote seja reparado e abastecido. Por fim voltou-se para Armatau, que estava ainda desorientado pela rapidez das ordens e per-

EXODUS 69

guntas de Ari. Muito bem, Armatau, pode respirar fundo, vendeu-nos este monstro mas não pelo preço que pediu. Vamos à Taverna das Quatro Lanternas fechar o negócio.

Ari saltou da coberta para o cais e ajudou Mandria a descer.

David, tu e Joab voltam para Famagusta. O Sr. Mandria vai levar-me a Cirénia depois de ultimarmos o nosso negócio.

A Cirénia? disse Mandria, assustado. Este homem nunca se cansará? Cirénia é do outro lado da ilha protestou.

O seu automóvel está avariado? perguntou Ari. Não... não... vamos a Cirénia.

Ari principiou a descer o cais com Mandria e o turco. Ari! chamou David. Como havemos de chamar a este tamanco?

És tu o poeta respondeu Ari. Dá-lhe um nome. Joab e David viram os três homens desaparecer no fim do cais. De repente sorriram e abraçaram-se.

Este patife do Ari! Escolheu uma linda maneira de nos dizer que vamos voltar à Palestina.

Sabes como ele é. Faz troça do sentimento e da emoção.

Suspiraram, contentes, e por momentos ambos pensaram na Palestina. Olharam para o *Afrodite*. Era, sem dúvida, uma carcaça miserável.

Deram a volta à coberta, examinando o velho casco.

Tenho um bom nome para ele disse Joab. Porque não lhe chamamos *Bevin*?

Tenho um nome melhor. Daqui em diante será conhecido por *Exodus*.

CAPITULO IX

Mark chegou o carro de aluguer para a berma da estrada e arrumou-o. Tinha subido as montanhas em direcção a Cirénia e achava-se em frente de um pico constituído

70 LEON URIS

por uma enorme rocha escarpada, de várias» centenas de metros de altura. No alto do pico ficavam as ruínas do Castelo de Santo Hilarião, um castelo de fadas que, apesar de semidestruído, invocava o poder e o esplendor góticos. Mark pegou na mão de Kitty e conduziu-a, pelo campo, até ao pico; subiram às ameias e deixaram-se ficar junto da muralha mais baixa, olhando os pátios do castelo. Atravessaram os aposentos reais, as grandes salas e estábulos, o mosteiro e o forte. Pairava um silêncio de morte, mas o ambiente parecia viver e respirar, atravessado por fantasmas do passado falando em segredo de outros tempos em que reinavam o amor, o ódio, a guerra e as intrigas.

Durante quase uma hora, Mark e Kitty subiram lentamente o pico, em direcção ao cume. Pararam, finalmente, no ponto mais alto, ofegantes e a transpirar, deslumbrados com o imponente panorama que daí se desfrutava. Por baixo havia um rochedo que descia a pique numa extensão de quase 900 metros em direcção a Cirénia. Avistava-se no horizonte a costa da Turquia, e à esquerda e à direita as luxuriantes e verdes florestas, as vinhas em socacos e as casas suspensas à beira de rochedos. Mais abaixo, as folhas dos olivais tornavam-se em prata cintilante quando a brisa perpassava.

Mark via a silhueta de Kitty de pé, tendo como fundo o céu e uma nuvem que passava atrás dela. «Como é bela!», pensava Mark. Kitty Fremont era, no seu mundo, uma mulher única, diferente de todas as outras. Não tinha desejo de possuí-la. Mark Parker respeitava poucas coisas neste mundo. Queria respeitar Kitty. Além de que era a única mulher com quem se sentia perfeitamente à vontade, pois que entre eles não havia fingimentos nem a preocupação de causar boa impressão.

Sentaram-se numa grande pedra e continuaram a olhar para o esplêndido panorama que os rodeava: o castelo, o mar, o céu, as montanhas.

Penso disse Mark, finalmente que esta é a vista mais bela do mundo.

Ela concordou.

Tinham sido dias maravilhosos para ambos. Kitty pa-

EXODUS 71

recia outra desde a chegada de Mark. Tinha beneficiado da maravilhosa terapêutica da confissão.

Estou com um pensamento muito feio disse Kitty.

Penso em como foi bom o coronel Howard Hillings ter sido mandado para a Palestina de forma a poder dedicar-te o tempo todo. Quanto tempo te podes demorar, Mark?

Uma semanas. Enquanto me quiseres.

Quero que nunca mais estejamos longe um do outro.

Sabes disse ele, toda a gente no Dome pensa que somos amantes.

Ótimo respondeu Kitty. Esta noite ponho uma tabuleta na minha porta, com grandes letras vermelhas, dizendo: «Amo loucamente o Mark Parker.»

Estiveram outra hora sentados; depois, contra vontade, começaram a descer para chegarem à base do pico antes de a noite cair.

Depois de Mark e Kitty terem regressado ao hotel.

Mandria dirigiu o carro para o porto de Cirénia e parou no cais. Saiu com Ari e encaminharam-se para as docas.

Ari olhou para a torre do Castelo da Virgem, do outro lado do cais. Atravessaram-no e subiram à torre; deste ponto privilegiado viam perfeitamente toda aquela área.

Ari analisava tudo em silêncio, como era seu costume.

O porto tinha duas muralhas. Uma partia do Castelo da Virgem e da torre em que Ari se encontrava. Do lado oposto, onde ficavam as casas do cais, a muralha prolongava-se para o mar, de tal maneira que os dois braços da muralha quase formavam um círculo completo. Entre as extremidades das duas muralhas ficava uma pequena abertura, que era a entrada para o porto. Este era de tamanho reduzido, não tendo mais de uma centenas de metros de diâmetro, e estava cheio de pequenos barcos.

Acha que podemos fazer o *Afrodite* entrar no porto? perguntou Ari.

Fazê-lo entrar não será problema respondeu Mandria, mas sim dar a volta com ele e tornar a tirá-lo.

Ao regressarem ao carro, Ari ia pensativo. Tinha os olhos no pequeno porto. Quando chegaram ao carro começava a escurecer.

72 LEON URIS

É melhor voltar sozinho para Famagusta. Tenho de ir ao Hotel Dome falar com uma pessoa disse Ari e não sei quanto tempo demorarei. Irei, pois, só. Dias atrás Mandria ter-se-ia ressentido de ser despedido como um motorista de praça, mas começava a habituar-se a receber ordens de Ben Canaan. Deu a volta à chave e pôs o carro em andamento.

Mandria! O senhor tem-nos dado uma grande ajuda, obrigado.

Mandria resplandecia enquanto Ari se afastava. Tinham sido estas as primeiras palavras amáveis que ouvira de Ben Canaan Ficou surpreendido e enternecido.

A sala de jantar do Hotel Dome estava cheia dos acordes de uma valsa de Strauss soando com suavidade por sobre o zumbido das vozes inglesas, do tinir de copos e do murmúrio do mar lá fora. Mark saboreou o seu café. limpou a boca ao guardanapo e ficou a olhar atentamente, por cima do ombro de Kitty, para a figura que acabava de entrar. Um homem alto falava ao ouvido do chefe dos criados, e um criado apontou para a mesa de Mark. Os olhos de Mark dilataram-se ao reconhecer Ari Ben Canaan.

Mark, parece que viste um fantasma disse Kitty.

Vi e está aqui ao pé. Vamos ter uma noite muito interessante.

Kitty voltou-se e viu o gigantesco Ari Canaan encaminhar-se para a mesa deles.

Vejo que se lembra de mim, Parker disse ele, sentando-se sem ser convidado e voltando-se para Kitty -Deve ser a Sr.a Fremont.

Os olhos de Ari e Kitty encontraram-se e não se desviaram.

Seguiram-se uns segundos de silêncio embaraçoso; depois, Ari olhou em volta, procurando um criado, e chamou-o. Pediu sanduíches.

Ari fez as apresentações:

Ari Ben Canaan, um velho conhecido. Vejo que já conhece a Sr.a Fremont,

- Ari Ben Canaan disse Kitty. - Que nome estranho

EXODUS 73

É hebraico. Sr.a Fremont. Significa «Leão, Filho de Canaan».

Que complicado!

Pelo contrário, o hebraico é uma língua muito lógica.

Curioso, não me pareceu... disse Kitty, com uma ponta de sarcasmo.

Mark olhou de um para o outro. Tinham acabado de se conhecer e já entravam naquelas escaramuças verbais e artifícios que ele próprio tantas vezes tinha praticado. Obviamente. Ben Canaan tocava numa corda agradável ou amarga de Kitty, pensou Mark, pois ela tinha as garras de fora.

É estranho que não lhe pareça lógica ia dizendo Ari. Deus pensou que o hebraico era tão lógico que mandou que a Bíblia fosse escrita nessa língua.

Kitty sorriu e abanou a cabeça, concordando. A orquestra mudou para um *fox-trot*.

Dança, Sr.a Fremont?

Mark inclinou-se para trás e viu Ben Canaan encaminhar

Kitty para o estrado, agarrá-la e conduzi-la na dança, deslizando com graciosidade. Para já, Mark não gostava da faísca que tinha, evidentemente, saltado no próprio momento em que se encontraram: era difícil imaginar Kitty como uma simples mortal executando jogos mortais. Dançavam junto da mesa dele. Pareceu-lhe que Kitty tinha um olhar que não era habitual.

Mark principiou a pensar nos seus problemas. Desde o momento do seu desembarque que tinha tido a intuição de que qualquer coisa estava em fermentação em Chipre. Isto era agora confirmado pelo aparecimento de Ben Canaan. Sabia o bastante acerca do Judeu para compreender que era um dos principais agentes da Mossad Aliyah Bet. Sabia também que ia ser abordado para um fim qualquer, pois Ben Canaan tinha ido ali procurá-lo. E com respeito a Kitty? Ari sabia quem ela era por estar com ele ou havia outra razão?

Kitty era alta, mas sentiu-se perdida nos braços de Ari Ben Canaan. Uma sensação estranha se apossou dela.

74 LEON URIS

Este homem robusto e belo tinha-a apanhado de surpresa. Mas pouco depois começou a compreender que dançar com ele lhe dava prazer e que havia já muitos, muitos anos, que não tinha tal sensação. Mas ao mesmo tempo sentia-se um tanto ridícula.

A música parou e eles voltaram à mesa.

Nunca pensei que os naturais da Palestina dançassem outra coisa além de *horas* disse Mark.

Tenho estado demasiado exposto à vossa cultura respondeu Ari.

As sanduíches chegaram, e começou a comer com apetite. Mark esperou pacientemente que ele dissesse o motivo da sua visita. Examinou Kitty. Parecia estar a readquirir a serenidade, embora olhasse para Ari de esguelha, como se estivesse em pé de guerra e pronta a atacar.

Ari acabou finalmente de comer e disse com naturalidade.

Tenho um assunto de que quero falar com vocês dois.

Aqui, no meio do exército britânico?

Ari sorriu. Voltou-se para Kitty.

Sr.a Fremont, Parker não teve oportunidade de lhe dizer que as minhas funções são consideradas ultra-secretas em certos círculos. Os Ingleses dão-nos com frequência a honra de nos chamar «movimento clandestino». Uma das primeiras coisas com que tento impressionar os novos membros da nossa organização é com o perigo de promover encontros secretos à meia-noite. Diria que não há no mundo melhor local do que este para conversarmos.

Vamos para o meu quarto, lá em cima disse Mark.

Logo que fecharam a porta, Ari foi direito ao assunto

Parker, você e eu estamos em condições de prestar um ao outro um bom serviço.

Continue.

Conhecem os campos de detenção de Caraolos?

Mark e Kitty responderam afirmativamente.

Acabei de completar um plano de fuga de trezentas crianças. Vamos trazê-las para aqui e pô-las a bordo de um navio no porto de Cirénia.

Já há anos que vocês fazem entrar clandestinamente

EXODUS 75

refugiados na Palestina. Isso já não faz sensação. Ben Canaan.

Fará sensação se você ajudar. Lembra-se da agitação que causou o nosso navio clandestino, o *Terra Prometida*? Muito bem.

Os Ingleses estavam atrapalhados. Pensamos que se pudermos criar outro incidente tão importante como o do *Terra Prometida* poderemos desfazer a sua política de imigração na Palestina.

Não compreendo disse Mark. Se forem capazes de efectuar uma fuga em massa de Caraolos, como vão fazê-los entrar na Palestina? E se o conseguirem, onde está a sensação?

Precisamente respondeu Ari. -Não tenciono levá-los para a Palestina. Não fazemos mais do que entrar a bordo do navio em Cirénia.

Mark inclinou-se para a frente. Sentia curiosidade, e era evidente que o plano de Ben Canaan tinha mais interesse do que parecia à primeira vista.

Suponhamos disse Ari que faço sair trezentos órfãos de Caraolos e os meto a bordo de um navio em Cirénia. Suponhamos que os Ingleses sabem e impedem o navio de seguir. Suponhamos ainda que você escreveu um artigo que já está em Paris e Nova Iorque. No momento em que essas crianças entrem a bordo do navio o seu artigo aparece em letras garrafais.

Mark assobiava. Como grande parte dos correspondentes americanos, tinha simpatia pela causa dos refugiados.

Mark ficaria com tema para artigos, Ben Canaan com o seu valor propagandístico. Seria o tema suficientemente bom para lhe valer a pena meter-se na questão? Não tinha maneira de obter instruções sobre o assunto nem tinha quem o pudesse aconselhar. Era obrigado a julgar e a decidir sozinho. Ari dissera-lhe o bastante para lhe aguçar o apetite. Fazer mais perguntas significaria ficar mais metido na questão. Olhou para Kitty, que parecia perplexa.

Como vai levar trezentas crianças de Caraolos para Cirénia?

76 LEON URIS

Devo concluir que se alia a nós?

Conclua somente que quero saber. Isso não me obriga a nada. Se decidir em sentido contrário, tem a minha palavra de que o que se disser não sai deste quarto. Bem disse Ari. Encostou-se a um canto da cómoda e explicou passo a passo o seu plano de fuga. Mark franziu a testa. Era ousado, mesmo fantástico, e, contudo, era admiravelmente simples. Por seu lado, Mark teria de escrever uma reportagem e fazê-la sair clandestinamente de Chipre para os escritórios do S. A. N. em Paris ou Londres. A um sinal pré-combinado, a reportagem seria publicada no próprio momento em que a fuga se realizava. Ari calou-se e Mark digeriu o plano durante vários minutos. Acendeu um cigarro, passeou pelo quarto e fez uma série de perguntas a Ari. Este parecia ter estudado o assunto sob todos os prismas. Mark tentava agora ponderar as probabilidades de êxito do arriscado projecto. Não havia mais do que cinquenta por cento de probabilidades de êxito. Mark tomou em atenção o facto de Ari ser um homem extremamente inteligente e conhecedor das ideias dos Ingleses sobre Chipre. Sabia também que com Ari trabalhavam pessoas capazes de levar a cabo uma empresa daquelas.

Conte comigo disse Mark.

Ótimo respondeu Ari, não me enganei pensando que veria as possibilidades que isto oferece. Voltou-se para Kitty. Sr.a Fremont, há coisa de uma semana ofereceram-lhe um lugar na secção das crianças. Já tomou uma decisão?

Decidi não aceitar.

Quer tornar a pensar no assunto... para ajudar Parker?

Que é que tem em mente com respeito a Kitty perguntou Mark.

Todos os professores, enfermeiros e assistentes sociais que vêm de fora são judeus disse Ari, e devemos, portanto, supor que são suspeitos aos Ingleses. Suspeitos de quê?

EXODUS 77

De cooperação com a Mossad. A Sr.a Fremont não é judia. Pensámos que alguém do seu meio e religião poderia mexer-se mais à vontade.

Por outras palavras, queria usar Kitty como mensageira?

” Mais ou menos. Dentro do campo elaboramos muitos papéis que são necessários cá fora.

Mark objectou:

Será melhor dizer-lhe que não sou muito querido dos Ingleses. O ajudante de Sutherland foi visitar-me mal eu desembarquei. Isto a mim não me afecta, mas se Kitty fosse para Caraolos era certíssimo que suspeitavam de que estava a trabalhar comigo.

Pelo contrário. Teriam a certeza absoluta de que não a mandaria trabalhar para lá.

Talvez tenha razão.

Claro que tenho razão respondeu Ari. Vamos supor que sucede o pior, que a Sr.a Fremont é apanhada com documentos falsos. Não lhe acontece absolutamente nada a não ser alguns incómodos e um bilhete gratuito para sair de Chipre.

Um momento disse Kitty. Tenho estado a ouvir-vos decidir da minha vida. Lamento ter tido de ouvir o que aqui se disse esta noite. Não vou trabalhar em Caraolos, Sr. Ben Canaan, nem vou ver-me envolvida neste caso.

Ari deitou uma olhadela a Mark, que se limitou a encolher os ombros.

Ela já tem idade para saber o que quer.

Pensei que fosse amiga de Parker.

Sou disse Kitty e compreendo o interesse que ele tem nisto.

E eu não compreendo a sua falta dele, Sr.a Fremont. Estamos em fins de 1946. A guerra na Europa acabou há quase dois anos. Há pessoas em cercas de arame farpado, vivendo nas piores condições. Há crianças em Caraolos que não sabem o que seja um mundo sem arame farpado. Se não dermos cabo desta política inglesa, podem bem continuar cercados de arame farpado o resto da vida.

É justamente por isso ripostou Kitty : tudo o que se relaciona com Caraolos está encharcado até aos ossos em política. Tenho a certeza de que os Ingleses lá têm as suas razões. Não quero tomar partido.

Sr.a Fremont: fui capitão do exército britânico e tenho a cruz militar por actos de bravura. Para dizer uma verdade estafada alguns dos meus melhores amigos são ingleses. O facto é que há dezenas de oficiais e soldados ingleses que não conseguem engolir o que se está a passar na Palestina e que trabalham connosco vinte e quatro horas por dia. Isto não é uma questão de política, mas de humanidade.

Duvido da sua sinceridade. Porque arriscaria as vidas de trezentas crianças?

A maioria dos seres humanos têm um objectivo na vida, mas em Caraolos não há objectivos. Lutar pela liberdade é um objectivo. Temos duzentas e cinquenta mil pessoas na Europa que querem ir para a Palestina. Qualquer delas se meteria a bordo do navio que está em Cirénia, se lho permitissem.

O senhor é um homem muito inteligente, Sr. Ben Canaan. Não posso discutir consigo. Não tenho a provisão de respostas que o senhor tem.

Pensei que a senhora fosse enfermeira disse ele sarcasticamente.

O mundo está cheio de gente que sofre. Posso prestar os meus serviços em inúmeros lugares tão necessitados como Caraolos, sem me meter nessas histórias.

Porque não visita Caraolos e me dá depois a resposta?

Não vou deixar que me iluda ou me lance desafios.

Trabalhei no turno da noite no hospital do condado de Cook, e quase todas as noites tirava corpos do chão da sala de entrada. Não pode mostrar-me nada em Caraolos que eu não tenha já visto.

O quarto ficou em silêncio. Ari Ben Canaan respirou fundo e fez um gesto de desistência.

Paciência disse. Dentro de dias entrarei em contacto consigo, Parker. Encaminhou-se para a porta.

EXODUS 79

Sr. Ben Canaan perguntou Kitty , está absolutamente certo de que não irei contar esta história aos nossos comuns amigos?

Ari voltou para trás e fixou-a nos olhos. Ela sentiu imediatamente que não devia ter dito aquilo. Um sorrisinho cruel passou-lhe pelo rosto.

Penso que está apenas a ser mulher e a querer dizer a última palavra. Não me engano muitas vezes ao julgar as pessoas, não me posso permitir fazê-lo. Gosto dos Americanos. Os Americanos têm consciência. Logo que a sua venha à superfície pode procurar-me em casa do Sr. Mandria, e terei muito prazer em lhe mostrar Caraolos. Está muito seguro de si, não está?

Digamos respondeu Ari que precisamente neste instante estou mais seguro de mim do que a senhora de si. E saiu do quarto.

Depois da saída de Ari muito tempo se passou até que se dissipasse o choque causado pela sua visita. Por fim, Kitty atirou com os sapatos e sentou-se na cama.

Bem! E disseste tu que iríamos ter uma noite interessante. ..

Acho que foste prudente mantendo-te alheia a isto.

E tu?

É só um dia de trabalho. E pode vir a dar alguma coisa de importante.

-Se tivesses recusado?

Oh, em qualquer parte da Europa encontrariam outro correspondente que viesse para Chipre. Têm muitos recursos. Apenas aconteceu eu estar a jeito.

Mark perguntou Kitty, pensativa, achas que fui ridícula?

Não acho que tenhas sido mais ridícula do que centenas de outras mulheres.

Mark disse isto deliberadamente, para que Kitty soubesse que a sua atracção por Ari fora evidente.

É um homem formidável. Quando o conheceste?

Da primeira vez que estive em Berlim, no começo de 1939. Estava eu no meu primeiro lugar no S. A. N.

Ele fora enviado pela Mossad Aliyah Bet para fazer sair

80 LEON URIS

da Alemanha o maior número possível de judeus antes de a guerra começar. Tinha ele então pouco -mais de 20 anos. Vi-o mais tarde na Palestina, durante a guerra. Estava no exército britânico, numa missão secreta, não sei ao certo o quê. Depois da guerra têm-no visto num sítio ou noutra da Europa, comprando armas e fazendo entrar refugiados na Palestina.

Pensas realmente que ele é capaz de levar a bom termo este fantástico plano?

Ele é um homem esperto.

Bem... Devo dizer uma coisa: é que Ben Canaan não se comporta como nenhum judeu que eu conheça. Sabes a que me refiro? Geralmente não os consideramos capazes de ocupar cargos destes... nem de lutar...

Que ideia fazes tu deles, Kitty? Segue a antiga versão de Indiana: «O rapazinho judeu chamado Maury vai casar com uma rapariguinha judia chamada Sadie...»

Está calado, Mark! Trabalhei com bastantes médicos judeus e sei que eles são arrogantes e agressivos. Olham-nos com superioridade.

Porquê? Algum complexo?

Responderia afirmativamente se estivesse a falar dos Alemães.

Que queres dizer, Kitty? Que nós somos uma raça pura?

Digo que nenhum judeu americano trocaria o seu lugar por o de um negro, mexicano ou indiano.

E eu digo que não é preciso matar um homem para se saber o que ele é. Claro, os judeus americanos vivem bem, mas a tua maneira de pensar e o terem sido bodes expiatórios durante dois mil anos fê-los duros. Porque não discutes isso com Ben Canaan? Parece-me que ele sabe lidar contigo.

Kitty, zangada, saltou da cama. Mas nessa altura ela e Mark desataram a rir. Eram o Mark e a Kitty e não podiam zangar-se a sério.

Que vem a ser ao certo esta Mossad Aliyah Bet?

A palavra *aliyah* quer dizer «levantar-se», «subir», «ascender». Quando um judeu vai para a Palestina, chamam-lhe sempre um *aliyah*... Vai ficar mais alto do que

EXODUS 81

estava. *Aleph*, ou a letra *a*, foi usada para designar a emigração legal. *Bet*, ou a letra *b*, para a ilegal. Portanto, Mossad-Aliyat Bet significa «Organização para a Emigração Ilegal».

Kitty sorriu.

Meu Deus, o hebraico é uma língua muito lógica. Nos dois dias imediatos à visita de Ari Ben Canaan, Kitty esteve perturbada e inquieta. Não queria confessar a si própria que desejava tornar a ver o judeu. Mark conhecia bem Kitty e sentia o seu nervosismo, mas preteriu proceder como se Ben Canaan nunca tivesse entrado em cena.

Ela não sabia bem o que a perturbava, mas sentia que a visita de Ben Canaan lhe tinha deixado uma forte impressão.

Seria aquela consciência americana que Ben Canaan parecia conhecer tão bem, ou lamentava a sua explosão anti-semita?

Com ar de naturalidade, Kitty perguntou uma vez a Mark quando contava ver Ari. Noutra ocasião sugeriu pouco diplomaticamente um passeio a Famagusta. Irritou-se consigo própria e resolveu varrer da ideia quaisquer pensamentos respeitantes a Ari.

Na terceira noite, Mark ouviu, através da porta de comunicação, os passos de Kitty, que passeava para trás e para diante no seu quarto.

Ela sentou-se às escuras numa cadeira forrada de espessos estofos, fumou um cigarro e decidiu rever a sua atitude.

Não gostava de ser arrastada contra vontade para o mundo estranho de Ben Canaan. A sua maneira de encarar a vida fora sempre razoável, mesmo calculada. «Kitty é uma rapariga muito sensata», costumavam dizer dela. Quando se apaixonou por Tom Fremont e empreendeu conquistá-lo, as jogadas foram bem pensadas. Quando se casou, passou a governar a casa com ponderação, cozinhando pratos razoáveis dentro de um orçamento razoável. Planeou dar à luz na Primavera e também isso fora sensato. Abafava impulsos repentinos em favor de decisões planeadas.

E. 6

82 LEON URIS

Os últimos dois dias não faziam sentido. Um estranho aparecera sem se saber donde e contava-lhe uma história ainda mais estranha. Recordou o rosto duro e belo de Ari Ben Canaan e os seus olhos penetrantes e trocistas que pareciam ler no seu pensamento. Lembrou-se da sensação que tivera nos seus braços ao dançar com ele.

Isto não tinha lógica nenhuma. Para já, Kitty nunca se sentira bem no meio de judeus – isso mesmo confessara a Mark.

Por que motivo a sua perturbação continuava então a aumentar?

Compreendeu que continuaria fora de si até ter visto Ari novamente e visitado o campo de Caraolos. Chegou à conclusão de que a maneira de vencer tudo isto era vê-lo outra vez e provar a si própria que não estava misticamente apaixonada, mas simplesmente presa de uma atracção superficial e passageira. Venceria Ari Ben Canaan no seu próprio terreno.

Na manhã seguinte, ao pequeno almoço, Mark não ficou surpreendido quando Kitty lhe pediu que marcasse um encontro com Ben Canaan, para ela visitar Caraolos.

Querida, tinha ficado contente com a tua decisão da noite passada. Gostava que a mantivesses.

Nem eu própria compreendo o que se passa – respondeu ela.

Ben Canaan disse a última palavra. Ele sabia que viria às boas. Não sejas tola; se vais a Caraolos, aderes ao plano dele. Olha, fazemos isto: eu próprio me desligo e partimos ambos imediatamente de Chipre... .

Kitty sacudiu a cabeça.

Estás a deixar-te levar pela curiosidade. Sempre foste inteligente – que se passa agora?

Isto, realmente, nem parece meu, pois não, Mark?

Dá a impressão de que há uma força que me empurra.

Acredita, vou a Caraolos para acabar com isto... e não para começar seja o que for.

Mark dizia para consigo que ela se tinha deixado prender, embora fingisse o contrário. Esperava que não lhe estivesse reservado nenhum mau bocado.

EXODUS 83

CAPÍTULO X

Kitty «entregou os seus passes à sentinela inglesa que estava ao portão e entrou em Caraolos na cerca n.º 57, a que ficava mais próximo da secção das crianças.

É a Sr.a Fremont?

Voltou-se, respondeu afirmativamente e encarou com um jovem que, sorrindo, lhe estendia a mão. Kitty achou que ele tinha um aspecto muito mais amável do que o seu compatriota.

Sou David Ben Ami disse. Ari pediu-me que viesse ter consigo. Ele vem já.

Que quer dizer Ben Ami? Tenho-me interessado ultimamente pelos nomes hebreus.

Quer dizer «Filho do Meu Povo» respondeu ele. Esperamos que a senhora nos ajude na «operação Gedeão».

Na operação Gedeão?

Sim, é dessa maneira que eu me refiro ao plano de Ari. Lembra-se do Livro dos Juizes, na Bíblia? Gedeão teve de escolher um grupo de soldados para lutar contra os Madianitas. Escolheu trezentos. Também *nós* escolhemos trezentos para irem contra os Ingleses. A comparação é um bocado forçada e Ari acusa-me de ser demasiado sentimental.

Kitty tinha-se preparado para uma tarde difícil. Sentiu-se desarmada com a gentileza deste jovem. O dia caía e uma brisa fresca levantava um redemoinho de pó.

Kitty enfiou o casaco. Viu do outro lado do campo a inconfundível e imponente figura de Ari Ben Canaan encaminhar-se para ela. Respirou fundo e endureceu-se para afastar aquela sensação de choque eléctrico que sentira da primeira vez.

Ele parou diante dela e, em silêncio, fizeram um cumprimento de cabeça. O olhar de Kitty era frio. Procurava fazer-lhe ver, sem uma palavra, que aceitara o desafio e não tencionava perder.

84 LEON URIS

A cerca n.º 57 era constituída sobretudo pelas pessoas de mais idade e pelas que eram muito religiosas. Passaram lentamente entre duas filas de tendas cheias de gente suja e desmazelada. A falta de água explicou Ben Ami, tornava os banhos praticamente impossíveis. A alimentação também era insuficiente. Os refugiados pareciam enfraquecidos e mal-humorados, outros atordoados e todos - obcecados pelos fantasmas dos seus mortos.

Pararam um momento numa tenda aberta onde um velho cheio de rugas esculpia em madeira. Ele ergueu o trabalho para ela ver. Eram duas mãos juntas em oração e ligadas por arame farpado. Ari observava-a de perto, procurando vê-la fraquejar.

Isto era sórdido, sujo e miserável, mas Kitty tinha-se preparado para o pior. Começava a convencer-se de que Ari Ben Canaan não exercia nenhum poder misterioso sobre ela.

Pararam mais uma vez para olhar para dentro de uma grande tenda usada como sinagoga. Sobre a entrada havia uma representação tosca do Menorah, o candelabro ritual. Ela observou o estranho espectáculo de velhos movendo-se para trás e para diante, murmurando misteriosas orações. A Kitty parecia-lhe que estava noutro mundo.

O seu olhar fixou-se num velho muito sujo e de longas barbas que chorava e gritava angustiosamente.

Sentiu a mão de David puxá-la para fora.

É um simples velho disse David. Está a dizer a Deus que viveu uma vida de fé... cumpriu as leis de Deus, adorou o sagrado Tora e respeitou os pactos solenes através de incriveis privações. Pede a Deus que use da sua bondade e o liberte, por ser um homem bom.

Aquele velho disse Ari não compreende que o único Messias que os libertará é uma baioneta na ponta de uma espingarda.

Kitty olhou para Ari. Havia algo de sinistro neste homem. Ari sentiu o desdém de Kitty. As mãos dele agarraram-lhe os braços.

Sabe o que é um *Sonderkommando*?

Ari, por favor... interveio David.

EXODUS 85

Sonderkommandos eram aquelas pessoas que eram obrigadas pelos Alemães a trabalhar dentro dos seus fornos crematórios. Gostaria de mostrar-lhe outro velho que aqui está. Tirou os ossos dos netos de um forno crematório em Buchenwald e levou-os num carrinho de mão. Diga-me Sr.a Fremont, viu melhor do que isso no hospital do condado de Cook?

Kitty sentiu revolver-se-lhe o estômago. Então o ressentimento apossou-se dela e replicou, com os olhos húmidos de raiva.

O senhor não recua perante coisa nenhuma.

Não recuo para lhe mostrar como estamos desesperados.

Olharam-se fixamente sem uma palavra.

Quer ver a cerca das crianças ou não? perguntou finalmente.

Vamos, para acabar com isto respondeu Kitty.

Os três atravessaram a ponte sobre a vedação de arame farpado que conduzia à secção das crianças e contemplaram a impiedosa colheita da guerra: uma longa fila de tuberculosos, ossos vergados pelo raquitismo, peles amarelas de icterícia e feridas ulceradas com sangue envenenado.

Numa enfermaria fechada, crianças com os olhos vazios e sem expressão dos loucos.

Caminharam ao longo das tendas do grupo de 1940-1945:

uma juventude cujos estudos foram os *ghettos*, os campos de concentração, as ruínas; jovens sem mãe, sem pai, sem lar; cabeças rapadas de piolhosos, roupas esfarrapadas; crianças cheias de terror, que urinavam na cama, que gritavam de noite; crianças que gemiam e jovens de aspecto cínico que tinham sobrevivido apenas graças à astúcia.

A visita tinha terminado.

Têm um excelente grupo de pessoal médico disse Kitty e a cerca das crianças está a ser muito bem abastecida.

Os Ingleses não nos deram nada exclamou Ari.

Foram dádivas dos nossos.

Isso não me importa respondeu Kitty. Não me interessa se o que têm é um maná celeste. Vim a pedido

86 LEON URIS

da minha consciência americana e satisfi-la. Gostava de me ir embora.

Sr.a Fremont disse David Ben Ami.

David, não discutas. Há pessoas que basta verem-nos para nos acharem repelentes. Acompanha a Sr.a Fremont à saída.

David e Kitty caminharam ao longo de uma rua com tendas. Ela voltou-se ligeiramente e viu Ari a olhar para trás. Kitty queria ir-se embora o mais depressa possível; queria voltar para junto de Mark e esquecer toda esta miséria.

Risos não reprimidos saíram, de uma grande tenda próximo dela. Era o riso de crianças contentes e parecia deslocado em Caraolos. Kitty parou, com curiosidade, diante da tenda e escutou. Uma rapariga, com uma voz bonita, lia uma história.

Essa rapariga é excepcional disse David. Consegue coisas fantásticas das crianças.

Ouviram-se mais risos, partindo das crianças.

Kitty caminhou para a tenda e abriu-a. A rapariga estava de costas voltadas para Kitty, sentada numa caixa de madeira, dobrada sobre um candeeiro de petróleo. À sua volta estavam sentadas umas vinte crianças, de olhos muito abertos. Levantaram-nos quando Kitty e David entraram.

A rapariga interrompeu a leitura, voltou-se e levantou-se para cumprimentar os recém-chegados. O candeeiro foi sacudido por uma rajada de vento que soprou pela abertura da tenda, fazendo dançar as sombras das crianças.

Kitty e a rapariga ficaram frente a frente. Os olhos de Kitty abriram-se, surpreendidos.

Saiu da tenda rapidamente, depois parou, voltou-se e olhou, através da abertura, para a rapariga, que estava atónita. Tentou várias vezes falar. mas... ficou-se silenciosa e confusa.

Gostava de ver aquela rapariga... a só disse, finalmente, em voz baixa.

Ari tinha-se aproximado, Fez sinal a David.

EXODUS 87

Leva a pequena para o edifício da escola. Esperamos lá.

Ari acendeu a lanterna da sala de aula e fechou a porta. Kitty tinha emudecido e estava pálida.

Essa rapariga recorda-lhe alguém disse Ari abruptamente. Kitty não respondeu. Ele olhou pela janela e viu os vultos de David e da rapariga atravessando a cerca. Deitou outro olhar a Kitty e saiu da sala.

Depois de ele sair, Kitty sacudiu a cabeça. Que loucura!

Porque viera? *Porque viera?* Fez por se dominar, preparando-se para encarar de novo com a pequena. A porta abriu-se e a tensão de Kitty voltou. A rapariga entrou lentamente na sala. Kitty olhou-a fixamente no rosto, lutando contra o impulso de a tomar nos braços. A rapariga olhava para ela com curiosidade, mas parecia compreender o que se passava e o seu olhar era compassivo.

Chamo-me... Katherine Fremont disse Kitty com voz alterada. Falas inglês?

Falo.

Que linda rapariga que era! Os olhos brilhavam. Sorriu e estendeu a mão a Kitty.

Kitty tocou-lhe na cara; depois deixou cair a mão.

Eu... eu sou enfermeira. Quis conhecer-te. Como te chamas?

Chamo-me Karen disse a rapariga, Karen Hansen Clement.

Kitty sentou-se num banco e pediu a Karen que se sentasse também.

Que idade tens?

Tenho 16 anos, Sr.a Fremont.

Chama-me Kitty, sim?

Está bem, Kitty.

Ouvi dizer... que tratas das crianças.

Karen acenou com a cabeça.

Isso é maravilhoso. Sabes... eu... Talvez eu venha trabalhar aqui e... bem, gostava de saber tudo o que te diz respeito. Importas-te de me dizer?

Karen sorriu. Já gostava de Kitty e percebeu instinti-

88 LEON URIS

vãmente que Kitty queria ou precisava que gostassem dela.

Nasci na Alemanha disse Karen , em Colónia.

Mas isso já foi há muito tempo..

CAPÍTULO XI

Colónia, Alemanha, 1938

A vida é maravilhosa se se é uma menina de 7 anos, se o pai é o famoso Prof. Johann Clement e se é altura do Carnaval em Colónia. Muitas coisas são estupendas por altura do Carnaval, mas o que é sempre estupendo é dar um passeio com o pai. Pode-se caminhar sob as tílias ao longo das margens do Reno, ou atravessar o jardim zoológico, onde há as melhores jaulas de macacos do mundo, ou pode-se passar pela grande catedral e erguer os olhos para as torres gémeas, de mais de 150 metros de altura, que parecem entrar pelo céu dentro. Mas o melhor de tudo é caminhar através da floresta municipal, de manhã muito cedo, com o pai e *Maximiliano*. *Maximiliano* é o cão mais notável de Colónia, embora tenha um ar patusco. É claro que *Maximiliano* não pode entrar no jardim zoológico.

De quando em quando leva-se também o Hans a passear, mas às vezes os irmãos mais pequenos são uma maçada.

Uma menina destas também gosta da mãe e quer que venha connosco, com o pai, o Hans e *Maximiliano*, mas ela está outra vez grávida e anda um bocado rabugenta.

Seria bom que o bebé que vai nascer fosse uma rapariga, porque um irmão é mais do que suficiente.

Aos domingos vão todos (excepto o pobre *Maximiliano*, que tem de ficar de guarda à casa) passear de automóvel ao longo do Reno até à casa da avó, em Bona. Muitas das tias, tios e primos reúnem-se todos os domingos e a avó faz uma centena ou mais de biscoitos.

EXODUS 80

Em breve, em vindo o Verão, haverá passeios esplêndidos, ao longo da costa, em direcção ao norte, através da Floresta Negra, ou do Hotel do Parque de Brenner nas termas de Baden-Baden. Que nome engraçado Baden-Baden!

O Prof. Johann Clement é um homem extraordinariamente importante. Todos na Universidade lhe tiram o chapéu, sorriem ao cumprimentá-lo e dizem-lhe: «Bom dia, Sr. Doutor.» À noite vão lá a casa outros professores e as esposas e às vezes enchem o gabinete do pai quinze ou vinte estudantes. Cantam, discutem e bebem cerveja toda a noite. Antes de a mãe ter começado a engordar, ela gostava de brincar e dançar com eles.

Há muitos paladares, aromas, sensações e sons maravilhosos para uma pequena de 7 anos que é feliz.

Mas os melhores momentos eram as noites em que não havia visitas e o pai não tinha de trabalhar no seu gabinete ou preparar uma aula. Então toda a família se sentava à lareira. Era tão bom estar ao colo do pai, a olhar para o fogo, a sentir o cheiro do cachimbo e a ouvir a sua voz doce e grave lendo um conto de fadas!

Muitas coisas estranhas e difíceis de compreender se passavam nos anos de 1937 e 1938. As pessoas pareciam ter medo de alguma coisa e falavam em segredo... sobretudo em lugares como a Universidade. Mas estas coisas pareceram sem importância quando chegou o Carnaval.

O Prof. Johann Clement tinha muito em que pensar.

Com tanta loucura à sua volta, era preciso manter o espírito desanuviado. Clement dizia que um cientista podia fazer um gráfico do curso dos acontecimentos humanos como se se tratasse de marés ou ondas do mar. Havia ondas de emoção e de ódio e ondas de perfeito desvario.

Tinham atingido o cume e caíam novamente no nada.

A humanidade vivia neste mar, à excepção de alguns que se empoleiravam em ilhas tão altas e secas que ficavam para sempre fora do alcance da corrente da vida. Uma Universidade, pensava Johann Clement, era uma dessas ilhas, um desses santuários.

Durante a Idade Média, a morte dos Judeus pelos Cruzados tinha constituído uma onda de ódio e ignorân-

90 LEON URIS

cia; mas tinham passado tempos em que os Judeus eram considerados responsáveis pela peste e pelo envenenamento de poços dos Cristãos. No período de esclarecimento que se seguiu à Revolução Francesa, os próprios Cristãos destruíram os portões dos *ghettos*. E nesta nova era que estamos atravessando a grandeza da Alemanha não teria sido possível sem os judeus. Eles subordinaram os seus próprios problemas aos problemas mais vastos da humanidade e integraram-se na sociedade. Como resultado, grandes homens surgiram: Heine, Rothschild, Karl Marx, Mendelssohn, Freud. A lista não tinha fim. Eram homens que, tal como Johann Clement, eram alemães em primeiro lugar, em último lugar e sempre.

O anti-semitismo era uma constante na história do homem, pensava Johann Clement. Fazia parte da vida era quase uma verdade científica. Somente o seu grau e o conteúdo variavam. Sem dúvida que ele estava numa situação muito melhor do que os judeus da Europa Oriental ou os que viviam em África numa semibarbárie. Os «juramentos humilhantes» e o massacre de Framcoforte pertenciam a outra época.

Podia ser que a Alemanha estivesse na crista de uma nova onda de anti-semitismo, mas ele não estava disposto a dar meia volta e fugir. Tão-pouco duvidava de que o povo alemão, com a sua enorme herança cultural, viesse a libertar-se dos elementos esporádicos que temporariamente se tinham apoderado do país.

Johann Clement via os golpes que começavam a ser desfechados. Primeiro surgiam os boatos, depois começavam as acusações e as insinuações na Imprensa. Sucederam-se-lhes boicotagens de comerciantes e profissionais judeus, e depois humilhações públicas: as pancadas e as barbas arrancadas. Veio então o terror nocturno dos «camisas castanhas». A seguir, os campos de concentração. Gestapo, SS, SD, KRIPO, RSHA dentro de pouco tempo todas as famílias da Alemanha estavam sujeitas às averiguações nazis e a mão do despotismo foi-se apertando até que o último grito de resistência morreu sufocado.

EXODUS, 91

Mas o Prof. Johan Clement, como a maioria dos judeus alemães, continuava a acreditar na sua imunidade à nova ameaça. Já o seu avô pertencera à Universidade, e esta era a ilha de Johann Clement e o seu santuário..

De resto, este sentia-se em tudo um alemão.

Foi um domingo inesquecível. Estavam todos reunidos em casa da avó em Bona e até o tio Ingo tinha vindo de Berlim. Mandaram as crianças brincar lá para fora e fecharam-se à chave na sala.

De regresso a Colónia, nem a mãe nem o pai disseram uma só palavra. Os adultos às vezes comportam-se como crianças. Chegados a casa, os pequenos foram mandados para a cama. Essas conversas secretas passaram a realizar-se cada vez com mais frequência, mas se se abrisse um pouco a porta sabia-se o que se estava a passar.

A mãe estava horivelmente preocupada, mas o pai parecia tão calmo como sempre.

«Johann, querido, temos de pensar em mudar-nos.

Desta vez não escapamos. As coisas estão de tal modo que tenho receio de sair à rua com os miúdos.»

« Talvez seja apenas a tua gravidez que te faz pensar que as coisas estão piores.»

«Há cinco anos que dizes que as coisas vão melhorar.

Não vão melhorar, querido.»

«Enquanto estivermos na Universidade... estamos em segurança.»

« Por amor de Deus, Johann. Deixa de viver num paraíso imaginário! Já não temos amigos. Os estudantes deixaram de vir. Toda a gente que conhecemos tem medo de falar connosco.»

Johann Clement acendeu o cachimbo e suspirou. Miriam aninhou-se-lhe aos pés e pousou a cabeça no seu colo. e ele afagou-lha. Perto. *Maximiliano* espreguiçou-se e bocejou diante do fogo.

« Gostava de ser tão corajosa e compreensiva como tu» disse Miriam.

«O meu pai e o meu avô ensinaram aqui. Nasci nesta casa. A minha vida, as coisas que alguma vez desejei, as únicas coisas que sempre amei, estão nesta casa.

92 LEON URIS

A minha única ambição é depois de mim Hans venha a gostar dela da mesma maneira. Às vezes penso se terei feito o que devia em relação a ti e às crianças... mas há qualquer coisa dentro de mim que não me deixará fugir. Espera só um pouco mais, Miriam... isto há-de passar... isto há-de passar...»

19 de Novembro de 1938.

200 sinagogas destruídas!

200 casas judias em ruínas!

5 000 lojas de judeus saqueadas- e desfeitas!

50 judeus assassinados!

3 000 judeus gravemente agredidos!

20 000 judeus presos!

A PARTIR DE HOJE NENHUM JUDEU PODE EXERCER OFÍCIO OU COMÉRCIO!

A PARTIR DE HOJE NENHUMA CRIANÇA JUDIA PODE ENTRAR NUMA ESCOLA PÚBLICA'

A PARTIR DE HOJE NENHUMA CRIANÇA JUDIA PODE ENTRAR NUM PARQUE PÚBLICO OU PÁTIO DE RECREIO!

É LANÇADO UM IMPOSTO ESPECIAL DE CENTO E CINQUENTA MILHÕES DE DÓLARES SOBRE TODOS OS JUDEUS DA ALEMANHA!

A PARTIR DE HOJE TODOS OS JUDEUS FICAM OBRIGADOS

A USAR UMA BRAÇADEIRA AMARELA COM A ESTRELA DE DAVID!

Era difícil de acreditar que as coisas ainda pudessem piorar. Mas a maré subia cada vez mais e as ondas chegaram, finalmente, à ilha de Johann Clement quando, um dia, a pequena Karen correu para casa com o rosto coberto de sangue e as palavras «Judia! Judia! Judia!» a matraquearem-lhe os ouvidos.

Quando um homem tem raízes tão fundas e convicções tão fortes como Clement, a sua destruição é uma catástrofe.

Johann Clement não só fora um tolo como tinha posto em perigo a vida da sua família. Procurou uma solução e ao fazê-lo foi dar à Gestapo em Berlim. Quando regressou, fechou-se à chave no gabinete durante dois

EXODUS 93

dias e duas noites, de cotovelos fincados na secretária, fitando o documento que tinha diante de si. Era um papel mágico com que a Gestapo o presenteara. Se assinasse, ficaria livre, bem como a sua família, de futuros males. Era um documento que lhes concedia a vida. Leu-o e releu-o e já o sabia de cor.

«...Eu, Johann Clement, depois da minuciosa busca levada a efeito e dos inegáveis factos aqui referidos, estou absolutamente convencido de que os dados respeitantes ao meu nascimento foram falsificados. Não pertença nem nunca pertenci à religião hebraica. Sou ariano e...»

Assina! Assina! Inúmeras vezes pegou na caneta para escrever o seu nome no papel. Não era ocasião para actos nobres! Nunca fora judeu... Porque não assinar?...

Não fazia diferença. Porque não assinar?

A Gestapo foi absolutamente explícita dizendo a Johann Clement que só tinha uma alternativa. Se não assinasse o papel e continuasse no seu trabalho de investigação, a família só podia abandonar a Alemanha se ele ficasse como refém.

Na manhã do terceiro dia saiu do gabinete, pálido, e deparou-se-lhe o olhar ansioso de Miriam. Encaminhou-se para a lareira e atirou o documento às chamas.

«Não posso fazê-lo» murmurou. «Tens de tratar de sair imediatamente da Alemanha com os pequenos.»

Uma preocupação horrível com a família o dominava agora. Todas as pancadas na porta, todos os toques do telefone, todos os passos, traziam um novo terror que nunca conhecera.

Fez os seus planos. Primeiro, a família iria viver com uns colegas em França. Miriam estava quase no fim do tempo de gravidez e não podia viajar muito. Depois do nascimento do bebé e de ter recuperado as forças, seguiriam para a Inglaterra ou América.

Ainda havia esperanças. E uma vez a família a salvo, poderia pensar em si. Havia na Alemanha sociedades secretas especializadas em fazer sair clandestinamente cientistas alemães. Tinha sido avisado de que em Berlim actuava um grupo de judeus da Palestina que se intitulava Mossad Aliyah Bet.

94 LEON URIS

Fizeram-se as malas, fechou-se a casa. Ele e a mulher passaram aquela última noite sentados em silêncio, esperando ansiosamente que algum milagre repentino lhes concedesse mais uns dias de adiamento.

Mas naquela noite na véspera da partida Miriam Clement principiou a ter dores de parto. Como não lhe permitissem a entrada em nenhum hospital, deu à luz no seu quarto; nasceu outro filho. O parto foi difícil e complicado e ela necessitava de umas semanas para convalescer. O pânico apoderou-se de Johann Clement. Imaginava já a família apanhada e sem fuga possível ao iminente holocausto.

Correu, frenético, ao n.º 10 da Meinekestrasse, em Berlim, o edifício onde estava instalada a Mossad Aliyah Bet. O local era uma babel de pessoas tentando desesperadamente sair da Alemanha.

Às duas horas da manhã levaram-no a um escritório onde um jovem já exausto veio ter com ele. Chamava-se Ari Ben Canaan, era natural da Palestina e estava encarregado da fuga dos judeus alemães.

Ben Canaan olhou-o com os olhos injectados de sangue. Suspirou.

«Organizaremos a sua fuga, Dr. Clement. Vá para casa, entraremos em contacto consigo. Tenho de arranjar um passaporte, um visto... Tenho de remunerar as pessoas em questão. Demora uns dias.»

«Não é para mim. Eu não posso ir, nem a minha mulher. Tenho três filhos. Por favor, consiga que eles saiam.»

«Consigo que eles saiam» imitou Ben Canaan.

«Doutor, o senhor é um homem importante. Talvez o possa ajudar a si, não aos seus filhos.»

«Mas tem de ajudar, tem de ajudar!» gritou Clement.

Ari Ben Canaan bateu com o punho na secretária e saltou da cadeira.

«Viu toda aquela gente lá fora? Todos eles querem sair da Alemanha!» Inclinou-se sobre a secretária e ficou a uns centímetros de distância de Johann Clement.

EXODUS 95

— «Durante cinco anos pedimos-lhe, rogámos-lhe, que saísse da Alemanha. Agora, mesmo que consiga sair, os Ingleses não o deixam entrar na Palestina. «Somos alemães... somos alemães... não nos farão mal», dizia o senhor. Por amor de Deus, que posso eu fazer?»

Ari tinha a garganta seca. Deixou-se cair na cadeira. Os olhos fecharam-se-lhe por momentos e o rosto mostrava sinais de fadiga. Pegou no monte de papéis que estava sobre a secretária e folheou-os.

«Obtive vistos para saírem da Alemanha quatrocentas crianças. Algumas famílias dinamarquesas estão de acordo em recebê-las. Temos um comboio pronto. Meteremos nele um dos seus filhos.»

«Eu... Eu... tenho três filhos...»

«E eu tenho dez mil crianças. Não tenho vistos. Não tenho nada para combater a armada britânica. Sugiro-lhe que mande o seu mais velho, que saberá melhor cuidar de si próprio. O comboio parte amanhã à noite de Berlim, da estação de Potsdam.»

Ensonada, Karen agarrou-se à sua boneca de trapos favorita. O pai ajoelhou-se diante dela. Na sua sonolência Karen aspirava o maravilhoso aroma do seu cachimbo.

«Vai ser uma viagem estupenda, Karen. Tal qual como ir a Baden-Baden.»

«Mas eu não quero ir, pai.»

«Bem, agora... olha para todos estes lindos meninos e meninas que vão contigo.»

«Mas eu não os quero. Quero-te a ti, à mãe, ao Hans e ao *Maximiliano*. E quero ver o meu novo irmãozinho.»

«Ouve, Karen Clement. A minha filha não chora.»

«Não... Prometo que não... Pai... pai... vejo-te daqui a pouco tempo?»

«Nós... nós vamos todos tentar...»

Uma mulher chegou-se a Johann Clement e bateu-lhe no ombro.

«Desculpe» disse. «Estamos na hora.»

«Eu levo-a.»

«Não... Desculpe. Os pais não podem entrar no comboio.»

96 LEON URIS

Ele sacudiu a cabeça, concordando, abraçou rapidamente Karen e deixou-se ficar, mordendo o cachimbo com tanta força que os dentes lhe doeram. Karen deu a mão à mulher, depois parou e voltou-se. Entregou ao pai a boneca de trapos.

« Pai, fica com a minha bonequinha. Ela toma conta de ti.»

Inúmeros pais, angustiados, comprimiam-se de encontro ao comboio e as crianças que partiam comprimiam-se junto das janelas, gritando, atirando beijos, acenando com a mão, lutando desesperadamente por um último olhar, Clement olhou, mas não conseguiu vê-la.

O comboio pôs-se em movimento com um rugido.

Os pais correram ao lado do comboio, gritando as últimas despedidas.

Johann Clement ficou imóvel numa ponta da multidão.

Quando passou a última carruagem, ergueu os olhos e viu Karen de pé, serena, na plataforma de trás. Karen pôs a mão nos lábios e atirou-lhe um beijo, como se soubesse que não voltaria a vê-lo.

Ele viu a sua figurinha diminuir cada vez mais. Depois desapareceu. Olhou para a pequena boneca de trapos que tinha na mão.

« Adeus, minha vida» murmurou.

CAPÍTULO XII

Aage e Meta Hansen tinham uma linda casa nos arredores de Aalborg; era mesmo o que convinha a uma pequenita, pois eles não tinham filhos. Os Hansen eram bastante mais velhos do que os Clement; o cabelo de Aage estava a embranquecer e Meta estava longe de ser tão bela como Miriam, mas, contudo, Karen sentiu-se acarinhada e protegida desde o primeiro momento.

A viagem de comboio para a Dinamarca tinha sido uma confusão. Só conseguira lembrar-se dos soluços abafados das crianças à sua volta. O resto era como que um borrão bichas de gente, etiquetas de identificação, rostos

EXODUS 97

estranhos, uma língua estranha. Depois salas de espera, autocarros, mais etiquetas.

Finalmente, levaram-na sozinha para a sala onde Meta e Aage Hansen esperavam, ansiosos. Aage ajoelhou-se, pegou nela e levou-a para o carro e Meta levou-a ao colo e afagou-a durante todo o caminho até Aalborg.

Karen sentiu-se em segurança.

Aage e Meta ficaram à porta em expectativa, enquanto Karen entrava, em bicos de pés, no quarto que lhe tinham preparado. Estava cheio de bonecos, brinquedos, livros, vestidos e discos praticamente tudo o que uma miúda pode desejar. Karen viu sobre a cama um cachorrinho que mal andava ainda. Ajoelhou-se ao pé dele e fez-lhe festas; ele lambeu-lhe o rosto e ela sentiu um nariz húmido de encontro à cara. Voltou-se e sorriu para os Hansens, que lhe retribuíram o sorriso.

As primeiras noites sem os pais foram horríveis; também sentia de maneira surpreendente a falta do seu irmão Hans. Mal tocava na comida e deixava-se estar sozinha no quarto com o cãozinho, a que chamou *Maximiliano*. Meta Hansen compreendia-a. À noite sentava-se ao lado de Karen, abraçava-a e acalmava-a, até que os seus pequenos soluços dessem lugar ao sono.

Na semana seguinte vieram muitas visitas com presentes, que fizeram um grande espalhafato por causa de Karen, e conversaram numa língua que ela ainda não conseguia compreender. Os Hansens estavam com muito orgulho dela e Karen fez o possível por ser simpática para todos. Dias depois atreveu-se a sair de casa.

Karen era muito amiga de Aage Hansen. Ele fumava cachimbo, como o seu pai, e gostava de passear. Aalborg era um local interessante. Como Colónia, tinha um rio, chamado Limfjorden. O Sr. Hansen era um advogado muito importante e conhecido. Claro que não era tão importante como o seu pai... mas poucas pessoas o eram.

«Bem, Karen. Já estás connosco há quase três semanas» disse Aage uma noite, «e nós queremos ter contigo uma conversa muito importante.»

De mãos atrás das costas, passeando para trás e para diante, Aage falou-lhe de maneira maravilhosamente

E. - 7

simples para que ela o compreendesse. Disse-lhe que na Alemanha as pessoas eram muito infelizes e que os pais achavam melhor que ela ficasse com eles por agora. Aage Hansen acrescentou que sabiam que nunca poderiam substituir os pais, mas que, como Deus não lhes tinha dado filhos, se sentiam muito felizes por a terem com eles e queriam que ela fosse também feliz.

Karen disse a Aage e Meta que compreendia e que não se importava de ficar com eles por agora.

«Mais uma coisa, Karen querida. Como estarás connosco durante uns tempos e nós gostamos tanto de ti, pensámos... se te importarias de usar o nosso nome...»

Karen ficou pensativa. Parecia-lhe que Aage tinha outras razões. A pergunta tinha aquele ar de coisa de adultos... como quando a mãe e o pai falavam por trás das portas fechadas. Abanou a cabeça e disse que estava muito bem.

«Bem! Então és Karen Hansen.»

Pegaram-lhe nas mãos como todas as noites, levaram-na para o seu quarto e acenderam uma lâmpada fraca.

Aage brincou com ela, fez-lhe cócegas, e *Maximiliano* também tomou parte na brincadeira. Ela riu até mais não poder. Depois meteu-se na cama e disse as suas orações.

«...Deus abençoe a mãezinha, o paizinho, o Hans, o meu novo irmãozinho e todas as minhas tias e primos... Deus abençoe os Hansens, que são tão bons., e Deus abençoe os dois *Maximilianos*. '»

«Venho já sentar-me ao pé de ti» disse Meta.

«Obrigada. Já não é preciso ficar ao pé de mim.

O *Maximiliano* toma conta.»

«Boa noite, Karen.»

«Aage!»

«Sim!»

«Os Dinamarqueses também odeiam os Judeus?»

«Meus caros Dr. e Sr.a Clement.

Será possível que Karen já esteja em nossa

casa há seis semanas? Que criança excepcional!

A professora diz-nos que ela vai lindamente nos

EXODUS 99

*estudos e é espantoso como está a aprender depressa
o dinamarquês. Suponho que é por se dar
com crianças da sua idade. Também já arranjou
muitas amigas.*

*O dentista aconselhou-nos a mandar arrancar-lhe
um dente para dar espaço a outro; foi
simples.*

*Queremos que ela comece a ter lições de música;
em breve diremos mais alguma coisa sobre
isso.*

Todas as noites nas suas orações...»

E a carta de Karen em grandes letras de imprensa:

«QUERIDA MÃEZINHA, PAIZINHO, HANS, MAXIMILIANO
E MEU NOVO IRMÃOZINHO: NÃO
TENHO PALAVRAS PARA DIZER COMO SINTO A
VOSSA FALTA...»

O Inverno é a época própria para a patinagem no gelo
nas margens geladas do Limfjorden, para construir castelos
de neve, para andar de trenó e para estar sentado diante
de um bom lume com Aage a esfregar-nos os pés gelados.

O Inverno passou, o Limfjorden começou a correr de
novo e os campos cobriram-se de flores. Veio o Verão
e toda a gente partiu para a praia de Blokhus, no mar do
Norte; Meta, Aage e Karen tomaram um barco à vela que
os levou para uma praia a uma centena de milhas de
Blokhus.

A vida com os Hansens era cheia e rica de acontecimentos.

Karen tinha um grupo de «grandes» amigas e
adorava ir com Meta fazer compras ao malcheiroso mercado
de peixe ou ficar ao pé dela na cozinha, aprendendo
a cozinhar. Meta sabia muitas coisas, tais como costurar,
ajudá-la nas lições escolares, ou tratar dela se aparecia
com febre ou com a garganta inflamada.

Quanto a Aage, tinha sempre um sorriso para ela
e estava sempre pronto a abraçá-la e era quase tão ponderado
e gentil como o seu próprio pai. Era também capaz
de ser severo, quando as ocasiões o exigiam.

100 LEON URIS

Um dia, enquanto Karen estava na lição de dança, Aage pediu a Meta que fosse ao seu escritório. Estava pálido e excitado.

«Acabo de receber uma comunicação da Cruz Vermelha» disse ele. «Desapareceram todos. Completamente, sem deixar rasto. Toda a família. Não consigo obter nenhuma informação da Alemanha. Tentei tudo...»

«Que pensas disto, Aage?»

«Que hei-de pensar? Que foram todos mandados para um campo de concentração... ou ainda pior.»

«Oh, meu Deus!»

Não se decidiam a dizer a Karen que a família inteira tinha desaparecido. Karen teve suspeitas quando deixaram de chegar cartas da Alemanha, mas ficou demasiado assustada para fazer perguntas.

Gostava dos Hansens e confiava neles sem reservas.

O instinto dizia-lhe que se não se referiam à sua família é porque tinham razões para isso.

Estava também a passar-se uma coisa estranha: Karen sentia muito a falta de todos, mas de certo modo as imagens da mãe e do pai pareciam tornar-se cada vez menos nítidas. Para uma criança de 8 anos que está longe dos pais durante muito tempo as recordações vão-se tornando mais e mais difíceis. Karen às vezes sentia pena de não poder lembrar-se mais claramente.

Ao fim de um ano tinha dificuldade em se lembrar dos tempos em que não era Karen Hansen, dinamarquesa.

Natal de 1939.

A Europa estava em guerra e um ano passara desde que Karen tinha chegado a casa dos Hansens.

A sua voz límpida cantava canções de Natal, que Meta acompanhava ao piano. Depois dos cânticos, Karen foi ao armário do seu quarto, onde tinha escondido o presente de Natal feito na escola. Orgulhosa, entregou-lhe o embrulho. Tinha um rótulo escrito pelo seu punho que dizia: «Para a mãezinha e paizinho da vossa filha, Karen »

EXODUS 101

8 de Abril de 1940.

A noite foi traiçoeira. Uma aurora nevoenta trouxe consigo o som horripilante de botas marchando em direcção às fronteiras da Dinamarca. Soldados de capacetes cinzentos chegaram em lanchas sucessivas e rastejavam pelas enseadas e canais cobertos de nevoeiro. Com uma eficiência mecânica, o exército alemão avançava silenciosamente e alastrava por toda a Dinamarca.

9 de Abril de 1940!

Karen e as condiscípulas correram para a janela e ergueram os olhos para o céu coberto de negros e ruidosos aviões, que, um a um, iam aterrando no aeródromo de Aalborg.

9 de Abril de 1940!

As pessoas corriam em tropel para a rua.

«Fala a Rádio Nacional Dinamarquesa. Hoje às 4.15, o exército alemão atravessou a fronteira em Saed e Krussa!»

Fulminados com a operação-relâmpago e a sua magistral execução, os Dinamarqueses agarraram-se desesperadamente aos aparelhos de rádio para ouvirem as palavras do rei Cristiano. Veio a proclamação: a Dinamarca capitulava sem ter disparado um único tiro em sua defesa.

O esmagamento da Polónia e dos Países Baixos e a catástrofe britânica de Dunquerque ensinavam-lhe que toda a resistência era inútil.

Meta Hansen tirou Karen da escola e fez as malas para fugir para Bornholm ou qualquer outra ilha distante. Aage acalmou-a e persuadiu-a a esperar. Passariam semanas, mesmo meses, até que os Alemães pusessem o governo a funcionar.

Ao ver a suástica e os soldados alemães, afluíram ao espírito de Karen inúmeras recordações, e com elas veio o medo. Tudo era confusão naquelas primeiras semanas.

Aage permaneceu calmo.

As forças alemãs de administração e ocupação fizeram promessas radiosas. Os Dinamarqueses, diziam, eram arianos como eles, eram como irmãos, e o principal motivo da ocupação era proteger os Dinamarqueses dos bolche-

102 LEON URIS

vistas. Diziam que a Dinamarca poderia continuar a gerir os seus negócios internos seria um protectorado-modelo. Deste modo, depois de o choque inicial ter diminuído, voltou-se a uma aparência de normalidade.

Em Copenhaga, o venerável rei Cristiano recomeçava os seus passeios diários a cavalo. Altivo, passeava sozinho pelas ruas. e o povo seguiu-lhe o exemplo. A resistência passiva estava na ordem do dia.

Aage tivera razão. Karen voltou à escola e às lições de dança, e a vida recomeçou em Aalborg quase como se nada se tivesse passado

Veio o ano de 1941. A ocupação alemã durava havia oito meses. De dia para dia se tornava mais evidente que a tensão entre os Alemães e o povo do seu «protectorado-modelo» aumentava. O rei Cristiano continuava a irritar os vencedores com o seu desprezo. O povo também ignorava os Alemães o mais que podia, ou, pior ainda, troçava das suas marchas e ria das reclamações. Quanto mais os Dinamarqueses riam mais enraivecidos ficavam os Alemães.

Quaisquer que tivessem sido as ilusões dos Dinamarqueses no princípio da ocupação alemã, desvaneceram-se dentro de pouco tempo. As máquinas dinamarquesas, a comida dinamarquesa e a geografia dinamarquesa tinham o seu lugar no grande plano alemão: a Dinamarca estava destinada a ser outro dente de roda na engrenagem de guerra alemã. Por isso, e seguindo o exemplo dos Escandinavos da Noruega, os Dinamarqueses em meados de 1941 já tinham lançado um movimento clandestino, pequeno mas decidido.

O Dr. Werner Best, o governador alemão da Dinamarca, preconizava uma política de moderação para o «protectorado-modelo» enquanto os Dinamarqueses cooperassem pacificamente. As medidas tomadas contra os Dinamarqueses eram leais em comparação com as dos outros países ocupados. Apesar disso, o movimento secreto proliferava. Embora os membros da Resistência não pudessem ter esperanças de combater com êxito contra as tropas alemãs ou de conseguir uma sublevação geral,

EXODUS 103

encontraram uma maneira de dar vazão ao seu ódio pelos Alemães a *sabotagem*.

O Dr. Werner Best não se atemorizou. Para combater esta nova ameaça começou a reunir os dinamarqueses simpatizantes dos nazistas. Os corpos da HIPOS patrocinados pelos Alemães eram bandos terroristas de dinamarqueses destinados a punir os seus próprios compatriotas. Cada acto de sabotagem tinha como resposta um acto de represália da HIPOS.

Os meses e os anos de ocupação alemã iam decorrendo.

Karen Hansen passou o seu 11.º e o seu 12.º aniversário na distante Aalborg, onde a vida corria normalmente.

As notícias de actos de sabotagem e o estrépito ocasional da metralha ou de uma explosão eram apenas causas momentâneas de nervosismo.

Karen começou a tornar-se mulher. Sentiu as primeiras emoções e desesperos que provêm de se gostar profundamente de alguém além dos pais ou amigos. O jovem Mogens Sorensen, o preferido de Karen, era o melhor jogador de futebol da escola; quanto a ela, fazia a inveja das outras raparigas.

O seu talento para a dança levou a professora a insistir com Meta e Aage para que a deixassem prestar provas no Ballet Real de Copenhaga. Dizia que Karen era muito dotada e que exprimia através da dança uma sensibilidade muito para além da sua idade.

Em 1943 a preocupação dos Hansens aumentava.

O movimento clandestino dinamarquês estava em contacto com os quartéis-generais aliados e fornecia-lhes informações de interesse capital sobre a localização de fábricas de material de guerra e depósitos de abastecimento na Dinamarca. A sua cooperação ia ao ponto de indicarem estes alvos aos bombardeiros *Mosquitos* da RAF britânica.

Por seu lado, a HIPOS e os outros terroristas patrocinados pelos Alemães aumentavam as represálias.

Com o agravamento da luta, Aage começou a reflectir.

Toda a gente em Aalborg sabia da origem de Karen.

Embora ainda se não tivesse dado um passo contra os judeus dinamarqueses, podia surgir uma mudança repentina.

Era também quase certo que os factos relacionados

104 LEON URIS

com Karen tinham sido transmitidos aos Alemães pela HIPOS Meta e Aage decidiram-se finalmente a vender a casa de Aalborg e a mudar para Copenhaga, sob pretexto de Aage ter lá um cargo melhor e Karen poder receber melhores lições de dança

No Verão de 1943, Aage associou-se a uma firma judicial em Copenhaga. Meta e Aage esperavam, nesta cidade de milhões de habitantes, poder passar completamente despercebidos.

Foram forjados vários documentos destinados a provar que Karen era sua filha legítima. Com o coração despedaçado, Karen disse adeus a Mogens Sorensen!

Os Hansens arranjaram um belo apartamento situado nos Sortedams Dosseringen. Era uma rua ladeada de árvores, que ia dar ao lago artificial e era atravessada por numerosas pontes ligando a cidade velha.

Uma vez passada a sensação de estranheza dos primeiros tempos, Karen adorou Copenhaga. Era um país de fadas sobre a Terra. Karen, Aage e *Maximiliano* caminhavam durante horas seguidas para verem as maravilhas da cidade. Havia muitos locais belíssimos a zona do porto para lá da estátua da Pequena Sereia; a zona ao longo de Langelinie ou os jardins da Cidadela do Palácio Christiansborg; os canais navegáveis e as alamedas com as suas velhas casas de cinco andares de tijolo. Havia filas intermináveis de bicicletas. Também o mercado de peixe de Gammel Strand era uma maravilha e tão vasto e movimentado que o de Aalborg ficava a perder de vista. Mas a pérola desse país de fadas conhecida por Copenhaga era o Tivoli um labirinto de luzes rodopiantes, com locais de passeio, teatros, restaurantes e quilómetros de canteiros; e que, além de tudo isto, tinha ainda o conjunto musical infantil, o Restaurante Wivex, os fogos de artifício e a alegria das pessoas. Karen, pouco tempo depois, pensava como lhe tinha sido possível viver fora de Copenhaga.

Um dia, Karen veio a toda a pressa para casa, subiu as escadas a correr e abriu de repente a porta. Deitou os braços ao pescoço de Aage, que lia o jornal.

« Paizinho! Paizinho! »

EXODUS 105

Arrancou-o do lugar e começou a dançar em volta da sala. Depois deixou-o, perplexo, no meio da casa, continuou a dançar sozinha e novamente fez rodopiar Aage,

Meta apareceu à porta e sorriu.

« A tua filha está a querer dizer-te que foi aceite pelo Ballet Real.»

« Isso é esplêndido» respondeu Aage.

Naquela noite, após Karen ter adormecido, Meta pôde finalmente dar largas ao sentimento de orgulho quê a enchia.

«Dizem que como ela aparece uma em mil. Com cinco ou seis anos de aprendizagem intensa pode tornar-se uma primeira-bailarina.»

«Isso é ótimo... isso é ótimo» repetia Aage, tentando não mostrar a que ponto se sentia orgulhosa. Mas nem tudo era um paraíso de fadas e felicidade em Copenhaga. Todas as noites a terra era abalada por explosões que iluminavam os céus, provocadas pelos grupos clandestinos; e chamas oscilantes e o estrépito entrecortado das metralhadoras e espingardas enchiam a escuridão.

Sabotagem!

Represálias!

A HIPOS principiou metodicamente a destruir os lugares e as coisas que eram fontes de prazer para os Dinamarqueses: fez ir pelos ares teatros, cervejarias e locais de diversões. A Resistência dinamarquesa retribuiu com actos de sabotagem nos centros de abastecimento da máquina de guerra alemã. O estrondo das explosões e dos escombros projectados a distância passou a ouvir-se de noite, como de dia.

Durante as paradas dos Alemães as ruas ficavam desertas, os Dinamarqueses voltavam as costas às cerimónias alemãs. Mas em todos os feriados nacionais dinamarqueses as ruas enchiam-se de pessoas que choravam os seus mortos. Os passeios a cavalo que o velho rei dava diariamente passaram a constituir o sinal que reunia centenas de dinamarqueses em volta dele, gritando e aclamando-o. A situação continuava a ser de efervescência e finalmente entrou em erupção! A manhã de 29 de Agosto

106 LEON URIS

de 1943 começou com uma explosão que se ouviu em toda a Zelândia. Numa tentativa de bloquear os canais navegáveis, a armada dinamarquesa tinha-se deixado ir a pique!

Os Alemães, enraivecidos, passaram a visar os edifícios públicos e o palácio real de Amalienborg. A guarda do rei expulsou-os. A luta foi breve mas furiosa, e, como consequência, a guarda do rei em Amalienborg foi substituída por soldados alemães. Nessa altura foram mandados à Dinamarca, para meter os Dinamarqueses na ordem, generais alemães e oficiais da SS e da Gestapo. O Parlamento foi suspenso e decretaram-se medidas drásticas. O «protectorado-modelo» já não era um «modelo», se é que alguma vez o tinha sido.

Os Dinamarqueses, em resposta, aumentaram a frequência dos actos de sabotagem. Dinamitaram arsenais, fábricas, depósitos de munições e pontes. Os Alemães enervaram-se: a sabotagem dinamarquesa começava a causar sérios prejuízos.

Do quartel-general da ocupação, instalado no Hotel de Inglaterra, veio então a ordem: «Os Judeus ficam obrigados a usar uma braçadeira amarela com a estrela de David.»

Naquela noite a emissora clandestina transmitiu uma mensagem a todos os dinamarqueses: «Do Palácio de Amalienborg o rei Cristiano respondeu à ordem alemã que obriga os Judeus a usar uma estrela de David dizendo que os Dinamarqueses são todos iguais; por isso o próprio rei usará a primeira estrela de David e espera que todos os dinamarqueses leais façam o mesmo.»

No dia seguinte, em Copenhaga, quase toda a população usava fitas no braço com a estrela de David.

Os Alemães revogaram a ordem.

Aage não tomava parte activa na Resistência, mas os sócios da sua firma judicial eram membros importantes dela, pelo que de tempos a tempos Aage recebia informações sobre as suas actividades. No fim do Verão de 1943 a sua preocupação era enorme e chegou à conclusão de que era indispensável que ele e Meta tomassem uma decisão com respeito a Karen.

EXODUS 107

« Sei de fonte segura» disse Aage a sua mulher
«que dentro de poucos meses os Alemães prenderão todos os judeus. O pior é que não sabemos o momento exacto que a Gestapo escolherá.»

Meta Hansen caminhou para a janela e fitou com olhar vago o lago e a ponte que ligava à cidade velha. Era noite e em breve Karen regressaria da escola de dança. Meta tinha o espírito cheio das pequenas coisas que vinha a planear para a festa do 13.º aniversário de Karen ia ser uma linda festa, com quarenta crianças, nos Jardins Tivoli.

Aage acendeu o cachimbo e olhou para o retrato de Karen sobre a secretária. Suspirou

« Não quero renunciar a ela» disse Meta.

«Não temos o direito...»

« A situação dela é diferente, não é judia dinamarquesa.

Temos documentos provando que é nossa filha.»

Aage pousou a mão no ombro da mulher.

«Pode haver em Aalborg alguém que informe os Alemães.»

«Não se dariam a esse trabalho por causa de uma criança.»

«Ainda não conheces esta gente?»

Meta voltou-se.

« Baptizamo-la e adoptamo-la legalmente.»

Aage abanou a cabeça lentamente. Meta deixou-se cair sobre uma cadeira e mordeu os lábios. Agarrou-se com tanta força ao braço da cadeira que a mão ficou branca.

« Que se vai passar, Aage?»

«Preparam-se para mandar todos os judeus para as costas da Zelândia, próximo dos estreitos. Estão a comprar o maior número de barcos possível para organizar fugas para a Suécia. Os Suecos comunicaram que aceitarão e cuidarão de todos.»

« Quantas noites estive acordada a pensar nisto!

Tenho tentado convencer-me de que ela correrá maior perigo se fugir. Repito a mim própria que estará melhor aqui connosco.»

« Reflecte bem, Meta.»

Meta olhou para o marido com uma expressão de angústia e decisão que ele não lhe conhecia

« Nunca a deixarei, Aage. Não posso viver sem ela.»

Todos os dinamarqueses a quem foi pedida colaboração cooperaram com o maior empenho. Os judeus da Dinamarca foram levados secretamente para o norte e passaram clandestinamente à Suécia.

Nesse mesmo mês os Alemães fizeram rusgas na Dinamarca para apanhar os judeus: não havia nenhum. Apesar de Karen ter continuado ilesa em Copenhaga, a responsabilidade da decisão pesava sobre Meta. A partir daquele momento a ocupação alemã tornou-se-lhe prolongado pesadelo. Uma dezena de novos boatos era o bastante para a encher de pânico. Por três ou quatro vezes fugiu de Copenhaga com Karen para junto de parentes que tinha na Jutlândia.

Aage tomava parte cada vez mais activa na Resistência.

Saía agora três ou quatro vezes por semana, e para Meta estas noites eram longas e cheias de sobressalto.

O movimento clandestino dinamarquês, agora eficientemente dirigido e coordenado, empenhou-se em destruir os transportes alemães. De meia em meia hora era bombardeada uma linha férrea. Dentro de pouco tempo todas as vias férreas do país estavam atulhadas com os destroços dos comboios dinamitados.

Em resposta, a HIPOS fez ir pelos ares os belos Jardins Tivoli.

Os Dinamarqueses organizaram uma greve geral contra os Alemães. Saíram em massa para as ruas e ergueram barricadas por toda Copenhaga, fazendo flutuar bandeiras dinamarquesas, americanas, inglesas e russas.

Os Alemães declararam Copenhaga em estado de sítio!

Do quartel-general, no Hotel de Inglaterra, o Dr. Werner

Best gritou furioso: «Esta gentalha de Copenhaga há-de saber o que é o chicote!»

A greve geral foi vencida, mas o movimento clandestino manteve os seus actos de destruição.

EXODUS 109

19 de Setembro de 1944.

Os Alemães internaram toda a polícia dinamarquesa por não controlar o povo e por simpatia aberta para com actos contra as forças de ocupação. A Resistência, numa incursão ousada, destruiu os arquivos nazis.

A Resistência fabricava pequenas armas e introduzia clandestinamente na Suécia pessoas que se iam juntar às Forças Livres Dinamarquesas. Voltou nessa altura a sua ira contra a HIPOS e fez justiça sumária sobre alguns dos seus membros e traidores dinamarqueses. A HIPOS e a Gestapo contra-atacaram furiosamente, numa onda desvairada de assassínios.

Das fronteiras da Dinamarca começaram a chover refugiados alemães. Expulsos pelas bombas dos aliados, caíram como enxames sobre o país, deitando a mão a comida e a abrigo, roubando e pilhando. Com profundo desprezo, os Dinamarqueses voltaram-lhes as costas.

Em Abril de 1945 começou a correr toda a espécie de boatos. E a 4 de Maio de 1945 soavam as vozes das crianças:

« Papá! Mamã! A guerra acabou! A guerra acabou! »

CAPÍTULO XIII

Os vencedores Americanos, Ingleses e Forças Livres Dinamarquesas entraram na Dinamarca. Foi uma grande semana uma semana de ajuste de contas com a HIPOS e os traidores dinamarqueses, com o Dr. Werner Best e a Gestapo. Uma semana de constante zunzum e de alegria delirante, que atingiu o auge com a aparição do decrépito rei Cristiano a reabrir o Parlamento dinamarquês.

Falou com voz altiva mas fatigada, trespassada de emoção.

Para Meta e Aage Hansen a semana da Libertação foi uma semana de pesar. Sete anos atrás tinham salvo uma criança de grave perigo e tinham-na criado até se tornar

naquela jovem fresca e encantadora que era a própria encarnação da graciosidade, da beleza e da alegria, de voz doce e pura, e que dançava como se tivesse asas mágicas nos pés. E agora, subitamente, tudo se modificaria para eles: era o Dia de Juízo Final que chegava.

Em tempos, num acesso de angústia, Meta tinha jurado que nunca deixaria Karen. Agora estava ela a ser vítima da sua própria honestidade: já não havia alemães contra os quais combater, mas a sua bondade cristã criava-lhe problemas. Quanto a Aage, também ele era presa do sentido da honra dinamarquês.

A Libertação trouxe-lhes o receio das noites em que a mesma ideia fixa permanecia e dos dias sem objectivo que sem Karen teriam diante de si. Logo que a tensão em que tinham vivido por causa da guerra abrandou, saltou aos olhos de todos a que ponto os Hansens tinham envelhecido naqueles sete anos. Por muito difícil que o passado tivesse sido, sempre tinha havido certa boa disposição, mas agora, que a Dinamarca ria, não riam eles.

Os Hansens queriam olhar para Karen, ouvir-lhe a voz, passar as horas no quarto dela, numa tentativa desesperada de acumular recordações que os alimentariam para toda a vida.

Karen sabia o que o futuro lhes reservava. Adorava os Hansens, e Aage sempre praticara o bem. A ela, portanto, só lhe cabia esperar até que ele se resolvesse a falar.

Durante as duas semanas seguintes à Libertação a melancolia adensou-se naquela casa. Por fim, uma noite, após outra refeição silenciosa, Aage levantou-se e pousou o guardanapo. O seu rosto bondoso tinha mais rugas do que habitualmente e a voz saiu-lhe sem timbre:

«Temos de tentar encontrar os teus pais, Karen.

É o que há a fazer.»

Saiu apressadamente da casa de jantar. Karen seguiu-o com os olhos e encarou depois com Meta.

«Quero-vos tanto!» disse Karen, e, correndo para o quarto, atirou-se para cima da cama e soluçou, detestando-se por ser a causadora da mágoa deles. E detestava-se também por outra razão, porque a dominava o desejo de querer conhecer o seu passado.

EXODUS 111

Dias depois dirigiram-se à Organização Internacional de Refugiados.

«Esta é a minha filha adoptiva...»

A empregada que os recebeu estava ali havia poucas semanas desde a Libertação, mas já sentia o peso da tragédia que diariamente se repetia e em que era obrigada a participar. Na Dinamarca e na Holanda, como na Bélgica e na França, casais como os Hansens, que tinham escondido, dado abrigo e educado crianças, apresentavam-se agora a receber a sua amarga recompensa.

«Aviso-vos de que vai ser um trabalho demorado e difícil. Há milhões de pessoas na Europa fora dos seus lares. Nós não temos a mínima ideia do tempo que poderá levar reunir novamente as famílias.»

Forneceram-lhe os factos conhecidos, uma lista de parentes e as cartas. Karen tivera uma família numerosa e o pai fora um homem proeminente. A empregada deu-lhes um pouco de esperança.

Passou uma semana, depois outra e outra. Decorreram Junho e Julho, meses de tortura para Aage e Meta. Cada vez com mais frequência, ficavam de pé à porta do quarto de Karen, um quatinho enfeitado, confortável e que cheirava bem. Lá estavam os seus patins de gelo, as sapatilhas de dança e os retratos de condiscípulos e primeiras-bailarinas. E também do namorado, o Petersen.

Finalmente foram chamados à Organização de Refugiados.

«Somos forçados a reconhecer que as nossas primeiras investigações não deram nada. Mas este resultado não é definitivo, apenas quer dizer que a tarefa é difícil e demorada. Se fosse eu a decidir, proibia terminantemente Karen de ir à Alemanha sozinha, ou mesmo acompanhada pelo Sr. Hansen. A Alemanha está num caos completo e lá não encontrariam mais do que aquilo que nós podemos obter daqui.» A empregada interrompeu o que estava a dizer e olhou abertamente para os três visitantes. «Mas devo avisá-los de uma coisa: é de que todos os dias nos chegam mais notícias de que devem ter-se passado coisas horríveis. Sabíamos já que muitos

112 LEON URIS

judeus tinham sido assassinados, mas agora começamos a recear que as vítimas se contem aos milhões.»

Para os Hansens era um novo adiamento, mas, por outro lado, um pensamento pavoroso: iam eles ficar com esta rapariga por terem sido mortos mais de cinquenta membros da sua família? Os Hansens debatiam-se entre duas forças opostas.

A solução partiu da própria Karen. Apesar do amor que dera aos Hansens e do que deles recebera, houvera sempre entre eles uma estranha e invisível barreira. No

começo da ocupação alemã, quando tinha apenas 8 anos de idade, Aage dissera-lhe que nunca se devia referir à sua origem judaica, sob pena de pôr a vida em perigo. Karen cumpriu esta ordem, como fazia com tudo o que Aage decidia, porque gostava dele e tinha confiança nele. Mas, embora tivesse obedecido, não podia deixar de cismar por que razão é que era diferente das outras pessoas e em que é que consistia ao certo essa diferença que punha em perigo a sua própria existência. Perguntas que na altura não poderia formular e que, portanto, nunca obtiveram resposta. Além disso, Karen tinha sido completamente afastada de todo o contacto com judeus. Sentia-se como as outras pessoas e parecia-se com elas e, contudo, a barreira invisível lá estava.

A dúvida que lhe ocupava o espírito bem poderia ter desaparecido, mas Aage e Meta mantiveram-na por inadvertência. Os Hansens eram fiéis às tradições da Igreja Luterana dinamarquesa e muito devotos. Todos os domingos iam os três juntos à igreja, e todas as noites, antes de se deitarem, Aage lia excertos do Livro dos Salmos.

Karen tinha uma grande estimação pela bibliazinha de couro branco que os Hansens lhe deram quando fez 10 anos e adorava as lindas histórias que mais pareciam contos de fadas, especialmente as dos Livros dos Juízes, Samuel e os Reis, cheias, como estavam, de maravilhosos amores, guerras e paixões. Ler a Bíblia era como ler o próprio Hans Christian Andersen!

Mas ler a Bíblia apenas aumentou a confusão de Karen, que muitas vezes quis conversar sobre ela com Aage. Jesus nascera judeu e a sua mãe e todos os seus

EXODUS 113

discípulos eram judeus. A primeira parte da Bíblia e a mais fascinante para o espírito de Karen era toda ela acerca dos Judeus. Não dizia a Bíblia uma vez e outra que os Judeus tinham sido escolhidos pelo próprio Deus para executar as Suas leis?

Se tudo isto era verdade, porque havia então tanto perigo em ser judeu e porque eram eles tão odiados? À medida que ia crescendo, Karen procurava esclarecer-se. Soube pelos livros que Deus castigava frequentemente os Judeus quando procediam mal. Teriam então eles procedido de veras mal?

Karen era naturalmente curiosa e as questões que se lhe deparavam deixavam-na perplexa. A Bíblia tornou-se a sua preocupação constante: no silêncio do seu quarto estudava passagens inteiras, na esperança de encontrar resposta para os seus problemas. Mas quanto mais lia e crescia mais dificuldades encontrava. Aos 14 anos já apreendia o significado de muitas passagens e constatou que quase tudo o que Jesus ensinava já fazia parte do Velho Testamento. Então surgiu-lhe a maior de todas as dificuldades: se Jesus voltasse à Terra, estava certa de que Ele preferia ir a uma sinagoga a ir a uma igreja. Como era então possível que as pessoas adorassem Jesus e odiassem o Seu povo?

Ainda outra coisa aconteceu por altura do seu 14.º aniversário.

Com essa idade as raparigas dinamarquesas eram crismadas na igreja com grande cerimonial e festejos. Embora Karen estivesse a viver como dinamarquesa e cristã, os Hansens hesitaram em a deixar crismar-se. Chegaram à conclusão de que não deviam tomar uma decisão numa matéria que cabia exclusivamente a Deus. Disseram a Karen que a confirmação estava posta de parte por causa da guerra e da incerteza dos tempos. Ela, porém, conhecia o verdadeiro motivo.

Quando viera viver com os Hansens apenas carecia de amor e abrigo, mas agora as suas necessidades íntimas tinham-se expandido e desejava sentir-se identificada com as pessoas à sua volta. O mistério da sua família e do seu passado existia lado a lado com este mistério de ser judeu. Para ocupar para sempre o seu lugar de dinamarquesa

E. - 8

114 LEON URIS '

teria de fechar à chave estas questões candentes, e sentia-se incapaz de o fazer. A sua vida estava a basear-se sobre algo de temporário, já que uma parede invisível o seu passado e religião permanecia entre ela e os Hansens.

À medida que a guerra se aproximava do seu termo, Karen ia compreendendo que teria de se separar dos Hansens e, sensatamente, procurou adaptar-se ao choque. Forçou-se a si própria a pensar que Karen Hansen nunca existira, não passara de uma fantasia, e que em breve tinha de tornar a ser Karen Clement. Tentou reunir os diversos fios da sua vida passada, lembrar-se do pai, da mãe, dos irmãos, mas apenas lhe vinham à memória fragmentos de recordações envoltos em névoa. Vezes a fio imaginou o que seria o seu encontro com eles e manteve-se numa constante expectativa.

Quando a guerra acabou, Karen estava adaptada. Alguns meses depois do fim da guerra disse aos Hansens que ia partir em busca dos pais. Disse-lhes que tinha falado com a empregada da Organização de Refugiados e que as probabilidades de encontrar a família seriam maiores se partisse para a Suécia, para um campo de pessoas que tinham perdido os seus lares. A verdade é que as probabilidades eram as mesmas se ficasse, mas tornava-se-lhe insuportável prolongar a tortura dos Hansens.

Karen chorou por Aage e Meta muito mais do que por si própria. Com promessas de escrever e a leve esperança de os tornar a encontrar, Karen Hansen Clement, com 14 anos de idade, lançou-se à deriva na corrente em que vogavam os destroços da guerra.

CAPITULO XIV

A realidade foi cruel e o primeiro mês fora da Dinamarca um pesadelo. Karen, que sempre estivera sob protecção, assustou-se, mas prosseguiu o seu caminho com obstinada firmeza.

EXODUS 115

Primeiro foi parar a um campo na Suécia, depois a um castelo na Bélgica onde se empilhavam centenas de pessoas sem eira nem beira: companheiros de antigos campos de concentração; pessoas que tinham fugido ou se esconderam e pessoas que lutaram nos montes e florestas com as forças da Resistência; e ainda muitas que tinham estado sujeitas a trabalhos forçados. Todos os dias surgiam boatos cuja veracidade se não podia controlar e histórias de horrores que eram outros tantos choques para Karen. Sabia-se agora que a guerra deixara atrás de si alguns vinte e cinco milhões de mortos.

Havia um caminho que conduzia a La Ciotat, o campo de refugiados no golfo de Leão, a alguns quilómetros de Marselha. La Ciotat tinha um ar mórbido, com as suas barracas de betão baço que pareciam chafurdar num infundável mar de lama. O número de refugiados multiplicava diariamente; como consequência, o campo estava superlotado, havia falta de tudo, e o espectro da morte parecia perseguir os sobreviventes. Para eles a Europa tornara-se num vasto túmulo.

Genocídio, o extermínio deliberado de um povo: uma dança com seis milhões de dançarinos! Karen ouviu os nomes de Frank, Miiller, Himmler, Rosenberg, Streicher, Kaltenbrunner e Heydrich. E ainda os nomes de milhares de outros menos importantes: de Usa Koch, que se tornou tristemente célebre por fazer quebra-luzes de peles humanas tatuadas, de Dieter Wisliczeny, que desempenhou o papel de bode que conduz as ovelhas ao matadouro, de Kramer, que se divertia a chicotear mulheres nuas. E sobretudo ouviu o nome que consecutivamente vinha à baila, o do maior de todos os assassinos, o judeu alemão Eichmann, que falava correntemente o hebreu e era o chefe do genocídio.

Karen maldizia o dia em que abrisse aquela porta secreta que dizia «Judeu» e para além da qual só a morte existia. Uma a uma ia obtendo confirmação da morte de uma tia, de um tio ou de um primo.

O genocídio fora levado a cabo com uma precisão mecânica. A princípio os processos empregados pelos Alemães eram pouco eficientes, pois matavam com espin-

116 LEON URIS

gardas. O método era demasiado lento! Organizaram então os seus transportes e os seus cientistas para a grande campanha: conceberam camiões cobertos de aço onde encerravam os prisioneiros e os gaseavam até morrerem.

Mas mesmo este processo era ainda moroso. Vieram então os fornos crematórios e as câmaras de gás capazes de matar duas mil pessoas em meia hora dez mil num dia favorável, num campo importante. Este método deu boas provas de si e votou-se a prossecução de genocídio.

Karen ouviu contar que milhares de prisioneiros, para escaparem às câmaras de gás, se lançavam à misericórdia do arame farpado de alta tensão.

Que centenas de milhares de vítimas da doença e da miséria eram amontoadas e atiradas para valetas e que entre os seus corpos emagrecidos os nazis colocavam cepos, que regavam depois com gasolina;

Que os filhos eram arrebatados às mães sob o pretexto de que iam mudar para novos alojamentos, e que atulhavam comboios com os velhos e debilitados;

Que as câmaras, que diziam ser de limpeza e onde chegavam a dar barras de sabão aos prisioneiros, eram câmaras de gás e o sabão era, na verdade, um bocado de pedra.

Contaram ainda muito mais coisas a Karen: que havia mães que, para salvarem os filhos, os escondiam entre a roupa que penduravam em cabides antes de irem para as câmaras, mas que os Alemães conheciam o estratagema e encontravam sempre os pequenitos;

Que milhares de vítimas se ajoelhavam nuas junto das sepulturas que tinham cavado e que havia pais que tapavam os olhos dos filhos enquanto as pistolas alemãs disparavam por trás das suas cabeças.

Karen ouviu falar do *Hauptsturmführer* da SS Fritz Gebauer, especializado em estrangular mulheres e crianças e que gostava de ver morrer as crianças em barris de água gelada;

De Heinen, que aperfeiçoou um processo de matar várias pessoas em fila com uma bala, tentando sempre bater o seu *record* anterior;

EXODUS ” 117

De Frank Warzok, que fazia apostas sobre o tempo que podia viver um ser humano pendurado pelos pés;
Do *Obersturmbannführer* Rokita, que despedaçava corpos;

De Steiner, que abria buracos nas cabeças e estômagos dos prisioneiros, lhes arrancava as unhas e os olhos e se entretinha a fazer oscilar mulheres nuas penduradas pelos cabelos;

Do general Franz Jäckeln, que dirigiu o massacre de Babi Yar, nos arredores de Kiev. Em dois dias trinta e três mil judeus foram reunidos e fuzilados pelo que foi muito aplaudido por muitos ucranianos.

Também contaram a Karen o que faziam os cientistas do instituto anatómico do Prof. Hirts, em Estrasburgo, e ela própria viu mulheres deformadas pelas suas experiências.

Dachau era o maior dos centros «científicos». Veio a saber que o Dr. Heisskeyer injectava crianças com germes de tuberculose e observava a sua morte. O Dr. Schultz dedicava-se aos efeitos do envenenamento do sangue. O Dr. Rascher propunha-se salvar as vidas das tripulações da aviação alemã e nas suas experiências criava artificialmente as condições existentes nas altitudes elevadas: as cobaias humanas eram arrefecidas até morrer, enquanto as observavam cuidadosamente através de janelas especiais.

Os Alemães faziam ainda outras experiências num campo que denominavam «a verdade na ciência» e que atingiu talvez o seu expoente máximo com a tentativa de fecundação artificial de mulheres com esperma animal.

Karen ouviu falar de Wilhaus, o comandante do campo de Janowska, que encomendou ao compositor Mund o *Tango da Morte*. As notas desta canção foram os últimos sons ouvidos por duzentos mil judeus mortos em Janowska. Ouviu ainda outras coisas sobre Wilhaus: que o seu passatempo predilecto era atirar crianças ao ar e ver quantas balas acertava antes de o corpo chegar ao chão. Otília. sua mulher, também era uma excelente atiradora.

Contaram a Karen que os guardas lituanos dos Alemães usavam o processo simples de bater nos prisioneiros com um pau e dar-lhes pontapés até morrerem e que os

118 LEON URIS

Ustashis croatas se celebrizaram pela morte violenta que deram a centenas de milhares de vítimas.

Karen chorou, ficou estonteada e obcecada por mil pensamentos. Passou a ter insónias e nomes de localidades perpassavam-lhe sem descanso no espírito. O seu pai, mãe e irmãos teriam sido mandados para Buchenwald ou teriam encontrado a morte entre os horrores de Dachau? Talvez em Chelmano, com um milhão de mortos, ou em Maidanek, com setecentos e cinquenta mil. Ou em Blezec ou Treblinka, com suas fileiras de camiões, ou em Sobibor ou Krivoj Rog. Teriam sido mortos a tiro nos fossos de Krasmik, queimados em Klooga, despedaçados por cães em Diedzyan ou torturados até à morte em Stutthof? O chicote! O banho gelado! O choque eléctrico! O ferro de soldagem! O genocídio!

Foi nos campos de Choisel, ou Dora, ou Neuengamme, ou Grosse-Rosen, ou terão ouvido o *Tango da Morte* de Wilhaus em Janowska?

Estará a sua família entre os corpos que foram derretidos para gordura na fábrica de sabão de Danzigue?

A morte rondava o campo de refugiados em La Ciotat, próximo de Marselha, na França.

...e Karen ouviu mais nomes da sua terra. Danagien, Eivari, Goldpitz, Vievara, Portkunde.

Não conseguia comer nem conseguia dormir Kivoli, Varva, Magdeburgo, Plaszov, Szebnie, Mauthausen, Sachsenhausen, Oranienburgo, Landsberg, Bergen-Belsen, Reinsdorf, Bliziny.

Genocídio!

Fossenberg! Ravensbruck! Natzweiler!

Todos estes nomes, porém, eram pouca coisa comparados com o pior de todos *Auschwitz!*

Auschwitz e os seus três milhões de mortos!

Auschwitz e os seus armazéns a abarrotar com os óculos que tinham pertencido aos mortos!

Auschwitz e os seus armazéns a abarrotar de botas, peças de vestuário e comoventes bonecas de trapos!

Auschwitz e os seus armazéns de cabelo humano para o fabrico de colchões!

Auschwitz, onde os dentes de ouro dos mortos eram

EXODUS 119

metodicamente arrancados e derretidos para serem enviados ao instituto científico de Himmler. Auschwitz, onde um crânio de formas belas era preservado para pisa-papéis! Auschwitz em que os ossos dos cremados foram separados com malhos de ferro e pulverizados, para que nunca houvesse vestígios da morte.

Auschwitz, que tinha sobre a entrada principal a inscrição: «O trabalho liberta».

Karen Hansen Clement caiu em profunda melancolia.

Ouviu até não poder ouvir mais, viu até não poder ver mais; estava exausta e angustiada e ia perdendo a vontade de continuar. Então, como frequentemente acontece quando se chega ao fim de uma jornada, houve um estímulo que a trouxe de novo à superfície e a fez reentrar no reino da luz.

Isso aconteceu quando um dia, sorrindo, afagou a cabeça de um órfão e a criança notou nela uma grande compaixão. Karen sabia dar às crianças aquilo por que mais ansiavam, carinho, e elas retribuía-lhe correndo em bando para ela. Parecia saber, intuitivamente, como assoar um nariz, beijar um dedo ferido ou secar uma lágrima e contava histórias e cantava ao piano em várias línguas; também nunca o tempo ou a paciência para os atender lhe faltava. Entregou-se ao trabalho com as crianças mais pequenas com devoção, e isso ajudou-a um pouco a esquecer a mágoa que tinha dentro de si.

O seu 15.º aniversário foi passado em La Ciotat.

À parte o facto de ser teimosa, Karen ainda se agarrava a duas grandes esperanças. O pai fora um homem notável e os Alemães tinham conservado um campo de «prestígio», onde os prisioneiros não eram torturados nem mortos. Era em Theresienstadt, na Checoslováquia. Se ele tivesse sido mandado para lá, como era possível, ainda podia estar vivo. A segunda esperança, essa menor, provinha de que muitos cientistas alemães tinham saído clandestinamente do país, mesmo depois de terem sido enviados para campos de concentração. Como contrapartida para estas esperanças tinha confirmada a morte de mais de metade da sua família.

120 LEON URIS

Um dia chegaram ao campo algumas dezenas de pessoas que o transformaram completamente: eram judeus da Mossad Aliyah Bet e do Palmach, encarregados de tarefas de organização interna.

Dias depois, Karen dançou para as crianças, o que já não fazia desde o Verão. A partir desse momento passou a ser constantemente requisitada e tornou-se numa das figuras mais populares de La Ciotat. A sua fama espalhou-se mesmo até Marselha, onde foi convidada a dançar numa representação da *suite Quebra-nozes* que tinha lugar todos os anos pelo Natal.

Natal de 1945.

Foi terrível de suportar o sentimento de solidão que provocou nela o primeiro Natal passado longe dos Hansens. Naquela noite, Karen dançou como nunca tinha dançado, perante as muitas crianças do campo que tinham vindo a Marselha para assistir à récita.

Quando a representação acabou uma rapariga do Palmach que era chefe de uma secção em La Ciotat, Galil, pediu a Karen que esperasse até todos saírem. Corriam lágrimas pelas faces de Galil quando lhe disse:

«Karen, acabamos de receber a confirmação da morte, em Dachau, da tua mãe e irmãos.»

A dor de Karen aumentou e a coragem que a tinha feito prosseguir no seu caminho abandonou-a. Convenceu-se de que era a mesma praga que a tinha feito nascer judia que a fizera cometer a loucura de deixar a Dinamarca. Todas as crianças de La Ciotat tinham uma coisa em comum, acreditarem que os pais estavam vivos. Todas esperavam o milagre que nunca vinha. Como tinha sido tola em acreditar também!

Quando, alguns dias mais tarde, ficou em estado de poder reflectir, dirigiu-se a Galil. Sentia que não tinha forças para ficar de braços cruzados até ouvir dizer que o pai tinha morrido também.

EXODUS 121

Galil era a sua única confidente e achava que Karen devia, como todos os judeus, ir para a Palestina. Dizia ela que era o único lugar onde um judeu podia viver com dignidade. Mas Karen, cuja fé fora destruída, estava prestes a abandonar o Judaísmo, que só lhe tinha trazido infelicidade, e pensava em voltar a ser a Karen Hansen dinamarquesa.

À noite, ao deitar-se, Karen fazia a si própria a pergunta que todos os judeus vinham fazendo desde que há dois mil anos o Templo de Jerusalém fora destruído e os Judeus se dispersaram pelos quatro cantos da Terra como eternos vagabundos: «Porque me cabe isto a mim?» Ia-se aproximando o momento em que escreveria aos Hansens pedindo para voltar para sempre para junto deles...

Então, uma manhã, Galil irrompeu pela barraca de Karen e quase a arrastou para o edifício dos serviços administrativos, onde foi apresentada ao Dr. Brenher, um novo refugiado em La Ciotat.

«Meu Deus!» gritou Karen quando ouviu as notícias.

«Tem a certeza?»

«Sim» respondeu Brenher, «tenho a certeza absoluta. Já conhecia o seu pai: fui professor em Berlim, troquei com ele correspondência e muitas vezes nos encontramos em congressos. Sim, minha querida Karen, estivemos juntos em Theresienstadt e vi-o justamente umas semanas antes do fim da guerra.»

CAPITULO XV

Uma semana depois, Karen recebeu uma carta dos Hansens dizendo que a Organização de Refugiados lhes tinha pedido indicações sobre o paradeiro dela, perguntando também se sabiam alguma coisa sobre a sua mãe e irmãos.

Supunha-se que as indicações fossem pedidas por Johann Clement ou por alguém em seu nome. Karen dedu-

>122 LEON URIS

ziu que os pais deviam ter sido separados e que ele desconhecia a morte da mulher e dos filhos. A outra carta dos Hansens dizia que tinham respondido, mas que a Organização de Refugiados perdera contacto com Clement. Mas o importante é que ele estava vivo! Cada horrível momento dos meses na Suécia, Bélgica e em La Ciotat valia bem a pena! Karen encontrou mais uma vez coragem para fazer buscas na sua vida passada.

Ela não compreendia porque é que La Ciotat estava a ser mantida com dinheiro de judeus residentes na América: no fim de contas, no campo havia de tudo menos americanos. Fez a pergunta a Galil, que respondeu, encolhendo os ombros:

«A definição de «sionismo» é uma primeira pessoa pedir dinheiro a uma segunda para dar a uma terceira, que por sua vez o envia a uma quarta que está na Palestina.»

«É bom» disse Karen, «termos amigos unidos.»

«Também temos inimigos unidos» respondeu Galil. Karen ponderou que as pessoas de La Ciotat se assemelhavam em tudo a quaisquer outras e que muitas pareciam tão surpreendidas como ela por serem de origem hebraica. Um dia, quando já compreendia o hebreu suficientemente, aventurou-se até à cerca dos religiosos para

observar os seus misteriosos rituais, orações e vestuário, que, esses sim, eram verdadeiramente diferentes dos das outras pessoas. A vastidão do mar do Judaísmo pode afogar uma rapariga de 15 anos: a religião baseava-se num complexo conjunto de leis, umas escritas, outras orais, que abrangiam até os mais pequenos pormenores, tais como a forma de rezar sobre um camelo. Sagrados por excelência eram os cinco livros de Moisés, a Tora. Uma vez mais, Karen voltou-se para a Bíblia. Desta vez o que leu pareceu projectar nova luz e ter para ela novo significado e durante horas ficou a relembrar passagens como o grito do profeta Isaías: *«Tacteamos*

a parede como os cegos, e tacteamos como se não tivéssemos olhos: tropeçamos em pleno dia, tal como à noite; estamos em lugares solitários como se fôssemos homens mortos. Rugimos como ursos e carpimo-nos devidamente

EXODUS 123

como pombas... procuramos a salvação, mas está muito longe de nós.»

Estas palavras pareciam ajustar-se à situação em La Ciotat. A Bíblia estava cheia de histórias de escravidão e liberdade que Karen tentava aplicar a si própria e à sua família.

«Olha o Céu e vê como nos tornámos o desprezo a irrisão das nações; somos tomados como carneiros e levados para o matadouro para sermos mortos e destruídos ou castigados e censurados. Mas, apesar de tudo isto, não esquecemos o teu Nome: suplicamos-te, não nos esqueças...»

Mas também desta vez a estrada terminava confusamente: porque permitiria Deus que seis milhões dos seus filhos fossem mortos? Karen concluiu que apenas as experiências a que iria sendo sujeita pela vida fora. Ihe dariam, um dia, a resposta.

Os refugiados de La Ciotat ansiavam por voltar costas à Europa e chegar à Palestina e somente a presença dos *palmachniks* os impedia de se transformarem numa multidão irreflectida.

Quanto à guerra de intrigas que grassava por sua causa entre os Ingleses e a Mossad Aliyah Bet, pouca importância

Ihe davam; tão-pouco se preocupavam com a ânsia dos Ingleses em conservar o Médio Oriente, o petróleo, os canais ou a tradicional cooperação com os Árabes.

Por breve tempo, um ano antes, as esperanças de todos tinham atingido o auge com a subida ao poder do Partido Trabalhista e suas promessas de transformar a Palestina num mandato-modelo com imigração livre; voltou mesmo a falar-se em torná-la num membro da Comunidade Britânica.

As promessas caíram por terra quando o Governo trabalhista deu ouvidos à voz do ouro negro que fervilhava sob a terra árabe. As decisões foram adiadas para mais estudo, mais comissões, mais palestras, como vinha acontecendo havia vinte e cinco anos.

Nada, porém, fazia vergar o desejo ardente dos judeus de La Ciotat de chegarem à Palestina. Os agentes da Mossad Aliyah Bet, choviam de toda a Europa procurando

124 LEON URIS

os sobreviventes judeus e levando-os através de fronteiras amigas, à custa de subornos, documentos falsos, furtos ou quaisquer outros meios, desde que não violentos.

Consoante os países, assim era diferente o jogo que jogavam com respeito aos Judeus. A França e a Itália deram desde o início apoio aos refugiados, cooperando abertamente com a Mossad. Conservaram as fronteiras abertas para receber refugiados e organizar campos. Na Itália, poupada pelas tropas britânicas, havia falta de espaço livre, pelo que a França se tornou o mais importante centro de refugiados.

Dentro em breve, lugares como La Ciotat estavam a abarrotar. A Mossad respondia com a imigração clandestina.

Em todos os portos da Europa havia agentes da Mossad que empregavam dinheiro que lhes era enviado pelos judeus americanos na aquisição e conserto de barcos destinados a romper o bloqueio britânico da Palestina.

Por seu lado, os Ingleses usavam não só a sua armada, mas as suas embaixadas e consulados, como centros de contra-espionagem contra a Mossad.

Barquitos da Mossad Aliyah Bet reparados à pressa, superlotados de gente desesperada, faziam-se ao mar rumo à Palestina para serem apanhados pelos Ingleses mal entrassem na zona das 3 milhas; os refugiados foram internados noutro campo, desta vez em Atlit, na Palestina.

Depois de Karen saber que o pai estava vivo, também dela se apossou o desejo de chegar à Palestina. Era de crer, pensava, que o pai fosse igualmente para lá.

Apesar dos seus 15 anos, foi metida no grupo do Palmach, cujos membros faziam fogueiras nocturnas e contavam maravilhosas histórias do país do leite e do mel e cantavam lindas canções orientais tiradas directamente da Bíblia. Brincavam, contavam histórias inverosímeis pela noite adiante e pediam-lhe que dançasse para eles. Nomearam-na chefe de uma secção e encarregaram-na de cuidar de cem crianças e tê-las a postos para o momento em que um barco da Mossad, rompendo o bloqueio, as levaria para a Palestina.

O contingente britânico para a Palestina era nessa altura apenas de mil e quinhentas pessoas por mês, e levavam

EXODUS 125

sempre os velhos ou os que eram demasiado jovens. Os homens deixavam crescer a barba e embranqueciam os cabelos para parecerem velhos, mas estes ardis geralmente não davam resultado.

Num dia de Abril de 1946, nove meses depois de Karen ter saído da Dinamarca, Galil deu-lhe a grande notícia:

«Dentro de dias chega um navio da Aliyah Bet e tu e a tua secção vão nele.»

O coração de Karen quase lhe saltou do peito.

«Como se chama?»

«*Estrela de David*» respondeu Galil.

CAPITULO XVI

Para o D. I. C., o navio costeiro *Cárpato*, que navegava no Egeu, era um velho conhecido. No próprio momento em que foi adquirido em Salónica pela Mossad Aliyah Bet os Ingleses tiveram conhecimento da transacção. Seguiram os movimentos do cargueiro, de 800 toneladas e 45 anos de idade, até Pireu, o porto de Atenas onde entrou a bordo e seguiu para Génova a tripulação americana da Aliyah Bet. Viram o *Cárpato* transformar-se em transporte de imigrantes e tiveram conhecimento da hora exacta da sua partida para o golfo de Leão.

Toda a costa sul da França regurgitava de agentes da contra-espionagem inglesa. Os arredores de La Ciotat estavam sob vigilância durante as vinte e quatro horas do dia para se descobrirem indícios de um movimento em larga escala que se sabia estar em preparação. Subornaram-se funcionários franceses, uns mais importantes do que outros. Whitehall exerceu pressão sobre Paris no sentido de impedir o *Cárpato* de entrar em águas territoriais francesas. Mas nem a coacção inglesa nem os subornos deram resultado: a cooperação francesa com a Aliyah Bet continuou firme, e o *Cárpato* avançou serenamente pela zona das 3 milhas.

A fase seguinte do plano já estava delineada. Reali-

126 LEON URIS

zaram-se meia dúzia de fugas experimentais de La Ciotat para criar a confusão e despistar os Ingleses. Franceses solidários com a Aliyah Bet contribuíram com camiões conduzidos por nacionais. Finalmente, quando os Ingleses já estavam completamente desnorteados, jogou-se o grande golpe: mil e seiscentos refugiados, incluindo a secção de Karen, foram expedidos a toda a pressa de La Ciotat para a costa, para um ponto de reunião secreto, e a área foi fechada ao tráfego exterior, pelo exército francês. Os refugiados desceram dos camiões para uma praia deserta e foram transportados em barcos de borracha para o antigo *Cárpatos*, que estava ao largo.

Durante toda a noite, uma fila de barcos de borracha andou para trás e para diante. Os fortes tripulantes americanos ajudavam os refugiados a subir para bordo e equipas do Palmach designavam rapidamente a cada grupo o lugar que lhe competia. Uma mochila, uma garrafa de água e a ideia fixa de abandonar a Europa era tudo o que os refugiados possuíam.

Os pequenos a cargo de Karen, os mais novos de todos, foram os primeiros a entrar a bordo e foi-lhes dado um lugar no porão debaixo da coberta, junto à escada que dava para o convés. Arrumou-os rapidamente para dormirem, e a maioria estava tão entorpecida pela excitação e fadiga das últimas horas que adormeceu instantaneamente. Alguns choravam, mas ela lá estava para os consolar.

Passaram as horas e o porão começou a encher-se.

Os refugiados continuaram a entrar, até que o porão estava tão atulhado que quase não tinham 1 centímetro para se mexer. Depois principiaram a encher o convés, e quando ficou a abarrotar invadiram a ponte de comando.

Bill Fry, o comandante americano do navio, desceu a escada, inspeccionou o mar de gente que enchia o porão e assobiou. Era um homem atarracado e barbudo, com uma ponta de charuto apagada presa entre os dentes.

«O departamento de bombeiros de Bóston pintava a manta se visse uma sala como esta» resmungou Bill.

Calou-se e começou a ouvir. Na escuridão, uma voz suave cantava uma canção de embalar. Abriu caminho

pelas escadas abaixo passou sobre os corpos e fez incidir uma lâmpada sobre Karen, que tinha um pequenito nos braços e cantava para o adormecer. Durante um instante pareceu-lhe estar a olhar para a Virgem! Piscou os olhos. Karen ergueu o olhar e fez-lhe sinal para afastar a lâmpada.

«Eh, pequena... falas inglês?» perguntou com voz áspera.

«Falo.»

«Onde está o chefe de secção destas crianças?»

«Sou eu e agradeço-lhe que fale mais baixo. Já me deu bastante trabalho sossegá-las.»

«Falo tão alto quanto eu quiser. Sou o capitão. Tu não és maior do que muitos desses miúdos.»

«Se dirigir o seu barco tão bem como eu dirijo esta secção» retorquiu Karen, zangada, «chegaremos amanhã de manhã à Palestina.»

Bill coçou o queixo barbudo e sorriu. Karen achou que ele não se parecia nada com os imponentes capitães da marinha dinamarquesa e que estava a fingir-se mais duro do que era.

«És uma miúda simpática. Se precisares de alguma coisa, sobe à ponte e vem ter comigo. E deves ser mais delicada.»

«Obrigada, capitão.»

«Não tens de quê. Chama-me só Bill, somos todos da mesma tribo.»

Karen olhou-o enquanto subia a escada e viu o primeiro raio do dia que vinha rompendo. O *Cárpato* estava o mais cheio que era possível, transportando mil e seiscentos refugiados, que ocupavam cada centímetro do barco. Finalmente, a âncora meio enferrujada rangeu, batendo de encontro ao casco de madeira, e as máquinas, de 45 anos de idade, arfaram, roncaram e com relutância puseram-se em movimento. Uma onda de nevoeiro envolveu-os como se o próprio Deus os estivesse a abrigar, e o velho navio abandonou ruidosamente as costas de França com a velocidade máxima de 7 nós à hora. Dentro de momentos já tinha ultrapassado a zona das 3 milhas e estava em águas de ninguém. A primeira etapa tinha sido ganha pela

128 LEON URIS

Mossad Aliyah Bet! Uma bandeira judaica, azul e branca, foi içada no mastro e o *Cárpato*s mudou o nome para *Estrela de David*.

O barco balouçava horrivelmente e a falta de ventilação nos porões, superlotados, ajudava a que todos estivessem pálidos. Karen trabalhava com as equipas do Palmach, dando limões a comer e aplicando compressas para evitar que grande parte das pessoas enjoassem. Quando os limões não davam resultado, limpava rapidamente o chão. Descobriu que as pessoas passavam melhor quando cantavam, inventavam jogos ou contavam histórias engraçadas. Pelo meio-dia o calor piorou, o ar ficou mais pesado e o cheiro do suor e dos vômitos tornou-se insuportável no porão mal iluminado. Os homens vestiram calções e as mulheres pouco mais, e os corpos brilhavam de suor. Seguiu-se uma série de desmaios, mas só os inanimados foram levados para a coberta, já que para os outros o espaço faltava em absoluto. Três médicos e quatro enfermeiras, todos refugiados de La Ciotat, trabalhavam febrilmente.

«Metam comida no estômago» ordenavam. Karen animava, acariciava e empurrava comida pela boca dos pequenos. À noite distribuía sedativos e passava-lhes uma esponja pelo corpo. Como a água era pouco abundante, também tinha de a poupar.

Por fim o Sol pôs-se e um sopro de ar entrou no porão. Karen trabalhava até ao esgotamento e tinha o espírito demasiado perturbado para poder pensar convenientemente.

Caiu numa semi-sonolência da qual era arrancada assim que uma das suas crianças chorava. Ouvia os rangidos do velho navio, que lá ia penando no seu rumo à Palestina, e só pela manhã adormeceu completamente, num sono pesado e cheio de sonhos que lhe deixou uma sensação desagradável de confusão.

Um ronco súbito acordou-a e fê-la estremecer. Olhou pela escada acima e viu que já era dia. Abriu caminho para subir. Todos apontavam para o céu, onde um grande bombardeiro quadrimotor pairava sobre eles.

«É inglês! É um bombardeiro *Lancaster*!»

EXODUS 129

«Voltem todos para os seus lugares e tenham calma» ressoou o alto-falante.

Karen correu para o porão, onde os pequenos estavam assustados e a chorar;. Começar a cantar o mais que podia, incitando as crianças a seguirem-na:

Para a frente! Para a Palestina

Vamos todos em multidão!

Para a frente! Para a Palestina,

Juntem-se à nossa feliz canção!

« Mantenham-se calmos» disse o alto-falante ,
«não há perigo.»

Cerca do meio-dia, um cruzador britânico, o *Defiance*, apareceu no horizonte e precipitou-se para o *Estrela de David* com as luzes acesas. Um pequeno contratorpedeiro luzidio, o *Blakely*, juntou-se ao *Defiance*. Os dois navios de guerra pairavam a certa distância do velho cargueiro, enquanto ele prosseguia ruidosamente.

«Encontrámos a nossa escolta real» ironizou Bill Fry pelo alto-falante.

De acordo com as regras do jogo, a partida terminara. A Mossad Aliyah Bet tinha feito sair outro navio da Europa para o alto mar. Os Ingleses tinham dado com ele e estavam a segui-lo; logo que o *Estrela de David* entrasse nas águas” territoriais da Palestina, entraria a bordo um grupo de abordagem e o navio seria levado a reboque para Haifa.

Na cobertura do *Estrela de David* os refugiados apupavam os navios de guerra e rogavam pragas a Bevin.

Ergueram um grande letreiro que dizia: «Hitler assassinou-nos e os Ingleses não nos deixam viver!» O *Defiance* e o *Blakely* não fizeram caso e não desapareceram milagrosamente, como se esperava.

Uma vez acalmados os pequenos, Karen voltou ao problema que de momento a preocupava: muitas das crianças estavam a adoecer, por falta de ar puro. Subiu as escadas, abrindo caminho por entre a confusão de braços, pernas e mochilas, e dirigiu-se à ponte de comando.

Na casa do leme, Bill Fry bebia café e olhava o compacto

E. - 9

monte de pessoas que estavam na coberta. O chefe do Palmach discutia com ele.

«Livra!» resmungou Bill. «Muito falam os Judeus.

As ordens não são feitas para se discutirem, são feitas para se lhes obedecer. Como diabo querem conseguir alguma coisa se discutem tudo? Lembrem-se de que o capitão sou eu!»

A explosão de Bill não impressionou o chefe do Palmach, que terminou o que estava a dizer e se afastou.

Bill sentou-se a resmungar em voz baixa. Acendeu uma ponta de charuto e então viu Karen, docilmente, de pé, à entrada.

«Olá, amorzinho!» disse ele, sorrindo. «Queres café?»

« Quero, se faz favor.»

«Tens mau parecer

« Não consigo dormir muito, com os pequenos.»

« Pois é... Que tal te vais dando com eles?»

« É por causa disso que venho falar consigo. Alguns estão a adoecer, e temos mulheres grávidas no porão.»

« Bem sei, bem sei.»

«Acho que podíamos mudar para o convés.»

Ele apontou para o compacto monte de pessoas.

«Para onde?»

«Arranje umas dezenas de voluntários para trocarem de lugar.»

«Ouve, pequena, tenho muito em que pensar. Desculpa não te fazer a vontade, mas não é lá muito fácil; não podemos andar a mudar gente nesta lata de conservas.»

O rosto de Karen mantinha a mesma doçura e a voz não traduzia cólera quando disse:

«Vou descer e levar os meus pequenos para a coberta.»

Voltou as costas e dirigiu-se para a porta.

« Anda cá. Como é que uma menina bonita como tu se pode tornar tão intratável?» Bill coçou o queixo.

«Pronto! Está bem! Trazemos os catraios lá para cima. livra, só arranjam discussões e mais discussões!»

Naquela mesma noite, Karen levou as crianças para a

EXODUS 131

popa do navio. O maravilhoso ar fresco fê-las cair imediatamente num sono profundo e calmo.

No dia seguinte, o mar estava liso como vidro. Ao romper do Sol surgiram mais aviões da patrulha britânica, a escolta que já se tornara familiar, o *Defiance* e o *Blakely*, ainda lá estava.

Um frémito de excitação atravessou o navio quando Bill anunciou que estavam a menos de vinte e quatro horas de Eretz Israel (Terra de Israel). A tensão em que tinham vivido deu lugar a uma calma estranha que se prolongou pelo dia adiante. Ao anoitecer, o *Blakely* aproximou-se do *Estrela de David*.

Uma sonora voz inglesa atravessou as águas, vinda do alto-falante do *Blakely*.

«Navio de imigrantes! Aqui fala o capitão Cunningham, do *Blakely*. Quero falar com o vosso capitão.»

«alô, *Blakely*» resmungou em resposta a voz gutural de Bill Fry, «que desejam?»

«Gostaríamos de enviar um emissário a bordo para falar consigo.»

«Podem falar já. Aqui somos todos *mishpocha* e não temos segredos.»

«Bem. Depois da meia-noite entrarão nas águas territoriais da Palestina. Nessa altura tencionamos ir a bordo e rebocar-vos para Haifa; queremos saber se aceitam isto sem resistência.»

«alô, Cunningham. Estamos nesta situação: temos a bordo doentes e mulheres grávidas e gostaríamos que os recebessem.»

«Não temos instruções nesse sentido. Aceitam o nosso reboque ou não?»

«Para onde é que disse?»

«Haifa.»

«Diabos me levem! Devemos ter saído da nossa rota. Isto é um barco de recreio dos Grandes Lagos.»

«Seremos obrigados a entrar a bordo à força!»

«Cunningham!»

«Sim?»

«Informe os seus oficiais e tripulação... podem ir todos para o Diabo?»

132 LEON URIS

Veio a noite e ninguém dormia. Todos se esforçavam por, através da escuridão, avistar a costa um primeiro trecho da Terra de Israel. Mas não se via nada. A noite estava enevoadada, não havia estrelas nem lua, e o *Estrela de David* dançava sobre as ondas agitadas.

Cerca da meia-noite, o chefe de uma secção do Palmach bateu no ombro de Karen.

«Karen» disse ele, «vem comigo.»

Abriram caminho sobre os corpos deitados até à casa do leme, que também estava cheia com vinte componentes da tripulação e chefes de secção do Palmach. Lá dentro, com excepção de uma pequena luz azulada vinda dos instrumentos de navegação, estava escuro como breu. Karen distinguiu, perto do leme, a silhueta sólida de Bill Fry.

«Estão todos presentes? Bem, prestem atenção.»

A voz de Bill soou no escuro. «Já falei com os chefes do Palmach e com a minha tripulação. Acontece que a atmosfera na costa da Palestina está repassada de nevoeiro.

Ora nós levamos a bordo um motor auxiliar capaz de aumentar a velocidade para 15 nós, e, assim, dentro de duas horas estaríamos em águas territoriais. A nossa proposta é: se o tempo continuar mau, damos toda a velocidade e fundeamos ao sul de Cesareia.»

Um murmúrio de excitação correu pela sala.

«Poderemos escapar aos barcos de guerra?»

«Sim, vão pensar que esta bandeira se evaporou sem deixar vestígios» - respondeu Fry. '

«E o radar? Não nos vêem nos seus *écrans*?-»

«Vêem... mas não nos seguirão até muito perto da costa. Não vão arriscar-se a fundear lá um cruzador.»

«E a guarnição militar inglesa na Palestina?

«Estabelecemos contacto com o Palmach de terra e estão à nossa espera. Tenho a certeza de que proporcionarão aos Ingleses uma noite interessante. -Todos vocês, chefes de secção, receberam instruções especiais em La Ciotat sobre as operações de desembarque. Sabem o que os espera e o que têm a fazer. Karen, e vocês dois com crianças a vosso cargo... é melhor esperarem aqui por instruções especiais. Têm alguma dúvida?»

Ninguém disse nada.

EXODUS 133

«Alguma coisa a discutir?»

O silêncio continuou.

«Hum... Boa sorte e que Deus vos abençoe a todos.»

CAPÍTULO XVII

Névoa arrastada pelo vento soprava em volta do antigo abandonado porto de Cesareia e dos seus montões de destroços, muros quebrados e ancoradouro musgoso que datava de quatrocentos anos antes de Cristo.

Durante cinco longos séculos, Cesareia edificada por Herodes em honra de César fora a capital da Palestina romana. Tudo quanto agora restava eram ruínas.

O vento gemia e revolia a água, transformando-a numa espuma que redemoinhava, batia de encontro às rochas e se projectava pelo mar dentro.

Aqui terminara a luta contra a tirania romana com a matança de vinte mil hebreus e aqui foi martirizado o sábio rabino Akiva, que tinha chamado o seu povo a lutar pela liberdade sob as ordens de Bar Kochba. O rio dos Crocodilos ainda corria para o mar em que Akiva foi esfolado vivo.

Alguns metros ao sul das ruínas começavam os edifícios de uma aldeia colectiva de pescadores judeus chamada Sdot Yam (Campos do Mar). Nessa noite nenhum dos habitantes dormiu. Estavam acorados, espalhados pelas ruínas, e em silêncio e de respiração suspensa forçavam a vista, olhando o mar. Eram duzentos pescadores ao todo e mais duzentos soldados do Palmach que se lhes juntaram.

Na antiga torre de Drusus, exposta à rebentação do mar, surgiu por instantes um sinal luminoso. A tensão aumentou.

A bordo do *Estrela de David*, os dentes de Bill Fry fincavam-se sobre uma ponta de charuto e as mãos cerravam-se sobre o leme do velho navio. Lentamente fê-lo entrar, ziguezagueando por entre os traiçoeiros recifes e

134 LEON URIS

bancos de areia. Na coberta, os refugiados amontoavam-se junto às balaustradas e procuravam encher-se de coragem. De súbito, o *Estrela de David*, embatendo numa rocha escarpada, estremeceu e estalou, ao mesmo tempo que o casco se abria numa larga fenda. Um clarão em espiral subiu para o céu: a luta corpo a corpo começava. Diligenciavam por todos os meios chegar às balaustradas e atirar-se ao mar, de profundidade pouco inferior à altura de um homem; passo a passo procuravam avançar contra a rebentação e alcançar a costa, que ficava a algumas centenas de metros de distância. Quando o clarão irrompeu, os pescadores e *palmachniks* saíram dos abrigos e lançaram-se ao encontro dos refugiados, esforçando-se por avançar através das águas. Muitos caíram em buracos, outros foram derrubados por uma onda súbita ou escorregaram em rochas lodosas, mas nada os detinha. Os dois grupos encontraram-se e as mãos fortes dos judeus da Palestina seguraram os refugiados e começaram a puxá-los para terra. «Vamos, depressa!» ordenavam-lhes. «Deitem fora a vossa roupa e vistam já esta!» «Atirem fora todos os documentos de identificação!» «Os que já estão vestidos sigam-nos... mexam-se... mexam-se!...» «Chiu! Não façam barulho!» «Não acendam luzes!» Os refugiados arrancaram do corpo as roupas encharcadas e vestiram os fatos azuis dos pescadores. «Misturem-se... misturem-se todos...» No convés do *Estrela de David*, Karen entregava as crianças uma por uma aos *palmachruks*; estes iam e vinham o mais depressa que podiam; tinham de ser homens fortes, e de pés firmes, para conseguirem segurar as crianças na rebentação. «-Mais depressa... mais depressa...» Havia irreprimíveis choros de emoção de alguns que se ajoelhavam sobre a terra sagrada para a beijarem... «Vão ter muito tempo para beijar a vossa terra, mas agora não... por favor, continuem a caminhar!»

EXODUS 135

Bill Fry estava de pé na ponte gritando ordens através de um alto-falante. Uma hora depois toda a gente tinha abandonado o *Estrela de David*, à excepção de algumas crianças e chefes de secção.

Ao mesmo tempo que isto se passava, a 30 quilómetros para o norte, uma unidade do Palmach organizava um assalto devastador a armazéns ingleses perto de Haifa, no intuito de desviar a atenção das tropas inglesas da operação de desembarque em Cesareia.

Na costa, os pescadores e os *palmachniks* trabalhavam rapidamente. Uns refugiados foram levados para a aldeia, outros para camiões que os conduziram para o interior. Depois de a última criança ter desembarcado, Bill Fry destruiu a escada que dava para a coberta e ordenou aos chefes que se lançassem ao mar.

Karen sentiu a água gelada sobre a cabeça. Procurou equilibrar-se, por momentos só sentiu água debaixo dos pés, mas finalmente orientou-se. Nadou o suficiente para ter pé. Confusamente ouvia, vindos da costa, gritos em hebreu e alemão. Chegou a uma grande rocha e subiu-a de rastos. Mas uma onda atirou-a de novo à água. Conseguiu ter pé e agora caminhava passo a passo contra a forte ressaca. Atirada novamente abaixo, continuou a rastejar em direcção à costa.

De súbito, o som penetrante das sereias! Um tiroteio de ensurdecer!

Na praia, os grupos dispersavam.

Karen estava sem fôlego quando emergiu da água pouco funda. Mesmo diante dela estava uma meia dúzia de soldados ingleses, vestidos de caqui, com *casse-têtes* na mão.

«Não!» gritou. «Não! Não!»

. Atirou-se para o cordão de soldados gritando, arranhando e dando pontapés. Um braço forte agarrou-a por trás e pretendeu atirá-la, para a rebentação. Os dentes enterraram-se na mão do soldado. Ele deu um grito de dor e soltou-a. Karen lançou-se novamente para diante, lutando freneticamente. Um segundo soldado ergueu alto o *casse-tête* e baixou-o sobre a cabeça dela, produzindo

136 LEON URIS

um som abafado. Karen gemeu, cambaleou e, inanimada, rolou na água.

Karen abriu os olhos: a cabeça latejava-lhe horrivelmente.

Sorriu ao dar com o rosto barbado e olhos enevoados de Bill Fry.

«Os pequenos!» gritou ela, tentando levantar-se.

Bill agarrou-a.

«Tem calma. A maioria dos miúdos conseguiu safar-se, outros estão aqui.»

Karen fechou os olhos, suspirou e tornou a deitar-se.

«Onde estamos?»

«Num campo de detenção inglês... Atlit. Foi um espectáculo: mais de metade dos nossos conseguiram fugir. Os Ingleses estão tão danados que deitaram a mão a toda a gente que encontraram e mandaram-nos para aqui. Temos tripulação, pescadores, refugiados... Tudo misturado nesta trapalhada. Como te sentes?»

«Bastante mal. Que aconteceu?»

«Tentaste derrotar sozinha o exército britânico.»

Karen empurrou o cobertor, sentou-se de novo e apalpou o inchaço de um dos lados da cabeça. O vestido ainda estava húmido. Levantou-se e caminhou, vacilando um pouco, para a abertura da tenda. Havia mais umas centenas de tendas e uma vedação de arame farpado, para lá da qual estavam as sentinelas britânicas.

« Não sei o que me deu » disse Karen. « Nunca na minha vida bati em ninguém. Vi esses soldados ali de pé... tentando deter-me. Senti que aquele era o momento mais importante da minha vida e que tinha de pisar o chão da Palestina; tinha de o fazer ou então morrer... Não sei o que me deu.» Sentou-se ao lado do capitão.

«Queres comer alguma coisa, pequena?»

«Não tenho fome. O que é que eles vão fazer de nós?»

Bill encolheu os ombros. « Dentro de algumas horas é dia. Instauram-nos um processo e fazem-nos uma data de perguntas idiotas. Já sabes as respostas.»

«Sim... A tudo o que me perguntarem repito que esta é a minha terra.»

EXODUS 137

«Pois é... seja como for, têm-te cá durante dois ou três meses e depois soltam-te. Pelo menos, estás na palestina.»

« E o senhor?»

« A mim? Põem-me fora da Palestina como fizeram da última vez. Arranjo outro navio da Mossad... e tento novamente romper o bloqueio.»

A cabeça de Karen principiou a latejar e inclinou-se para trás, mas não conseguia fechar os olhos. Durante um grande bocado observou o rosto coberto de pêlos grisalhos de Bill.

«Bill... porque está aqui?»

«Que queres dizer com isso?»

« O senhor é americano. Para os judeus da América a situação é diferente.»

«-Todos tentam fazer de mim um herói.» Bateu nos bolsos e tirou alguns charutos que a água tinha estragado.

«A Aliyah Bet veio ter comigo dizendo que precisava de marinheiros. Eu sou marinheiro... sempre o *fui*. Comecei como criado de bordo e subi até comandante. É só isto. Pagam-me para fazer este serviço.»

«Bill...»

«Que é?...»

« Não acredito no que está a dizer.»

Bill Fry também não parecia convencido. Levantou-se.

« É difícil explicar, Karen. Eu adoro a América. Não trocaria o que lá tenho por cinquenta Palestinas.»

Karen ergueu-se sobre um cotovelo. Bill começou a passear na tenda e a tentar coordenar os seus pensamentos.

«Somos americanos, mas somos uma espécie diferente de americanos. Talvez sejamos nós que nos consideramos diferentes... ou talvez sejam os outros... não chego a perceber. Toda a minha vida ouvi dizer que os Judeus são cobardes, e que, portanto, eu também sou. Deixa-me dizer-te uma coisa, pequena: de todas as vezes que o Palmach faz ir pelos ares um depósito de munições inglês ou trata da saúde aos Árabes está a conquistar respeito por mim. Está a colocar na posição de mentirosos todos aqueles que dizem que os Judeus são cobardes. Estes homens lutam para que nos respeitem... compreendes?»

138 LEON URIS

«Creio que sim.»

«Pois a mim dá-me bastantes dores de cabeça.»

Sentou-se ao lado de Karen e examinou-lhe o inchaço.

«Isso não tem muito mau aspecto. Disse a esses malditos que te levassem para um hospital, mas não fizeram caso.»

«Não é nada» respondeu ela.

Nessa mesma noite, umas horas mais tarde, o Palmach organizou uma incursão ao campo Atlit e mais duzentos refugiados fugiram através de um buraco aberto no arame farpado. Entre os fugitivos não estavam Karen e Bill Fry. Quando o relatório completo do episódio do *Estrela de David* chegou a Whitehall, os Ingleses compreenderam que tinham de modificar a sua política de imigração. Até essa data, os navios clandestinos tinham transportado algumas centenas de refugiados, mas este levava quase dois mil, e a maior parte tinha-se escapado no desembarque em Cesareia e subsequente fuga de Atlit. Os Ingleses tiveram de reconhecer que o Governo francês apoiava abertamente os Judeus e que em cada seis judeus da Palestina um tinha entrado ilegalmente.

Os ingleses estavam num beco sem saída: o problema da Palestina estava tão longe como dantes de uma solução definitiva. Whitehall decidiu então que os judeus entrados clandestinamente seriam levados para fora de Atlit e expulsos da Palestina. Assim surgiram os campos de Chipre, como consequência directa da imigração ilegal e, em especial, do êxito obtido pelo *Estrela de David*.

Karen Hansen Clement foi enviada para a ilha de Chipre num navio-prisão britânico e internada no campo de Caraolos. Mas enquanto o *Cárpato* /*Estrela de David* estava encalhado nas rochas ao largo da costa de Cesareia e a rebentação o desfazia em pedaços, a Mossad Aliyah Bet apressava as suas operações, planeando obter mais navios e mais refugiados para lhe seguirem na esteira. Durante outros seis meses a jovem trabalhou entre as nuvens de poeira de Caraolos com os seus pequenos. O tempo passado nos vários campos não conseguira endurecê-la ou exasperá-la. Vivia para o momento em que

EXODUS 139

pudesse uma vez mais ver a Palestina... Eretz Israel... palavras mágicas que se tornaram para ela uma obsessão. Tinham passado muitas horas desde que Karen começara a contar a sua história a Kitty Fremont. Durante a narração estabeleceram-se entre elas pontos de contacto e cada uma descobriu a solidão e a necessidade de companhia da outra.

Tornaste a ouvir falar do teu pai? perguntou Kitty.

Não. Somente em La Ciotat, e isso foi há muito tempo.

Kitty olhou para o relógio.

Meu Deus... já passa da meia-noite.

Não dei pelo tempo disse Karen.

Nem eu. Boa noite, minha filha.

Boa noite, Kitty. Hei-de tornar a vê-la?

Talvez... não sei.

Kitty saiu e afastou-se do edifício. Os milhares de tendas estavam agora em silêncio. Um holofote da torre de vigia deslizava sobre o mar de barracas. O pó levantava-se e soprava em redor dos pés e Kitty apertou o casaco. Ari Ben Canaan encaminhou-se para ela e parou. Ofereceu-lhe um cigarro, e atravessaram a ponte em silêncio, em sentido oposto à cerca das crianças. Kitty parou um momento e olhou para trás, depois continuou, através da secção dos velhos, para o portão principal.

Trabalharei com uma condição disse Kitty, que aquela rapariga não seja incluída na fuga que está projectada e fique comigo neste campo.

De acordo.

Kitty deu a volta e, rapidamente, encaminhou-se para a casa das sentinelas.

CAPITULO XVIII

O plano a que David chamara romanticamente «operação Gedeão» foi posto em execução. Em Caraolos. Dov

140 LEON URIS

Landau falsificou um grande maço de conhecimentos de embarque e cartões de identidade do exército britânico e entregou-os a Kitty Fremont. Esta, por sua vez, fê-los sair do campo e entregou-os a Ari Ben Canaan.

A entrega dos conhecimentos de embarque permitiu a Ben Canaan completar a primeira fase do plano. Durante a sua inspeção a Chipre tinha notado a existência de um grande depósito de abastecimentos inglês, na estrada de Famagusta, próximo de Caraolos. Era uma área vedada contendo centenas de camiões e outro material rolante e uma dezena de enormes armazéns. Durante a guerra, este depósito tinha sido uma importante fonte de abastecimento dos aliados no Médio Oriente. Ainda fornecia em parte as forças britânicas dessa região. Outro material em depósito tinha sido considerado a mais e fora vendido a particulares. Assim, havia sempre um certo movimento do armazém para o porto de Famagusta.

A Companhia de Navegação Chipre-Mediterrâneo, de que Mandria era sócio, fazia transportes para o exército britânico em Chipre. Por isso Mandria tinha uma lista dos materiais e das quantidades em depósito; tinha também uma provisão bastante boa de conhecimentos de embarque. Na quinta-feira, às oito horas da manhã, viajando num camião inglês, Ari Ben Canaan e treze *palmachniks*, todos vestidos com uniformes ingleses e possuindo documentos ingleses, pararam diante do portão principal do armazém. Zev Gilboa, Joab Yarkoni e David Ben Ami faziam parte do «grupo de trabalho».

Ari, que levava consigo documentos que o identificavam como «capitão Caleb Moore», apresentou uma lista de requisições ao comandante do armazém. O «grupo de trabalho» de Ari tinha sido encarregado de reunir o material constante da lista e levá-lo para as docas de Famagusta para ser embarcado no *Achem*.

As falsificações estavam tão perfeitas que o comandante do armazém não se lembrou de que Caleb era um espião de Moisés e que o *Achan*, navio que não existia, usava o nome do homem que roubou o tesouro de Jericó.

O primeiro artigo que os conhecimentos de embarque requisitavam consistia em doze camiões e dois *jeeps*.

EXODUS 141

Foram retirados da sua área de estacionamento e entregues ao «capitão Caleb Moore». O «grupo de trabalho» foi então de armazém em armazém, carregando os seus doze camiões com tudo o que seria necessário para o *Afrodite/Exodus* fazer a viagem para a Palestina com trezentas crianças a bordo.

A lista feita por Joab Yarkoni, encarregado de equipar o navio, incluía um rádio-receptor e transmissor do último modelo, conservas, medicamentos, lanternas, pequenas armas, vasilhas de água, cobertores, aparelhos de ar condicionado, um sistema de alto-falantes e uma quantidade de outros artigos. Joab estava pesaroso por Ari ter insistido em que rapasse o seu grande bigode negro. O de Zev tinha tido o mesmo destino, pois Ari receava que o bigode, usado pelos Judeus, chamasse as atenções sobre eles.

Além dos fornecimentos para o *Exodus*, David levou algumas toneladas das coisas que mais falta faziam em Caraolos.

Zev Gilboa ficou meio louco quando viu o arsenal britânico.

Desde que trabalhava para o Palmach tinha tido sempre necessidade de armas, e quase não podia suportar a vista de tantos e tão belos morteiros, metralhadoras e carabinas.

O grupo movia-se com precisão matemática; pelas listas de Mandria, Ari conhecia a localização de todo o material. Joab Yarkoni acabou o trabalho da tarde tirando umas caixas de *whisky*, de brande, de genebra e de vinho para fins medicinais.

Doze camiões novos em folha a abarrotar de fornecimentos, destinados, ao que se supunha, ao *Achan*, partiram para o porto de Famagusta. Ari agradeceu ao comandante britânico a sua excelente cooperação e o grupo partiu seis horas depois de ter entrado.

Os *palmachniks* estavam entusiasmados com a facilidade com que tinham obtido a sua primeira vitória, mas Ari não lhes deu tempo para descansarem nem para se sentirem orgulhosos. Isto era apenas o princípio.

O próximo estágio da «operação Gedeão» era encontrar um lugar seguro para os camiões e material roubados. Ari

sabia como resolver o problema. Tinha descoberto um campo inglês abandonado, nos arrabaldes de Famagusta que fora em tempos utilizado por uma pequena unidade de serviço. A vedação ainda existia, bem como duas cabanas de madeira onde tinham sido os escritórios e anexos. Havia ainda instalação eléctrica, partindo da linha principal.

Durante a noite e nas duas noites seguintes todos os *palmachniks* de Caraolos vieram ao campo e trabalharam febrilmente, armando barracas, limpando a área e fazendo tudo para parecer que estava novamente em serviço.

Os doze camiões e dois *jeeps* foram pintados da cor de caqui usada pelo exército britânico. Nas portas dos veículos, Joab Yarkoni desenhou insígnias que podiam confundir-se com milhares de outras insígnias militares e as palavras: «23.^a Companhia de Transportes FJSMC.»

No escritório espalharam documentos e ordens ingleses, uns autênticos, outros falsos, em número suficiente para lhe dar o aspecto de verdadeiros serviços britânicos.

Quatro dias depois, o pequeno campo com os doze camiões tinha um ar perfeitamente normal e não dava nas vistas. Do armazém tinham tirado uniformes britânicos suficientes para vestir de soldados os *palmachniks* e outras coisas mais necessárias ao perfeito abastecimento do campo.

A coroar o trabalho, Joab Yarkoni pôs uma tabuleta sobre o portão de entrada com os dizeres: «23.^a Companhia de Transportes FJSMC.» Todos suspiraram, aliviados, ao ver a tabuleta que dava existência «oficial» ao acampamento.

Zev olhou para a tabuleta e coçou a cabeça.

Que quer dizer FJSMC?

Forças Judaicas de Sua Majestade em Chipre...

O plano da «operação Gedeão» estava elaborado. Ari Ben Canaan tivera a incrível audácia de criar uma falsa unidade do exército britânico. Usando o uniforme inglês, ele tinha estabelecido o quartel-general da Mossad Aliyah Bet, em pleno dia, na estrada de Famagusta, e ia entrar na fase final do plano servindo-se de equipamento inglês. Era um jogo perigoso, mas Ari defendia a simples teoria

EXODUS 143

de que agir de maneira natural é a melhor capa para um agente secreto.

A fase seguinte da «operação Gedeão» concretizou-se quando três americanos vindos num cargueiro desembarcaram em Famagusta. Eram agentes da Mossad Aliyah

Bet que durante a guerra tinham pertencido à marinha dos Estados Unidos. Chegaram ainda dois espanhóis da Espanha franquista: frequentemente exilados deste país vinham colaborar com a Aliyah Bet. O *Exodus* já tinha agora tripulação, que seria completada com Ari, David, Joab e Zev.

Hank Schlosberg, o capitão americano, e Joab meteram ombros à tarefa de transformar o *Exodus* em barco de imigrantes. Larnaca era um porto pequeno, mas Mandria sabia como agir para desviar as atenções da desusada actividade em volta do *Afrodite*, ancorado num extremo do cais.

Primeiro tiraram das cabinas, porões e cobertas todo o mobiliário e decorações, deixando o navio vazio como uma concha da proa à popa.

Em lugar de casas de banho, montaram na cobertura duas barracas de madeira, uma para os rapazes e outra para as raparigas. A sala de jantar da tripulação foi transformada em enfermaria. Deixaram de existir salas de jantar e cozinhas, pois a alimentação seria toda constituída por conservas. A cozinha foi transformada em armazém e despensa. A tripulação passaria a dormir na ponte, pelo que as cabinas respectivas foram esvaziadas. Montou-se um sistema de alto-falantes. A velha máquina do navio foi totalmente reparada e colocou-se um mastro e uma vela para o caso de avaria na máquina.

Entre as trezentas crianças havia algumas ortodoxas, o que criou um problema de alimentação: Yarkoni teve de procurar o chefe da comunidade judaica de Chipre e mandar cozinhar e enlatar comida *kosher* expressamente para essas crianças.

Em seguida tiraram-se as medidas do porão e das cobertas e colocaram-se naquele prateleiras com o intervalo de 40 centímetros. Estas prateleiras serviriam de

144 LEON URIS

beliches e dariam a cada criança espaço para dormir de borco ou de costas sem que lhes permitisse o luxo de se rebolarem. Fizeram um cálculo da altura média das crianças e atribuíram 1,50 m a cada uma.

Os salva-vidas foram reparados. Nos lados do navio abriram-se grandes buracos e construíram-se canos de forma a levar o ar para o porão por meio de ventoinhas eléctricas. Adaptaram-se também os aparelhos de ar condicionado tirados do armazém britânico. O ar tinha de estar em constante circulação nos compartimentos, a abarrotar de gente, para evitar os enjoos.

O trabalho prosseguia calmamente. Meia dúzia de homens trabalhando na velha carcaça era coisa natural no porto de Larnaca e que não surpreendia ninguém.

Mas carregar fornecimentos já punha outros problemas.

Ari não queria correr o risco de enviar os camiões cor de caqui para a doca, porque certamente atrairiam as atenções.

Quando o *Exodus* já estava quase completamente remodelado, passou a sair todas as noites furtivamente de Larnaca para uma enseada a algumas milhas de distância na baía Sul. Vinham até aqui camiões da 23.^a Companhia FJSMC carregados de abastecimentos do armazém britânico que eram depois passados para barcos de borracha; estes iam e vinham sem interrupção da costa para o navio até encher o *Exodus*.

Na cerca das crianças em Caraolos, Zev Gilboa executava a sua parte na «operação Gedeão». Escolheu cuidadosamente trezentos rapazes e raparigas dos mais fortes e levava-os por turnos para o pátio de recreio, onde os fortalecia por meio de exercícios e os ensinava a lutar com facas e paus, a usar pequenas armas e a atirar granadas.

Foram colocadas vigias em todo o pátio de recreio, que, ao verem uma sentinela inglesa, faziam sinal: então os jogos de guerra eram transformados em jogos de paz e em três segundos as crianças deixavam de praticar luta para começarem a cantar canções escolares. Os grupos que não trabalhavam no pátio de recreio estavam nas salas de aula aprendendo geografia da Palestina, bem como as respostas a dar às perguntas do Intelligence Service.

EXODUS 145

À noite, Zev levava-os a todos para o pátio de recreio, *faziam* uma fogueira, e ele e outros *palmachniks* contavam histórias e diziam às crianças como seria maravilhoso viver na Palestina e não por trás de arame farpado.

Surgiu uma dificuldade na «operação Gedeão», à qual deram origem os próprios colaboradores de Ari: David, Zev e Joab. Apesar de David ser uma pessoa sensível e dada ao estudo, quando se deixava entusiasmar tornava-se temerário. A primeira expedição ao armazém inglês tinha corrido tão bem que não só ele mas ainda Zev e Joab achavam que era um sacrilégio deixar lá ficar o que quer que fosse. David queria a todo o momento levar os camiões da 23.^a Companhia de Transportes ao armazém e tirar tudo o que não estivesse pregado ao chão. Zev encarava até a hipótese de trazer canhões. Tanto tempo tinha vivido sem coisa alguma que esta onda de fartura era uma tentação demasiado grande.

Ari argumentava que o excesso de ambição podia deitar por terra todos os planos. Os Ingleses dormiam, mas não estavam mortos. Os camiões da 23.^a Companhia de Transportes deviam aparecer só de tempos a tempos, para não darem nas vistas; tentar esvaziar por completo o armazém era um suicídio.

Não conseguiu, no entanto, detê-los nos seus planos, cada vez mais fantásticos. A ousadia de Joab chegou ao ponto de convidar alguns oficiais ingleses para almoçarem na 23.^a Companhia de Transportes. A paciência de Ari esgotou-se e recorreu à ameaça de os mandar a todos para a Palestina para serem (metidos na ordem).

Pouco mais de duas semanas após o começo da «operação Gedeão» estava tudo a postos. A fase final do plano o artigo de Mark Parker e a chegada das trezentas crianças a Cirénia aguardava indicação dos próprios Ingleses: a jogada final teria lugar quando estes abrissem os novos campos de refugiados na estrada de Larnaca e comesçassem a transferir pessoas de Caraolos.

CAPÍTULO XIX

Caldwell, o ajudante de Sutherland, entrou no gabinete do major Allan Alistair, chefe do Intelligence Service em Chipre. Alistair, um homem calmo no falar e de aspecto tímido, de uns 40 anos de idade, agarrou num maço de papéis que tinha na secretária e seguiu Caldwell até ao gabinete de Sutherland.

O brigadeiro pediu a Caldwell e Alistair que se sentassem e fez sinal ao funcionário do Intelligence Service para começar. Alistair coçou a ponta do nariz e olhou para os papéis.

A actividade dos Judeus na cerca das crianças em Caralos tem aumentado muitíssimo disse ele num murmúrio. Classificámo-la de possível tumulto ou sublevação. Impaciente, Sutherland bateu com os dedos no tampo da secretária. Alistair enervava-o sempre com os seus modos calmos e secretos. Alistair continuou a sussurrar mais uma quantidade de informações.

Meu caro major Alistair disse Sutherland quando ele acabou, esteve a ler durante quinze minutos e o tema do relatório é a sua suspeita de que os Judeus estão a preparar alguma terrível conspiração. Nos últimos quinze dias tentou introduzir três espiões dentro da cerca das crianças e cinco noutros pontos de Caralos. Todos foram descobertos ao fim de uma hora e corridos pelos Judeus. Acabou de ler duas páginas de comunicações que interceptou e não consegue decifrar e informa-me de que não conseguiu localizar o emissor que as transmitiu. Alistair e Caldwell entreolharam-se rapidamente, como que a dizer: «O velho está outra vez de mau humor.»

Se me dá licença, devo dizer-lhe respondeu Alistair, inclinando-se para a frente que grande parte das nossas informações são sempre de ordem especulativa. Todavia, temos fornecido dados concretos que não foram aproveitados. Sabemos, sem sombra de dúvida, que Ca-

EXODUS 147

raolos está infestado de gente do Palmach que dá instrução militar no pátio de recreio. Temos informações concretas de que os Judeus introduzem clandestinamente os seus agentes em Chipre num lugar próximo das ruínas de Salamina. Temos todas as razões para suspeitar que o grego Mandria está do lado deles

Com mil diabos, sei isso tudo! exclamou Sutherland.

Vocês esquecem-se de que a única coisa que impede esses refugiados de se tornarem numa turba selvagem é o facto de esses judeus lá estarem. Dirigem as escolas, os hospitais, as cozinhas e tudo o mais no campo. Além disso, mantêm a disciplina e limitam as fugas, deixando entrar e sair somente certas pessoas. Expulsem os Judeus da Palestina e vão ver o resultado!

Então contrate informadores disse Caldwell, e pelo menos saberão o que eles planeiam.

Não é possível comprar um informador judeu disse Alistair; são unidos como gémeos. De cada vez que pensamos ter arranjado um, leva-nos a um beco sem saída.

Então castiguem-nos ripostou Caldwell; atemorizem-nos com Deus.

Freddie! Freddie! Freddie! repetiu Sutherland consternado, acendendo o cachimbo. Não conseguimos fazer nada que amedronte essa gente. Têm passado a vida em campos de concentração. Lembra-se de Bergen-Belsen, Freddie? Acha que podemos fazer-lhes alguma coisa pior? O major Alistair começava a arrepender-se de ter pedido a Fred Caldwell que o acompanhasse. Não mostrava nenhuma elasticidade de pensamento.

Meu brigadeiro disse Alistair apressadamente, aqui somos todos soldados. Contudo, eu não seria sincero se lhe dissesse que está tudo calmo em Caraolos e que só temos de aguardar os acontecimentos.

Sutherland levantou-se, pôs as mãos atrás das costas e, pensativo, começou a passear pela sala. Tirou umas fumaças do cachimbo e bateu com a boquilha nos dentes.

A minha missão aqui em Chipre é manter estes campos em paz até que o nosso Governo decida o que tenciona fazer do mandato da Palestina Não nos vamos

arriscar a fazer coisa alguma que possa suscitar propaganda contrária.

Fred Caldwell estava irritado. Não compreendia por que razão Sutherland preferia ficar de braços cruzados até os Judeus provocarem distúrbios. Era uma atitude que excedia a compreensão.

Alan Alistair compreendia, mas não concordava; pelo contrário, preconizava um contra-ataque rápido para destruir quaisquer planos dos Judeus em Caraolos. No entanto, tudo quanto podia fazer era fornecer informações, competindo ao brigadeiro Sutherland agir como entendesse. Parecia-lhe que Sutherland estava a ser inexplicavelmente brando.

Mais alguma coisa? perguntou o brigadeiro.

Sim, mais um problema. Alistair folheou os papéis.

Gostaria de saber se o meu brigadeiro estudou o relatório sobre essa americana, Katherine Fremont, e sobre o correspondente Mark Parker...

Que se passa?

Bem, não sabemos ao certo se ela é amante dele, mas o facto de ter ido trabalhar em Caraolos coincide, sem dúvida alguma, com a vinda dele para Chipre. Factos passados dizem-nos que Parker tem tendências anti britânicas.

Que disparate! É um excelente repórter. Fez um esplêndido trabalho nos julgamentos em Nuremberga. Em tempos cometemos um grande erro na Holanda e ele descobriu-o e deu-lhe publicidade. É a sua profissão.

Não acha que temos razão para supor que é muito possível que a ida da Sr.a Fremont para Caraolos tenha como fim ajudar Parker a fazer uma reportagem sobre o campo?

Major Alistair, espero que, Se um dia for julgado por homicídio, o júri não decida enforcá-lo com base em provas como as que acaba de me apresentar. O rosto de Alistair estava salpicado de pequenas manchas vermelhas.

Acontece que a Sr.a Fremont é uma das melhores enfermeiras pediatras no Médio Oriente. Foi louvada pelo

EXODUS 149

Governo grego por ter levado a efeito uma obra notável num orfanato de Salónica isto vem no seu relatório.

Ela e Mark Parker são amigos de infância, o que o seu ” relatório também diz. E está também no seu relatório que o pessoal dos serviços sociais judaicos conseguiu convencê-la a trabalhar com eles. Diga-me, major Alistair: lê os seus relatórios, não é verdade?

Mas... senhor...

Ainda não acabei. Vamos pelo lado pior: suponhamos que as suas suspeitas têm fundamento, que a Sr.a Fremont está a colher informações para Mark Parker e que este escreve uma série de artigos sobre Caraolos. Meus senhores, estamos no fim de 1946... a guerra acabou há mais de ano e meio. As pessoas estão fartas de histórias de refugiados e não se impressionam com elas. O que as impressionaria seria a expulsão de Chipre de uma enfermeira e de um jornalista americanos. Meus senhores, a reunião terminou.

Alistair juntou rapidamente os seus papéis. Fred Caldwell estivera sentado, reprimindo a sua ira crescente. Pôs-se de pé de um salto.

Matemos uns judeuzecos para lhes mostrar quem é que manda!

Freddie!

Caldwell voltou para trás.

Se quer, arranjo-lhe uma transferência para a Palestina.

Os Judeus, lá, têm armas e não estão cercados de arame farpado Comem homens como você ao pequeno almoço.

Caldwell e Alistair desceram rapidamente até ao átrio.

Freddie estava irritado e resmungava em voz baixa.

Venha ao meu gabinete propôs Alistair.

Freddie atirou-se para uma cadeira. Alistair tirou uma faca de papel da secretária e pôs-se a passear pela sala enquanto batia com a faca na palma da mão.

Na minha opinião disse Caldwell , deviam deixar o velho gozar o seu título em paz e aposentá-lo.

Alistair voltou à secretária e mordeu os lábios, hesitante.

150 LEON URIS

Freddie, tenho andado a pensar nisto já há semanas
O Sutherland está insuportável. Vou escrever uma carta
pessoal ao general Tevor-Browne.

Caldwell levantou as sobrancelhas.

Isso é um bocado arriscado, meu velho.

Temos de fazer alguma coisa para que esta maldita
ilha não nos caia em cima. Você é ajudante de Sutherland.
Se me apoiar, garanto-lhe que isto não terá consequências
desagradáveis.

Caldwell estava farto de Sutherland, por seu lado,
Alistair estava ligado por laços de afinidade ao general
Tevor-Browne. Fez um sinal afirmativo.

E podia recomendar-me ao Tevor-Browne ..

Bateram à porta e entrou um cabo com outro maço
de papéis Entregou-os a Alistair e saiu do gabinete. Alistair
folheou-os e suspirou:

Como se eu não tivesse já bastante em que pensar!

Agora há um grupo de ladrões na ilha. São tão espertos
que nem sequer sabemos o que roubam.

O general Tevor-Browne recebeu o relatório urgente
e confidencial do major Alistair. A sua primeira reacção
foi chamar Alistair e Caldwell a Londres e proceder disciplinarmente
contra eles; depois pareceu-lhe que Alistair
não se teria arriscado a enviar semelhante carta se não
estivesse verdadeiramente alarmado.

A seguir os conselhos de Alistair no sentido de promover
uma busca em Caraolos para deitar por terra quaisquer
planos dos Judeus, Tevor-Browne tinha de agir imediatamente,
pois que, embora o não soubesse, Ari Ben Canaan
tinha já fixado o dia, a hora e o momento de fazer sair as
crianças de Caraolos. Os Ingleses tinham já anunciado
a conclusão das obras perto de Larnaca e dentro de dias
começaria a evacuação de muitas das cercas superlotadas
de Caraolos. Os refugiados seriam levados de camião a
uma média de trezentos a quinhentos por dia durante cerca
de dez dias. Ari escolheu o sexto dia como o dia indicado.
Não seriam usados túneis, caixas ou esgotos. Ari iria
simplesmente de carro até Caraolos, trazendo as crianças
em camiões britânicos.

EXODUS , 151

CAPÍTULO XX

Para ser entregue pessoalmente a Kenneth Bradbury
Chefe do Sindicato Americano de Notícias
Escritório de Londres

«Caro Brad.

*Esta carta e o relatório incluso sobre Chipre
ser-lhe-ão entregues por F. F. Whitman, piloto
das Linhas Aéreas Intercontinentais Britânicas.
O dia D da «operação Gedeão» está a cinco
dias de distância. Telegrafe-me imediatamente dizendo
se recebeu o relatório. Tenho-me guiado
somente pelo meu critério, mas acho que esta
história pode bem valer a pena.
No dia D telegrafar-lhe-ei. Se a assinatura for
MARK, significa que tudo correu como estava previsto
e pode publicar o artigo. Se estiver assinado
PARKER, não o faça, pois alguma coisa falhou.
Prometi a F. F. Whitman 500 dólares pela entrega
desta carta. Pague ao homem, por favor.*

Mark Parker.»

Mark Parker

Hotel Dome

Cirénia, Chipre

*«Tia Doroteia chegou Londres sem novidade
e todos gostámos muito de vê-la. Esperamos notícias
suas.*

Brad.»

O artigo de Mark encontrava-se a salvo no escritório
de Londres do S. A. N., para ser publicado no momento
oportuno.

Quando passou a trabalhar em Caraolos, Kitty mudou-se
do Hotel Dome para o Rei Jorge, em Famagusta.

152 LEON URIS

Mark decidiu continuar no Dome para estar em Cirénia quando o *Exodus* chegasse.

Mark tinha ido a Famagusta duas vezes para a ver, mas, de ambas, Kitty estava no acampamento. Mandria confirmou a impressão de Mark de que a pequena refugiada estava a trabalhar como ajudante de Kitty e que elas passavam o dia juntas. Mark preocupou-se. Kitty devia ter mais senso e não tentar, por intermédio desta rapariga, fazer reviver a filha morta. Mark achava isto mórbido. Também estava preocupado por” Kitty ter a seu cargo a missão de fazer sair de Caraolos documentos falsificados.

Faltavam só uns dias para a «operação Gedeão» entrar na fase final. A tensão perturbava Mark, e a estranha conduta de Kitty perturbava-o ainda mais. Marcou um encontro com ela no Hotel do Rei Jorge, em Famagusta. Ao dirigir-se para Famagusta ia com os nervos num feixe. Tudo corria com demasiada facilidade. Ben Canaan e o seu grupo faziam o que queriam e os Ingleses, que pressentiam que alguma coisa se passava, de maneira nenhuma suspeitavam de que houvesse estranhos metidos no assunto. Mark surpreendia-se com a subtilidade e habilidade de Ben Canaan e a coragem dos *palmachniks*.

A remodelação do *Exodus* e a instrução das crianças | tinham corrido perfeitamente. Seria, sem dúvida, o caso mais importante da sua carreira, mas, porque estava metido no plano, sentia-se deveras preocupado.

Chegou a Famagusta e arrumou o carro junto do Hotel do Rei Jorge, que se assemelhava ao Dome por ficar numa praia com terraços sobre o mar. Encontrou Kitty sentada a uma mesa olhando as águas.

Olá, Mark disse sorrindo e beijou-o na cara quando ele se sentou ao seu lado.

Mark pediu bebidas e acendeu um cigarro para si e outro para Kitty. Ela estava com um ar radioso e parecia dez anos mais jovem do que no primeiro dia em que se encontraram em Cirénia.

Devo dizer que és a própria imagem da felicidade disse Kitty aludindo à expressão azeda dele.

Chegaram as bebidas.

EXODUS 153

Estás sobre brasas por causa do grande momento?

Claro que não? ripostou ele.

Os seus olhos encontraram-se sobre os bordos dos copos. Kitty pousou rapidamente o seu.

Muito bem, Sr. Parker. Está aceso como um sinal de trânsito. Seria melhor que começasse a falar antes de explodir.

Que se passa contigo? Estás zangada? Já não gostas de mim?

Por amor de Deus, Mark. Não sabia que eras tão susceptível. Tenho trabalhado muito... Além disso, concordámos em que seria melhor não nos vermos muitas vezes durante as duas últimas semanas, não é verdade?

Dantes éramos amigos. Costumávamos trocar impressões.

Não sei que queres dizer.

Karen... Karen Clement Hansen. Uma pequena refugiada da Dinamarca, via Alemanha.

Não creio que haja nada a dizer...

Creio que há.

É simplesmente uma linda miúda, de quem eu, por acaso, gosto. É minha amiga e eu sou dela.

Nunca foste capaz de mentir muito bem.

Não quero falar nisso!

Estás a querer arranjar complicações. Da última vez acabaste com um marinheiro na cama. Desta vez creio que terás forças para te suicidar.

Os olhos dela afastaram-se do olhar penetrante de Mark.

Até há poucas semanas fui sempre tão sensata...

Queres então recuperar tudo de repente?

Ela pôs a mão sobre a dele.

Foi como se tivesse nascido novamente, o que é um disparate. Ela é uma rapariga tão fora do vulgar, Mark!

Que vais tu fazer quando ela entrar para o *Exodus*?

Segui-la até à Palestina?

Kitty esmagou o cigarro e bebeu o *cocktail*. Os olhos contraíram-se com uma expressão que Mark bem conhecia.

Que queres? Perguntou ele.

Ela não vai no *Exodus*. Pus essa condição ao ir trabalhar para Ari Ben Canaan.

Grande pateta... grande pateta, Kitty.

Cala-te disse ela. Não faças que isto pareça ainda mais disparatado. Tenho-me sentido só e sequiosa do tipo de afecto que esta rapariga tem para dar, e eu posso dar-lhe a compreensão e companhia de que ela precisa.

Tu não queres ser companheira dela. Queres ser sua mãe.

E se quiser? Não há nada de mal nisso.

Olha... Vamos deixar de gritar um ao outro., vamos acalmar-nos. Não sei o que imaginaste, mas provavelmente o pai dela está vivo. Se não estiver, tem família na Dinamarca. Em terceiro lugar... aquela pequena está envenenada como todos os outros: quer a Palestina. As feições de Kitty carregaram-se e os olhos tornaram-se outra vez tristes. Mark arrependeu-se.

Fiz mal em não a deixar ir no *Exodus*. Queria ficar com ela durante uns meses... ganhar toda a sua confiança... até ela estar convencida de que seria maravilhoso ir para a América. Se pudesse estar com ela uns meses, teria confiança em mim própria...

Kitty... Kitty... Kitty. Ela não é Sandra. Tens andado à procura de Sandra desde que a guerra acabou. Andaste à procura dela naquele orfanato de Salónica. Talvez fosse por essa razão que aceitaste o desafio de Ben Canaan, porque havia crianças em Caraolos, e pensaste que uma delas podia ser Sandra.

Por favor, Mark... não digas mais nada.

Está bem. Que queres que eu faça?

Descobre se o pai dela está vivo. Se não estiver. quero adoptá-la e levá-la para os Estados Unidos.

Farei o que puder disse ele. Avistou Ben Canaan, vestido de «capitão Caleb Moore», atravessando o terraço. Ari encaminhou-se rapidamente para a mesa dele e sentou-se.

Tinha o seu aspecto costumado, frio e sem expressão.

Logo que Kitty o viu, o rosto iluminou-se-lhe.

David acaba de me falar de Caraolos. Surgiu um

EXODUS 155

incidente que requer a minha atenção imediata. Acho que seria melhor vir comigo disse para Kitty.

Que se passa? perguntaram ao mesmo tempo Mark e Kitty.

Não sei ao certo. É sobre o Landau, o rapaz que faz as nossas falsificações. Está agora a trabalhar nos documentos de transferência para fazer sair as crianças. Recusa-se a continuar a trabalhar sem primeiro falar comigo.

Porque precisa então de mim? perguntou Kitty. A sua amiga Karen, a pequena dinamarquesa, deve ser a única pessoa capaz de falar com ele. Kitty empalideceu.

Precisamos de ter esses documentos prontos dentro de trinta e seis horas disse Ari. Podemos precisar de si para convencer Karen a falar com o rapaz.

Kitty levantou-se, vacilante, e seguiu Ari sem ver nada à sua frente. Mark sacudiu a cabeça tristemente e o seu olhar perturbado demorou-se por muito tempo na entrada, vazia.

CAPITULO XXI

Karen estava de pé na sala de aula que era o quartel-general do Palmach. Irritada, olhava para o rapaz de rosto suave, cabelo louro e aspecto meigo. Era um pouco baixo para 17 anos e a doçura era ilusória. Os olhos azuis eram frios e irradiavam dor, confusão e ódio. Estava de pé junto dos documentos e apetrechos que usava nas suas falsificações. Karen caminhou para ele e ameaçou-o com um dedo.

Dov! O que aconteceu e que fizeste? Ele franziu o lábio e resmungou.

Deixa de rosnar como um cão disse ela. Quero saber o que fizeste.

Ele piscou os olhos nervosamente. Não valia a pena discutir com Karen quando estava zangada.

Eu disse-lhes que queria falar com Ben Canaan.

156 LEON URIS

Porquê?

Vês estes papéis? São falsificações dos modelos ingleses mimeografados

. Ben Ami deu-me uma lista de trezentos nomes da nossa cerca para inscrever nestas folhas de transferência para o novo campo de Larnaca. Eles não vão para o novo campo. Está aí em qualquer parte um navio da Mossad que vai para a Palestina.

E então? Bem sabes que não duvidamos da Mossad ou do Palmach.

Desta vez duvido. O nosso nome não está nas listas. Não faço esses documentos se não nos deixarem ir também.

Tu não estás certo da existência do navio. E se existir e nós não formos nele, é porque lá têm as suas razões. Ambos temos que fazer aqui em Caraolos.

Não me interessa se precisam de mim ou não. Prometeram levar-me para a Palestina e hei-de ir.

Não achas que devemos alguma coisa a esses rapazes do Palmach por tudo o que têm feito por nós? Não tens a mínima parcela de lealdade?

O que têm feito por nós, o que têm feito por nós...

Ainda não sabes porque é que se esforçam tanto por fazer entrar judeus na Palestina? Pensas realmente que o fazem por amor a nós? Fazem-no porque precisam da gente para combater os Árabes.

E os Americanos e todos os outros que não estão em guerra com os Árabes? Porque nos auxiliam?

Eu digo-te porquê. Estão a pagar pelas suas consciências.

Sentem-se culpados porque não foram metidos em câmaras de gás.

Karen cerrou os punhos e os dentes e fechou os olhos para evitar exaltar-se.

Dov! Dov! Dov! Não conheces outra coisa além do ódio?

Dirigiu-se para a porta.

Dov correu para ela e impediu-lhe a saída.

Estás outra vez zangada comigo disse.

Estou, sim.

Tu és a minha única amiga, Karen.

Só queres ir para a Palestina para te poderes juntar aos terroristas e matar...Karen voltou para trás, sen-

EXODUS 157

tou-se a uma secretária e suspirou. Diante dela, no quadro preto, estava uma frase escrita a giz em letra de Imprensa: «*A Declaração Balfour de 1917 é a promessa britânica de uma pátria judaica na Palestina.*» Também eu quero ir para a Palestina murmurou ela. Desejo tanto ir que morreria por isso. O meu pai está lá à minha espera... Tenho a certeza de que está.

Volta para a tua tenda e espera lá por mim disse Dov. Ben Canaan está a chegar.

Depois de Karen ter saído, Dov passeou nervosamente pela sala durante dez minutos e a sua irritação crescia cada vez mais.

Abriu-se a porta. O vulto gigantesco de Ari Ben Canaan passou pela porta. Seguiam-no David Ben Ami e Kitty Fremont. David fechou a porta à chave.

Os olhos de Dov contraíram-se, desconfiados.

Não a quero aqui disse, referindo-se a Kitty.

Quero eu respondeu Ari. Começa a falar.

Dov piscou os olhos e hesitou. Sabia que não podia forçar Ben Canaan. Foi buscar as folhas mimeografadas das transferências.

Creio que virá a Chipre um navio da Aliyah Bet e que estes trezentos rapazes e raparigas vão nele.

Exactamente. Continua disse Ari.

Fizemos um pacto, Ben Canaan. Não arranjo estes papéis se não acrescentar o meu nome e o de Karen Clement a esta lista. É só isto.

Ari olhou de relance para Kitty.

Já pensaste, Dov, que mais ninguém sabe fazer o teu trabalho e que precisamos de ti aqui? disse David Ben Ami. Já te ocorreu que tu e Karen são mais úteis aqui do que na Palestina?

a si já lhe ocorreu que isso não me interessa nada? respondeu Dov.

Ari baixou os olhos para esconder um sorriso. Dov era duro, esperto e jogava forte. Os campos de concentração tornavam as pessoas mesquinhas.

Os trunfos estão na tua mão disse Ari. Inclui o teu nome na lista.

E Karen?

158 LEON URIS ”

Isso não fazia parte do nosso contrato.

Estou a propor um novo contrato.

O enorme vulto de Ari dirigiu-se para Dov ameaçadoramente.

Não gosto disso, Dov.

Dov recuou.

Pode bater-me! Já me bateram peritos em tortura!

Pode matar-me! Não tenho medo. Depois dos Alemães
não pode fazer nada que me assuste!

Deixa de me declamar propaganda sionista disse

Ari. Vai para a tua tenda e espera. Damos-te a resposta
dentro de dez minutos.

Dov abriu a porta e saiu a correr.

Malandresco! exclamou David.

Ari fez rapidamente sinal a David para sair da sala.

No momento em que a porta se fechou, Kitty agarrou
Ari pela camisa.

Ela não vai naquele navio! O senhor deu a sua
palavra! Ela não pode ir no *Exodus*!

Ari segurou-a pelos pulsos.

Não falarei consigo se não se dominar. Já temos
muito que fazer, mesmo sem mulheres históricas.

Kitty soltou as mãos com um repelão.

Ouçã disse Ari. Eu não podia prever isto.

Estamos a menos de quatro dias do fim. Aquele rapaz
tem-nos na mão e ele sabe-o bem. Não podemos fazer
nada se ele não arranjar documentos.

Fale com ele... prometa-lhe tudo, mas deixe ficar
aqui a Karen!

Falaria até à noite se pensasse que servia de alguma
coisa.

Ben Canaan... por favor... ele transige. Não vai
insistir na ida de Karen.

Ari abanou a cabeça.

Já vi centos de rapazes como ele. Não lhes resta
muito de humano. Só Karen faz que tenha ainda alguma
dignidade. Você sabe tão bem como eu que ele se manterá
fiel a essa rapariga...

Kitty apoiou-se ao quadro onde estavam escritas as
palavras «*A Declaração Balfour de 1917 é a promessa brí-*

EXODUS 159

tânica...» Encostando-se ao quadro, apagou involuntariamente uma parte da frase. Kitty sabia que Ben Canaan tinha razão: Dov Landau era incorrigível, mas não havia dúvida de que mantinha uma estranha lealdade para com Karen. Mark tinha dito bem, ela portara-se como uma tola.

Só há um processo disse Ari. Vá ter com essa rapariga e diga-lhe o que sente por ela. Diga-lhe as razões por que quer que ela fique em Chipre.

Não posso murmurou Kitty. Não posso.

Ergueu os olhos para Ben Canaan com uma expressão patética.

. Eu não queria que nada disto acontecesse disse Ari. Lamento, Kitty.

Era a primeira vez que ele lhe chamava assim.

Leve-me para junto do Mark disse ela.

Atravessaram o átrio.

Vai ter com Dov disse Ari a David e diz-lhe que aceitamos a proposta dele.

Quando Dov recebeu a notícia, correu para a tenda de Karen e entrou, excitadíssimo.

Vamos para a Palestina! gritou.

Oh! foi tudo o que Karen pôde dizer. Oh!

Temos de guardar segredo. Tu e eu somos os únicos na cerca das crianças que sabemos.

Quando vamos?

Daqui a alguns dias. Ben Canaan trará camiões e virão todos vestidos como os soldados ingleses. Vão fingir que nos levam para o novo campo próximo de Larnaca.

Oh, meu Deus.

Saíram da tenda, de mãos dadas. Dov olhou para o mar de tendas enquanto ele e Karen iam seguindo por entre as acácias. Caminharam lentamente para o pátio de recreio, onde Zev estava a ensinar uma classe de crianças a lutar à faca.

Dov continuou a andar sozinho ao longo da vedação de arame farpado. Viu os soldados ingleses fazendo sentinela, de um lado para o outro.

Lá em baixo, onde a vedação de arame farpado acabava, estava instalada uma torre, com uma metralhadora e um holofote.

160 LEON URIS

Arame farpado, espingardas, soldados...

Quando estivera ele longe do arame farpado? Fora há tanto tempo que era difícil recordar.

Arame farpado, espingardas, soldados. Dov ficou parado, a olhar. Existiria realmente outra vida para além daquilo? E seria possível recordar coisas passadas há tanto tempo? Há tanto, tanto tempo...

CAPITULO XXII

Varsóvia, Polónia. Verão de 1939.

Mendel Landau era um modesto padeiro de Varsóvia.

Comparado com o Dr. Johan Clement, ficava no pólo oposto do mundo tanto socialmente e financeiramente como intelectualmente. Na verdade, os dois homens não teriam tido absolutamente nada em comum senão o facto de serem ambos judeus.

Cada judeu tem de decidir em que termos quer estabelecer relações entre si próprio e o mundo à sua volta.

O Dr. Clement permaneceu até ao fim fiel aos ideais de assimilação. Mendel Landau, apesar de ser um homem humilde, tinha também posto o problema, mas chegara a conclusões inteiramente diferentes. Ao contrário de Clement,

Mendel Landau sentiu-se sempre um intruso.

Havia setecentos anos que os judeus da Polónia eram, de uma maneira ou de outra, sujeitos a perseguições, que iam desde maus tratos até ao extermínio em massa.

Originariamente os Judeus tinham vindo para a Polónia para fugir à perseguição dos Cruzados. Fugiram da Alemanha, da Áustria e da Boémia perante a espada que levava a cabo uma depuração «sagrada».

Mendel Landau, como todos os judeus polacos, sabia bem o que se seguira à fuga dos Judeus para a Polónia: foram acusados de assassinos rituais e de feitiçaria e eram odiados como competidores comerciais.

EXODUS 161

Uma série ininterrupta de atribulações atingiu o auge numa Páscoa, quando a população correu pelas ruas arrastando de suas casas todos os judeus e suas famílias e matando ali mesmo os que não aceitassem o baptismo.

Existia um imposto especial para os Judeus. Eram obrigados a usar um emblema de tecido amarelo para se distinguirem como raça à parte. Milhentos estatutos e leis visavam a supressão dos Judeus. Mudaram-nos para *ghettos* e construíram muros para os manter à margem da sociedade.

Nestes *ghettos* passou-se uma coisa estranha. Em vez de morrerem lentamente, a fé e a cultura dos Judeus tornaram-se mais profundas e o número de crentes multiplicou.

Isolados à força do mundo exterior, os Judeus voltaram-se cada vez mais para as leis de Moisés, onde buscavam orientação, e estas leis tornaram-se uma poderosa força de união entre eles. Dentro do *ghetto* governavam-se a si próprios e desenvolveram estreitos laços familiares e de comunidade que continuaram mesmo depois de os *ghettos* serem banidos.

O *ghetto* era apenas uma parte da maneira como os Judeus eram governados: estavam também proibidos por lei de possuir terrenos e de exercer um grande número de comércios e ofícios em que pudessem representar competição económica.

Os Judeus, apesar de encerrados nos seus *ghettos*, eram os bodes expiatórios de qualquer desastre que ocorresse na Polónia. E, periodicamente, turbas levadas por um ódio cego e alimentadas com o seu próprio medo entravam à força nos *ghettos*, matavam e chicoteavam os Judeus e destruíam as suas casas e haveres; chegou até o momento em que a agressão aos Judeus se tornou um passatempo aceitável, se não honroso, dos Polacos.

Quatro séculos de tormento atingiram o ponto culminante em 1648. Durante a sublevação cossaca foram mortos quinhentos mil judeus, e o frenesim dos assassinos era tal que frequentemente as crianças judias eram atiradas para fossos e enterradas vivas.

A Idade Média acabou na Europa Ocidental, mas continuou a pairar sobre os *ghettos* polacos. A colossal

E. - 11

162 LEON URIS

tragédia de 1648, bem *como* centenas de anos de constante perseguição, produziram estranhos fenómenos adentro das paredes dos *ghettos*.

Através da história judaica, sempre que os acontecimentos eram funestos e a esperança quase desaparecera, uma dúzia de homens intitulando-se a si próprios «messias» surgiam de entre o povo e proclamavam-se seus salvadores. Nos momentos desesperados que se seguiram aos massacres de 1648 apareceram novos «messias», cada um dos quais afirmava ter sido enviado para cumprimento das profecias de Isaías. Tinham todos muitos prosélitos. Com os messias vieram os místicos hebreus que se dedicavam a procurar explicações bíblicas para os séculos de sofrimento. Na sua ânsia de anunciar a salvação, os místicos elaboraram bizarras interpretações da Bíblia baseadas em misticismo, numerologia e simples vontade de acreditar. Esperavam, através do complicado sistema das cabalas, encontrar um caminho pelo qual Deus os afastasse da desolação da morte.

Enquanto uns se proclamavam messias e os cabalistas tentavam desvendar significados ocultos, surgiu nos *ghettos* uma terceira seita: os hasidins, que se retiravam das asperezas da vida normal e viviam somente para o estudo e a oração. Embrenhando-se na oração, conseguiam elevar-se da dolorosa realidade para o êxtase místico.

Os Messias, os Cabalistas, os Hasidins todos eram filhos do desespero.

Mendel Landau sabia-o Sabia também que houvera períodos de esclarecimento em que o sofrimento fora menor e as leis menos rígidas. A própria história da Polónia estava escrita a sangue. Os Polacos tinham lutado pela liberdade através de uma série de guerras, revoluções e jogos de força. No decorrer dos séculos as fronteiras da Polónia tinham sido frequentemente violadas e sempre existira a ameaça das invasões. Durante estas lutas dos Polacos os Judeus tinham pegado em armas e lutado ao seu lado, pondo acima do seu próprio interesse o interesse superior da nação.

Muito do que Mendel Landau sabia era agora história antiga. Estava-se em 1939 e a Polónia era uma repú-

EXODUS 163

blica. Ele e a família já não viviam num *ghetto*. Havia mais de três milhões de judeus na Polónia e constituíam uma parte vital da vida do país.

Mas a opressão não terminara com a implantação da república, tendo apenas mudado de grau. Havia ainda impostos desiguais, e humilhações de ordem económica pesavam sobre os Judeus. Continuavam a ser acusados por muitos polacos de causarem inundações quando chovia e secas quando não chovia.

O *ghetto* fora eliminado, mas para Mendel Landau qualquer lugar em que vivesse na Polónia era um *ghetto*. Era facto que viviam numa república, mas desde 1936 que Mendel Landau via perseguições e distúrbios anti-semitas em Brzesc, Czestochowa, Brzytyk, Minsk Mazowiecki, e conhecia os uivos dos rufiões que se especializavam em destruir as lojas dos Judeus e cortar-lhes as barbas.

E, assim, Mendel Landau e Johann Clement tinham chegado a conclusões diferentes. Depois de sete séculos na Polónia, Mendel Landau era ainda um intruso, e sabia-o.

Era um homem simples e bastante modesto. Lia, a sua mulher, era a mais simples das mulheres e uma mãe e esposa trabalhadeira e dedicada.

Mendel Landau queria deixar algo aos seus filhos como herança. Não tinha a fé dos hasidins na oração, nem acreditava em messias nem na numerologia da Cabala.

Mendel somente guardava os feriados judaicos, como muitos cristãos guardam a Páscoa e o Natal. Aceitava a Bíblia pelo seu valor histórico, mais como uma história do seu povo do que como base para culto. Assim, nem sequer podia oferecer aos seus filhos uma religião com profundas raízes.

O que Mendel Landau transmitiu aos filhos foi um ideal, ainda que remoto e com pouca viabilidade: o de os Judeus voltarem um dia à Palestina e restabelecerem o seu antigo Estado. Apenas como nação poderiam alguma vez encontrar a igualdade.

Mendel Landau trabalhava muito na sua profissão.

O seu mundo consistia em alimentar a família e dar-lhe abrigo, educação, vestuário e amor. Não acreditava, nos seus momentos de depressão, que alguma vez visse a Palestina, nem que os seus filhos a vissem. Mas acreditava no seu ideal.

Entre os judeus polacos, Mendel não era o único a pensar assim. Dos três milhões e meio que viviam na Polónia, havia centenas de milhares que seguiam a mesma estrela, e deles brotou a nascente do Sionismo. Havia sionistas religiosos, sionistas que eram trabalhadores manuais, pequenos grupos de sionistas militantes, e mercadores sionistas da classe média.

Por pertencer a um sindicato de comércio, a família de Mendel fazia parte de um grupo de trabalhadores sionistas; intitulavam-se Redentores. Toda a vida de convivência dos Landaus girava à volta dos Redentores. De tempos a tempos vinham oradores da Palestina que realizavam trabalho de recrutamento, traziam livros e panfletos, discutiam vários assuntos, organizavam espectáculos de canto e dança e conservavam uma fé inabalável na ideia que os guiava. Os Redentores, como outros grupos sionistas, dirigiam centros agrícolas onde ensinavam rapazes e raparigas a trabalhar na terra. E muito frequentemente enviavam um grupo para a Palestina para cultivar terra recentemente comprada.

A família Landau era constituída por seis membros:

Mendel e a sua mulher, Lia, e quatro filhos. O mais velho, Mundek, era um rapagão de 18 anos e padeiro também. Era um dirigente nato e chefe de uma secção dos Redentores.

Havia duas raparigas: Rute, de 17 anos, que era horrivelmente tímida, tal como Lia o fora, e amava Jan, também dirigente dos Redentores, e Rebeca, de 14 anos, e, finalmente, o pequeno Dov, o filho mais novo. Tinha 10 anos, era louro, de olhos grandes e ainda muito jovem para ser membro dos Redentores. Idolatrava Mundek, que, por condescendência, lhe permitia que o acompanhasse às reuniões.

EXODUS 165

1 de Setembro de 1939.

Depois de terem provocado uma série de incidentes na fronteira, os Alemães invadiram a Polónia. Mendel Landau e Mundek, o seu filho mais velho, ingressaram no exército.

A Wehrmacht alemã esfrangalhou a Polónia numa campanha que durou apenas vinte e seis dias. Mendel Landau foi morto numa batalha com mais trinta mil soldados judeus que vestiam o uniforme polaco.

Os Landaus não puderam dar-se ao luxo de prolongar por muito tempo a sua dor, pois estava-se numa época de perigo.

Mundek voltou da galante mais fútil defesa de Varsóvia como chefe da família Landau.

No momento em que os Alemães entraram em Varsóvia, os Redentores reuniram-se para discutir um plano de acção. Muitos jovens da Polónia mais optimistas do que realistas, pensavam que nada lhes aconteceria e adoptaram uma atitude de expectativa. Os Redentores e outros grupos sionistas da Polónia não eram tão ingénuos e não tiveram dúvidas acerca do perigo que representava a ocupação alemã.

Os Redentores e muitos outros grupos sionistas decidiram aliar-se e seguir uma linha de acção comum, vinculativa para todos; outros decidiram procurar a ilusória segurança da União Soviética, que tinha aproveitado a invasão dos Alemães para engolir a metade oriental da Polónia; outros iniciaram actividades secretas, e outros, ainda, trabalhavam na criação de caminhos de ferro clandestinos que lhes permitissem fugir.

Os Redentores decidiram ficar em Varsóvia, organizar a resistência dentro da cidade e manter contacto com os outros grupos redentores da Polónia. Mundek foi eleito chefe militar, apesar de não ter ainda 19 anos. Jan, o secreto apaixonado de Rute, foi feito 2.º comandante.

Assim que os Alemães assumiram o poder e Hans Frank se tornou governador, foram logo promulgadas leis contra os Judeus. O culto foi proibido; as viagens, limitadas; os impostos, aumentados. Os Judeus foram expulsos

166 LEON URIS

dos cargos públicos, proibidos de participar nas bichas e de frequentar lugares públicos e escolas.

Falava-se na reconstituição dos *ghettos*.

A par das leis restritivas, os Alemães iniciaram uma campanha de «esclarecimento» da população polaca, campanha que reforçou a opinião corrente de que os Judeus tinham sido os causadores da guerra.

Os Alemães acrescentavam que eles eram os responsáveis pela invasão alemã, pois que esta se destinara a salvar a Polónia dos «bolchevistas judeus». Varsóvia e outras cidades estavam cheias de cartazes em que se viam judeus de barbas violando freiras e outras cenas de «depravação» judaica. Encorajaram-se os cortes de barbas, a profanação de sinagogas e as afrontas públicas contra os Judeus.

Berlim, Alemanha.

Em Berlim, as altas esferas nazis estavam a braços com «o problema judaico». Apresentaram-se diversos pontos de vista. Heydrich, o chefe da SD, preconizava a manutenção dos Judeus como reféns, seguindo-se a sua deportação em massa. Schacht, o mago das finanças, preferia um escoamento gradual dos recursos pecuniários dos Judeus. Apresentaram-se e discutiram-se muitas sugestões e mereceu atenção especial um velho plano no sentido de enviar todos os judeus para a ilha de Madagáscar. Outros teriam preferido mandar os Judeus para a Palestina, mas o bloqueio britânico tornava esta solução impossível. O coronel Eichmann, da SS, havia muito tempo que se ocupava do problema da fixação dos Judeus. Nascera na Palestina e falava hebreu correntemente, parecendo portanto a pessoa indicada para resolver em definitivo o problema judaico. Estabeleceram-se quartéis-generais na Kurfiirstenstrasse, 46, e achou-se que, até se chegar a uma solução final, era necessário elaborar um plano provisório de fixação em massa. A maioria dos nazis concordou em que a Polónia era o lugar indicado para o estabelecimento dos Judeus Em primeiro lugar porque

ÊXODUS

já havia três milhões e meio de judeus na Polónia e em segundo porque se lhes depararia pouca ou nenhuma oposição pública, o que não aconteceria na Europa Ocidental.

Hans Frank, o governador alemão, pôs objecções a 'que despejassem mais judeus na Polónia. Tentara matar os judeus polacos à fome e tinha fuzilado e enforcado quantos tinha podido. Mas as altas esferas berlinenses passavam por cima das suas objecções.

Para apanhar os Judeus, os Alemães lançaram as suas redes por toda a Polónia. Grupos encarregados das rusgas entravam de roldão pelas aldeias e cidades mais pequenas e reuniam os Judeus sem aviso prévio. Eram encafuados em comboios de carga, frequentemente sem poderem levar nada consigo, e enviados para os grandes centros populacionais. Alguns judeus conseguiam antecipar-se às rusgas e fugiam ou tentavam comprar a sua entrada em casas cristãs; muito poucos polacos, contudo, corriam o risco de lhes dar abrigo. Outros extorquiam todos os tostões aos Judeus e depois entregavam-nos aos Alemães para receberem a recompensa.

Quando os Judeus já estavam «arrumados», foi publicada uma ordem determinando que todos usassem uma fita branca no braço com a estrela de David.

A Polónia não era a Dinamarca: os Polacos não se opuseram e os Judeus passaram a usar no braço a estrela de David que usavam também nas costas.

Varsóvia, Inverno de 1939.

Foram dias difíceis e amargos para a família Landau.

A morte de Mendel Landau, as perspectivas de ressurgimento dos *ghettos*, o programa de fixação alemão e a escassez de géneros tornavam-lhes a vida muito dura.

Uma manhã, no começo de 1940, bateram à porta da casa dos Landaus. Estava lá fora a Polícia Azul polaca, que colaborava com os Alemães. Sem rodeios informaram Lia de que tinha duas horas para emalar os seus haveres e mudar-se para outra secção de Varsóvia destinada aos

Judeus. Não pagariam qualquer indemnização pela casa e Lia quase não tinha tempo para juntar o que poupara em mais de vinte anos de vida conjugal. Os Landaus e restantes judeus de Varsóvia eram mandados para uma zona no centro da cidade, próximo da via férrea principal. Mundek e Jan fizeram a mudança rapidamente e conseguiram arranjar um prédio inteiro de três andares para servir de casa e quartel-general a mais de cem membros dos Redentores. A família Landau, constituída por cinco membros, tinha um único compartimento, mobilado com camas estreitas e duas cadeiras. A casa de banho e a cozinha eram utilizadas por mais dez famílias.

Os Judeus estavam comprimidos numa pequena área de doze quarteirões de comprimento, desde a Rua de Jerozolimska até ao cemitério e de menos de seis quarteirões de largura. Os Redentores ficavam no bairro dos fabricantes de escovas, na Rua de Leszno.

Lia conseguira juntar algumas jóias e valores que podiam vir a ser úteis mais tarde; de momento não tinham dificuldades financeiras, visto Mundek continuar a trabalhar como padeiro e os Redentores reunirem os seus recursos alimentares numa cozinha comum.

Varsóvia foi invadida por judeus das províncias Vinham em grandes bichas, transportando tudo o que lhes fora permitido trazer em sacos e carrinhos de mão. Desembarcavam de comboios de carga sucessivos no apeadeiro próximo do bairro judeu. A pequena área ficou superlotada.

A família de Jan veio viver com os Landaus, o que fez que passasse a haver nove pessoas no mesmo quarto.

O romance entre Rute e Jan tornou-se público.

Os Alemães ordenaram aos Judeus que criassem um conselho para governar a sua área; este, porém, depressa se transformou num instrumento nas mãos dos Alemães.

Outros judeus, que achavam melhor estar do lado dos Alemães, juntaram-se a uma força de polícia especial de judeus. A população da pequena área aumentou para mais de meio milhão de pessoas.

Em fins de 1940, um ano após a conquista da Polónia, os Alemães puseram muitos milhares de judeus em Bata-

EXODUS 169

lhões de trabalhos forçados. Em redor da área dos Judeus em Varsóvia foi construído um muro de tijolo de 3 metros de altura, em cima do qual foi colocado arame farpado.

As quinze saídas estavam guardadas por polacos azuis lituanos. O «*ghetto*» voltara à Polónia! Ao mesmo tempo cessaram quase todas as relações do *ghetto* com o mundo exterior.

Mundek, cujo emprego era fora, ficou desempregado.

As rações dentro do *ghetto* foram reduzidas a ponto de mal chegarem para alimentar metade da população. As únicas famílias que pareciam ter ainda a probabilidade de obter comida eram as que tinham «cartões de trabalho» e por se ocuparem num dos doze batalhões de trabalhos forçados.

O restabelecimento do *ghetto* encheu os Judeus de pânico. Alguns começaram a trocar as suas fortunas por alimentação e outros tentaram fugir para casas cristãs.

Mas muitas tentativas de fuga acabaram em morte ou traição da outra parte. A vida adentro do *ghetto* tornou-se gradualmente numa luta pela sobrevivência.

Mundek Landau surgiu como chefe. Devido à sua influência entre os Redentores, obteve licença do Conselho

Judaico para dirigir uma das poucas padarias do *ghetto*. Assim, através de uma contínua política de unidade, o seu grupo conseguiu continuar vivo e alimentar-se.

Nem tudo eram trevas dentro do *ghetto*. Uma excelente orquestra sinfónica dava concertos semanais, as escolas funcionavam convenientemente e surgiam pequenos grupos teatrais. Havia sempre vários debates e conferências.

Imprimia-se um jornal e o dinheiro do *ghetto* tornou-se um meio legal de troca. Realizavam-se serviços religiosos secretos. Os Redentores tiveram papel preponderante na criação e manutenção de todos estes serviços e actividades.

Apesar de o grupo Dov pretender ser um elemento muito activo dos Redentores, o resto da família Landau forçou-os a receber toda a instrução que pôde.

170 LEON URIS

Março de 1941.

Dezoito meses após a invasão da Polónia, a decisão final no sentido de resolver o problema judaico foi dada verbalmente por Adolfo Hitler. Seis semanas depois, Heydrich, o chefe da SD, anunciou a decisão do Fuhrer numa conferência secreta, em Gross-Wannsee, de oficiais da SS, SD e outros.

A solução final era o genocídio.

O coronel Eichmann, da SS, perito na questão da fixação dos Judeus, foi encarregado de os eliminar da face da Europa.

Meses depois, *Einsatzkommandos* comandos de acção foram mobilizados em *Einsatzgruppen* grupos de acção especial e invadiram a Polónia e os países bálticos e ocuparam território russo, em cumprimento da sua missão de genocídio. As primeiras arremetidas dos grupos de acção especial seguiam sempre o mesmo padrão: os Judeus eram reunidos, levados para um local isolado e forçados a cavar as suas próprias sepulturas. Despiam-nos, obrigavam-nos a ajoelhar ao lado das sepulturas e disparavam sobre eles.

As actividades dos comandos de acção especial culminaram na cidade russa de Kiev, num subúrbio chamado Baba Yar, onde, em dois dias, trinta e três mil judeus foram reunidos e fuzilados para dentro de enormes fossos.

Os *Einsatzgruppen* foram muito bem sucedidos porque não havia oposição das populações locais, que, até certo ponto, partilhavam dos sentimentos dos Alemães para com os Judeus. O massacre de Babi Yar foi levado a efeito no meio dos aplausos de muitos ucranianos.

Verificou-se, porém, que os métodos dos *Einsatzkommandos* não satisfaziam o plano geral do genocídio. Os fuzilamentos eram vagarosos e pouco eficientes. Além disso, os Judeus não morriam de fome em número suficientemente elevado.

Eichmann, Paul Blobel, Himmler, Streicher e dezenas de outros nazis de primeiro plano elaboraram então um programa magistral que requeria a selecção cuidadosa de locais isolados próximo das vias férreas e centros popu-

EXODUS

lacionais. Os campos a construir nestes locais seriam projectados pelos melhores engenheiros aos mais baixos preços, de maneira que as execuções pudessem ter lugar em larga escala.

”O pessoal principal dos velhos campos de concentração da Alemanha seria promovido e iria dirigir os campos recém-criados.

Inverno de 1941.

O *ghetto* de Varsóvia viu morrer gente em números que eclipsavam mesmo os dos fossos de Babi Yar. Milhares de pessoas morriam de fome e de frio. As crianças, demasiado enfraquecidas para chorar, morriam às centenas, e os velhos, demasiado enfraquecidos para rezar, morriam igualmente às centenas. Todas as manhãs as ruas do *ghetto* estavam juncadas de novos cadáveres. As equipas de sanidade andavam pelas ruas com pás e amontoavam os cadáveres em carrinhos de mão. Bebés, crianças, mulheres, homens: todos eram empilhados e levados para os fornos crematórios para serem queimados.

Dov tinha agora 11 anos. Quando a padaria de Mundeck foi fechada, deixou a escola para ir roubar comida. Mesmo grupos como os Redentores lutavam com terríveis necessidades. Dov aprendeu os estratagemas necessários para conseguir sobreviver num *ghetto*. Movia-se, escutava e agia com a astúcia de um animal manhoso.

A panela dos Landaus estava vazia grande parte do tempo. Quando ninguém da família nem os Redentores arranjavam que comer, Lia trocava por alimentos uma das suas jóias.

O Inverno foi longo e cruel. Numa ocasião em que já não comiam havia cinco dias, os Landaus tiveram finalmente uma refeição, dessa vez à custa da aliança de casamento de Lia. Nessa altura a sorte favoreceu-os, pois os Redentores conseguiram deitar mão de um cavalo. Era velho, cheio de ossos, -e constituía um alimento proibido pela sua religião, mas soube-lhes deliciosamente.

Rute tinha 19 anos. Quando se casou com Jan naquele Inverno estava demasiado magra para ser verdadeiramente bonita. Passaram a lua-de-mel no quarto que partilhavam com os outros quatro Landaus e três membros da família dele. Mas sem dúvida que o jovem casal encontrou ocasião para estar a sós, pois na Primavera Rute apareceu grávida.

Uma das principais tarefas de Mundek como chefe dos Redentores era manter-se em contacto com o exterior. Podiam subornar-se os guardas azuis polacos e os lituanos, mas Mundek achava que o dinheiro devia ser poupado para coisas mais importantes. Conseguiu arranjar maneira de entrar e sair secretamente do *ghetto* através dos canos de esgoto. Era perigoso ir a Varsóvia, porque os grupos de rufiões estavam constantemente à espera de judeus fugidos para os roubar ou denunciar e receber o dinheiro da recompensa.

Os Redentores tinham perdido cinco membros, apanhados fora do muro. O último capturado, entregue à Gestapo e depois enforcado, foi Jan, o marido de Rute. O pequeno Dov ia arranizando prudentemente novas formas de subsistência. Um dia propôs a Mundek desempenhar o cargo de correio utilizando os canos de esgoto.

A princípio, Mundek não quis ouvir falar nisso, mas Dov insistiu. O seu cabelo louro e olhos azuis faziam que fosse de todos o que menos parecia ser judeu e também seria o menos suspeito devido à sua idade. Mundek sabia que Dov era astuto e competente, mas o coração não lhe permitia deixar o irmão correr um risco tão grande.

Mas quando, dias depois, Mundek perdeu os seus sexto e sétimo correios, decidiu deixar Dov experimentar.

Mundek pensou que de uma maneira ou de outra todos brincavam diariamente com a morte. Lia compreendeu que ele tinha razão e não pôs objecções.

Dov deu provas de ser o melhor correio do *ghetto*.

Arranjou vários caminhos secretos que usava alternadamente e familiarizou-se com as águas fétidas, lamacentas e pútridas que corriam por baixo de Varsóvia. Dov fazia todas as semanas aquela viagem às escuras, através da imundície que lhe chegava aos ombros. Uma vez lá em

EXODUS 173

baixo dirigia-se para uma casa em Zabrowska, no n.º 99, onde vivia uma mulher que ele conhecia apenas por Vanda. Depois de comer uma refeição, voltava ao esgoto, levando consigo pistolas, munições, dinheiro, peças de rádio e notícias de outros *ghettos* e dos companheiros de luta.

Nos outros dias, Dov gostava de ficar no quartel-general dos Redentores, onde Mundek e Rebeca passavam a maior parte do tempo. A tarefa de Rebeca era falsificar autorizações para viajar e passaportes. Dov gostava de a ver trabalhar e em breve começou a ajudá-la. Não foi preciso muito tempo para descobrirem que Dov tinha uma habilidade notável para copiar e imitar. Tinha vista apurada e mão firme, e com 12 anos apenas tornou-se o melhor falsificador dos Redentores.

Primavera de 1942.

Os Alemães deram um passo importante para a «solução final do problema judaico construindo vários campos destinados a levar a cabo exterminações em massa.

Para esse efeito foram reservados aos judeus de Varsóvia 33 acres de terra num local retirado, chamado Treblinka.

Dois dos edifícios principais continham treze câmaras de gás. Havia aposentos para o pessoal alemão e enormes porções de terreno para queimar os cadáveres. Treblinka, um dos primeiros campos no género, foi o precursor dos modelos mais eficientes que se seguiram.

Julho de 1942.

Julho trouxe um dia de luto a todos os judeus, e especialmente aos dos *ghettos* da *Polónia*. Foi no dia do

Tisha B'Ab, um feriado anual hebreu evocativo da destruição dos Templos pelos Babilónios e Romanos em Jerusalém. A queda de Jerusalém, em poder dos invasores romanos quase dois mil anos atrás, determinara o fim da nação judia e originara a dispersão dos Judeus pelos quatro cantos do mundo. Desde esse dia, eram «Diáspora».

Em 1942, o dia Tisha B'Ab coincidiu com medidas importantes na «solução final» do problema judaico. Quando os judeus de Varsóvia lamentavam a sua sorte passada e presente, patrulhas alemãs irromperam pelo *ghetto* e pararam defronte do edifício onde estava instalado o Conselho Judaico. Aparentemente, os Alemães estavam apenas a recrutar mais gente para os batalhões de trabalhos forçados. Mas era indiscutível que desta vez algo de mais sinistro se passava, pois que eles apenas queriam pessoas velhas e muito jovens! O pânico alastrou pelo *ghetto* quando levaram os velhos e as crianças, muitas delas arrebatando-as às mães.

Reuniram-se na Umschlagplatz e marcharam depois para a Rua de Stawki, próximo da via férrea, onde os aguardava uma longa fila de vagões de carga. Formaram-se multidões estonteadas e horrorizadas; pais alucinados foram separados dos filhos pelas pontas das baionetas, e várias vezes os Alemães atiraram a matar.

As crianças riam e cantavam os guardas alemães tinham-lhes prometido um piquenique no campo, o que era um acontecimento! Muitas mal se lembravam de ter saído do *ghetto*.

Ao rodarem para Treblinka deparou-se-lhes a «solução final»! Com estes acontecimentos foi assinalado o dia de Tisha B'Ab em 1942.

Duas semanas depois, Dov Landau voltou de casa de Vanda com um relatório impressionante. Dizia-se nele que os judeus reunidos no dia Tisha B'Ab e nas cinco buscas subsequentes tinham sido mortos em câmaras de gás num local chamado Treblinka. Informações de vários outros *ghettos* referiam a existência de campos semelhantes já em funcionamento ou em preparação: Em Belzec e Chelmno, na área de Cracóvia, e em Maidanek, próximo da cidade de Lublin. O relatório acrescentava que se supunha estarem mais alguns campos em construção.

Assassínios em massa em câmaras de gás? Não era possível; Mundek, como chefe dos Redentores, teve uma reunião com os outros sionistas do *ghetto*; publicaram uma ordem conjunta decretando uma sublevação imediata e a saída do *ghetto*.

EXODUS 175

O apelo tinha mais valor emocional do que prático. Os Judeus não tinham com que lutar e, além disso, todos os que possuíam cartões de inscrição em batalhões de trabalho estavam convencidos de que tinham assegurada a sobrevivência.

A razão principal por que não podia organizar-se nenhuma insurreição provinha de não existir na Polónia apoio para ela fora dos *ghettos*. Em França, o Governo de Vichy tinha-se recusado terminantemente a entregar aos Alemães os judeus franceses. Na Holanda, o sentimento unânime de todos os cidadãos era no sentido de ocultarem os seus judeus. Na Dinamarca, não só o rei desobedecia às ordens alemãs como os seus súbditos tinham feito evacuar toda a população judaica para a Suécia, onde estaria em segurança.

Mas na Polónia, se os Polacos não tinham apoiado o extermínio dos seus judeus, também não tinham discordado dele, ou, se discordaram, não fizeram nada para o mostrar. Só uma minoria muito pequena de polacos dava asilo aos judeus fugitivos.

Adentro do *ghetto*, cada organização de judeus tinha a sua filosofia. Os religiosos discutiam com os trabalhadores, os conservadores com os esquerdistas. Os Judeus gostavam de discutir e no *ghetto* as discussões e debates sobre a existência tinham sido sempre um passatempo preferido. Mas agora atravessavam um período de enorme perigo. Os Redentores de Mundek juntaram os diversos grupos, formando um comando unificado; usavam as iniciais ZOB e tinham-se imposto a magna tarefa de salvar o resto dos judeus do *ghetto*.

Dov fazia viagens consecutivas a casa de Vanda, ao n.º 99 em Zabrowska. Em cada viagem através dos esgotos levava uma mensagem da ZOB para a resistência polaca, pedindo auxílio e armas. Muitas mensagens nunca obtiveram resposta e as poucas recebidas eram evasivas.

Durante todo aquele horrível Verão, em que os Alemães continuavam a reunir judeus para enviar para Treblinka, a ZOB trabalhou desesperadamente para evitar o extermínio total.

Um dia, no começo de Setembro, Dov fez uma viagem particularmente perigosa a Varsóvia. Ao sair da casa de Vanda foi reconhecido por quatro rufiões que o perseguiram até um beco sem saída e exigiram que lhes mostrasse documentos provando que não era judeu. Dov estava de costas para a parede, e os seus perseguidores cercaram-no para lhe despirem as calças e verem sinais da circuncisão – forma segura de identificar um judeu. Quando se preparavam para se lançar sobre ele, Dov tirou a pistola que ia levar para o *ghetto* e com ela matou um dos assaltantes e afugentou os outros. Escapuliu-se precipitadamente e depressa se encontrou a salvo nos esgotos.

De volta ao quartel-general dos Redentores, o rapaz deixou-se abater pelo terror do perigo passado. Mundeck tentou acalmá-lo. Dov sentia-se sempre muito bem junto do irmão. Mundeck tinha agora quase 21 anos, mas estava esquelético e sempre com ar fatigado: era um bom dirigente e trabalhava para além das suas forças. Tinha conservado quase intacto o grupo de Redentores e nunca se deixava abater. Os irmãos conversavam calmamente e Dov serenou. Mundeck passou o braço em volta dos ombros de Dov e foram do quartel-general para casa. Mundeck falou do filho de Rute que devia nascer dentro de semanas e de como seria maravilhoso para Dov ser tio. Claro que todos os membros dos Redentores seriam tias e tios do bebé, mas Dov seria um verdadeiro tio. Tinha havido muitos casamentos no grupo e havia já três bebés – todos novos Redentores. O filho de Rute seria o mais lindo de todos. As coisas corriam bem, dizia Mundeck a Dov, pois tinham encontrado outro cavalo e haveria festa rija. O susto de Dov passou. Quando chegaram ao cimo das escadas, Dov sorriu e disse a Mundeck que gostava muito dele.

Quando abriram a porta e viram a expressão de Rebeca, compreenderam que a desgraça lhes tinha batido à porta. Mundeck conseguiu finalmente que a irmã se acalmasse o bastante para poder falar.

«A mãe e a Rute» disse ela a chorar «foram levadas da fábrica. Invalidaram-lhes os cartões de trabalho e levaram-nas presas para Umschlagplatz.»

EXODUS 177

Dov voltou para a porta. Mundek agarrou-o. O rapaz gritava e dava pontapés.

«Dov! Dov! Não há nada a fazer!»

«Mãezinha! Mãezinha! Quero a minha mãezinha!»

«Dov! Dov! Não podemos lembrar-nos de que ela foi levada!»

Rute, grávida de oito meses, escapou às câmaras de gás de Treblinka. Morreu na agonia do parto e o seu filho morreu com ela num vagão de gado tão cheio que foi impossível a Rute deitar-se.

Em Treblinka, o coronel Wirth, da SS, comandante do campo, estava furioso. Tinha havido outra avaria no mecanismo das principais câmaras de gás e estava a caminho, vindo do *ghetto* de Varsóvia, outro comboio de carga cheio de judeus. E Wirth, que se tinha sentido tão orgulhoso por Treblinka bater o *record* de «tratamentos especiais» de todos os campos da Polónia! Os engenheiros informaram-no de que seria impossível ter as coisas em ordem antes de o comboio chegar de Varsóvia.

Para agravar a situação, tanto o coronel Eichmann, da SS, como o próprio Himmler andavam em inspecções. Wirth tinha planeado levar a efeito execuções especiais nas câmaras de gás em honra deles.

Foi forçado a reunir todos os camiões velhos e antiquados que pôde encontrar naquela área e enviá-los para o ramal ao encontro do comboio. Geralmente os camiões cobertos acomodavam somente vinte pessoas, mas tratava-se de um caso de emergência. Forçando as vítimas a levantar os braços sobre a cabeça, os Alemães conseguiam arranjar espaço para mais seis ou oito judeus. Descobriram que havia ainda várias polegadas entre os topos das cabeças e o tecto do camião, e neste espaço arrumaram mais oito ou dez crianças.

Enquanto o comboio se dirigia para um apeadeiro próximo de Treblinka, Lia Landau ia atordoada de dor com a perda da filha. Ela e outras trinta pessoas foram tiradas do vagão de gado e forçadas, com chicotes, cajados e cães, a entrar num dos camiões e levantar os braços bem alto; quando já estava absolutamente cheio, fecharam a porta de ferro. O camião pôs-se em movimento e segun-

E. - 12

178 LEON URIS

dos depois encheram-no de óxido de carbono. Quando os camiões entraram em Treblinka e pararam diante dos fossos, estavam todos mortos; os corpos foram descarregados e os dentes de ouro extraídos das bocas das vítimas.

Pelo menos Lia Landau enganara os Alemães, pois os seus dentes de ouro tinham já sido tirados havia muito e trocados por alimentação.

O Inverno aproximava-se de novo e as rugas dos Alemães tornavam-se cada vez mais frequentes.

Os habitantes do *ghetto* esconderam-se em abrigos subterrâneos, levando consigo tudo o que era de valor.

O número de abrigos, foi aumentando até existirem centenas deles ligados entre si por túneis.

As buscas dos Alemães, dos polacos azuis e dos lituanos apanhavam cada vez menos judeus para Treblinka.

Os Alemães começaram a irritar-se. Os abrigos subterrâneos estavam tão bem dissimulados que era quase impossível localizá-los. Por fim, o próprio comandante de

Varsóvia entrou um dia no *ghetto* para falar com o chefe do Conselho Judaico. Estava furioso e exigia que este ajudasse os Alemães a levar a cabo o programa de fixação dos Judeus, localizando os cobardes que fugiam ao «trabalho honesto». Havia mais de três anos que o Conselho Judaico era posto no dilema de executar as ordens alemãs ou tentar salvar o seu povo. Desta vez, pouco depois de os Alemães terem exigido colaboração, o chefe do Conselho suicidou-se.

Estava-se novamente no Inverno.

Os Redentores de Mundek foram encarregados de planear a defesa de uma parte do bairro dos fabricantes de escovas. Dov passava o tempo nos esgotos ou nos abrigos subterrâneos falsificando licenças para viajar. O facto é que as suas viagens secretas permitiam-lhe ter uma ou duas refeições decentes por semana em casa de Vanda. Quando saía do *ghetto* levava velhos e outros incapazes; quando entrava, trazia armas e peças de rádio.

Durante o Inverno de 1943 a percentagem de mortes tornou-se alarmante. Das quinhentas mil pessoas que ori-

EXODUS 179

ginariamente tinham sido mandadas para o *ghetto*, apenas existiam cinquenta mil no fim da guerra.

Um dia, em meados de Janeiro, antes de Dov descer aos esgotos, Mundek e Rebeca chamaram-no de parte.

. « Há muito tempo que não tínhamos oportunidade de estar sentados a conversar disse Mundek.

« Dov» disse Rebeca, «enquanto estavas em Varsóvia da última vez nós discutimos um assunto que te diz respeito e notámos o seguinte: que tu ficas fora do *ghetto*.»

« Têm algum trabalho especial para eu fazer?» perguntou Dov.

<(Não... não compreendes.»

«Que queres dizer?»

« Queremos dizer» disse Rebeca «que decidimos que certos membros fiquem para sempre fora daqui.»

Dov não compreendia. Sabia que os Redutores precisavam dele. Ninguém em toda a ZOB conhecia os caminhos dos esgotos tão bem como ele. E se a ZOB estava a preparar-se para organizar a defesa, seria mais útil do que nunca. Além disso, os documentos e as licenças para viajar que falsificava tinham permitido a mais de cem pessoas sair da Polónia. Dov olhou interrogativamente para os irmãos.

Rebeca meteu um envelope nas mãos de Dov.

« Tens aí dinheiro e documentos. Fica com a Vanda até ela encontrar uma família cristã com quem possas viver.»

« Vocês não votaram isso. Essa ideia é tua e do Mundek. Não vou.»

«Vais, isto é uma ordem» disse Mundek.

«Não é uma ordem» respondeu Dov.

«É uma ordem minha como chefe da família Landau!»

Estavam os três de pé na pequena sala térrea. Não

« ouvia um ruído.

« É uma ordem» repetiu Mundek.

Rebeca passou os braços em volta de Dov e afagou-lhe o cabelo louro.

. _ « Estás crescido, Dov. Não temos tido muitas ocasiões para te« amimar, pois não? Tenho-te visto entrar cen-

180 LEON URIS

tenas de vezes nos esgotos e trazer-nos comida roubada
Não te demos uma infância muito boa»

«A culpa não é vossa.»

«Dov» disse Mundek. «Por favor, não nos negues
o que te pedimos. Não te temos dado muito, deixa
que tentemos dar-te a vida.»

«Mundek, Rebeca. Nada disso tem importância,
contanto que esteja convosco.»

«Por favor... por favor... compreende-nos. Um
dos membros da família Landau tem de viver. Queremos
que tu vivas por nós todos.»

Dov olhou para o irmão que ele adorava. Os olhos
de Mundek imploravam.

«-Compreendo» balbuciou Dov. «Viverei.»

Olhou para o embrulho e meteu-o numa lona para
não se molhar nos esgotos. Rebeca apertou com força a
cabeça dele contra o seu peito.

«Encontrar-nos-emos em Eretz Israel» disse.

«Sim... na Terra de Israel.»

«Foste um bom soldado, Dov» disse Mundek

Tenho orgulho em ti. *Shalom, I'hitraot.*-»

«*Shalom, I'hitraot*» repetiu Dov.

Dov Landau passou o seu 13.º aniversário nos esgotos
por baixo de Varsóvia caminhando lentamente e com o
coração tão oprimido que parecia despedaçar-se.

18 de Janeiro de 1943.

Três dias depois de Dov ter saído do *ghetto* para casa
de Vanda, que temporariamente oferecia segurança, os
Alemães, os polacos azuis e os lituanos convergiam para
o *ghetto*. Restavam apenas cinquenta mil judeus, pelo que
pretendiam reuni-los e dar execução à última fase da
«solução final».

Os Alemães e seus apaniguados receberam uma saraivada
de balas das trincheiras da ZOB. Fugiram, registando
muitas mortes.

As notícias alastraram por Varsóvia como fogo!

Os Judeus estavam a organizar uma revolta, dizia-se

EXODUS 181

Naquela noite todos os ouvidos de Varsóvia estavam à escuta da rádio clandestina da ZOB, que repetia continuamente o apelo «Polacos nossos irmãos! Hoje vibrámos um golpe contra a tirania! Pedimos a todos os irmãos que estão fora do *ghetto* que se levantem e ataquem o inimigo! Juntem-se a nós!»

O apelo caiu em ouvidos de surdos. Mas no quartel-general da ZOB, na Rua de Mila, foi içada a bandeira com a estrela de David. A seu lado flutuava a bandeira da Polónia. Os judeus do *ghetto* tinham decidido lutar até à morte sob aquela mesma bandeira que lhes fora negada em vida.

CAPITULO XXIII

Os Alemães irritaram-se por terem sido expulsos do *ghetto*. Konrad, o chefe da Gestapo encarregado da segurança do *ghetto*, garantiu a Hans Frank, o governador da Polónia, que o assunto estaria arrumado dentro de dois ou três dias. Anteriormente tinha sido dito aos Polacos que os Judeus eram cobardes; agora dizia-se-lhes que a luta fora provocada por loucos e tarados sexuais os mesmos que violentavam as raparigas polacas.

A ZOB assumiu o *controle* do *ghetto* e dissolveu o Conselho Judaico. Os seus filiados exerceram represálias sumárias e cruéis sobre aqueles que sabiam ser colaboracionistas e voltaram às suas posições defensivas.

Hans Frank decidiu não se meter na boca do lobo atacando o *ghetto*; os Alemães resolveram não dar importância ao ataque de que tinham sido alvo. Ordenaram ao povo do *ghetto* que se apresentasse, a fim de se discutir a colonização voluntária, e garantiram que seria dado tratamento conveniente em troca de «trabalho honesto».

A ZOB publicou uma ordem proibindo os Judeus de aceder ao pedido alemão: os que o fizessem seriam fuzilados.

Não estavam dispostos a mudar mais uma vez de local.

Após duas semanas de silêncio, os Alemães enviaram mais uma vez patrulhas para recrutar judeus. Desta vez

vinham armados até aos dentes e moviam-se *com* extrema cautela. De posições cuidadosamente preparadas, a ZOB abriu fogo e os Alemães fugiram do *ghetto*.

Os nazis decidiram rever o assunto. A imprensa e a rádio alemãs estavam indignadas com os bolchevistas judeus que causavam todas estas dificuldades. Enquanto os Alemães se lamentavam, a ZOB reforçava o seu sistema defensivo e continuava a pedir desesperadamente auxílio às forças da Resistência polaca. Tornou o seu apelo extensivo ao público em geral, mas não recebeu nem armas nem auxílio, e apenas uma meia dúzia de voluntários atravessou os muros do *ghetto* para combater.

Os Alemães planearam um ataque esmagador para eliminar de vez o que restava do *ghetto*. Para o ataque foi escolhido um dia no princípio da Páscoa o feriado judaico comemorativo do êxodo dos Judeus do Egipto, sob o comando de Moisés.

Às três da manhã, três mil soldados SS, dos melhores, acompanhados de polacos azuis e de lituanos, cercaram o *ghetto*. Inúmeros holofotes entrecruzaram-se em busca de possíveis alvos para os morteiros e artilharia leve dos Alemães.

Ao amanhecer a SS lançou-se ao assalto dos muros. Convergindo de vários lados, penetraram até bem ao centro do *ghetto*, sem encontrar resistência.

Então, de barricadas ocultas, de cima das casas, das janelas, homens e mulheres da ZOB fizeram fogo à queima-roupa sobre os Alemães, desprevenidos. Pela terceira vez os nazis fugiram precipitadamente do *ghetto*.

Cegos de fúria, os Alemães voltaram com tanques, que foram recebidos com uma saraivada de garrafas de gasolina que os transformaram em caixões em chamas. Impossibilitados de se servir dos tanques, as tropas da SS alemã foram forçadas a fugir novamente, deixando, desta vez, várias centenas de mortos nas ruas.

Os combatentes da ZOB saíram a correr dos seus esconderijos e tiraram-lhes as espingardas e os uniformes.

Konrad foi demitido e chamaram o general Stroop, da SS, para assumir o comando. Ordenaram-lhe que

arrasasse o *ghetto* completamente, de forma que nunca mais ninguém ousasse desafiar o poderio dos nazis. Stroop organizou sucessivos ataques em dias seguidos. Para cada um utilizava uma estratégia diferente e os ataques partiam de várias direcções. Os ataques e as patrulhas tiveram todos o mesmo destino: foram repelidos casa por casa, sala por sala, degrau por degrau, pelos membros da ZOB, que lutavam como loucos e se recusavam a ser capturados vivos. Bombas feitas em casa, armadilhas ingênuas, contra-ataques violentos, simples coragem eis o que expulsava os Alemães do *ghetto* de todas as vezes que lá entravam. Passaram dez dias e os nazis estavam sedentos de desforra. Prepararam um ataque ao único hospital do *ghetto*: entraram, dispararam sobre os doentes, dinamitaram o edifício e anunciaram ter destruído o quartel-general da ZOB. As equipas da ZOB vestiram-se com os uniformes dos soldados alemães que tinham morto e aproveitaram este disfarce para armar emboscadas ao inimigo. Uma vez e outra saíam do *ghetto*, atacando os Alemães pela retaguarda e invadindo os seus arsenais. Os Alemães continuaram os seus ataques e, pela sua frequência e armas que empregavam, os resultados começavam a fazer-se sentir. A ZOB não podia substituir os soldados caídos; uma vez perdida uma posição defensiva, tinha de arranjar novas trincheiras; não podia renovar as munições tão depressa como as gastava. Mas, mesmo com a força do seu lado, os nazis não conseguiam instalar-se no *ghetto*. A ZOB principiou a avisar muitos dos judeus que não estavam incorporados em unidades de combate para que fugissem para Varsóvia, pois não havia espingardas suficientes para todos. Usando um uniforme roubado, Mundek dirigiu um ataque à Prisão Pawiak e libertou os reclusos. O prazo de três dias que Konrad garantira ser suficiente para pôr tudo em ordem já ia em duas semanas. No décimo quinto dia após o primeiro assalto alemão Rebeca Landau estava a combater num edifício no bairro dos fabricantes de escovas, a alguns quarteirões de distância do quartel-general dos Redentores. Um tiro de morteiro matou todos menos ela. Sob o fogo contínuo, as

184 LEON URIS

paredes do edifício ruíram e foi forçada a sair para a rua. Quando os Alemães se aproximaram e lhe cortaram todas as possibilidades de retirada, meteu a mão debaixo do vestido e tirou uma granada de mão. Correu para três alemães e puxou o gancho, matando-se a eles e a si própria.

Três semanas depois, Strop foi obrigado a mudar de tática. Tinha sofrido pesadas perdas e a propaganda nazi não conseguia ocultar por mais tempo a corajosa defesa dos Judeus. Strop fez retirar as suas tropas, reforçou o cerco em volta do *ghetto* e decretou o estado de sítio. Trouxe artilharia pesada, que disparou para o *ghetto* quase à queima-roupa, numa tentativa de arrasar todos os edifícios que os Judeus tinham usado tão bem como posições defensivas. À noite, bombardeiros *Heinkel* encheram a área do *ghetto* de bombas incendiárias.

Mundek voltou ao abrigo subterrâneo dos Redentores depois de uma reunião dos membros da ZOB. Ele e os seus combatentes estavam meio mortos de fadiga, fome e sede e muitos tinham queimaduras graves. Reuniram-se em volta dele.

« A artilharia alemã arrasou quase todos os edifícios.

Os que ficaram de pé estão em chamas» disse.

« Conseguiram estabelecer contacto com a Resistência polaca?»

« Sim... entrámos em contacto com eles, mas não nos auxiliarão. Não podemos esperar comida, munições ou água além das que temos. As nossas comunicações estão quase cortadas. Em resumo, meus amigos, já não podemos combater de acordo com um plano estabelecido cada abrigo subterrâneo tem de se defender sozinho. Tentaremos manter contacto com a ZOB por intermédio de mensageiros, mas cada um de nós planeará e executará as suas próprias emboscadas e encontros com os nazis.»

« Quanto tempo poderemos aguentar isto, Mundek?

Só nos restam trinta pessoas, treze pistolas e seis espingardas.»

|

Mundek sorriu.

« A Polónia inteira resistiu apenas vinte e seis dias

Mais do que isso já nós fizemos.»

EXODUS 185

Mundek escolheu os seus guardas, racionou a pouca comida que ainda existia e indicou os locais que a patrulha da madrugada devia guardar.

Ryfka, uma das raparigas, pegou num acordeão desconjuntado e começou a tocar uma canção doce e lenta.

Naquele compartimento húmido e lamacento, 3 metros abaixo da terra, o que restava dos Redentores entoou cânticos, numa mistura de vozes estranhas e nostálgicas.

Eram canções aprendidas em crianças em reuniões dos Redentores, canções que diziam que a terra da Galileia em Eretz Israel era bela, o trigo crescia nos campos e o vento vergava suavemente as espigas. Num subterrâneo do *ghetto* de Varsóvia cantavam canções sobre os campos da Galileia que sabiam nunca chegar a ver.

«Alerta!» gritou uma sentinela ao ver uma figura solitária saindo das chamas e dos escombros.

As luzes apagaram-se e o abrigo ficou às escuras e em silêncio. Bateram uma pancada em código. A porta abriu-se e tornou a fechar-se e as luzes acenderam-se novamente.

«Dov! Pelo amor de Deus! Que fazes aqui?»

«Não me mandes outra vez embora, Mundek!»

Os dois irmãos abraçaram-se e Dov chorava. Como sabia bem ter novamente os braços de Mundek em volta de si! Todos se juntaram em redor de Dov enquanto ele transmitia as notícias trágicas e decisivas de que a Resistência polaca estava absolutamente decidida a não intervir e que a opinião pública polaca se desinteressava da revolta.

«Quando voltei» disse Dov «os esgotos estavam cheios de pessoas amontoadas no lodo. Estão demasiado fracos para se levantarem e não têm para onde ir.

Ninguém os quer em Varsóvia.»

E assim o pequeno Dov voltou ao *ghetto*. Passou-se com ele a mesma coisa estranha que se verificou com outros: por toda Varsóvia e arredores, os judeus que tinham conseguido fugir e viver como cristãos principiavam a regressar ao *ghetto* para tomar parte no último combate.

Tinham chegado à conclusão de que era um privilégio Poder morrer com dignidade.

Finalmente, o furioso bombardeamento cessou. Acabaram-se os tiros.

Stroop entrou novamente com as suas tropas da SS mas desta vez estavam senhores da situação. Os Judeus não tinham posições defensivas, nem comunicações ou planos pré-estabelecidos, nem comida, nem água ou armas quase nenhuma. Os Alemães actuavam sistematicamente, liquidando uma secção de cada vez e destruindo os abrigos onde estavam as munições com tiros de canhão e lança-chamas até os arrasar completamente.

Tentaram arduamente capturar gente para, pela tortura, conhecerem a localização exacta dos armazéns de munições, mas os combatentes da ZOB preferiam ser queimados vivos a render-se.

Os Alemães abriram as tampas dos canos de esgoto e encheram-nos de gás venenoso, e em breve as águas lamacentas estavam cheias de cadáveres.

Apesar de tudo, os membros da ZOB continuavam a lutar. Quando viam uma patrulha alemã, saltavam dos abrigos em incursões rápidas e mortíferas; grupos suicidas lançavam-se para uma morte certa. Como consequência, o número de feridos nazis ia aumentando, até que atingiu os milhares.

Stroop prosseguia sem descanso. Quanto aos Judeus, tornaram-se ineficazes como força combativa, prosseguindo na luta apenas por instinto.

A 14 de Maio, Mundek organizou uma reunião dos doze Redentores que restavam do seu grupo. Deu-lhes dois caminhos à escolha: ou ficar e lutar até ao último homem, ou tentar os esgotos, por onde Dov os dirigiria até estarem em segurança e, porventura, alcançarem uma unidade partidária. Dov convenceu Mundek de que podia trabalhar nos esgotos que estavam a ser envenenados com gás.

Pôs-se a caminho, mas, à medida que se aproximava »de Zabrowska, o instinto dizia-lhe que alguma coisa fora do comum se passava. Ultrapassou o edifício: a sua óptima vista enxergou uma dezena de homens que vigiavam o

EXODUS 187

n.º 99 de diferentes pontos altos. Dov não sabia se Vanda teria sido levada pela Gestapo, mas era fora de dúvida que o local deixava de ser seguro.

Era já noite alta quando voltou ao *ghetto*. Mesmo para ele foi difícil localizar o abrigo, pois não restavam ruas nem edifícios, mas apenas destroços. À medida que se aproximava sentia o cheiro, que já se lhe tornava familiar, de carne queimada. Meteu-se por um subterrâneo e acendeu uma vela. A sua luz vacilante iluminava debilmente as paredes. Dov percorreu o abrigo de um extremo ao outro, ajoelhando-se e baixando a vela sempre que se lhe deparava um corpo, Jactos dos lança-chamas tinham carbonizado de tal maneira os corpos, ainda fumegantes, que não conseguia identificá-los, nem mesmo o do seu querido irmão Mundeck.

A 15 de Maio de 1943 a rádio da ZOB transmitiu a sua última mensagem :

«Fala-vos o *ghetto* de Varsóvia! Por amor de Deus, ajudem-nos!»

Em 16 de Maio de 1943 tinham decorrido quarenta e dois dias desde o primeiro ataque dos Alemães ao *ghetto* e quatro meses desde a revolta da ZOB e expulsão dos nazis. O último gesto do general Stroop fora mandar dinamitar a grande sinagoga na Rua de Tlamatzka, que durante muito tempo simbolizava o Judaísmo na Polónia. Assim como o Templo de Salomão caíra em poder dos Romanos, também a Sinagoga de Tlamatzka caía agora. Os Alemães anunciaram que o problema do *ghetto* de Varsóvia estava definitivamente resolvido.

A devastação fora absoluta: em toda a área do *ghetto* não restavam senão destroços. Stroop anunciou que tinham sido encontradas dezasseis pistolas e quatro espingardas e, ainda, que as ruínas dos prédios constituíam material aproveitável. Não havia prisioneiros.

Mesmo com este massacre meticuloso por excelência havia combatentes da ZOB que se recusavam a morrer. A batalha continuou entre os escombros: os judeus que tinham conseguido sobreviver começaram a encontrar-se uns aos outros e a formar grupos de dois e três que de noite atacavam as patrulhas nazis. Os Alemães e os pó-

188 LEON URIS

lacos azuis juravam que o *ghetto* estava povoado de fantasmas.

Dov encontrou mais seis judeus. Percorreu os depósitos de munições um a um até obterem armas para todos

Mudaram várias vezes de local, mas por toda a parte se viam mortos e pairava o mesmo cheiro terrível. À noite, Dov guiava-os através dos esgotos e, uma vez lá fora, assaltavam armazéns de víveres.

Os Judeus revoltaram-se em muitos outros lugares da Polónia, mas as suas insurreições tiveram todas o mesmo destino. O apoio não era suficiente, chegava demasiado tarde ou não vinha sequer.

Durante o dia, Dov e os seus companheiros ficaram num subterrâneo acabado de fazer; durante cinco longos e pungentes meses nem Dov Landau nem qualquer dos seus camaradas viu a luz do dia. Um a um foram morrendo todos três foram mortos numa ida a Varsóvia, dois suicidaram-se, outro morreu à fome.

Só Dov sobreviveu. No fim do quinto mês, uma patrulha alemã encontrou-o quase morto não parecia sequer um ser humano. Reanimaram-no o suficiente para o arrastarem para a Gestapo, a fim de ser interrogado. Os interrogatórios acabavam invariavelmente em pancada, mas a Gestapo não conseguiu nada dele. Dov Landau, de 13 anos de idade, mensageiro do *ghetto*, rato dos esgotos e dos escombros, perito em falsificações, foi enviado para um novo local. Era ele Auschwitz!

CAPÍTULO XXIV

Dov Landau foi levado num vagão aberto com mais sessenta judeus. A Gestapo recusava-se a crer que ele tivesse sobrevivido sem auxílio exterior durante cinco meses entre as ruínas do *ghetto* de Varsóvia. Estava-se no pino do Inverno e o comboio dirigia-se para o sul, atravessando os campos gelados, a caminho de Auschwitz

EXODUS 189

Berlim, Alemanha, 1940.

O tenente-coronel Karl Höss, da SS, entrou no gabinete do coronel Eichmann, encarregado de resolver em definitivo o problema judaico. Eichmann mostrou a Höss o magistral plano que constituía o expoente máximo da inspiração conjunta dos chefes nazis.

A Europa inteira estava atravessada por uma rede de campos de concentração e prisões políticas em todos os países ocupados havia instituições da Gestapo. Uma outra rede de trezentos campos ia de lado a lado da Europa.

Metade desses campos estava reservada aos Judeus.

O tenente-coronel Karl Höss estava impressionado com a complicada planificação do genocídio.

Apesar de todos estes campos e seus locais terem sido cuidadosamente escolhidos, os autores do plano previam que iam ter entre mãos um problema difícil, e por esta razão chamaram Höss a Berlim. Sabiam que teriam uma enorme dificuldade em conseguir manter campos de extermínio na Europa Ocidental, sobretudo dada a localização da Polónia mais ou menos a meio dos Balcãs e países da Europa Ocidental. Era necessário criar um campo grande e de importância decisiva, que servisse de «modelo mestre». Além dos judeus de quem queriam desfazer-se, havia ainda russos, franceses e outros prisioneiros de guerra; membros da Resistência, inimigos políticos de países ocupados, fanáticos religiosos, especialmente católicos; ciganos, criminosos, maçons, marxistas, bolchevistas e alemães que falavam de paz, liberalismo, sindicalismo, ou derrotismo. Havia agentes estrangeiros suspeitos, prostitutas, homossexuais e muitos outros elementos indesejáveis.

Todos estes tinham de ser eliminados para tornar a Europa um lugar adequado aos arianos.

Um campo tal como aquele em que Eichmann falava incluiria toda esta gente. Eichmann disse a Höss que seria recompensado pela sua fidelidade ao regime com o comando do novo campo e apontou-lhe no mapa uma pequena cidade polaca próximo da fronteira checa: uma Cidade chamada Auschwitz.

190 LEON URIS

O comboio que transportava Dov Landau para o sul, a caminho de Auschwitz, parou em Cracóvia, um cruzamento ferroviário. Num ramal dos subúrbios juntaram muitas mais carruagens ao comboio. Para dar execução ao plano de fixação dos Judeus vinham vagões de gado transportando judeus da França e Grécia, vagões de carvão com judeus da Jugoslávia e Holanda, vagões abertos de madeira com judeus da Checoslováquia e Itália. Fazia um frio penetrante; as rajadas de vento e neve fustigavam Dov, que apenas tinha a protegê-lo uma camisa rota e um pouco do calor dos corpos à sua volta

Berlim, Alemanha, 1940-1941

Quando os nazis escolheram Höss para comandante do campo de Auschwitz, o maior de todos os centros de aniquilação e uma verdadeira fábrica de extermínio, conheciam bem o seu calibre. Höss tinha atrás de si uma longa carreira de campos de concentração, iniciada em 1934 com a subida de Hitler ao poder. Mais recentemente fora 2.º comandante do campo de concentração de Sachsenhausen. Höss era um homem metuculoso e metódico, que executava as ordens sem discutir e que, além disso, não se importava de trabalhar arduamente. Na área de Auschwitz, 20 000 acres de terra foram limpos de herdades e aldeias e cercados. Na realização do importante projecto tomaram parte os melhores construtores, engenheiros, cientistas e peritos em transportes e as melhores tropas de choque. Birkenau, a 2 milhas do campo principal de Auschwitz, foi escolhida para a instalação das câmaras de gás. Birkenau estava bem isolada e tinha uma linha de caminhos de ferro própria. Optou-se pelo local devido à sua acessibilidade por via férrea para quem viesse da Europa Ocidental, da Europa Oriental ou da Europa do Sul. A pequena cidade de Auschwitz não tinha nada de notável e ficava situada numa bacia de eterna lama à entrada da região mineira da Silésia. Ao criarem estes campos, os nazis tiveram de vencer fortes objecções dos seus próprios colegas. O exército ale-

EXODUS, 191

mão necessitava de todas as vias férreas e material rolante de que pudesse deitar mão para fazer a guerra na frente oriental e considerava uma insensatez utilizar vias férreas em bom estado para acarretar judeus através da Europa. Mas os nazis estavam tão obstinados que a solução final do problema judaico era tão importante como a condução da guerra. O caso foi exposto a Hitler, que tomou posição ao lado da SS, SD, Gestapo e outros elementos nazis contra os altos comandos do exército alemão.

Höss assumiu o comando de Auschwitz e partiu para Treblinka, a fim de estudar os métodos de extermínio. Chegou à conclusão de que o comandante de Treblinka, o coronel Wirth, da SS, era um armador desajeitado. As execuções em Treblinka eram levadas a cabo com óxido de carbono, o que era ineficaz, as máquinas estavam sempre avariadas e gastavam gasolina que fazia falta. Além disso, Wirth não procedia metodicamente e não ludibriava os Judeus, pelo que estes se revoltavam constantemente. Finalmente, pensou Höss, se apenas podiam executar-se trezentas pessoas de cada vez, é porque Treblinka tinha sido mal planeada.

Quando abriram as câmaras de Birkenau, em Auschwitz, Höss fez experiências minuciosas com os prisioneiros «convidados». Ele e os seus cientistas concluíram que o Cyclon B, um ácido prússico, servia admiravelmente os seus intentos. Encomendou enormes quantidades dele à Companhia Internacional de Insecticidas de Hamburgo. As câmaras de Birkenau foram projectadas para levar três mil pessoas de cada vez, e com condições atmosféricas favoráveis podiam exterminar-se diariamente dez mil pessoas com a maior facilidade.

O comboio que transportava Dov Landau tinha agora quase cinquenta carruagens. Parou na cidade de Chraznow, a última antes de Auschwitz. Um quinto dos passageiros já tinham morrido. Várias centenas de outras pessoas estavam congeladas de encontro às paredes das carruagens e não podiam mover-se sem dilacerar a carne dos braços ou das pernas. Muitas mulheres atiravam os filhos à via férrea e gritavam aos camponeses, surpresos, que os levas-

192 LEON URIS

sem e escondessem. Os mortos foram retirados e empilhados em seis novas carruagens que foram acrescentadas ao comboio. Dov, apesar de estar em más condições físicas, mantinha-se atento. Sabia exactamente o que tinha a esperar e sabia que, se havia ocasião em que a inteligência podia ser-lhe útil, era agora. O comboio continuava a rodar: faltava uma hora para chegarem a Auschwitz.

Auschwitz, 1941-1942.

Höss trabalhava no aperfeiçoamento do sistema de Birkenau. Primeiro planeou meios de enganar as vítimas que as conservariam calmas até ao fim. Lindas árvores, relvados e canteiros de flores foram colocados em volta, das casas onde estavam instaladas as câmaras de gás. Por toda a parte havia tabuletas em muitas línguas dizendo: «Centro de Sanidade». Além disso, dizia-se às vítimas que iam ser inspeccionadas e tomar um duche antes de lhes darem novo vestuário e partirem para os campos de trabalho de Auschwitz ou arredores. Por baixo e em redor das câmaras de gás tinham construído quartos de vestir, arranjados de novo. Havia cabides com números para pendurar a roupa. Diziam a todos que «se recordassem do seu número». Cortavam o cabelo «para efeitos de limpeza» e pediam às vítimas que tirassem os óculos antes de entrarem para o duche. Davam a todos uma barra de sabão com um número e faziam-nos marchar nus, em grandes grupos de três mil, através de grandes corredores. A ladear estes havia grandes portas que se abriam, mostrando enormes «salas de duche».

Muitos dos «convidados» estavam demasiado entorpecidos para compreender o que se passava e entravam calmamente nas casas de banho. Outros começavam a examinar a barra de sabão e viam que era feita de pedra ou descobriam que os chuveiros eram fêgidos e não havia escoamento para água.

EXODUS 193

Frequentemente, estabelecia-se o pânico em poucos segundos, mas os Alemães estavam a postos com tropas que agrediam e chicoteavam os renitentes, obrigando-os a voltar às «salas de duche».

Trancavam as portas de ferro. Atiravam para cada «sala de duche» uma lata ou duas de Cyclon B e em dez ou quinze minutos tudo se tinha consumado.

Vinham então os *Sonderkommandos* grupos de limpeza constituídos pelos próprios prisioneiros, que despejavam as câmaras de gás e levavam os corpos para os fornos crematórios. Os dentes de ouro e os anéis eram derretidos e enviados para Berlim. Muitas vezes, os crânios de formato mais interessante eram guardados para serem vendidos aos Alemães para pisa-papéis.

As tropas de choque davam pouca atenção às fotografias de família ou cartas de amor que encontravam nos forros, onde muitas vezes havia jóias escondidas. Frequentemente encontravam crianças entre a roupa e enviavam-nas ao «duche» seguinte.

Höss era bom para as suas tropas. Quando chegava a Birkenau um comboio de carga grande recompensava-os do trabalho com rações extraordinárias e genebra. O seu sistema actuava com uma grande eficiência e ele nunca se mostrava irritado. Nem mesmo quando o coronel Eichmann descarregou em Auschwitz um quarto de milhão de judeus húngaros praticamente sem o avisar ele se perturbou.

Höss instava com os seus cientistas e engenheiros para maior eficiência e menos gastos. Os seus arquitectos tinham planeado vários melhoramentos: uma câmara de gás com um sobrado que subia hidraulicamente, como um elevador, até ao andar onde estava situado o forno crematório, e melhoramentos destinados a aumentar a capacidade de Birkenau para quarenta mil execuções por dia.

O maior problema em Birkenau era o de dar saída aos cadáveres. Primeiro levavam-nos directamente das câmaras de gás para campos abertos e enterravam-nos em fossos, cobrindo-os de cal. O cheiro, porém, tornou-se

e < - 13

insuportável. As tropas da SS forçaram os *Sonderkommandos* judaicos a queimar primeiro os corpos e a esmagar os ossos. Mesmo assim chegaram à conclusão de que queimar os corpos em campo aberto produzia mau cheiro, e construíram fornos crematórios interiores.

O comboio que trazia Dov Landau passou por Auschwitz e parou no apeadeiro de Birkenau.

CAPÍTULO XXV

Dov estava meio morto de fome e transido de frio, mas os anos de constante contacto com o perigo e a morte tinham-lhe aguçado o instinto; assim, mesmo no estado em que se encontrava, estava vigilante. Ele sabia que na hora seguinte se decidiria a sua vida ou morte. As portas dos vagões de gado e de carga abriram-se e Dov ouviu vozes ásperas e guturais dando ordens. As pobres vítimas arrastaram-se para uma longa plataforma e deparou-se-lhes uma fileira de tropas de choque munidas de varapaus, chicotes, pistolas e cães ferozes que davam esticões às trelas. Os chicotes estalavam no ar frio e arrancavam gritos de dor, os *casse-têtes* batiam com um ruído surdo nos crânios e as pistolas disparavam sobre os que estavam demasiado fracos para caminhar.

Formou-se uma bicha, com a largura de quatro pessoas, a todo o comprimento da plataforma que se dirigia a uma grande sala da estação. A bicha comprimia-se e avançava com passo lento mas firme.

Dov olhou em volta. À esquerda estavam os comboios. Para lá dos comboios, do lado de fora da estação, via uma fileira de camiões à espera. Os camiões não eram fechados, por isso não podiam ser camiões para envenenamento com gás. À direita, passando a fileira de guardas»

Dov via os relvados e as árvores muito bem tratadas, em volta das câmaras de gás construídas em tijolo. Analisou o formato dos edifícios e as suas chaminés em cone e

concluiu que a área à sua direita continha câmaras de extermínio.

A bicha continuava a avançar. Uma náusea nascida do medo assaltou-o. Um homem cambaleou e caiu e não conseguiu levantar-se. Soltaram dois cães e o homem foi feito em pedaços. Os seus gritos fizeram estremecer Dov. Esforçou-se por se controlar: sabia que não devia mostrar medo.

A bicha entrou para a sala e foi dividida em quatro, dirigindo-se cada uma das novas bichas para uma secretária.

A cada secretária estava sentado um médico alemão, tendo à sua volta vários guardas e assistentes. Dov fixou a atenção na secretária em frente de si, tentando compreender o que se passava. O médico examinava rapidamente cada pessoa e depois ordenava-lhe que tomasse uma das três direcções.

A primeira dava para uma saída no lado direito da sala. Dov principiou a contar: sete em cada dez pessoas eram enviadas nessa direcção. Eram sempre velhos ou crianças ou pessoas de más condições físicas. Como supunha que os edifícios à direita eram câmaras de gás, Dov concluiu que os que eram enviados pela saída da direita iam ser mortos imediatamente.

A segunda saída ficava do lado esquerdo da sala e conduzia ao exterior, onde a fileira de camiões aguardava. Cerca de duas pessoas em cada dez seguiam naquela direcção e todas pareciam gozar de boa saúde. Dov pensou que iriam enviá-las para o campo de trabalho.

A porta da direita significava, portanto, morte e a da esquerda vida!

Havia ainda um terceiro grupo. Eram principalmente raparigas, algumas das quais muito belas. Vários adolescentes receberam ordens para se juntarem a este grupo.

Dov teve a certeza de que as raparigas seriam usadas como prostitutas e os rapazes nas práticas homossexuais dos oficiais alemães.

Respirou fundo por várias vezes, à medida que a sua fila avançava. Estava um monte de ossos e sabia que não tinha muitas probabilidades de ser enviado pela saída da esquerda, para o campo de trabalho.

196 LEON URIS

Na bicha do lado, uma mulher gritou e meia dúzia de guardas saltaram sobre ela, atiraram-na ao chão e arrancaram-lhe as saias. A mulher tinha tentado esconder uma criança.

«À direita... à direita... à direita... à direita...»

ordenava continuamente o médico às vítimas.

Dov Landau parou diante da secretária. >

O médico levantou os olhos e fitou-o

«Sai pela direita» disse.

Dov sorriu suavemente.

«Está enganado, doutor» disse Dov com infi- ”

nita calma. «Sou perito em falsificações. Escreva o seu nome nesse pedaço de papel e verá.»

O médico encostou-se para trás, pasmado. A frieza de Dov impressionou-o tanto mais que era evidente que ele sabia o que o esperava. O jovem tinha interrompido a monótona marcha da morte. O médico atentou nele e um sorriso irónico passou-lhe pelos lábios. Dois guardas agarraram Dov e começaram a arrastá-lo para a saída.

«Esperem» ordenou o médico. Olhou novamente para Dov e mandou-o voltar-se. O rapaz estava a usar um estratégia inteligente. Esteve prestes a repetir-lhe que saísse pela direita, mas a curiosidade levou a melhor. O médico escreveu o seu nome num bloco de papel.

Dov escreveu seis vezes a assinatura e restituiu o bloco.

«Qual foi a que o senhor escreveu?» perguntou

Dov.

Os guardas espreitaram por cima do ombro do médico e olharam-se surpreendidos. O médico tornou a examinar Dov e depois segredou qualquer coisa a um guarda, que saiu

«Fica aqui deste lado» disse o médico.

Dov ficou de pé junto da secretária e observava a fila de pessoas que se aproximavam dele. Viu-os ser condenados à razão de quatro por minuto. Dov olhou para os olhos dos guardas, para os seus *casse-têtes* e para os cães que rosnavam. Deitou uma olhadela à saída da direita e com voz trémula pôs-se a assobiar baixinho.

Passaram cinco minutos. Passaram dez. A bicha parecia não ter fim.

EXODUS 197

O guarda voltou com outro homem, que Dov pensou ser oficial importante, pois tinha o peito cheio de medalhas.

O médico entregou o bloco de papel com as assinaturas ao oficial, que as analisou atentamente.

«Onde aprendeste isto?» perguntou o oficial.

« No *ghetto* de Varsóvia.»

«Que espécie de trabalho fazes?»

«Passaportes, licenças para viajar, qualquer espécie de documentos. Sou capaz de imitar seja o que for.»

«Vem comigo.»

Dov passou pela porta da esquerda. Ao entrar no carro, em direção a Auschwitz sobre o Meno, recordava as palavras de Mundek: «Um dos Landaus tem de sobreviver a isto.» Momentos depois, o carro ultrapassava o portão principal de Auschwitz. Sobre a entrada do campo havia uma tabuleta que dizia: «O trabalho liberta.»

O acampamento principal ficava num sítio que chafurdava em lama. Sucediavam-se hectares de tendas de madeira, separadas umas das outras por vedações de arame farpado de alta tensão.

Estes milhares de tendas forneciam mão-de-obra a alguns trinta campos menores. Os prisioneiros vestiam uniformes de riscas pretas e brancas e usavam distintivos de cor no braço esquerdo e no peito. Cor-de-rosa era a cor dos homossexuais, preta a das prostitutas, verde a dos criminosos, violeta a dos clérigos, vermelha a dos russos e polacos; os judeus usavam a tradicional estrela de David. Dov recebeu outro distintivo em Auschwitz: um número tatuado no antebraço esquerdo. Dov Landau era agora um judeu de uniforme de riscas pretas e brancas com o n.º 359 195.

«O trabalho liberta.» Dov Landau celebrou o seu 14.º aniversário em Auschwitz e o seu presente fora a vida. Tinha tido sorte porque, de entre todas aquelas dezenas de milhares de prisioneiros de Auschwitz, o pequeno grupo de falsificadores de Dov estava entre o escol. A sua secção foi encarregada de gravar e imprimir notas falsas de um e cinco dólares para uso dos agentes alemães nos países "ocidentais.

Depois de uma curta estada em Auschwitz, Dov pensava se não teria sido melhor ter morrido em Birkenau.

Os prisioneiros eram subalimentados, trabalhavam até à exaustão e deitavam-se em prateleiras para dormir cinco horas por noite. As doenças grassavam. Os presos eram torturados, levados à loucura, agredidos e aviltados, e cometiam-se no campo todas as atrocidades concebidas pelo homem.

Todas as manhãs eram encontrados dezenas de prisioneiros enforcados com os cintos ou que se tinham lançado à clemência do arame de alta tensão. As varas de açoitar estavam em uso constante e os presos eram chamados por uma lista para serem fustigados publicamente.

A colónia penal vivia em celas negras e alimentava-se de vegetais muito salgados, que provocavam uma sede inextinguível

No bloco X o Dr. Wirth usou mulheres como cobaias, o Dr. Schumman esterilizou por castração e raios X, Clauberg extraiu ovários e o Dr. Dehring fez dezassete mil «experiências» cirúrgicas sem anestésico.

Auschwitz era isto e este o presente de vida que Dov Landau recebera. «O trabalho liberta.»

«Um dos Landaus tem de sobreviver a isto», dissera Mundek. Como era Mundek? Dov mal se lembrava. E Rute ou Rebeca, ou os seus pais? Não conseguia recordar-se absolutamente nada do pai. As recordações tornavam-se cada vez mais confusas, até não se lembrar de nada além da morte e do terror, e não sabia que existisse vida sem morte e sem terror.

Passou um ano. Os comboios chegavam e partiam de Birkenau. As mortes nos campos de trabalho em volta de Auschwitz provocadas pela tortura, pela doença e pela fome eram quase tão assustadoras como as de Birkenau. De uma maneira ou ;de outra, Dov conseguiu conservar sanidade mental e instinto animal suficientes para sobreviver.

Mesmo neste, que era o mais escuro de todos os buracos, havia ainda alguns raios de esperança. Havia a orquestra da prisão. Existia um movimento clandestino florescente

EXODUS 199

tinham um posto rádio-receptor. Mesmo aqui um homem podia encontrar maneira de se aproximar de uma mulher.

Verão de 1944.

Corria por toda Auschwitz uma nova e estranha vaga de agitação. Frequentemente os prisioneiros olhavam para o céu e viam bombardeiros russos, e a rádio clandestina começou a relatar derrotas dos Alemães. A esperança, ainda que ténue, abriu caminho através da lama e da tortura. Cada nova vitória dos aliados punha os guardas alemães num frenesim mortífero, a ponto de os prisioneiros quase recearem as derrotas alemãs. Em Birkenau a actividade tornou-se ainda mais intensa e as câmaras de gás actuavam quase consecutivamente.

Outono de 1944.

Acreditava-se agora que a Alemanha ia perder a guerra estava a ser derrotada em todas as frentes. Mas à medida que perdia nos campos de batalha aumentava o apetite de extermínio. O coronel Eichmann usava todos os meios ao seu alcance para levar a bom termo a sua missão de genocídio.

Outono de 1944.

Os *Sonderkommandos* de Birkenau organizaram uma revolta feroz na qual um dos fornos crematórios foi dinamitado.

Todos os dias havia notícias de novas revoltas em que os *Sonderkommandos* agarravam nos guardas da SS e nos seus cães e os atiravam para os fornos crematórios. Por fim, foram executados todos os *Sonderkommandos* e foi requisitado a Auschwitz um novo grupo.

Entre a espada e a parede, Eichmann tomou uma última atitude: transferiu para Birkenau, para serem exterminados, vinte mil judeus, a nata da sociedade judaica.

que tinham estado sob protecção no campo checo de Theresientadt.

O número de judeus mortos em Birkenau subia sem descanso, até que atingiu quase um milhão de polacos, cinquenta mil alemães, cem mil holandeses, cento e cinquenta mil franceses, cinquenta mil austríacos e checos, cinquenta mil gregos, duzentos e cinquenta mil búlgaros.] italianos, jugoslavos e romenos, e outro quarto de milhão de húngaros.

Todos os dias, durante a corrida macabra para a aniquilação total, eram requisitados mais *Sonderkommandos*.

Novembro de 1944.

O compartimento em que se faziam as falsificações foi subitamente encerrado em Auschwitz e foram todos enviados para Birkenau, para trabalharem como *Sonderkommandos*.

A nova tarefa de Dov era esperar no corredor das câmaras de gás até a execução acabar. Ele e outros *Sonderkommandos* mantinham-se ali até passarem os gritos

de agonia e as frenéticas pancadas nas portas de ferro.

Esperavam outros quinze minutos até o gás se dissipar.

Então abriam as portas das câmaras de gás. Dov tinha de servir-se de cordas e ganchos para desemaranhar a horrível confusão de braços e pernas e arrastá-los para fora, para serem expedidos para o forno crematório. Após ter tirado os corpos, tinha de entrar na câmara, limpá-la e prepará-la para a nova leva de vítimas que já estavam a aprontar-se nos vestiários.

Durante três dias, Dov trabalhou nesta tarefa sangrenta.

As suas forças estavam minadas e até aquela obstinada e arrogante vontade de viver que o tinha feito andar para diante parecia desvanecer-se. Receava o momento em que a porta de ferro da câmara se abria e ele ficava frente a frente com a confusão de cadáveres, receava-o mais do que as recordações do *ghetto* ou dos esgotos.

Sabia que não poderia suportar aquele horrível espectáculo muito mais vezes.

EXODUS 201

Então aconteceu uma coisa espantosa!

Os Alemães ordenaram que os fornos crematórios fossem desmantelados e se fizessem ir pelos ares as câmaras de gás! Os aliados avançavam do ocidente e os Russos do oriente. Os nazis faziam agora esforços histéricos para ocultar os seus crimes. Por toda a Polónia se abriram os fossos com cadáveres e se esmagaram e espalharam os ossos. Os transportes, de que havia tanta falta, foram utilizados em levar os Judeus para a Alemanha.

22 de Janeiro de 1945.

O exército russo entrou em Auschwitz e Birkenau e libertou-os. A orgia do assassinio acabara. Dov Landau, de 15 anos de idade, foi um dos cinquenta mil judeus polacos que, de entre três milhões e meio, escapou com vida. Cumprira a promessa feita a seu irmão.

CAPITULO XXVI

Os médicos do exército russo que examinaram Dov ficaram surpreendidos por ele ter conseguido sobreviver aos anos de privação e castigos sem ficar a sofrer de males crónicos. Estava fraco e enfezado e nunca teria grande resistência, mas com os cuidados convenientes poderia gozar de uma saúde razoável..

A lesão originada no seu espírito era outro assunto.

Uma força indómita mantivera-o vivo, mas agora, que podia descansar, após seis anos de tensão constante, um sem-número de recordações percorria-lhe o cérebro de dia e de noite. Tornou-se apático e caiu em melancolia e o seu estado mental aproximou-se da ténue fronteira que separa os sãos dos loucos.

O arame farpado foi deitado abaixo, as câmaras e os fornos desapareceram, mas as recordações não queriam abandoná-lo. O horrível cheiro parecia pairar sempre sobre

202 LEON URIS

ele. Quando olhava para o braço com o número tatuado a azul revivia aqueles pavorosos momentos em que as portas da câmara de gás eram escancaradas. Uma vez e outra imaginava a sua mãe e a sua irmã Rute a serem tiradas de uma câmara idêntica em Treblinka. Uma vez e outra teve a sensação de pegar na vela trémula que iluminava os corpos carbonizados nos subterrâneos de Varsóvia e de procurar reconhecer o de Mundek. Via sem descanso os crânios que os Alemães usavam para pisa-papéis como sendo os de sua mãe e irmã.

Os judeus que ficaram em Auschwitz amontoavam-se em várias barracas. Dov não podia compreender que existisse um mundo de vivos sem depravação e tortura. Um mundo com alimentação, conforto e amor estava fora do seu alcance. Mesmo as notícias da rendição alemã não

provocaram cenas de alegria em Auschwitz, pois já não havia alegria para festejar a vitória.

As recordações de Dov Landau transformaram-se em ódio. Lamentava que as câmaras de gás tivessem desaparecido porque não podia evocar filas e filas de tropas alemãs da SS e os seus cães empurrados para elas.

A guerra acabara, mas ninguém sabia ao certo que fazer ou para onde ir. Varsóvia ficava a 250 quilómetros e as estradas estavam obstruídas, com refugiados. Mesmo que Dov chegasse a Varsóvia, que faria? O *ghetto* era um monte de destroços, e os pais, irmãs e Mundek tinham todos desaparecido estavam todos mortos. Dia após dia, Dov sentava-se à janela sem dizer palavra. Olhava para a mortalha que envolvia os campos da Silésia.

Um a um os judeus de Auschwitz meteram-se à aventura, em busca das suas casas. Um a um regressavam a Auschwitz com uma esmagadora desilusão. Os Alemães tinham desaparecido, mas os Polacos continuavam a sua obra. Os Polacos não choravam três milhões e meio de mortos; pelo contrário, as cidades estavam cobertas de cartazes, e as pessoas gritavam: «Foram os Judeus que nos trouxeram a guerra... A guerra começou para os Judeus obterem lucros... Os Judeus são a causa de todas as nossas desgraças!» Não havia lágrimas para os mortos, mas abundância em ódio para os poucos sobreviventes.

EXODUS 203

destruíam as lojas de judeus e agrediam os que tentavam regressar às suas casas e propriedades.

E, assim, os que se arriscaram a sair de Auschwitz voltaram sentavam-se nas cercas cheias de estrume, amarfanhados, meio loucos, e tragicamente esperavam apodrecer juntos. A recordação da morte nunca os deixava.

E o cheiro de Birkenau lá estava sempre.

Verão de 1945

Um homem entrou em Auschwitz e foi cumprimentado com grunhidos de desconfiança. Tinha pouco mais de 20 anos. Era alto e forte, tinha um grande bigode negro e vestia uma camisa branca de neve com as mangas enroladas acima dos cotovelos. Tinha o andar admirável de quem parecia dizer aos outros que era um homem livre.

Convocou uma assembleia ao ar livre e todos se reuniram.

« O meu nome é Bar Dror, Shimshon Bar Dror»

disse ele. «Encarregaram-me na Palestina de vos levar... para lá!»

Seguiram-se manifestações de felicidade e explosões de alegria como poucos se recordavam de ter visto. Bar Dror foi bombardeado com perguntas. Muitos caíram de joelhos e beijaram-lhe as mãos, enquanto outros apenas queriam tocar-lhe, vê-lo e ouvi-lo. Um judeu livre da Palestina! Shimshon Bar Dror que significa Sansão, Filho da Liberdade tinha vindo para os levar para a pátria!

Bar Dror dedicou-se ao campo com o máximo empenho.

Disse-lhes que ainda demoraria algum tempo até a Mossad Aliyah Bet encontrar forma de os levar dali, mas que entretanto deviam viver dignamente como seres humanos.

Uma nova onda de vida transformou os acampamentos. Bar Dror organizou comissões encarregadas de arranjar o campo; abriu-se uma escola, organizou-se um grupo teatral, formou-se uma pequena orquestra e realizaram-se bailes, passou a imprimir-se um jornal diário e promove-

ram-se inúmeros debates sobre a Palestina. Shimshon chegou mesmo a organizar uma herdade-modelo próximo da cerca para aprendizagem agrícola.

Logo que o novo espírito foi assimilado e que o campo passou a ter direcção própria, Shimshon Bar Dror partiu em busca de outros judeus para os trazer para a base. Enquanto Shimshon Bar Dror e outros agentes da Mossad Aliyah Bet trabalhavam infatigavelmente para reunir os Judeus e fazê-los sair da Polónia, outra força actuava com o mesmo afinho no sentido de os conservar na Polónia.

As embaixadas e consulados britânicos faziam pressão sobre os governos europeus para que conservassem as suas fronteiras fechadas a estes refugiados. Os Ingleses alegavam que estavam perante uma maquinação dos sionistas de todo o mundo para imporem uma determinada solução no mandato da Palestina.

Enquanto continuava acesa a luta subterrânea entre os Ingleses e a Mossad Aliyah Bet, o Governo polaco publicou um decreto espantoso em que se ordenava a todos os judeus que permanecessem na Polónia. Se os poucos que restavam fossem autorizados a sair, congregavam o Governo polaco, confirmariam aos olhos do mundo a impressão de que os Polacos continuavam, a perseguir os Judeus como efectivamente continuavam mesmo *depois* do programa de extermínio alemão. Deste modo os Judeus estavam fechados num país que não os queria e não podiam entrar naqueles que os queriam.

Chegou o Inverno a Auschwitz e o moral dos residentes foi-se abaixo. O óptimo trabalho realizado perdeu-se.

Bar Dror convocou reuniões para tentar explicar a luta política de que eram vítimas, mas os sobreviventes não queriam saber de política.

Em pleno Inverno chegou ao campo outro homem da Aliyah Bet, e ele e Bar Dror tomaram uma decisão arriscada: chamaram os chefes de secção e disseram-lhes que se preparassem para abandonar o campo.

«Vamos dirigir-nos à fronteira checa» disse Bar Dror. «Não é uma viagem muito longa, mas vai ser

EXODUS 205

difícil. Temos de ir muito lentamente e afastar-nos das estradas principais.»

Bar Dror desdobrou um mapa e traçou a rota que os levaria através dos Cárpatos e desfiladeiro Jahlunkov, num total de 112 quilómetros.

« E quando chegarmos à fronteira?» perguntou alguém.

«Agentes da Aliyah Bet vão subornar os guardas da fronteira polaca. Se conseguirmos chegar à Checoslováquia, estaremos em segurança por agora. Jan Masaryk é nosso amigo e não deixaria que nos expulsassem da Checoslováquia.»

Saíram de Auschwitz a meio da noite, evitando a estrada principal era uma fila trágica de sobreviventes que avançava e em que os mais fortes amparavam os mais fracos e transportavam as crianças. Durante seis dias, aqueles corpos fatigados arrastaram-se por campos cobertos de neve; depois seguiram na direcção dos ventos cortantes dos Cárpatos, estimulados pelos judeus da Palestina que os incitavam a caminhar.

Ao longo da fronteira, outros membros da Aliyah Bet trabalhavam febrilmente, espalhando dinheiro pelos guardas polacos; à medida que a caravana de esfarrapados se aproximava da fronteira, os guardas, de algibeiras recheadas, voltavam as costas e os Judeus entravam em massa na Checoslováquia.

Com um frio de gelar, continuaram a marcha até ao desfiladeiro Jahlunkov, onde se reuniram, exaustos, com os pés a sangrar, esfomeados e necessitados todos de assistência médica. A Mossad Aliyah Bet tinha alugado um comboio especial para o qual os fugitivos foram levados e onde os esperava calor, alimentação e cuidados.

A primeira etapa tinha tido o seu fim.

Quando um judeu entrava legalmente na Palestina, entregava o seu passaporte à Aliyah Bet para que pudesse ser usado outra vez. Quinhentos destes passaportes foram distribuídos aos fugitivos de Auschwitz A Aliyah Bet tinha também obtido vistos para a Venezuela, Equador, Paraguai e outros países sul-americanos. Estes documentos seriam suficientes por uns tempos.

206 LEON URIS

O D. I. C. soube que quinhentos judeus tinham atravessado a fronteira da Polónia e transmitiu as notícias ao Ministério dos Negócios Estrangeiros. Whitehall comunicou com o embaixador inglês em Praga, para que este tratasse do assunto com Masaryk, ministro dos Negócios Estrangeiros checo, e detivesse o comboio. Masaryk concedeu imediatamente uma entrevista ao embaixador inglês, que pediu que os Judeus fossem enviados novamente para a Polónia. Chamou a atenção para o facto de a actividade da Mossad ser ilegal e contrária às leis polacas e constituir uma tentativa de forçar a resolução do problema da Palestina.

Masaryk sorriu.

«Não sei muito acerca de condutas de petróleo, Sr. Embaixador» disse , «mas sei alguma coisa de condutas humanas.»

Masaryk era tido como sendo francamente a favor dos Judeus. O embaixador insinuou que o desagrado britânico podia ser demonstrado de maneira mais «prática».

« Sr. Embaixador disse Masaryk , «não cederei a esta ou a qualquer outra ameaça britânica. Enquanto for Ministro dos Negócios Estrangeiros da Checoslováquia, as fronteiras do meu país estão abertas aos Judeus, com ou sem vistos e com ou sem passaportes.»

O embaixador comunicou a Whitehall que o comboio não podia ser detido. Continuou a rodar para Bratislava, a cidade onde se juntavam as fronteiras da Hungria, Checoslováquia e Áustria.

De novo os Ingleses tentaram detê-lo, mas desta vez entrou na Áustria sob a protecção pessoal de um oficial americano simpatizante com os Judeus.

Em Viena, os viajantes pararam para descansar e receber assistência médica. Distribuíram-lhes vestuário enviado por judeus americanos empenhados em auxiliar os sobreviventes europeus.

Na paragem seguinte, na Itália, a Mossad Aliyah Bet tinha a cooperação aberta do público e dos funcionários italianos, mas o movimento de auxílio era prejudicado pelo facto de o país estar ocupado pelos Ingleses.

EXODUS 207

Paradoxalmente, algumas das forças britânicas de ocupação eram constituídas por unidades de judeus da Palestina. A brigada da Palestina do exército britânico e as suas unidades de ocupação espalhadas por toda a Itália eram de há muito consideradas tropas-modelo pelos comandos britânicos. Membros da Aliyah Bet da Palestina introduziram-se nestas unidades e, dentro de pouco tempo, os soldados da Palestina organizaram atarefadamente campos para refugiados, ajudavam a obter navios ilegais e cooperavam por todas as formas. Teoricamente, unidades da Palestina eram comandadas por oficiais do exército, mas na prática estavam sob o comando da Aliyah Bet e do Palmach. Shimshon Bar Dror fora sargento do exército numa destas unidades e usava os seus documentos do exército britânico para entrar e sair da Polónia reunindo refugiados.

Estava-se na Primavera quando o grupo de refugiados de Auschwitz a que Dov pertencia se meteu noutro comboio em direcção aos Alpes austríacos e entrou na Itália pelo desfiladeiro de Brenner.

O comboio parou perto do lago Como, à entrada de Milão, num ramal muito isolado. Embora os refugiados tivessem sido avisados de que seriam abordados por homens vestidos de uniformes ingleses, o pânico quase se estabeleceu.

Os sobreviventes não podiam compreender que homens de uniforme de guerra usassem uma estrela de David no braço. A estrela de David fora sempre a insígnia do *ghetto*. Havia cerca de dois mil anos que, à excepção das revoltas do *ghetto*, nenhum judeu lutara sob a estrela de David.

Apreensivos, desceram do comboio. Os soldados eram amáveis, alguns falavam *yiddish* e todos falavam hebreu e eram gentis, mas pareciam diferentes dos outros judeus. Uma semana após a sua chegada a Milão, o grupo de Dov, constituído por cem pessoas, foi levado do pequeno campo pela calada da noite. Foram transportados em camiões ingleses conduzidos por membros da brigada da Palestina e seguiram a toda a pressa para um ponto de encontro secreto, onde se encontraram com mais trezentos refugiados vindos de outros campos. De La Spezia, o

porto próximo, veio um pequeno barco ao encontro) deles.

O navio ancorou longe da costa e foi-se enchendo com as pessoas que um barco de borracha ia transportando. Fez-se ao largo, saiu do limite das 3 milhas, mas em breve começou a ser seguido pela sempre vigilante marinha britânica.

Algo de desconcertante se passava com respeito ao *Portas de Sião*. Ao contrário de todos os outros navios de refugiados, este não se destinava à Palestina, mas ao golfo de Leão, na costa sul da França. Nem os Ingleses nem os refugiados a bordo do *Portas de Sião* tinham a menor ideia de que o navio estava integrado num plano de grandes proporções.

CAPÍTULO XXVII

Bill Fry estava sentado a uma mesa do Restaurante dos Irmãos Millers, em Baltimore, Maryland. Deitou uma mão-cheia de concentrado de ostras numa grande tigela de sopa de marisco e mexeu durante um momento; contudo, não tinha apetite. «Santo Deus!», pensou. «Conseguirei atravessar o Atlântico com aquele bidé?»

Bill Fry tinha ganho fama de ser o capitão com maiores êxitos na Mossad Aliyah Bet. O desembarque do *Estrela de David* em Cesareia tinha aberto uma nova era na imigração ilegal, forçando os Ingleses a organizar os campos de detenção de Chipre. Assim que os Ingleses impediam a entrada de um barco na Palestina e levavam os passageiros para Chipre, logo a Mossad enviava outro barco. Desta forma, a Mossad Aliyah Bet originava a entrada de tantos imigrantes na ilha que o campo estava a transbordar.

Embriagada com o êxito e decidida a quebrar a política britânica, a Mossad concebeu um plano fantástico e escolheu Bill Fry para o executar.

Até à data o maior transporte de imigrantes tinha sido o do seu *Estrela de David*, com quase dois mil passageiros;

EXODUS 209

outros navios transportavam de algumas centenas até um milhar. A Mossad conjecturou que, se conseguisse romper o bloqueio com um navio transportando para cima de cinco mil refugiados, vibraria nos Ingleses um golpe que talvez fosse decisivo.

Bill foi encarregado de encontrar um navio em condições, equipá-lo e levar cinco mil refugiados do grande centro de La Ciotat ao Sul da França. Pensou-se que o navio devia ser adquirido nos Estados Unidos ou na América do Sul, onde a compra não levantaria as suspeitas dos Ingleses: os portos europeus estavam vigiados pelo D. I. C. Agentes da Mossad procuravam um barco na América do Sul enquanto o próprio Bill sondava os portos do golfo e a costa oriental. Era evidente que não podiam conseguir um bom navio pelo dinheiro que tinham para gastar. Por isso Bill tinha resolvido arriscar-se e estava agora preocupado: comprara um vapor velho e antiquado, que fizera apenas serviço no rumo da baía de Chesapeake, entre Baltimore e Norfolk. O *General Stonewall Jackson* era um navio de recreio bastante grande que nunca tinha navegado no oceano. A única coisa agradável que Bill podia pensar sobre o navio é que tinha sido barato. O criado de casaco branco parou junto da mesa de Bill. «A sopa tem alguma coisa, senhor?» «Hem? Ah, não... está ótima» grunhiu Bill, metendo uma colherada na boca.

Teria sido um erro a compra do velho calhambeque? Estava agora a ser equipado em Newport News, na Virgínia, para levar 6850 refugiados.

Bill suspirou. Havia a outra face da moeda: suponhamos que conseguia fazer sair da Europa sete mil refugiados de uma só vez era quase de fazer ir pelos ares a política britânica!

Bill empurrou para o lado a tigela de sopa e pediu a conta. Pegou na ponta de charuto apagada que estava no cinzeiro, tornou a acendê-la e releu mais uma vez o telegrama de Newport News: «O *Jackson* está pronto.»

No dia seguinte, em Newport News, Bill reuniu a sua tripulação, do Palmach e da Aliyah Bet, judeus americanos,

E. - 14

espanhóis fiéis ao Governo e italianos e franceses simpatizantes com os Judeus. Inspeccionou o navio e deu com ele uma volta pela baía, depois aumentou a velocidade e dirigiu-se para o oceano Atlântico. Três horas depois o *Jackson* tinha uma avaria nas máquinas e voltava para Newport News.

Nas duas semanas seguintes Bill fez mais três tentativas.

Logo que o velho navio se afastava do seu *habitat* natural, revoltava-se e tinha de ser trazido para o porto.

Bill disse à Aliyah Bet que tinha cometido um erro:

o *Jackson* nunca seria capaz de tal empresa. Instaram com ele para que o retivesse na doca durante outra semana e fizesse uma última tentativa

À quinta tentativa toda a tripulação susteve a respiração quando o antiquado vapor começou a andar ruidosamente, passou o cabo Henry, entrou nas águas profundas do Atlântico e continuou a andar.

Vinte e dois dias mais tarde, o *Stonewall Jackson* subia com dificuldade o golfo de Leão para o porto francês de Toulon, a 40 milhas de Marselha e apenas a 20 milhas do grande campo de refugiados de La Ciotat.

Havia em França uma greve de motoristas, e o D. I. C., que vigiava La Ciotat, descansou por momentos, pensando que sem camiões não haveria movimento. Além disso, desde o *Portas de Sião* o barco de Dov ancorado semanas antes em Port-de-Bouc que não havia notícias de navios ilegais vindos de quaisquer portos europeus.

Os Ingleses foram apanhados desprevenidos.

Não tinham sabido do *Jackson* porque fora adquirido e equipado nos Estados Unidos e até à data nenhum navio da Aliyah Bet fora suficientemente grande para navegar no Atlântico. Quando o *Jackson* era esperado em Toulon, a Aliyah Bet foi ter com o presidente do Sindicato de Motoristas Franceses e expôs a situação; este, em segredo, reuniu motoristas e camiões, que, em plena greve, entraram e saíram velozmente de La Ciotat transportando seis mil e quinhentos refugiados para Toulon. Entre estes estava Dov Landau.

O D. I. C., no último momento, descobriu o que se

EXODUS 211

passava e foi a Toulon. Pagaram quantias enormes aos funcionários do porto para que retardassem a partida do *Jackson* o tempo suficiente para receberem instruções de Londres.

Por seu turno, os membros da Mossad Aliyah Bet subornaram funcionários para deixarem partir o navio.

O *Jackson*, agora denominado *Terra Prometida*, içou a bandeira azul e branca com a estrela de David no topo do mastro, em franco desafio.

Realizaram-se reuniões apressadas no Almirantado, em Chatham House, e em Whitehall. Para a política britânica a situação era clara não havia dúvida de que o *Terra Prometida* tinha de ser detido a todo o custo. Os Ingleses ameaçavam colericamente os Franceses, e os navios de guerra britânicos passaram a aguardar os acontecimentos à entrada de Toulon. Em resposta, os Franceses concederam licença de navegar ao *Terra Prometida*.

O navio partiu de Toulon no meio dos gritos de alegria dos refugiados. No momento em que passou a zona das 3 milhas, começou a ser escoltado por dois cruzadores britânicos que o esperavam, o *Apex* e o *Colina de Dunston*.

Durante os três dias e meio que se seguiram, Bill Fry conduziu o *Terra Prometida* para a Palestina. A chaminé, longa e estreita, arfava, as máquinas gemiam e as cobertas abarrotavam de gente. Os cruzadores, como cães de guarda, observavam.

O *Apex* e o *Colina de Dunston* mantinham-se em contacto constante, pela rádio, com o Almirantado de Londres.

Quando o *Terra Prometida* chegou a 50 milhas da costa da Palestina, os Ingleses quebraram as normas do bloqueio ilegal. O *Apex* aproximou-se do vapor e deu uma salva de tiros; as buzinas do cruzador troaram e o altifalante fez ouvir uma voz sobre as águas.

«Navio clandestino! Pare para ser abordado!»

Bill Fry mordeu o charuto. Pegou num altifalante e dirigiu-se à ponte.

«Estamos no alto mar» gritou. «Se entrarem a bordo aqui, cometerão um acto de pirataria!»

«Desculpem, amigos, estou apenas a cumprir ordens. Aceitam a abordagem pacificamente?»

212 LEON URIS

Bill voltou-se para o chefe do Palmach que estava ao pé de si.

« Vamos dar a estes tipos a recepção que merecem.»

O *Terra Prometida* largou-se a todo o vapor, numa tentativa de fuga. O *Apex* seguia a seu lado, depois deu uma volta brusca, e a sua proa de aço embateu no centro do velho navio. A pancada abriu uma brecha profunda no casco, acima da linha de água, e o navio estremeceu com o choque. O *Apex* disparou as metralhadoras para afugentar os refugiados da cobertura e facilitar a abordagem. Marinheiros ingleses, usando máscaras de gás e transportando pequenas armas, entraram em massa pela proa do *Terra Prometida*. Os *palmachniks* desenrolaram arame farpado, que puseram no caminho dos Ingleses, e atiraram-lhes grandes pedras e jactos de água de mangueiras.

Devido ao ataque, os Ingleses tiveram de -voltar para a proa. Combatiam o Palmach com pequenas armas e pediram reforços. Vieram mais marinheiros, dessa vez com tesouras de cortar arame. Seguiu-se outro ataque; de novo as mangueiras os fizeram recuar e novamente os Ingleses voltaram, protegidos pelo fogo das metralhadoras do *Apex*. Chegaram ao arame farpado e cortaram-no, mas nessa altura receberam jactos de vapor escaldante do Palmach.

Agora eram os *palmachniks* que atacavam e afugentavam os Ingleses. Dominaram os marinheiros e atiraram-nos, um a um, para o mar.

O *Apex* parou o ataque para pescar os seus homens de dentro de água e o *Terra Prometida*, com um grande buraco num lado, pôs-se mais uma vez ruidosamente a caminho. O *Colina de Dunston* perseguia-o e ponderava as consequências de outro embate. Com mais uma pancada, o vapor podia afundar-se. Era um risco demasiado grande. Em vez disso, o *Colina de Dunston* disparou fogo de metralhadora, que limpou as cobertas de refugiados e do Palmach. O grupo de abordagem do *Colina de Dunston* subiu pelo centro do vapor, utilizando escadas. Seguiu-se uma feroz luta corpo a corpo. Com mocas e um ou outro tiro de pistola, os Ingleses iam-se dirigindo para a escada que conduzia à ponte de comando.

EXODUS

Entretanto, o *Apex* restabelecia-se e entrava novamente em cena. Os dois cruzadores ladearam o vapor. O grupo do *Apex* entrou outra vez a bordo, lançando gases lacrimogéneos, e os marinheiros do *Colina de Dunston* fizeram pressão do outro lado, conseguindo assim fazer recuar o Palmach.

Dov Landau participava na luta. Ele e outros refugiados guardavam o cimo da escada junto à ponte de comando. Empurraram várias vezes os Ingleses pela escada abaixo, até que os gases lacrimogéneos e as pequenas armas os fizeram finalmente fugir.

Os Ingleses controlavam agora a coberta. Reforçaram a sua posição e mantiveram os refugiados e o Palmach afastados, enquanto outro grupo assaltava a casa do leme, para tomar o comando do navio.

Bill Fry e cinco membros da sua tripulação receberam os três primeiros homens que entraram na casa do leme com pistolas e socos furiosos. Apesar de muito ferido, Bill continuou a lutar até que os Ingleses o arrastaram para fora da casa do leme e lhe bateram com mocas até perder os sentidos.

Após quatro horas de luta, com oito homens mortos e uma quantidade de feridos, os Ingleses apoderaram-se do *Terra Prometida*. Tinham morrido quinze judeus, entre os quais o capitão americano Bill Fry.

No porto de Haifa, na Palestina, foram dadas instruções para que o reboque do *Terra Prometida* pelo *Colina de Dunston* se efectuasse em segredo. O velho vapor ia todo inclinado para um lado. A zona do porto de Haifa estava inundada de tropas britânicas: nem faltava a 6.^a Divisão Aérea, armada até aos dentes. Os Ingleses tentaram manter sigilo, não supondo que os Judeus transmitissem através do seu posto emissor uma descrição completa da abordagem do *Terra Prometida*. '

Ao aproximarem-se da baía de Haifa, os judeus da Palestina promoveram uma greve geral. Na área do porto foi necessário mobilizar tropas e tanques que separassem os refugiados dos judeus da Palestina.

Aguardavam-no quatro navios-prisões ingleses, o *Monitor do Império*, o *Fama do Império*, o *Guardião do*

214 LEON URIS

Império e o *Magna Carta*, para efectuar a transferência imediata dos refugiados do *Terra Prometida*. Mas no momento em que o navio costeiro da baía de Chesapeake era rebocado, a zona do porto e toda a cidade de Haifa estremeciam, abalados por uma violenta explosão! O *Monitor do Império* ficou feito em pedaços! Tinham sido os homens-rãs do Palmach que haviam mergulhado e prendido uma mina magnética aos lados do navio.

O *Terra Prometida* entrou na doca e a operação de transferência principiou imediatamente. Muitos dos refugiados tinham perdido a vontade de lutar. Seguiam passivamente para barracões de limpeza, onde se despiam, tomavam um duche e os revistavam para ver se tinham armas; dali partiam rapidamente para um dos três navios-prisões. Era uma procissão trágica.

Dov Landau e mais vinte e cinco judeus fecharam-se num porão, muniram-se de tubos e desafiaram os Ingleses até ao fim. Estes encheram o porão de gases lacrimogéneos e Dov acabou por ser levado do *Terra Prometida* por quatro soldados, sempre a debater-se e a praguejar. Atiraram-no para uma cela com grades do *Magna Carta*.

Os navios-prisões estavam ainda mais cheios do que estivera o *Terra Prometida*. Naquela mesma noite partiram de Haifa com os dois cruzadores, o *Colina de Dunston* e o *Apex*, como escolta.

Se os refugiados fossem enviados para os campos superpovoados de Chipre, os Judeus teriam conseguido o que pretendiam: teriam saído da Europa mais seis mil e quinhentos judeus, que iriam aumentar o número crescente dos que aguardavam em Chipre a partida para a Palestina.

«Os refugiados do chamado *Terra Prometida* que estão no *Guardião do Império*, no *Fama do Império* e no *Magna Carta* vão ser devolvidos ao seu porto de origem, Toulon, na França. De futuro, quaisquer outros navios clandestinos que pretendam romper o bloqueio e que sejam apanhados, serão igualmente enviados para os seus portos de origem.»

Os *palmachniks*, e os membros da Mossad Aliyah Bet que estavam com os refugiados sabiam o que tinham a

~ EXODUS 215

fazer. Se desembarcassem e voltassem para Toulon e se Os Ingleses conseguissem desviar a tempestade, acabava-se a imigração ilegal.

Quando os navios-prisões entraram no golfo de Leão e ancoraram ao largo de Toulon, os Judeus tiveram conhecimento da ordem de sigilo. Imediatamente os chefes do Palmach em cada um dos navios-prisões entregaram mensagens aos capitães britânicos dizendo que só desembarcariam à força

Um dos comandantes telegrafou para o Almirantado de Londres a pedir instruções. Whitehall recorreu à coacção diplomática mais forte que era possível, sem quebra da aliança anglo-francesa: avisaram os Franceses de que não tentassem tomar o partido dos Judeus e deixassem os Ingleses levar a cabo o desembarque. Durante quatro dias trocaram-se instruções e mensagens entre Londres e os navios-prisões e entre Paris e Londres. Finalmente, o Governo francês transmitiu aos Ingleses a sua emocionante decisão: «O Governo de França não autoriza nem participa no desembarque compulsivo dos refugiados. Mas se os refugiados desejarem voltar a França de sua livre vontade, serão muito bem-vindos.»

Os Franceses tomaram o partido dos Judeus, mesmo com risco de uma ruptura de relações com os Ingleses. Os refugiados ficaram entusiasmados com as notícias e manifestaram novamente o seu desejo de continuar a bordo dos navios. Os Ingleses, recompondo-se da surpresa, informaram os refugiados de que ou desembarcavam em Toulon ou ficavam no golfo de Leão até apodrecerem.

No *Guardião do Império*, no *Fama do Império* e no *Magna Carta*, os Judeus começaram a actuar. Os *palmachnik* , organizaram escolas, ensinaram hebreu, compilaram notícias, criaram um teatro e mantiveram as coisas em andamento. O Governo francês mantinha diariamente um grande número de lanchas entre os navios e Toulon para abastecer os refugiados de boa comida e assistência médica. Nasceram algumas crianças. Uma semana depois, os Judeus continuavam firmes na sua decisão.

Em terra, os jornalistas começavam a sentir curiosidade pelos três navios e a irritar-se com a cortina de si-

216 LEON URIS

lêncio. Uma noite, um membro da Aliyah Bet nadou desde o *Guardião do Império* até terra e relatou os factos todos à imprensa francesa.

A história correu pela França, Itália, Holanda e Dinamarca.

A imprensa dos quatro países dirigiu insultos aos Ingleses,

Londres aguentou o ataque da opinião pública europeia, com o qual já contava. Na verdade, tinha-se preparado para tudo excepto para a teimosia dos refugiados: as condições nos navios-prisões eram as piores e a atmosfera era sufocante e havia muitas doenças. Todavia, os refugiados recusavam-se a desembarcar! As tripulações britânicas, que não ousavam aventurar-se até às secções gradeadas do navio, começavam a ficar preocupadas. No fim da segunda semana, os Judeus resistiam ainda e o clamor da imprensa subia sempre.

Passaram três semanas. (Passaram quatro.

Por fim, o caso começou a cair no esquecimento. Nessa altura o primeiro judeu veio para terra sem que o forçassem estava morto. A questão reacendeu-se. Os capitães dos três navios informaram que os refugiados pareciam mais decididos do que nunca. A coacção de Whitehall aumentou seria péssimo que fossem levados para terra mais cadáveres.

Whitehall decidiu tentar nova política. Pediu aos refugiados que mandassem delegados para discutir o assunto.

O seu plano era chegar a um acordo que lhe permitisse resolver o assunto sem perda de prestígio. Dos três navios recebeu a mesma resposta dos chefes do Palmach: «Só aceitaremos ir para a Palestina.»

Estava-se na sexta semana. Quando o segundo cadáver foi levado para terra, os Ingleses enviaram um ultimato aos Judeus para desembarcarem, sob pena de sofrerem as consequências. Não se fazia ideia do que pudessem ser essas consequências, e, como os refugiados continuassem firmes, os Ingleses tiveram de tomar medidas. Ordenaram: «O *Guardião do Império* e o *Fama do Império* partirão imediatamente de Toulon. Esses dois navios destinam-se a Hamburgo, na Alemanha, à zona de ocupação britânica. Os refugiados que estão nesses navios serão retirados pacificamente ou à força e ficarão detidos em Dachau até novo aviso.»

Enquanto os dois navios atravessavam o estreito de Gibraltar com rumo à Alemanha, a Mossad Aliyah Bet planeava febrilmente encher mais dois barcos com quinze mil refugiados e fazê-los partir para a Palestina, pois que quando o *Fama* e o *Guardião* chegassem ao solo germânico a opinião mundial sobre os Ingleses teria atingido o

ponto culminante. Era uma sombria vitória para a Aliyah Bet.

Como última tentativa de salvar o prestígio, os Ingleses deixaram o *Magna Carta* descarregar em Chipre os seus refugiados, que foram enviados para Caraolos. Dov Landau teve a sorte de passar o seu 16.º ano em Caraolos em vez de Dachau, mas o rapaz era um poço de ódio.

CAPÍTULO XXVIII

Dov Landau passou o 17.º aniversário em mais uma prisão Caraolos. Acolheu este aniversário como acolhia todos os dias. Esteve deitado na cama, olhando sem ver nada, e passou o dia sem proferir palavra. Não falava com ninguém desde que tinha sido arrastado para fora do porão do *Terra Prometida*. Durante as longas semanas no porto de Toulon o seu ódio tinha aumentado.

Em Caraolos, pessoal dos serviços sociais, médicos, professores e *palmachniks* tentaram contactar com ele e atravessar a sua barreira de animosidade, mas Dov não confiava em ninguém e não deixava que ninguém se aproximasse. Passava os dias deitado. De noite lutava contra o sono, porque lhe trazia sempre o mesmo pesadelo: as portas das câmaras de gás abrindo-se em Auschwitz. Durante horas a fio Dov olhava para os algarismos tatuados a azul no seu antebraço esquerdo: 359 195.

Na tenda em frente vivia uma rapariga, a mais bela que ele se lembrava de ter visto. Claro que as mulheres

não podiam ser belas nos lugares onde ele tinha estado. Esta estava encarregada de olhar por muitas crianças mais novas e sorria sempre que o via, sem o ar zangado ou distante das outras pessoas. Chamava-se Karen Hansen Clement.

Karen viu Dov e quis saber porque é que ele não andava na escola nem participava das várias actividades. Avisaram-na de que se afastasse dele, porque era tido como «incurável» e talvez fosse mesmo perigoso. Karen tomou isto como um desafio. Soube que Dov tinha estado em Auschwitz, e a sua compaixão por ele pareceu não ter limites. Tinha conseguido coisas admiráveis das crianças, e, apesar de saber que talvez fosse melhor deixar Dov metido consigo próprio, a sua curiosidade aumentava de cada vez que chegava à entrada da tenda e o via.

Um dia, Dov estava deitado na cama, com o olhar fixo e o suor a correr-lhe pelo corpo, porque fazia muito calor. Sentindo a presença de alguém, deu instintivamente um salto e ficou hirtó ao ver Karen de pé junto dele.

«Queria pedir o teu balde emprestado. O meu tem um buraco e os camiões da água estão a chegar.»

Dov olhou para ela e piscou os olhos nervosamente.

«Perguntei-te se me emprestavas o teu balde...»

Dov resmungou.

«Que quer isso dizer? Sim ou não? Não sabes falar?»

Estavam de pé e olhavam um para o outro como galos de combate. Naquele momento, Karen arrependeu-se de ter vindo. Respirou fundo.

«O meu nome é Karen» disse ela. «Sou tua vizinha.»

Dov continuou sem responder. Olhou-a fixamente.

«Bem... posso servir-me do teu balde, ou não?»

«Vieste aqui mostrar-me a tua compaixão?»

«Vim pedir-te o balde emprestado. Não tens nada que inspire compaixão» retorquiu ela.

Ele virou-se, sentou-se na beira da cama e começou a roer as unhas. A brusquidão dela tinha-o desarmado. Dov apontou para o balde que estava no chão e Karen pegou nele. Ele deitou-lhe uma olhadela rápida, de soslaio.

EXODUS 21

«Como te chamas? Gostava de poder chamar-te qualquer coisa quando vier restituir o balde.»

Não obteve resposta.

« Então? »

« **Dov.** »

«O meu é Karen. Talvez possas chamar-me assim e possamos cumprimentar-nos. Pelo menos até que tu aprendas a sorrir.»

Dov voltou-se muito lentamente, mas ela já se tinha ido embora. Caminhou para a porta da tenda e viu-a dirigir-se para o depósito de água britânico, que tinha acabado de entrar o portão. Era muito bonita.

Pela primeira vez em muitos meses um acontecimento exterior tinha conseguido penetrar o alheamento de Dov Landau. Esta Karen era completamente diferente das outras pessoas que tinham vindo vê-lo. Era brusca e tímida e, contudo, também irradiava ternura. Não lhe falou efusivamente nem recitou palavras que não sentisse. Estava retida em Caraolos mas não se queixava nem parecia zangada com todos os outros. Tinha uma voz doce, mas muito austera:

« Bom dia, Dov » disse Karen. « Obrigada pelo teu balde. »

Ele resmungou.

« Ah, sim, tu és o tal quê rosna em vez de falar.

Tenho um rapazinho como tu na minha classe infantil.

Mas ele diz que é leão. »

« Bom dia! » gritou Dov com toda a força.

Dov sabia a que horas ela se levantava, quando ia ao balneário e quando ia e vinha das aulas. Um dia introduziu-se furtivamente na tenda de Karen, procurou o balde dela e examinou-o: não tinha qualquer buraco. Dov era capaz de passar o dia deitado, esperando ansiosamente pelo som dos seus passos descendo o caminho. Ia furtivamente até à porta da tenda e deitava um olhar de relance na direcção da dela. Frequentemente, Karen olhava também para a tenda dele e os seus olhos encontravam-se por um breve instante. Nesses momentos, Dov ficava zangado consigo próprio pelo que considerava uma prova de fraqueza.

O tempo passava, mas os dias eram agora diferentes. Dov ainda era calado e carrancudo, mas os seus] pensamentos já frequentemente se desviavam da morte e do ódio e ouvia as crianças no pátio de recreio próximo! e a voz dela falando-lhes. Era estranho: em todo o tempo que estivera em Caraolos, nunca ouvira as crianças a brincar senão quando a encontrou,
 Uma noite, Dov estava junto do arame farpado e via] os holofotes cruzando-se sobre as tendas. Ficava muitas vezes de pé a olhar, por não querer ainda dormir. No pátio de recreio, o Palmach fizera fogueiras, e todos cantavam e dançavam. Tinha havido tempo em que também ele cantava e dançava nos encontros dos Redentores, mas agora não queria ouvir estas melodias, que lembravam Mundek, Rute e Rebeca.

« Olá, Dov!»

Voltou-se e viu no escuro a silhueta mal definida de Karen. O seu cabelo longo flutuava com a brisa e apertou um xale rasgado em volta dos ombros.

« Queres ir comigo até às fogueiras?»

Ela aproximou-se mais e ele voltou-lhe as costas.

«Tu gostas de mim, não gostas? Fala comigo.

Porque não vais para a escola e te juntas ao nosso grupo?»

Ele abanou a cabeça.

« Dov...» balbuciou ela.

Ele deu uma volta e olhou-a, com os olhos cheios de lágrimas.» Pobre Dov!» gritou ele. «Pobre Dov pateta! És tal-qual como os outros. Somente dizes coisas mais bonitas!»

Dov agarrou-a, pôs-lhe as mãos no pescoço e apertou os dedos.

«Deixa-me em paz... deixa-me em paz...» repetia ele.

Karen olhou-o bem nos olhos.

«Tira... já as mãos da minha garganta.»

Ele tirou-as.

« Estava só a tentar assustar-te» disse ele. - «Não te magoava.»

EXODUS 221

«Bem, não me assustaste» respondeu ela, afastando-se. Durante uma semana, Karen não olhou para ele nem lhe falou. Dov sentia-se terrivelmente inquieto. Já não podia passar as horas em silêncio sombrio e mórbido; passeava todo o dia para trás e para diante. Porque tinha ele deixado que esta rapariga entrasse nos seus pensamentos?

Tinha as suas recordações e com elas tinha vivido, ao passo que agora não conseguia pensar! Uma noite, Karen estava no pátio de recreio quando um dos pequenos caiu durante um jogo e começou a chorar.

Ela ajoelhou-se ao lado dele, pôs-lhe os braços em volta e acalmou-o. Por acaso ergueu os olhos e viu Dov junto dela.

«Olá!»-disse ele muito depressa, e afastou-se.

Apesar dos constantes avisos de muitos para que o deixasse, Karen sabia que tinha penetrado numa escuridão espessa. Sabia que o rapaz estava desesperado e a tentar comunicar com os outros, e que o seu «Olá!» era a sua maneira de pedir desculpa.

Um das noites depois, ela encontrou um desenho sobre a sua cama. Aproximou-o da luz da vela. O desenho representava uma rapariga ajoelhada segurando uma criança, com arame farpado por trás. Atravessou o caminho em direcção à tenda de Dov, que quando a viu lhe voltou as costas.

« És um grande artista» disse Karen.

«Não admira». respondeu ele, agressivamente.

«Com a prática que tive! George Washington e Lincoln são a minha especialidade.»

Sentou-se na cama, pouco à vontade, e mordeu os lábios. Karen sentou-se ao lado dele. Dov sentiu qualquer coisa de estranho, pois, a não ser com as irmãs, nunca estivera tão perto de uma rapariga. Karen tocou com um dedo na tatuagem azul do braço esquerdo.

« Auschwitz? »

«Porque te importas comigo?»

«Já pensaste alguma vez que talvez eu goste de ti?»

«Gostares de mim?»

«Hum... és muito atraente quando não estás com o teu ar sarcástico o que, devo concordar, acontece raras vezes e quando não resmungas tens uma voz muito bonita.»

Os lábios dele tremeram.

«Eu... gosto... de ti. Não és como a outra gente Tu compreendes-me O meu irmão Mundek também me compreendia.»

«Que idade tens?»

«Dezassete.» Dov pôs-se de pé e começou a andar dum lado para o outro. «Odeio estes malditos Ingleses. Não são melhores do que os Alemães.»

«Dov!»

A sua explosão repentina acabou tão depressa como começara.

Isto já era alguma coisa tinha desabafado. Era a primeira vez, em mais de um ano, que dizia mais de uma ou duas palavras. Depois Karen, sentiu-o voltar de novo àquele seu mundo estranho e escuro.

Dov queria ver Karen com frequência porque ela era terna e sabia escutá-lo e compreendê-lo. Ele falava calmamente durante algum tempo, depois tinha uma curta explosão de ódio, e de novo se fechava em si próprio.

Karen começou a abrir-se com ele e a dizer-lhe como seria o seu encontro com o pai na Palestina. Desde que deixara os Hansens tinha trabalhado durante tanto tempo e tão arduamente com as crianças que nunca criara uma verdadeira amizade. Dov parecia orgulhoso por ela lhe contar todas estas coisas, e coisa estranha também ela gostava de falar com ele.

E um dia aconteceu uma coisa notável: Dov Landau sorriu.

Quando conversavam, ele gostaria de poder falar-lhe de coisas belas. A maneira como ela falava dos Hansens, dos Dinamarqueses, das crianças que adorava, da sua esperança em encontrar o pai... fazia que ele desejasse falar-lhe da mesma forma. Mas não conseguia lembrar-se de nada agradável, e o tempo de antes da guerra já passara há tantos anos que não lhe trazia recordações absolutamente nenhuma.

Karen tinha o cuidado de não tocar nos assuntos a que Dov se não referia. Nunca fez perguntas sobre Auschwitz ou o *ghetto*.
Umás semanas depois foi ter com ele com uma incumbência.
«Dov, tenho um favor a pedir-te.»
Imediatamente Dov ficou desconfiado.
«Os homens da Mossad sabem que estiveste em Auschwitz e que és um falsificador experimentado.»
«E então?»
«Está cá um novo homem que veio da Palestina. O Joab Yarkoni disse-me que ele queria falar contigo. Chama-se Ari Ben Canaan. Precisa de passaportes e documentos e queria utilizar os teus serviços.»
«Ora aí está! Foi para isso que te fizeste minha amiga! Para poderes fazer-me trabalhar.»
«Oh, cala-te, Dov. Nem tu próprio acreditas no que estás a dizer.»
«Bem» - resmungou Dov. «Se precisam tanto de mim, podem vir eles próprios pedir-me.»
«Como é que alguém pode pedir-te alguma coisa, se tu nem sequer falas?»
«E porque hei-de eu trabalhar para eles?»
«Porque eles estão a trabalhar para ti.»
«Estão o quê! Estão a trabalhar para se salvarem a si próprios.»
«Está bem. Vê as coisas ao teu modo. Eles não são piores que os Alemães, e se pudeste fazer dólares americanos para *eles*, podes certamente fazer passaportes para a Mossad »
«És muito esperta a responder.»
«Dov, nunca te pedi um favor. Que resposta lhes dou?»
«Diz-lhe que talvez, mas que temos de esclarecer muitas coisas primeiro.»
Karen pegou na mão dele e sorriu.
«Porque não as esclareces tu? Ben Canaan está à tua espera.»
«Falo com ele aqui.»

224 LEON URIS

No íntimo, Dov gostava de Ari Ben Canaan. Ia direito às questões e disse a Dov que se não trabalhasse seria o último judeu a sair de Caraolos. Mas, além disso, Dov gostou das suas características de chefe as mesmas que Mundek possuía. Foi trabalhar para o quartel-general do Palmach para uma das salas de aula. Para todos os de Caraolos menos para Karen, Dov Landau continuava incorrigível; falava sempre com um tom de voz zangado. Era sempre a ela que chamavam para acalmar as suas explosões repentinas.

Karen via nele qualidades que mais ninguém via uma admirável força de carácter e orgulho. Havia ainda outras coisas que não sabia explicar que faziam que gostasse muito dele.

Duas semanas e meia após a chegada de Ben Canaan a Chipre, David Ben Ami deu a Dov uma lista de trezentos nomes de crianças para serem escritos em documentos semelhantes a ordens de transferência britânicas. As trezentas crianças deviam ser levadas de Caraolos para as novas cercas próximo de Larnaca. Dov sabia que esta era a fuga pela qual ansiava! Mas nem o seu nome nem o de Karen constavam da lista.

Dov disse a David que queria falar a Ben Canaan e foi então que exigiu a Ari que ele e Karen fossem incluídos na fuga. Ari concordou :

CAPÍTULO XXIX

Faltavam vinte e quatro horas para a fase final da «operação Gedeão».

Ari Ben Canaan convocou uma reunião dos chefes do Palmach em casa do cipriota Mandria.

David Ben Ami deu a Ari os documentos de transferência que Dov Landau tinha acabado de completar.

Ari examinou-os e comentou que o rapaz era um verdadeiro artista: os documentos enganariam quem quer que

EXODUS 225

fosse. David informou que cuidara de inúmeras pequenas coisas, desde questões de segurança ao abastecimento de comida *kosher* para as crianças ortodoxas.

Joab Yarkoni, o marroquino, informou que os camiões estavam prontos e podiam partir do 23.º Campo de Transportes de Caraolos em vinte minutos. Forneceu um apontamento do tempo gasto em percursos experimentais de Caraolos a Cirénia pelas várias estradas.

Zev Gilboa disse que as trezentas e duas crianças seriam metidas nos camiões em poucos minutos após a chegada deles a Caraolos. Momentos antes da partida dos camiões, Zev informaria as crianças do que ia passar-se.

Hank Schlosberg, o capitão americano do *Exodus*, comunicou que ao romper do dia sairia com o navio de Larnaca para Cirénia e estaria lá, pelo menos, uma ou duas horas antes da chegada dos camiões.

Mandria informou que tinha um sistema de vigilância ao longo do percurso de fuga que o avisaria de qualquer movimento britânico desusado. Tinha também observadores nas várias estradas. Ele esperaria, como estava combinado, na sua casa em Famagusta; no momento em que os camiões viessem a passar telefonaria para Cirénia para Mark Parker.

Ali levantou-se e observou os seus colaboradores.

Todos, sem excepção, estavam nervosos; até Yarkoni, habitualmente calmo, olhava para o chão. Ari não os felicitou nem lhes desejou boa sorte. Havia tempo para felicitações, e, no que se referia à sorte, era deles que dependia

Eu não queria organizar a fuga senão daqui a três dias, até os Ingleses começarem a transferir crianças. Mas recebemos informações de que o major Alistair suspeita das nossas actividades. Temos até razões para crer que foi a Londres para receber ordens, saltando por cima do brigadeiro Sutherland. Temos, portanto, de entrar em acção. Os nossos camiões chegam a Caraolos às nove horas. Penso que às dez já teremos carregado as crianças e estaremos quase a passar pela sua casa aqui em Famagusta.

As duas horas que se seguem à nossa saída da estrada de Larnaca vão ser horas decisivas. Não temos motivos para supor que os camiões sejam detidos toda Chipre os

E. - 15

conhece. Mas. agiremos como se eles suspeitassem de qualquer coisa. Algum esclarecimento?

David Ben Ami, o sentimental, não podia deixar passar a ocasião sem propor um brinde Ari encarou com tolerância a frivolidade do jovem.

Lê chaim! disse David, erguendo o seu copo.

Lê chaim! responderam os outros.

Muitas vezes vos ouvi dizer esse <*de chaim*> disse Mandria. Que significa?

Significa «À vida!» respondeu David, e para os Judeus o pedido não é insignificante.

«À vida!» repetiu Mandria. É bonito.

Ari aproximou-se de Mandria e abraçou-o à maneira do Palmach.

Tem sido um verdadeiro amigo disse Agora tenho de ir ter com Parker.

Mandria ficou no mesmo sítio, com as lágrimas a correrem-lhe pelas faces, pois sabia que esta manifestação de afecto era reservada aos compatriotas, e recebê-la de Ari Ben Canaan significava ter sido totalmente aceite como um deles.

Meia hora mais tarde, Ari, vestido de «capitão Caleb Moore», ia ter com Mark ao terraço do Hotel do Rei Jorge.

Mark estava num feixe de nervos. Ari sentou-se, recusou o cigarro que lhe ofereciam e pediu uma bebida

Então? perguntou Mark, impaciente.

Amanhã. Estaremos em Caraolos às nove horas.

Pensei que iam esperar até que os Ingleses começassem a esvaziar a cerca das crianças.

Teria sido melhor, mas não podemos esperar. Um amigo do D. I. C. disse-nos que o Alistair está a planear qualquer coisa. Mas descanse prosseguiu Ari, isto está quase no fim e os Ingleses ainda não sabem o que procuram. Agora já você compreende porque nos antecipamos.

Mark abanou a cabeça afirmativamente. Enviaria um telegrama pedindo um prolongamento das suas férias.

Bradbury, em Londres, saberia pela assinatura, «Mark», que a «operação Gedeão» tinha sido um êxito e publicaria o artigo enviado uma semana antes pelo piloto

EXODUS 227

Suponhamos que não recebo o telefonema de Man' dria às dez...

Ari sorriu.

Nesse caso, sugiro-lhe que saia de Chipre, a não ser que queira fazer a reportagem da minha execução.

Isso talvez tivesse graça respondeu Mark. Acabou a bebida.

A propósito disse Ari, olhando para a água, Kitty não vai ao campo desde que fomos forçados a pôr Karen na lista do *Exodus*.

Sim, está comigo no Dome.

Como se sente ela?

Como diabo pensa que se sente? Muito infeliz. Não quer que Karen vá no *Exodus*. Censura-a por isso?

Não a censuro, mas lamento-a.

Isso é simpático. Não sabia que tivesse pena de alguém.

Tenho pena de que ela se tenha deixado dominar pelas emoções.

Já me esquecia. Você não sabe nada acerca das emoções humanas.

Você está nervoso, Mark.

Mark estava irritado com a placidez de Ari. Lembrou-se da angústia de Kitty quando voltou a Cirénia e lhe disse que Karen ia no navio.

Que quer? Kitty sofreu mais do que uma pessoa tem direito a sofrer.

Sofreu? perguntou Ari Pergunto a mim próprio se Kitty Fremont sabe o significado dessa palavra.

C'os diabos!, Ben Canaan, c'os diabos! Que é que o faz pensar que os Judeus têm o exclusivo do sofrimento?

Felizmente não lhe pagam para que goste de mim e a sua opinião não me interessa.

Como podia interessar-lhe? Quanto a mim, gosto de pessoas com fraquezas humanas.

Nunca as tenho durante as horas de trabalho.

Mark levantou-se para partir. Ari agarrou-lhe o braço com a sua mão forte. Pela primeira vez, Mark viu Ben Canaan perturbado; os seus olhos traduziam cólera.

228 LEON URIS

Que diabo pensa você que isto é? Um chá nos jardins da duquesa? Amanhã vamos bater-nos com o Império Britânico.

Soltou o braço de Mark e lamentou a pequena manifestação de irritação. Nesse momento, Mark teve uma certa pena de Ari. Talvez tivesse podido disfarçá-la melhor, mas também ele estava tenso.

Horas depois, Mark regressava ao Hotel Dome, em Cirénia. Bateu à porta de Kitty. Ela conseguiu recebê-lo com um esboço de sorriso, mas não pôde dissimular a vermelhidão dos olhos.

Amanhã.

Por um momento Kitty sentiu-se gelar.

Tão cedo?

Têm receio de que os Ingleses estejam a preparar qualquer coisa.

Kitty caminhou para a janela e olhou para o cais e ilha. A noite estava transparente como um cristal e viam-se ali os contornos indistintos da costa turca.

Tenho estado a tentar arranjar coragem para fazer as malas e sair de Chipre.

Olha sugeriu Mark, logo que isto passe, vamos passar umas semanas à Riviera.

Para nos recompormos? Pensava que tinhas de ir para a Palestina.

Duvido de que os Ingleses me deixem entrar depois disto. Kitty, estou cheio de remorsos por te ter arrastado para semelhante coisa. .

A culpa não foi tua, Mark.

És amável em dizer isso, mas não é inteiramente verdade. Vais esquecer tudo?

Sim, creio que sim. Devia ter tido mais juízo, e tu tentaste avisar-me. Senti sempre que estava em terreno escorregadio. Lembras-te, Mark? Já discutimos isto na noite em que conheci o Ben Canaan. Disse-te nessa altura que há qualquer coisa de diferente nos Judeus e mantenho-o. Eles não são como nós.

Têm uma capacidade ilimitada para arranjar complicações. É o seu desporto favorito disse Mark, saltando da cama e esfregando as fontes. Bem, seja como

EXODUS 229

for, o melhor é irmos comer, tanto mais que estou com fome.

Kitty encostou-se ao limiar da porta enquanto Mark passava a cara por água fria. Ele estendeu a mão à procura de uma toalha; ela deu-lha.

Mark. Vai ser muito perigosa a ida no *Exodus*, não vai?

Ele hesitou um momento; não servia de nada iludi-la naquela altura.

É uma bomba flutuante.

Kitty perdeu coragem.

Diz-me a verdade. Poderão levar isto a bom termo?

Têm bastantes probabilidades, com aquele monstro mecânico, o Ari Ben Canaan, a dirigir a função.

O Sol pôs-se e veio a noite.

Mark e Kitty sentaram-se sem dizer palavra no quarto dela.

Não serve de nada passar a noite a pé disse ele finalmente.

Não te vás embora pediu Kitty ; vou estender-me em cima da coberta.

Foi à mesinha de cabeceira, tirou duas pílulas para dormir, apagou a luz e deitou-se.

Mark ficou junto da janela a ver a rebentação de encontro à costa. Passaram vinte minutos. Olhou para Kitty e viu que ela sucumbira a um sono agitado. Dirigiu-se à cama, ficou junto de Kitty uns momentos, depois tapou-a com um cobertor e voltou para a cadeira.

Em Caraolos, Dov e Karen estavam sentados na cama dele, demasiado excitados para dormirem. Falavam baixinho.

Na cerca das crianças eram os únicos a saber o que o novo dia traria.

Karen tentou acalmar Dov. Ele continuava a dizer o que faria quando chegasse à Palestina, como se juntaria aos terroristas e mataria soldados ingleses. Karen fê-lo calar como só ela o conseguia e finalmente convenceu-o a deitar-se.

Quando ele fechou os olhos, Karen levantou-se; uma

230 LEON URIS

sensação estranha percorreu-lhe o corpo estranha e assustadora. Dov significava mais para ela do que imaginara até esse momento. Primeiro tinha sido piedade mas agora Dov tinha ascendente sobre ela. Karen não compreendia; queria ir ter com Kitty falar-lhe no assunto, mas Kitty fora-se embora.

Karen?

Estou aqui, Dov.

As horas da noite iam passando.

Na 23.^a Companhia de Transportes FJSMC, três homens estavam deitados nas respectivas camas com os olhos bem abertos.

Pela primeira vez em cerca de um ano, Zev Gilboa atreveu-se a pensar na Primavera na Galileia. Lembrou-se da sua mulher, do filho e da herdade. O filho tinha somente uns meses quando o Palmach enviou Zev para Chipre. Joah Yarkoni também pensava na sua herdade. Era diferente da de Zev, porque ficava junto ao mar, um pouco a norte da planície de Sharon; chamava-se Sdot Yam, o que significava «Campos do Mar, porque a sua maior riqueza era o peixe. Yarkoni adorava caminhar durante horas pelas ruínas abandonadas de Cesareia e fazer escavações em busca de antiguidades, e esperava que o Palmach ; lhe permitisse demorar-se por lá algum tempo. Iria à pesca no seu arrastão e veria de novo o irmão e a irmã.]

.. e David Ben Ami pensava na sua adorada Jerusalém. Amava Jerusalém quase tanto como amava Jordana, a irmã de Ari. Iria agora estar com ambas até que ; o encarregassem de nova missão. Recordava as colinas rochosas da Judeia onde viviam os seus seis irmãos e lembrava a cidade construída em pedra. David apoiou-se sobre um cotovelo e releu a carta que Ari lhe trouxera. «Jordana! Jordana!» O coração batia-lhe desordenadamente, Jordana, meu amor!»

Os três homens sabiam que a sua estada na Palestina podia ser breve, pois que pertenciam ao Palmach e à Mossad e podiam ser preciosos em qualquer parte do mundo. Mas naquela noite os seus pensamentos iam para o lar...

EXODUS 231

O brigadeiro Bruce Sutherland teve outro pesadelo.

Vestiu-se, saiu de casa sozinho e errou por Famagusta até altas horas da noite. Caminhou ao longo da muralha e olhou para a cidade velha, com as suas centenas de igrejas, catedrais, ruínas de castelos e restos de glórias passadas.

Chegou à Torre de Otelo e subiu-a, olhando para o porto. Estava fatigado, muito fatigado, e cismava se voltaria a ter uma noite em que cerrasse os olhos e caísse num sono tranquilo.

O major J. J. Alistair adormeceu sobre a secretária. Durante grande parte da noite examinara relatórios e fragmentos de informações, numa tentativa de reconstituir exactamente o plano dos judeus de Caraolos.

Mandria passeava para trás e para diante na sala em que a Mossad e o Palmach tinham realizado tantas reuniões.

Sim, havia apenas umas semanas que Ari Ben Canaan e David Ben Ami tinham estado naquela varanda vendo centenas de judeus serem retirados do seu barco clandestino, o *Porta da Esperança*. Amanhã estaria ele na varanda e passaria outra série de camiões; seria este o ponto culminante do plano fantástico de Ari Ben Canaan.

A imaginação dos cipriotas gregos tinha sido tremendamente excitada pela audácia da Mossad. Os que, como Mandria, trabalhavam com os Judeus começavam a pensar num movimento clandestino próprio, contra o governo dos Ingleses em Chipre.

Um homem dormia profundamente: Ari Ben Canaan, que o fazia como um bebé bem alimentado sem qualquer preocupação na vida.

Um raio de luz incidiu sobre o rosto de Mark Parker. Abriu os olhos e bocejou. Tinha-se deixado adormecer junto da janela com os pés sobre o peitoril. Estava entorpecido e a boca sabia-lhe mal devido aos cigarros e ao *whisky*. Olhou em volta e viu Kitty dormindo profunda e calmamente na cama. Baixou a gelosia, saiu do quarto em bicos de pés, depois barbeou-se, passou alguns momen-

tos debaixo de um duche gelado e sentiu-se melhor. Vestiu-se, voltou ao quarto de Kitty, sentou-se de mansinho na beira da cama e afagou-lhe levemente o cabelo. Ela mexeu-se e abriu os olhos devagarinho. Sorriu ao ver Mark e espreguiçou-se. Depois a sua expressão tornou-se receosa.

Às nove menos vinte, Ari Ben Canaan, vestido de «capitão Caleb Moore», entrou no *jeep* de comando do comboio de doze camiões da 23.^a Companhia de Transportes. Cada camião tinha como motorista um *palmachnik* vestido como os soldados britânicos. Partiram a toda a pressa do campo e vinte minutos depois paravam diante do edifício da administração militar em Caraolos, fora das cercas de arame farpado.

Ari entrou no edifício e bateu à porta do comandante, com quem, por precaução, se relacionara durante as últimas três semanas.

Bom dia. meu comandante disse Ari.

Bom dia, capitão Moore. Que o traz por cá?

Recebemos uma ordem especial do quartel-general.

Parece que o campo de Larnaca ficou concluído mais depressa do que se esperava. Querem que eu transfira algumas crianças hoje. ,

Ari pousou os documentos falsificados sobre a secretaria do oficial.

O comandante percorreu as folhas.

Isto não estava no plano das transferências disse,

Não contávamos começar a mudar as crianças senão daqui a três dias.

No exército é assim disse Ari.

O comandante mordeu os lábios, meditou, olhou para Ari, examinou novamente os documentos de transferência. Pegou no telefone.

Está? Aqui, Porter. O capitão Moore tem ordens para transferir trezentas crianças da cerca n.º 50. Enviem gente para o ajudar.

Pegou na caneta e rubricou os documentos. Assinou mais umas folhas autorizando a entrada na cerca e a deslocação das crianças.

EXODUS 233

Ande depressa, sim, Moore? Temos outro carregamento para ser transferido dentro de uma hora e poderia haver engarrafamentos na estrada.

Sim, meu comandante.

Olhe... Moore. Muito obrigado, meu velho, pelo *whisky* que mandou para o clube.

Não tem de quê, meu comandante.

Ari reuniu os documentos que estavam sobre a secretária.

O oficial suspirou.

Chegam judeus e partem judeus disse ele.

É verdade confirmou Ari. Chegam... e partem.

A mesa do pequeno almoço estava posta em frente da janela no quarto de Mark. Ele e Kitty mal tocaram na comida O cinzeiro de Mark transbordava.

Que horas são agora? perguntou Kitty pela décima quinta vez.

Quase nove e meia.

Que se estará a passar?

Se estão a seguir o plano exactamente, estão agora a carregar os pequenos para os camiões. Olha disse Mark, apontando para o mar.

O *Afrodit*e/*Exodus* dava uma volta, dirigindo-se lentamente para a entrada do porto.

Meu Deus! disse Kitty. É aquilo o *Exodus*?

É.

Santo Deus, Mark! Parece que está quase a desfazer-se.

E está.

Mas como diabo vão meter a bordo trezentas crianças?

Mark acendeu outro cigarro. Queria andar pelo quarto, mas não queria mostrar a Kitty como estava preocupado.

Nove e meia.

Nove e quarenta.

O *Exodus* passou entre o farol e o castelo, através da estreita abertura entre os dois lados da muralha, e entrou no porto de Cirénia.

Nove e cinquenta.

Mark, senta-te, por favor. Estás-me a enervar.

Dentro em pouco devemos receber o telefonema de Mandria. De um minuto para o outro... de um minuto para o outro.

Dez horas.

Dez e cinco.

Dez e seis.

Dez e sete.

C'os diabos! Onde está esse café que eu pedi?

Kitty, telefona do teu quarto, se fazes favor. Diz-lhes que tragam o café.

Dez e um quarto. Chegou a cafeteira com café acabado de fazer.

Dez e dezassete. O nervosismo de Mark diminuiu.

Sabia que se não recebesse comunicação de Mandria dentro de dez minutos é porque algo tinha acontecido

Dez e vinte. O telefone tocou.

Mark e Kitty olharam-se por instantes. Mark limpou a transpiração da palma da mão, respirou fundo e levantou o auscultador.

Está?

É o Sr. Parker?

Eu próprio.

Um momento. Temos uma chamada para si de Famagusta

Está?... Está?... Está?...

Parker?

O próprio.

Daqui, Mandria.

Então? - !'

Acabam de passar por aqui.

Mark pousou lentamente o auscultador.

-Conseguiram sair de Caraolos sem novidade. Agora vão a descer a estrada na direcção de Larnaca. Dentro de quinze minutos viram e seguem para o norte. Se não tiverem de mudar de itinerário, têm de andar cerca *de* 80 quilómetros, quase tudo terreno plano, apenas com um desfiladeiro da montanha. Devem estar aqui um pouco depois do meio-dia... se tudo correr bem.

Quase que espero que alguma coisa corra maldisse Kitty.

EXODUS 235

[Vamos andando. Não serve de nada esperarmos aqui!

Pegou no binóculo, desceu as escadas com Kitty até ao escritório do hotel e pediu um impresso para telegrama.

Kenneth Bradbury

Chefe do Sindicato Americano de Notícias

Londres

«Tenho um baile. Peço duas semanas prolongamento minhas férias. Responda.

Mark.»

Mande isto como urgente. Quanto tempo levará?

O empregado da recepção leu.

Está em Londres daqui a umas horas.

Foram do Hotel Dome para o cais.

Para que era aquilo? perguntou Kitty.

O meu artigo deve ser telegrafado de Londres esta noite.

Demoraram-se uns momentos no cais e viram o frágil rebocador fundeado na doca. Mark e Kitty afastaram-se, atravessaram o porto e treparam às muralhas do Castelo da Virgem. Daqui viam o porto e lá muito em baixo a estrada marginal onde deviam passar os camiões.

Às onze e um quarto, Mark dirigiu o binóculo para a estrada marginal. Perscrutou lentamente a estrada junto à praia e observou as colinas. O desfiladeiro ficava demasiado longe para poder ser visto. Mark estremeceu tinha avistado um pequeno rasto de poeira e uma fila de camiões que pareciam formigas! Tocou no cotovelo de Kitty e passou-lhe o binóculo. Ela manteve-o assestado para os camiões, que se dirigiam lentamente para Cirénia, entrando e saindo das curvas.

Estão a cerca de meia hora daqui.

Desceram da muralha, atravessaram mais uma vez o porto e ficaram numa extremidade do cais, apenas a cinco minutos de caminho do Dome. Quando o comboio de camiões passava pelo hospital, no extremo da cidade. Mark segurou na mão de Kitty e partiram para o hotel.

236 LEON URIS

Numa cabina telefónica do Dome, Mark pediu uma chamada urgente para a Intelligence Service em Famagusta.

Desejo falar ao major Alistair disse Mark, disfarçando a voz com um lenço no bocal e falando com sotaque britânico.

Quem fala, por favor, e sobre que assunto deseja falar com o major Alistair?

Ouçã, meu amigo disse Mark, fugiram trezentos judeus de Caraolos. Não faça perguntas e ligue-me para o Alistair,

Na secretária do major Alistair o telefone tocou.

Aqui Alistair disse ele na sua voz sussurrante.

Daqui é um amigo. Aviso-o de que várias centenas de judeus fugiram de Caraolos e estão neste momento a entrar a bordo de um navio no porto de Cirénia.

Alistair fez tinir o telefone várias vezes.

Está?... Está?.. Quem fala? Está?...Desligou o telefone e ligou-o de novo. Aqui, Alistair. Recebi uma comunicação de uma fuga de judeus. Devem estar a entrar a bordo de um navio em Cirénia. Dê sinal de alarme e mande imediatamente o comandante da área de Cirénia investigar o que se passa Se a comunicação for verdadeira, será melhor avisar as unidades navais para que se dirijam para aquela zona.

Alistair pousou o auscultador e correu, atravessando o átrio, ao gabinete de Sutherland.

Os camiões pararam no cais. Ari Ben Canaan saiu do *jeep* de comando e o motorista levou o veículo. Um a um os camiões iam chegando até ao *Exodus*. Os jovens reagiam automaticamente, em resultado dos treinos de Zev dirigiram-se depressa e em sossego dos camiões para o navio. A bordo, Joab, David e Hans Schlosberg, o capitão, encaminhavam-nos para os seus lugares no porão e na coberta. A operação efectuou-se calmamente e sem palavras.

Ao longo do cais, espectadores curiosos olhavam, boquiabertos
Alguns soldados britânicos encolhiam os ombros

EXODUS 237

bro e coçavam a cabeça. Logo que os camiões estavam vazios, eram levados para as montanhas em volta de S.to Hilarião para serem abandonados. A partir daquele momento a 23.^a Companhia de Transportes tinha cumprido o seu objectivo e deixava de existir. Joab deixou Um bilhete no seu camião agradecendo aos Ingleses o seu uso.

Ari entrou a bordo do *Exodus* e subiu à casa do leme. As crianças saíram dos camiões e vinte minutos depois o barco estava carregado. Zev, David, Joab e Hank Schlosberg comunicaram que o navio estava completo. Ari deu a Hank ordem de partida e ele levantou ferro e pôs as máquinas a funcionar.

Vão ter com os pequenos disse Ari e digam-lhes exactamente o que estamos à fazer e o que esperamos deles. Qualquer criança que queira ficar, que vá avisar-me à casa do leme e voltará para Caraolos. Expliquem-lhes que se ficarem as suas vidas correrão perigo. Não deve haver coacção da vossa parte nem de umas crianças sobre as outras.

Enquanto os *palmachniks* partiam a dar os esclarecimentos, o *Exodus* recuava para o centro do porto e ancorava. Momentos depois, toda a área de Cirénia estava cheia dos silvos das sereias! Ari assestou um binóculo para as colinas e estrada marginal e viu dezenas de camiões e *jeeps* ingleses convergindo para Cirénia. Riu alto ao ver os camiões da extinta 23.^a Companhia de Transportes correndo pelas colinas acima para serem abandonados. Fugiam do porto e cruzavam-se com os soldados britânicos que vinham em direcção oposta.

Ari olhou para baixo. Os pequenos, na coberta, estavam calmos.

Os Ingleses enchiam o cais! Chegavam camiões consecutivos de soldados. Vários oficiais apontavam para o *Exodus* e gritavam ordens. Os soldados começaram a correr pelos dois braços da muralha e montaram metralhadoras e morteiros na estreita abertura do porto de maneira que o *Exodus* não pudesse fazer-se ao mar.

Chegaram mais camiões. Um cordão de guardas no cais afastara os espectadores curiosos. Ari via o número de ingleses crescer de momento a momento. Uma hora depois o porto estava pejado de tropa quinhentos soldados armados. À saída do porto estacionavam dois torpedeiros. No horizonte, Ari distinguiu mais três contratorpedeiros afluindo ao local. As sereias continuavam a sibilar! A pacífica cidadezinha transformava-se num campo de batalha! A seguir, roncando, avançavam os tanques, e a artilharia ocupou a posição das metralhadoras e morteiros que guardavam a entrada do porto.

Com outro silvo de sereias chegou um carro transportando o brigadeiro Sutherland, Caldwell e Alistair. O major Cook, o comandante da área de Cirénia, comunicou a Sutherland:

É aquele o navio. Está carregado de judeus. Não pode sair de maneira nenhuma.

Sutherland observou o porto.

Tenho aqui o suficiente para combater uma divisão blindada da Wehrmacht disse ele. A gente daquele barco deve estar doida. Instalem imediatamente um sistema de alto-falante.

Sim, meu brigadeiro.

Se quer a minha opinião, é fazê-lo ir pelos ares disse Caldwell.

Não lhe pedi opinião retorquiui Sutherland.

Cook .. cerquem esta zona com um cordão de soldados e organizem um grupo para entrar a bordo. Munidos de gases lacrimogéneos e pequenas armas, para no caso de não se renderem. Freddie, corra ao Hotel Dome e informe o quartel-general de que não quero que dêem notícias.

Alistair estava calado, analisando o rebocador

Que lhe parece, Alistair?

Não gosto disto respondeu. Eles não preparariam uma fuga como esta em pleno dia se não tivessem qualquer outra coisa em mente.

Ora vamos, Alistair. Está sempre à procura de conspirações sinistras.

Mark Parker abriu caminho por entre os guardas e aproximou-se dos dois oficiais.

EXODUS 239

Que alarido é este? perguntou Mark a Alistair.

Mal Alistair viu Mark, teve a certeza de que as suas suspeitas eram justificadas.

Francamente, Parker disse Alistair, seja bom rapaz e conte-nos tudo. Sabe, meu amigo, deve retocar o seu sotaque britânico para a próxima vez que me telefone.

Não sei a que se refere, major.

O brigadeiro Sutherland principiava a compreender.

Olhou para o rebocador, para Parker e para Alistair e compreendeu que a Mossad Aliyah Bet o tinha apanhado desprevenido. Corou. O major Cooke, comandante da área de Cirénia, informou:

Dentro de dez minutos, os grupos estarão prontos para entrar a bordo. São duzentos homens, e requisitaremos as lanchas para retirarem as crianças.

Sutherland nem sequer o ouviu.

C'os diabos! Onde está o alto-falante?

Dez minutos depois, Sutherland pegou num microfone.

Fez-se silêncio no porto. Os grupos escolhidos para entrar a bordo aguardavam.

alô! Aqui fala o brigadeiro Bruce Sutherland, comandante de Chipre. A sua voz ressoou numa série de ecos. Ouvem-me daí?

Na casa do leme do *Exodus*, Ari Ben Canaan ligou o seu sistema de alto-falantes.

alô, Sutherland disse. Aqui capitão Caleb

Moore, da 23.^a Companhia de Transportes das Forças Judaicas de Sua Majestade em Chipre. Encontrarão os vossos camiões em S.to Hilarião.

Sutherland empalideceu. A boca de Alistair escancarou-se.

Vamos dar-lhes dez minutos para voltarem para a doca.

Se não o fizerem, enviamos um grupo armado que entrará a bordo e vos trará para terra.

alô, Sutherland! Aqui fala o *Exodus*. Temos trezentas e duas crianças a bordo deste barco. A nossa casa tas máquinas está carregada de dinamite. Se as vossas

240 LEON URIS

tropas puserem pé cá dentro ou se qualquer das vossas espingardas disparar, atiramos connosco pelos ares!

Naquele mesmo momento, a reportagem de Mark Parker era telegrafada de Londres para todos os cantos do mundo.

Sutherland, Alistair e os quinhentos soldados ingleses que estavam no cais emudeceram quando foi içada no mastro do *Exodus* uma bandeira: era um pavilhão britânico em cujo centro estava pintada uma grande suástica nazi.

A luta do *Exodus* tinha principiado!

CAPÍTULO XXX

Exclusivo.

DAVID CONTRA GOLIAS EM 1946

(Pelo correspondente do Sindicato Americano de Notícias, Mark Parker.)

Cirénia, Chipre (S. A. N.).

Escrevo esta história de Cirénia. É um pequeno porto que parece uma jóia, na costa norte da colónia britânica de Chipre.

Chipre é rica em história. A ilha está repleta de recordações do seu glorioso passado, desde as ruínas da Salamina às catedrais de Famagusta e Nicosia e castelos dos Cruzados.

Mas nenhuma passagem desta história brilhante iguala em drama a tragédia que está a desenrolar-se precisamente neste momento nesta calma e desconhecida estância:

Há meses que Chipre é um centro de detenção de refugiados judeus que têm tentado romper o bloqueio britânico para a Palestina. Trezentas

EXODUS 241

crianças, entre os 10 e os 17 anos de idade, fugiram hoje do campo britânico de Caraolos por forma ainda ignorada e atravessaram a ilha com destino a Cirénia, onde um antigo rebocador de salvamento de cerca de 200 toneladas os esperava para partirem para a Palestina. Quase todos os fugitivos foram prisioneiros dos campos de concentração e extermínio alemães.

O rebocador de salvamento, justificadamente crismado de Exodus, foi descoberto pelo -Intelligence Service antes de sair do porto. O navio está ancorado a meio do porto, que mede menos de 300 metros de diâmetro, e tem desafiado todas as tentativas dos Ingleses no sentido de desembarcar as crianças e mandá-las de novo para Caraolos.

Do Exodus anunciaram que o porão do barco está cheio de dinamite. As crianças aderiram a um pacto suicida pelo qual o barco explodirá se os Ingleses tentarem entrar a bordo.

Londres

O general Sir Clarence Tevor-Browne deixou cair o jornal sobre a secretária. Acendeu um charuto e analisou os relatórios. O artigo de Mark Parker estava a fazer sensação não só na Europa, mas nos Estados Unidos. Tinha recebido também uma carta de Sutherland pedindo instruções, pois se recusava a tomar a responsabilidade de dar ordens para entrada a bordo do *Exodus*.

Tevor-Browne sabia que parte da culpa era sua: ele próprio escolhera Bruce Sutherland para o cargo de comandante e não dera ouvidos a Alistair quando este o avisara de que Sutherland devia ser substituído.

Humphrey Crawford entrou no gabinete de Tevor-Browne.

Crawford era um homem de rosto pálido que tinha feito a sua carreira na Repartição do Médio Oriente do Ministério das Colónias e servia de ligação entre o exército e os chefes da política em Whitehall e Chatham House.

E. - 16

- Boa tarde, Sir Clarence disse Crawford com nervosismo.

São horas do nosso encontro com Bradshaw

Tevor-Browne levantou-se e reuniu alguns papéis.

Não se deve fazer esperar o velho Cecil Bradshaw.

O gabinete de Cecil Bradshaw era no Instituto de Relações Internacionais, em Chatham House. Durante trinta anos Bradshaw fora um dos homens preponderantes da política britânica do Médio Oriente.

No fim da primeira grande guerra, a Grã-Bretanha e a França batiam-se pelo predomínio do Médio Oriente.

Quando os Ingleses obtiveram o mandato da Palestina, Bradshaw foi um dos que, com Winston Churchill, lutaram pela criação de um Estado árabe em metade do mandato.

O Estado que ajudaram a constituir foi a Transjordânia, tendo por único fim a sua utilização como base militar britânica. Os subsídios ingleses tornaram possível a criação do exército da Grã-Bretanha, a Legião Árabe, e a escolha de um rei para a Transjordânia. Era o árabe hachemita Abdullah, inimigo mortal de Saud da Arábia Saudita.

No fim da segunda guerra mundial, o Partido Trabalhista foi eleito devido, em parte, a promessas no sentido de ajudar a constituição de uma pátria judaica na Palestina. Cecil Bradshaw dirigia uma forte facção em Chatham House que acabou por convencer o novo ministro dos Estrangeiros de que estas promessas eram generosas mas pouco práticas e de que os interesses da Grã-Bretanha estavam do lado dos Árabes. Os 10 milhões de milhas quadradas dos Árabes eram ricos em petróleo e incluíam uma conduta de importância vital.

Acompanharam o general Sir Clarence Tevor-Browne e Humphrey Crawford ao gabinete de Cecil Bradshaw. Este, um homem gordo, à volta dos 60 anos, estava de pé, virado para a parede que lhes ficava em frente, com as mãos papudas atrás das costas. Humphrey Crawford sentou-se nervosamente na beira de uma cadeira. Tevor-Browne instalou-se numa funda cadeira de couro e acendeu um charuto.

Bradshaw falou para a parede:

Parabéns, meus senhores disse em voz sarcástica

EXODUS 243

e trémula de raiva. - Vejo que hoje demos origem a grandes notícias. Voltou-se, afagou o rotundo estômago e sorriu. Esperavam encontrar-me preocupado. Mas não, mas não. Whitehall telefonou esta manhã. Como era de esperar, o ministro fez-me presente deste caso do *Exodus*. Bradshaw sentou-se à secretária, olhou para os relatórios e pegou nos óculos de espessos aros com um gesto rápido.

Diga-me, Sir Clarence: o seu pessoal do Intelligence Service estava morto ou simplesmente a jogar o ténis? E creio que terá alguma coisa a dizer acerca do Sutherland. A ideia de escolhê-lo foi sua.

Tevor-Browne não se deixou intimidar.

E eu creio que a criação dos campos em Chipre foi ideia sua. Que diz a isso?

Meus senhores interveio precipitadamente Crawford para evitar atritos, estamos perante uma situação especial com este caso do *Exodus*. É a primeira vez que é dada publicidade na imprensa americana.

Bradshaw riu-se com um riso sacudido e o rosto avermelhou-se.

Com todos os discursos de Truman, os Americanos deixaram entrar apenas dez mil refugiados judeus no seu país desde o fim da guerra. Claro que Truman é a favor do Sionismo... desde que a Palestina não seja na Pensilvânia.

Todos dizem coisas muito bonitas, mas ainda somos nós quem tem 1 milhão de judeus nas mãos, 1 milhão de judeus que podia deitar por terra toda a nossa posição no Médio Oriente. Bradshaw tornou a pôr os óculos. *Estrela de David, Moisés, Palmach, Portas de Sião, Porta da Esperança*, e agora *Exodus*. Os Sionistas são gente esperta. Durante vinte e cinco anos fizeram de nós os vilões da Palestina. Metem palavras nos artigos do mandato e na Declaração Balfour em que nunca se pensou.

São capazes de convencer um camelo de que é uma mula. Meu Deus... duas horas de conversa com Chaim Weizmann e eu próprio estou pronto a aliar-me aos Sionistas.

- Cecil Bradshaw tirou novamente os óculos. Sabemos das *suas* simpatias, Tevor-Browne.

Não gosto de insinuações, Bradshaw. Talvez eu seja um dos poucos homens práticos que sustentam que a única maneira de conservar o Médio Oriente é constituir uma poderosa Palestina judaica. Não falo dos interesses judaicos, mas dos interesses britânicos.

Bradshaw interrompeu.

Ora vamos a este caso do *Exodus*. A situação é absolutamente clara. Cedemos na questão do *Terra Prometida*, mas desta vez não cederemos. Este barco está nas nossas águas, e não nas águas francesas. Não iremos a bordo, não os mandaremos para a Alemanha, não os meteremos no fundo. Ficarão em Cirénia até apodrecerem.

Apodrecerem está a ouvir, Tevor-Browne? Apodrecerem.

A mão começou a tremer-lhe à medida que a exaltação aumentava.

Tevor-Browne fechou os olhos.

Não temos razões morais do nosso lado. Não há motivo para impedir que trezentas crianças criadas em campos de concentração entrem na Palestina. O petróleo. . os canais... os Árabes... que vão para o Diabo! Não temos motivos! Tornámo-nos ridículos enviando os refugiados do *Terra Prometida* para a Alemanha.

Eu conheço as suas simpatias!

Meus senhores, por favor!

Tevor-Browne levantou-se e encostou-se à secretária de Bradshaw.

Só há uma maneira de ganharmos este caso do *Exodus*. Os Judeus planearam tudo isto para fazerem propaganda.

Façam que o feitiço se volte contra o feiticeiro: deixem partir o *Exodus*. É isso que eles não querem.

Nunca!

Não compreende, senhor, que estamos a fazer o jogo deles?

Enquanto eu estiver em Chatham House, aquele navio não parte!

EXODUS . 245

CAPÍTULO XXXI

Mark Parker

Hotel Dome

Cirénia, Chipre

«Reportagens fazendo sensação. Vá comunicando.

Ken Bradbury, S. A. N.. Londres.»

CIRÉNIA, CHIPRE (S. A. N.).

(Por Mark Parker.)

*É um espectáculo ridículo. Mil soldados armados,
tanques, artilharia e unidades navais, todos
contemplando, imponentes, um rebocador de salvamento
desarmado.*

*A luta do Exodus chega ao fim da primeira
semana empataada. Tanto os Ingleses como os refugiados
se mantêm firmes. Até à data ninguém
entrou no barco de emigração clandestina que
ameaçou fazer-se ir pelos ares; está apenas a umas
centenas de metros do cais, mas visto pelo binóculo
parece estar a 1 metro de distância.*

*O moral das trezentas crianças do Exodus parece
fenomenal. Passaram a semana ora cantando,
ora troçando das tropas britânicas estacionadas
no cais.*

As reportagens de Mark eram enviadas diariamente,
cada uma acrescentando novos e interessantes pormenores.
Quando Cecil Bradshaw decidiu fazer com o caso do
Exodus uma sondagem da opinião pública, sabia que se
levantaria uma barreira de críticas desfavoráveis. A imprensa
francesa desencadeou os seus costumados ataques.

mas insultos tão terríveis como desta vez nunca tinham sido proferidos em toda a história da aliança anglo-francesa. As notícias espalharam-se pela Europa, e até a imprensa britânica se dividiu e pôs em dúvida a sensatez da decisão de Whitehall de não deixar o *Exodus* partir para a Palestina.

Bradshaw era um político atilado e que resistia a muitas tempestades. Tinha a certeza de que esta era uma tempestade num copo de água e que em breve passaria.

Enviou três jornalistas amigos a Cirénia para responder às reportagens de Parker, e meia dúzia de técnicos tentavam continuamente justificar a posição britânica. Os Ingleses tinham algumas razões a seu favor e o assunto estava bem exposto, mas era difícil contrariar a simpatia natural do público por um grupo de crianças refugiadas.

Se os Sionistas são tão bem intencionados, porque põem em perigo a vida de trezentas crianças inocentes? Tudo isto é uma conspiração concebida a sangue-frio para criar simpatia pelos Judeus e obscurecer os verdadeiros problemas que se põem com respeito ao mandato da Palestina. É óbvio que estamos a lidar com fanáticos. Ari Ben Canaan é um agitador sionista profissional com uma folha de serviços de anos de actividades ilegais.

Jornalistas de meia dúzia de países desceram no aeroporto de Nicosia e pediram licença para entrar na área de Cirénia. Várias revistas importantes também mandaram pessoal. O Dome começou a parecer-se com a sede de uma organização política.

Em alguns cafés de Paris os Ingleses foram insultados. Nos bares de Londres defenderam-se os Ingleses. Em Estocolmo fizeram-se palestras. Em Roma houve debates. Em Nova Iorque apostava-se quatro contra um em como o *Exodus* não levantaria ferro.

No fim da segunda semana, Ari autorizou Mark a entrar a bordo do navio. Mark escolheu o que pensou ser o momento oportuno. Como foi a primeira pessoa de fora a

entrar a bordo do *Exodus*, as suas três reportagens foram publicadas na primeira página de todos os jornais. Exclusivo.

ENTREVISTA COM o REPRESENTANTE DO «Exodus»
ARI BEN CANAAN

Cirénia, Chipre (S. A. N.)

Fui hoje o primeiro correspondente a entrevistar Ari Ben Canaan, o representante das crianças do Exodus. Disse-lhe de que é que os Ingleses o acusam: de ser um agitador profissional sionista, principalmente. Conversámos na casa do leme do barco, o único sítio a bordo onde não há montes de gente. As crianças ainda parecem muito bem dispostas, mas começam a ressentir-se fisicamente das condições em que vivem há duas semanas. Ben Canaan tem 30 anos. É um homem forte, de mais de 1,80 m de altura, de cabelo negro e olhos azuis, de expressão fria. Podia ser tomado por um astro de cinema. Exprimiu a sua gratidão para com os simpatizantes de todo o mundo e assegurou-me que as crianças se mantinham firmes.

Em resposta às minhas perguntas, disse: «Não me importo com os ataques pessoais que me fazem, mas sempre gostava de saber se os Ingleses também dizem que fui capitão do exército britânico durante a segunda guerra mundial. Concorde que sou um agitador sionista e continuarei a sê-lo até que eles cumpram as suas promessas sobre a Palestina.

Se o meu trabalho é ilegal ou não, é uma questão de opinião. »

Utilizei os argumentos britânicos e falei-lhe da importância do Exodus. Respondeu-me: «Nós, Judeus, somos acusados de muitas coisas e já estamos habituados. Tudo quanto diga respeito ao mandato da Palestina que não tenha uma justificação lógica e razoável é sempre atribuído às

248 LEON URIS

sinistras conspirações do Sionismo. Estou verdadeiramente espantado de que não tenham culpado os Sionistas das complicações que estão a ter na Índia. Felizmente para nós que Ghandhi não é judeu. «Whitehall continua a usar como bode expiatório os misteriosos Sionistas, para ocultar três décadas de actos indignos no mandato, mentiras ditas a Judeus e a Árabes, traições e denúncias. A primeira promessa que quebraram foi a Declaração Balfour de 1917, que prometia uma pátria judaica, e desde então têm continuado a quebrar

promessas. A última mentira proveio do Partido Trabalhista, que, antes das eleições, prometeu abrir as portas da Palestina aos sobreviventes do regime de Hitler.

«Estou pasmado com as lágrimas de crocodilo de Whitehall por sacrificarmos as crianças. Todas as que se encontram do Exodus estão cá voluntariamente. Todas elas são órfãs devido ao hitlerismo.

Quase todas viveram durante seis anos em campos de concentração alemães ou ingleses.

«Se em Whitehall estão tão preocupados com o bem-estar destas crianças, desafio-os a escancararem os portões de Caraolos para que os jornalistas visitem o campo. Não é nem mais nem menos do que um campo de concentração. As pessoas estão cercadas por arame farpado, guardadas por metralhadoras, com comida, água e assistência médica insuficientes. Estas pessoas não foram acusadas de nada, mas estão compulsivamente retiradas em Caraolos.

«Whitehall fala de fazermos pressão para obter uma solução, injusta para os Ingleses, da questão do mandato. Esqueceram-se de que de 6 milhões de judeus que havia na Europa sobrevive um quarto de milhão.

«O contingente de entrada de judeus na Palestina é de setecentos por mês. É esta a solução justa?

EXODUS 249

«Finalmente, impugno o direito dos Ingleses a permanecerem na Palestina. Têm mais direito a estar lá do que os sobreviventes de Hitler? Deixe-me ler-lhe uma coisa. »

Ben Canaan pegou numa Bíblia que estava numa prateleira da casa do leme, abriu-a e leu a seguinte passagem de Ezequiel: «Assim diz o Senhor Deus: quando Eu tiver reunido a casa de Israel de entre os povos com os quais estão misturados, e estiverem santificados aos olhos das nações, então habitarão na terra que dei ao meu servo Jacob onde os vossos pais moraram, e morarão lá não só eles, mas os seus filhos e os filhos dos seus filhos, para sempre.»

Ari Ben Canaan pousou a Bíblia.

«Os cavalheiros de Whitehall deviam estudar melhor o assunto. Digo ao ministro dos Estrangeiros o mesmo que um grande homem disse a outro opressor há três mil anos: DEIXEM SEGUIR o MEU POVO.»

No dia seguinte à sua reportagem «Deixem seguir o meu povo», Mark continuou o relato da «operação Gedeão», fornecendo pormenores da utilização dos camiões britânicos pelos Judeus. O prestígio britânico sofreu um rude golpe.

A conselho de Mark. Ari permitiu a outros jornalistas a entrada a bordo do *Exodus*. Como consequência, exigiram dos Ingleses uma visita ao campo de Caraolos.

Cecil Bradshaw tinha esperado críticas, mas não contara que se gerasse um tal furor. Sucediam-se as reuniões de protesto; naquele momento os olhos do mundo convergiam para o porto de Cirénia. Autorizar a partida do *Exodus* seria agora absolutamente desastroso.

O general Sir Clarence Tevor-Browne partiu secretamente de avião para Chipre para assumir o comando e ver o que se podia fazer.

. O avião aterrou às primeiras horas da manhã, tendo sido tomadas medidas para proteger o general no aeródromo de Nicosia. O major Alistair foi esperá-lo, entra-

250 LEON URIS

ram rapidamente num carro e seguiram a toda a velocidade para o quartel-general de Famagusta.

Queria falar consigo, Alistair, antes de ouvir o Sutherland.

Recebi a sua carta, e é claro que pode falar à vontade

Bem começou Alistair, creio que terá sido o cansaço que fez Sutherland ir-se abaixo. Aconteceu-lhe qualquer coisa. Caldwell diz que ele está sempre com pesadelos. Anda a pé toda a noite, até de madrugada, e

passa a maior parte do dia a ler a Bíblia.

Que pena! disse Tevor-Browne. Bruce tem sido um oficial à altura. Temos de lhe dar a mão. Espero que não repita o que lhe digo.

Com certeza, meu brigadeiro, respondeu Alistair. Exclusivo.

CIRÊNIA, CHIPRE (IA).

O general Sir Clarence Tevor-Browne, que se celebrizou nas campanhas do deserto, desembarcou a noite passada no aeródromo de Nicosia.

Sir Clarence estava vestido à paisana e chegou secretamente.

O aparecimento de Tevor-Browne em cena confirma a impressão, já existente, de que em Whitehall estão preocupados por causa do Exodus. Talvez signifique uma mudança de atitude, se não uma mudança no comando de Chipre.

Mark entrou a bordo do *Exodus* e pediu que chamassem

Karen à casa do leme. Enquanto abria caminho pela coberta cheia de gente, ia ficando preocupado. As crianças estavam esqueléticas e cheiravam mal devido à falta de água para se lavarem.

Ari estava na casa do leme, tão calmo como sempre

Mark ofereceu-lhe cigarros e algumas garrafas de brande

Como estão as coisas por lá? perguntou Ari.

Não parece que a vinda do Tevor-Browne tenha trazido mudança de atitude. Quanto às reportagens, continuam a ser alvo do maior interesse, mais ainda do que

EXODUS 251

eu esperava. Olhe, Ari, isto tem corrido às mil maravilhas para si e para mim. Vocês conseguiram o que queriam vibrar um golpe nos Ingleses. Pelo que ouvi dizer, eles não estão dispostos a ceder.

E de que é que isso nos serve?

Serve porque vocês podem fazer culminar esta história com um acto de humanitarismo, levando o navio para a doca. E quando os Ingleses os fizerem ir de novo para Caraolos, escrevo outra grande história que despedaçará os corações.

Foi Kitty que o mandou cá com isso?

Oh, esteja calado. Olhe só para esses pequenos.

Começam a cair aos bocados.

Eles sabiam o que os esperava.

Há ainda outra coisa, Ari Receio que esta história esteja a dar as últimas. Ainda estamos no apogeu, mas amanhã Frank Sinatra pode dar um murro a um jornalista nalgum clube nocturno e deixamos de ocupar a primeira página.

Karen entrou na casa do leme.

Olá, Sr. Parker disse baixinho.

Olá, querida. Está aqui uma carta de Kitty e um embrulho.

Ela pegou na carta e entregou a Mark outra para Kitty. Recusou o embrulho, como já recusara todos os anteriores.

Meu Deus, não tenho coragem de dizer a Kitty que ela não quer aceitar. Aquela pequena está doente. Viu as olheiras dela? Dentro de dias você vai ter grandes complicações neste navio.

Estávamos a falar da maneira de manter o interesse público. Pode ficar certo de uma coisa, Parker: não voltamos para Caraolos. Há na Europa duzentos e cinquenta mil judeus aguardando uma resposta e somos os únicos que podemos dar-lha. A partir de amanhã declaramos greve da fome. Os que morrerem serão colocados na coberta para que os Ingleses vejam.

Você... é um vampiro... um horrível vampiro, rosnou Mark

-Chame-me o que quiser, Parker. Pensa que tenho prazer em matar à fome um bando de órfãos? Dêem-me com que combater. Dêem-me alguma coisa para disparar contra esses tanques e esses contratorpedeiros! Tudo o que temos é a nossa coragem e a nossa fé. Há dois mil anos que a nossa vida é um inferno. Desta vez havemos de ganhar.

CAPÍTULO XXXII

GREVE DA FOME DECLARADA NO «Exodus»

As crianças fazem voto de morrer de fome de preferência a regressar a Caraolos |

Depois de ter deixado que o interesse se fosse avolumando durante duas semanas, Ari Ben Canaan causou surpresa geral lançando uma ofensiva: as crianças forçavam os Ingleses a tomar uma decisão.

Nos costados do *Exodus* foram atadas tabuletas com dizeres em inglês, francês e hebreu.

Greve da fome Horas .

Greve da fome Horas 15.

Dois rapazes e uma rapariga, de 10, 12 e 15 anos, foram levados para a coberta da frente do *Exodus*, inanimados.

Greve da fome Horas 20.

Dez crianças foram estendidas na coberta da frente.

Por amor de Deus, Kitty, deixa de andar de um lado para o outro.

Já passa de vinte horas. Quanto tempo mais vai ele deixar que isto se prolongue? Não tive coragem para ir ao cais. A Karen é uma das crianças inanimadas

Já te disse dez vezes que não.

Por um lado, não são crianças fortes e, por outro, há duas semanas que estão fechadas naquele navio. Já

EXODUS 253

não têm resistência. Kitty aspirou nervosamente o fumo do cigarro e puxou pelo cabelo. Aquele homem é um animal. Um animal desumano

Tenho estado a pensar nisso disse Mark. Tem-me dado bastante que pensar. Compreenderemos nós realmente o que os leva àquilo? Já alguma vez foste à Palestina?

Ao sul é um deserto que não vale nada, no meio está gasta pela erosão e no norte só há pântanos. Cheira mal, está assada pelo sol e fica no meio de um mar que tem 50 milhões de inimigos declarados. E, contudo, quebram a cabeça para ir para lá Chamam-lhe a Terra do Leite e do Mel... Têm canções sobre carros de rega e valas de irrigação. Há duas semanas disse a Ari Ben Canaan que os Judeus não tinham a patente do sofrimento, mas começo a duvidar se tive razão. Juro que começo a duvidar. Como pode o sofrimento ser tão grande que os torne assim obstinados?

Não o defendas, Mark, nem defendas essa gente.

-Tenta lembrar-te de uma coisa. Ben Canaan não poderia fazer isto sem o auxílio dessas crianças. Apoiam-no cem por cento.

É isso que aflige disse Kitty--, esta lealdade.

Esta fantástica lealdade de uns para os outros.

O telefone tocou. Mark atendeu, ouviu e desligou.

Que é?... Perguntei-te o que era, Mark!

Trouxeram mais algumas crianças inanimadas para a coberta. Seis.

É... é... a Karen?...

Ignoro. Vou saber.

Mark!

Que é!

Quero ir ao *Exodus*.

É impossível.

Não posso suportar isto por mais tempo disse ela.

Se vais, estás perdida.

-Não, Mark... é diferente. Se eu soubesse que ela estava viva e de saúde, podia suportar isto, juro-te ,que podia. Já me analisei a mim própria. Mas não posso continuar impassível sabendo que está a morrer. Não sou capaz.

254 LEON URIS

Mesmo que eu convença Ben Canaan a deixar-te entrar no *Exodus*, os Ingleses não to permitirão.

Tens de conseguir disse ela violentamente , tens de conseguir.

Kitty continuou de costas para a porta e barrou-lhe a saída. Tinha um ar decidido. Mark baixou os olhos.

Farei o que puder prometeu ele.

Greve da fome Horas 35.

Multidões agressivas em Paris e em Roma manifestaram-se diante das embaixadas britânicas. Violentos discursos e cartazes pediam a libertação do *Exodus*. Em Paris empregaram *casse-têtes* e gases lacrimogêneos para dispersar a multidão. em Copenhaga, Estocolmo, Bruxelas e em Haia fizeram-se manifestações, estas mais pacíficas.

Greve da fome Horas 38.

Em Chipre rebentou uma greve geral espontânea de protesto contra os Ingleses. Os transportes pararam, o comércio fechou, os portos foram encerrados, os teatros e os restaurantes cerraram as portas. Famagusta, Nicosia, Larnaca e Limassol pareciam sepulcros.

Greve da fome Horas 40.

Ari Canaan olhou fixamente para os seus colaboradores.

Viu os rostos sombrios de Joab, David, Zev e Hank Schlosberg.

Zev. o lavrador da Galileia, foi o primeiro a falar.

Sou soldado. Não posso ver crianças a morrer de fome.

Na Palestina ripostou Ari , crianças desta idade tomam parte em combates em Gadna.

Uma coisa é lutar e outra é morrer de fome.

É apenas uma maneira de lutar disse Ari.

Joab Yarkoni trabalhara com Ari durante muitos anos e servira com ele na segunda guerra mundial.

Nunca estive contra ti, Ari. Mas no momento em que uma dessas crianças morra, tudo isto é capaz de fazer ricochete sobre nós.

Ari olhou para Hank Schlosberg, o capitão americano Hank encolheu os ombros.

O senhor é que é o chefe, Ari, mas digo-lhe que a tripulação está mal disposta. Não contavam com isto.

EXODUS 255

| Por outras palavras disse Ari -, querem render-se.
O silêncio deles confirmou-o.

E tu, David? Ainda não te ouvi dizer nada.

David era um estudioso, com profundo conhecimento da Tora e dos livros sagrados. Estava mais próximo de Deus do que qualquer deles e respeitavam-no por isso.

Nas câmaras de gás morreram 6 milhões de judeus sem saber porque morriam disse ele. Se os trezentos que aqui estamos no *Exodus* morrermos, saberemos porque é, e o mundo também o saberá. Quando constituíamos um país, há dois mil anos, e quando nos revoltámos contra a chefia romana e grega, nós, Judeus, criámos a tradição de lutar até ao último homem. Fizemo-lo em Arbela e Jerusalém. Fizemo-lo em Beitar, Heródio e Machaerus. Em Masada resistimos aos Romanos durante quatro anos seguidos, e quando entraram no forte encontraram-nos todos mortos. Nenhum povo, em parte nenhuma, lutou pela sua liberdade como o nosso. Expulsámos os Romanos e os Gregos do nosso território, até que nos dispersaram pelos quatro cantos do mundo. Durante estes dois mil anos não temos podido lutar como nação, mas quando tivemos essa oportunidade, no *ghetto* de Varsóvia, honrámos a nossa tradição. Digo que se deixarmos este barco e regressarmos voluntariamente a prisões de arame farpado quebraremos a promessa que fizemos a Deus

Mais alguma pergunta? disse Ari.

Greve da fome Horas 42.

Nos Estados Unidos, África do Sul e Inglaterra realizavam-se, em sinagogas; orações em massa, e em muitas igrejas faziam-se preces pela segurança das crianças do *Exodus*.

Greve da fome Horas 45.

Os judeus da Argentina começaram a jejuar, solidários com as crianças que se encontravam a bordo do *Exodus*.

Greve da fome Horas 47.

Começava a escurecer quando Kitty entrou a bordo do *Exodus*. O mau cheiro era intenso. Por toda a coberta, n.º 5 salva-vidas, no andar de cima, havia montes de pés-

256 LEON URIS

soas. Estavam todas elas deitadas e absolutamente imóveis para conservarem as poucas reservas de energia.

Quero ver as crianças que desmaiaram disse ela.
David conduziu-a à proa do navio, onde havia três filas de crianças inanimadas, num total de sessenta. David ajoelhou-se e manteve a lanterna junto dos corpos enquanto

Kitty ia de uma criança para outra, apalpando-lhes os pulsos e observando-lhes as pupilas. Várias vezes pensou que desmaiava e sentia o coração palpitar quando se lhe deparava uma criança parecida com Karen.

David conduziu-a pela coberta atulhada de crianças, passando sobre os corpos prostrados. As crianças olhavam para ela com olhares inexpressivos. Tinham o cabelo emaranhado e os rostos cobertos de sujidade.

David desceu com ela a íngreme escada que conduzia ao porão. Kitty quase vomitou ao sentir-se envolvida pelo mau cheiro. Na semiobscuridade viu o espectáculo desagradável de crianças amontoadas em prateleiras uma por cima das outras. Descortinou Karen a um canto, no meio de uma confusão de braços e pernas. Dov dormia junto dela. Estavam deitados sobre um monte de farrapos e o chão por baixo deles estava viscoso.

Karen balbuciou. Karen, sou eu, a Kitty.
Karen pestanejou. Os olhos estavam rodeados de grandes círculos negros e tinha os lábios secos. Estava demasiado fraca para se sentar.

Kitty?

Sim, sou eu.

Karen abriu os braços e Kitty apertou-a durante muito tempo.

Não se vá embora, Kitty. Tenho tanto medo!...

Fico aqui murmurou Kitty.

Foi ao hospital, examinou a limitada provisão de remédios e suspirou, desanimada.

Não se pode fazer muito disse a David Tentarei aliviá-los o mais possível. Você e Joab podem trabalhar comigo?

Decerto.

Alguns, 'os que estão inanimados estão gravemente doentes. Temos de tentar passar-lhes uma esponja pêlo

EXODUS 257

corpo para fazer baixar a febre. Na coberta está frio, temos de os tapar. Também preciso de todos os que estejam em condições de trabalhar, para limpar este navio.

Kitty trabalhou febrilmente durante horas para afugentar a morte. Era como tentar encher um oceano com um dedal. Logo que uma criança melhorava, outras três adoeciam gravemente. Não dispunha de remédios nem de água, nem de socorros indispensáveis. E o remédio por excelência a alimentação não podia ser utilizado.

Greve da fome Horas 81.

No convés do *Exodus* estavam deitadas setenta crianças em estado de coma.

No cais de Cirénia havia murmúrios de revolta por parte dos soldados ingleses. Muitos não conseguiam suportar por mais tempo aquela situação e pediam que os substituíssem, mesmo correndo o risco de serem julgados em conselho de guerra. Os olhares de Chipre convergiam para Cirénia.

Greve da fome Horas 82.

Karen Hansen Clement foi levada para a proa do navio, inanimada.

Greve da fome Horas 83.

Kitty foi à casa do leme e atirou-se, exausta, para uma cadeira. Trabalhara durante trinta e cinco horas seguidas e tinha o espírito confuso e atordoado. Ari serviu-lhe um brande forte.

Beba disse ele. Você não está em greve. Ela bebeu, e o segundo cálice restituiu-lhe a noção da realidade. Olhou para Ari Ben Canaan durante muito tempo e com dureza. Era um homem cheio de vigor; o seu aspecto físico quase não se ressentia das condições presentes. Kitty observou o seu olhar frio e tentou adivinhar que pensamentos, que planos, que estratégias, lhe ocupariam o cérebro. Perguntou a si própria se ele estaria assustado ou, até, se saberia o que era o medo; se estaria triste ou preocupado.

Estava há muito tempo à espera de que viesse aqui procurar-me disse ele.

Não implorarei, Ari Ben Canaan. Ben Canaan primeiro e Deus depois... não é verdade? Há uma dúzia de

E. - 17

crianças às portas da morte. Estou apenas a fazer-lhe o meu relatório como boa *palmachnik*. Elas vão morrer Sr. Ben Canaan. Que decisão toma?

Já tenho sido insultado, Kitty, isso não me incomoda. O seu humanitarismo é tão grande que se aflige por todas estas crianças ou o seu apelo é pela vida de uma só?

Não tem o direito de fazer essa pergunta. Está a pedir pela vida de uma miúda. Eu estou a pedir pelas vidas de duzentas e cinquenta mil pessoas. Ela levantou-se.

É melhor eu voltar ao trabalho. Ari, sabia a razão por que eu queria vir a bordo do *Êxodus*. Porque me deixou entrar?

Ele voltou-lhe as costas e olhou através da vigia para o mar, onde cruzador e contratorpedeiros estavam de sentinela. Talvez quisesse vê-la.

Greve da fome Horas 85.

O general Sir Clarence Tevor-Browne passeava para trás e para diante no gabinete de Sutherland. O seu charuto enchia a sala de fumo. Parou várias vezes e olhou pela janela na direcção de Cirénia.

Sutherland esvaziou o cachimbo e olhou para as sanduíches que estavam na bandeja sobre a mesa de café.

Não quer sentar-se, Sir Clarence, comer alguma coisa e beber uma gota de chá?

Tevor-Browne olhou para o relógio de pulso e suspirou.

Sentou-se, pegou numa sanduíche, olhou para ela, mordiscou-a, depois pô-la de lado.

Sinto-me culpado quando como.

Isto é um caso bicudo para um homem com consciência disse Sutherland. Duas guerras, onze postos no estrangeiro, seis condecorações e três louvores. E agora sou interrompido no meu caminho por um bando de crianças desarmadas. Uma bela maneira de acabar trinta anos de serviço, hem, Sir Clarence?

Tevor-Browne baixou os olhos.

EXODUS 259

Oh, sei que tem querido falar comigo prosseguiu
Sutherland.

Tevor-Browne deitou um pouco de chá e suspirou,
meio embaraçado.

Ouça, Bruce. Se fosse eu a decidir...

Que disparate, Sir Clarence! Não tem de que se
sentir culpado. Eu é que me sinto, deixei-o ficar mal.

Sutherland levantou-se. Tinha os olhos rasos de água.

Estou fatigado. Estou muito fatigado.

Obteremos a reforma por inteiro e trataremos da
aposentação o mais em segredo que seja possível. Pode
contar comigo disse Tevor-Browne. Ouça, Bruce. À
vinda para cá parei em Paris e tive uma longa conversa
com a Neddie. Falei-lhe da sua situação. Se você tomasse
a iniciativa, meu velho, podiam juntar-se outra vez.
A Neddie quer tornar a viver consigo e você vai precisar
dela.

Sutherland sacudiu a cabeça.

Há muitos anos que a Neddie e eu estamos afastados
um do outro. A única coisa com algum valor que
houve entre nós foi o exército. Foi isso que nos conservou
juntos.

Tem projectos?

Estes meses em Chipre tiveram muita importância
para mim, Sir Clarence, especialmente as últimas semanas.
Pode não acreditar, mas não tenho a sensação de ter sofrido
uma derrota. Sinto que talvez tenha conquistado algo
de muito grande, algo que perdera há muito tempo.

E que é...

A verdade. Lembra-se quando aceitei este lugar?

Sir Clarence disse-me que o único reino que distinguia
entre justiça e injustiça era o reino dos Céus, e que os
da Terra se regiam pelo petróleo.

Lembro-me muito bem disse Tevor-Browne.

Pensei muito nessas palavras desde o caso do
Exodus acrescentou Sutherland. Toda a vida conheci
a verdade e distingui a justiça da injustiça a maior parte
da gente é assim. Mas conhecer a verdade é uma coisa e
vivê-la, criar o reino dos Céus na Terra; é outra. Quantas
vezes na vida de um homem faz ele coisas, para subsistir,

que a sua moralidade repele? Admirei sempre os raros homens capazes de defenderem as suas convicções à custa do opróbrio, da tortura e até da morte. Que maravilhosa, sensação de paz interior eles devem ter! É uma coisa que nós, vulgares mortais, nunca poderemos conhecer. Ghandhi é um desses homens. Irei a essa nesga de terra podre a que estes judeus chamam o seu reino dos Céus na Terra. Quero conhecê-la... a Galileia, Jerusalém... tudo.

Invejo-o, Bruce.

Talvez fique a viver próximo de Safed... no monte Canaã.

O major Alistair entrou no gabinete. Estava pálido e tremia-lhe a mão com que entregou um papel a Tevor-Browne. Tevor-Browne leu-o, releu-o e não acreditava nos seus olhos. «Meu Deus, salva-nos a todos», murmurou. Passou o papel a Bruce Sutherland.

«Ari Ben Canaan, representante do Exodus, anunciou que a partir de amanhã ao meio-dia dez voluntários se suicidarão diariamente na ponte do navio, à vista da guarnição britânica. Esta medida de protesto continuará até que o Exodus seja autorizado a partir para a Palestina ou tenham morrido todos os refugiados a bordo.»

Bradshaw, acompanhado de Humphrey Crawford e de meia dúzia de ajudantes, saiu a toda a pressa de Londres para uma pequena casa tranquila e isolada, no campo. Tinha catorze horas diante de si até começarem os suicídios no *Exodus*.

Avaliara a situação por forma totalmente errada. Não tomara em atenção a tenacidade e firmeza das crianças do navio. Nem a violenta propaganda suscitada pelo incidente; finalmente, não tinha imaginado que Ben Canaan iniciasse a ofensiva e forçasse os Ingleses a tomar uma decisão. Bradshaw era um homem obstinado, mas sabia quando perdia uma partida; tudo quanto pretendia agora era chegar a um entendimento em que não ficasse ferido o prestígio inglês.

EXODUS 261

Bradshaw ordenou a Crawford e aos seus ajudantes que telegrafassem ou telefonassem a alguns dos principais dirigentes judeus na Inglaterra, na Palestina e nos Estados Unidos pedindo a sua intervenção. Especialmente os da palestina. Talvez pudesse dissuadir Ben Canaan. Poderiam pelo menos retardar as coisas o tempo suficiente para que Bradshaw apresentasse contrapropostas. Se ele conseguisse que Ben Canaan encetasse negociações, empregaria tantos argumentos que o obrigaria a ceder. Seis horas depois, Bradshaw tinha as respostas dos dirigentes judeus.

«Não intercederemos» era a resposta geral.

Seguidamente, Bradshaw pôs-se em contacto com Tevor-Browne em Chipre. Disse-lhe que informasse o *Exodus* de que os Ingleses iam apresentar uma proposta e pediam um prazo de vinte e quatro horas.

Tevor-Browne executou as instruções e transmitiu a Londres a resposta de Ben Canaan:

«Ben Canaan respondeu-nos que não há nada a discutir: ou deixam o Exodus partir, ou não deixam.

Põe também como condição a amnistia total dos judeus a bordo do Exodus. Ben Canaan repetiu:

«Deixem seguir o meu povo. »

Tevor-Browne.»

Cecil Bradshaw não conseguia dormir; passeava para trás e para diante no seu quarto. Daí a pouco mais de seis horas as crianças a bordo do *Exodus* começariam a suicidar-se.

Restavam-lhe cerca de três horas para tomar uma decisão e apresentá-la ao Gabinete. Não havia acordo possível. Estaria a lutar com um louco? Ou seria este Ari Ben Canaan um chefe astuto e cruel que habilmente o fizera cair na sua armadilha?

DEIXEM SEGUIR o MEU POVO!

Bradshaw encaminhou-se para a secretária e acendeu o candeeiro.

262 LEON URIS

«Ari Ben Canaan, representante do Exodus, anunciou que a partir de amanhã ao meio-dia dez voluntários se suicidarão diariamente...»

Suicídio... suicídio... suicídio...

A mão de Bradshaw tremia tanto que deixou cair o papel.

Sobre a secretária estavam também comunicados de vários governos europeus e americanos. Na linguagem cortês usada pelos diplomatas, todos exprimiam apreensão pela questão do *Exodus*. Tinha também ofícios dos governos árabes exprimindo o ponto de vista de que a autorização da partida do *Exodus* seria considerada uma afronta a todos os árabes.

Cecil Bradshaw estava perturbado. Os últimos dias tinham sido um verdadeiro inferno. Como tinha começado tudo aquilo? Havia trinta anos que definia a política do Médio Oriente e agora tinha o maior problema da sua carreira por causa de um rebocador de salvamento desarmado. Que estranha ironia do destino lhe punha sobre os ombros o manto de opressor? Ninguém podia acusá-lo de anti-semita; no íntimo, Bradshaw admirava até os judeus da Palestina e compreendia o significado do seu regresso à pátria. Relembrava com prazer as horas de discussão com sionistas em volta das mesas de conferência, enfrentando os seus brilhantes polemistas. Mas Cecil Bradshaw acreditava do fundo do coração que o interesse dos Ingleses estava com os Árabes. A população do mandato aumentara para mais de meio milhão de judeus e os Árabes insistiam em dizer que os Ingleses encorajavam uma nação judaica no meio deles.

Durante todos aqueles anos de trabalho tinha sempre visto as coisas com realismo. Que se passava agora? Imaginava os seus próprios netos deitados na coberta do *Exodus*.

Bradshaw conhecia a Bíblia tão bem como qualquer inglês bem-nascido e, como muitos ingleses, tinha um profundo sentido da honra, embora não fosse muito religioso. Estaria o *Exodus* a ser conduzido por forças místicas?

EXODUS 263

Não, ele era um diplomata prático que não acreditava no sobrenatural.

Contudo... tinha um exército, uma armada e a possibilidade de esmagar o *Exodus* e todos os outros barcos clandestinos... e não era capaz de fazê-lo. Também o [faraó do Egito tinha tido a força do seu lado!

O suor corria pelo rosto de Bradshaw, Eram tudo tolices! Estava fatigado e a pressão fora demasiado grande. Que loucura!

DEIXEM SEGUIR o MEU POVO!

Bradshaw foi à biblioteca, procurou uma Bíblia e, quase tomado de pânico, começou a ler as páginas sobre o êxodo e as dez pragas que Deus lançou sobre a terra do Egito.

Era ele porventura um faraó? Cairiam maldições sobre a Grã-Bretanha? Voltou para o quarto e tentou descansar, mas uma frase ritmada continuava a matraquear-lhe o cérebro cansado... «Deixem seguir o meu povo... Deixem seguir o meu povo...»

Crawford! gritou. Crawford!

Crawford entrou a correr, apertando o roupão.

Chamou?

Crawford. Ponha-se imediatamente em contacto com Tevor-Browne em Chipre e diga-lhe... diga-lhe que deixe o *Exodus* partir para a Palestina.

LIVRO SEGUNDO

A TERRA É MINHA

*...pois que a terra é minha e vós
sois estranhos que residis temporária-
mente comigo. E em toda a terra na
vossa posse deveis permitir o resgate
da terra.*

(Palavras de Deus a Moisés
no Levítico.)

CAPÍTULO I

A batalha do *Exodus* terminara!

Dentro de momentos, as palavras «O *Exodus* vai partir» estavam nos fios telegráficos de todo o mundo e, pouco depois, nas epígrafes de todos os jornais.

Em Chipre, o regozijo não tinha limites, e por todo o mundo houve um profundo suspiro de alívio.

No *Exodus*, as crianças estavam demasiado exaustas para festejos.

Os Ingleses instaram com Ari Ben Canaan para levar o rebocador para a doca para que as crianças pudessem receber assistência médica e o navio fosse novamente abastecido e inspeccionado. Ben Canaan concordou e, à medida que o *Exodus* ia entrando, Cirénia multiplicava de actividade. Vieram ao navio vários médicos do exército britânico, que levavam para terra os doentes em estado grave. No Dome improvisou-se à pressa um hospital. Vestuário e provisões foram enviados em grandes quantidades para o cais, além de centenas de presentes do povo de Chipre. Engenheiros britânicos cuidaram do antigo rebocador da proa à popa, tapando fendas, reparando o motor e equipando-o de novo. Os serviços sanitários limparam-no totalmente.

Depois de uma primeira inspecção, Ari foi informado de que as crianças levariam uns dias a fortalecer-se e o navio uns dias a aprontar até que pudesse fazer a jornada de dia e meio até à Palestina. A pequena comunidade judaica de Chipre enviou a Ari uma delegação pedindo-lhe

268 LEON URIS
que autorizasse as crianças a celebrar a primeira noite de Chanukah, o Festival das Luzes, em Chipre; a festa principiaria dentro de dias. Ari concordou.

Somente depois de terem dito e redito a Kitty que Karen não estava em estado grave é que ela se permitiu o luxo de um banho numa tina fumegante, de um bife grosso, de uma boa porção de *whisky* e de um profundo sono de dezasseis horas.

Quando Kitty acordou, estava perante um problema a que já não podia fugir. Tinha de decidir encerrar para sempre o episódio de Karen ou seguir a rapariga até à Palestina.

Quando, à noite, Mark apareceu no seu quarto para tomar uma chávena de chá com ela, não tinha mau parecer; o longo sono tinha-a tornado até muito atraente.

Lá pelo jornal ainda estão histéricos?

Não respondeu Mark. Os capitães e os reis estão a sair de cena. A notícia do *Exodus* já tem um dia... já não interessa. Bem, creio que ainda conseguiremos atrair as atenções para uma fotografia final na primeira página quando o barco arribar a Haifa.

Às pessoas são inconstantes.

Não, não é isso, Kitty. Mas a vida continua.

Kitty bebeu um gole de chá e ficou silenciosa. Mark acendeu um cigarro e pousou os pés no peitoril da janela. Com os dedos imitou uma pistola e, por cima das biqueiras dos sapatos, apontou para o cais.

E tu, Mark?

Eu? O velho Mark Parker já esgotou o bom acolhimento que teve nos domínios reais. Vou para Stateside e depois talvez tente a questão asiática. Já andava com vontade de ir até lá... Ouço dizer que as coisas correm mal.

Os Ingleses não te deixam entrar na Palestina?

Nem pensar nisso. Sou tido em muito má conta.

Se não se tratasse de verdadeiros ingleses, diria até que não gostam da minha coragem. E, aqui para nós, não os censuro.

Dá-me um cigarro.

EXODUS 269

Mark acendeu um cigarro e deu-lho. Ele esperava pela ocasião propícia, continuando a fazer pontaria com a sua pistola imaginária.

Diabos te levem, Mark! Detesto essa tua maneira presumida de queres adivinhar os meus pensamentos.

Tens andado muito atarefada. Foste pedir autorização às autoridades britânicas para entrar na Palestina.

Cavalheirescos como são, abriram-te a porta e fizeram-te uma vénia. És obviamente uma rapariga americana que cumpriu o seu dever. Claro que o D. I. C. não soube dos teus pequenos actos ilegais a favor da Aliyah Bet. bem. . vais ou não?

Sei lá!

Queres dizer que ainda não te interrogaste a ti própria?

Quero dizer que ainda não sei.

Então que resolução queres que eu tome?

Podias deixar de agir como um Buda experiente que olha com superioridade para os pobres mortais aflitos. E podias deixar de me alvejar, Mark

Mark deixou cair os pés do peitoril da janela.

Vai... vai para a Palestina. É isso que queres ouvir, não é?

Ainda não me sinto muito bem ao pé dos Judeus... não consigo evitá-lo.

Mas sentes-te bem ao pé dessa rapariga, não sentes?

Ainda te faz lembrar a tua filha?

Não, realmente, já não. Tem demasiada personalidade para ser qualquer outra pessoa. Mas adoro-a e quero ficar com ela, se é isso que queres saber.

Tenho preparada uma pergunta para si. Sr.a Fremont... Diz.

Estás apaixonada por Ari Ben Canaan?

Apaixonada por Ari Ben Canaan? Kitty sabia que sentia uma certa perturbação sempre que ele estava junto dela, lhe falava ou olhava para ela, ou simplesmente quando ela pensava nele. Sabia que nunca encontrara nenhum homem como ele. Sabia que tinha um certo receio da sua calma sombria e do seu tremendo poder. Sabia

270 LEON URIS

que admirava a sua ousadia e coragem. Sabia que havia momentos em que o odiava como nunca odiara nenhum ser humano. Mas sentir amor por ele?..

Não sei murmurou. Assim como não sou capaz de correr ao encontro desse sentimento... parece que

também não sou capaz de me afastar dele... e não compreendo... não compreendo.

Kitty passou mais de uma hora com Karen na enfermaria improvisada no segundo andar do hotel. Karen tinha-se restabelecido de maneira notável. Os médicos estavam pasmados com o efeito quase mágico que as palavras «Eretz Israel» exerciam sobre todas as crianças. Eram mais eficazes do que qualquer remédio. Enquanto Kitty esteve sentada junto de Karen, observou as crianças que estavam na enfermaria. Quem eram? Onde tinham vindo? Para onde iam? Que gente estranha... e que estranha obsessão os dominava!

Houve longos períodos de silêncio em que nem Kitty nem Karen ousaram tocar no assunto da ida desta para a Palestina. Por fim, a doente adormeceu, Kitty olhou para ela. Que bonita que era... que linda! Beijou-lhe a testa, afagou-lhe o cabelo, e Karen, no seu sono, sorriu. Kitty saiu para o corredor, onde Dov Landau passeava para trás e para diante. Ambos pararam, olharam um para o outro, e Kitty seguiu sem dizer palavra.

O Sol estava a pôr-se quando Kitty atravessou o cais, Do outro lado da rua, Zev Gilboa e Joab Yarkoni fiscalizavam o carregamento de materiais para bordo do rebocador.

Ela olhou de relance para ver Ari, mas ele não estava.

Shalom, Kitty! gritaram-lhe.

Olá! respondeu ela.

Continuou a descer o cais em direcção ao farol. Estava a pôr-se fresco. Vestiu a camisola. «Tenho de saber... tenho de saber... Tenho... Tenho...», repetia para consigo.

Na extremidade da muralha estava sentado o jovem David Ben Ami. Parecia absorto, olhando a água e atirando seixos.

EXODUS 271

Aproximou-se e ele ergueu os olhos e sorriu.

Shalom, Kitty! Está com um ar repousado.

Ela sentou-se ao lado dele. Por momentos admiraram o mar.

Está a pensar na Palestina? perguntou Kitty.

Estou.

Jordana... é esse o nome dela, não é... da irmã de Ari?

David acenou com a cabeça.

Vai vê-la?

Se tiver sorte, estaremos um pouco juntos.

David...

Diga.

Que vai ser das crianças?

Tratá-las-emos muito bem. São o nosso futuro.

Há perigo?

Sim, um grande perigo.

Kitty calou-se durante muito tempo.

Vai connosco? perguntou David.

Ela sentiu o coração dar um salto.

Porque pergunta?

A Kitty começa a fazer parte do ambiente. Além disso, o Ari falou em qualquer coisa.

Se... se o Ari tem interesse nisso, porque é que não me pede?

David riu.

O Ari nunca pede nada.

David disse ela abruptamente, ajude-me. Estou muito indecisa. Você parece ser o único que compreende um pouco...

Se puder, ajudo-a.

Em toda a minha vida não tenho estado muito em contacto com os Judeus. Vocês deixam-me perplexa.

Nós próprios ainda ficamos mais perplexos disse David.

Posso falar francamente? Sinto-me de tal forma uma intrusa...

Não é de admirar, Kitty. A maior parte das pessoas sentem isso mesmo. Mesmo as poucas a quem chamamos «amigos» e que nos são devotadas quase até ao fanatismo.

272 LEON URIS

Algumas, creio eu, sentem-se culpadas pelos crimes cometidos contra nós. Outras queriam ser judeus... só Deus sabe porquê. Somos seres confusos.

Mas um homem como o Ari Ben Canaan... quem é ele? Quem é ele verdadeiramente? É uma pessoa real como as outras?

Ari é absolutamente real, mas é o produto de um aborto histórico.

Principiaram a caminhar para o hotel, pois eram horas de jantar.

É difícil saber por que ponta começar disse David.

Parece-me que para contar a história do Ari Ben Canaan como ela deve ser contada devemos principiar por Simão Rabinsky, do Distrito Judaico. O Distrito Judaico era uma zona no Sudoeste da Rússia que incluía a Ucrânia.

Teremos de começar antes do princípio deste século.

Creio que o ano do grande acontecimento foi 1884.

CAPÍTULO II

Zhitomir, Rússia, 1884.

Simão Rabinsky era sapateiro. Raquel, sua mulher, era boa e piedosa. Tinham dois filhos, que eram os seus maiores tesouros.

Yakov, o mais novo, tinha 14 anos de idade. Era um rapaz impetuoso, mordaz e de inteligência viva. Discutia constantemente.

Jossi, o irmão mais velho, tinha 16 anos e um aspecto inconfundível. Era forte, com mais de 1,80 m de altura, e tinha o cabelo vermelho-vivo como a mãe. Jossi era tão dócil quanto Yakov era rebelde. Jossi era calmo, meditativo e afável; o fértil cérebro de Yakov no corpo forte de Jossi poderia bem ter criado um super-homem.

A família Rabinsky era extremamente pobre. Vivia na região da Rússia Ocidental que incluía a Bessarabia, a Ucrânia, a Crimeia e parte da Rússia Branca, e que era

EXODUS 273

conhecida por Distrito ou Zona Judaica. Os limites do Distrito foram estabelecidos em 1804 e os judeus da Rússia apenas podiam residir adentro deles. Era de facto um enorme *ghetto*, com Moscovo e Petrogrado fora do seu alcance, excepto para os poucos judeus ricos que à custa de grandes somas enviavam os filhos para essas cidades. A formação do Distrito Judaico foi apenas um dos muitos acontecimentos de uma longa história e discriminação.

Os Judeus estabeleceram-se pela primeira vez na Rússia, na área da Crimeia, no longínquo século I. Os Khazars, que governavam aquela zona, apreciaram tanto o Judaísmo que o adoptaram como religião sua o reino dos Khazars era, de facto, um Estado judaico. Por volta do século X, os Russos do Norte conquistaram o poder e atacaram os Khazars, dispersando-os até ninguém ouvir mais falar deles, e iniciaram uma campanha sórdida contra os Judeus.

Ao mesmo tempo que os Russos tomavam conta do poder, avançava pelo sul a chamejante espada do Islão. Durante esse período em que os Muçulmanos conservaram parte da Rússia os Judeus conheceram os seus melhores dias de paz e prosperidade, pois tinham sido um factor primacial do engrandecimento do Islão.

Com a derrota final dos Muçulmanos, o poder na Rússia passou todo para os czares e igreja grega. Durante a Idade Média, os «heréticos» judeus foram queimados às centenas na fogueira. Os aldeãos ignaros tinham sido bem instruídos na lenda de que estes judeus eram magos e feiticeiros que usavam sangue cristão nos seus ritos. As constantes humilhações atingiram o auge no reino de Catarina I, que desencadeou uma série de *pogroms* (1) contra os que não abraçassem a religião ortodoxa grega. As tentativas de conversão dos Judeus falharam redondamente, e, como consequência, Catarina I expulsou 1 milhão de judeus da Rússia. A maior parte deles partiram para a Polónia.

(1) Nome que se dava na Rússia aos movimentos populares dirigidos contra os Judeus. (*N. da T.*)

E. - 18

Seguiu-se uma era de guerra e conquistas, em que a Polónia foi conquistada e reconquistada e várias vezes repartida. Catarina II recebeu como herança o milhão dos judeus anteriormente expulsos por Catarina I.

Estes acontecimentos levaram directamente à criação do Distrito Judaico. Em 1827, os Judeus foram cruelmente arrancados às aldeias mais pequenas e mandados para os já superlotados bairros judaicos das cidades maiores. Nesse mesmo ano o czar ordenou que todos os anos um certo número de jovens judeus se alistassem no exército para prestarem vinte e cinco anos de serviço militar.

Simão Rabinsky, o sapateiro de Zhitomir, a sua bondosa esposa, Raquel, e os filhos, Yakov e Jossi, estavam confinados ao Distrito e eram forçados a viver uma vida estranha. Não existiam contratos de ordem social, e muito poucos de ordem comercial, entre as comunidades judaicas e o resto do povo russo. O único visitante do exterior que vinha com regularidade à Zona Judaica era o cobrador de impostos, que podia deitar a mão ao que quer que fosse, desde castiçais sagrados a camas, almofadas e sapatos. Outros visitantes do exterior que também entravam com frequência, embora com menos regularidade, no Distrito eram os bandos desordeiros de cossacos, camponeses e estudantes que reclamavam sangue judaico.

Divorciados do resto da sociedade, os Judeus tinham pouca ou nenhuma dedicação pela «Mãe Rússia». A língua que falavam e escreviam não era o russo, mas o *yiddish*, que era alemão adulterado. Nas orações usavam o hebreu antigo. Os Judeus até se vestiam de maneira diferente, usando chapéus negros e longos gabões. Apesar de proibido por lei, muitos deles penteavam-se com caracóis, constituindo um grande divertimento dos Russos apanhar um judeu e cortar-lhe os cabelos assim ornamentados.

Simão Rabinsky vivia como o seu pai e o seu avô tinham sido forçados a viver adentro das paredes do *ghetto*.

Os Judeus eram tão pobres que eram capazes de regatear indefinidamente por causa de alguns *kopecks*. Contudo, e apesar de uma existência diária sem horizontes. Simão e os outros judeus guiavam-se por rígidos códigos de ética comercial. Nenhum homem podia tocar no que pertencia

EXODUS 275

ao seu vizinho, enganar ou roubar. A vida da comunidade girava em volta das Leis Sagradas, da sinagoga e do rabino, que era simultaneamente professor, guia espiritual, juiz e administrador da comunidade. Os rabinos do Distrito eram todos pessoas eruditas, de vasto saber e cuja autoridade raramente era posta em dúvida.

Dentro do *ghetto*, os Judeus tinham o seu governo próprio, sob a onipotente direcção dos rabinos. Havia diversas repartições e autoridades. Existiam algumas sociedades bíblicas e talmudistas, uma organização para cuidar dos órfãos e uma sociedade que dotava as raparigas mais pobres, e sociedades para olharem pelos doentes, pelas pessoas de idade e pelos inválidos. Nas sinagogas havia fiscais dos contratos de casamento, um oficial de diligências eleito e muitos outros cargos. Existia um tribunal eclesiástico, leitores de salmos e encarregados dos banhos rituais.

A comunidade funcionava indubitavelmente como um só ser para o bem de todos. Os pobres ajudavam os mais pobres.

Os mais pobres... os mais pobres ainda. A caridade era o décimo primeiro mandamento, aquele que ficou por escrever. Cuidavam dos seus sábios e dos principais chefes religiosos para que as preocupações diárias não afectassem aqueles que se dedicavam à conquista da sabedoria.

Muitas pessoas afirmavam que Simão Rabinsky, o sapateiro, era o homem mais sábio depois do rabino. Num meio em que quase todos eram extremamente pobres, o padrão da riqueza de um homem era a sua sabedoria.

Simão servia como diácono na sua sinagoga e todos os anos era eleito para mais um ou dois cargos importantes da comunidade. O sonho de Simão era que os filhos se enchessem com as maravilhosas conquistas do espírito.

Os Judeus *diziam* que o seu Talmude era um «mar».

Afirmavam que era tão vasto que uma pessoa tinha matéria para ler e estudar durante toda a vida sem precisar de olhar para outro livro e que nunca conseguiria atravessar o «mar» de lado a lado. Os irmãos Rabinsky dedicavam-se ao estudo desta grandiosa colecção de leis e costumes, que ratava todos os assuntos, desde o comportamento em sociedade até à higiene pessoal.

Além de estudarem o Talmude, os irmãos Rabinsky

276 LEON URIS

passavam horas debruçados sobre o Pentateuco, os cinco primeiros livros de Moisés, que constituem a Tora e eram considerados a mais sagrada de todas as obras.

Estudaram a Bíblia e as leis orais do Mishnah. Tomaram conhecimento das lendas populares, provérbios conceituosos e comentários à Bíblia do Midrash. Leram a Cabala, o livro da mística, e aprenderam orações e cânticos e o significado dos costumes e dos dias santos.

Jossi e Yakov estudaram os grandes sábios pós-talmudistas Moisés Maimónides e Rashi.

Apesar de a família Rabinsky viver uma existência difícil, esta não era inteiramente destituída de esperança ou alegria. Havia sempre conversas e debates, comportamentos menos próprios a discutir e um casamento, morte, confirmação ou nascimento a celebrar. Havia os feriados, pelos quais ansiavam, e havia o Sabat. Os casamenteiros estavam constantemente ocupados.

Uma noite por semana, Simão Rabinsky e todos os outros judeus do *ghetto* tornavam-se reis. Soava no *ghetto* a tradicional trompa e Simão pousava a ferramenta e preparava-se para o seu dia com Deus. Como gostava do som da trompa! Era o mesmo som que havia quatro mil anos chamava o seu povo a rezar e a combater. Simão dirigia-se ao banho ritual, enquanto Raquel, a sua bondosa esposa, acendia as velas do Sabat e pronunciava as palavras da bênção.

Ele vestia o belo traje dos dias de festa uma batina de seda preta e um bonito chapéu orlado de pele. Caminhava, orgulhoso, para a sinagoga, dando um braço a Jossi e outro a Yakov.

Era da tradição que em casa encontrasse uma família mais pobre do que a sua para partilhar a refeição do Sabat. Abençoava o pão e o vinho e dizia algumas palavras de agradecimento a Deus.

Raquel servia canja, peixe recheado e macarrão, e à noite visitavam os doentes do *ghetto* ou recebiam visitas na oficina, visto não terem saleta.

Aos sábados, Simão Rabinsky orava, meditava, conversava com os filhos, revia o que estudara e discutia religião e filosofia.

EXODUS 277

? Quando o Sol se punha, encerrando o Sabat, Simão cantava o cântico do *ghetto* com Raquel, Yakov e Jossi:

«Alegria a Israel... que o desespero seja banido.»

Com o fim do dia, Simão regressava às realidades da dura vida. Na escura cave que servia de casa e de oficina, Simão Rabinsky dobrava-se sobre o banco de trabalho à luz da vela e, com as mãos enrugadas, introduzia habilmente uma faca no couro. Depois, Simão repetia a elegia dos Judeus cativos na Babilónia...

«Se eu te esquecer, ó Jerusalém, que a minha mão direita perca a sua destreza... que a minha língua se cole ao céu da boca; se eu não preferir Jerusalém à minha maior alegria.»

A oração aliviava-o. Simão Rabinsky era um crente. Mas mesmo um homem piedoso não podia fechar” os olhos à desgraça que o rodeava. «Quanto tempo, ó Senhor... quanto tempo mais?», perguntava. «Quanto tempo teremos de viver nesta escuridão sem fim?» Então repetia a sua passagem favorita da Oração da Páscoa *«No próximo ano em Jerusalém»* e o coração tornava-se-lhe mais leve e sentia-se inspirado.

No próximo ano em Jerusalém? Viria o Messias para os levar novamente?...

CAPÍTULO III

Yakov e Jossi saíram do seminário para casa. Jossi levava a cabeça curvada; ia absorto, meditando no significado de certas passagens da Tora que estudara naquela tarde. O jovem Yakov saltitava em bicos de pés, atirando pedras a vários objectos. Trazia sempre uma algibeira cheia de pedras, para o caso de encontrarem desordeiros.

Quando se aproximavam da esquina da sua casa,

Yakov agarrou o pulso de Jossi.

« Esta noite há outra reunião na loja de Hacoheh» disse ele.

« Ouvi falar nisso» respondeu Jossi.

«Desta vez vais?»

« Não.»

« Esta noite devias ir» Insistiu Yakov. «Estará lá um bilu autêntico, vindo da Palestina para falar.» O coração de Jossi bateu com mais força. Um bilu autêntico da Palestina! Como gostaria de ver e ouvir alguém que tivesse estado de facto na Palestina! Secretamente, Jossi invejava o seu irmão mais jovem, que furtivamente se escapava de casa e ia a reuniões dos Amigos de Sião (1). A sua curiosidade fora excitada por esta nova organização, que falava na defesa armada do *ghetto* e no regresso à Terra Santa. Um bilu autêntico! Não, não cederia à tentação pelo menos enquanto o pai discordasse dos Amigos de Sião.

Voltaram a esquina e entraram na loja, beijando imediatamente o *mezuzah*, um pequeno pergaminho de orações pregado ao pilar da porta. A oficina cheirava muito a couro. Simão ergueu os olhos do banco de trabalho e sorriu.

«Olá, paizinho!» disseram ambos rapidamente, e encaminharam-se para o seu quarto, que uma cortina separava do resto da loja.

Simão percebeu pelos seus modos que tinham estado a discutir alguma coisa em segredo; sabia das fugas do jovem Yakov, mas não lhe dizia uma palavra. Pensava que era natural que os filhos tivessem as suas próprias inclinações e que não devia impor-lhes a sua vontade nem falar-lhes naquele assunto se eles não falassem primeiro.

Simão podia ser considerado dos judeus mais felizes do *ghetto*. A família gozava de saúde e ele tinha um ofício que lhe permitia ir vivendo, ainda que precariamente. A taxa de mortalidade entre os judeus do Distrito era superior ao dobro da da restante população da Rússia.

Não só os Judeus estavam a pontos de morrer de fome; coisa semelhante acontecia com muitos russos, especial(')

(1) Antiga cidadela da Palestina; tomada como sinónimo de Jerusalém. (*N. da T.*)

EXODUS 279

mente os camponeses. O país agitava-se no rescaldo do feudalismo, não estava industrializado e era explorado pela aristocracia.

Por todo ele alastravam movimentos reivindicativos pedindo pão, terras e reformas várias. Como a sua situação era a pior de todas, encontravam-se sempre judeus nas organizações que lutavam contra as más condições de vida. A agitação aumentava: estava em gestação um movimento subversivo que propugnava a revolução. Só então o czar Alexandre II introduziu algumas reformas que há muito se impunham. A sua primeira medida foi libertar os servos da gleba e abrandar o rigor de algumas leis anti-semitas. As novas leis até permitiam que um número limitado de judeus exercendo profissões e ofícios vivessem em Moscovo. Na Bessarabia havia judeus que podiam comprar terreno. As reformas, porém, eram uma gota de água no oceano.

Ao tentarem desesperadamente desviar a atenção do povo da tirania com que era governado, os influentes junto do czar descobriram uma nova utilidade para os Judeus, os velhos bodes expiatórios. Na Rússia, o ódio ao Judeu baseava-se em preconceitos religiosos, em ignorância e superstição e cega hostilidade dos camponeses, proveniente da sua situação de inferioridade. O Governo russo decidiu usar deliberadamente o anti-semitismo como arma política. Lançou uma campanha na qual exagerava a percentagem de membros judaicos nos movimentos reivindicativos e proclamou que esses movimentos partiam de anarquistas judeus que pretendiam apoderar-se do governo em benefício próprio.

A campanha crescia de volume, enquanto o Governo russo habilmente promovia, patrocinava, encorajava e desculpava sangrentos *pogroms*, durante os quais os *ghettos* do Distrito eram saqueados, as mulheres violadas e o sangue corria livremente. Enquanto as turbas irrompiam pelos *ghettos*, a polícia russa voltava costas ou tomava parte activa nos acontecimentos.

A 13 de Março de 1881, uma tremenda catástrofe caiu sobre os Judeus. O czar Alexandre II foi vítima de uma bomba de um rebelde, e entre os revolucionários conde-

280 LEON URIS

nados contava-se uma rapariga judia! Este acontecimento abriu caminho a anos de horror.

Apoiava o novo czar, Alexandre III, o sinistro Pobiedonostsev, que manejava o novo governante, um fraco de espírito, como se fosse uma criança. Pobiedonostsev considerava os princípios de igualdade e democracia extremamente plebeus e empreendeu esmagá-los impiedosamente. Para os Judeus, Pobiedonostsev tinha planos especiais.

Como procurador do Santo Sínodo tinha o consentimento tácito da igreja grega para o seu plano, que exigia a supressão do povo hebreu. Uma terça parte morreria em consequência das perseguições patrocinadas pelo Governo, da fome e de outras formas de assassinio; outra terça parte seria expulsa e exilada, e a terça parte restante seria convertida.

Estava-se em 1881, na semana da Páscoa. A coroação do czar Alexandre III deu o sinal: começaram as perseguições de Pobiedonostsev, que alastraram a todas as cidades do Distrito.

Depois dos primeiros ataques, Pobiedonostsev promulgou várias leis que ou extorquiam quaisquer ganhos previamente obtidos pelos Judeus ou tinham em vista a destruição do resto do povo judeu.

No começo dos horríveis acontecimentos de 1881, os judeus do Distrito procuravam desesperadamente solução para os seus problemas. Apresentaram-se muitas sugestões, qual delas a mais inviável. Em diversos recantos de vários *ghettos* fez-se então ouvir a voz de um novo grupo que se intitulava Hovevey Zion (os Amigos de Sião).

Veio também a lume um documento da pena de Leo Pinsker, que diagnosticava com exactidão as causas e indicava o remédio para a situação em que se encontravam os Judeus. O documento de Pinsker reclamava a auto-emancipação como única solução para os judeus do Distrito.

Em fins de 1881, um grupo de estudantes judeus de Romny fugiu do Distrito e partiu para a Palestina com a divisa «Beth Yakov Leku Venelkha» («Casa de Jacob, deixa-nos entrar!») Este bando ousado de aventureiros, num total de quarenta, tornou-se conhecido por toda a

EXODUS 281

parte pelas iniciais da sua divisa, que em transliteração se tornou «Bilu».

Os Bilus fundaram uma pequena aldeia agrícola no vale Sharon, da Palestina. Chamaram-lhe Rishon lê Zion (primeiro de Sião).

Os *pogroms* do Distrito aumentaram de fúria, culminando sanguinariamente na Páscoa de 1882 na cidade de Balta. Em consequência, fugiram para a Terra Prometida novos grupos de Bilus deste modo, os Amigos de Sião proliferavam.

No Sharon, os Bilus fundaram Petah Tikva (Portão da Esperança); na Galileia, Rosh Pinna (Primeira Pedra); na Samaria, Zichron Yakov (Memória de Jacob). Por volta de 1884 tinham sido fundadas na Terra Santa meia dúzia de colónias bilus, pequenas e pouco poderosas, mas combativas.

Todas as noites em Zhitomir e *nas* outras cidades do Distrito havia reuniões secretas. Os jovens começavam a revoltar-se e a afastar-se dos antigos métodos.

Yakov Rabinsky, o mais jovem dos irmãos, foi arrastado para a nova ideologia. Muitas vezes durante a noite ficava acordado, de olhos abertos na escuridão do pequeno quarto que partilhava com seu irmão Jossi. Como seria maravilhoso poder lutar! E partir e encontrar realmente a Terra Santa! Yakov tinha a cabeça cheia dos feitos gloriosos da história hebraica. Muitas vezes imaginava-se a lutar ao lado de Judá, o «Martelo», quando os Macabeus expulsaram os Gregos da Judeia. Imaginava-se com Judas Macabeu quando este entrou em Jerusalém e dedicou novamente o Templo a Deus; com Simão Bar Giora, que defendeu Jerusalém contra o poderio de Roma durante dezoito longos meses e acabou por ser levado para Roma, para a caverna dos leões; com o maior de todos Bar Kochba, o flagelo dos Romanos; ou tomando parte nas lutas de Heródio e Machaerus, Masada e Beitar, onde lutaram até ao último homem, após vários anos de cerco. De todos os seus heróis, porém, Yakov preferia sonhar-se na companhia do rabino Akiva, martirizado em Ce-

282 LEON URIS

sareia, pois Akiva era simultaneamente um mestre, um erudito e um guerreiro.

Quando os Amigos de Sião chegaram a Zhitomir, Yakov acorreu imediatamente às reuniões. O seu ideal da auto-emancipação fascinou-o. Os Amigos de Sião gostariam de ter consigo Jossi, que era alto e vigoroso; mas pelo respeito que tinha a seu pai, de acordo com o que Deus ordenava, Jossi levou tempo a aderir a essas ideias radicais.

No dia seguinte à palestra do bilu da Palestina na loja do Hacoheh, Jossi não pôde resistir por mais tempo. Quis que Yakov lhe dissesse tudo: o aspecto do bilu, todas as palavras que dissera e como eram os seus gestos. « Parece-me, Jossi, que chegou a altura de assistires comigo a uma reunião.»

Jossi suspirou. Seria a primeira vez na sua vida que ia abertamente contra os desejos de seu pai.

Está bem» murmurou ele, e todo aquele dia pediu perdão a Deus pelo que estava em vias de fazer.

Os irmãos disseram ao pai que iam dizer o *Kaddish*, uma oração fúnebre, por um amigo que morrera recentemente.

Apressaram-se a chegar à loja de Hacoheh. Era uma pequena oficina numa cave, tal como a sua própria casa. Cheirava a cera e a perfumes suaves. As cortinas das janelas estavam corridas, e tinham colocado guardas na rua. Jossi ficou surpreendido com a quantidade de rostos conhecidos que viu na sala, a abarrotar. O orador era um homem de Odessa chamado Vladimiro.

Vladimiro não se parecia com os outros judeus nem agia como eles. Não tinha barba nem caracóis dos lados da cara e usava botas e um casaco de couro preto. Quando começou a falar, Yakov ficou extasiado; na sala assaltaram-no com perguntas irónicas.

« És tu o Messias que vem buscar-nos?» perguntou alguém.

« Encontraste o Messias debaixo da cama quando te escondeste durante a última perseguição?» retorquiu Vladimiro.

«Não és com certeza um dos espiões do czar?»

EXODUS 283

«Não és com certeza uma das próximas vítimas do czar?» respondeu Vladimiro.

As pessoas na sala começaram a acalmar-se. Vladimiro falava suavemente. Reviu a história dos Judeus na Polónia e na Rússia e depois incluiu no seu resumo a situação da Alemanha e da Áustria. Falou ainda das expulsões na Inglaterra e na França e dos massacres em Bray, Iorque, Spires e Worms.

Vladimiro contou que o papa encarregara os Cristãos de reconquistarem a Terra Santa aos Muçulmanos e que as cinco Cruzadas, num espaço de tempo de mais de trezentos anos, tinham sido dirigidas contra os Judeus em nome de Deus.

Vladimiro falou de um dos períodos mais terríveis de todos a Inquisição espanhola, durante o qual se tinham cometido atrocidades inacreditáveis contra os Judeus em nome da Igreja.

«Camaradas, todas as nações sobre a face da Terra zombaram de nós. Temos de erguer-nos de novo como Estado. É a nossa única salvação. Pinsker vê a questão assim, e o mesmo acontece com os Amigos de Sião e os Bilus. Temos de reconstruir a Casa de Jacob!»

Quando a reunião acabou, o coração de Yakov batia com mais força.

«Vês, Jossi? Que te disse eu? Viste que esta noite até o rabino Lipzin lá estava?!»

«Tenho de pensar» respondeu Jossi cautelosamente.

Mas mesmo naquele momento sabia que Vladimiro tinha razão e Yakov também era a única salvação para o seu povo.

A rua estava calma e escura e eles caminhavam apressadamente.

Chegaram a casa, beijaram o *mezuzah* e entraram.

Ardia uma vela no banco de Simão. Ele estava por trás, vestido com uma camisa de noite comprida, e tinha as mãos atrás das costas.

«Olá, paizinho» disseram eles, e tentaram passar rapidamente para o seu quarto.

«Filhos!» chamou Simão.

.284 LEON URIS

Eles encaminharam-se lentamente para o seu banco de trabalho. A mãe assomou à porta e espreitou.

« Simão» perguntou ela , «os pequenos já voltaram?»

« Já.»

«Diz-lhes que não deviam andar na rua até tão tarde.»

« Sim, mãezinha» disse Simão. «Vai dormir, que eu falo com eles.»

Simão olhou primeiro para Yakov, depois para Jossi e novamente para Yakov.

« Amanhã tenho de dizer à Sr.a Horowitz que o seu marido pode descansar em paz porque os meus filhos se juntaram esta noite num *Kaddish* pela alma dele.»

Era impossível a Jossi mentir a seu pai.

«Não estivemos num *Kaddish* por alma de Reb Horowitz» murmurou.

Simão Rabinsky fingiu surpresa e levantou os braços.

«Ah... bem! Devia ter desconfiado. Estiveram a namorar. Ainda hoje o casamenteiro Abraão esteve aqui na oficina. Disse-me: Simão Rabinsky, o Jossi é um excelente rapaz. O Jossi trar-lhe-á um belo dote de família de alguma rapariga rica. Imagina... já quer fazer-te um *shiddoch*, Jossi.»

« Não estivemos a namorar» disse Jossi, engolindo com dificuldade.

«Não estiveram a namorar? Nem a dizer o *Kaddish*? Talvez tivessem voltado à sinagoga para estudar...»

« Não, pai» respondeu Jossi de maneira quase imperceptível.

Yakov já não podia suportar aquela situação por mais tempo.

« Fomos a uma reunião dos Amigos de Sião!»

Jossi ergueu timidamente os olhos para o pai, mordeu os lábios e abanou a cabeça, confuso. Yakov parecia contente por a situação se ter esclarecido; tinha um ar de desafio. Simão suspirou e olhou para ambos os filhos durante uns bons cinco minutos.

« Estou sentido» declarou finalmente.

EXODUS 285

«Era por isso que não queríamos dizer-lhe, pai.

Não queríamos ofendê-lo» disse Jossi.

«Não estou ofendido por terem ido a uma reunião dos Amigos de Sião, mas porque os filhos de Simão Rabinsky têm o seu pai em tão pequena conta que já não confiam nele.»

Agora também Yakov se sentia embaraçado.

«Mas se lhe tivéssemos dito disse ele por fim ,

«talvez nos tivesse proibido de ir.»

«Diz-me, Yakov... quando é que eu vos proibi de continuar a aprender? Já vos proibi algum livro? Deus me ajude... mesmo quando resolveram ler o Novo Testamento? Proibi-o?»

« Não, senhor» disse Yakov.

« Parece-me que já há muito tempo que devíamos ter tido uma conversa» opinou Simão.

A luz da vela parecia misturar-se com o vermelho do cabelo de Jossi. O pai tinha de altura menos uns 10 centímetros do que ele. Jossi falou sem hesitação levava tempo a resolver-se, mas uma vez tomada uma decisão, raramente a alterava.

« Yakov e eu não quisemos ofendê-lo porque sabemos o que pensa dos Amigos de Sião e das novas ideias.

Mas sinto-me contente por ter ido esta noite.»

«Também eu estou contente por terem ido» respondeu Simão.

«O rabino Lipzin quer que me inscreva na defesa do *ghetto*» continuou Jossi.

«O rabino Lipzin afasta-se tanto das tradições que começo a duvidar de que seja judeu.»

« Aí é que está, pai» interveio Jossi. «O pai tem medo das novas ideias.»

Era a primeira vez que Jossi se dirigia a seu pai nestes termos, e imediatamente se arrependeu.

Simão deu a volta ao balcão, pousou as mãos nos ombros dos filhos, levou-os para o seu quarto e pediu-lhes que se sentassem.

« Pensam que não sei o que vos vai na mente? Novas ideias, pois sim. Disse-se exactamente a mesma coisa sobre a auto-emancipação e defesa do *ghetto* quando eu era rapaz.

Vocês estão apenas a passar por uma crise por que todos os judeus passam... uma conciliação com o mundo... uma procura do vosso lugar na sociedade. Quando eu era rapaz, pensei mesmo em converter-me... Pensam que não sei o que isso é?»

Jossi estava admiradíssimo. O pai tinha pensado em -converter-se!

«Porque é que não devemos defender-nos? Porque é que o nosso povo considera um pecado querer melhorar as nossas condições?» perguntou Yakov.

« Tu és judeu» respondeu o pai , «e ser judeu acarreta certas obrigações.»

«Devo esconder-me debaixo da cama quando tentam matar-me?»

«Não levantes a voz ao pai» admoestou Jossi.

«Ninguém disse que era fácil ser judeu. Não nascemos nesta terra para viver dos seus frutos. Fomos postos aqui para guardar as leis de Deus. É esta a nossa missão. É este o nosso objectivo.»

«E é esta a nossa recompensa! replicou Yakov.

«O Messias virá e levar-nos-á quando entender que chegou o momento» disse Simão, serenamente , «e não creio que caiba a Yakov Rabinsky pôr em dúvida a Sua sabedoria. Creio que cumpre a Yakov Rabinsky viver de acordo com as leis da Sagrada Tora.»

Os olhos de Yakov encheram-se de lágrimas de ira.

« Não duvido das leis de Deus» gritou ele , «mas duvido da sabedoria de alguns dos que interpretam essas leis.»Seguiu-se

um breve silêncio. Jossi tinha a garganta seca.

Nunca ninguém falara tão asperamente a seu pai. Mas no íntimo aplaudia o irmão, pois Yakov tivera coragem para fazer as perguntas que ele não ousava fazer.

« Se somos criados à imagem de Deus» continuou

- Yakov , «então o Messias está em todos nós e o Messias que está dentro de mim repete-me que me levante e responda à luta com a luta. Repete-me que volte para a Terra Prometida com os Amigos de Sião. É isto o que o Messias me diz, pai.»

Simão Rabinsky não se deixou abalar.

EXODUS 287

«Na nossa história temos tido a praga dos falsos messias. Receio que estejas agora a dar ouvidos a um deles.»

«E como reconheço eu o verdadeiro Messias?» disse Yakov em tom de desafio:

«A questão não está em saber se Yakov Rabinsky reconhecerá o Messias, mas se o Messias reconhecerá Yakov Rabinsky. Se Yakov Rabinsky começar a afastar-se das Suas leis e a dar ouvidos a falsos profetas, o Messias terá a certeza absoluta de que ele já não é judeu. Sugiro a Yakov Rabinsky que continue a viver como judeu, tal como o fazem o seu pai e o seu povo.»

CAPÍTULO IV

«Matem os Judeus!»

Uma pedra estilhaçou um vidro do seminário. O rabino apressou-se a levar os estudantes pelas traseiras para a cave, onde estariam em segurança. Nas ruas, os Judeus corriam desordenadamente para os abrigos, fugindo de uma multidão frenética de mais de mil estudantes e cossacos.

«Matem os Judeus!» gritavam eles. «Matem os Judeus!»

Era outro *pogrom* inspirado por Andreev, o director corcunda de um liceu e a pessoa que mais detestava os Judeus em Zhitomir. Os estudantes de Andreev pavoneavam-se pelas ruas do *ghetto*, destruíam as fachadas das lojas, arrastavam os judeus que encontravam nas ruas e batiam-lhes sem piedade.

«Matem os Judeus... matem os Judeus... matem os Judeus!»

Yakov e Jossi saíram a correr pelas traseiras do seminário e meteram-se por ruas empedradas onde não havia ninguém para chegarem depressa a casa e protegerem os Pais. Por várias vezes tiveram de se abrigar e desviar dos sítios onde se ouvia o som das patas dos cavalos dos cossacos e os gritos sanguinários da estudantada.

Voltaram a esquina da sua rua e depararam-se-lhes alguns desordeiros usando gorros universitários; eram discípulos de Andreev.

« Ali vão dois!»

Yakov e Jossi voltaram-se e fugiram, afastando o grupo de perseguidores da sua casa. Os estudantes uivavam de alegria correndo a toda a velocidade atrás dos dois irmãos. Durante quinze minutos entraram e saíram de ruas e vielas, até que os estudantes os atraíram a um beco sem saída. Jossi e Yakov ficaram de costas para a parede, escorrendo suor e arfando, enquanto os estudantes formavam um semicírculo que os cercava. Com os olhos a brilhar, o chefe deu um passo em frente empunhando um cano de ferro e tentou agredir com ele Jossi!

Jossi furtou-se ao golpe e, agarrando o estudante, levantou-o acima da cabeça, fê-lo andar à roda e arremessou-o sobre os restantes companheiros. Yakov, que trazia sempre o bolso cheio de pedras para estas ocasiões, atirou a dois estudantes duas pedradas que os fizeram cair no chão, inanimados. Os outros estudantes fugiram.

Os rapazes correram para casa e escancararam a porta da loja.

« Mãezinha! Paizinho!»

A loja estava numa balbúrdia.

« Mãezinha! Paizinho!»

Encontraram a mãe encolhida a um canto com um ataque de nervos. Jossi sacudiu-a.

«Onde está o pai?»

«A Tora!» gritou ela. «A Tora!»

Naquele momento, a seis quarteirões dali, Simão Rabinsky entrava, vacilando, pela sua sinagoga em chamas e dirigia-se com dificuldade ao fundo da sala onde estava a Arca Sagrada. Afastou as cortinas onde estavam escritos os Dez Mandamentos e tirou o Sefer Tora, o pergaminho das leis de Deus.

Simão apertou o sagrado pergaminho de encontro ao peito para o proteger das chamas e dirigiu-se, vacilando, para a porta. Estava gravemente queimado e meio sufocado.

Ao sair, cambaleou e caiu de joelhos»

Vinte estudantes de Andreev estavam à sua espera,

EXODUS . " 289

« Matem o judeu! »

Simão rastejou alguns metros e desmaiou, cobrindo o Sefer Tora com o corpo. Despedaçaram-lhe o crânio com mocas e dilaceraram-lhe o rosto com as botas cardadas...

« Matem o judeu! »

Em mortal agonia, Simão Rabinsky gemia: *«Ouve, ó Israel... o Senhor é o nosso Deus... o Senhor é*

Quando encontraram Simão Rabinsky, estava irreconhecível.

O Sefer Tora, as leis dadas por Deus a Moisés, tinha sido queimado pela turba.

Todo o *ghetto* de Zhitomir chorou a morte de Simão.

Morrera da maneira mais nobre por que um judeu podia morrer protegendo o Sefer Tora. Foi sepultado ao lado de uma dezena de outras vítimas da perseguição de Andreev.

Para Raquel Rabinsky, a morte do marido foi apenas mais uma tragédia, numa vida que tinha conhecido pouco mais do que o pesar. Mas desta vez o seu vigor e a sua vontade tinham desaparecido. Os próprios filhos não conseguiam consolá-la. Levaram Raquel para outra cidade, a viver com uns parentes.

Jossi e Yakov iam duas vezes por dia à sinagoga rezar o *Kaddish* por alma de seu pai. Jossi lembrava-se de que ele tinha querido viver como judeu de forma que o Messias o reconhecesse. Toda a sua missão na vida fora defender as leis de Deus. Talvez seu pai tivesse razão talvez não lhes coubesse viver dos frutos da terra, mas servir como guardiães das leis de Deus. Na sua dor, Jossi fazia conjecturas, tentando encontrar uma razão para a morte brutal de seu pai.

Yakov tinha mudado o coração tinha-se-lhe enchido de ódio. Mesmo quando ia dizer as orações fúnebres, o seu espírito pedia vingança. Andava inquieto e irritável e repetia que vingaria a morte do pai.

Jossi, conhecendo o estado de espírito do irmão, raramente o perdia de vista. Tentava acalmar e confortar

Yakov, mas ele estava inconsolável.

Uma noite, um mês após a morte de Simão Rabinsky, Yakov saiu furtivamente da loja enquanto Jossi dormia.

E. - 19

290 LEON URIS

Tirou do banco de trabalho do pai uma grande faca afiada escondeu-a no cinto e aventurou-se a sair do *ghetto* até à escola onde vivia Andreev Jossi acordou instintivamente uns minutos depois. Quando viu que Yakov não estava vestiu-se apressadamente e correu em busca dele, pois bem sabia onde o irmão tinha ido.

Às quatro da manhã, Yakov Rabinsky puxou o batente de cobre da porta da casa de Andreev. Quando o fanático corcunda abriu a porta, Yakov surgiu da sombra e enterrou-lhe a faca bem fundo no coração. Andreev soltou um pequeno grito e rolou pelo chão morto.

Momentos mais tarde, Jossi surgiu no local, onde encontrou o irmão de pé, petrificado, olhando o corpo do morto. Puxou por Yakov e fugiram.

Durante todo o dia que se seguiu esconderam-se na cave da casa do rabino Lipzin. A notícia da morte de Andreev espalhou-se rapidamente por Zhitomir. Os anciãos do *ghetto* reuniram-se e tomaram uma decisão.

«Temos razões para recear que vocês dois tenham sido reconhecidos» disse o rabino. «Vários estudantes viram o teu cabelo vermelho, Jossi.»

Jossi mordeu os lábios e não disse que a sua presença tinha sido apenas para tentar impedir o crime. Yakov não mostrava remorsos pelo seu acto.

«Faria outra vez a mesma coisa, de boa vontade» disse ele.

«Apesar de compreendermos o que vos levou a cometer esta acção» disse o rabino, «não podemos perdoar-vos. Pode bem ser que tenhais originado uma nova perseguição. Por outro lado... somos judeus e não podemos esperar justiça de um tribunal russo. Tomámos uma decisão à qual deveis obedecer »

«Sim, rabino» disse Jossi.»

«Deveis cortar os vossos caracóis e vestir-vos como *goyim*. Dar-vos-emos comida e dinheiro suficiente para uma semana de viagem. Deveis abandonar imediatamente Zhitomir e nunca mais voltar.»

Em 1884, Yakov e Jossi Rabinsky, de 14 e 16 anos de idade, respectivamente, abandonaram o *ghetto*. Utiliza-

EXODUS 291

vam as estradas apenas de noite e escondiam-se durante o dia, dirigindo-se para Lubny, que ficava a uns 160 quilómetros de Zhitomir. Em Lubny encontraram imediatamente um *ghetto* e procuraram o rabino; mas logo souberam que a notícia do seu acto os tinha precedido. O rabino e os anciãos de Lubny reuniram-se e acordaram em dar aos rapazes comida e dinheiro suficientes para outra semana de viagem. Desta vez dirigiram-se para Kharkov, a cerca de 320 quilómetros dali, onde talvez os não procurassem tão activamente. O rabino de Kharkov foi avisado da ida dos Rabinsky.

O Distrito inteiro estava à espreita dos irmãos Rabinsky; por isso avançavam cautelosamente e gastaram vinte dias para chegar a Kharkov. A notícia espalhara-se pela Zona Judaica e a sua captura começava a tornar-se uma espécie de missão sagrada. Duas semanas estiveram escondidos na viscosa cave da sinagoga de Kharkov, sendo a sua presença somente conhecida do rabino e de alguns dos homens mais importantes do *ghetto*.

Por fim, o rabino Salomão foi ter com eles.

«Nem aqui estão em segurança» disse ele. «Seriam descobertos dentro de pouco tempo, pois a polícia tem andado a rondar e a fazer perguntas. Mas com a chegada do Inverno ser-vos-á quase impossível caminhar.»

O rabino suspirou e sacudi a cabeça

«Tentámos também arranjar-vos documentos para poderem sair do Distrito, mas creio que é impossível. Já são muito conhecidos pela polícia.»

Passeava para trás e para diante.

«Pensamos que há apenas uma coisa a fazer. Há algumas famílias judias no Distrito que passaram por cristãos e que possuem pequenas herdades. O mais seguro seria esconderem-se em casa de uma delas, pelo menos até à Primavera.»

«Rabino Salomão» disse Jossi, «estamos muito gratos por tudo o que fizeram por nós, mas o meu irmão e eu temos um plano.»

«Qual é?»

«Vamos para a Palestina» disse Yakov.

O bondoso rabino ficou admiradíssimo.

292 LEON URIS

«Para a Palestina? Como?»

« Temos um itinerário em mente. Deus nos ajudará.»

« Sem dúvida que Deus vos ajudará, mas não devemos pedir milagres. Daqui ao porto de Odessa são mais de 480 quilómetros, difíceis de atravessar e muito frios. Mesmo que lá cheguem, não podem entrar num barco sem documentos.»

«Não vamos por Odessa.» »

«Mas não há outro caminho.»

«Tencionamos ir a pé.»

O rabino Salomão ficou sem fôlego.

«Moisés caminhou durante quarenta anos disse

Yakov ; «nós não levaremos tanto tempo.»

«Meu filho, bem sei que Moisés caminhou durante quarenta anos. Mas isso não explica como vão caminhar até à Palestina.»

« Vou contar-lhe o nosso plano» disse Jossi.

«Iremos pelo sul. Nessa direcção, a polícia não nos procurará tão activamente. Atravessaremos o Distrito em direcção à Georgia e depois iremos pelo Cáucaso até à Turquia.»

«Que loucura! Que tolice! Não pode ser! Querem convencer-me de que andarão mais de 3200 quilómetros através do frio do Inverno, por países estranhos e cordilheiras de montanhas de 5000 metros de altura, sem documentos... sem conhecer o país... com a polícia atrás de vocês? Não passam de crianças!»

Os olhos de Yakov brilhavam de emoção; olhou para o rabino.

«Nada receies, pois estou contigo. Colherei a tua semente do Oriente e do Ocidente; direi ao Norte que te liberte e ao Sul que te não retenha: para que tragas os meus filhos de longe e as minhas filhas dos confins da Terra.»

E assim os irmãos Rabinsky, procurados por homicídio, fugiram de Kharkov e dirigiram-se para sueste, num Inverno desumanamente agreste.

Durante a noite abriam caminho através de neve que lhes chegava à cintura, vergando os corpos jovens contra os ventos uivantes e lutando contra o torpor causado pelo

EXODUS 293

frio. Os estômagos produziram ruídos devido à fome.

Afastavam-se dos caminhos e durante o dia escondiam-se nas florestas. Nessas noites de tortura era Yakov quem incutia em Jossi o espírito da sua missão, que incitava o irmão a dar outro passo, mais outro e ainda outro, quando parecia que todas as forças estavam esgotadas; mas era Jossi quem, com o seu corpo vigoroso, sustinha o seu irmão mais jovem. Com as suas duas forças combinadas foram-se mantendo vivos e prosseguindo.

Muitas noites, Jossi teve de levar Yakov às costas durante oito horas porque os pés do irmão estavam em carne viva e a sangrar e ele não podia mover-se: e muitas vezes Jossi teve de dormir por cima de Yakov para transmitir o seu calor ao irmão mais débil. Frequentemente os poucos metros que faltavam para chegar a um esconderijo eram feitos a rastejar.

Iam cambaleando em direcção ao sul sobre o gelo e a neve, com os pés protegidos apenas por farrapos iam metro após metro, milha após milha, semana após semana. Na Primavera chegaram a Rostov e tombaram, esgotados Encontraram o *ghetto*: receberam-nos, alimentaram-nos e deram-lhes abrigo. Trocaram-lhes os farrapos por roupa nova. Tiveram de descansar durante várias semanas até estarem em condições de seguir viagem.

Na Primavera prosseguiram o seu caminho, completamente restabelecidos das fadigas do Inverno.

Apesar de não terem de lutar contra os elementos da Natureza, tinham de usar de muita cautela, pois estavam fora da Zona Judaica e já não podiam depender da protecção, comida e abrigo das comunidades judaicas. Contornaram o mar Negro, a sul de Rostov, e penetraram na Geórgia. Toda a sua alimentação era agora roubada aos campos, e nunca se mostravam durante o dia.

Quando o Inverno voltou, tiveram de escolher entre hibernar na Geórgia, tentar atravessar as montanhas do Cáucaso ou obter um barco que os levasse através do mar Negro.

Todos estes planos tinham os seus perigos. Apesar de A travessia das montanhas no Inverno parecer o mais teme-

294 LEON URIS

rário, o seu desejo de deixar a Rússia era tão grande que decidiram arriscar-se.

Em Stavropol, na base das montanhas, cometeram uma série de roubos que os abasteceu de vestuário e alimentação para a travessia das montanhas. Fugiram então para o Cáucaso em direcção à Arménia, com a polícia no seu encalço.

Com outro Inverno extremamente rigoroso, meteram-se pelas montanhas, caminhando de dia, atravessando os traiçoeiros desfiladeiros às escuras e pilhando os campos. O primeiro ano tinha-os não só robustecido, mas tornado cautelosos; a obsessão de chegarem à Palestina era maior do que nunca e incitava-os a continuar. De vez em quando, Yakov murmurava passagens da Bíblia que os ajudava a prosseguir no seu caminho. Completaram aquela etapa automaticamente, com o corpo e o espírito entorpecidos.

Na Primavera deparou-se-lhes o segundo milagre do renascimento. E um dia respiraram pela primeira vez o ar da liberdade naquele dia em que deixaram para sempre a «Mãe Rússia». Ao atravessarem a fronteira com a Turquia, Yakov voltou-se e cuspiu no solo da Rússia.

Podiam agora andar de dia, mas estavam num país estranho, em que até os sons e os cheiros eram estranhos, e eles não possuíam passaportes nem documentos. Toda a Turquia Oriental era montanhosa, por isso caminhavam lentamente. Foram trabalhar nos campos, em lugares onde não era fácil roubar comida; naquela Primavera foram duas vezes apanhados e presos por pouco tempo. Jossi pensou que teriam de deixar de roubar, pois corriam o risco de serem novamente enviados para a Rússia.

Quando o Verão ia em meio passaram pela base do monte Ararat, onde tinha arribado a Arca de Noé. Se guiram apressadamente para o sul. Em todas as aldeias perguntavam se havia judeus, e naquelas em que os havia recebiam alimentação, roupa e abrigo e prosseguiram no seu caminho.

Estes judeus eram diferentes de todos os que tinham conhecido. Eram camponeses muito ignorantes e supersticiosos, mas que estudavam a sua Tora e guardavam o Sabat e os dias santos.

EXODUS 295

« Há aqui judeus? »

« Nós somos judeus. »

« Queremos falar com o vosso rabino. »

« Para onde vão vocês? »

« Vamos a pé para a Terra Prometida. »

Era santo-e-senha mágico.

« Há aqui judeus? »

« Há uma família hebraica na aldeia próxima. »

Nem uma única vez lhes foi recusada hospitalidade.

Passaram dois anos. Os irmãos continuavam obstinadamente, parando apenas quando a fadiga os vencia ou tinham de trabalhar para comer.

« Há aqui judeus? »

Seguiram até à fronteira turca e entraram na província da Síria outra terra estranha.

Em Alepo tiveram o primeiro contacto com o mundo árabe. Passaram por mercados e ruas cheios de estrume e ouviram cantos muçulmanos vindos de minaretes...

Continuaram a caminhar até que o cinzento-azulado do Mediterrâneo surgiu, repentinamente diante deles e os ventos uivantes e o frio dos últimos anos deram lugar a um calor aflitivo de quase 49 °. Caminhavam com dificuldade ao longo da costa do Levante, vestidos de farrapos árabes.

« Há aqui judeus? »

Sim, havia judeus, mas também estes eram diferentes. Estes pareciam-se, vestiam-se e falavam como os Árabes.

E, contudo, conheciam a língua hebraica e a Tora. Como os judeus do Distrito e os da Turquia, estes judeus, semelhantes a árabes, receberam os irmãos Rabinsky sem discutir e partilharam com eles das suas casas e da sua comida. Abençoaram os irmãos, "como outros os tinham já abençoado, pela santidade da sua missão.

Prosseguiram no seu caminho em direcção ao Líbano passando por Tripoli e Beirute e aproximaram-se da Terra Prometida.

« Há aqui judeus? »

Estava-se em 1888. Tinham passado quarenta meses desde a noite em que Yakov e Jossi haviam fugido do *ghetto* de Zhitomir. Jossi era agora um gigante magro e

296 LEON URIS

encortiçado com 1,87 m de altura e um arcaboço de aço
Tinha 20 anos de idade e usava uma chamejante barba
ruiva.

Yakov tinha 18 anos e estava também mais robusto
devido aos três anos de viagem, mas era ainda de estatura
média; era moreno, as suas feições traduziam sensibilidade
e mantinha o ardor que possuía na infância.

Pararam no alto de um monte. Por baixo deles ficava
um vale. Yakov e Jossi Rabinsky olharam para o Huleh,
na Galileia do Norte. Jossi Rabinsky sentou-se numa rocha
e chorou. A jornada terminara.

*«Mas o Senhor vive» disse Yakov , «o Senhor
que criou e conduziu a semente da casa de Israel das regiões
do Norte e de todos os países para onde os impeli, a
habitar na sua própria terra.»*

Yakov pôs a mão no ombro de Jossi.

«Estamos na nossa terra, Jossi! Estamos na nossa
terra!»

CAPÍTULO V

Para lá do vale no Líbano erguia-se, coberto de neve,
o elevado pico do monte Hermon. Por baixo dele estendiam-se
o lago Huleh e os pântanos. Aninhadas nas colinas
situadas à sua direita ficava uma aldeia árabe. Jossi Rabinsky
experimentou a maior exaltação da sua vida! Que
bela era a Terra Prometida vista daqui!

Como é frequente os jovens fazerem nestas ocasiões,
jurou a si próprio voltar um dia a este mesmo local e
contemplar a sua terra.

Passaram aí um dia e uma noite e na manhã seguinte
princiaram a descida em direcção à aldeia árabe. As
casas de lama pintadas de branco, agrupadas na vertente
da colina, brilhavam ao sol matinal. As herdades e os
olivais subiam da aldeia para o lago Huleh. Num campo,
um burro puxava um arado de madeira. Outros burros
transportavam o produto de pequenas colheitas. Nas vinhas,
mulheres árabes trabalhavam entre as uvas. A aldeia
tinha o aspecto que devia ter tido mil anos atrás.

EXODUS 297

A beleza da aldeia ia-se desvanecendo à medida que se aproximavam dela, e em breve o que predominava era um intenso mau cheiro. Dos campos e casas da aldeia, olhos desconfiados observavam os dois irmãos ao entrarem na aldeia suja. A vida decorria pausadamente sob o sol escaldante. A estrada estava cheia de excrementos dos camelos e burros. Enxames de moscas gigantescas envolveram os dois irmãos. Um cão estava deitado, imóvel na água de um cano de esgoto aberto, a refrescar-se. Mulheres de véu abrigavam-se em casas de uma única divisão, feitas de lama; muitas cabanas estavam quase a cair e abrigavam uma dúzia ou mais de pessoas, bem como porcos, galinhas, mulas e cabras.

Detiveram-se no poço da aldeia. Raparigas caminhavam com enormes vasilhas de água à cabeça ou lavavam roupa, ajoelhadas, tagarelando.

O aparecimento dos viajantes provocou um silêncio imediato.

«Podemos servir-nos de água?» perguntou Jossi.

Ninguém se atreveu a responder. Hesitantes, tiraram um balde de água, salpicaram a cara, encheram os cantis e afastaram-se rapidamente.

Mais adiante deparou-se-lhes um barracão em ruínas que servia de café. Alguns homens estavam sentados ou deitados apaticamente no chão, enquanto as mulheres lavravam os campos. Outros jogavam o gamão. O ar empestava com o cheiro do café forte, tabaco, fumo de haxixe e os horríveis cheiros do resto da aldeia.

«Gostaríamos que nos desse algumas indicações» disse Jossi.

Momentos depois, um dos árabes levantou-se do chão e convidou-os a segui-lo. Conduziu-os para fora da aldeia, na direcção de um ribeiro; do outro lado ficava uma pequena mesquita e um minarete. No lado em que estavam havia uma bonita casa de pedra, à sombra, e próximo dela uma sala que servia de salão de festas da aldeia. Levaram-nos para aí e fizeram-nos sentar. As altas paredes estavam caiadas, e janelas bem situadas, tornavam-no bastante fresco. À volta das paredes havia um banco comprido, coberto de almofadas de cores garridas. Das paredes

298 LEON URIS

pendiam espadas, berloques e fotografias de árabes e de visitantes.

Finalmente entrou um homem de pouco mais de 20 anos. Trazia uma batina às riscas que lhe chegava aos tornozelos e um barrete branco com uma fita negra. Pelo seu aspecto via-se imediatamente que se tratava de pessoa abastada.

« Sou Kammal, *muktar* de Abu Yesha» disse ele.

Bateu palmas com as mãos cheias de anéis e ordenou que trouxessem fruta e café aos viajantes. Saíram a executar a ordem e um silêncio frio encheu a sala, enquanto os nobres da aldeia entravam em fila. Com surpresa dos rapazes, Kammal disse umas palavras em hebreu: «Esta aldeia foi edificada no local do túmulo de Josué. Compreendem. Josué é tanto um profeta muçulmano como um guerreiro hebreu.»

Seguindo o costume árabe de nunca fazer perguntas directas, Kammal tentou descobrir quem eram os visitantes e o que os levava ali. Por fim sugeriu que talvez os rapazes se tivessem perdido pois nenhum judeu se aventurara ainda a ir até ao Huleh.

Jossi explicou que tinha entrado no país pelo norte e procuravam a colónia judaica mais próxima. Após outra meia hora de perguntas indirectas, mostrou-se satisfeito por os dois judeus não andarem à procura de terras naquela região.

Kammal pareceu agora mais tranquilo; teve a certeza de ser não apenas o *muktar*, senhor de toda a terra de Abu Yesha, mas também o chefe espiritual e a única pessoa letrada da aldeia.

Jossi, sem saber porquê, não antipatizou com este homem. Contou-lhe a sua jornada pela Rússia e o seu desejo de se fixarem e cultivarem a Terra Santa Quando acabaram de comer o último fruto, Jossi pediu licença para partir.

« Encontrarão judeus 30 quilómetros mais ao sul. Se seguirem pela estrada, chegarão lá ao cair da noite. O lugar chama-se Rosh Pinna.»

Rosh Pinna! Sentiram-se emocionados: tinham ouvido Este nome muitas vezes no Distrito.

EXODUS 299

« Rosh Pinna fica a meio caminho entre o lago Huleh e o mar da Galileia. No caminho passarão por um grande *tel*. Por baixo do *tel* fica a antiga cidade de Hazor... Deus vos proteja na vossa jornada.»

Seguindo pela estrada, contornaram os campos de Abu Yesha e os pântanos do Huleh. Jossi olhou para trás. Via o local donde tinham partido no começo do dia. «Voltarei», disse para consigo. «Sei que voltarei...».

Ao meio-dia deparou-se-lhes a grande colina artificial que Kammal descrevera. Ao subir constataram que por baixo ficava enterrada a antiga cidade de Hazor. Jossi exultava.

« Já pensaste que Josué pode ter estado neste mesmo local quando conquistou a cidade aos Canaanitas?»

Jossi principiou a reunir pedaços de louça de barro espalhados pelo chão. Desde que avistara a Terra Santa, tinha ficado tão contente que não dera pelo mau humor que se apoderara de Yakov. Este não queria perturbar a felicidade do irmão, e por isso se mantinha calado, mas a sua má disposição ia aumentando.

Ao escurecer chegaram a Rosh Pinna, a primeira e a mais setentrional das colónias judaicas. A sua chegada provocou enorme agitação. Num pequeno edifício que servia de sala de conferências interrogavam-nos com ansiedade. Mas tinham saído de Zhitomir havia quarenta meses e tudo quanto puderam dizer foi que as perseguições iniciadas em 1881 tinham piorado progressivamente.

Embora ambos os rapazes escondessem os seus sentimentos, a verdade é que Rosh Pinna constituiu um enorme desapontamento. Em vez de prósperas herdades, encontraram uma aldeia meio em ruínas onde uma dúzia de judeus viviam em circunstâncias pouco melhores do que as dos árabes de Abu Yesha.

« Às vezes penso que teria sido melhor ficar na Rússia» disse um dos bilus. «Pelo menos no *ghetto* estávamos entre judeus. Tínhamos livros, música e pessoas com quem falar... e havia mulheres. Aqui, não há nada.»

«Mas tudo aquilo que ouvimos dizer nas reuniões dos Amigos do Sião...» interveio Jossi.

« Oh, sim, quando chegámos estávamos cheios de ideais. Mas neste país perdemo-los depressa. Olhem para ele... tão pobre que nada cresce. O pouco que temos é-nos roubado pelos beduínos, e os Turcos levam o que os beduínos deixam. No vosso caso, continuaria até Jafa e metia-me no primeiro barco para a América.»

«Que ideia estranha», pensou Jossi.

« Se não fosse a caridade de Rothschild, De Hirsch e De Schumann, já há muito que teríamos todos morrido de fome.»

Saíram de Rosh Pinna na manhã seguinte e partiram para Safed. Esta era uma das quatro cidades santas dos Judeus. Ficava numa bela colina em forma de cone, à entrada da região do Huleh, na Galileia. Aqui, pensava Jossi, o seu desalento desapareceria porque existiam judeus há duas, três e quatro gerações, que aqui viviam e estudavam a Cabala Mas a desilusão que tinham experimentado em Rosh Pinna repetiu-se em Safed. Encontraram algumas centenas de judeus idosos que se dedicavam apenas ao estudo e viviam das esmolas dos correligionários de todo o mundo. Não queriam saber do renascimento da Casa de Jacob queriam apenas estudar e viver calma e pobremente.

Os irmãos Rabinsky partiram de Safed na manhã seguinte, atravessaram o monte Canaã, que ficava próximo, e pararam para se orientar. Do monte Canaã o panorama era magnífico: viam Safed, situada na sua colina cónica, e mais além o mar da Galileia; ao norte, as onduladas colinas do Huleh, donde tinham vindo. Jossi adorou esta paisagem porque diante dele estava a terra que primeiro pisara. Fez uma nova jura a de que um dia esta terra seria sua.

A amargura de Yakov principiava a transparecer.

«Todas as nossas vidas, todas as nossas orações... e olha para isto, Jossi.»

Jossi pôs a mão no ombro do irmão.

«Vê como é bela daqui. Garanto-te, Yakov, que um dia a faremos parecer tão bela da base da colina como parece do cimo.»

« Já não sei em que hei-de acreditar» murmurou

EXODUS 301

Yakov. «Todos estes Invernos enquanto caminhávamos pelas montanhas, lívidos de frio... todos esses Verões escaldantes.»

Jossi respondeu-lhe:

«Anima-te. Amanhã começamos a nossa jornada para Jerusalém.»

Jerusalém! A palavra mágica deu novo alento a Yakov.

Na manhã seguinte desceram do monte Canaã e dirigiram-se para o sul, contornando o mar da Galileia em direcção ao vale Genossar, e passando por Arbel e os Chifres de Hattin, em cujas planícies o curdo Saladino esmagara outrora os Cruzados numa luta de morte.

À medida que avançavam, até Jossi ia desanimando.

A sua Terra Prometida não era uma terra onde corria o leite e o mel, mas onde os pântanos estagnados empestavam, as colinas tinham sido carcomidas pela erosão, os campos estavam cheios de rochas e a terra se tornara infecunda por mil anos de abandono de Árabes e Turcos. Era uma terra que tinha sido despojada da sua riqueza, uma terra inculta e privada de seiva.

Algum tempo depois chegaram ao monte Tabor, em plena Galileia, e subiram essa colina, que desempenhara um papel tão importante na história do seu povo. Foi aqui que Débora, a Joana d'Arc hebreia, e o seu general Barak se esconderam com os exércitos e se lançaram sobre as hostes invasoras, esmagando-as. Do alto do monte Tabor via-se o que se passava em todas as direcções, numa extensão de muitos quilómetros. À sua volta ficavam ruínas do tempo dos Cruzados e um pequeno mosteiro; foi aqui que Jesus se transfigurou e comunicou com Moisés e Elias. De Tabor avistava-se toda a desoladora paisagem: uma terra infrutífera, abandonada, moribunda.

...E continuaram a caminhar com os corações oprimidos.

As sementes do passado estavam à sua volta. Passaram o Monte Gilboa, onde Saúl e Jónatas morreram numa batalha e onde jazia Gedeão e passaram por Betel e Jericó...

À medida que se dirigiam para as colinas da Judeia iam recobrando ânimo. Os velhos terraços ainda estavam de pé, datando dos tempos em que centenas de milhares

302 LEON URIS

de judeus tiravam da terra as suas riquezas. A riqueza desaparecera, pois as colinas estavam gastas pela erosão, mas o intenso júbilo dos irmãos Rabinsky não diminuía. Ao chegarem ao ponto mais alto da cordilheira, Jossi e Yakov contemplaram a cidade de David. Jerusalém! Coração dos seus corações, sonho dos seus sonhos! Naquele instante, todos os anos de privação, amargura e sofrimento desapareceram das suas memórias. Entraram na velha cidade murada pela Porta de Damasco e seguiram pelas ruas estreitas e mercados até à importante Sinagoga de Hurva. «Se o pai estivesse aqui connosco...» balbuciou Jossi «*Se eu te esquecer, ó Jerusalém...*» Yakov rezou a elegia dos cativos, Da sinagoga dirigiram-se para a parede que restava do antigo e grandioso templo. Ficava no local da Mesquita de Ornar, o Zimbório da Rocha, e era o lugar mais sagrado de todo o Judaísmo. Quando, por fim, pediram hospitalidade, ficaram desiludidos. Os judeus de Jerusalém eram hasidins, fanáticos ultra-ortodoxos cuja interpretação das Leis era tão estrita que somente as podiam pôr em prática retirando-se completamente do mundo civilizado. Até mesmo no Distrito estes grupos se tinham separado do resto do *ghetto*. Pela primeira vez desde a sua partida de Zhitomir foi recusada o Jossi e Yakov a hospitalidade de uma casa hebraica. Os judeus de Jerusalém não gostavam dos Bilus, e os Amigos do Sião eram atacados pelas suas ideias ímpias. Os rapazes sentiram-se intrusos na sua própria pátria. Afastaram-se de Jerusalém repassados de tristeza, e desceram as colinas da Judeia, em direcção ao porto de Jafa. Este porto antiquíssimo, que estivera em constante uso desde o tempo dos Fenícios, assemelhava-se em tudo a Beirute, Alepo ou Tripoli becos estreitos, imundície, junto de Rishon lê Zion, Rehovot e Petah Tikva. Na própria Jafa havia algum comércio judeu, bem como uma agência de emigrantes judeus. Aí foram postos ao corrente da situação. Havia apenas cinco mil judeus em toda a

EXODUS 303

província da Palestina do Império Otomano. A maioria eram pessoas de idade que viviam entregues ao estudo e à oração nas cidades santas de Safed, Jerusalém, Hébron e Tiberíade. As poucas colónias agrícolas criadas pelos judeus estavam todas elas em apuros, mantendo-se unicamente graças à filantropia de ricos israelitas europeus, os barões de Hirsch, Rothschild e o multimilionário suíço De Schumman. Muito do idealismo dos Bilus tinha desaparecido.

Uma coisa era falar na reconstrução da Casa de Jacob numa cave da Zona Judaica outra era encarar as duras realidades e o completo desmembramento da Palestina.

Os Bilus eram todos eles inexperientes em agricultura.

Os filantropos enviaram peritos para os auxiliar, mas eles limitaram-se a usar mão-de-obra árabe barata e a cultivar dois ou três produtos para exportação: azeitonas, uvas e citrinas. Não tentaram trabalhar a terra com as próprias mãos nem procuraram resolver os problemas da agricultura. Os Judeus tornaram-se capatazes.

Os Árabes e os governantes turcos roubavam desumanamente os Judeus. Faziam recair sobre as colheitas os maiores impostos e levantavam toda a espécie de obstáculos ao cultivo das terras. Os bandos errantes de beduínos chamavam aos Judeus «Filhos da Morte» por se recusarem a defender-se. Havia, todavia, nos arredores de Jafa, alguns rapazes judeus que, como os irmãos Rabinsky, conservavam acesa a centelha do movimento bilu. Falavam noite após noite nos cafés árabes. A tarefa de melhorar esta terra miserável parecia quase impossível, mas poderia ser levada a cabo se houvesse mais judeus dotados de espírito combativo. Jossi estava convencido de que mais tarde ou mais cedo viriam judeus para a Palestina, porque a Zona Judaica andava agitada e previam-se mais perseguições e mais violentas na Rússia.

Todos reconheciam que o Talmude, a Tora, o Midrash e o Mishnah não respondiam à plenitude dos seus problemas.

Muitos rapazes tinham fugido por causa do serviço militar russo, da miséria, ou levados por esperanças idealistas.

Os judeus que já estavam na Palestina tratavam-nos por «estranhos». Além disso, eram vagabundos apátridas.

A resposta do rabino Lipzin demorou um ano a chegar

304 LEON URIS

Por ela Yakov e Jossi souberam que a mãe morrera, vítima de um desgosto infinito.

Nos quatro ou cinco anos seguintes, Yakov e Jossi fizeram-se homens. Trabalharam perto das docas de Jafa e nos campos das colónias judaicas como trabalhadores ou capatazes. Quando os Judeus principiaram a abandonar a velha cidade murada de Jerusalém e a construir uma parte nova com o auxílio do filantropo Moisés Montefiore, um judeu inglês, os dois irmãos passaram a trabalhar como pedreiros. Tudo em Jerusalém estava a ser construído com a linda pedra extraída das colinas da Judeia.

Viviam do seu trabalho. Pouco a pouco foram perdendo os seus profundos conhecimentos religiosos, que eram a primeira força da vida no *ghetto*. Somente nos dias mais solenes iam a Jerusalém; e -apenas meditavam sobre as suas almas e as suas vidas no Dia da Expição (Yom Kippur) e no Rosh Hashana o novo ano. Yakov e Jossi Rabinsky tornaram-se protótipos de uma nova espécie de judeus. Eram jovens e fortes e eram homens livres, gozando de uma liberdade que nunca tinham conhecido no Distrito. Mas ansiavam por ter um objectivo e por estabelecer contacto com os judeus da Europa.

Passaram os anos de 1891, 1892 e 1893.

Chegaram mais alguns colonos, que vieram sobrecarregar as bolsas dos filantropos.

Enquanto Yakov e Jossi viviam aparentemente sem finalidade alguma na Palestina, noutra parte do mundo desenrolavam-se acontecimentos dramáticos que decidiriam para sempre do seu destino e do destino de todos os judeus.

CAPÍTULO VI

França, 1894-1897.

Os judeus da França e da maior parte da Europa Ocidental viviam em melhores condições do que os judeus da Europa Oriental. Após os massacres e expulsões da Idade Média, o ódio aos Judeus diminuiu na França e na Inglaterra.

EXODUS 305

Com a revolução Francesa vieram grandes dias para os Judeus. Depois de mil e quinhentos anos, havia finalmente um país na Europa que os aceitava como seres humanos iguais aos demais. A França era o primeiro país da Europa a conceder aos Judeus todos os direitos de cidadania. A situação melhorou ainda com Napoleão I, que defendia o ponto de vista de que o Judaísmo era uma religião e não uma nacionalidade. Enquanto os judeus franceses o considerassem uma religião e se mantivessem leais à França, devia ser-lhes concedida a mesma posição na sociedade.

O começo de 1800 foi o início de uma época áurea para os judeus da França. A comunidade judaica produziu cientistas, poetas, escritores, músicos e estadistas, que pareciam dar razão ao conceito napoleónico de assimilação.

Sem dúvida que existiam em França formas menos evidentes de anti-semitismo, mas os factos desagradáveis associados à condição de judeu eram ali mínimos. Nunca anteriormente tinham os judeus da Europa conhecido tal liberdade ou ocupado tal posição na sociedade. Em meados de 1800 estavam bem integrados em todos os sectores da vida francesa e tinham construído a poderosa Aliança Universal, seu porta-voz e instrumento filantrópico.

Mas o ódio aos Judeus é uma doença incurável. Em certas condições de democracia o germe pode não se desenvolver, noutros pode até parecer morto, mas nunca morre, nem mesmo no melhor ambiente.

Em França vivia um jovem capitão do exército proveniente de uma família abastada. Em 1893 foi arrastado para um tribunal militar sob a acusação forjada de vender segredos aos Alemães. O seu julgamento abalou o mundo e lançou uma mancha inapagável na história da justiça francesa. Consideraram-no culpado do crime *de* traição e condenaram-no a viver na ilha do Diabo.

O seu nome era Alfred Dreyfus.

No rigoroso Inverno de 1894, Alfred Dreyfus foi acusado perante um tribunal. Numa cerimónia representativa do ostracismo a que a sociedade o votava, cortaram-lhe as dragonas que trazia nos ombros, esbofetearam-no

ram-no, quebraram-lhe a espada e arrancaram-lhe os botões do capote. Ao som de um sinistro tambor foi denunciado como traidor à França. Quando o levaram para o inferno penal em que ia viver, gritou: «Estou inocente! Viva a França!»

Alfred Dreyfus era judeu.

A doença latente do anti-semitismo tinha irrompido na França. Incitados por Édouard Drumont, que mais do que ninguém odiava os Judeus, multidões de franceses corriam agora pelas ruas de Paris soltando o grito secular: «Morrão os Judeus!»

Anos depois, o grande romancista Émile Zola fez ressuscitar o caso Dreyfus. Numa carta aberta ao Presidente da República Francesa denunciou em termos imortais o horrível falhanço da justiça.

Houve quem presenciase as horas de ignomínia de Dreyfus no tribunal de Paris. Apesar de Dreyfus ter sido posteriormente libertado, um homem havia que não podia esquecer o seu protesto de inocência nem as turbas parisienses gritando: «Morrão os Judeus!» Eram vozes que o obcecavam dia e noite.

Este homem que não conseguia esquecer era Theodor Herzl.

Também ele era judeu. Nascera na Hungria, mas a sua abastada família mudara-se para a Áustria e ele foi criado em Viena. O seu conhecimento do judaísmo formal não era profundo. Ele e a família acreditavam firmemente nas teorias dominantes sobre assimilação.

Herzl era um brilhante ensaísta, dramaturgo e jornalista.

Como tantos criadores da sua escola, era perseguido por uma incessante inquietação. Era casado com uma mulher bondosa, mas totalmente incapaz de lhe dar a compreensão de que necessitava. Felizmente para Herzl, os seus empreendimentos constantes eram financiados pelos largos rendimentos da família.

Herzl veio parar a Paris e em dado momento tornou-se correspondente da importante *Nova Imprensa Livre* vienense. Sentia-se relativamente feliz. Paris era uma cidade

EXODUS 307

despreocupada, o seu emprego era bom e havia sempre aquele excelente intercâmbio intelectual.

Em boa verdade, que é que o trouxera a Paris? Que mão invisível o tinha guiado até àquele tribunal naquele dia de Inverno? Porque seria ele a pessoa escolhida? Não vivia nem pensava como um judeu devoto; mas quando ouviu as turbas do lado de lá do muro gritando: «Morram os Judeus!», a sua vida e a vida de todos os judeus mudaram para sempre.

Theodor Herzl reflectiu e chegou à conclusão de que a praga do anti-semitismo nunca podia ser extirpada. Enquanto houvesse um judeu haveria alguém que o odiasse.

No mais profundo do seu espírito perturbado, Herzl cismava em qual poderia ser a solução e concluiu, como um milhão de judeus em centenas de países, que a solução só podia ser a preconizada por Pinsker no seu panfleto sobre a auto-emancipação. Herzl concluiu pela necessidade de os Judeus se reunirem novamente num Estado para poderem finalmente viver como homens livres. Para se imporem ao respeito geral e se sentirem em pé de igualdade tinham de ter um governo que os representasse.

O panfleto em que expunha estas ideias intitulava-se *O Estado Judaico*.

Aguilhado por este súbito interesse, Herzl lançou-se ardentemente em busca de apoio para as suas ideias. Dirigiu-se àqueles mesmos filantropos riquíssimos que financiavam as colónias judaicas da Palestina. Eles escarneceram da ideia de um Estado judaico, que consideravam um disparate.

A caridade era uma coisa como judeus, ajudavam os judeus menos afortunados, mas pensar em reconstruir uma nação era loucura.

Contudo, a ideia de um Estado judaico foi criando raízes e espalhou-se por muitos países. A ideia de Herzl não era nem nova nem original, mas o seu dinamismo não a deixou morrer.

Principiou a reunir em volta de si simpatizantes influentes.

Max Nordau, escritor húngaro e de fama internacional, que se fixara em Paris, apoiou-o, e o mesmo fizeram Wolfsohn na Alemanha e De Haas na Inglaterra. Muitos

308 LEON URIS

cristãos com posições de relevo exprimiram também a sua aprovação à ideia.

No ano de 1897 foi convocada uma reunião de judeus proeminentes de todo o mundo para ter lugar na cidade de Basileia, na Suíça. Foi, na verdade, uma assembleia do judaísmo universal nada de semelhante se tinha visto desde a destruição do segundo Templo. Nela tomaram assento os partidários da assimilação, tal como os Amigos de Sião, os judeus ortodoxos e os socialistas. Quaisquer que fossem as suas tendências, todos tinham o mesmo objectivo em mente, e estavam dispostos a organizar uma revolta contra dois mil anos de indescritíveis perseguições. A convenção de Basileia deliberou o regresso dos Judeus à sua pátria histórica, porque somente através da criação de um Estado judaico podiam os judeus de todos os países alcançar a liberdade.

Chamaram ao movimento «Sionismo».

Enquanto na Rússia, Polónia, Roménia, Áustria e Alemanha tinham lugar tumultos sangrentos contra os Judeus e em França recomeçavam os ataques contra eles, da convenção de Basileia saía a segunda proclamação histórica: «O OBJECTIVO DO SIONISMO É A CRIAÇÃO NA PALESTINA DE UMA PÁTRIA PARA O POVO JUDAICO, GARANTIDA PELO DIREITO PÚBLICO.»

Theodor Herzl escrevia no seu diário: «Criei em Basileia um Estado judaico. Se tivesse de dizer isto em voz alta, a resposta seria o riso geral. Mas talvez dentro de cinco anos, e certamente dentro de cinquenta, toda a gente o reconhecerá.»

Após a declaração sionista, Theodor Herzl entregou-se à tarefa como um possesso. Era um dirigente dinâmico que entusiasmava os que o rodeavam. Consolidou o apoio que tinha, conseguiu novos adeptos, obteve fundos e criou uma organização. Todavia, o objectivo imediato de Herzl era obter uma base legal sobre a qual pudesse edificar o Sionismo.

Dentro do próprio Judaísmo deu-se uma cisão. Herzl era constantemente importunado por uma facção que considerava impuro o seu sionismo «político». Muitos dos antigos Amigos de Sião saíram. Uma parte do elemento

EXODUS 309

religioso denunciou-o como um falso Messias, enquanto outra lhe rendia homenagens como a um verdadeiro Messias.

Mas os propósitos de Herzl não podiam nem seriam desvirtuados. Centenas de milhares de judeus traziam no bolso um *shekel* impresso como prova da sua filiação.

Mesmo antes de obtida a base jurídica para o seu movimento, Herzl começou a visitar chefes de Estado, expondo-lhes as suas ideias.

Herzl trabalhava para além das suas possibilidades.

Esgotou a sua fortuna pessoal, descuroou a família e prejudicou a saúde. O Sionismo tornara-se a sua grande obsessão.

Por fim obteve uma entrevista com o sultão do desmembrado Império Otomano. Abdul Hamid II (Abdul,

o Maldito). O velho déspota esgrimiou com as palavras e fez a Herzl meias promessas de concessão de um estatuto para a Palestina, em troca de algum dinheiro de que necessitava desesperadamente. Abdul era um ser corrupto. Os seus domínios no Médio Oriente iam desde a província da Mesopotâmia e incluíam a Síria, o Líbano, a Palestina e grande parte da Península Árabe. Tentou obter o máximo proveito da proposta sionista e acabou por recusar o pedido de Herzl. Foi um enorme revés.

Em 1903, a situação na Rússia tornou a piorar. Na cidade de Kishinev os Judeus foram mais uma vez acusados de usar sangue cristão nos seus ritos, e na Páscoa desse ano o Governo estimulou sub-repticiamente uma matança desordenada que deixou o *ghetto* de Kishinev em ruínas. Finalmente, a Inglaterra acorreu, compassiva. No começo do século, os Ingleses estavam a expandir a sua influência no Médio Oriente e a tornar-se já um perigo para os Otomanos, em decadência. Tinham-se entrincheirado do Egipto, bem como em mais alguns emirados da Península Árabe, e estavam ansiosos por conseguir as boas graças do mundo judaico, para satisfazerem as suas próprias aspirações. Ofereceram aos Sionistas uma parte da Península do Sinai para os colonos e imigrantes judeus.

Os Ingleses pensavam, sem dúvida, que, ficando esta região « às portas da Terra Prometida, as portas se abririam quando eles precisassem. Era uma solução inconveniente e de resul-

310 LEON URIS

lados incertos, e Herzl ainda esperava obter um estatuto para a Palestina, pelo que o plano inglês caiu por terra. Falharam ainda outras tentativas de obtenção do estatuto.

Os *pogroms* estavam a devastar uma grande parte da Europa, e Herzl compreendeu que para simplificar as coisas havia que conseguir-se um porto. Os Ingleses apresentaram então uma segunda proposta: ofereceram aos Sionistas o território africano de Uganda para a colonização judaica. Herzl, à falta de melhor, resolveu aceitá-lo antes mesmo

da assembleia sionista.

Quando Herzl propôs a solução do Uganda, levantou-se uma oposição feroz, chefiada pelos sionistas russos. O fundamento da sua resistência era o facto de não encontrarem na Bíblia referência ao Uganda.

Vinte e cinco anos de perseguições constantes na Rússia e na Polónia tinham causado a partida de milhares de judeus da Europa Oriental. No começo do século tinham chegado à Palestina cinquenta mil. Abdul Hamid II encarou este influxo de judeus como potenciais aliados dos Ingleses e decretou a proibição de entrada de mais judeus da Rússia, Polónia ou Áustria. Todavia, o império do sultão estava completamente arruinado.

Os Sionistas tinham quartel-general em Inglaterra e por trás de si um próspero banco. O dinheiro sionista empregado em subornos mantinha a porta da Palestina aberta a todos os que quisessem entrar. Foi esta a Primeira Aliyah do êxodo judaico!

Juntamente com o regresso dos exilados à sua Terra Prometida, outro acontecimento tinha lugar no mundo árabe. Após séculos de domínio, um frémito de agitação corria os Árabes, que balbuciavam as primeiras letras do nacionalismo. Em todo o mundo árabe não existia então um único Estado independente ou dotado de alguma autonomia. O nacionalismo árabe partiu de elementos liberais do Líbano com as características de movimento progressista decidido a instituir reformas que havia muito se faziam esperar. As ideias foram amadurecendo até que se realizou em Paris uma primeira conferência em que se dizia aos adormecidos que acordassem.

EXODUS 311

Estas ideias assustaram não só os colonos, mas os opressores do mundo árabe, e um movimento que nascera bem intencionado foi aproveitado pelos chefes de tribo, xeques, chefes religiosos e proprietários efêndis os ideais originários degeneraram em dogmas repassados de ódio, enquanto cada qual manobrava para chamar a si o moribundo Império Otomano.

Século XX!

Caos no Médio Oriente. Sionismo! Nacionalismo árabe! Declínio dos Otomanos e ascensão britânica! Todos estes elementos, cozinhados num grande caldeirão, iam certamente transbordar.

A estrela de Theodor Herzl brilhava com luz deslumbrante, mas depressa se apagou. Decorreram apenas dez anos entre o dia em que ouvira Alfred Dreyfus gritar: «Estou inocente!» e aquele em que caiu vítima de um ataque cardíaco, aos 44 anos de idade.

CAPÍTULO VII

Quando se formou o movimento sionista já os irmãos Rabinsky estavam havia muito na Palestina. Conheciam quase todos os cantos do país e tinham trabalhado em quase todos os empregos, tendo perdido uma grande parte das suas ilusões.

Yakov tornara-se inquieto e azedo.

Jossi procurava contentar-se com a sua existência e apreciava a sua relativa liberdade. Além disso, não deixava de sonhar com a sua terra no vale Huleh.

Yakov desprezava tanto Árabes como Turcos. Considerava-os inimigos, tal como tinha considerado inimigos os cossacos e os estudantes do liceu de Zhitomir. É verdade que os Turcos não toleravam o assassinio, mas encontravam justificação para tudo o mais que se fizesse contra os Judeus. Muitas noites Yakov e Jossi ficaram a pé a discutir.

312 LEON URIS

«Claro que poderíamos comprar terra legalmente mas onde vamos arranjar lavradores e como conseguiremos ver-nos livres dos beduínos e dos Turcos?»

«Arranjaremos lavradores quando as perseguições tornarem a piorar» respondeu Jossi. «No que respeita aos Turcos... podem comprar-se. Quanto aos Árabes, devemos aprender a viver em paz a seu lado. Isso só acontecerá se os compreendermos.»

Yakov encolheu os ombros.

«Há uma coisa que um árabe compreende.» Ergueu o punho e sacudiu-o. «Compreende isto...»

«Um dia mandam-te para a forca» disse Jossi.

Os irmãos iam-se separando cada vez mais um do outro.

Jossi mantinha o seu desejo de paz e compreensão, ao passo

que Yakov considerava que somente uma acção directa traria solução às injustiças praticadas contra os Judeus. No princípio do século, Yakov aliou-se a um grupo de quinze homens que meteu ombros a uma aventura ousada. Um dos fundos de auxílio tinha adquirido um pequeno pedaço de terra bem no interior do vale Jezreel, local onde os Judeus não entravam havia séculos. Os quinze pioneiros estabeleceram aqui um centro de instrução agrícola e uma herdade experimental. Chamava-se Side Tov (Campo da Bondade). A sua localização era extremamente perigosa, pois estavam rodeados por aldeias árabes e à mercê das tribos beduínas, que não hesitavam em matar a troco de qualquer coisa de valor.

Por volta de 1900 havia cinquenta mil judeus na Palestina e um pouco mais de vida social. Muitos dos que tinham fugido às perseguições não queriam ir para as colónias agrícolas, que ainda lutavam com grandes dificuldades, mas sentiam-se satisfeitos por se tornarem negociantes ou lojistas em Jafa. Alguns fixaram-se na pequena cidade-porto de Haifa. Todavia, chegavam em números demasiado grandes para que pudessem todos dedicar-se a negócios, e havia muitos que possuíam somente o vestuário que traziam consigo; por isso, em breve começou a falar-se bastante em recuperar as terras.

Os Sionistas abriram o seu primeiro escritório de venda de terrenos, a Sociedade Colonizadora de Sião, num decré-

EXODUS 313

pito hotel *de* Jafa que era o ponto de encontro local dos viajantes judeus. A Corporação de Investimentos da Palestina, de Rothschild, e a Fundação De Schumann também se dedicavam à compra de terrenos para criação de novas aldeias para os «regressantes».

Em meados de 1902, a Fundação De Schumann entrou em contacto com Jossi Rabinsky e ofereceu-lhe o emprego de principal comprador de terrenos. Conhecia bem o país e tornara-se notado pela sua coragem em entrar em território árabe. Além disso, possuía as qualidades necessárias para negociar com os Turcos: eram precisas grandes cautelas, pois a aquisição de terrenos por judeus estava restringida por leis muito rigorosas. Era também indispensável astúcia para fazer transacções com os efêndis árabes, ou proprietários. Jossi tinha as suas dúvidas acerca das novas colónias: viver por meios filantrópicos e utilizar o trabalho dos feias não lhe parecia a forma de redimir a Terra Prometida, mas a oportunidade de obter terra para os Judeus decidiu-o a aceitar o cargo.

Havia ainda outros motivos por trás da decisão de Jossi. Desta maneira podia ver Yakov mais frequentemente.

Podia também ficar a conhecer cada centímetro da sua terra: Jossi nunca se cansava de se embrenhar nas glórias passadas, e cada canto da Palestina evocava a antiga grandeza judaica. Em último lugar, Jossi queria passar para além de Rosh Pinna, a última colónia judaica, para tornar a ver a terra do Huleh próximo de Abu Yesha.

Jossi era de facto uma bela figura montado no seu garanhão árabe de cor branca. Tinha agora 30 anos, era alto, delgado e musculoso. A sua barba chamejante fazia sobressair as vestes brancas e o turbante árabe que usava. Levava a tiracolo bandoleiras com balas e um grosso chicote, quando se embrenhou nas colinas de Samaria, planícies de Sharon e Galileia em busca de terras. A maior parte dos terrenos da Palestina estavam nas mãos de meia dúzia de poderosas famílias efêndis. A renda dos feias era estabelecida por eles, indo de metade a três quartos de todas as suas colheitas, e não faziam absolutamente nada por estes desgraçados.

Jossi e os compradores das outras associações só conseguiram obter terras a preços escandalosos. Os efêndis vendiam aos Judeus as propriedades piores pântanos estéreis. Não acreditavam que se pudesse fazer alguma coisa desses terrenos, e ao mesmo tempo o «ouro dos Judeus» era um maná.

Jossi fazia muitas viagens para lá da última colónia judaica de Rosh Pinna, frequentemente para visitar Kammal, o *muktar* de Abu Yesha. Os dois homens tornaram-se amigos.

Kammal era alguns anos mais velho do que Jossi e uma raridade entre os efêndis. A maior parte deles viviam fora, em lugares de diversão, como Beirute ou o Cairo.

O mesmo não acontecia com Kammal. Possuía toda a terra de Abu Yesha e arredores e era monarca absoluto dentro das suas fronteiras. Na sua mocidade tivera uma paixão, que acabara tragicamente, pela filha de um pobre feia. O pai de Kammal não fizera caso dos pedidos do feia para que a filha, que sofria de tracoma, recebesse assistência médica. O pai do *muktar* entendia que, podendo o seu filho ter quatro mulheres e inúmeras concubinas, não tinha de se preocupar com uma pobre mulher feia. A rapariga cegou devido à horrível doença e morreu ainda antes dos 18 anos.

Este acontecimento levou Kammal a odiar a sua própria classe. Deixou-lhe uma cicatriz tão funda no coração que suscitou nele um interesse permanente pelos problemas sociais. Partiu para o Cairo, não para gozar os seus prazeres desenfreados, mas para estudar métodos agrícolas modernos, higiene e medicina. Quando o pai morreu, regressou a Abu Yesha, decidido a viver entre o seu povo e a melhorar as suas péssimas condições.

A luta que Kammal travava estava antecipadamente perdida. Os Turcos nunca lhe dariam escolas, assistência médica ou quaisquer serviços sociais. As condições da aldeia eram quase idênticas às de mil anos antes. O que mais custava ao árabe era não poder traduzir o que aprendera em aplicações práticas para os seus camponeses; e estes eram tão ignorantes e atrasados que não conseguiriam compreender. Desde a sua ascensão a *muktar*, a vida

EXODUS 315

em Abu Yesha tinha melhorado mais do que em qualquer outra aldeia árabe da Galileia, mas as condições locais eram ainda primitivas.

Kammal andava perplexo com a inexplicável vinda dos Judeus para a Palestina. Como queria compreender o seu significado, cultivou intencionalmente a amizade de Jossi Rabinsky.

Jossi tentou levar Kammal a vender-lhe uma porção de terreno inexplorado, para edificar uma colónia, *mas* Kammal recusou-se. Os Judeus perturbavam-no; não sabia se podia confiar neles, pois não eram todos como Jossi Rabinsky. Além disso, não seria ele o primeiro efêndi a vender terreno no vale Huleh.

Assim como Kammal aprendia com Jossi, também este aprendia com Kammal, que, apesar de ser um espírito esclarecido, era um árabe de alma e coração. Nunca falava das suas três esposas, pois a servidão era tradicional. Era sempre delicado, mas capaz de regatear quando se tratava de negócios. Jossi via-o exercer a sua autoridade: embora tivesse compaixão do seu povo, não podia conceber formas de governo que não fossem absolutistas. Por vezes, Kammal chegava até a consultar Jossi sobre algum projecto no qual o árabe actuava com evidente duplicidade e que lhe parecia perfeitamente legítimo.

Por intermédio de Kammal, Jossi Rabinsky veio a conhecer a história grandiosa e trágica do povo árabe. No século VII o dogma do Islão irrompera no deserto entre as tribos semicivilizadas de beduínos. Inspirados pelos ensinamentos divinos de Maomé, deixaram o deserto e, a ferro e fogo, espalharam as palavras santas, desde a entrada da China às portas de Paris. Durante um século de proselitismo, tinham-se reunido sob a bandeira do Islão centenas de milhões de pessoas espalhadas pelo mundo. O coração e a alma do Islão eram os Árabes, ligados entre si por uma língua e uma religião comuns que os mandava submeter-se à vontade de Deus. Durante a ascensão meteórica do Islamismo, os Judeus conservaram as mais elevadas posições no mundo árabe.

Uma grande civilização surgira dos desertos. Foi a luz da humanidade, enquanto o mundo ocidental se debatia

no marasmo da Idade Média e do feudalismo. Bagdade e Damasco tornaram-se as Atenas do seu tempo. A cultura muçulmana era fascinante: durante quinhentos anos, a vanguarda do pensamento, o progresso científico, o artesanato mais perfeito, deveram-se ao mundo e língua árabes.

Vieram então as guerras santas dos Cruzados, que saquearam, violaram e mataram em nome daquele mesmo Deus partilhado por Muçulmanos e Cristãos.

Após os Cruzados veio um século cem anos ininterruptos de invasões dos Mongóis. Estes surgiram da Ásia e as guerras foram tão cruéis e sangrentas que desafiaram todos os limites conhecidos da brutalidade. Pirâmides de crânios árabes constituíam os monumentos dos Mongóis.

Os Árabes esgotaram-se de tal maneira, em dez décadas de lutas, que as suas cidades, outrora poderosas, foram arrasadas e a decadência reinou nos oásis antes floridos. As belas ilhas de frutos e colheitas foram destruídas por mares de areia e pela erosão. Os Árabes voltavam-se cada vez mais uns contra os outros e seguiram-se lutas cruéis em que os irmãos matavam os irmãos. Divididos entre si, com o país arruinado e o seu património cultural quase aniquilado, não estavam em condições de se defender do desastre final.

Desta vez o ataque partiu de outros muçulmanos: os poderosos Turcos apoderaram-se das suas terras. Seguiram-se cinco séculos de feudalismo e corrupção.

Na terra estéril, uma gota de água tornou-se mais preciosa do que o ouro e as especiarias. A existência mais > simples e pobre era constituída por uma série de lutas amarguradas e lancinantes desde o nascimento até à morte. Sem água, o mundo árabe decompôs-se em imundície; as inúmeras doenças, o analfabetismo e a pobreza eram gerais. Havia pouca alegria na vida árabe era uma luta constante pela existência.

Nesta atmosfera a astúcia, a traição, o crime, as rixas e as invejas tornaram-se o pão de cada dia. As cruéis realidades que tinham contribuído para formar o carácter árabe deixavam os estrangeiros perturbados.

EXODUS 317

A crueldade entre os irmãos era comum. Em diversas partes do mundo árabe havia milhares de escravos; o castigo de um ladrão consistia em amputar-lhe uma das mãos, o de uma prostituta em amputar-lhe as orelhas e o nariz. De árabe para árabe havia pouca compaixão.

Os feias, que viviam numa imundície infinita, e os beduínos, cuja sobrevivência era um milagre diário, voltaram-se então para aquilo que lhes permitia dar alívio à sua desgraça: tornaram-se fanáticos, tal como certos judeus se tinham tornado fanáticos nas suas horas de aflição.

Não admirava que os Árabes desconfiassem de todos os estranhos. O movimento em prol da liberdade emanou das classes governantes, já que os beduínos e os feias estavam tão desconfiados que nem sequer compreendiam a liberdade e melhores condições de vida. As massas não passavam de peões no jogo de xadrez de efêndis e xeques. Podiam ser facilmente levados à histeria religiosa, sendo assim úteis como arma política.

Jossi Rabinsky ficou fascinado com a versatilidade da maneira de ser *árabe*. Era capaz de andar durante horas pelas lojas de Jafa, observando as infundáveis alterações e o ruidoso comércio. Via como os Árabes orientavam a sua vida, como se fosse um jogo em que todas as jogadas eram estudadas com uma astúcia destinada a exceder a das pessoas com quem negociavam. Nos cafés, Jossi via irromper violentas paixões e nas suas expedições para compra de terrenos observava a ética pouco escrupulosa dos Árabes. Contudo, gostava de entrar numa casa árabe, onde a hospitalidade era inultrapassável. Ficava confundido com os espantosos raciocínios que desculpavam todos os crimes que não fossem o assassinio. Achava intolerável a posição das mulheres: viviam em absoluta escravidão, nunca se viam, nem ouviam, nem se lhes pedia opinião. Frequentemente as mulheres procuravam vinganças traiçoeiras com punhais ou veneno. A ganância e a luxúria, o ódio e a astúcia, a sagacidade e a violência, a gentileza e a afectuosidade, tudo fazia parte daquele fantástico cozinheiro que tornava o carácter árabe tão misterioso aos olhos dos estranhos.

318 LEON URIS

Kammal iniciou Jossi Rabinsky no Alcorão, o Livro Sagrado dos Islamitas. Jossi ficou a saber que Abraão era pai dos Árabes tal como dos Judeus. De Ismael, o filho proscrito de Agar, descenderam os Árabes. Jossi ficou também a saber que Moisés, que deu aos Judeus a maior parte das suas leis, foi também o principal profeta dos Muçulmanos, e que todos os profetas da Bíblia eram também profetas do Alcorão. Muitos dos grandes rabinos eram até considerados homens santos no Islão.

Kammal olhava com suspeita o regresso dos Judeus à Terra Prometida. Admirava-se de que os Judeus tivessem chegado pacificamente, comprado legalmente as suas terras, e apenas falassem em termos elevados da regeneração da terra. Kammal, compreendendo o impulso subjacente que os levava a «regressar», concordava que o movimento era justo e sincero e contudo o seu espírito recusava-se a acreditar que os recém-chegados não viessem a submergir os Árabes e a explorá-los, tal como todos os outros tinham feito.

Yakov deixou Sde Tov. A herdade experimental não tinha sido um êxito. Tal como anteriormente acontecera, Yakov continuou a vaguear entre os dois extremos do país, tentando encontrar um nicho para si.

No ano de 1905 eclodiu a revolução que havia muito se preparava na Rússia. Foi esmagada.

O malogro da revolução de 1905 originou novos *pogroms*. Estes foram tão medonhos que todo o mundo civilizado se horrorizou. Leão Tolstoi ficou tão impressionado que escreveu contundentes palavras de condenação do czar, do seu ministro do Interior, o conde Plehve, e dos «Centenas de Negros», cuja especialidade era matar judeus. Os «Centenas de Negros», protegidos pela polícia secreta russa, continuaram as perseguições até que saíram da Rússia centenas de milhares de judeus. A maioria fugiu para a América, outros foram para a Palestina.

Os que chegaram à Terra Prometida eram outra espécie de gente. Não eram refugiados como os irmãos Rabinsky nem tinham inclinação para o negócio. Eram

EXODUS 319

jovens nos quais o Sionismo tinha fortes raízes, jovens cheios de ideais e decididos a redimir o país. O ano de 1905 trouxe a Segunda Aliyah do êxodo.

CAPÍTULO VIII

A ânsia de idealismo na Palestina foi «satisfeita com a vinda da Segunda Aliyah. Estes recém-chegados não se contentavam com serem mercadores em Jafa nem queriam viver de esmolas dos correligionários. Ardiam de desejo de redimir o país.

Partiram em grupos para a terra que os efêndis tinham vendido e tentaram secar os pântanos o que era um trabalho terrível. Para aqueles que ali viviam há muito, a ideia de judeus a trabalharem nos campos como os Árabes era inconcebível: na Palestina eram capatazes e na Europa nunca tinham trabalhado no campo. De todas as directrizes da Segunda Aliyah, a mais importante foi talvez a de que o trabalho devia ser conquistado e praticado por cada um. Graças ao seu principal representante, A. D. Gordon, o trabalho adquiriu dignidade. Gordon era um homem idoso e erudito que trocou o estudo pela tarefa mais urgente de trabalhar o solo com as suas próprias mãos.

Foi uma época estimulante para Yakov. Meteu-se noutra herdade experimental na Galileia, chamada Sejera.

Aqui, o entusiasmo nunca diminuía enquanto os jovens judeus da Segunda Aliyah se entregavam ao trabalho.

Um dia, Yakov foi a Jafa visitar Jossi e expôs-lhe animadamente a nova ideia que lhe ocorrera; falava com a exuberância que lhe era própria.

«Como sabes, as tribos beduínas usam a chantagem para conseguir que as nossas colónias os contratem como guardas... contra si próprios. Bem... tentaram-no em Ser-Jera. Chegaram lá e proferiram ameaças sobre o que fariam se não os contratássemos... Nós não os quisemos, temo-nos defendido muito bem. As coisas correram mal

320 LEON URIS

durante algum tempo, mas armámos uma cilada, matámos o chefe deles e ainda não voltaram. Temos estudado o assunto» continuou Yakov «e chegámos à conclusão de que, se conseguirmos defender uma colónia, conseguimos defender todas. Fizemos planos para formar patrulhas móveis e queremos que chefies uma das unidades.»

Uma guarda judaica! Que ideia espantosa! Jossi ficou entusiasmado, mas respondeu como habitualmente:

«Tenho de reflectir sobre o assunto.»

« Reflectir sobre o quê? »

Como de costume, simplificas tudo, Yakov. Em primeiro lugar, os beduínos não vão abandonar sem luta esta importante fonte de lucro. Depois, ainda há os Turcos: tornar-nos-ão quase impossível o uso de armas.»

«Vou ser franco» disse Yakov. «Queríamos-te, Jossi, porque ninguém conhece melhor o país e ninguém tem tido mais experiência que tu de tratar com os Árabes e os Turcos.»

« Oh! » troçou Jossi , «então de repente o meu querido irmão reconhece que os meus anos de amizade com os Árabes não constituíram uma perda de tempo total? »

«Qual é a tua resposta, Jossi? »

«Digo que vou estudar o caso. Talvez seja necessário usar de muita persuasão para os nossos próprios lavradores deixarem que os guardemos. Há uma coisa que me preocupa... é que, se usarmos espingardas carregadas, podem ser levados a acreditar que esperamos que haja luta.»

Yakov levantou os braços.

«Provocar lutas para defendermos as nossas propriedades!

Depois de vinte anos de Palestina ainda pensas como um judeu de *ghetto*.»

Jossi manteve a calma.

« Viemos pacificamente. Adquirimos os terrenos legalmente. Construímos as nossas colónias sem incomodar ninguém. Mas se começamos a armar-nos, estaremos a transigir com a orientação básica do Sionismo, e não me queiras convencer de que não há perigo nisso.»

EXODUS 321

«Mas ele ficou na terra e defendeu-a... e o Senhor obteve uma grande vitória.»

«Continuas a fazer citações...»

«Aborreces-me» retorquiu Yakov. «Claro, Jossi... cultivava a terra sob a protecção magnânima dos salteadores beduínos. Muito bem. Vou dizer-lhes que o meu irmão está em profunda meditação. Contigo ou sem ti, começamos a constituir a guarda. A unidade que queremos que comandes parte na próxima semana para a nossa base.»

«Onde é?»

«No monte Canaã.»

No monte Canaã! O coração de Jossi bateu com mais força. Molhou os lábios e tentou esconder o seu nervosismo. Vou pensar» disse ele.

Jossi pensou realmente. Estava cansado de comprar terra para a Fundação De Schumann e de estabelecer colónias -que viviam da caridade. Uma dezena de judeus armados tão arrebatados como Yakov podiam causar muitas complicações; numa guarda armada era necessário moderação e prudência. Mas a ideia de viver perto do monte Canaã, com a possibilidade de passar algum tempo no vale Huleh, era uma tentação demasiado grande.

Jossi demitiu-se da Fundação De Schumann e juntou-se ao novo grupo quando este chegou ao monte Canaã. Intitulavam-se Hashomer (os Guardas).

A unidade de Jossi devia actuar em volta do monte Canaã, desde Rosh Pinna, ao norte; até Safed e Meron, no vale Genossar, que ficava a sul e a oeste do mar da Galileia.

Jossi sabia que os aborrecimentos surgiriam: era uma questão de tempo. Logo que os beduínos soubessem que tinham perdido os seus empregos, certamente atacariam os colonos, Preparou um plano destinado a evitar complicações.

A mais perigosa das tribos beduínas daquela região era chefiada por um velho contrabandista chamado Suleiman, que acampava geralmente nas colinas por cima de Abu Yesha. Suleiman extorquia um quarto das colheitas do Rosh Pinna a troco da «protecção» que concedia.

E. - 21

322 LEON URIS

No dia seguinte à sua chegada, antes de os Árabes saberem da presença dos Guardas, Jossi dirigiu-se a cavalo sozinho e desarmado, ao acampamento de Suleiman. Encontrou-o já de noite, para além de Abu Yesha próximo de Tel Hai, do lado do Líbano. O acampamento era constituído por tendas de pele de cabra espalhadas pelas colinas acastanhadas. Estes eternos nómadas consideravam-se os mais puros e os mais livres de todos os árabes e olhavam com desprezo para os humildes feias e habitantes das cidades. A vida dos beduínos era realmente árdua, mas eram homens livres e ligados à sua tribo por fortes laços; eram também os mais ferozes dos combatentes árabes e os negociantes mais astuciosos. O robusto estrangeiro de barba vermelha causou sensação. As mulheres, de grandes mantos negros e com o rosto coberto de correntes de moedas, correram a esconder-se quando viram entrar o estranho. Quando Jossi chegou a meio do acampamento, um árabe negro, certamente do Sudão, foi ter com ele. O negro apresentou-se como escravo pessoal de Suleiman e conduziu-o até à tenda maior, próximo da qual estava um enorme rebanho de cabras. O velho salteador saiu da tenda. Usava mantos negros e um turbante também negro e da cintura pendiam-lhe dois magníficos punhais de prata. Era cego de um olho e no rosto tinha cicatrizes de muitas batalhas com homens armados de facas e mulheres armadas de garras. Suleiman e Jossi mediram-se rapidamente um ao outro. Jossi foi convidado a entrar na tenda. O chão, de areia, estava coberto de mantas e almofadas. Os dois homens instalaram-se e Suleiman ordenou ao escravo que trouxesse fruta e café ao hóspede. Fumaram por um narguilé e falaram de banalidades durante meia hora. Serviram arroz de caril e testículos de cordeiro e melões por sobremesa, enquanto conversavam durante outra hora. Suleiman compreendeu que Jossi não era um judeu vulgar e que o trazia uma missão importante. Finalmente perguntou-lhe o objectivo da sua visita. Jossi informou-o de que o Hashomer ia assumir as funções

EXODUS 323

já guarda e agradeceu a Suleiman os serviços leais que havia prestado. O árabe recebeu a notícia sem pestanejar. Jossi pediu um aperto de mão para confirmar o pacto de amizade. Suleiman sorriu e estendeu-lhe a mão.

Nessa mesma noite, já muito tarde, Jossi foi a Rosh Pinna e convocou os lavradores. Todos tinham ficado horrorizados com a ideia da criação de um corpo de Guardas: tinham a certeza de que Suleiman lhes cortaria o pescoço quando ouvisse falar nisso. O aparecimento de Jossi Rabinsky e a sua promessa de permanecer em Rosh Pinna contribuíram muito para os acalmar.

Ao fundo da sala onde se realizou a reunião, uma rapariga de 20 anos olhava para Jossi Rabinsky e ouvia-o. Tinha acabado de chegar da Silésia, na Polónia, e chamava-se Sara. Tinha tanto de pequena como Jossi de alto e o seu cabelo era tão negro quanto o dele era vermelho. Ficou absolutamente extasiada ao vê-lo e ouvi-lo falar. «És nova aqui» disse ele após a reunião.

«Sou.»

«Eu sou Jossi Rabinsky.»

«Toda a gente te conhece.»

Jossi ficou em Rosh Pinna uma semana. Estava certo de que Suleiman lhe faria uma visita, mas sabia que o beduíno era suficientemente astuto para não ser imprudente.

Jossi não tinha pressa de que o árabe viesse, porque se sentia muito atraído por Sara. Mas na sua presença tornava-se mudo e tímido, pois tinha pouco ou nenhum contacto com raparigas judias. Quanto mais Sara troçava dele e o espicaçava, mais ele se retraía. Em Rosh Pinna, todos, à excepção de Jossi, sabiam que ele era um homem notável.

No nono dia, uma dezena de árabes introduziram-se furtivamente em Rosh Pinna a meio da noite e roubaram várias centenas de quilos de cereais. Jossi, que estava de guarda, viu-os chegar e observou todos os seus movimentos. Podia facilmente tê-los apanhado em flagrante, mas para os beduínos não era crime roubar. Jossi tinha outro plano em mente.

Na manhã seguinte dirigiu-se outra vez ao acampamento de Suleiman. Desta vez ia armado com o seu chicote

de 3 metros. Entrou no acampamento, galopando a toda a velocidade, dirigiu-se imediatamente à tenda de Suleiman e desmontou. O escravo sudanês saiu, sorriu docemente, deu as boas-vindas a Jossi e convidou-o a entrar.

Jossi bateu no escravo com as costas da mão, como se estivesse a sacudir uma mosca, e estendeu-o no chão.

« Suleiman!» ressoou a sua voz para que todo o campo ouvisse. «Vem cá para fora!»

Apareceram logo alguns membros da tribo armados de espingardas e com ar surpreendido.

« Vem cá para fora!» rugiu novamente Jossi.

O velho salteador levou muito tempo a aparecer. Saiu finalmente da tenda, pôs as mãos nas ancas e sorriu ameaçador.

Estavam à distância de 3 metros um do outro.

«Quem é que uiva à porta da minha tenda como uma cabra doente?» perguntou Suleiman.

Os membros da tribo tiveram um ataque de riso. Jossi não tirou os olhos do árabe.

« É Jossi Rabinsky que uiva como uma cabra doente» respondeu «e diz que Suleiman é um ladrão e um mentiroso!»

O sorriso que pairava nos lábios de Suleiman transformou-se numa carranca. Os beduínos ficaram suspensos, aguardando o sinal para se atirarem ao judeu e desfazê-lo.

« Vá» desafiou Jossi de mansinho , «chama todos os teus sobrinhos. A tua honra não é maior do que a de um porco, e ouvi dizer que não tens mais coragem do que uma mulher.»

Não tinha mais coragem do que uma mulher! Era o pior insulto que podia ouvir. Jossi lançara-lhe um desafio pessoal.

Suleiman brandiu o punho.

« A tua mãe é a maior prostituta que há no mundo.»

«Vá, maricas... continua a falar» respondeu Jossi.

A honra de Suleiman estava em jogo. Tirou um dos seus punhais de prata e com um grito de fazer gelar o sangue saltou sobre o gigante de barba vermelha.

O chicote de Jossi estalou. Enrolou-se nos pés do árabe, levantou-o e atirou-o ao chão com enorme violência. Jossi

saltou sobre ele como um gato. Lançou o chicote sobre as costas de Suleiman com tamanha rapidez e força que o estalido ecoou pelas colinas.

«Somos irmãos! Somos irmãos!» gritou Suleiman pedindo misericórdia, depois de cinco chicotadas.

Jossi apontou para o inimigo.

«Suleiman, deste-me a tua mão para firmar um compromisso de honra e mentiste. Se tu ou os teus parentes voltam a pôr os pés nos nossos campos, despedaço-te o corpo com este chicote e deito os bocados aos chacais.»

Jossi voltou-se e os seus olhos trespassaram os beduínos, pasmados. Estavam demasiado aturdidos para se moverem: nunca tinham visto um homem tão forte, intrépido e colérico.

Mostrando completo desdém pelas suas espingardas, Jossi voltou-lhes as costas, dirigiu-se para o cavalo, montou e partiu. Suleiman nunca mais voltou a tocar num campo judaico.

Na manhã seguinte, quando Jossi se preparava para ir juntar-se ao seu grupo no monte Canaã, Sara perguntou-lhe quando voltaria. Ele murmurou qualquer coisa no sentido de voltar mais ou menos todos os meses a Rosh Pinna. Quando subiu para o cavalo, lhe disse adeus e partiu.

Sara julgou que o coração lhe saltava do peito. Jamais existira um homem como Jossi Rabinsky judeu, árabe, cossaco ou rei! Ao vê-lo desaparecer, jurou a si própria que passaria o resto da sua vida a amá-lo.

Durante um ano, Jossi comandou a sua companhia de Guardas no território judaico com tal habilidade que poucas ou nenhuma complicação surgiram. Nunca recorreu a armas de fogo. Quando as coisas não corriam muito bem, ia trocar impressões com os Árabes e advertia-os amigavelmente.

Se tornassem a ser assaltados lá estava o chicote.

O chicote de Jossi Rabinsky tornou-se tão conhecido na Galileia do Norte como a sua barba vermelha. Os Árabes chamavam-lhe «relâmpago».

Tudo isto era muito monótono para Yakov. Sentia-se aborrecido com a falta de acção. Depois de seis meses na Guarda, partiu novamente e recomeçou a vaguear, esperando encontrar forma de preencher o constante vazio da sua vida.

Jossi não se sentia muito feliz nem infeliz na Guarda. Dava-lhe mais prazer do que comprar terra e pertencia a uma organização que estabelecia um importante princípio o de que os Judeus podiam defender-se e faziam-no, tendo deixado de ser os «filhos da morte». Ansiava pela sua ida ao Norte para visitar o seu amigo Kammal e subir à colina que lhe alimentava os sonhos. Saboreava antecipadamente o momento em que entraria em Rosh Pinna.

Endireitar-se-ia para parecer ainda mais aprumado e galante no seu corcel branco, e o coração bateria mais depressa por saber que Sara, a silesiana de olhos escuros, estava a vê-lo. Mas quando se tratava de conversar ou agir, Jossi sentia-se perdido.

Sara andava perplexa, pois não conseguia dissipar a timidez de Jossi. Se estivessem na Europa, o casamenteiro iria ter com o pai de Jossi e trataria de tudo. Aqui, além de não haver casamenteiro, também não havia rabino. Isto continuou durante um ano.

Um dia, Jossi entrou inesperadamente em Rosh Pinna. O mais que conseguiu fazer foi perguntar a Sara se queria ir com ele a cavalo ver a região ao norte da colónia, no vale Huleh.

Sara ficou entusiasmada: nenhum judeu além de Jossi Rabinsky ousava ir tão longe! Passaram por Abu Yesha, a galope, subiram a estrada e depois as colinas. A vereda findava no cimo da colina de Jossi.

«Foi por aqui que entrei na Palestina» disse ele de mansinho.

Sara compreendeu quão profundamente Jossi amava esta terra quando o viu olhar para o vale. Continuaram ambos de pé e contemplaram a paisagem durante muito tempo. Sara mal lhe chegava ao peito. Sentiu invadi-la uma quente onda de amor. Trazê-la até ali era para Jossi a maneira de partilhar com ela dos seus anseios mais profundos.

«Jossi Rabinsky» murmurou Sara, «por favor, por favor, queres casar comigo?»

Jossi tossiu e gaguejou:

«Um... Ah... que coincidência teres falado nisto.

Eu ia mesmo dizer qualquer coisa a esse respeito.»

EXODUS 327

Nunca tinha havido na Palestina casamento que se comparasse ao de Jossi e de Sara. Veio gente *de* toda 'a parte da Galileia e até da longínqua Jafa, embora fosse uma jornada de dois dias até Safed. Vieram os Guardas, assim como Yakov e os colonos de Rosh Pinna, os Turcos, Kammal e até Suleiman. Todos viram Jossi e Sara debaixo do pátio trocando promessas *e* bebendo o vinho abençoado.

Jossi esmagou aos pés o copo de vinho evocando a queda do Templo. Havia comida suficiente para um exército e durante uma semana houve danças, alegria e festejos.

Quando o último convidado partiu, Jossi levou a noiva para a sua tenda, num dos lados do monte Canaã, e consumaram o casamento.

Jossi e a noiva partiram do monte Canaã para Jafa, onde os Sionistas eram muito necessários. A fama de Jossi era uma recomendação para o encarregarem dos colonos recém-vindos e para solucionar as muitas complicações que surgiram neste estranho país. Aderiu aos Sionistas, sendo desde logo um dos principais elementos da Sociedade Colonizadora de Sião.

Em 1909, Jossi foi consultado sobre um assunto muito importante. Muitos dos judeus da crescente comunidade de Jafa queriam melhores habitações, mais higiene e uma vida cultural que a antiga cidade árabe não podia oferecer.

Os serviços de Jossi foram usados na compra de uma faixa de terreno, ao norte de Jafa, que consistia principalmente num areal e em laranjais.

Depois de um período de dois mil anos construía-se nesta terra a primeira cidade inteiramente judaica. Denominaram-na Telavive (Colina da Primavera).

CAPÍTULO IX

As colónias agrícolas estavam em franca degenerescência.

As causas eram múltiplas, entre elas a apatia, a letargia e a total ausência de idealismo. Ainda cultiva-

vam unicamente produtos de exportação e continuavam a usar a mão-de-obra árabe, que era mais barata. Apesar do influxo de judeus e do desejo desses judeus de trabalharem a terra, os Sionistas dificilmente conseguiam convencer as colónias a utilizá-los.

A situação geral era desanimadora. A Palestina não estava em muito melhor situação do que por altura da chegada dos irmãos Rabinsky, vinte anos atrás. Havia certa actividade cultural em redor de Telavive, mas todas as outras formas de progresso eram imperceptíveis.

A energia e o idealismo, que tinham vindo com a Segunda Aliyah, iam-se gastando sem resultados. Tal como Yakov e Jossi, os imigrantes andavam de um lado para o outro sem objectivo e sem criarem raízes.

À medida que a Sociedade Colonizadora de Sião ia comprando terreno, tornava-se mais evidente que se impunha uma mudança drástica nas concepções colonizadoras.

Jossi e outros tinham concluído havia muito tempo que a lavoura individual era uma impossibilidade física.

Havia que atender questões de segurança, à ignorância dos Judeus em assuntos agrícolas, e, pior, ainda, ao facto de as terras serem pessimamente aproveitadas.

O que Jossi queria nesta nova terra era criar aldeias cujos habitantes trabalhassem o solo, escolhessem as colheitas de forma a bastarem-se a si próprios e se defendessem sem precisar de ajuda.

A primeira medida indispensável à obtenção destes resultados era conservar toda a terra em nome da Sociedade

Colonizadora de Sião terra totalmente judaica para todo o povo judaico. Somente seria permitido trabalho realizado pelo próprio: o Judeu tinha de ser ele a trabalhar e não podia contratar outros judeus ou árabes.

Deu-se outro passo em frente quando os judeus da Segunda Aliyah se propuseram trabalhar tendo apenas por objectivo a beneficiação das terras e a edificação de uma pátria, sem pensar em ganhos pessoais, lucros ou ambições.

A sua orientação aproximava-se na realidade das ideias posteriores sobre agricultura em comum. A herdade comunal, contudo, não nascera de qualquer ideologia social

EXODUS 329

ou política. Baseava-se nas necessidades de sobrevivência era o único caminho possível.

Tudo se aprontara para uma experiência sensacional.

Estava-se em 1909. A Sociedade Colonizadora de Sião comprou 4000 *dunams* de terra abaixo de Tiberíade, num local onde o rio Jordão corria para o mar da Galileia.

A maior parte das terras eram constituídas por pântanos.

A Sociedade forneceu a vinte homens e mulheres jovens provisões para um ano e dinheiro, com a missão de tornarem a terra cultivável.

Jossi acompanhou-os, enquanto armavam as barracas num dos extremos dos pântanos. Puseram ao lugar o nome de Shoshanna por crescerem muitas rosas bravas ao longo do mar da Galileia.

A experiência de Shoshanna podia muito bem ser a chave da futura colonização e era a medida mais importante tomada pelos Judeus desde o êxodo.

Construíram três barracões de madeira, um para sala de jantar e sala de reuniões da comunidade, outro para celeiro e arrumação de ferramentas e o terceiro para alojamento dos dezasseis homens e quatro mulheres.

No primeiro Inverno, os barracões desmoronaram-se várias vezes devido ao vento e às cheias. As estradas estavam tão enlameadas que longos troços ficaram intransitáveis.

Por fim, foram forçados a mudar-se para uma aldeia árabe próxima, aguardando aí a Primavera.

Na Primavera, quando o trabalho começou com grande intensidade, Jossi voltou a Shoshanna. Os pântanos e charcos tiveram de ser todos aterrados. Plantaram-se centenas de eucaliptos australianos para absorver a água. Em trabalho manual abriram-se valas de drenagem, o que era muito violento. Labutavam desde o nascer do Sol até ao entardecer, e uma terça parte dos colonos estavam sempre de cama, com malária. O único remédio que conheciam era o método árabe de cortar os lóbulos da orelha e deixar sangrar. Trabalhavam com o lodo até à cintura no meio do terrível calor do Verão.

No segundo ano havia alguma terra cultivável como resultado da sua faina. Agora eram as rochas que tinham

330 LEON URIS

de ser arrastadas dos campos por pares de burros, e o espesso mato foi cortado e queimado.

Em Telavive, Jossi continuava a lutar por apoio para a sua experiência, pois estava a descobrir uma coisa surpreendente:

que o desejo de edificar uma pátria era tão grande que havia pelo menos vinte pessoas dispostas a fazer sem remuneração este trabalho ingrato e duro.

As tarefas violentas não cessavam em Shoshanna, mas dois anos depois preparara-se terra suficiente para fazer sementeiras. Este estágio foi decisivo, pois a maioria do grupo não sabia como se plantava, que sementes deviam ser lançadas à terra, nem a diferença entre uma galinha e um galo. Trabalhavam por tentativas, e os resultados eram quase sempre maus. Não sabiam semear nem lavar em linha recta, nem ordenhar vacas, nem plantar árvores. A terra era um mistério sem fim.

Meteram ombros às tarefas agrícolas com o mesmo espírito decidido com que tinham empreendido a drenagem dos pântanos. Estes já estavam secos, e o que se tornava agora necessário era irrigar os campos. A princípio transportaram água do rio em latas às costas de burros, a seguir experimentaram um processo árabe, depois abriram poços; finalmente, fizeram valas de irrigação e construíram barragens para reter as águas da chuva.

Pouco a pouco a terra revelava os seus segredos. Em muitas das suas visitas, Jossi susteve a respiração e admirou-se e encantou-se com o moral existente em Shoshanna.

Não tinham senão o que traziam vestido, e mesmo isso pertencia à comunidade. Comiam a mais sóbria das refeições numa sala de jantar da comunidade, tinham duches, retretes comuns, e dormiam todos sob o mesmo tecto.

Os Árabes e beduínos observavam com espanto o lento mas firme progresso de Shoshanna. Quando os beduínos viram várias centenas de hectares de terreno sob cultivo, empreenderam expulsar os Judeus.

Todo o trabalho dos campos tinha de ser feito sob a protecção de guardas armados. Além da doença e do excesso de trabalho, a segurança tornou-se um problema. Depois de um dia de tortura nos campos, os lavradores fatigados tinham de ficar de guarda durante a noite.

EXODUS 331

Mas prosseguiram, vivendo em Shoshanna no meio da solidão e ignorância, ameaças de ataques, pântanos e calor intolerável, malária e diversas outras calamidades.

Yakov Rabinsky veio para Shoshanna tentar a sua sorte.

Chegou também Joseph-Trumpledor. Trumpledor fora oficial do exército russo e tornara-se famoso pela sua valentia na guerra russo-japonesa, durante a qual perdeu um braço. O Sionismo atraiu Trumpledor e trouxe-o à Palestina, a Shoshanna. Com Trumpledor e Yakov encarregados da segurança, os ataques dos beduínos cessaram dentro em pouco.

A vida em comum suscitava mais problemas do que tinham imaginado.

Havia o governo da comunidade: esta era governada por forma totalmente democrática, mas os Judeus eram independentes por tradição e nunca estavam de acordo em nenhum assunto. Tornar-se-ia o governo numa conversação e disputa intermináveis?

Havia o problema da divisão de trabalho; a responsabilidade da comunidade pela saúde, bem-estar e educação dos seus membros; as medidas a tomar contra os que não pudessem ou não quisessem trabalhar todo o dia; os descontentes com as suas tarefas; os que protestavam por cozinhar ou viver em quartos muito pequenos, e o choque das diversas personalidades.

Uma coisa parecia sobrepor-se às demais. Todos em Shoshanna tinham um ódio violento àquilo que os havia tornado judeus de *ghetto*. Queriam destruir tudo o que lhes recordasse o passado e edificar uma pátria totalmente nova. Shoshanna tinha o seu código ético e as suas leis sociais próprias. Os casamentos e os divórcios eram de comum acordo. Dirigiam a aldeia de maneira a não estarem coarctados pelas velhas tradições libertaram-se das grilhetas do passado.

A sua opressão fora muito longa e era veemente o seu desejo de que aqui em Shoshanna nascesse uma classe de camponeses verdadeiramente livre. Vestiam-se como camponeses e dançavam a *hora* à luz das fogueiras. A terra e a edificação da pátria tinham-se tornado a sua nobre

razão de existir. À medida que o tempo passava plantavam flores, árvores, arbustos e relvados e erigiam novos e belos edifícios. Construíram pequenas casas para os casais, compraram os primeiros livros de uma biblioteca e contrataram um médico permanente.

Então surgiu a revolta das mulheres. Uma das quatro primeiras colonas era uma rapariga atarracada e pouco atraente chamada Rute. Chefiava a revolta das mulheres: dizia nas reuniões da comunidade que as mulheres não se tinham arriscado a vir do Distrito Judaico e da Polónia para se tornarem domésticas. Pediam igualdade e responsabilidades na lavoura. Quebraram um por um os velhos tabus e juntaram-se aos homens em todos os trabalhos, chegando mesmo a lavrar os campos. Encarregavam-se das galinhas e das hortas e deram provas de ser tão hábeis e resistentes como os homens. Aprenderam a usar armas e ficavam de guarda durante a noite.

Rute, a cabecilha da sublevação feminina, tinha os olhos postos na manada de cinco vacas leiteiras. Gostaria muito de tratar das vacas. Mas os votos dos homens deitaram por terra essa ambição: as raparigas estavam a ir demasiado longe! Enviaram Yakov, o mais agressivo dos homens, para discutir com Rute. Ela sabia, sem dúvida, que as vacas eram demasiado perigosas para serem tratadas por mulheres! Além disso, essas cinco vacas eram os bens mais prezados e queridos de Shoshanna.

Todos se admiraram de ver Rute abandonar timidamente a luta. Era uma atitude tão pouco dela! Durante um mês não se referiu ao assunto; em vez disso, sempre que tinha oportunidade, saía furtivamente de Shoshanna e ia à aldeia árabe mais próxima aprender a arte de mungir. No tempo que tinha livre estudava tudo o que encontrava referente a lacticínios.

Uma manhã, Yakov foi ao celeiro após uma noite de guarda. Rute tinha quebrado a promessa: estava a mungir *Jezebel*, a melhor vaca da comunidade! Foi convocada uma reunião especial para punir a camarada Rute por insubordinação. Rute veio munida de factos e números para provar que era capaz de aumentar a produção de leite usando apenas bom senso e rações adequadas. Acusou os

EXODUS 333

homens de ignorância e intolerância. Decidiram confiar-lhe o cargo a que tinha direito, deixando-a tomar conta da manada.

A camarada Rute acabou por ser a tratadora permanente das vacas. Aumentou a manada em mais de vinte e cinco vezes e tornou-se numa das melhores fabricantes de lacticínios de toda a Palestina.

Yakov e Rute casaram-se; dizia-se que a razão era ser ela a única pessoa no mundo capaz de levar a melhor numa discussão com ele. Amavam-se muito e eram extremamente felizes.

A maior crise deu-se em Shoshanna com o nascimento das primeiras crianças. As mulheres tinham lutado pela igualdade, tinham-na conseguido e ao consegui-lo tornaram-se factores importantes na economia agrícola. Muitas tinham cargos de importância fundamental. Falou-se e discutiu-se o assunto. Deviam as mulheres deixar os seus empregos e tornar-se domésticas? Haveria outra maneira de manter a coesão da família? Os membros de Shoshanna argumentavam que, tendo uma forma de viver invulgar, podiam encontrar uma forma invulgar de tratar das crianças.

Começaram a surgir creches. Foram escolhidos certos membros de Shoshanna para a tarefa de vigiar »a educação das crianças durante o dia, o que permitia às mulheres trabalhar. À noite, as famílias mantinham-se juntas. Muitos estranhos diziam que isto destruiria a vida da família, que contribuiria para a salvação do povo judaico através dos séculos de perseguição. Apesar dos detractores, os laços de família em Shoshanna eram tão poderosos como os de qualquer outra família em qualquer outro lugar. Yakov Rabinsky encontrara finalmente a felicidade.

Shoshanna cresceu até ter cem membros e mais de 1000 *dunams* de terra cultivada. Yakov não tinha dinheiro ou vestuário a que pudesse chamar seu. Tinha uma mulher arrogante e de língua afiada que era uma das melhores 'lavradeiras da Galileia. À noite, quando o trabalho do dia estava terminado, ele e Rute caminhavam pelos relvados e jardins ou iam à colina e contemplavam os campos verdes e viçosos e Yakov sentia-se plenamente feliz.

334 LEON URIS

Shoshanna, o primeiro *kibbutz* da Palestina, parecia ser a resposta que há muito se esperava para o Sionismo.

CAPÍTULO X

Uma noite Jossi, chegou a casa, de regresso de uma reunião especial do Vaad Halashon. Vinha mergulhado nos seus pensamentos: devido à sua posição na comunidade e tinham-lhe feito um apelo especial.

Sara tinha sempre chá pronto para Jossi, fosse qual fosse a hora do dia ou da noite a que regressasse das reuniões. Sentaram-se na varanda da sua casa de três divisões, na Rua de Hayarkon, que deitava para o Mediterrâneo.

Daqui Jossi via a linha da costa que seguia desde Telavive até Jafa.

« Sara » disse ele por fim , « tomei uma decisão.

Esta noite estive no Vaad Halashon e pediram-me que passasse a usar um nome hebreu e a falar exclusivamente hebreu. Ouvi Ben Yehuda falar esta noite. Tem feito um trabalho admirável na modernização do hebreu.»

«Que tolice» respondeu Sara. «Já me disseste que nunca na história da humanidade se fez reviver uma língua.»

« Também nunca um povo tentou fazer reviver uma nação como nós estamos a fazer. Quando vejo o que se tem feito em Shoshanna e nos outros *kibbutzim*...»

«Falando de Shoshanna... Queres usar um nome hebreu apenas porque o teu irmão, que antigamente se chamava Yakov Rabinsky, fez o mesmo.»

«Que disparate!»

« Como havemos de chamar agora a Yakov Rabinsky?»

«Akiva. Escolheu o nome do seu ídolo da infância...»

«Talvez tu queiras chamar-te Jesus Cristo, que era o ídolo da tua infância.»

«Tu és insuportável, mulher!» exclamou Jossi zangado, e saiu da varanda.

EXODUS 335

«Se tivesses continuado a ir à sinagoga» disse Sara, seguindo-o, «saberias que o hebreu se destina a comunicar com Deus.»

«Sara... às vezes pergunto porque razão te deste ao incómodo de vir da Silésia. Se vamos pensar como nação, será melhor que falemos como nação.»

«E falamos. O *yiddish* é a nossa língua.»

«O *yiddish* é a língua dos exilados, é a língua do *ghetto*. O hebreu é a língua de todos os judeus.»

Ela apontou com um dedo para o marido.

«Não venhas fazer-me propaganda sionista, Jossi.

Para mim serás Jossi Rabinsky até à morte.»

«Já decidi, Sara. É melhor estudares o teu hebreu porque é essa a língua que falaremos daqui para o futuro.»

«A vossa decisão é tão estúpida!...»

Jossi tinha levado algum tempo a concordar com Ben Yehuda e os outros, mas concluiu que o hebreu tinha de renascer. Existindo um sincero desejo de identificação entre os membros da futura nação, era possível fazer ressurgir uma língua morta. Sara continuava firme nas suas convicções. O *yiddish* era a língua que ela falava e que sua mãe tinha falado não tencionava estudar nesta altura da vida.

Durante uma semana, Sara não permitiu que Jossi entrasse no quarto, mas ele não cedia. Durante três semanas dirigiu-se a Sara apenas em hebreu e ela respondia-lhe em *yiddish*.

«Jossi» chamou ela uma noite, «Jossi, vem ajudar-me.»

«Desculpa» disse Jossi, «mas não há ninguém nesta casa com esse nome. Se por acaso estás a falar comigo» continuou, «o meu nome é Barak. Barak Ben Canaan.»

«Barak Ben Canaan!»

«Sim. Demorei muito tempo a escolher o nome adequado.

Os Árabes chamavam «relâmpago» ao meu chicote, e é isso o que «Barak» significa em hebreu. É também o nome do general mais importante de Débora. Chamo-me Canaan porque gosto do monte Canaã.»

Sara bateu com a porta.

336 LEON URIS

Jossi gritou:

«Quando vivia no monte Canaã era feliz! Nessa altura não tinha uma mulher casmurra! Habitua-te, Sara Ben Canaan... Sara Ben Canaan!»

Jossi, agora denominado Barak, foi outra vez expulso do quarto. Durante uma boa semana nenhum dos adversários falou.

Uma noite, um mês depois de a disputa ter começado, Barak regressou *de* uma esgotante reunião de três dias em Jerusalém. Chegou tarde, exausto, e olhou em volta, esperando que Sara estivesse levantada para conversar e tomar uma chávena de chá. A porta do quarto estava fechada. Ele suspirou, tirou os sapatos e deitou-se no sofá. Era tão alto que as pernas ficavam penduradas no braço deste. Estava cansado e desejava poder dormir na sua cama, lamentando ter dado ocasião a este estado de coisas. Principiou a dormir, mas foi acordado por uma réstia de luz que vinha de baixo da porta do quarto. Sara dirigiu-se para ele em bicos de pés, ajoelhou junto do seu corpo robusto e pôs a cabeça no peito dele.

«Amo-te, Barak Ben Canaan» murmurou em hebreu perfeito.

Barak Ben Canaan tinha uma vida muito atarefada na nova cidade de Telavive. A comunidade dos judeus da Palestina aumentava e tornaram-se conhecidos por *yishuvs*; o hebreu foi restabelecido como sua língua. Barak Ben Canaan tinha ascendido bastante entre os Sionistas e na Sociedade Colonizadora de Sião. A sua vida era uma série constante de reuniões e negociações delicadas com os Turcos e os Árabes. Escreveu muitos artigos importantes na formulação da política e ele e Sara iam muitas vezes a Londres e aos centros sionistas e à Suíça assistir a conferências internacionais. Mas Barak não conhecia a verdadeira felicidade, aquela que seu irmão Akiva encontrara em Shoshanna.

O coração de Barak não se apartava da terra do vale Huleh, a norte do monte Canaã. Sara era uma esposa sensata e dedicada. Desejava ardentemente compensá-lo do anseio que ele tinha pela terra dando-lhe filhos. Mas cinco

vezes consecutivas abortou, o que era tanto mais de lamentar quando Barak já tinha mais de 40 anos.

Em 1908 houve uma curta rebelião dos «Jovens Turcos», que depuseram o corrupto e velho déspota Abdul Haniid II. O movimento sionista criou novo ânimo quando ele foi substituído por Maomé V no cargo de sultão dos Otomanos e chefe espiritual do mundo muçulmano. Depressa compreenderam, porém, que a revolta não lhes traria a concessão de um estatuto. Maomé V herdara um império em decadência e era conhecido em todo o mundo como «o doente da Europa.»

Desde o princípio que os Ingleses tinham mostrado a maior simpatia pelos Sionistas. Barak entendia que os interesses judaicos e os britânicos podiam conjugar-se, enquanto com os Turcos não existiam bases para uma cooperação. Os Ingleses tinham oferecido tanto o Sinai como o Uganda para a colonização e muitos altos funcionários britânicos manifestavam-se abertamente em favor de uma pátria judaica. O quartel-general dos Sionistas era na própria Inglaterra; e, além disso, o Dr. Chaim Weizmann, um judeu nascido na Rússia, tornara-se o arauto mundial do movimento sionista.

Com a preponderância atingida pelos Ingleses no Médio Oriente e o eclipsar evidente dos Otomanos, Barak, os *yishuvs* e os Sionistas tornaram-se abertamente pró-britânicos. Maomé V acabara de ser vencido numa série de dispendiosas guerras nos Balcãs. Estava a perder a sua posição de «Sombra de Deus» chefe espiritual muçulmano, e o Império Otomano, de cinco séculos de existência, ameaçava ruína, ao mesmo tempo que caminhava para a bancarrota.

Durante séculos, os czares da Rússia tinham sonhado ter portos no Mediterrâneo: fora uma ambição de sempre ocupar o Bósforo e os Dardanelos. Com a queda iminente dos Turcos, a Rússia planeou uma jogada de largo alcance. Para o conseguir, espicçou a Turquia, tentando com isto aliá-la à Alemanha. À Rússia convinha uma guerra com a Turquia, por isso exigiu Constantinopla como condição

338 LEON URIS

para se pôr ao lado dos aliados. Maomé V adivinhou os intuitos da Rússia e cuidadosamente evitou a guerra. Compreendeu que não só os Russos se apoderariam de Constantinopla, mas que Ingleses, Franceses e Italianos estavam ansiosos por atacar o Império e dividi-lo entre si. Entretanto rebentou a primeira guerra mundial. Com a sua queda, Maomé V não serviu nem os interesses dos Russos nem os dos Ingleses. Na verdade, os Turcos mostraram-se mais aguerridos do que se teria pensado.

O exército russo foi esmagado ao tentar atravessar as montanhas do Cáucaso, e no Médio Oriente os Turcos saíram da Palestina, atravessaram o deserto do Sinai e detiveram-se na artéria do Império Britânico, o canal de Suez.

McMahon, o comissário britânico no Egipto, principiou a fazer promessas aos Árabes para se revoltarem contra os Turcos, promessas que se traduziam na concessão da independência. Os agentes britânicos tentavam desesperadamente provocar uma revolta árabe contra os Turcos; dirigiram-se ao mais poderoso dos príncipes árabes, Ibn Saud, *wahabita* da Arábia, mas Ibn Saud decidiu esperar até ver de que lado soprava o vento. A balança árabe pendia umas vezes para o lado dos Turcos, enquanto outras vezes os Árabes deixavam correr o tempo sem tomar decisões.

Do lado turco, Maomé V, chefe indiscutido de todos os muçulmanos, lançava apelos histéricos ao mundo muçulmano para se erguer contra os Ingleses numa «guerra santa». Não obteve resposta.

Os ingleses concluíram que a única maneira de ter aliados árabes era comprá-los. Em consequência, espalharam generosamente ouro britânico como forma de obter apoio. Desta vez conseguiram o resultado pretendido.

O cargo de xarife de Meca era semi-independente adentro do Governo otomano. Oficialmente era o «Defensor dos lugares sagrados de Medina e Meca», cargo hereditário e vitalício destinado aos descendentes em linha directa de Maomé. O xarife de Meca pouco pesava no mundo árabe; além disso, era inimigo declarado de Ibn Saud. Quando os Ingleses o abordaram, pensou imedia-

EXODUS 339

tamente que se Maomé V e os Turcos caíssem poderia tomar as rédeas de todo o mundo árabe. Assim se aliou aos Ingleses o xarife de Meca, a troco de umas centenas de milhares de libras esterlinas. O xarife tinha um filho chamado Faiçal, que era uma raridade entre os chefes árabes, pois possuía consciência social e visão. Concordou em ajudar o pai a conseguir tribos árabes para se «revoltarem» contra os Turcos.

Os *yishuv*s da Palestina não precisavam de ser subornados: os Judeus apoiavam firmemente os Ingleses.

Quando a guerra rebentou, ficaram numa posição perigosa, como amigos declarados dos inimigos dos Otomanos.

Num lance rápido, o turco Jemal Paxá assumiu o comando da província da Palestina e iniciou um reinado de terror na comunidade judaica.

Barak Ben Canaan foi avisado apenas com seis horas de antecedência de que devia fugir da Palestina. Tanto ele como seu irmão Akiva constavam das listas de extermínio da polícia turca. A Sociedade Colonizadora de Sião fora forçada a fechar os seus escritórios e a maior parte das actividades judaicas tinham cessado.

«Quando temos de partir, querido?» perguntou Sara.

«Ao romper do dia. Arranja apenas uma pequena mala. Temos de deixar cá tudo.»

Sara encostou-se à parede e passou a mão pelo ventre. Estava grávida de seis meses e sentia outra vida dentro do seu corpo, ao contrário do que tinha acontecido nos outros estados de gravidez. Cinco abortos, pensava ela...

«Não posso ir» respondeu. «Não posso ir.»

Barak voltou-se e olhou para Sara. Os olhos dele contraíram-se e a sua barba vermelha, à luz da vela, parecia em chamas.

Vamos, Sara... não temos tempo para isso.»

Ela voltou-se.

«Barak... Oh!, Barak» e correu para os braços dele, «perderei também este filho... Não posso, não Posso... não posso.»

Ele suspirou profundamente.

340 LEON URIS

«Tens de vir comigo. Deus sabe o que aconteceria se os Turcos te apanhassem.»

«Não quero perder este filho.»

Lentamente, Barak juntou algumas coisas numa mala de mão e fechou-a.

«Nesse caso parte imediatamente para Shoshanna» disse ele. «A Rute tomará conta de ti... e não te aproximes das vacas...»

Beijou docemente a esposa, e ela pôs-se em bicos dos

pés e agarrou-se a ele.
« *Shalom*, Sara. Amo-te.»
Ele voltou-se e saiu à pressa da sala.
Sara fez a perigosa jornada de Telavive para Shoshanna numa carroça de burros. Aí, com Rute, aguardou o nascimento do seu filho.
Akiva e Barak fugiram para o Cairo, onde se encontraram com o seu velho amigo Joseph Trumpledor, o combatente que perdera um braço. Andava ocupado na formação de uma unidade de judeus da Palestina para combater no exército britânico.
A unidade de Trumpledor juntou-se aos Anzacs numa operação de grandes proporções. Barak e Akiva lá estavam quando os Ingleses desceram em Galípoli e tentaram em vão abrir os Dardanelos e marchar sobre Constantinopla. Na derrota e retirada que se sucederam ao desembarque, Akiva foi ferido no peito.
A unidade de Trumpledor foi posta em debandada após o desastre de Galípoli. Akiva e Barak seguiram para Inglaterra, onde Zev Jabotinsky, um sionista fervoroso, estava a constituir a maior unidade de combate judaica, os fuzileiros reais 38.º, 39.º e 40.º, compreendendo uma brigada de judeus.
Akiva ainda não estava completamente restabelecido das feridas quando foi enviado aos Estados Unidos para fazer conferências sobre a causa judaica; estas conferências eram patrocinadas pelos sionistas americanos, cujo chefe era o juiz Brandeis, do Supremo Tribunal.
Quando descobriram que Barak Ben Canaan estava entre os fuzileiros, retiraram-no imediatamente das fileiras

EXODUS 341

O Dr. Weizmann, o arauto do sionismo mundial, entendeu que Barak era um vulto demasiado importante para usar uma espingarda.

Barak entrou na equipa de negociações dos Sionistas a tempo de ouvir falar de outro desastre britânico no Médio Oriente. O general Maude tinha organizado um ataque à zona oriental do Império Turco. Usando a Mesopotâmia como ponto de partida, planeava chegar à Palestina, vindo do norte. A conquista devia efectuar-se pelo vale do Tigre-Eufrates para penetrar em Bagdade, depois descreveria uma curva e dirigir-se-ia para o mar. Enquanto a oposição foi instituída por tropas árabes, a legião de Maude avançava sem dificuldade: a campanha foi considerada «brilhante». Mas em Kut os Ingleses avançavam sobre uma divisão turca, e as suas forças foram completamente destroçadas.

Os Ingleses estavam abalados: os Turcos tinham-se instalado numa ponta do canal de Suez e os Alemães tinham derrotado a primeira linha do exército russo. A tentativa britânica de provocar uma revolta árabe contra os Turcos tinha falhado redondamente. Os Árabes suspeitaram de que estava em preparação nesse momento um acordo secreto entre Ingleses e Franceses para minar e subjugar o mundo árabe.

O Dr. Weizmann e os Sionistas pensaram que era altura de conseguir vantagens para a causa judaica, pois a Inglaterra necessitava desesperadamente de simpatizantes e de auxílio. Na Alemanha e na Áustria os Judeus lutavam pela sua pátria. Para os Sionistas conseguirem obter auxílio dos judeus do resto do mundo, especialmente da América, impunham-se medidas radicais.

Quando se encerraram as negociações entre Sionistas e Ingleses, Lord Balfour, o ministro dos Estrangeiros inglês, escreveu uma carta a Lord Rothschild em que se continha a grande notícia: *«O Governo de Sua Majestade encara com simpatia a ideia da criação na Palestina de uma pátria para o povo judaico e fará todas as diligências> no sentido de facilitar a realização deste objectivo.»*

Assim nasceu a Declaração Balfour, a Magna Carta
do povo judaico!

CAPÍTULO XI

A polícia de Jemal Paxá encontrou Sara Ben Canaan
no *kibbutz* de Shoshanna precisamente duas semanas antes
da data marcada para o nascimento do seu filho. Rute
e os membros do *kibbutz* tinham-na escondido cuidadosamente
e providenciado para que tivesse suficiente repouso
e conforto por causa da criança.

A polícia turca não teve tantas atenções. Sara foi arrastada
de casa a meio da noite, fechada num camião coberto
e levada, por uma estrada lamacenta e cheia de buracos,
para o posto da polícia de Tiberíade, construído em basalto
negro.

Durante vinte e quatro horas seguidas atormentaram-na
com perguntas.

*Onde está o seu marido?... Como fugiu?!... Como
comunica com ele?... Sabemos que fornece informações
secretas... É espia dos Ingleses. Vamos, não pode negar
que o seu marido escreveu panfletos a favor dos Ingleses...
Com que judeus da Palestina está em contacto?...*

Sara respondia directamente às perguntas sem se impacientar.

Concordou que Barak fugira por causa das suas
tendências pró-britânicas, pois isso não era segredo. Reafirmou
que tinha ficado somente para ter o filho. Não
confessou mais nada em resposta às acusações. Ao fim
de vinte e quatro horas, Sara Ben Canaan era, de todas
as pessoas que se encontravam no gabinete do inspector,
a mais calma.

Começaram a ameaçá-la, mas Sara continuou a responder
com tranquilidade e segurança. Por fim, agarraram-na
e empurraram-na para uma sala de aspecto sinistro
com espessas paredes de basalto e sem janela. Uma pequena
luz ardia sobre uma mesa de madeira. Estende-
ram-na de costas, segura pôr cinco polícias, e tiraram-’ »
os sapatos. Chicotearam-lhe as solas dos pés com espessos

EXODUS 343

ramos. À medida que lhe batiam, repetiam as perguntas.

As respostas eram as mesmas.

Espia! Como arranjas as informações para Barak Ben

Canaan? Fala! Estás em contacto com outros agentes ingleses..-

Quem são?

As dores eram cruciantes. Sara deixou de responder.

Cerrou os dentes e tinha o corpo encharcado em suor.

A sua coragem aumentava a ira dos Turcos. O chicote continuou a rasgar-lhe as solas dos pés e o sangue espirrou.

«Fala!» gritavam eles. «Fala!»

Ela tremia e contorcia-se, numa agonia...

«Judia! Espia!»

Por fim perdeu os sentidos.

Atiraram-lhe um balde de água ao rosto. As pancadas e as perguntas continuaram. Desmaiou novamente e tornaram a reanimá-la. Desta vez afastaram-lhe os braços e colocaram-lhe nas axilas pedras em brasa.

«Fala! Fala! Fala!»

Durante três dias e três noites, os Turcos torturaram Sara Ben Canaan. Até eles estavam impressionados com a resistência dela. Por fim deixaram-na ir, em atenção à sua bravura, pois nunca tinham visto ninguém suportar a dor com tal dignidade. Rute, que estivera à espera na sala do posto levou Sara para Shoshanna numa carroça puxada por um burro.

Às primeiras contracções do parto, permitiu-se o luxo de gritar de dor. Gritou por todas as vezes que não tinha podido gritar com os Turcos. O seu corpo torturado estremecia convulsivamente. Os gritos iam-se tornando menos nítidos e mais fracos. Ninguém acreditava que conseguisse resistir.

Nasceu um filho e Sara Ben Canaan não morreu, embora tivesse estado entre a vida e a morte durante semanas.

Rute e os lavradores de Shoshanna prodigalizaram-lhe todos os afectos e cuidados. A notável coragem que mantivera sob a tortura dos Turcos e as dores do parto, a Pequena salesiana de olhos negros manteve-a viva mais uma vez. O seu desejo de tornar a ver Barak era tão forte que a morte nada podia contra ele.

Levou mais de um ano a restabelecer-se. Foi um restabelecimento lento e doloroso: só meses depois conseguiu levantar-se e andar. Ficou sempre a coxear um pouco.

A criança era forte e saudável. Todos diziam que quando crescesse seria outro Barak, pois era já alto e delgado, embora moreno como Sara. Acabada a tormenta, Sara e Rute esperavam os seus maridos.

Os dois irmãos viajaram do Cairo a Galípoli, à Inglaterra, à América, mas estavam continuamente preocupados com as vidas de Sara e Rute. Ficaram horrorizados ao ouvirem contar aos refugiados da Palestina as violências de Jemal Paxá.

Em princípios de 1917, o exército britânico irrompeu do Egipto e empurrou os Turcos até à entrada da Palestina. Foram detidos em Gaza, mas o general Allenby assumiu nessa altura o comando, e sob a sua chefia os Ingleses renovaram a ofensiva. Em fins de 1917 tinham aberto grandes brechas na Palestina e capturado Beerseba. Devido a esta vitória, as antigas portas de Gaza foram tomadas de assalto e a cidade caiu em poder dos Ingleses. Estes atacaram seguidamente a costa para capturar Jafa.

Com a campanha vitoriosa de Allenby começou finalmente a revolta dos Árabes, muito dispendiosa e sobrevalorizada pelos Ingleses. Quando se tornou evidente que os Turcos estavam a perder, Faiçal, filho do xarife de Meca, trouxe para a luta novas tribos do deserto os Árabes abandonavam a sua posição de neutralidade de maneira a partilhar os futuros despojos. Os «rebeldes» de Faiçal alardearam grandes feitos e cortaram uma via férrea que não estava guardada... e que continuou a funcionar.

E nunca os «rebeldes» árabes entraram em qualquer batalha, grande ou pequena.

Na velha cidade de Megido, as forças de Allenby e as dos Turcos prepararam-se para a luta. Havia cinco mil anos que centenas de exércitos conquistadores eram postos à prova neste local. Aqui se dizia também que seriam encontrados os estábulos de Salomão e teria lugar a segunda vinda de Cristo. -Para o lado norte, Megido dominava um profundo vale que constituía uma passagem

EXODUS 345

natural fora o itinerário dos conquistadores desde tempos imemoriais.

Megido caiu em poder de Allenby!

Por altura do Natal, menos de um ano depois de ter assumido o comando, Allenby conduzia as forças britânicas para Jerusalém libertada. Os Ingleses avançaram até Damasco e dispersaram os Turcos: a queda de Damasco foi o dobre de finados do Império Otomano.

O czar da Rússia, que tinha tido tanta vontade de combater os Turcos, nunca chegou a ver realizado o seu sonho de uma Constantinopla russa. O povo russo revoltou-se contra séculos de opressão, e ele e toda a família foram mortos por uma patrulha.

Quando a guerra acabou, e embora o seu império tivesse sido totalmente esmagado e saqueado e ele tivesse deixado de ser, para o seu bilião de muçulmanos, a «Sombra de Deus», Maomé V gozava a vida no seu harém.

Barak Ben Canaan e seu irmão Akiva regressaram.

Ao chegarem a Shoshanna viram as rosas que floresciaam, os campos cultivados e verdejantes e as águas do Jordão que mergulhavam no mar da Galileia.

A grande barba vermelha de Barak estava entremeada de fios brancos e o mesmo acontecia com a cabeça de Sara. Ficaram de pé um diante do outro, à porta de casa: depois ele tomou-a nos braços com uma grande doçura e esqueceram todas as provações dos anos anteriores. A sua Sarinha levou-a pela mão; ao encaminhá-lo para casa, coxeava levemente. Um pequeno de 3 anos, forte e alto, ergueu para ele os olhos brilhantes e curiosos.

Barak ajoelhou-se diante da criança e levantou-a com as> suas mãos fortes.

«Meu filho!» balbuciou Barak, «meu filho!»

«O teu filho... Ari» disse ela.

A declaração Balfour foi ratificada por cinquenta nações.

Durante a primeira guerra mundial a população *Yishuv* fora reduzida a metade pelo terror turco. Na esteira da guerra desencadeou-se na Europa Oriental uma nova série de perseguições.

Os tempos que se seguiram foram emocionantes e de importância vital para os *yishuvs*. Para escapar à perseguição, a Terceira Aliyah chegava em grandes números, preenchendo assim as fileiras dizimadas.

Durante anos, a Sociedade Colonizadora de Sião tinha cobiçado o vale de Jezreel, que ocupava todo o Sul da Galileia. Eram na sua maioria terrenos pantanosos nos quais estavam situadas algumas aldeias árabes muito pobres.

A maior parte de Jezreel pertencia a uma única família efêndi, os Sursuks, que vivia em Beirute. Os Turcos não permitiam aos Judeus comprar terrenos em Jezreel, mas com a vinda dos Ingleses e a suspensão das restrições sobre a terra, Barak Ben Canaan e dois outros compradores deslocaram-se a Beirute e adquiriram a região entre Haifa e Nazaré. Esta foi a primeira transacção de tal envergadura na Palestina e a primeira a ser inteiramente patrocinada pelos fundos do judaísmo mundial. Jezreel abriu grandes perspectivas à formação de mais *kibbutzim*.

Antigos *kibbutzniks* deixaram generosamente as suas herdades para ajudar na fundação de novos *kibbutzim*.

Akiva, Rute e a sua filha recém-nascida, Sharona, deixaram o relativo conforto da sua querida Shoshanna para ajudarem a construir um novo *kibbutz*, precisamente a norte de Rosh Pinna. A colónia chamou-se Ein Or (Fonte da Luz).

Finalmente os Judeus partilhavam do sonho de Barak Ben Canaan, comprando terras no interior do vale Huleh, próximo das fronteiras síria e libanesa. Chegaram mesmo

EXODUS 347

a cultivar o seu monte e a construir ali perto um *kibbutz*, a aldeia de Giladi. O velho amigo e camarada de Barak, Joseph Trumpledor, foi a Kfar Giladi tratar das garantias da compra.

A par do desenvolvimento da agricultura, verificava-se o crescimento de Telavive e de outras cidades. Os Judeus começavam a comprar casas, no monte Carmelo, sobre a cidade de Haifa. Em Jerusalém construía-se para lá da velha cidade murada, pois que as necessidades dos *yishuvs* exigiam maiores instalações e os elementos religiosos tinham-se juntado aos Sionistas.

A Administração britânica introduziu muitas reformas: construiu estradas, edificou escolas e hospitais, criou tribunais.

Balfour em pessoa deslocou-se a Jerusalém e no monte Scopus lançou a primeira pedra para uma nova universidade hebraica.

Para governar os *yishuvs*, os Judeus elegeram um corpo representativo. A Central Yishuv era praticamente um governo que agia em defesa dos Judeus, negociava com os Árabes e os Ingleses e servia de intermediário entre a Sociedade Colonizadora de Sião e os sionistas de todo o mundo. A Central Yishuv e a Sociedade Colonizadora de Sião mudaram-se para as novas instalações de Jerusalém. Barak Ben Canaan, cidadão muito respeitado, foi eleito para a Central Yishuv, cargo que acumulava com o seu trabalho nos Sionistas.

Mas havia sinais de mau agouro. A Palestina estava a tornar-se o jogo de poderosas forças. Com a publicação do acordo secreto Sykes-Picot verificou-se que Franceses e Ingleses procuravam dividir entre si o Médio Oriente. O documento foi descoberto nos arquivos do czar por revolucionários russos e publicado para embaraçar Ingleses e Franceses.

O acordo Sykes-Picot estava em perfeita oposição com as promessas britânicas feitas anteriormente no sentido de conceder independência aos Árabes. Estes sentiram-se traídos.

Apesar dos esforços dos Ingleses para apaziguar a situação, provou-se que os receios árabes eram justificados quando, mais tarde, na Conferência de S. Remo, a Ingla-

terra e a França dividiram o Médio Oriente e a Inglaterra ficou com a parte de leão para si. A França apoderou-se da província da Síria e de uma conduta vinda dos campos de Mossul, ricos em petróleo.

Sob o domínio turco, a província da Síria incluía também a Palestina e o Líbano, pelo que a França se sentia com direitos ao Norte da Palestina. Os Ingleses não cediam: também eles queriam Haifa, onde terminava uma conduta dos campos de petróleo de Mossul, e argumentavam que a Palestina, devido à Declaração Balfour e à sua condição de futura pátria judaica, devia ficar sob o domínio britânico. Como consequência, os Franceses pagaram a várias tribos de sírios para provocarem distúrbios na Palestina e se apoderarem da maior quantidade possível de território, ao norte, até serem fixadas fronteiras.

Os Judeus, que se tinham aventurado até ao Huleh, foram apanhados na armadilha. Num esforço para os expulsar e dar assim satisfação às exigências francesas, os Árabes, pagos pelos Franceses, atacaram Tel Hai, o monte que Barak e Akiva tinham atravessado ao virem para a Palestina.

Joseph Trumpledor, o lendário soldado judeu, resistiu galhardamente em Tel Hai. Ele morreu, mas Tel Hai foi defendida e os Judeus permaneceram em Kfar Giladi e o vale Huleh continuou a fazer parte do mandato britânico. A França teve depois outro problema a resolver, este originado por Faiçal, filho do xarife de Meca e chefe da revolta árabe na primeira guerra mundial. Faiçal chegou a Damasco, instalou-se e declarou-se rei de um novo Estado árabe e novo chefe dos Muçulmanos. Os Franceses expulsaram-no da Síria. Faiçal seguiu para Bagdade, onde recebeu melhor acolhimento dos Ingleses. Recompensaram o seu servo fiel, fazendo da província da Mesopotâmia um novo Estado; denominaram-no Iraque e proclamaram Faiçal rei.

Faiçal tinha um irmão chamado Abdula, que também tinha de ser recompensado. Os Ingleses, sem autorização da Sociedade das Nações, formaram outro «país» de parte

” EXODUS 349

do mandato da Palestina e Abdula foi nomeado rei. A este país chamaram Transjordânia.

Faiçal e Abdula eram inimigos acérrimos de Ibn Saud, que se recusara a auxiliar os Ingleses na primeira grande guerra.

Os Ingleses estavam, pois, como queriam. Tinham os seus fantoches no Iraque e na Transjordânia *duas* criações, suas; tinham o Egipto, o canal de Suez, os campos de petróleo de Mossul e o mandato da Palestina; e tinham ainda uma dúzia de «protectorados» e emirados espalhados pela península árabe.

Os Ingleses sabiam das rixas entre os Árabes e empregaram o método de resultados comprovados, «dividir para governar». Com automóveis do último modelo e haréns bem fornecidos mantinham os seus fantoches árabes satisfeitos.

A Palestina era outra questão. Não podia ser governada por agentes dos Ingleses a Declaração Balfour fora ratificada por todo o mundo. Além disso, os artigos do mandato obrigavam os Ingleses a criar uma pátria judaica. Finalmente, os Judeus tinham-lhes apresentado um quase-governo democraticamente eleito, a Central Yishuv, e único corpo democrático de todo o Médio Oriente.

Barak Ben Canaan, o Dr. Chaim Weizmann e uma dezena de outros chefes sionistas entraram em negociações, que ficaram históricas, com Faiçal, então chefe do mundo árabe. Foi assinado entre Judeus e Árabes um pacto de amizade, pelo qual cada uma das partes se comprometia a respeitar as aspirações da outra. Os Árabes congratulavam-se pelo regresso dos Judeus e reconheciam os seus direitos históricos sobre a Palestina e os seus direitos humanitários a possuir uma pátria. Além disso, declaravam abertamente que recebiam com prazer a cultura e o «ouro hebreu» dos Judeus. E, em muitos sectores, os Árabes consideravam a sua vinda como verdadeiramente salvadora. Na Palestina, como em outras partes do mundo árabe, não existia governo árabe representativo. Quando os Ingleses disseram aos Árabes que apresentassem o seu governo,

seguiram-se as habituais altercações. As diferentes alianças das famílias efêndis faziam que estivesse representada apenas uma pequena percentagem de árabes. A mais poderosa família efêndi era a tribo El Husseiní, 'que possuía terras na região de Jerusalém. Eram tão receados pelos outros efêndis que estes constituíram contra ela um poderoso bloco; com isto se tornou impossível qualquer forma de representação árabe.

O chefe dos temíveis El Husseinis era o mais vil e desonesto dos intriguistas, numa parte do mundo conhecida pelos seus intriguistas vis e desonestos. Chamava-se Haj Amin El Husseiní. Haj Amin tinha outrora combatido pelos Turcos; de momento, via na desintegração do Império Turco uma oportunidade de alcançar o poder. El Husseiní era apoiado por uma tribo de verdadeiros demónios. A primeira jogada de Haj Amin foi no sentido de se apoderar da Palestina. Via possibilidades de se tornar mufti de Jerusalém. Esta era, depois de Meca e Medina, a cidade mais santa dos Muçulmanos. Sob o domínio turco o cargo de mufti era principalmente honorário, pois Constantinopla, como cabeça do Islamismo, governava todos os muçulmanos. Com o desaparecimento dos Turcos e passando a Palestina a ser governada por uma potência cristã, o cargo de mufti adquiria subitamente importância. Dos muçulmanos de todo o mundo choviam fundos de montante fabuloso para a manutenção dos lugares sagrados. Estes fundos tinham outrora sido administrados por Constantinopla, mas agora passavam a estar à discrição do mufti. Se Haj Amin conseguisse este cargo, poderia usar o dinheiro na satisfação das suas aspirações. Havia outra razão para desejar ser mufti: 99 % dos feias da Palestina eram analfabetos e somente por meio de reuniões públicas era possível comunicar com eles. A facilidade com que os feias se excitavam podia tornar-se uma arma política nas suas mãos.

Existia, porém, um obstáculo a que Haj Amin viesse a ser mufti de Jerusalém a disposição da lei muçulmana que estabelecia que o cargo apenas fosse exercido por parentes em linha recta de Maomé. Haj Amin iludiu esta

EXODUS 351

exigência casando com uma rapariga que descendia de Maomé e dando assim por suficientemente cumprido o requisito indispensável.

Quando o velho mufti morreu realizaram-se eleições: Haj Amin ficou em quarto lugar. Isto não o perturbou, pois a tribo a que pertencia dedicou-se a amedrontar os três candidatos que tinham obtido mais votos, «persuadindo-os» a desistir.

Os outros candidatos não apareceram a tomar posse do cargo. Deste modo se tornou Haj Amin el Husseini mufti de Jerusalém.

Haj Amin considerava o regresso dos Judeus o maior impedimento à execução dos seus planos. Por isso, num dia em que os Muçulmanos celebravam o nascimento de Moisés, Haj Amin el Husseini decidiu fazer nascer numa grande multidão de feias o ódio pelos Judeus. A turba ficou excitada com o que lhe disseram e iniciou uma perseguição!

Não ficaram, contudo, tão excitados que voltassem a sua ira contra as cidades e *kibbutzim* onde os Judeus podiam defender-se. O que fizeram foi assassinar velhos e piedosos judeus indefesos nas cidades santas de Safed, Tiberíade, Hébron e Jerusalém.

Rute estava em Tiberíade, de regresso de uma visita a Shoshanna, quando rebentaram os tumultos. Ela e sua filha Sharona foram assassinadas.

Akiva ficou inconsolável; nunca se vira um desgosto tão grande. Barak correu a Ein Or e levou o irmão para sua casa em Telavive; e, tal como fizera em criança, manteve sobre ele uma vigilância constante. Foram precisos vários meses até que a dor de Akiva se dissipasse um pouco; mas ficou dentro dele uma cicatriz tão profunda que nunca mais sararia.

Muitas das colónias tinham entregue as suas armas aos Ingleses quando estes tomaram posse do mandato. Se os Árabes tivessem decidido atacar estas colónias, teriam feito grandes massacres. Os Ingleses eram responsáveis pela manutenção da ordem e os *yishuvs* esperavam que eles dominassem os Árabes e julgassem os culpados. Nunca semelhante coisa teria acontecido durante o domínio dos

Turcos, porque, embora corruptos, não toleravam o assassinio.

Uma comissão de inquérito descobriu que Haj Amin el Husseini estava implicado no caso. Foi perdoado!

Imediatamente depois do perdão, o Departamento Colonial

Britânico publicou um Livro Branco, ou declaração de política, em que se declarava que a emigração judaica ficava limitada às necessidades económicas da Palestina.

Foi nessa altura que Winston Churchill pegou em metade do mandato e criou com ela a Transjordânia. .

A benevolência britânica tinha o seu epílogo. Para os *yishuvs* foi o fim de uma época. A Central Yishuv e a Sociedade Colonizadora de Sião convocaram uma assembleia secreta em Telavive a que assistiram cinquenta dos membros mais importantes dos *yishuvs*.

O Dr. Chaim Weizmann veio de avião de Londres para assistir. Barak esteve lá e Akiva, ainda num profundo estado de desolação, esteve também. Assistiu Izak Ben Zvi e também um jovem atarracado, baixo, de sobrancelhas espessas, chefe da Segunda Aliyah, chamado David Ben Gurion. Muitos entendiam que este ardente sionista que fazia frequentemente citações da Bíblia estava destinado a chefiar os *yishuvs*.

Veio também Ávidan, um homem calvo, sólido como um bloco, pertencente à Terceira Aliyah. Ávidan viera para a Palestina depois de importantes serviços prestados na guerra ao exército russo. Depois do mártir Trumpledor, era a pessoa que gozava de mais prestígio como combatente, e dizia-se que estava destinado a chefiar a defesa judaica.

Barak Ben Canaan dirigiu-se à assembleia, que o ouviu com apreensão. Estavam a atravessar uma grande crise. Barak recordou o infortúnio pessoal que cada um sofria por ter nascido judeu. Agora mesmo se dera uma perseguição num lugar em que se julgavam livre delas.

O Dr. Chaim Weizmann chefiava um grupo que argumentava que os Ingleses eram a autoridade reconhecida, sendo necessário tratar com eles abertamente e pelas vias legais. A defesa da Palestina era uma responsabilidade britânica.

EXODUS 353

Outro grupo, os ultra pacifistas, pensavam que armar os judeus seria um convite a distúrbios por parte dos Árabes.

No outro extremo estavam os activistas, chefiados por Akiva, que pediam nada menos do que uma retribuição imediata e impiedosa. Diziam eles que a protecção e as boas intenções dos ingleses eram ilusórias; eles agiam apenas no seu próprio interesse. Quanto aos Árabes, as discussões, os documentos e coisas semelhantes nunca ocupariam na sua mente o lugar de uma espingarda.

O debate continuou pela noite dentro, não tendo esgotado o infindável gosto dos Judeus pela discussão. Os Ingleses foram censurados e foram louvados. Os pacifistas pediam prudência, enquanto os activistas chamavam à Palestina a «Terra Duas Vezes Prometida» uma vez aos Judeus e outra vez aos Árabes.

Entre os dois extremos, Ben Gurion, Ben Canaan, Avidan e muitos outros sugeriram uma conduta intermédia que tivesse em conta as realidades. Enquanto reconheciam a necessidade de se armarem, procuravam obter para a posição judaica os benefícios legais.

Decidiram armar-se discretamente e instruir em segredo uma milícia. Esta força armada seria utilizada com um objectivo único a defesa. Esta força existiria, mas as entidades oficiais *yishuvs* negariam publicamente ter conhecimento da sua existência, enquanto cooperavam secretamente no seu crescimento. Com esta arma silenciosa, os Judeus teriam um aliado invisível na repressão dos Árabes e nas negociações com os Ingleses.

Avidan, o combatente, foi eleito para chefiar esta nova organização secreta. Chamaram-lhe Haganah o Exército em Defesa Própria.

CAPÍTULO XIII

A Terceira Aliyah penetrou em Jezreel, recentemente adquirida no vale do Sharon, na Samaria, nas colinas da Judeia e da Galileia, e mesmo para o sul, na direcção do deserto, e fez despertar a terra da sua sonolência. Introdu-

354 LEON URIS

ziram maquinaria pesada e fizeram a cultura intensiva das terras, por meio do afolhamento das culturas, do adubo e da irrigação. A acrescentar às colheitas de exportação uvas, citrinas e azeitonas, passaram a cultivar cereais e vegetais, frutos, linho, a fazer avicultura e a produzir laticínios.

Fizeram inúmeras experiências diferentes para encontrar novas colheitas e aumentar a produção das já existentes.

Penetraram no mar Morto. Procuraram a terra alcalina que não produzia coisa alguma havia quarenta mil anos e recuperaram-na, fazendo-a produzir

Fizeram viveiros de peixe.

Em meados de 1920, mais de cinquenta mil judeus, em cem colônias, cultivavam mais de meio milhão de *dunams* de terra recuperada. A maioria deles usavam a cor azul do *kibbutz*.

Plantaram 1 milhão de árvores. Dentro de dez, vinte ou trinta anos, as árvores combateriam a erosão do solo. O plantio das árvores tornou-se uma obsessão dos *yishuvs*. Por onde passavam deixavam um rasto de florestas em crescimento.

Muitos dos novos *kibbutzim* e outras colônias adotaram o nome dos locais bíblicos que ocupavam. Espalharam-se pela terra antiga muitos nomes novos que tinham sons musicais: Ben Shemen (Filho do Azeite), Daganian (Celeiro da Galileia), Ein Ganin (Fonte dos Jardins), Kfar Yehezkiel (Aldeia do Profeta Ezequiel), Merhavia (Amplios Espaços de Deus), Tel Yosef (Colina de José). Havia ainda Ayelet Hashahar (Estrela da Manhã), que ficava à entrada do vale Huleh, de que Barak tanto gostava, Gesher (Ponte), Givat Hashlosa (Colina dos Três), e todos os meses se construíam mais.

O movimento *kibbutz*, o extraordinário filho da necessidade, tornou-se a chave da colonização. Os *kibbutzim* tinham condições para absorver grande número de recém-chegados.

Mas nem toda a gente conseguia adaptar-se à vida do *kibbutz*. Muitas mulheres que tinha lutado pela sua independência não a apreciavam depois de a ter. Outras opu-

EXODUS 355

nham-se à falta de vida privada e outras ainda às casas para crianças. Apesar de todos os *yishuvs* aprovarem a Ideia dos terrenos nacionais e do trabalho pelas próprias mãos, a principal razão por que alguns não suportavam a vida do *kibbutz* era. não poderem identificar-se com um pedaço de terra a que chamassem seu. Houve um grupo que se separou do movimento do *kibbutz*; este movimento dissidente chamou-se *moshav*. No *moshav* cada homem tinha o seu pedaço de terra para trabalhar e a sua casa própria, em vez das instalações comunais. Como no *kibbutz*, todas as funções cívicas eram dirigidas por um órgão central e a maquinaria pesada era propriedade comum do *moshav*. Certas colheitas básicas eram cultivadas por toda a comunidade e havia um organismo central que fazia todas as transacções e compras. A principal diferença estava no grau de liberdade individual e no facto de a família estar reunida na sua própria casa, dirigindo a herdade da maneira que entendesse conveniente.

O primeiro *moshav* foi o do vale Jezreel e recebeu o nome do local bíblico em que estava situado: Nahalal (Herança). Os pioneiros de Nahalal enfrentaram o pior dos pântanos e fizeram uma obra de recuperação milagrosa. A desvantagem do movimento *moshav* no plano geral estava em o interesse próprio prevalecer sobre o geral e na incapacidade do *moshav* para absorver as grandes quantidades de recém-chegados do *kibbutz*; mas ambos os movimentos prosperavam e se desenvolviam.

À medida que o número de *yishuvs* aumentava, aumentava a complexidade da comunidade. Barak Ben Canaan, um cidadão respeitado, não tinha descanso. A engrenagem do Sionismo era complicada e havia várias filosofias políticas diferentes na Yishuv. As negociações com os Árabes tornaram-se mais delicadas depois dos tumultos e as negociações com os Ingleses mais tensas depois do súbito afastamento dos princípios contidos na Declaração Balfour e nos artigos do mandato. Em todos os círculos havia necessidade dos conselhos prudentes de Barak. Embora não tivesse havido mais ataques aos Judeus> a atmosfera era a de uma tranquilidade carregada

356 LEON URIS

de perigos. Todos os dias havia novas histórias de emboscadas, ataques à traição ou roubos. As invectivas verbais dos Muçulmanos não tinham fim. Viviam-se num estado de tensão, pois o sinistro mufti, Haj Amin el Husseini, ocultava-se na sombra.

Num dia de 1924, Barak regressou a Telavive após uma semana particularmente difícil na Central Yishuv em Jerusalém. Tinha sempre prazer em voltar à sua casa de três divisões na Rua de Hayarkon, com vista para o Mediterrâneo.

Desta vez ficou surpreendido e encantado ao ver o seu velho amigo Kammal, *muktar* de Abu Yesha, à sua espera.

«Durante muitos anos tenho meditado no complexo problema de auxiliar o meu povo. Lamento profundamente dizer isto, mas não há maiores exploradores do que os efêndis árabes. Não querem que a situação melhore para os feias... pode pôr em perigo os seus prazeres.»

Barak ouviu atentamente. Era uma confissão de grande responsabilidade na boca de um árabe tão esclarecido como Kammal.

«Tenho visto os Judeus regressarem e realizarem milagres nesta terra. Nada temos em comum em matéria de religião, língua ou concepções de vida. Não tenho sequer a certeza de que os Judeus não deem um dia a mão a toda a terra. E, contudo... os Judeus são a única salvação para o povo árabe. Os Judeus foram os únicos que, nos últimos mil anos, trouxeram luz a esta parte do mundo.»

«Sei que lhe é difícil dizer isso, Kammal...»

«Deixe-me continuar, por favor. Se podemos viver lado a lado em paz, apesar de os nossos mundos serem tão diferentes, devemos um dia beneficiar do vosso trabalho.

Não vejo outro caminho para o povo árabe, Barak, e não sei se é bom, se mau.»

Nunca lhe demos razão para duvidar da nossa sinceridade ao dizermos que queremos a paz...»

«Sim... mas há forças maiores do que vocês e eu que poderiam fazer-nos entrar em conflito contra nossa vontade.»

EXODUS 357

«É verdade, é a pura verdade», pensava Barak.

«Barak, vou vender à Sociedade Colonizadora de Sião aquele terreno próximo do lago Huleh que você sempre quis.»

O coração de Barak bateu mais depressa.

«Não é um simples acto de generosidade: ponho condições. Permitireis aos árabes de Abu Yesha que aprendam os vossos métodos agrícolas e sanitários. Isto somente poderá ser levado a cabo lentamente e levará seu tempo. Queria também que alguns dos rapazes da aldeia com mais capacidade pudessem frequentar a vossa escola para aprenderem a ler e a escrever»

«Tudo isso está muito bem» disse Barak.

«Mais uma condição.»

«Qual é?»

«Deve ir também para lá.»

Barak levantou-se e passou a mão pela sua grande barba.

«Eu? Porquê?»

«Enquanto lá estiver sei que as condições serão respeitadas e que poderemos viver em paz. Confiei em si desde o dia em que entrou em Abu Yesha, há mais de trinta anos, era ainda rapaz.»

«Vou pensar nisso» disse Barak.

«Que resposta das a Kammal?» perguntou Sara.

Barak encolheu os ombros.

«Que hei-de dizer? É claro que não podemos ir.

Que pena! Há anos que ando a tentar conseguir que ele venda aquele terreno. Se agora não for para lá, nunca mais o obteremos.»

«É uma pena» concordou Sara, servindo o chá.

Triste, Barak passeava de um lado para o outro.

Temos de encarar os factos, Sara. Precisam de mim na Central Yishuv e na Sociedade Colonizadora. Não é o mesmo que ter uma doçaria da Rua de Allenby.»

Claro que não, querido» respondeu Sara, compassiva.

És insubstituível no teu trabalho. Todos os *yishuvs* precisam de ti.»

358 LEON URIS

«Sim» disse ele, continuando a passear, «e já não somos crianças. Já passei os 50 anos e vai ser muito difícil recuperar aquela terra.»

«Tens razão, Barak. Já estamos velhos para pioneiros. Já tiveste a tua parte na edificação deste país.»

«Exactamente! Vou rejeitar a proposta de Kammal.»

Deixou-se cair numa cadeira e suspirou fundo. Não tinha conseguido convencer-se a si próprio. Sara estava de pé junto dele e sorria.

«Mulher, estás a fazer troça de mim» disse ele baixinho. «Porquê?»

Ela sentou-se no colo dele e quase se perdeu no seu corpo enorme. As grandes mãos que -lhe afagavam o cabelo eram extraordinariamente suaves.

«Estava a pensar em ti e no Ari. Será um trabalho brutal e as privações serão grandes.»

«Chiu... Bebe o teu chá.»

Barak demitiu-se do seu cargo na Sociedade Colonizadora de Sião, vendeu a casa de Telavive e partiu com vinte e cinco famílias pioneiras para os pântanos do Huleh para edificarem um *moshav*. Chamaram-lhe Yad El (Mão de Deus).

Armaram tendas por baixo de Abu Yesha e traçaram um plano de acção. A nenhuns pioneiros se deparara ainda uma tarefa tão difícil. O pântano do Huleh era profundo e cheio de mato muito espesso e emaranhado e de papiros que atingiam mais de 4 metros de altura.

No lodo havia cobras venenosas, escorpiões, ratazanas e centenas de outros animais. Javalis e lobos escondiam-se perto do solitário acampamento. Tinha de ser tudo transportado em mulas, incluindo a água para beber e para lavagens.

Sara estava encarregada do acampamento, da tenda-hospital e da cozinha. Barak chefiava as equipas de trabalho que partiam diariamente para os pântanos com pás e picaretas.

Naquele primeiro Verão abrasador trabalharam dia após dia, semana após semana, e mês após mês com

EXODUS 359

quase 38 ° de temperatura, dentro da água, que lhes chegava à cintura ou ao pescoço, revolvendo o solo para abrir canais de drenagem. Com machetes cortavam o mato até ficarem tão fatigados que já não podiam erguer os braços. As mulheres trabalhavam nos pântanos ao lado dos homens. Uma das três crianças da colônia, Ari Ben Canaan, de 10 anos de idade, transportava baldes de lodo e trazia água potável e comida aos trabalhadores. Trabalhavam sete dias na semana, desde o nascer do Sol até ao crepúsculo. Mas depois ainda conseguiam encontrar energias para cantar algumas canções dos campos e dançar antes do seu sono de seis ou sete horas.

À noite montavam a habitual guarda contra salteadores e animais selvagens. Trabalhavam contra-relógio, tentando completar os canais antes das chuvas de Inverno.

Se a água se não escoasse, o trabalho do Verão seria perdido.

Plantaram centenas de eucaliptos australianos para absorver a água. Os *kibbutzim e moshavim* das redondezas enviavam todos os dias os trabalhadores que podiam dispensar para auxiliar os pioneiros.

À noite, à luz da vela, Sara e Barak ensinavam ora Ari, ora as outras duas crianças.

Vieram as chuvas de Inverno, que quase transformaram o acampamento-base num charco. Depois de cada chuvada corriam aos canais para evitar que a lama impedisse o escoamento.

Mesmo homens fortes e resolutos como Barak Ben Canaan perguntavam a si próprios se dessa feita não teriam ido demasiado longe. De todas as vezes que olhava para Ari e Sara o seu coração sangrava; estavam sempre cheios de mordeduras de insectos, sofrendo de desinteria, ou com fome ou com sede. O pior de tudo era a devastadora malária. Naquele primeiro ano Sara teve cinco ataques e Ari quatro. Os resfriamentos e as febres quase os mataram.

Ari, como Sara, sofria em silêncio.

O pântano dizimou muitas famílias. Metade do grupo voltou para a cidade, em busca de um caminho mais fácil.

Dentro de pouco tempo, Yad El tinha um cemitério.

dois colonos morreram de malária. Yad El Mão de Deus. Talvez tivesse sido a mão de Deus que os tinha

360 LEON URIS

levado para lá, mas seriam as mãos dos homens que secariam o pântano.

Durante três anos consecutivos lutaram contra o pântano!

Finalmente houve terreno suficiente para fazer vinte e cinco herdades de 200 *dunams* cada. Mas não era altura para regozijos, pois tornava-se necessário lançar sementes à terra e construir casas.

O jovem Ari Ben Canaan tinha vencido os efeitos da malária e das outras doenças e tornara-se forte como uma rocha. Aos 14 anos fazia o trabalho de um homem.

Quando se mudaram para a sua casa e os campos já estavam lavrados e plantados, Barak teve a recompensa daqueles anos de canseiras: Sara disse-lhe que estava novamente grávida.

No fim do quarto ano aconteceram a Barak Ben Canaan duas coisas muito importantes: Sara presenteou-o com uma menina de cabelo ruivo chamejante como o seu e teve lugar a primeira colheita de Yad El.

Os fatigados pioneiros puderam finalmente interromper o seu trabalho e festejar os resultados. E que comemorações elas foram! Vieram juntar-se às festas os *kibbutzniks* e *moshavniks* de toda a região que tinham dado ajuda a Yad El e vieram árabes de Abu Yesha... Houve alegria durante uma semana, durante as festas até ao alvorecer, quando os dançarinos de *hora* já caíam de cansaço. Todos vieram ver a nova filha de Barak e Sara. Puseram-lhe o nome de Jordana, em homenagem ao rio que corria junto a um dos extremos de Yad El.

Enquanto os festejos prosseguiam, Barak e seu filho Ari selaram dois cavalos e galoparam até Tel Hai, aquele mesmo local que Barak atravessara, quarenta anos antes, ao entrar na Terra Prometida, vindo do Líbano. Tel Hai, o local onde morrera Joseph Trumpledor, era um santuário dos *yishuvs*. Barak olhou do alto da colina para Yad El, como, havia longo tempo, jurara fazer.

«Trouxe aqui a tua mãe antes de nos casarmos»

disse a Ari. Pôs o braço em volta do ombro do filho.

«Chegará o dia em que haverá duas dúzias de colónias neste vale, que estará verde durante todo o ano.»

EXODUS 361

(< Veja como Yad El é belo visto daqui, pai. »

Os carros de rega giravam de um lado para o outro e havia uma escola em construção. Viam o enorme barracão onde a comunidade arrumava várias peças de maquinaria pesada. Havia caminhos orlados de roseiras, flores, relvados e árvores.

Também havia tristeza, porque o cemitério de Yad El já reclamara cinco colonos.

De acordo com as expectativas de Kammal, a formação de Yad El produzira um tremendo efeito sobre os árabes de Abu Yesha. A criação do *moshav* era em si um feito formidável. Barak permaneceu fiel ao pacto e criou escolas especiais para ensinar aos Árabes higiene, o uso de maquinaria pesada e novos métodos agrícolas. A escola estava aberta a qualquer jovem árabe de Abu Yesha. O médico e a enfermeira de Yad El estavam sempre à disposição dos Árabes.

O filho favorito de Kammal era o jovem Taha, alguns anos mais novo do que Ari. Desde o berço que Kammal incutira nele o seu grande desejo de melhorar as condições dos feias. Como futuro *mukhtar* de Abu Yesha, Taha passava mais tempo em Yad El do que na sua aldeia. Era o guardião pessoal da família Ben Canaan. Taha e Ari tornaram-se amigos íntimos.

Enquanto Yad El e Abu Yesha viviam em paz e provavam que Árabes e Judeus podiam viver lado a lado, apesar das suas diferenças culturais, o receio ia-se insinuando em muitas das outras famílias efêndis da Palestina.

Começavam a assustar-se com o espírito que animava a Terceira Aliyah e com os progressos que esta fazia.

A princípio, os efêndis tinham vendido aos Judeus pântanos sem préstimo e montes rochosos e corroídos pela erosão, ansiosos por receberem o ouro dos Judeus e certos de que a terra continuaria inaproveitada. Mas os Judeus tinham trabalhado e realizado milagres na recuperação das terras. Não só o número de herdades tinha aumentado, mas por toda a Palestina nasciam cidades.

O exemplo dos Judeus podia ser desastroso. Que aconteceria se os feias comessem a exigir educação, higiene

e assistência médica? Que aconteceria se os feias prouvera a Deus que não passassem a governar-se como os Judeus, por votos em pé de igualdade de homens e mulheres?

Isto poderia representar a destruição do perfeito sistema feudal dos efêndis!

Os efêndis referiam-se constantemente à ignorância, receio e fanatismo religioso dos feias. Repetiam que os Judeus eram invasores vindos do Ocidente para roubar as terras dos feias isto apesar de terem sido os próprios efêndis a vender a terra. Mantinham a tensão para que os feias não entrassem em contacto demasiado íntimo com as novas ideias.

Decorridos muitos anos sem que se verificassem incidentes importantes, Haj Amin el Husseini voltou a entrar em acção Desta vez planeou uma tremenda intriga destinada a enfurecer os Árabes. Estava-se em 1929.

O local do Zimbório da Rocha ou Mesquita de Ornar, em Jerusalém, era venerado como solo sagrado pelos Muçulmanos por ser considerado o local onde o seu profeta Maomé ascendera ao Céu. Neste mesmo sítio ficava também o único muro que restava do Grande Templo Judaico, destruído pela segunda vez em 76 a. C. pelos Romanos. Este muro do Templo era o mais sagrado de todos os lugares sagrados dos Judeus. Hebreus devotos reuniram-se diante do muro para rezar e chorar a passada glória de Israel. Devido às suas lágrimas, passou a ser conhecido como o «Muro das Lamentações».

O mufti começou a fazer circular fotografias forjadas nas quais se viam judeus no Muro das Lamentações preparando-se para «profanara o lugar sagrado dos Árabes do Zimbório da Rocha. Os fanáticos feias muçulmanos provocaram novas perseguições aos Judeus, apoiados por efêndis e por Husseini. Novamente os tumultos atingiram os indefesos e velhos judeus das cidades santas e a matança foi muito maior do que a inspirada pelo mufti dez anos antes. Os ataques estenderam-se a algumas das colónias menos importantes e continuaram pelas estradas, chegando o número de feridos e mortos de ambos os lados a atingir o milhar. Mais uma vez os Ingleses pareceram não ter possibilidades de sustentar a matança.

EXODUS 363

Nomearam uma comissão de inquérito, que atribuiu as culpas exclusivamente aos Árabes. Mas, paradoxalmente, ignoravam a Declaração Balfour e os artigos do mandato e sugeriram que a compra de terra judaica e a imigração se tornassem de molde a «diminuir os receios árabes».

CAPÍTULO XIV

Em 1929, ano dos tumultos, os lavradores de Yad El fizeram um acordo com o moleiro da aldeia árabe de Aata, que distava uns 10 quilómetros.

Barak encarregou Ari de ir a Aata mandar moer o seu cereal. Sara discordou de que se enviasse um rapaz de 14 anos, sozinho, pelas estradas, no meio dos tumultos, mas Barak foi inflexível.

«Nem Ari nem Jordana vão viver cheios de medo como judeus de *ghetto*.»

Ari sentia-se orgulhoso pela confiança que o pai depositava nele. Sentou-se na carroça puxada por um burro e carregada com uma dúzia de sacas de cereal. Seguiu pela estrada para Aata.

Ao entrar na aldeia foi descoberto por rapazes árabes que estavam deitados ao pé de um café. Esperaram que ele voltasse a esquina e seguiram-no até ao moinho.

Ari continuou a desempenhar-se do seu encargo, satisfeito com a sua própria importância. Fez as transacções em árabe perfeito, aprendido com o seu bom amigo Taha. O cereal foi transformado em farinha. Ari olhava de perto, para se certificar de que as sacas eram enchidas com o mesmo cereal, e não com trigo árabe, que era de qualidade inferior. O moleiro, que esperava ganhar uma saca com o negócio, ficou admirado com a perspicácia do jovem. Ari dirigiu-se novamente para Yad El.

Os rapazes árabes que tinham estado à espera fizeram um rápido contrato com o moleiro, segundo o qual lhe venderiam todo o trigo que iam roubar a Ari. Saíram a

364 LEON URIS

correr de Aata por um curto atalho, prepararam uma emboscada e bloquearam-lhe o caminho.

Momentos depois, Ari, que seguia pela estrada, foi ter precisamente ao local da armadilha. Eles saltaram do esconderijo, atirando-lhe pedras. Ari chicoteou o burro, que avançou apenas alguns metros, pois a estrada estava bloqueada. Os rapazes apedrejaram Ari até o fazerem cair da carroça e agrediram-no até quase perder os sentidos. Quatro dos atacantes saltaram-lhe em cima e seguraram-no, enquanto os outros tiravam as sacas da carroça e fugiam com elas

O rapaz voltou a Yad BI já noite cerrada.

Sara abriu a porta, olhou para o seu rosto manchado de sangue e para o vestuário rasgado e deu um grito. Ari ficou calado, de dentes cerrados, depois afastou a mãe e refugiou-se no seu quarto, fechando a porta à chave.

Recusou-se a abri-la, apesar dos rogos de sua mãe, até que Barak regressou a casa, vindo de uma reunião do *moshav*.

Ari estava de pé diante do pai.

«Deixei-te ficar mal... perdi o trigo» disse ele com os lábios inchados e contraídos.

«Fui eu que te deixei ficar mal, meu filho» respondeu Barak.

Sara correu para Ari e abraçou-o.

«Nunca mais, nunca mais o mandes sozinho »

Levou-o para cuidar dele. Barak não respondeu.

Na manhã seguinte, depois do pequeno almoço, antes de Barak partir para os campos, conduziu Ari ao celeiro.

« Descurei um pouco a tua educação» disse Barak, tirando de um prego o seu velho chicote.

Barak fez um boneco e prendeu-o à sebe. Mostrou a Ari como calcular a distância, o alvo e o impulso a imprimir ao chicote. Ao primeiro estalido, Sara saiu a correr de casa, com Jordana nos braços.

« Endoideceste, para ensinares um rapaz desse tamanho a usar um chicote assim?»

« Cala-te, mulher! rugiu Barak num tom que ela nunca ouvira em mais de vinte anos de casamento.

EXODUS 365

«O filho de Barak Ben Canaan é um homem livre! Nunca será um judeu de *ghetto*. Agora sai daqui... temos que fazer.»

De manhã até à noite, Ari treinou-se no uso do chicote.

Desfez o manequim em pedaços. Apontou para rochas, latas e garrafas até ser capaz de atirar o chicote e de acertar no alvo apenas com um pequeno jeito do pulso. Atirara o chicote tantas vezes que ao fim do dia mal podia levantar o braço.

Duas semanas depois, Barak carregou a carroça com outra dúzia de sacas de cereal. Passou o braço em volta dos ombros do filho, levou-o até à carroça e entregou-lhe o chicote.

«Leva o cereal a Aata e manda-o moer.»

«Sim, pai» disse Ari baixinho.

«Lembra-te de uma coisa, filho: seguras na tua mão uma arma de justiça. Nunca a uses para aplacar a cólera ou a vingança, mas apenas em defesa.»

Ari saltou para a carroça e dirigiu-se para a porta de Yad El, em direcção à estrada principal. Sara foi para o seu quarto e chorou de mansinho ao ver o filho desaparecer na estrada.

Barak fez algo que não fazia havia muitos, muitos anos: sentou-se a ler a Bíblia.

Os árabes prepararam nova emboscada quando Ari estava já a 1 milha de distância de Aata, de regresso a Yad El. Desta vez os olhos de Ari estavam atentos e o seu corpo acautelara-se para o perigo. Lembrando-se das palavras do seu pai, permaneceu frio e calmo. Quando as primeiras pedras choveram sobre ele, saltou da carroça, localizou o chefe árabe e com uma pancada rápida fez sibilar o forte chicote no ar, enrolou-o à volta do pescoço do rapaz e atirou-o ao chão. Depois desenrolou o chicote, baixou-o e deu com ele um golpe tão forte que dilacerou a carne do seu inimigo. Tudo se passou em poucos momentos.

Barak Ben Canaan empalideceu quando constatou que o Sol começava a pôr-se e Ari ainda não regressara. Ficou a tremer junto à porta de Yad El. Viu então a carroça

366 LEON URIS

que vinha pela estrada e no seu rosto espelhou-se um grande sorriso. Ari parou junto do pai.

«Então, Ari, que tal foi a viagem?»

«Ótima.»

«Eu descarrego a farinha. É melhor entrares já e ires ter com a tua mãe. Está preocupada.»

Por volta de 1930, os tumultos abrandaram. Abu Yesha e Yad El não tinham tomado parte neles e o mesmo acontecera com a maioria das aldeias que estavam fora da esfera de influência do mufti.

Ari Ben Canaan não tinha apenas a constituição física do pai; agia também de maneira muito semelhante. Era reservado e possuía a calma e a obstinação de Barak Via a vantagem que havia em contactar com os seus vizinhos árabes. Taha fora sempre um dos seus amigos mais íntimos e tratava todos os árabes com compreensão e bondade.

Ari apaixonou-se por uma rapariga chamada Dafna, cuja família tinha uma herdade a meia milha de distância. Ninguém sabia quando, mas todos tinham a certeza de que Ari e Dafna se casariam um dia, pois só tinham olhos um para o outro.

A pequena Jordana, de cabelo ruivo, era uma rapariga viva e rebelde. Sob vários aspectos, Jordana era o protótipo da criança nascida de colonos na Palestina. Os pais, que tinham vivido em *ghettos* e tinham conhecido o medo e a degradação resultantes da sua condição de judeus, estavam decididos a eliminar este terror da nova geração. Faziam tudo para estimular nas crianças o gosto pela liberdade e a coragem.

Aos 15 anos de idade, Ari era membro do Haganah, o exército secreto de autodefesa. Com 13 anos, Dafna sabia manejar diversas armas. Constituíam uma nova geração e um novo tipo de judeus, mas eram também uma geração nascida com uma missão ainda maior do que as da Segunda e Terceira Aliyah.

O Haganah tinha-se tornado suficientemente forte para reprimir os distúrbios promovidos pelo mufti, mas não

EXODUS 367

conseguia eliminar a causa desses tumultos apenas os Ingleses podiam fazê-lo.

Voltaram as comissões de inquérito britânicas, e os Árabes foram novamente desculpados!

A tibieza dos Ingleses encorajou o mufti. Pouco depois de as revoltas terem abrandado, Haj Amin el Husseini convocou em Jerusalém uma reunião dos chefes muçulmanos.

Vieram de todas as partes do mundo. El Husseini formou uma liga chefiada por ele e anunciou que ia lutar para salvar o Islão de Ingleses e Judeus.

A antiga amizade, o facto de os Judeus terem aumentado o nível de vida de toda a comunidade árabe e de a Palestina ter estado abandonada e desprezada durante um milhar de anos até que os Judeus a reconstruíram, tudo foi esquecido em face das invectivas do mufti. A destruição da pátria judaica tornou-se uma missão «sagrada» do pan-arabismo.

Os Ingleses tinham mentido na questão da concessão da independência aos Árabes e tinham apoiado os Judeus contra aqueles Os demagogos Árabes bramavam e enraiveciam-se, enquanto os Ingleses iam ouvindo tudo em silêncio.

Em 1933 nova calamidade caiu sobre os Judeus com a subida ao poder de Adolfo Hitler -e dos nazis. A sua primeira investida foi contra os judeus que exerciam profissões.

Os mais prudentes abandonaram imediatamente a Alemanha e muitos procuraram refúgio na Palestina.

Mais uma vez se confirmava a necessidade de uma pátria e do Sionismo. As perseguições aos Judeus podiam surgir em qualquer altura, em qualquer parte do mundo.

Herzl soubera-o e todos os judeus o sabiam.

Os judeus alemães que fugiram ao regime hitleriano eram diferentes dos judeus de *ghetto* e da Europa Oriental.

Não eram sionistas devotos e em larga medida tinham-se assimilado à sociedade alemã. Não eram pioneiros e mercadores, mas médicos, advogados, cientistas e artífices.

Em 1933, os chefes árabes promoveram uma greve geral dos Muçulmanos, em sinal de protesto contra a recente imigração de judeus. Tentaram também provocar mais

tumultos. Mas ambas as iniciativas falharam: muitos árabes, que tinham tido negócios com os Judeus, continuaram a tê-los porque dependiam economicamente uns dos outros, e muitas comunidades, como Yad El e Abu Yesha, viviam em íntimo contacto. Além disso, o Haganah lá estava, pronto a impedir a repetição dos distúrbios de 1929.-

As medidas que os Ingleses tomaram com respeito à greve geral consistiram em mais conversações e mais comissões de inquérito. Para apaziguarem os Árabes, os Ingleses limitaram a imigração e a venda de terrenos aos Judeus. No momento em que os *yishuvs* precisavam desesperadamente de imigrantes, os Ingleses esqueciam as suas promessas.

A Central Yishuv lutava também, através do Haganah, da única maneira que lhe era possível... por meio da Aliyah Bet.

O mufti continuou a fazer pressão sobre os Ingleses, até que estes passaram a utilizar a marinha real na detenção dos barcos e no bloqueio da costa da Palestina

O poder de Haj Amin aumentava dia a dia: encontrara um aliado poderoso em Adolfo Hitler. Aos Alemães, que tinham as suas próprias ambições sobre o Médio Oriente, a situação convinha extraordinariamente. Que coisa poderia ser melhor para a máquina de propaganda alemã do que poder afirmar que os judeus da Palestina estavam a tentar roubar as terras árabes, tal como tinham tentado roubar a Alemanha? Ódio aos Judeus e imperialismo britânico que música maravilhosa para os ouvidos do mufti! Os Alemães estavam com sorte e, quanto a Haj Amin el Husseini, tinha finalmente descoberto o meio de se apoderar do mundo árabe.

No Cairo e em Damasco começou a aparecer dinheiro alemão. «Os Alemães são nossos amigos!» «As terras árabes para o povo árabe!» «Expulsemos os Ingleses e os seus acólitos judeus!» Em muitos locais importantes do Cairo, de Bagdade e da Síria os Árabes manifestavam a sua amizade pelos nazis.

Enquanto a tempestade se ia acumulando, os *yishuvs* ainda conservavam um trunfo o Haganah. Embora este

EXODUS 369

exército secreto estivesse oficialmente separado da Central Yishuv, a sua existência e força não constituíam segredo. Os Judeus fingiam não ter conhecimento dele, mas os Ingleses não o ignoravam. Mais ainda: o mufti sabia que ele existia.

O Haganah tinha nascido do nada, até se tornar numa força de mais de vinte e cinco mil homens e mulheres. Era quase exclusivamente uma milícia, tendo apenas meia dúzia de chefes remunerados e que lhe dedicavam todo o seu tempo. Possuía um pequeno mas extremamente eficiente serviço de informações, que tinha não só a franca cooperação de muitos oficiais britânicos, mas podia comprar espias árabes por uma insignificância. Todas as cidades, aldeias, *kibbutzim* e *moshavim* tinham as suas unidades de Haganah. Bastava uma palavra de um código secreto para dentro de minutos fazer esconder um milhar de homens e mulheres em subterrâneos ocultos.

Avidan, o ex-soldado calvo e robusto que chefiava o Haganah, montou-o cuidadosamente durante dez anos e meio, na presença dos Ingleses. A eficiência da organização era tremenda: tinha um posto secreto de rádio, levava a efeito a imigração da Aliyah Bet, e a sua rede de espionagem espalhou-se pelo mundo, havendo por toda a parte agentes que compravam armas para enviar secretamente aos *yishuvs*.

As armas entravam secretamente na Palestina de mil maneiras diferentes. Constituía um método favorito escondê-las entre os pesados equipamentos. Metade das vezes, um cilindro a vapor continha uma centena de espingardas. Muitas das grades, peças de maquinaria e até latas de comida e garrafas de vinho que entravam na Palestina transportavam munições. Para os Ingleses era impossível fazer parar este contrabando sem inspeccionar todos os artigos, e muitos dos funcionários das docas voltavam as costas para deixar passar as armas.

Todos os *yishuvs* participavam no contrabando de armamento, mas mesmo assim não podiam fazer entrar armas pesadas nem de pequeno calibre em número suficiente.

A maior parte do material que recebiam eram espingardas velhas e pistolas postas de parte ou fora de moda

E. - 24

370 LEON URIS

noutros países. Nenhum arsenal do mundo continha a quantidade de armas do Haganah. Tinham exemplares de todas as espingardas e pistolas conhecidas e fabricavam em segredo um sem-número de engenhosas variedades de morteiros,

espingardas *Sten* e granadas.

Uma vez na Palestina, todas as secretárias, cadeiras, mesas, frigoríficos, camas e sofás eram esconderijos potenciais de armas. Todos os lares judeus tinham pelo menos uma gaveta com fundo falso, um gabinete escondido e uma porta ou parede falsas. As armas eram transportadas dentro dos pneus sobresselentes dos autocarros, em cestos de compras e na parte inferior das carroças de burros. O Haganah brincava com a «respeitabilidade» inglesa mandando as crianças passar as armas ou usando o melhor esconderijo de todos as saias das mulheres

Devido ao carácter comunal do *kibbutz*, era este o melhor local para instruir os” jovens soldados. Havia facilidade em se introduzir furtivamente uma dezena ou duas de jovens entre os trezentos ou quatrocentos membros da comunidade. O *kibbutz* era também o melhor local para conter os maiores armazéns secretos, assim como para fabricar pequenas armas ou abrigar os imigrantes ilegais recém-chegados. Dos *kibbutzim* saía a maioria dos chefes do Haganah.

A grande força do Haganah estava no facto de a sua autoridade ser aceite sem discussão por todos os *yishuvs*: as ordens do Haganah eram imperativas. Avidan e os outros chefes tinham o cuidado de usar o seu exército apenas em defesa própria. Quando rebentou a greve geral de 1933, Avidan declarou que o Haganah não tentaria vencer os árabes da Palestina. «A Palestina será conquistada com o nosso suor», disse. Era um exército puramente defensivo.

Muitos pensavam que o Haganah não devia manter estas características tratava-se de activistas que exigiam acção rápida. Akiva era um deles. Era oficialmente fabricante de lacticínios no *kibbutz* de Ein Or, mas na realidade era a pessoa que no Haganah estava encarregada de toda a defesa da Galileia.

Os anos tinham envelhecido muito mais Akiva do que

EXODUS 371

seu irmão Barak. Tinha um ar fatigado e a barba era quase branca. Nunca se recompôs completamente do desgosto que lhe causou a morte de Rute e Sharona; era uma dor que trazia sempre consigo.

Akiva era o chefe não oficial dos elementos extremistas que, dentro do Haganah, exigiam mais acção. À medida que o tempo decorria e as complicações aumentavam, o grupo de Akiva tornava-se mais actuante. Fora da Palestina, grupos dissidentes da principal força sionista apoiavam-nos. Quando os ingleses bloquearam a costa da Palestina, Akiva achou que isto excedia a paciência dos Judeus. Convocou uma reunião dos dissidentes dentro do Haganah.

Eram todos homens exaltados como ele e tomaram uma decisão que agitou profundamente os *yishuvs*.

Na Primavera de 1934, Barak recebeu uma chamada urgente de Avidan para vir a Jerusalém.

«Aconteceu uma coisa terrível, Barak» disse Avidan.

«O teu irmão Akiva saiu do Haganah e levou consigo muita gente importante. Também começaram a sair centenas de membros da base.»

Após o choque inicial, Barak suspirou.

«Há anos que ele ameaçava fazê-lo, Eu estava surpreso com a moderação de que deu mostras até agora.

Há dezenas de anos que Akiva anda a reprimir-se desde que o nosso pai foi morto. Também nunca se recompôs da morte da mulher.»

«Sabes» disse Avidan «que metade do meu trabalho no Haganah é conter os nossos homens. Se os deixássemos, declararíamos guerra aos Ingleses amanhã mesmo.

As tuas ideias, as minhas e as de Akiva são as mesmas, mas ele pode liquidar-nos a todos. Uma das razões por que conseguimos realizar várias coisas na Palestina é que, apesar das nossas diferenças, temos agido como uma frente única nas nossas relações externas. Os Ingleses e os Árabes tiveram de negociar sempre como se se tratasse de uma única pessoa. Akiva tem agora um grupo de agitadores exaltados. Se eles começarem com táticas terroristas, todos os *yishuvs* responderão pelos seus actos.»

Barak dirigiu-se para norte, para Ein Or, que não ficava longe do seu *moshav* de Yad El. Ein Or, como muitos dos mais antigos *kibbutzim*, estava transformado num verdadeiro jardim. Como membro fundador, Akiva tinha uma pequena casa separada, de duas divisões, cheia de livros. Tinha o seu aparelho de rádio próprio e uma casa de banho raridades na vida do *kibbutz*. Akiva adorava Ein Or tal como anteriormente adorara Shoshanna. Após a morte de Rute e da filha, Barak tinha querido que ele fosse viver com eles em Yad El, mas Akiva gostava muito do *kibbutz* e, morbidamente, quis continuar com os seus fantasmas.

Barak dirigiu-se calmamente ao irmão. Akiva já conhecia todos os argumentos; sentia-se nervoso e inquieto com a perspectiva de ter de pôr as cartas na mesa.

«Então os senhores da Central Yishuv mandaram-te cá para me transmitires as suas queixas!... Estão a tornar-se peritos em conciliação...»

«Teria vindo sem que me pedissem quando ouvi contar a loucura que cometeste» disse Barak.

Akiva passeava novamente pela sala. Barak analisava-o. Ardía no mesmo fogo que o abrasava quando rapaz.

«Tudo quanto eu faço são coisas que a Central Yishuv reconhece como certas, mas tem receio de fazer. Mais tarde ou mais cedo terão de encarar os factos: os nossos inimigos são os Ingleses.»

«Não é a nossa opinião, Akiva. Feitas bem as contas, temos vivido muito bem sob o domínio britânico.»

«Então sois idiotas.»

«Já uma vez me enganei. Agora penso que os Ingleses representam o governo constituído da Palestina.»

«Enquanto nos cortam o pescoço» troçou Akiva.

«Os senhores da Central Yishuv transportam as suas pastas às conferências, lêem os seus comunicados, fazem vénias e conciliam as coisas, enquanto o mufti e os seus salteadores fazem o que querem. Vês os Árabes negociar.

«Conseguiremos os nossos intentos pelas vias legais»

Conseguiremos os nossos intentos lutando por eles.

«Então, se temos de lutar, lutaremos como um Povo unido. Fazes como o mufti, que reúne um bando de pros

EXODUS 373

critos. Já pensaste nas consequências de os Ingleses abandonarem a Palestina? Seja qual for o teu azedume... e o meu... *não* há dúvida de que os Ingleses ainda são o nosso melhor instrumento para conseguirmos o nosso Estado.»

Akiva fez um gesto de aborrecimento com a mão:

« Conseguiremos o nosso Estado tal como recuperámos esta terra... com o nosso suor e o nosso sangue. Recuso-me a ficar de braços cruzados à espera das dádivas britânicas.»

«Pela última vez, Akiva... não faças isso. Apenas darás oportunidade aos nossos inimigos para nos apontarem a dedo e dizerem mais mentiras a nosso respeito.»

«Ah, Ah!» gritou Akiva. «Chegámos ao fundo da questão! Os Judeus devem jogar segundo as regras, os Judeus têm de ter a razão pelo seu lado! Os Judeus devem implorar e apelar! Os Judeus deverão sujeitar-se a tudo!»

« Cala-te! »

« Não! Haja o que houver » prosseguiu Akiva ,
« não entres em luta! Não queiras que os Alemães, os Árabes e os Ingleses pensem que somos maus.»

« Já disse que te calasses.»

« Barak, judeu de *ghetto*. É isso o que tu és e é isso o que é a Central Yishuv. Bem, deixa-me dizer-te mais umas coisas, meu querido irmão: está aqui um judeu que pode não ter razão, mas que tenciona viver.»

Barak tremia de raiva. Sentou-se, imóvel, tentando esconder a sua ira. Akiva continuava a bramar. Estaria Akiva verdadeiramente em erro? Quanta dor, degradação, hipocrisia e sofrimento devia um homem suportar antes de começar a retribuir os golpes?

Barak levantou-se e caminhou para a porta.

« Diz a Avidan, aos senhores da Central Yishuv e a todos os apaniguados que Akiva e os Macabeus têm um recado para os Ingleses e Árabes... olho por olho, dente por dente! »

« Não voltes a pôr os pés na minha casa » foi a resposta de Barak.

Os dois irmãos olharam-se com dureza durante muito tempo. Por fim, os olhos de Akiva encheram-se de lágrimas.

374 LEON URIS

«Não volto a pôr os pés na tua casa?»

Barak estava gelado.

«Somos irmãos, Barak. Trouxeste-me às costas para] a Palestina.»

«E agora lamento-o.»

Os lábios de Akiva tremiam.

«Sou um judeu que não ama menos do que tu a Palestina. Condenas-me por não seguir o que a minha consciência me dita...» |

Barak tornou a entrar na sala.

«És tu, Akiva, e os teus Macabeus que voltam irmãos contra irmãos. Desde criança que ouço as citações oportunistas que fazes da Bíblia. Talvez fizesses melhor lendo de novo as passagens sobre os Zelotas, que voltaram irmão contra irmão, quebraram a unidade judaica e originaram a destruição de Jerusalém pelos Romanos. Vocês intitulam-se Macabeus, eu, chamo-vos Zelotas.»

Barak encaminhou-se novamente para a porta.

«Lembra-te de uma coisa, Barak Ben Canaan» rematou Akiva. «Nada do que fizermos, seja justo ou injusto, pode alguma vez comparar-se com o que têm feito ao povo judaico. Nada do que os Macabeus façam pode ser considerado injusto em comparação com dois mil anos de massacres.»

CAPÍTULO XV

Yad El tornou-se um jardim do Éden. O *moshav* continuou a fazer retroceder os pântanos de maneira a aumentar a terra cultivável e a receber mais cem famílias. Tinham duas dúzias de máquinas pesadas e uma estação experimental.

O *moshav* dedicava-se em comum à criação de peixes.

As ruas de Yad El estavam verdes durante todo o ano e na Primavera e no Outono profusamente coloridas. Yad El tinha uma escola primária e secundária, um grande

~ EXODUS 375

centro comunitário, com piscina, biblioteca e teatro, e um pequeno hospital com dois médicos permanentes.

O maior de todos os acontecimentos deu-se quando foi instalada electricidade. As comemorações nas colónias do vale Huleh ofuscaram todas as outras quando as luzes foram simultaneamente acesas em Ein Or, Kfar Giladi, Ayelet Hashahar e Yad El.

No mesmo ano, os judeus de Yad El colaboraram na introdução de água canalizada em Abu Yesha, tornando-a a primeira aldeia árabe da Palestina a tê-la. Yad El levou as suas bombas de irrigação eléctrica até aos campos de Abu Yesha, para mostrar aos Árabes como se pode cultivar a terra intensivamente por meio de irrigação. Como prova de gratidão, Kammal ofereceu à Sociedade Colonizadora de Sião alguns *dunams* de uma zona na encosta da colina, quando soube que os Judeus procuravam terrenos naquele local para uma aldeia de jovens.

Ari Ben Canaan era o orgulho de seu pai. Aos 17 anos tinha 1,80 m de altura e a força de um leão. Além do hebreu e do inglês, dominava o árabe, o alemão, o francês e o *yiddish*, a que Sara recorria em momentos de zanga ou de nervosismo.

Ari gostava muito de cultivar a terra.

Como a maior parte dos jovens *yishuvs*, ele, Dafna e muitos outros do *moshav* pertenciam a um grupo juvenil.

Palmilhavam a Palestina de ponta a ponta até aos locais de antigas batalhas, túmulos e cidades; subiam à montanha de Masada, onde os Hebreus resistiram ao cerco romano durante mais de três anos, e caminhavam através do deserto pelo caminho seguido por Moisés e as doze tribos. Usavam as tradicionais camisas e calções azuis e estavam repletos das canções, danças e ideias de reconquista da terra.

Dafna era agora uma rapariga cheia, simples e atraente e amava muito o filho de Barak Ben Canaan. Tudo indicava que Ari e Dafna se casariam dentro em breve.

Começariam uma herdade em Yad El ou partiriam com um grupo de jovens para formar um novo *moshav* ou *kibbutz*, como por vezes acontecia após terminado o ensino escolar. Mas à medida que os distúrbios aumentavam

na Palestina, Ari e Dafna tinham cada vez menos tempo para estarem juntos. Ari mostrava notável habilidade e capacidade de direcção dentro do Haganah e, apesar da sua tenra idade, era considerado por Avidan um dos soldados mais prometedores de toda a Palestina. Na verdade a maioria dos melhores soldados andavam perto dos 20 anos.

Aos 17, Ari tinha preparado as defesas de Yad El Ein Or e de meia dúzia de *kibbutzim* e saíra-se tão Ben que fora trabalhar para o Haganah quase permanentemente. Quando começou a disputa com os Judeus sobre a imigração ilegal, Ari foi enviado para o local onde ancoravam os barcos da Aliyah Bet. O seu trabalho consistia em esconder os imigrantes ilegais nos *kibbutzim* e em arranjar vistos e passaportes para «turistas» que tinham entrado na Palestina.

Quando tinha um ou dois dias livres telefonava para Yad El, e Dafna ia ter com ele a Telavive. Ouviam a nova orquestra sinfónica, composta principalmente por músicos alemães e cujo primeiro concerto fora dirigido por Toscanini, iam a exposições de arte ou conferências na sede da Juventude ou caminhavam simplesmente ao longo das ruas de Ben Yehuda e de Allenby, onde os cafés estavam cheios de gente. Outras vezes passeavam pelas tranquilas praias a norte de Telavive. Cada separação se tornava mais difícil. Ari não queria casar antes de conseguir um pedaço de terreno onde construir uma casa, mas, com as constantes complicações e sendo os seus serviços cada vez mais precisos, parecia que essa ocasião nunca chegaria. Amavam-se muito. Quando ela tinha 17 anos e ele 19, Dafna entregou-se-lhe completamente; agora nos seus encontros passavam as poucas horas de que dispunham a descobrir os encantos um do outro.

A tensão que começara com a Aliyah Alemã em 1933 atingiu o auge no ano de 1935, quando os Judeus conseguiram introduzir mais imigrantes do que nunca, legal e ilegalmente. Tal como a Segunda Aliyah trouxe ideias e chefes e a Terceira Aliyah trouxe pioneiros a Aliyah Alemã originou na Yishuv um formidável movimento cultural e científico.

EXODUS 377

Os efêndis, que observavam o constante progresso dos judeus, ficaram furiosos tão furiosos que pela primeira vez reuniram os seus grupos políticos numa organização unificada e exigiram dos Ingleses a cessação de todas as vendas de terrenos aos Judeus e de toda a imigração judaica.

Em princípios de 1936, a Central Yishuv pediu aos Ingleses vários milhares de vistos para ocorrer à crescente aflição dos judeus residentes na Alemanha. Submetidos a forte pressão dos Árabes, os Ingleses concederam menos de um milhar de vistos.

O mufti, vendo a fraqueza dos Ingleses, fez a sua última jogada no sentido de se apoderar da Palestina. Na Primavera de 1936 provocou nova série de tumultos. Começaram em Jafa onde correu o falso boato de que os Judeus estavam a prender todos os árabes de Telavive e a matá-los e alastraram de cidade em cidade. Como habitualmente, a maioria das vítimas foram judeus ortodoxos, velhos e indefesos, que viviam nas cidades santas. Imediatamente após as primeiras manifestações, Haj Amin anunciou a formação de um Comité Árabe Superior, chefiado por ele próprio, cujo fim era «orientar» outra greve geral dos Árabes em sinal de protesto pela política britânica «pró-judaica».

Desta vez, o mufti agiu após cuidadosa preparação: no momento em que foi anunciada a constituição do Comité Árabe Superior, os sequazes de El Husseini, apoiados por bandoleiros mercenários, espalharam-se pela comunidade árabe para «proteger» a greve geral e assegurar uma boicotagem completa. Uma onda de assassínios começou a eliminar sistematicamente todos os árabes conhecidos como adversários do mufti. Apesar de a rebelião ser nominalmente dirigida contra Judeus e Ingleses, o seu objectivo principal era matar todos os adversários políticos do mufti.

Kammal, o velho amigo de Barak Ben Canaan e *mukhtar* de Abu Yesha, teve de pagar o preço da sua amizade pelos *Yishuv*: os partidários de Husseini encontraram o idoso *mukhtar* ajoelhado a rezar na pequena mesquita junto ao ribeiro da sua aldeia e degolaram-no.

Taha, o filho, foi levado apressadamente para Yad El, para ficar a viver na casa de Ben Canaan, onde estaria a salvo.

A orgia sangrenta do mufti continuou a impor a greve geral e a boicotagem dos Judeus. Sem mercado que a comprasse, as colheitas árabes apodreciam nos campos.

O porto de Jafa e parte do comércio ficaram praticamente paralisados. A greve estava a prejudicar seriamente a população árabe, mas nada podiam contra o mufti. Haj Amin e Husseini usou novamente da palavra para lançar as

culpas sobre os Judeus; e à medida que as privações dos Árabes aumentavam, avolumava-se o seu desespero e ira.

Os Árabes atreveram-se então a atacar as colónias, a incendiar os campos e a roubar as colheitas. Quando encontravam um judeu só e desarmado, matavam-no e em seguida decapitavam-no, cortavam-no aos bocados, arrancavam-lhe os olhos e praticavam as brutalidades mais primitivas.

As atrocidades aumentavam. Avidan convidou os *yishuvs* a reprimirem-se: a população árabe estava a ser vítima de um grupo, declarou ele, e nenhum bem adviria da retribuição das suas crueldades.

Com Akiva e os Macabeus o caso era diferente, Logo que os Macabeus se separaram do Haganah, os Ingleses baniram-nos e forçaram-nos a passar à clandestinidade. Os Ingleses, até certo ponto, deixaram de se preocupar com o Haganah por saberem que a sua política era de moderação e que lutavam apenas em defesa própria. Além disso, o Haganah nunca tinha hostilizado os Ingleses. Não assim como os Macabeus: eram inimigos declarados dos Ingleses e não tencionavam abster-se da luta. Os Macabeus, para se ocultarem, tinham de fazê-lo nas três cidades maiores: Telavive, Jerusalém e Haifa.

Os partidários de Akiva tentaram pagar terror com terror, mas não eram em número suficiente nem tão bem treinados como os salteadores do mufti. Embora oficialmente reprovados pelos chefes judeus, muitos *yishuvs* alegravam-se com os actos dos Macabeus.

Depois de ter as mãos bem fincadas no pescoço da Palestina, Haj Amin el Husseini passou à fase seguinte do

” **EXODUS 379**

seu plano. Lançou um apelo exaltado a todos os árabes de todas as nações para que se lhe aliassem na sua luta para libertar a Palestina das garras do imperialismo inglês e do Sionismo.

Os bandoleiros de Husseini entraram nas aldeias árabes e exigiram combatentes para atacar as colónias judaicas. Muitos dos feias não tinham a mínima vontade de lutar, mas temiam de tal maneira o mufti que não se atreveram a protestar.

De fora da Palestina veio a resposta ao apelo do mufti.

Kawukji, um oficial do exército iraquiano, viu na «revolta» da Palestina a oportunidade há muito esperada de conseguir poder e dinheiro como chefe militar do mufti. Kawukji estava obcecado pela sua pessoa o seu egocentrismo não tinha limites. Comprou vários belos uniformes com toda a espécie de condecorações forjadas e proclamou-se generalíssimo do exército de libertação. Com dinheiro extorquido aos árabes da Palestina pelo mufti, Kawukji recrutou o seu exército fora do país. Agrupou um bando de ladrões, contrabandistas de estupefacientes e negociantes em escravatura branca todos atraídos pelas muitas mulheres judias que violariam e pelo «ouro hebraico» que roubariam. Era o bando mais vicioso, degenerado e brutal que podia ter-se reunido. Sob a direcção do generalíssimo Kawukji, entraram em massa pelo Líbano, para salvar o grande mártir Islamita, Haj Amin el Husseini.

Kawukji usava tácticas seguras e simples. Preparava emboscadas nas estradas apenas depois de se certificar que tinha a retirada assegurada. Quando passava um autocarro, um veículo não armado ou um grupo demasiado pequeno para se poder defender, os Árabes surgiam, roubavam-no e fugiam.

Em breve Kawukji e os bandos do mufti tinham lançado o terror por todo o país. A comunidade árabe era uma comunidade indefesa, os Ingleses não estavam em condições de lutar e tinham relutância nisso e os Judeus apenas se batiam em defesa própria.

Em vez de tomarem medidas que acabassem com os ataques árabes, os Ingleses eram quase cómicos nos seus esforços. Algumas vezes atacavam aldeias onde suspeita-

vam que os salteadores se escondiam e lançavam muitas colectivas, e uma vez ou duas chegaram mesmo a destruir algumas aldeias. Mas a seguir refugiavam-se nos abrigos. Construíram mais de cinquenta enormes fortes de polícia em betão, que rodeavam toda a Palestina. Cada forte podia albergar vários milhares de soldados e controlava a área que lhe ficava contígua. Foram projectados por um inglês chamado Taggart e construídos pelos Judeus.

Os fortes Taggart que rodeavam a Palestina utilizavam um sistema tão velho como a própria terra. Nos tempos bíblicos, os Judeus tinham-se servido de doze montanhas um fogo que se acendesse numa delas podia ser visto da mais próxima e repetido na seguinte. Os Cruzados seguiram o mesmo princípio e erigiam castelos fortificados, de cada um dos quais se avistava o castelo ou a cidade murada mais próximos. Mesmo os judeus de agora fundavam cada nova colónia agrícola debaixo das vistas de uma colónia vizinha.

De noite, os Ingleses encerravam-se nos seus fortes Taggart e ali ficavam. De dia, as suas incursões eram baldadas: assim que os Árabes viam uma patrulha sair de um dos fortes, a notícia espalhava-se na região todos os árabes de todos os campos eram espiões potenciais. Quando os Ingleses chegavam ao seu destino, os inimigos já se tinham evaporado.

Contudo, e apesar destas condições tão desfavoráveis, os Judeus continuavam a fazer entrar clandestinamente imigrantes e criar novas colónias para eles. No primeiro dia de cada nova colónia reuniam-se nela, ao nascer do Sol, várias centenas de lavradores e construtores de todas as colónias vizinhas. Entre a alvorada e o crepúsculo montavam rapidamente uma torre com holofotes e uma geradora e construíam uma pequena paliçada em volta. Na noite desse mesmo dia ficava o trabalho completo e regressavam a suas casas, deixando os novos colonos dentro da paliçada com uma pequena guarda de homens do Haganah.

Ari Ben Canaan, com pouco mais de 20 anos de idade, tornou-se perito nas colónias de «torre e paliçada». Geralmente chefiava a unidade do Haganah que permanecia para ensinar aos novos colonos como usar as suas armas e

EXODUS 381

os estratégias a empregar com os Árabes, que se introduziam nas colónias e as atacavam. Quase todas as novas colónias sofriam ataques dos Árabes. A presença do Haganah e a sua habilidade em repelir definitivamente os atacantes dava aos recém-vindos uma sensação de segurança.

Nem Ari nem nenhum outro chefe judeu perderam qualquer colónia de «torre e paliçada». Depois de algumas semanas num lugar, Ari levava a sua unidade para outra colónia em construção.

Os colonos iam lentamente abandonando as paliçadas e lavrando a terra a pouco e pouco. Erigiam edifícios permanentes e as aldeias cresciam gradualmente. Se a colónia era um *kibbutz*, o primeiro edifício era a creche, sempre construída no interior da colónia, de forma a ser o último edifício a ser atingido pelos atacantes.

Avidan disse uma vez que as herdades de «torre e paliçada» eram o cumprimento da profecia bíblica sobre a reconstrução de Jerusalém com uma mão na lança e outra na ferramenta. O profeta Nehemias dissera: «Metade dos meus servos executava o trabalho e a outra metade segurava a lança.» Foi deste modo que cultivaram a terra e construíram os seus lares com um soldado atrás de cada arado e de cada operário.

Os Árabes tornaram-se tão atrevidos que nem mesmo os Ingleses podiam continuar a ignorar os seus actos de terrorismo. Haj Amin e Kawukji tinham-nos obrigado a fazer figura de parvos. Por fim, os Ingleses entraram em acção, dissolveram o Comité Árabe Superior e passaram um mandato de captura a Haj Amin. O mufti fugiu à polícia britânica e refugiou-se na Mesquita de Ornar, o santuário muçulmano mais sagrado da Palestina.

Os Ingleses hesitaram, não ousando entrar na mesquita com receio de provocar uma revolta «sagrada» por parte do mundo maometano. Depois de ter passado uma semana escondido, Haj Amin, vestido de mulher, fugiu para Jafa, onde um barco o levou para o Líbano.

Todos suspiraram aliviados quando o mufti de Jerusalém deixou a Palestina especialmente a comunidade árabe. Os tumultos e os ataques diminuíram e os Ingleses

tornaram a nomear comissões de inquérito e a proceder a investigações.

Os Árabes boicotaram os inquéritos britânicos, enviando, contudo, alguns dos seus membros mais fanáticos, que leram discursos preparados. Apesar de Haj Amin ter saído de cena, os Husseinis ainda apareciam. Perante as comissões de inquérito, os Árabes fizeram reclamações abusivas contra os Judeus, apesar de estes pagarem 85 % dos impostos por uma comunidade mais pequena do que a árabe.

E assim, após outro exame da situação, os Ingleses resolveram seguir nova tática e recomendaram a divisão da Palestina em dois Estados separados. Os Árabes obteriam a parte do leão e os Judeus um pedaço de terra desde Telavive a Haifa e a zona da Galileia que tinham cultivado.

A Central Yishuv, os sionistas de todo o mundo e os judeus da Palestina estavam cansados de ininterrupta mortandade, do crescente fanatismo árabe e das deslealdades cada vez mais evidentes dos Ingleses. Outrora o mandato para a pátria judaica incluía ambos os lados do Jordão e agora os Ingleses ofereciam apenas uma parcela mínima. Apesar de tudo, os Judeus decidiram aceitar a proposta. Os Ingleses disseram aos Árabes que fariam bem em a aceitar também, pois a área atribuída aos Judeus não podia albergar muito mais imigrantes. Mas os Árabes queriam nem mais nem menos do que o lançamento de todos os hebreus ao mar. Agora consideravam Haj Amin Husseinis a pérola do Islão e uma vítima da injustiça inglesa e sionista. De Beirute, Haj Amin fez reavivar os tumultos.

Taggart, a quem se devia o sistema de fortes britânico, fez construir um muro coberto de arame farpado de alta tensão ao longo da fronteira libanesa para deter os salteadores do mufti e os contrabandistas de armas. Aos poucos foram erigindo mais fortes, de espaço a espaço do muro.

Um dos fortes do muro de Taggart foi erigido *por* cima de Abu Yesha e Yad El, no local que se considerava

EXODUS 383

conter a sepultura da rainha Ester. Tornou-se conhecido por Forte Ester.

O muro de Taggart diminuiu a infiltração de Árabes, mas não podia detê-la.

O Haganah, que se contivera durante tanto tempo, andava inquieto e os *yishuvs* começavam a desejar que a Central Yishuv deixasse o Haganah entrar em luta. Sob esta pressão crescente, Ben Gurion concordou finalmente em dar ouvidos a um plano apresentado por Avidan. Como consequência, a Sociedade Colonizadora de Sião adquiriu um pedaço de terra na extremidade norte da Galileia, mesmo junto à fronteira libanesa, no sítio em que o serviço informativo do Haganah suspeitava que se realizava a maior parte da infiltração árabe.

Logo após a compra do terreno, Ari Ben Canaan e dois outros jovens importantes do Haganah foram chamados a Telavive, ao alojamento secreto de Avidan.

O chefe da defesa judaica desenrolou um mapa e apontou para o novo pedaço de terra. A sua importância no prosseguimento da revolta árabe era óbvia.

« Quero que vós três tomem o comando de uma unidade que vá para esta terra e construa lá um *kibbutz*. Estamos a escolher cuidadosamente oitenta dos nossos melhores homens e vinte mulheres para irem convosco.

Não é preciso dizer-vos o que têm a esperar.»

Eles acenaram com a cabeça.

«Sabemos que o mufti vai interromper todas as outras actividades para tentar expulsar-vos. É esta a primeira vez que escolhemos o local para um *kibbutz* pelo seu valor estratégico.»

. Sara Ben Canaan andava profundamente preocupada, pois havia anos que não via o filho sem o chicote ou uma espingarda na mão. Receava esta nova missão como não tinha receado nenhuma das outras. A Yishuv ia colocar numa posição suicida uma centena dos seus melhores membros. Ari beijou a mãe, limpou-lhe as lágrimas e com simplicidade disse-lhe que tudo correria bem. Apertou a mão ao pai e saiu sem dizer palavra, pois a compreensão entre ambos era completa.

Dafna bateu à porta e despediram-se também dela.

384 LEON URIS

Dafna e Ari saíram as portas de Yad El e voltaram-se para deitar um rápido olhar aos campos e aos amigos que ali estavam reunidos. Barak suspirou e passou o braço sobre o ombro de Sara, enquanto o jovem par desaparecia na estrada.

«Pedem tão pouco à vida!» disse Sara. «Durante quanto tempo... durante quanto tempo vamos ter de ceder o nosso filho?»

Barak abanou a sua grande cabeça e os olhos contraíram-se para, num último relance, ver seu filho e Dafna.

«Deus pediu a Abraão que sacrificasse o seu filho. Suponho que nós, os da Yishuv, temos de viver à semelhança de Abraão, temos de continuar a ceder o Ari enquanto Deus quiser.»

Uma centena dos melhores homens e mulheres da Yishuv partiram para a fronteira do Líbano e postaram-se no caminho dos ladrões e dos assassinos. Ari Ben Canaan, de 22 anos de idade, era o 2.º comandante.

Chamaram ao local Ha Mishmar (Posto da Guarda).

CAPÍTULO XVI

Dez camiões transportando uma centena de rapazes e raparigas do Haganah e seu equipamento seguiam a grande velocidade pela estrada marginal, ultrapassando a última colónia judaica de Nahariy, na Galileia do Norte, e penetrando em território onde nunca entrara nenhum judeu.

Milhares de olhos árabes observavam os camiões que subiam pelo sopé das montanhas da fronteira libanesa, por baixo do muro de Taggart.

Pararam, os guardas saíram e os camiões foram descarregados rapidamente, apressando-se a regressar a Nahariya antes do anoitecer. Estes cem rapazes e raparigas estavam sós. Por cima deles, os montes estavam cheios de bandos de salteadores árabes; por baixo ficava uma dezena de aldeias árabes hostis.

EXODUS 385

Construíram uma pequena paliçada e trincheiras e esperaram pela noite.

Na manhã seguinte, a notícia tinha-se espalhado desde Hébron até Beirute... «Os Judeus avançaram para os montes!» Haj Amin el Husseini, em Beirute, enfureceu-se: era um repto público! Jurou pelas barbas de Alá que os judeus seriam atirados ao mar.

Nos dias imediatos, as -forças do Haganah trabalharam até à exaustão, reforçando as defesas do acampamento na base do monte contra o ataque que se seguiria. Todas as noites em que não estavam de guarda, Dafna e Ari adormeciam, esgotados, nos braços um do outro.

Na quarta noite surgiu o ataque!

Os Judeus nunca tinham sofrido nada semelhante. Do cimo do monte, mil carabineiros árabes protegidos por metralhadoras dispararam durante cinco horas consecutivas sobre a paliçada dos Judeus. Pela primeira vez os Árabes usavam morteiros. Ari e as suas forças rastejavam e aguardavam o assalto árabe.

O ataque surgiu bandoleiros árabes começaram a deslizar pelo chão com facas entre os dentes.

Subitamente, meia dúzia de holofotes partiram da paliçada e esquadrinharam o campo. A luz apanhou os Árabes já próximo. Os Judeus contra-atacaram violentamente, e logo na primeira descarga mataram sessenta árabes, ficando os restantes paralisados de medo. Ari dirigiu metade das forças do Haganah para fora da paliçada num feroz contra-ataque que juncou o campo de batalha de mortos e feridos árabes. Os que sobreviveram fugiram para os pontos altos, gritando aterrorizados.

Durante uma semana, os Árabes não voltaram a atacar.

O mufti não conseguia dizer nem fazer nada que os levasse a atacar e Kawukji também não os convenceu.

Naquela primeira noite foram mortos em combate três rapazes e uma rapariga do Haganah, entre eles o comandante.

Ari Ben Canaan assumiu o comando.

Todos os dias o Haganah subia mais uns metros no monte, consolidava a sua posição e esperava pela noite. Os Árabes observavam do alto, mas nunca ata-

E. - 25

386 LEON URIS

cavam de dia. Uma semana depois, Ari abandonou o primeiro acampamento e estabeleceu outro a meio do monte.

Os Árabes recomeçaram os seus ataques, mas a lição da primeira noite ainda estava presente na sua memória. Não tentavam assaltos directos, contentando-se com disparar a longa distância sobre o campo.

Enquanto os Árabes hesitavam, Ari decidiu tomar a ofensiva. No fim da segunda semana, ao alvorecer, pôs-se em acção. Esperou até que os Árabes estivessem fartos de disparar durante toda a noite e a sua vigilância afrouxasse.

Então dirigiu vinte e cinco dos melhores homens e dez mulheres num ataque que atirou os Árabes, ensonados, pelo monte abaixo. Os Judeus entrincheiraram-se rapidamente, enquanto os Árabes se reuniam para organizar um contra-ataque. Ari perdeu cinco soldados, mas conservou a sua posição.

Ari fortificou rapidamente um posto de vigilância no cimo do monte donde se avistava toda a região. Durante o dia trabalharam febrilmente para transformar o posto em fortaleza.

O mufti estava quase louco de raiva! Mudou de comandantes e reuniu outra força de mil homens. Atacavam, mas logo que se aproximavam fraquejavam e fugiam.

Pela primeira vez os Judeus tinham obtido uma posição no alto de um monte e os Árabes não os expulsariam!

Apesar de os Árabes não lutarem de "perto e não poderem, portanto, expulsar o Haganah, não tencionavam facilitar as coisas aos Hebreus. As tropas de Ari eram constantemente incomodadas pelas espingardas árabes; além disso, estavam completamente isoladas do resto da Yishuv, sendo Nahariya a colónia mais próxima. Todas as provisões, incluindo a água, tinham de vir de camião por território hostil, e uma vez lá tudo tinha de ser transportado a braço para o monte.

Apesar das privações, Ha Mishmar resistiu. Construíram dentro da paliçada algumas cabanas toscas e iniciaram uma estrada para a base do monte. Ari criou patrulhas nocturnas ao longo do muro de Taggart para apanhar os que procuravam infiltrar-se e os contrabandistas de

EXODUS 387

armas. Deste modo cortaram o caminho secreto do mufti para a Palestina.

90 % dos elementos do Haganah provinham de *kibbutzim* ou de *moshavim*. Tinham tão enraizado neles o desejo de melhorar a terra que não podiam ficar muito tempo num local sem tentar plantar qualquer coisa. Começaram a cultivar a terra de Ha Mishmar! O lugar tinha sido começado à maneira de *kibbutz*, e por Deus! iam fazer daquilo um *kibbutz*. A lavoura na encosta era para eles uma nova aventura especialmente difícil, porquanto não havia água a não ser a das escassas chuvas. Todavia, entregaram-se à tarefa com o mesmo empenho com que tinham recuperado os terrenos pantanosos do vale de Jezreel e a carcomida planície do Sharon. Armaram socacos nas encostas e solicitaram à Sociedade Colonizadora de Sião dinheiro para alfaías agrícolas. A Central Yishuv e o Haganah estavam tão contentes com o êxito dos persistentes jovens de Ha Mishmar que decidiram, -a partir de então, escolher algumas novas colónias pelo seu valor estratégico no combate à revolução árabe.

Um segundo grupo de pioneiros partiu para outro lugar onde havia distúrbios. Desta vez eram judeus ortodoxos. Introduziram-se no vale Beth Shean e edificaram um *kibbutz* na junção das fronteiras da Síria e da Transjordânia. Chamaram ao *kibbutz* Tirat Tsvi (Castelo do Rabino Tsvi). Ficava no meio de uma dezena de vilas e aldeias árabes que se mostravam hostis. O mufti tentou novamente expulsá-los. Mas a força destes judeus religiosos não era da mesma espécie da dos velhos judeus devotos das cidades santas. Tal como em Ha Mishmar, os Árabes não conseguiram derrotar os hebreus de Tirat Tsvi.

Ari dormia profundamente na sua tenda.

«Ari... vem depressa.»

Atirou com o cobertor, agarrou na espingarda e seguiu-os até aos campos do lado sul que estavam arrançados em socacos para plantar videiras. Estavam todos reunidos. Calaram-se ao ver Ari aproximar-se. Abriu caminho e olhou para o chão: estava salpicado de sangue.

388 LEON URIS

Viam-se bocados de uma blusa azul e um rasto de sangue em direcção aos montes. Ari olhou sucessivamente para todos os rostos; ninguém falou.

« Dafna! » balbuciou.

Dois dias mais tarde, o corpo dela foi atirado para perto dos acampamentos dos Hebreus. Tinham-lhe amputado as orelhas, o nariz e as mãos e arrancado os olhos.

Fora violada um sem-número de vezes.

Ninguém viu Ari Ben Canaan chorar ou mesmo levantar a voz.

Depois do assassinio de Dafna ele desaparecia durante horas seguidas, regressando pálido e abalado. Mas nunca mostrou exaltação, ódio ou mesmo uma grande ira. Nunca mais mencionou o nome dela a ninguém. Ari aceitou esta tragédia da mesma maneira que a Yishuv aprendera a aceitar tais coisas sem que o levasse à violência, mas apenas fortalecendo a sua resolução de não ser expulso da terra. Ari Ben Canaan era soldado da cabeça aos pés. Algumas aldeias árabes próximo de Ha Mishmar amedrontaram-se e esperaram um ataque de vingança que nunca veio.

Os Hebreus resistiram em Ha Mishmar e em Tirat Tsvi e noutras colónias colocadas estrategicamente. A nova táctica era obstruir a revolta do mufti, mas não fazê-la cessar.

Nesta altura chegou à Palestina um major inglês chamado P. P. Malcolm. O major Malcolm fora transferido para o Intelligence Service britânico em Jerusalém no início da revolta do mufti. Era um solitário. Vestia-se mal e desdenhava da tradição militar; achava ridículo o protocolo.

Era um homem capaz de exprimir as suas impressões aberta e até violentamente, se fosse necessário, e era também dado a profundas meditações que duravam dias seguidos e durante as quais não se barbeava nem penteava.

Os seus acessos de alheamento chegavam nas ocasiões mais inesperadas até no meio de uma parada solene que ele detestava e considerava uma perda de tempo

P. P. Malcolm era mordaz e tinha respostas absolutamente inesperadas. Era um excêntrico e os oficiais seus colegas consideravam-no uma «ave rara».

EXODUS 389

De físico, Malcolm era alto, magro, de rosto ossudo e coxeava levemente. Era, em suma, tudo o que um oficial britânico não deve ser.

Quando chegou à Palestina era pró-árabe, porque estava na moda os oficiais britânicos serem pró-Árabes.

Estas simpatias não duraram muito: pouco tempo depois, Malcolm tornara-se um sionista fanático.

Como acontece com a maior parte dos cristãos que abraçam o Sionismo, o seu fervor era muito mais intenso e violento do que o dos Judeus. Malcolm aprendeu hebreu com um rabino e passava o tempo disponível a ler a Bíblia. Estava convencido de que Deus planeava o ressurgimento dos Judeus como nação. Estudou minuciosamente as campanhas militares bíblicas e as tácticas de Josué, David e, especialmente, Gedeão, que era o seu ídolo favorito. Finalmente, capacitou-se de que a sua vinda à Palestina era de inspiração divina. Ele, P. P. Malcolm, tinha sido escolhido pelo próprio Deus para guiar os filhos de Israel na sua nobre missão.

Malcolm percorria a Palestina num velho e desconjuntado carro em segunda mão e caminhava arrastando a sua perna doente quando não havia estradas. Malcolm visitou os locais de todas as batalhas dos tempos bíblicos para reconstituir as tácticas passadas. Frequentemente era motivo de admiração, tanto para Judeus como para Árabes, ver esta estranha criatura, coxeando por uma estrada fora e cantando salmos a plenos pulmões, alheio a todos os acontecimentos terrenos.

Frequentemente as pessoas perguntavam a si próprias como é que o comando britânico tolerava Malcolm. O general Charles, comandante da Palestina, reconhecia muito simplesmente que Malcolm era um génio e um tipo raro de militar insusceptível de ser disciplinado. Malcolm troçava dos manuais de guerra britânicos, não tinha senão Desdém pela sua estratégia e, de um modo geral, pensava que o exército britânico era um desperdício de dinheiro, ninguém levava a melhor numa discussão com ele porque parecia ter razão sempre e estar convencido da sua própria infalibilidade.

Uma tarde, Malcolm abandonou o seu carro quando
390 LEON URIS

dois pneus rebentaram simultaneamente e caminhou pela estrada de Yad El. Ao entrar na zona de defesa surgiram guardas na sua frente. Sorriu e acenou-lhes com a mão. «Bom trabalho, amigos» gritou. «Sejam boas pessoas e levem-me a Barak Ben Canaan.»

Malcolm passeava para trás e para diante na sala de Barak. Tinha um aspecto ainda mais desmazelado do que de costume. Durante uma hora inteira fez uma prelecção

a Barak Ben Canaan acerca da honra e beleza do Sionismo e do destino da nação hebraica.

«Gosto dos soldados judeus» disse Malcolm.

«O guerreiro hebreu é o melhor, porque luta e vive com os seus ideais. Esta terra tem sentido para ele. Vive rodeado das grandes glórias do passado. Os vossos membros dos Haganah constituem talvez os homens de armas mais educados, intelectuais e idealistas do mundo inteiro. Pensemos no soldado inglês» continuou Malcolm.

«É um combatente pertinaz, e isso é bom. Submete-se à disciplina, e isso é bom. Mas mais nada. É estúpido. Bebe demasiado. É capaz de dormir como um porco, e fá-lo muitas vezes. Ben Canaan, foi por isso que vim ter consigo.

Vou tomar conta do Haganah e fazer dele uma organização de combate de 1.^a classe. Tem a melhor matéria-prima que vi até hoje.»

Barak ficou boquiaberto!

Malcolm olhou pela janela. Via os carros da rega rodopiando nos campos e, à distância, Abu Yesha aninhada nos montes por baixo de Forte Ester.

«Vê aquele forte ali Ester, é como lhe chamam; eu chamo-lhe estupidez. Tudo quanto os Árabes têm a fazer é dar-lhe a volta. Os Ingleses nunca mais aprendem.»

Malcolm principiou a cantarolar o salmo 98 e a pronunciar as palavras de mansinho em hebreu. «Sei de cor cento e vinte e seis salmos. Isso reconforta-me.»

«Major Malcolm, qual é a natureza desta visita?» perguntou Barak.

«Toda a gente sabe que Barak Ben Canaan é justo e imparcial. Francamente, a maioria dos Judeus fala” demasiado. No meu exército judaico não terão de dizer dez palavras. Serei eu quem dirá tudo.»

EXODUS 391

« Bem compreendi que só o senhor gosta de falar »
disse Barak.

« Hum » resmungou Malcolm, e continuou a olhar, através da janela, para os viçosos campos Yad El. De repente voltou-se e tinha os olhos iluminados pelo mesmo fogo que Barak vira frequentemente no seu irmão.

« Lutar! » gritou Malcolm. « É isso que temos de fazer... Lutar! A nação judaica constituir-se-á fatalmente, Ben Canaan, fatalmente! »

« O senhor e eu estamos de acordo sobre o destino dos Judeus... não é preciso refrescar-me a memória. »

« É preciso, sim... todos vocês precisam... enquanto estiverem fechados nas vossas colônias. Devemos começar a punir os infieis. Se um árabe sai do café e atira a um *kibbutz* a um quilómetro de distância, sente-se um herói.

Chegou a ocasião de pôr à prova esses pagãos sanguinários.

Hebreus, eis o que eu quero... soldados hebreus.

Arranje-me imediatamente uma entrevista com Avidan.

Os Ingleses são demasiado estúpidos para compreenderem os meus métodos. »

Este homem estranho partiu tão repentinamente como chegara a Yad El. Atravessou os portões a coxear, cantando um salmo bíblico em voz muito alta, e deixou Barak Ben Canaan a coçar a barba e a sacudir a cabeça.

Mais tarde, Barak telefonou a Avidan e falaram em *yiddish*, não fosse a conversa estar a ser interceptada.

« Quem é este homem? » perguntou Barak.

« Entrou como o Messias e começou a pregar-me sionismo. »

« Ouvimos falar dele » disse Avidan. « Francamente, é tão estranho que não sabemos o que pensar. »

« Pode-se confiar nele? »

« Não sabemos. »

O major Malcolm passava agora todas as horas disponíveis entre os Judeus. Com a maior inocência afirmava que os oficiais britânicos eram uns idiotas e uns maçadores. Meses depois era conhecido em toda a Yishuv.

Apesar de frequentar os melhores meios, a maior parte dos dirigentes tratavam-no como a um excêntrico inofen-

sivo. Chamavam-lhe afectuosamente «o nosso inglês louco.»

Cedo constatarem que Malcolm não era louco. Nas discussões, tinha um grande poder de persuasão os membros da Yishuv que contactavam com ele saíam de sua casa convencidos de que tinham estado sob uma influência mágica.

Depois de quase seis meses de evasivas, Malcolm irrompeu um dia pelo gabinete de Ben Gurion, no edifício da Central Yishuv, em Jerusalém, sem se fazer anunciar.

«Ben Gurion» começou ele. «Você é um idiota. Perde tempo a falar com os inimigos e não tem cinco minutos para atender um amigo.»

Depois desta afirmação sem rodeios, voltou-se e saiu.

A entrevista seguinte foi com o general Charles, o comandante militar. Tentou convencer o general a deixá-lo pôr em prática algumas das suas teorias sobre a guerra com os Árabes, empregando tropas judaicas. O general Charles, como muitos dos oficiais, era pró-árabe, mas a revolta do mufti começava a torná-lo ridículo. Pouco a pouco, os Ingleses tinham treinado e armado uma polícia hebraica e tinham ignorado as forças do Haganah, que completavam as suas próprias forças. Tinha falhado de tal maneira que decidiram deixar Malcolm experimentar. O velho carro de Malcolm apareceu em Ha Mishmar, onde os guardas o conduziram até Ari, no cimo do monte. O robusto comandante do Haganah observou com espanto o inglês escanzelado que tinha diante de si.

Malcolm fez-lhe uma festa na cara.

«Parece bom rapaz» disse ele. «Escute, obedeça às minhas ordens, observe o que eu faço, e farei de si um soldado de primeira. Agora mostre-me o seu campo e fortificações.»

Ari estava perplexo. De mútuo acordo, os Ingleses tinham-se mantido fora de Ha Mishmar e ignorado as patrulhas, de Ari. Mas legalmente tinham todo o direito a entrar em Ha Mishmar. O major Malcolm não fez o mínimo caso das suspeitas de Ari e da sua tentativa evidente de lhe mostrar somente uma parte dos planos.

EXODUS 393

« Qual é a sua tenda, meu filho? »

Na tenda de Ari, Malcolm estendeu-se na cama e meditou.

« Que o traz por cá? » perguntou Ari.

« Dê-me um mapa, meu filho » disse, não fazendo caso da pergunta de Ari. Este foi buscá-lo. Malcolm sentou-se, abriu o mapa e coçou a sua barba mal cuidada.

« Onde fica a principal base de ataque dos Árabes? »

Ari apontou para uma pequena aldeia no Líbano, a uns 15 quilómetros de distância.

« Esta noite vamos destruí-la » - disse Malcolm calmamente.

Naquela noite, uma patrulha de oito homens e duas mulheres, comandada por Malcolm, partiu de Ha Mishmar para o Líbano. Os Judeus estavam assombrados com a velocidade e resistência que ele demonstrava, arrastando o seu corpo frágil pelos caminhos íngremes e tortuosos. Nunca parou para descansar nem para verificar os planos. Quando estavam próximo da aldeia árabe, Malcolm foi fazer um reconhecimento; meia hora depois estava de volta.

« Como eu suspeitava, não estão de prevenção. Eis o que vamos fazer. » Desenhou rapidamente um mapa indicando o local onde estavam três ou quatro cabanas que pensava pertencerem aos contrabandistas. « Levarei três de vós até à aldeia, abriremos fogo de perto e presenteá-los-emos com uma ou duas granadas que os dispersarão.

Vão todos fugir esbaforidos. O meu grupo conduzi-los-á para este extremo da aldeia, onde você, Ben Canaan, terá organizado uma emboscada. Faça o possível por trazer um par de prisioneiros, porque esta área está, evidentemente, cheia de esconderijos com armas. »

« O seu plano é louco. Não dá resultado »

disse Ari.

« Então sugiro que comecem a regressar à Palestina » retorquiu Malcolm.

Foi esta a primeira e a última vez que Ari duvidou da sabedoria de P. P. Malcolm. A segurança deste homem era convincente.

394 LEON URIS

«Nunca volte a duvidar da minha opinião, meu rapaz» disse.

O plano de Malcolm foi posto em prática. O major conduziu um grupo de quatro homens para o ponto suspeito.

Atiraram quatro granadas às cabanas, seguidas de tiros de espingarda. Como Malcolm previra, estabeleceu-se o pânico. Com sangue-frio, encaminhou os salteadores para a emboscada de Ari. Dez minutos depois, tudo tinha acabado.

Dois prisioneiros foram levados à presença do major.

«Onde estão escondidas as vossas armas?» perguntou a um deles em árabe. O homem encolheu os ombros.

Malcolm esbofeteou o muçulmano e repetiu a pergunta.

Desta vez, o árabe jurou por Alá que não sabia.

Malcolm tirou calmamente a pistola e disparou sobre ele.

Voltou-se então para o outro prisioneiro.

«Onde estão escondidas as vossas armas?» perguntou.

O árabe revelou imediatamente a localização das armas.

«Vós, filhos e filhas da Judeia, aprendestes esta noite muitas coisas importantes» disse Malcolm. «Explicar-vos-ei amanhã de manhã. Nunca usem a brutalidade para obter informações, vão direitos ao assunto.»

As notícias da incursão de Malcolm produziram efeito tranquilizador sobre todos os israelitas. Para a Yishuv marcou uma época: pela primeira vez, os Judeus tinham saído das suas colónias para tomarem a ofensiva. Muitos pensaram que já o deviam ter feito há muito tempo.

Os Ingleses manifestaram-se, pedindo muitos oficiais a transferência imediata de Malcolm. O general Charles não sabia que fazer. Os métodos britânicos de combate aos Árabes eram muito deficientes, e parecia-lhe que, sob muitos aspectos, Malcolm encontrara a solução.

Para os salteadores do mufti, Husseinis e fanáticos muçulmanos foi o Dia do Juízo. Já não podiam vaguear à vontade e escolher os seus locais de ataque impunemente

EXODUS 395

Ari levou a efeito com Malcolm várias incursões mais para o interior do Líbano, cada uma das quais era mais bem sucedida do que a anterior. Os bandos de salteadores, bandidos, contrabandistas de armas e mercenários de Kawukji foram todos sacudidos pelo seu torpor, pois as suas actividades já não eram nem lucrativas nem seguras com os ataques rápidos e impiedosos do Haganah. O mufti pôs a cabeça de Malcolm a prémio mil libras esterlinas. Após Malcolm e os rapazes e raparigas do Haganah terem conseguido trazer o sossego àquela região, o major mudou o seu quartel-general para o *kibbutz* de Ein Or. Pediu a Haganah cento e cinquenta dos seus melhores soldados, mencionando em especial Ari Ben Canaan, que muito apreciava. No *kibbutz* Ein Or, Malcolm formou a Unidade de Assalto.

Depois de ter reunido cento e cinquenta soldados vindos de toda a Palestina, o major Malcolm fez com eles uma longa caminhada até ao monte Gilboa, ao lugar histórico da sepultura do grande juiz e guerreiro hebreu Gedeão, ídolo de Malcolm. Junto da sepultura de Gedeão deteve-se com os seus soldados, abriu a Bíblia e leu em hebreu: *«...assim, Gedeão e os cem homens que estavam com ele chegaram ao exterior do acampamento ao iniciar-se a ronda da meia-noite; e eles mal tinham iniciado a ronda quando tocaram as trombetas, e partiram os cântaros que tinham nas mãos. E as três companhias tocaram as trombetas e quebraram os cântaros, e seguraram nas suas mãos esquerdas as tochas acesas e nas suas mãos direitas as trombetas para tocarem; e gritaram: «A espada do Senhor e de Gedeão». E todos se mantiveram no seu lugar à volta do acampamento; e todo o exército deitou a correr e, gritando, fugiram.»*(1)

Malcolm fechou a Bíblia. Caminhava para trás e para diante com as mãos atrás das costas e parecia olhar para longe enquanto falava.

(1) Gedeão fizera encerrar os fochos em vasos de barro; Quando estes foram quebrados e os fochos brilharam, os inimigos, tomados de pânico, puseram-se em fuga desordenada. (N. da T.)

«Gedeão era um homem inteligente. Sabia que Os Midianistas eram um povo ignorante e supersticioso. Não ignorava que podia aproveitar-se dos seus receios primitivos e amedrontá-los com os ruídos e com a noite. Gedeão sabia-o... e nós também.»

Os Árabes nunca sabiam quando seria o próximo ataque da Unidade de Assalto nem a que aldeia. O seu velho e comprovado sistema de espiões não dava resultado com Malcolm. Este enviava três unidades em três direcções diferentes para os confundir, ou passava por uma aldeia árabe, voltava para trás e atacava; ou mandava um comboio de camiões por uma estrada e fazia sair um homem de cada vez, escondendo-se os soldados de dia nos valados e reunindo-se de noite.

Os ataques pareciam partir de um milhar de homens e nunca deixavam de espalhar o pânico entre o inimigo. Malcolm aperfeiçoou conhecimentos que os Judeus em certa medida já possuíam, nomeadamente sobre o terreno da Palestina. Ensinou-lhes o valor estratégico e histórico de todos os leitos de rios secos, montes e árvores, chamando a atenção para a forma como os antigos generais hebreus tinham conhecido o terreno e aproveitado esse conhecimento para fins militares.

Tal como aconteceu com todos os soldados, Ari Ben Canaan tornou-se um discípulo dedicado deste excêntrico inglês. Acompanhou Malcolm em centenas de ataques ao inimigo e nem uma vez Malcolm se enganou. Quase parecia divinamente guiado e divinamente inspirado. Criou um perfeito tratado sobre a táctica de combate aos Árabes. Exigia uma disciplina de ferro e uma dedicação fanática e incondicional em paga das suas sucessivas vitórias. A Unidade de Assalto incutiu nos Árabes um receio ainda maior do que aquele que tinham aos Husseinis. Com cento e cinquenta homens, Malcolm esmagou a rebelião: os salteadores principiaram a fugir e o grande exército de libertação de Kawukji regressou rapidamente ao Líbano. Desesperado e desorientado, o mufti voltou os seus ataques contra a conduta petrolífera que ia desde os campos de Mossul até Haifa.

«Vinte mil desses ingleses imbecis não conseguiriam

EXODUS 397

defender aquela conduta» disse Malcolm. «Nós vamos fazê-lo com a nossa Unidade de Assalto. O nosso plano é simples: de cada vez que houver uma rotura na conduta, a aldeia árabe mais próxima é atacada e destruída pela Unidade de Assalto. Isto ensinará as aldeias árabes a guardarem a conduta contra os salteadores, no seu próprio interesse, e ensiná-las-á a não darem asilo a esses rufiões. Represália... lembrem-se disto, porque os Judeus estão em menor número... devemos usar o princípio da represália.»

De todas as vezes que os Árabes se moviam tinham resposta.

A represália, a partir de então, tornou-se a chave da defesa dos Judeus.

A revolta árabe foi abrandando até que morreu. Fora um malogro infeliz e dispendioso. Os Árabes tinham levado à falência toda a sua comunidade e causado a morte dos seus principais representantes. Três anos de tumultos e morticínios tinham-nos posto à beira da miséria. Durante todo esse tempo não desalojaram uma única colónia de judeus nem impediram cinquenta novas colónias de progredir. Os políticos de Whitehall, terrivelmente preocupados com o levantamento árabe, procederam a uma remodelação completa do governo do mandato.

O major Malcolm foi avisado de que devia abandonar a Palestina, porque as suas ligações com os Judeus não causariam presentemente senão embarços. Malcolm fora a pessoa que mais contribuíra para a derrota dos Árabes. Os judeus a quem dera instrução militar constituíam o núcleo de um novo exército de maiores proporções e a sua brilhante táctica tornara-se a Bíblia militar dos Hebreus. Pela última vez, o major P. P. Malcolm estava diante dos seus judeus em Ein Or. A Unidade de Assalto, usando fitas vermelhas de condecorações no vestuário azul de lavradores, pôs-se em sentido. Nos olhos de muitos havia lágrimas.

Malcolm abriu a Bíblia.

«Cinge a tua espada sobre a coxa, ó Todo-Poderoso, com a Tua glória e a Tua majestade. E na Tua majestade

398 LEON URIS

prossegue com prosperidade, graças à Tua verdade, doçura e rectidão.»

Afastou-se rapidamente para o carro que o esperava. Partia com o coração despedaçado: a Yishuv concedera-lhe a maior honra que os Judeus podiam atribuir a alguém que não era da sua raça, designando-o por «o Amigo». Ari Ben Canaan regressou a Yad El depois de a Unidade de Assalto ter dispersado. O coração parecia ter-lhe ficado para sempre num monte solitário da fronteira libanesa onde Dafna dormia o sono eterno ao lado de mais

vinde rapazes e raparigas do Haganah, caídos em defesa de Ha Mishmar.

Os tempos eram agora mais tranquilos e seguros, e por isso Taha saiu de Yad El, onde vivera todos estes meses sob a protecção da família Ben Canaan, e foi assumir o cargo de *mukhtar* de Abu Yesha, Barak e Sara compreenderam que no decorrer daquele ano e meio que Taha vivera com eles se tinha apaixonado por Jordana, que fizera 13 anos. Amar uma rapariga mais jovem não era coisa rara entre os Árabes. Nem Barak nem Sara disseram nunca uma palavra sobre o assunto e esperavam que o rapaz se esquecesse sem grande dificuldade.

A nova administração britânica, sob o comando do general Haven-Hurst, chegou à Palestina. Pouco depois, reuniram os componentes da Unidade de Assalto, arrastaram-nos para o tribunal e atiraram-nos para a cadeia, com condenações que iam de seis meses a cinco anos! Eram acusados... de porte ilegal de armas! Ari e uma centena de outros membros do Haganah que tinham constituído a Unidade de Assalto de Malcolm foram metidos na prisão de Acre, que mais se assemelhava a uma masmorra.

Muitos consideravam a sua situação bastante divertida e passavam os dias a aborrecer a guarda britânica, cantando marchas do Haganah e canções dos campos de manhã até à noite. Era um velho castelo de paredes espessas viscoso, ameaçador e cheio de piolhos, ratazanas, lodo e escuridão.

Ari foi libertado na Primavera de 1939. Voltou a Yad El pálido e esquelético.

Depois de o ver, Sara chorou no sossego do seu quarto.

EXODUS 399

Que tivera seu filho desde que nascera senão um chicote, uma espingarda e uma tragédia? A sua Dafna tinha morrido, bem como tantos dos seus camaradas... Quanto tempo duraria isto? Sara prometeu a si própria conservar para sempre o seu filho em Yad El.

Com Haven-Hurst a comandar a Palestina com pulso *de ferro* e sentimentos manifestamente anti-semitas, era patente que se preparava mais uma traição inglesa...

Nomeou-se outra comissão de inquérito. A imigração judaica foi responsabilizada pelos três anos de mortandade provocados pelo mufti...

Em Whitehall, Chatham House e Neville Chamberlain, o seu primeiro-ministro e conhecido pacifista, indignaram o mundo com a sua declaração o Governo britânico publicou um Livro Branco, nas vésperas da segunda guerra mundial, vedando a imigração aos angustiados judeus alemães e proibindo novas compras de terrenos pelos Hebreus.

Os pacificadores de Munique, que tinham abandonado a Espanha e a Checoslováquia, fizeram o mesmo aos judeus da Palestina.

CAPITULO XVIII

A Yishuv ficou abalada com o Livro Branco, o maior golpe que jamais recebera. Nas vésperas da guerra, os Ingleses impossibilitavam a entrada na Palestina de judeus alemães!

Os Macabeus, que tinham estado adormecidos, acordaram subitamente: o Livro Branco levou centenas de israelitas a filiarem-se nos Macabeus. Lançaram uma série de ataques, bombardeando um clube de oficiais britânicos em Jerusalém e aterrorizando os Árabes; invadiram um arsenal britânico e armaram várias emboscadas.

O general Haven-Hurst inverteu completamente toda a política anterior de semicooperação com os Judeus. A Polícia judaica foi dissolvida e a Haganah passou à clandestinidade.

Chefes da Central Yishuv e componentes da

400 LEON URIS

Unidade de Assalto foram arrastados para o tribunal e atirados para a prisão de Acre.

Ben Gurion aconselhou novamente a Yishuv a usar daquela prudência e moderação de que tinha dado provas no passado e condenou publicamente as táticas terroristas.

Mas mesmo enquanto ele falava havia elementos dentro do Haganah que queriam actuar abertamente e lutar.

Receando que, se pusesse as cartas na mesa, o Haganah fosse perseguido, Avidan foi mais uma vez forçado a refreá-lo.

Barak Ben Canaan foi enviado a Londres para, juntamente com o Dr. Chaim Weizmann e outros medianeiros, tentar forçar a revogação do Livro Branco. Mas os políticos

de Whitehall estavam decididos a não o alterar, pois tal procedimento incitaria os Árabes à revolta.

Na Palestina, a turba de Hussein entrava de novo em actividade. Apesar de Haj Amin ainda estar no exílio, o resto da tribo perseguia os opositores e assassinava-os. O sobrinho do mufti, Jemal Hussein, apoderou-se do Comité Superior Árabe.

Na Alemanha, a situação dos Judeus era a mais desesperada possível. As organizações sionistas não chegavam para as necessidades, pois até os judeus alemães menos timoratos se tinham enchido de pânico e ansiavam por sair do país.

Por outro lado, os Ingleses dificultavam tanto a saída da Palestina de certos judeus como a entrada dos que vinham da Alemanha. Compreendiam que todos os ex-membros do Haganah e da Aliyah Bet eram agentes em potência.

Quando Ari saiu da Palestina com instruções de Avidan teve de passar discretamente a fronteira libanesa em Ha Mishmar e ir a pé para Beirute. Levava o passaporte e o visto de um judeu que chegara recentemente à Palestina como «turista». Em Beirute, Ari apanhou um barco para Marselha. Uma semana mais tarde apresentava-se em Berlim, no quartel-general dos Sionistas, no n.º 10 da Meinekestrasse.

As ordens que tinha eram no sentido de trazer o maior número possível de judeus.

EXODUS 401

Quando chegou a Berlim, ao quartel-general dos Sionistas, depararam-se-lhe cenas de pânico e caos. Os Alemães negociavam os vistos pelo máximo do seu valor.

Quanto mais desesperados os Judeus estavam, mais alto era o preço da sua liberdade. Muitas famílias deram toda a sua fortuna para poderem fugir da Alemanha. Falsificavam-se e roubavam-se vistos os vistos significavam vida.

A primeira realidade cruel era o facto de poucos países do mundo quererem os judeus alemães. Fechavam-lhes simplesmente as portas e, se davam vistos, era com a condição de os Judeus não irem para os seus países.

Ari tinha de decidir a quem devia dar ou recusar os vistos. Todos os dias era vítima de ameaças ou alvo de tentativa de suborno e apelos desesperados. Os Sionistas pretendiam acima de tudo fazer sair as crianças. Durante cinco anos, os Judeus tinham apelado para os seus irmãos na Alemanha para que abandonassem o país.

Juntamente com as crianças havia outras pessoas que importava fazer sair: cientistas, médicos, pessoas de várias profissões e artífices o que havia de mais importante numa sociedade ,

Ari e a Aliyah Bet apenas conseguiam deslocar umas centenas de judeus, enquanto eles eram apanhados aos milhares.

Ari decidiu jogar um lance arriscado, numa tentativa desesperada de obter vários milhares de vistos de uma só vez; deste modo, poderia, pelo menos, fazer sair as pessoas mais importantes e as crianças, Avisou a Aliyah Bet de França para estar preparada para as receber ou contar com o internamento dele, Ari, num campo de concentração.

Entrou depois em negociações com os nazis influentes para os convencer a concederem um maior número de licenças de saída. Invocava um argumento estranho mas aliciante. Dizia ele que tanto a Inglaterra como a Alemanha estavam a tentar obter as boas graças dos Árabes e que enquanto mais judeus entrassem na Palestina mais embaraçados ficariam os Ingleses.

Que paradoxo ver a Aliyah Bet de mãos dadas com Os nazis, contra os Ingleses! Ari organizou rapidamente

402 LEON URIS

campos de instrução em Berlim sob a protecção da Gestapo. Além de todos os vistos que conseguia comprar, roubar, obter por suborno ou por quaisquer outros meios Ari, iludindo a vigilância dos Alemães, construiu uma via férrea subterrânea para fazer sair os Judeus à cabeça da lista; mas estes, cientistas na sua maior parte, fugiam apenas aos grupos de dois e três. Durante o Verão de 1939, carregado de maus presságios, trabalhou sem descanso. Entretanto, em Londres, Barak Ben Canaan e outros agentes trabalhavam também consecutivamente.» Falavam a membros do Parlamento, a ministros, a todos os que quisessem dar-lhes ouvidos. Mas fizessem o que fizessem os Ingleses não se desviavam da sua política de imigração. Em meados de Agosto, Ari recebeu uma comunicação urgente da Aliyah Bet de França: «Sai imediatamente da Alemanha.» Não fez caso do telegrama e continuou o seu trabalho, pois cada dia que passava era agora uma corrida contra a morte.

Veio outro telegrama. Desta vez era uma ordem do Haganah mandando-o partir. Ari arriscou somente mais setenta e duas horas, porque estava a trabalhar para conseguir um monte de vistos que fariam entrar na Dinamarca um comboio carregado de crianças.

Veio um terceiro telegrama e um quarto.

Quando o comboio de crianças atravessou a fronteira dinamarquesa, Ari Ben Canaan pôs-se em fuga. Saiu da Alemanha quarenta e oito horas antes de a Wehrmacht alemã avançar sobre a Polónia e iniciar a segunda guerra mundial!

Ari e Barak Ben Canaan regressaram das suas respectivas missões vinham ambos exaustos e vencidos pelo desespero.

Quando rebentou a guerra, bastaram apenas dez minutos aos dirigentes judeus para anunciarem o seu plano de acção. Ben Gurion instou com os *yishuvs* para se apresentarem a servir no exército britânico e combater o inimigo comum. O Haganah, que via nisto uma oportunidade de treinar legalmente os seus homens, apoiou a decisão

~ EXODUS 403

O general Haven-Hurst, comandante militar da Palestina, levantou fortes objecções no Ministério da Guerra à admissão de judeus da Palestina no exército britânico.

«Se agora treinarmos os Judeus e lhes dermos experiência de combate, apenas nos prejudicamos, porque, com certeza teremos mais tarde de lutar contra esses mesmos judeus.»

Uma semana depois do início da guerra tinham-se inscrito na Central Yishuv como voluntários do exército britânico cento e trinta mil homens e mulheres um quarto de todos os *yishuvs*.

Pelo que respeitava aos Árabes, a maior parte do seu mundo considerava os Alemães como seus «libertadores» e aguardava-os.

Era impossível aos Ingleses não fazer caso da oferta dos *yishuvs* e era também impossível não dar atenção ao aviso do general Haven-Hurst. O Ministério da Guerra escolheu o caminho intermédio de aceitar israelitas, mas de os afastar dos postos de luta, para que não obtivessem instrução militar e experiência de combate. Os israelitas foram enviados para serviços administrativos e unidades de transporte e engenharia. A Central Yishuv protestou contra a discriminação e exigiu as mesmas oportunidades de combater os Alemães.

A Yishuv apresentara uma frente sólida, salvo pelo que respeitava aos oposicionistas Macabeus. Avidan, decidiu esquecer o seu orgulho e, através de uma cadeia de contactos secretos, pediu um encontro com Akiva.

Os dois homens encontraram-se numa cave por baixo do Restaurante Frankel, na Estrada do Rei Jorge, em Jerusalém. Estava cheia de caixotes de conservas e garrafas amontoadas quase até ao tecto e iluminada apenas por uma lâmpada.

Avidan não estendeu a mão a Akiva quando este entrou com dois Macabeus. Havia cinco longos anos que os dois homens se não viam.

Akiva aparentava mais de 60 anos. Os longos e árduos anos de edificação de dois *kibbutzim* e os anos mais recentes em que vivera na clandestinidade tinham-no envelhecido.

404 LEON URIS

Os guardas Macabeus e do Haganah saíram da sala

Os dois homens fitaram-se.

Por fim, Avidan falou.

« Vim, simplesmente, pedir-te que faças tréguas com os Ingleses até a guerra acabar.»

Akiva resmungou, depois manifestou o seu desprezo pelos Ingleses e pelo seu Livro Branco e a sua má vontade contra a Central Yishuv e o Haganah.

«Por favor, Akiva» disse Avidan, dominando-se.

«Sei o que pensas, sei exactamente quais são as diferenças que há entre nós Mas não há dúvida de que a Alemanha é um inimigo e uma ameaça muito maior para a nossa existência do que os Ingleses.»

Akiva voltou as costas a Avidan. Meditava. De repente voltou-se e os olhos chamejavam como antigamente.

«Agora é justamente a ocasião de conseguir que os

Ingleses revoguem o Livro Branco, Agora! agora mesmo devemos declarar a nossa soberania sobre ambos os lados do Jordão! Agora! Atacar os malditos Ingleses quando eles estão por baixo!»

«O nosso Estado é tão importante para nós que devemos consegui-lo contribuindo para a vitória dos Alemães?

«E pensas que os Ingleses hesitarão em trair-nos novamente?»

«Penso que só temos uma coisa a fazer combater os Alemães.»

Akiva passeava pela cave cimentada como um gato nervoso. Lágrimas de cólera encheram-lhe os olhos. Resmungou entre dentes, e finalmente disse com emoção mal contida:

«Mesmo que os Ingleses bloqueiem a nossa costa a pessoas que correm perigo de morte... mesmo que os Ingleses criem um *ghetto* dentro do seu exército com os nossos rapazes... mesmo que nos tenham traído com o Livro Branco... mesmo que a Yishuv se entregue de alma e coração à guerra enquanto os Árabes aguardam como abutres a ocasião de atacar... mesmo com tudo isto, os Ingleses são os nossos menores inimigos e deve-

EXODUS 405

mos lutar ao lado deles. Muito bem, Avidan... os Macabeus farão tréguas.»

A atmosfera estava carregada da hostilidade de Akiva quando os dois homens finalmente apertaram as mãos.

«Como está o meu irmão?»

«Acaba de regressar de conferências em Londres.»

«Sim... conferências... tinha de ser o Barak. E

Sara e os filhos?»

Avidan acenou com a cabeça.

«Podes orgulhar-te de Ari.»

«Ah, sim, Ari é um excelente rapaz... um excelente rapaz... Como... como... está agora Ein Or?»

Avidan baixou os olhos.

«Ein Or e Shoshanna traduzem o amor e o suor dos homens que as edificaram.»

Avidan voltou-se e caminhou para a escada que conduzia a uma porta falsa.

« *O Sião será salvo com discernimento* » disse

Akiva na escuridão da cave , « *e a destruição dos transgressores e dos pecadores será simultânea, e os que abandonam o Senhor serão consumidos*. Há-de chegar o dia em que ajustaremos contas com os Ingleses!»

Ari mudara Estava sempre melancólico. Era difícil dizer exactamente o que o tinha desanimado àquele ponto. Desde criança que lidava com armas. Os dias da «torre e paliçada», Ha Mishmar, a Unidade de Assalto, a prisão de Acre, o lancinante trabalho da Aliyah Bet em Berlim e a morte de Dafna. Ari vivia em Yad El, cultivava a terra e queria que o deixassem só quase não falava.

Mesmo depois de a guerra rebentar, Ari continuou em Yad El. A maior parte do tempo disponível passava-o na aldeia árabe de Abu Yesha com o seu amigo de infância Taha, que era agora o *muktar*.

Meses depois de a guerra ter começado, Ari voltava Uma noite dos campos quando encontrou Avidan à sua espera. Depois do jantar, Ari, Avidan e Barak passaram a sala para conversar.

406 LEON URIS

« Suponho que sabem o que me traz aqui» disse Avidan.

« Calculo.»

«Deixem-me ir direito ao assunto. Achamos que alguns dos nossos rapazes deviam alistar-se. Os Ingleses já contactaram com o Haganah por várias vezes e perguntaram por ti. Querem dar-te uma patente de oficial.»

«Não estou interessado.»

«Eles querem-te à viva força, Ari. Tenho a certeza de que podemos pôr-te num lugar por exemplo, no Serviço de Informações dos Árabes no qual podes ser também muito útil ao Haganah.»

« Isso é muito agradável» ironizou Ari. «Pensei que me mandassem juntar lixo com o resto das tropas *yishuvs*. É bom saber que sou um dos bons judeus.»

«Não me obrigues a transformar isto numa ordem.»

«Talvez tenhas uma surpresa se o fizeres.»

Avidan, que exigia uma disciplina de ferro, estava surpreendido. Ari Ben Canaan tinha sido um soldado de confiança e obediente como os melhores do Haganah.

«Ainda bem que discutimos o assunto» interveio Barak. «Este rapaz anda tão desanimado desde que regressou de Berlim...»

«Ari... creio que vamos ter de insistir nisto.»

« Porque hei-de usar um uniforme inglês? Para me prenderem outra vez por me bater por eles?»

Barak levantou os braços.

«Está bem, pai... se queres que te fale com sinceridade... há cinco anos que o tio Akiva teve a coragem de dizer qual é o nosso verdadeiro inimigo.»

« Não menciones nesta casa o nome dele!» bradou Barak.

«É a ocasião de o mencionar. Ter-me-ia até aliado aos Macabeus se não fosse não querer ir contra ti.»

« Mas, Ari» disse Avidan rapidamente , «até o Akiva e os Macabeus fizeram tréguas com os Ingleses.» Ari voltou-se e encaminhou-se para a porta.

«Vou jogar o gamão a casa do Taha. Se os Alemães invadirem, chamem-me.»

A avalanche alemã troava pela Europa. Os Ingleses sofreram derrotas sucessivas. Dunquerque! Creta! Grécia! Londres estava sob violentos bombardeamentos.

Apesar de os *yishuvs* empregarem as suas energias na guerra ao lado dos Ingleses, foram forçados a sofrer mais humilhações. Nessa altura deram-se acontecimentos lamentáveis que despedaçaram até o coração dos judeus mais tolerantes.

Um pobre barquito do rio Danúbio, de 15 metros de comprimento, chamado *Struma*, arrastou-se até Istambul carregado de oitocentos judeus que tentavam ansiosamente fugir da Europa. O barco não oferecia segurança e as pessoas estavam em circunstâncias aflitivas. A Central Yishuv implorou vistos aos Ingleses. Recusaram. Mais do que isso, exerceram forte pressão diplomática sobre o Governo turco para que fizesse sair o *Struma* de Istambul. A polícia turca entrou a bordo do *Struma*, rebocou-o pelo Bósforo e abandonou-o à deriva no mar Negro, sem comida, sem água e sem combustível. O *Struma* afundou-se.

Morreram afogados setecentos e noventa e nove seres humanos só um sobreviveu.

À Palestina chegaram depois dois vapores em muito mau estado com dois mil refugiados. Os Ingleses ordenaram imediatamente que fossem transferidos para o *Pátria* a fim de serem exilados para as ilhas Maurícias, na África Oriental. O *Pátria* afundou-se ao largo da costa da Palestina, à vista de Haifa, e centenas de refugiados morreram afogados.

E assim se foi andando, com os Ingleses a respeitarem o Livro Branco... para não contrariarem os Árabes.

A guerra continuou com dificuldades para os Ingleses.

Em fins de 1941, os judeus da Palestina tinham conseguido passar a fazer parte das unidades de combate, apesar dos avisos de Haven-Hurst, pois os Ingleses estavam desesperados e não recebiam nem um só homem dos Árabes. Enquanto estes descansavam, cinquenta mil homens do escol da Yishuv usavam uniformes britânicos.

Esmagada a Europa Ocidental, as lanchas alemãs esperavam no canal da Mancha, prontas para a invasão. A

Inglaterra estava numa situação difícil Mas os Alemães que tinham vencido os Russos, os Gregos e os Jugoslavos, hesitaram perante essa gente pálida e magra os teimosos Ingleses. Receavam os Ingleses como não tinham receado mais ninguém.

Tal como a Inglaterra desmembrara o Império Otomano, assim os Alemães se aprontavam agora para desmembrar o Império Britânico. O poderoso corpo de exército africano de Rommel estava a preparar uma série de golpes para expulsar os Ingleses do Médio Oriente e abrir uma porta para o Oriente e para a Índia.

Haj Amin el Husseini abandonou o Líbano em busca de melhores paragens. Desembarcou em Bagdade, no Iraque, nominalmente um aliado britânico, mas que pouco mais tinha de aliado do que o nome. Em Bagdade foi saudado como o grande mártir do Islão. Preparou um golpe de Estado com um grupo de oficiais do exército iraquiano para entregar o Iraque aos Alemães. A conspiração falhou. Mas só no último momento é que os Ingleses a impediram de triunfar, enviando a Legião Árabe.

Haj Amin tornou a fugir. Desta vez foi para a Alemanha, onde Adolfo Hitler o acolheu pessoalmente como a um irmão. Os dois loucos podiam servir-se um do outro com benefício pessoal para ambos. O mufti via nos planos militares alemães uma nova oportunidade de obter o domínio de todo o mundo árabe. Hitler precisava do mufti para mostrar como podia existir entre Árabes e Alemães uma amizade cordial e afectuosa. Como agente nazi, Haj Amin falava pela rádio de Berlim sucessivas vezes, dirigindo-se ao mundo árabe; o que ele tinha a dizer dissera-o já muitas vezes. «Ó Árabes, revoltai-vos e vingai os vossos mártires... Eu, mufti da Palestina, declaro que esta guerra contra a opressão britânica é uma guerra santa Sei o ódio que sentis por eles sei que vós, Muçulmanos, estais convencidos de que os Ingleses e os Judeus são inimigos do Islamismo e conspiram contra os preceitos do Alcorão... Os Judeus vão apoderar-se das nossas sagradas instituições islamitas Agora reclamam um Templo que ocupa o local da nossa

EXODUS 409

muito sagrada Mesquita de Ornar e vão certamente profaná-la como já em tempos tentaram fazer... Matai os judeus onde quer que os encontréis, porque isso agrada a Deus, à história e à religião. Isso salva a vossa honra... Deus está do vosso lado... Abaixo a Judeia!»

O mufti falava e o mundo árabe parecia prestar atenção às suas palavras.

A Síria e o Líbano estavam nas mãos dos franceses de Vichy e recebiam constantemente equipamento alemão para uma futura invasão da Palestina e do Egipto.

O chefe do Estado-Maior egípcio vendeu segredos aos Alemães. O rei Faruque, do Egipto, recusou-se a fornecer aos Ingleses um único soldado para a defesa do Egipto contra Rommel.

No Iraque também se urdiam conspirações.

O único amigo declarado dos aliados era o velho déspota Ibn Saud, que fora comprado com dólares americanos.

Mas Ibn Saud não contribuiu com um só camelo para o 8.º exército britânico, que estava numa posição crítica.

Em todo o Médio Oriente, os aliados tinham apenas um amigo verdadeiro e que combatia os *yishuvs*!

Rommel, inebriado com a vitória da Líbia, tardava em entrar em Alexandria, onde se aprontavam bandeiras alemãs para receber os «libertadores».

Na frente russa, a Wehrmacht estava às portas de Estalinegrado!

Foi esta a hora negra dos aliados.

O alvo primordial dos Alemães era o canal de Suez, o Egipto e a Palestina o plexo solar do Império Britânico.

A entrada em Estalinegrado podia constituir a outra metade de um movimento em pinça, que avançaria pelas montanhas do Cáucaso e abriria as portas da Índia e do Oriente.

Por fim, os Ingleses dirigiram-se à Central Yishuv e pediram aos Judeus que formassem unidades de guerrilheiros para proteger a retirada dos Ingleses e dificultar a ocupação alemã. A esta força de guerrilheiros chamaram Palmach. Tornar-se-ia mais tarde a divisão de combate do Haganah.

410 LEON URIS

Uma noite, Ari Ben Canaan sentou-se para jantar.
«Alistei-me hoje no exército britânico» anunciou calmamente.

No dia seguinte, Ari apresentou-se no *kibbutz* Beth Alonim, na Casa dos Carvalhos, onde estavam reunidos jovens de toda a Palestina para formarem o Palmach.

CAPITULO XVIII

O *kibbutz* Beth Alonim ficava no sopé do monte Tabor, em pleno vale de Jezreel. Ari ingressou no exército britânico, onde o encarregaram de comandar as operações das unidades de guerrilhas constituídas por rapazes e raparigas, na sua maioria adolescentes. Muitos dos oficiais eram «veteranos» com pouco mais de 20 anos, como Ari.

Grande número de homens da antiga Unidade de Assalto juntaram-se ao Palmach para ensinar aos jovens os métodos do major Malcolm.

As tropas não usavam uniforme, todos tinham patente de oficial, e rapazes e raparigas eram tratados exactamente da mesma maneira. Era-lhes inculcada a mesma noção de destino bíblico que Malcolm transmitira aos seus soldados.

Dois rapazes mostraram tais qualidades para triunfar e comandar que foram mandados chefiar unidades directamente sob as ordens de Ari. Um deles era um atlético *kibbutznik* da Galileia chamado Zev Gilboa. Usava um grande bigode negro mais tarde distintivo dos rapazes *palmachniks*. O outro era um jovem estudante baixo e ardente, oriundo de Jerusalém e chamado David Ben Ami. Nem David nem Zev tinham ainda 20 anos.

Um dia foram visitados pelo general Haven-Hurst. Era um homem alto, magro e louro com pouco mais de 50 anos. À medida que inspeccionava o campo notava a frieza com que era recebido. Após a inspecção. Haven-Hurst pediu a Ari que se apresentasse no quartel-general

EXODUS 411

do campo. Quando Ari entrou, os dois homens inclinaram a cabeça cerimoniosamente sem que nenhum deles ocultasse a sua pouca simpatia pelo outro.

«Sente-se, tenente Ben Canaan» disse Haven-Hurst.

«Merece um elogio pela sua obra aqui com as tropas do Palmach.»

«Obrigado, meu general.»

«Na verdade, tenho estado a analisar a sua folha de serviços. Tem sido um homem muito ocupado.»

«As condições do ambiente em que vivi e as infelizes circunstâncias do meu nascimento assim o determinaram» disse Ari «No fundo, sou um lavrador.»

Haven-Hurst compreendeu a alusão, mas não o deu a perceber.

«O meu principal objectivo ao vir hoje a Beth Alonim foi pedir-lhe que se ofereça para uma missão especial. Sei que quando se alistou foi com a condição de poder instruir tropas do Palmach, mas parece-nos que esta missão é suficientemente urgente para alterar essa cláusula.»

«Sou soldado do exército britânico. Aceitarei qualquer missão de que me incumbam.»

«Bem. Resumindo, é isto: os Alemães têm conseguido ganhar terreno na Síria e pensamos que talvez tentem invadir a Palestina na Primavera.»

Ari abanou a cabeça em sinal afirmativo.

«Não estamos em guerra com os franceses de Vichy e não podemos invadir a Síria, mas temos suficientes homens das Forças Livres Francesas para levar isso a bom termo, desde que obtenhamos informações secretas perfeitas. Escolhemo-lo para esta missão porque conhece a Síria e o Líbano desde os seus tempos de Ha Mishmar e também devido ao seu domínio da língua árabe. Queremos que reúna os homens que estiveram consigo em Ha Mishmar e volte lá para a utilizar como base de reconhecimento. Quando a invasão começar, haverá também missões especiais. A recompensa será a patente de capitão.»

«Vejo uma dificuldade, meu general.»

«Sim?»

412 LEON URIS

« Muitíssimos dos meus camaradas de Ha Mishmar foram presos pelos Ingleses.»

O rosto de Haven-Hurst tornou-se escarlate.

«Trataremos de os pôr em liberdade.»

«Sim, senhor. Além disso, tenho aqui dois homens que são uns soldados excepcionais Gostaria de os levar comigo para Ha Mishmar e que fossem transferidos para o exército britânico.»

« Muito bem» disse Haven-Hurst , «leve-os consigo.»

Ari caminhou para a porta.

«Uma invasão da Síria nesta altura é excelente estratégia, meu general. Dará ao 8.º exército britânico grandes possibilidades de retirar para a Índia.»

Haven-Hurst olhou com dureza para o judeu.

« Parece-me escusado dizer, Ben Canaan, que você e eu estaremos um dia em campos opostos.»

« Já estamos, meu general.»

Ari saiu de Beth Alonim acompanhado de Zev Gilboa e David Ben Ami e voltou a Ha Mishmar, situada no monte que tinha para ele recordações tão amargas. Reuniram cinquenta elementos do grupo originário do Haganah alguns vindos de várias partes do mundo, onde tinham estado a servir no exército britânico.

Usando Ha Mishmar como quartel-general, as patrulhas de Ari fizeram o caminho todo até Damasco. Era necessário usar de extrema cautela, porque a invasão devia constituir uma surpresa completa. O plano de Ari era simples. A maior parte desses soldados falavam árabe correntemente e conheciam bem a região. Durante o dia, vestidos de árabes, caminhavam ao longo das estradas colhendo informações. Apesar de as que obtiveram serem perfeitas, Ari queria penetrar mesmo em Damasco e Beirute, o que era arriscado. Ari pensou que era tarefa para ser feita por uma só pessoa, que teria de deslocar-se sem levantar suspeitas. Pôs-se em contacto com o Haganah e enviaram-lhe um rapaz de 17 anos chamado Joab Yarkoni Yarkoni era um judeu marroquino nascido em Casa Branca e podia na verdade passar por árabe em qualquer

EXODUS 413

parte. Era baixo, de olhos negros brilhantes e salientes, e possuía um excessivo sentido de humor.

Em Casa Branca, ele e a família tinham vivido num *mellah*, a variante oriental e africana do *ghetto*. Estes judeus orientais e africanos, do ponto de vista cultural, tinham pouco de comum com os judeus russos ou alemães. Muitos descendiam de famílias fugidas à Inquisição espanhola e usavam ainda nomes espanhóis.

Em algumas terras árabes, os Hebreus eram tratados com certa justiça e quase com igualdade, sem que, evidentemente, nenhum judeu fosse completamente igual a um muçulmano. Um milhar de anos atrás, quando o Islamismo avassalou o mundo, os Judeus contavam-se entre os mais respeitados cidadãos árabes. Eram médicos da corte, filósofos e artistas os membros mais importantes da sociedade árabe. Depois, o mundo árabe foi aniquilado nas guerras com os Mongóis e os Judeus sofreram a pior sorte. Havia judeus espalhados por Bagdade, Cairo, Damasco, Fez, Curdistão e Casa Branca, costa africana e países do Médio Oriente.

Os Muçulmanos nunca chegaram a praticar as violências dos Cristãos no respeitante à matança de judeus. Os tumultos árabes eram sempre mantidos dentro dos limites do razoável escassas dezenas de assassínios de cada vez. Joab Yarkoni e a família fugiram do *mellah* de Casa Branca quando ele era ainda criança. Fixaram-se num *kibbutz* em Samaria, junto ao mar. Ficava na Cesareia e chamava-se Sdot Yam, o que significa «Campos do Mar». Muitos barcos clandestinos ancoravam próximo de Cesareia, e foi aqui que Joab começou pela primeira vez a trabalhar para a Aliyah Bet como contrabandista de armas quando tinha apenas 12 anos de idade.

Aos 15 anos decidiu tentar um feito ousado que espalhasse a sua fama entre os *yishuvs*. Partiu de Sdot Yam a pé com um burro, a caminho de Bagdade. Aí roubou algumas das preciosas tamareiras iraquianas e levou-as clandestinamente para a Palestina. As pequenas palmeiras foram enviadas para o *kibbutz* de Shoshanna, no mar da Galileia, e originaram um artigo de exportação inteiramente novo para os *yishuvs*.

A tarefa que Ari deu ao jovem Joab era simples para este. Caminhou até Damasco, depois para Beirute e Tira e três semanas depois estava de volta a Ha Mishmar. As suas informações confirmaram o que já sabiam e além disso localizaram exactamente as forças de Vichy.

As Forças Livres Francesas entraram calmamente na Galileia e desdobraram-se para levar a cabo a invasão. Os cinquenta homens de Ari eram apoiados por um grupo de quarenta australianos especialmente escolhidos e que eram peritos em minas, armas automáticas e explosivos.

Esta força de noventa homens foi dividida em três unidades de trinta cada. Cada uma delas foi encarregada de uma missão especial, devendo entrar no Líbano e na Síria antes da invasão e defender as estradas e pontes principais de eventuais contra-ataques, até as forças principais lá chegarem.

A missão de que a unidade de Ari estava incumbida era a mais perigosa. Tinha de conduzir os seus trinta homens ao longo da costa libanesa, passar próximo de uma guarnição de Vichy e impedi-la de ocupar uma dezena de pontes na montanha que eram de importância vital para o avanço das Forças Livres. Ari levou consigo Joab, Zev e David e mais dezasseis judeus e dez australianos. A sua unidade partiu vinte e quatro horas antes da invasão e avançou ao longo da costa com toda a facilidade, visto conhecerem cada palmo de terreno. Atravessaram sucessivamente todas as pontes decisivas.

Pararam a 5 quilómetros de distância da guarnição de Vichy de Fort Henried e num desfiladeiro da montanha minaram as estradas, colocaram as suas metralhadoras e esperaram pelas restantes forças.

Como frequentemente acontece num plano de grandes proporções, cometeu-se um erro. Como, porquê, quem o cometeu, não importa depois de ele verificado. O lado oriental da invasão passou da Transjordânia para a Síria doze horas antes da hora indicada; ao dirigirem-se para Damasco, a operação tornou-se conhecida. Isto significou para Ari ter de defender o seu desfiladeiro durante doze

EXODUS 415

horas, além das três ou quatro que as forças principais levariam a alcançá-lo.

Algumas horas depois de cometido o erro, as tropas de Vichy tinham reunido em Fort Henried dois batalhões com tanques e artilharia e principiavam a descer a estrada ao longo da costa, para fazer ir pelos ares as pontes.

Logo que Ari os viu aproximar compreendeu que alguma coisa tinha corrido mal. Enviou imediatamente David e Zev à Palestina a pedirem socorros.

As tropas de Vichy marchavam cegamente para o desfiladeiro e foram pulverizadas por explosões e tiros de ambos os lados do monte. Recuaram, voltaram a reunir-se e dispararam tiros de artilharia para o desfiladeiro.

Decorreram seis horas aflitivas até David e Zev voltarem com um batalhão das Forças Livres Francesas.

As pontes ficaram intactas; os franceses de Vichy não tinham conseguido avançar. O desfiladeiro ficou juncado de mortos mais de quatrocentos soldados de Vichy, que tinham tentado ocupar a posição de Ari.

Quando os reforços chegaram, estavam vivos apenas cinco homens das forças de Ari e ele próprio achava-se às portas da morte. Tinha as costas cheias de metralha, duas balas alojadas no corpo e o nariz e uma perna partidos.

Os Franceses Livres completaram a invasão da Síria.

Para Ari Ben Canaan a guerra acabara. Foi levado para a Palestina, onde levou muito tempo a restabelecer-se.

Os Ingleses promoveram-no a major e foi condecorado pela resistência oferecida no desfiladeiro da montanha.

Ari tivera o seu papel na vitória dos aliados, tal como a Yishuv. Alguns membros desta fizeram parte de esquadrões suicidas que ajudaram a tomar Trabuque e Bardia.

Mais tarde, um batalhão de israelitas tomou parte na épica defesa de Tobruque.

Combateram na Itália, na Grécia, em Creta e nos Países Baixos. Contavam-se aos milhares na Real Força Aérea. Dirigiram a «patrulha da morte», na costa do Mediterrâneo. A guarda que ficara na Palestina mantinha

os Árabes sob o seu domínio. Combateram no deserto, na conquista de Sidi Barrani, Sollum e Fort Capuzzo. As unidades suicidas judaicas foram escolhidas pela sua coragem nas campanhas da Eritreia e Etiópia. Três milhares de *yishuvs* juntaram-se às Forças Livres da Checoslováquia, Holanda, França e até da Polónia. Uma força suicida de judeus foi destruir a refinaria de petróleo de Tripoli, tendo morrido todos os componentes. Os Judeus foram utilizados pelos Ingleses em missões especiais de espionagem. Os judeus alemães vestiam-se com uniformes alemães e trabalharam no próprio quartel-general de Rommel. Os Judeus protegeram os campos de petróleo de Mossul das contínuas tentativas árabes para destruírem a produção. Quando os Ingleses necessitaram de espiões nos Balcãs, voltaram-se para os Judeus e instruíram-nos como pára-quedistas. Raciocinavam que em quaisquer país que um judeu caísse seria protegido pelos restantes judeus desse país. Foram lançados vários judeus em pára-quedas poucos voltaram. Uma rapariga, Hanna Senesh, do *kibbutz*, de Joab Yarkoni, caiu na Hungria e capturaram-na. Martirizaram-na por se ter recusado até morrer a fazer confissões. A Yishuv cobriu-se de glória. Na primeira guerra mundial os Ingleses tinham feito tudo para exaltar a participação árabe agora tentavam minimizar o esforço despendido pelos *yishuvs* na segunda guerra mundial. Nenhum país se entregava à luta com tamanho ardor. Mas o Governo britânico não queria que mais tarde os Judeus se pudessem sentir em posição vantajosa nas negociações para a criação de uma pátria judaica. Whitehall e Chatham House mantiveram o esforço guerreiro dos *yishuvs* tanto em segredo como os maiores segredos da guerra. Rommel não chegou à Alexandria, pois as defesas de Estalinegrado nunca foram derrubadas. Quando a maré mudou a favor dos Ingleses, os Árabes deixaram de esperar que os Alemães os libertassem. Precipitadamente, «declaram guerra» à Alemanha. O principal objectivo das declarações de guerra era obter voto nas conferências de paz e prejudicar os Sionistas, que não tinham voto, mas apenas o sangue dos seus filhos como provado esforço despendido.

EXODUS 417

Apesar da magnífica folha de serviços dos *yishuvs*, os Ingleses não revogaram o Livro Branco. Apesar da traição dos Árabes e de estes não terem mexido uma palha, não o revogaram. Nem mesmo com as pavorosas notícias do assassinio de 6 milhões de judeus os Ingleses permitiam que os sobreviventes entrassem na Palestina.

O Haganah agitou-se. As suas fileiras estavam cheias de soldados experimentados, mas tinham sido os Macabeus a fazer tréguas! Uma série de bombardeamentos terroristas sacudiu a Palestina de ponta a ponta e fez os Ingleses voltarem aos seus fortes Taggart. Os Macabeus, que agora se contavam por milhares, dinamitavam as instalações britânicas uma após outra.

O general Haven-Hurst perseguiu os Macabeus. Com surpreendente rapidez apanhou-os em armadilhas e deportou várias centenas de chefes macabeus para o Sudão. Mas os vingativos guerreiros de Akiva não desanimaram.

Haven-Hurst ordenou que fossem chicoteados os macabeus recentemente capturados. Os Macabeus responderam apanhando soldados britânicos e chicoteando-os em público.

Foram enforcados macabeus. Foram apanhados e enforcados soldados ingleses. Algumas balas e granadas dos Macabeus atingiram o alvo, matando alguns dos mais conspícuos oficiais anti-semitas.

Os Árabes perpetraram crimes violentos e sórdidos em resposta aos Macabeus. O terror imperava na Terra Santa.

Haj Amin el Husseini foi incluído na lista dos criminosos de guerra pelo Governo jugoslavo. Tinha-se arvorado era chefe espiritual dos muçulmanos jugoslavos que combateram pelo exército alemão. Foi mandado para França sob prisão. Todavia, os Ingleses queriam El Husseini vivo e pronto a provocar distúrbios quando tornassem a precisar dele; ajudaram-no por isso a fugir para o Egipto, onde foi recebido como herói muçulmano. Na Palestina, o seu sobrinho Jemal ascendia a chefe da comunidade árabe.

Iniciava-se uma nova fase da história que colocava os Estados Unidos em posição de nova potência do Médio oriente. Como, além disso, muitas comunidades judaicas da Europa tinham sido simplesmente eliminadas, os judeus

418 LEON URIS

dos Estados Unidos, juntamente com outras pessoas, tornaram-se os chefes mundiais do movimento sionista.

Com a ascensão da América, os Ingleses propuseram um inquérito anglo-americano à questão da Palestina. Este *comité* fez outro exame exaustivo a árabes e *yishuvs*.

Deslocou-se aos campos de refugiados na Europa e chegou à única conclusão humana possível «DEVE SER PERMITIDA A ENTRADA IMEDIATA DE 100000 JUDEUS NA PALESTINA.»

Os Ingleses, então, levantaram obstáculos: punham como condição a dissolução imediata do Haganah e do Palmach; consideravam a resolução absurda; e encontraram mais uma dúzia de razões para não seguir as recomendações do *comité*.

Os Árabes estavam tão inflexíveis como os Macabeus: por todo o mundo árabe houve revoltas e protestos contra a comissão anglo-americana.

Finalmente, a Central Yishuv perdeu a paciência.

Enviou o Palmach e o Haganah numa série de incursões devastadoras às posições britânicas.

Os Ingleses fizeram entrar dezenas de milhares de soldados e transformaram o país num Estado-polícia. Fizeram prisões em massa, detendo centenas de chefes importantes da Yishuv e enviando-os para a prisão de Latrum.

Num contra-ataque magistral, o Haganah dinamitou todas as pontes da Palestina numa só noite.

A Aliyah Bet fazia cada vez mais pressão contra o bloqueio britânico.

Finalmente, o ministro dos Estrangeiros britânico pronunciou um discurso anti-semita em que declarou que dali em diante cessava toda a imigração.

A resposta a este discurso partiu dos Macabeus. Os Ingleses tinham o seu quartel-general na ala direita do Hotel do Rei David, em Jerusalém. Este hotel ficava na Cidade Nova, dando as traseiras e os jardins para a muralha da cidade Velha. Vários macabeus, vestidos de árabes, entregaram umas dúzias de enormes latas de leite na cave do hotel. As latas foram dispostas sob a ala direita, Por baixo do quartel-general britânico: estavam cheias de dinamite. Colocaram os reguladores do tempo, limparam o

EXODUS 419

local e telefonaram aos Ingleses, avisando-os de que saíssem do edifício. Os Ingleses riram-se, pensando que os Macabeus estavam a pregar-lhes uma partida. Certamente que apenas queriam metê-los a ridículo, não ousando atacar os quartéis-generais ingleses!

Minutos depois ouviu-se uma explosão de lado a lado da Palestina a ala direita do Hotel do Rei David tinha sido reduzida a cisco!

CAPÍTULO XIX

O *Exodus* foi considerado pronto e em condições de fazer a viagem para a Palestina.

Ari fixou a partida para a manhã seguinte à festa da Chanukah, que a direcção do Hotel Dome preparara no terraço do edifício.

Havia trezentos convidados. A pequena comunidade judaica de Chipre e a tripulação do *Exodus* estavam sentadas na longa mesa principal. O júbilo foi indiscutível quando as crianças, de fatos novos, correram para o terraço e receberam uma quantidade enorme de presentes do povo de Chipre e dos soldados””da guarnição. As crianças guardaram um presente cada uma e ofereceram os restantes aos campos de detenção de Caraolos. As mesas abarrotavam e as crianças davam gritos de prazer. O terrível sacrifício da greve da fome já passara; tinham suportado o seu fardo como adultos e agora podiam comportar-se como crianças felizes e completamente à vontade. A toda a volta do terraço, dezenas de soldados gregos e britânicos observavam os festejos com curiosidade.

Karen olhou em volta, procurando ansiosamente Kitty, e alegrou-se quando a viu a alguma distância, de pé com Mark Parker junto do corrimão.

Venha, Kitty gritou Karen, há aqui um lugar Para si.

A festa é tua respondeu Kitty. Eu fico só a ver.

Depois de todos terem aberto os seus presentes, David Ben Ami, que estava na mesa principal, levantou-se. O ter-

420 LEON URIS

raço tornou-se absolutamente silencioso quando ele principiou a falar; apenas se ouvia o constante zumbido do mar por detrás dele.

Esta noite comemoramos o primeiro dia da Chanukah disse David. Comemoramos este dia em honra de Judas Macabeu, dos seus bravos irmãos e do seu fiel grupo de homens vindos dos montes da Judeia para combater os Gregos, que escravizavam o nosso povo.

Alguns jovens aplaudiram.

O grupo de Judas Macabeu era pequeno e os Gregos eram fortes e poderosos e governavam o mundo inteiro. Mas Judas Macabeu tinha fé e acreditava que o único Deus verdadeiro lhe mostraria o caminho. Judas era um combatente extraordinário e enganou os Gregos repetidas vezes. Os seus homens eram os melhores guerreiros, porque a fé de Deus estava nos seus corações. Os Macabeus tomaram Jerusalém de assalto e expulsaram da Ásia Menor os Gregos que a governavam.

Seguiu-se uma tempestade de aplausos.

Judas entrou no Templo e os seus guerreiros deitaram por terra o ídolo de Zeus e dedicaram novamente o Templo ao verdadeiro Deus, o mesmo Deus que nos auxiliou a todos na nossa luta contra os Ingleses.

Kitty Fremont escutava o que David ia dizendo sobre o renascimento da nação judaica. Olhou para Karen e para Dov Landau e olhou para Mark e baixou os olhos.

Nessa altura sentiu alguém a seu lado: era o brigadeiro Bruce Sutherland.

Esta noite acenderemos a primeira vela do Menorah. Todas as noites acenderemos uma vela até que haja oito. Chamamos a Chanukah a «Festa das Luzes».

David Ben Ami acendeu a primeira vela e as crianças proferiram exclamações.

Amanhã à noite acenderemos a segunda vela da Chanukah no mar e na noite seguinte acenderemos a terceira em Eretz Israel.

David colocou um pequeno solidéu na cabeça e abriu a Bíblia.

«Ele não suportará que o teu pé se mova. Aquele que te guarda não dormirá.»

EXODUS 421

Os olhos de Kitty detiveram-se na mesa principal. Olhou para ele, Zev Gilboa, o lavrador da Galileia, Joab Yarkoni, o judeu marroquino, e David Ben Ami, o estudioso de Jerusalém. Observou Ari Ben Canaan. Agora, que lhe era permitido descansar das suas provações, os olhos de Ari estavam fatigados. David pousou a Bíblia e continuou a falar de memória.

«Prestai atenção!» disse David. «Aquele que guarda Israel não deve repousar nem dormir.»

Um arrepio gelado percorreu o corpo de Kitty Fremont. Fixava os olhos no rosto fatigado de Ari Ben Canaan.

«Prestai atenção!... Aquele que guarda Israel não deve repousar nem dormir.»

As velhas máquinas do *Exodus* gemiam à medida que o barco deslizava para o centro do porto de Cirénia, virava e se fazia ao mar, em direcção à Palestina.

Ao alvorecer do segundo dia todos avistaram terra imediatamente.

A Palestina!

Eretz Israel!

Das crianças partiam risos histéricos, choros, cantos e explosões de júbilo.

O pequeno rebocador chegou à vista de terra e a sensacional notícia espalhou-se pelos *yishuvs*. As crianças que tinham vergado o Império Britânico estavam a chegar!

O *Exodus* espadanava, entrando no porto de Haifa por entre os silvos de sereias e apitos de boas-vindas. As saudações iam desde Haifa até às aldeias, aos *kibbutzim*, aos *moshavim*, até Jerusalém, ao edifício da Central Yishuv.

Vinte e cinco mil judeus amontoavam-se no cais de Haifa para aclamar o decrepito barquinho. A Orquestra Filarmónica da Palestina tocou o hino judaico *Hatikvah* (*Esperança*).

Lágrimas corriam pelas faces de Karen Hansen Clement ao erguer os olhos para o rosto de Kitty.

O *Exodus* chegara à pátria!

LIVRO TERCEIRO

OLHO POR OLHO

*...deves dar vida por vida, olho por
olho, dente por dente, mão por mão,
pé por pé, queimadura por queimadura.*

(Palavras de Deus a Moisés
no Exodus)

CAPÍTULO I

Uma fila de autocarros prateados e azuis da Cooperativa de Autocarros da Palestina esperava as crianças no cais. As manifestações oficiais tinham sido reduzidas ao mínimo. As crianças foram metidas nos autocarros e levadas rapidamente do porto, escoltadas por veículos britânicos blindados. A banda tocava e a multidão aplaudia, enquanto os carros se afastavam. Karen abriu a janela e gritou por Kitty, mas, com o ruído que havia, ela não a ouviu. Os autocarros desapareceram e a multidão dispersou. Quinze minutos depois, o cais estava deserto, à excepção de um grupo de estivadores e de alguns soldados britânicos de serviço.

Kitty manteve-se imóvel junto à amurada do *Exodus*, aturdida pela brusca mudança. Era difícil compreender onde estava. Observou Haifa: achou-a bonita, com essa beleza especial que têm as cidades construídas sobre colinas e em volta de uma baía. Perto do litoral ficava o sector árabe, composto por grupos de edifícios cheios de gente. O sector judaico estendia-se, com o feitio de um dedo, por toda a longa encosta do monte Carmelo. Kitty olhou para a esquerda, um pouco para além de Haifa, e viu a forma futurista dos tanques e edifícios da mesma refinaria de petróleo de Haifa, término das condutas vindas dos campos de Mossul. Numa doca próxima viu navios velhos e desconjuntados pertencentes à Aliyah Bet que, tal como o *Exodus*, tinham conseguido chegar à Palestina. Zev, David e Joab interromperam os pensamentos de Kitty ao despedir-se dela, agradecendo-lhe e dizendo que

426 LEON URIS

esperavam voltar a vê-la. Depois também eles partiram, e Kitty ficou só.

É uma cidade bonita, não é?

Kitty voltou-se. Ari Ben Canaan estava por trás dela.

Fazemos sempre passar por Haifa os nossos convidados a caminho da Palestina. Causa-lhes uma primeira impressão agradável.

Para onde vão os pequenos? perguntou ela.

Serão distribuídos por centros de jovens da Aliyah.

Alguns centros estão localizados num *kibbutz*, outros têm as suas aldeias próprias. Daqui a alguns dias poderei dizer-lhe onde está a Karen.

Ficar-lhe-ei muito grata.

Quais são os seus planos, Kitty?

Ela riu ironicamente.

Estava justamente a perguntar isso mesmo a mim própria, entre outras coisas. Sou aqui uma estranha, Sr. Ben Canaan, e sinto-me um pouco ridícula neste momento, perguntando a mim própria como vim cá parar.

Ah, a boa enfermeira Fremont tem uma profissão em que há sempre vagas. Hei-de encontrar um lugar em qualquer parte.

Porque não me deixa ajudá-la a obter uma colocação?

Deve estar bastante ocupado. Aliás, consigo sempre arranjar-me.

Ora, escute. Penso que a Aliyah dos Jovens lhe serviria perfeitamente. O chefe da organização é meu amigo íntimo. Tratarei de lhe arranjar um emprego.

Isso é muito amável, mas não quero abusar.

Que disparate, não me incomoda nada... Se suporta a minha companhia durante uns dias, terei muito prazer em levá-la a Jerusalém. Primeiro tenho de ir a Telavive em serviço, mas até convém... dar-me-á oportunidade para tratar do seu emprego.

Não quero que se sinta obrigado a isso.

Faço-o porque quero disse Ari.

Kitty teve vontade de soltar um suspiro de alívio.

Sentia-se nervosa por estar sozinha num país estranho.

Sorriu e agradeceu-lhe.

EXODUS 427

Ótimo disse Ari. Esta noite teremos de ficar em Haifa, por não ser permitido utilizar as estradas a esta hora. Arranje uma mala com o suficiente para uns dias. Se levar muitas coisas consigo, os Ingleses revistam-lhe as malas de cinco em cinco minutos. Mandarei selar o resto das suas coisas e depositá-las na alfândega.

Depois das formalidades alfandegárias, Ari chamou um táxi e subiram o monte Carmelo em direcção ao sector judaico, que se estendia por várias colinas. Próximo do cimo, pararam numa pequena pensão entre pinhais.

É melhor ficarmos aqui. Conheço imensa gente e não me deixariam um instante se ficasse no centro da cidade. Vá descansar. Vou descer o monte e tomar um táxi. Estou de volta à hora do jantar.

Naquela noite, Ari levou Kitty a um restaurante mesmo no cimo do monte Carmelo donde se avistava toda a região.

O panorama era admirável. A encosta estava coberta de árvores, entre as quais se descortinavam casas de pedra castanha e prédios de arrendamento, todos em puro estilo árabe. A refinaria de petróleo, de formas estranhas, vista desta altura, parecia apenas um ponto. À medida que escurecia iam surgindo fileiras douradas de luzes descendo pela estrada que serpenteava desde Haifa a Carmelo até ao sector árabe do litoral.

Kitty estava entusiasmada e agradada com as súbitas provas de atenção que Ari lhe dispensava. Ficou surpreendida com o modernismo da parte judaica de Haifa. Era muito mais moderna do que Atenas ou Salónica! Sentiu-se mais à vontade quando o criado se lhe dirigiu em inglês e algumas pessoas conhecidas de Ari pararam junto da mesa deles para trocar cumprimentos.

No fim da refeição beberam brande. Kitty tinha um ar grave e contemplava o panorama.

Ainda está surpreendida por estar aqui?

Muito. Parece mentira.

Há-de verificar que somos bastante civilizados e que às vezes até sou capaz de ser gentil... Sabe, nunca lhe agradeci convenientemente.

Não teve de quê. Está a agradecer-me de uma ma-

428 LEON URIS

neira muito agradável. Só me lembro de um local tão belo como este.

Talvez S. Francisco?

Já lá estive, Ari?

Não. Mas todos os americanos dizem que Haifa lhes faz lembrar S. Francisco.

Tinha escurecido completamente e as luzes cintilavam em toda a encosta do monte Carmelo. Uma pequena orquestra começou a tocar música ligeira; Ari serviu outro brande a Kitty e trocaram brindes.

De repente, a música parou. Cessaram todas as conversas.

Vindo a uma velocidade assustadora, parou diante do restaurante um camião cheio de tropas britânicas, que o cercaram. Seis soldados sob o comando de um capitão entraram e olharam em volta. Começaram a circular por entre as mesas, parando em algumas e pedindo os documentos de identificação.

Isto é simples rotina disse Ari em voz baixa.

Há-de habituar-se.

O capitão olhou para a mesa de Ari e dirigiu-se para lá.

Olhem o Ari Ben Canaan disse ele com voz trocista.

Já há muito tempo que não vemos o seu retrato.

Ouvi dizer que tem andado a provocar distúrbios por outras paragens.

Boa noite, tenente disse Ari. Apresentá-lo-ia se me lembrasse do seu nome.

O capitão riu por entre dentes.

Bem, eu lembro-me do seu. Temos andado a vigiá-lo, Ben Canaan. A sua velha cela na prisão de Acre sente a sua falta. Quem sabe, talvez o alto-comissário desta vez tenha a esperteza de o mandar enforcar.

O capitão fez uma saudação trocista e continuou a andar.

Uma bela recepção na Palestina! disse Kitty.

Que pessoa tão antipática!

Ari aproximou-se de Kitty e falou-lhe ao ouvido:

É o capitão Allan Bridges. É um dos melhores amigos do Haganah. Avisa-nos de todos os passos dos Árabes e dos Ingleses na zona de Haifa. Era tudo a fingir.

EXODUS 429

Kitty sacudi a cabeça, atónita. A patrulha saiu com dois judeus cujos documentos pareciam não estar em ordem

A orquestra importunou-os com o hino britânico.

O camião partiu, e momentos depois era como se nada tivesse acontecido, mas Kitty estava um pouco aturdida com o imprevisto de tudo aquilo e surpreendida com a calma das pessoas.

Passado um tempo, aprende-se a viver sob tensão disse Ari, observando-a. Há-de habituar-se. É uma terra cheia de gente excitável. Daqui a uns tempos não saberá que fazer quando houver uma dessas raras semanas de paz e calma. Não lamente ter vindo precisamente quando...

Ari foi interrompido por um estrondo que fez bater as janelas e chocalhar os pratos nas mesas. Viram num relance uma grande bola de chamas cor de laranja subindo violentamente para o céu. Seguiu-se outra série de explosões que abalaram os alicerces do restaurante.

Ouviram-se gritos:

A refinaria de petróleo!... Apoderaram-se da refinaria!...

É um ataque dos Macabeus!

Ari agarrou na mão de Kitty.

Vamos sair. Daqui a dez minutos o vale do Carmelo está cheio de soldados ingleses.

O café esvaziou-se num segundo; Ari conduziu Kitty rapidamente. Aos pés deles o petróleo ardia velozmente e toda a cidade era perpassada pelos frenéticos silvos das sireias dos carros de bombeiros e das patrulhas britânicas.

Kitty esteve acordada uma grande parte da noite, tentando compreender os factos imprevistos e violentos de que fora testemunha. Ainda bem que Ari estava com ela. Habituar-se-ia a viver assim? O seu espírito estava demasiado confuso para poder pensar no assunto, mas naquele momento pareceu-lhe que a sua vinda para a Palestina fora um erro lamentável.

Na manhã seguinte, a refinaria de petróleo ainda estava em chamas. Uma nuvem de espesso fumo pairava sobre toda Haifa. Espalhou-se a notícia de que o ataque tinha sido obra dos terroristas macabeus. Fora dirigida por Ben Moshe (Filho de Moisés), o lugar-tenente de Akiva; Ben

430 LEON URIS

Moshe fora professor da Universidade Judaica antes de atingir a alta patente que tinha entre os Macabeus. A par deste ataque dos Macabeus, outro se verificou, dirigido contra o aeródromo de Lida, noutra ponta da Palestina onde os terroristas destruíram *Spitfires* de combate no valor de 6 milhões de dólares. Eram as boas-vindas dos Macabeus ao *Exodus*.

Ari tinha conseguido adquirir um pequeno *Fiat* de 1933. Em condições normais, a viagem para Telavive demorava apenas algumas horas. Como nunca tinha conhecido condições normais, Ari sugeriu que partissem cedo de Haifa. Desceram o monte Carmelo e seguiram pela estrada marginal, ao longo dos limites de Samaria. Kitty estava impressionada com a verdura dos campos dos *kibbutzim*, cuja cor sobressaía ainda mais em contraste com o acastanhado dos montes e a pálida luz do Sol. Mal tinham saído de Haifa, encontraram a primeira estrada bloqueada. Ari avisara Kitty de que devia contar com isso. Ela observava as reacções dele. Não parecia de modo algum preocupado, apesar de muitos soldados o terem reconhecido e lembrado em termos agressivos que a sua amnistia era apenas temporária.

Ari saiu da estrada principal e dirigiu-se às ruínas de Cesareia, sobre o mar. Tinham-lhes arranjado um lanche na pensão e comeram-no sentados na antiga muralha. Ari apontou para Sdot Yam (Campos do Mar), o *kibbutz* onde Joab Yarkoni vivia e onde trabalhara para a Aliyah Bet quando aí ancoravam os barcos clandestinos, durante os tumultos de 1936-1939. Ari mostrou a Kitty a cidade árabe construída sobre ruínas umas dos Romanos, outras dos Cruzados. Os Árabes eram peritos em edificar sobre as civilizações de outros povos; em mil anos apenas tinham construído uma cidade completamente nova em toda a Palestina. Estátuas e colunas romanas belíssimas tinham sido retiradas de Cesareia e levadas para casas árabes dos distritos de Samaria e do Sharon.

Depois do almoço seguiram para o sul, em direcção a Telavive. Não havia muito trânsito: apenas um ou outro autocarro de árabes ou judeus ou a eterna carroça de burros. De vez em quando, uma série de viaturas inglesas

EXODUS 431

passava a toda a velocidade, fazendo sibilar as sereias. Ao entrarem pela zona árabe, Kitty notou o contraste dessas aldeias e terras com as judaicas. As mulheres árabes labutavam nos campos pedregosos e despidos de vegetação, ou caminhavam pelas estradas envoltas em incômodos mantos e equilibrando enormes cargas à cabeça. Os cafês ao longo da estrada estavam cheios de homens apáticos, sentados, em perfeita imobilidade, ou deitados, jogando o gamão. Em Zichorn Yakov (Memória de Jacob) passaram pelo primeiro forte Taggart cercado de arame farpado e de aspecto sinistro. Em Hadera, um pouco adiante, passaram por outro, e daí em diante parecia surgir um em cada cidade e encruzilhada. Depois de Hadera, a terra da planície do Sharon era ainda mais fértil. Atravessaram longos túneis de eucaliptos australianos.

Tudo o que aí vê ainda há vinte e cinco anos era um deserto disse Ari.

À tarde entraram em Telavive (Colina da Primavera). Sobre a costa mediterrânica erguia-se esta cidade, tão branca que feria os olhos. Telavive lembrava claras de ovos batidas sobre um bolo. Ari seguia agora por avenidas largas e orladas de árvores, entre filas de casas ultramodernas. A cidade era barulhenta e movimentada. Kitty gostou de Telavive logo que a viu.

Na Rua de Hayarkon, mesmo sobre o mar, Ari parou no Hotel de Gat Rimon.

Quando a tarde já ia adiantada, depois da sesta, as lojas reabriram. Ari e Kitty desceram lentamente a Estrada de Allenby. Kitty quis trocar dinheiro, fazer algumas compras e satisfazer a sua muita curiosidade. Para lá do Teatro Mograbi e da praça, a estrada estava cheia de pequenas lojas, do buzinar dos autocarros e automóveis e de pessoas que caminhavam apressadas. Kitty quis ver até a mais Pequena loja. Havia uma dúzia ou mais de livrarias, e Kitty deteve-se a olhar as misteriosas letras hebraicas. Continuaram a caminhar até à Avenida de Rothschild, para lá do bairro comercial mais importante. Aqui ficava a cidade velha, onde Telavive começara como uma excrescência de Jafa. Quanto mais se entrava na cidade árabe,

mais miseráveis eram os prédios e as lojas. Caminhando pelas ruas que ligavam as duas cidades, Kitty sentia-se como se estivesse a retroceder no tempo. Os bairros eram mais sujos e malcheirosos e as lojas mais pequenas e pobres. Deram a volta e regressaram a Telavive atravessando um mercado comum a Judeus e Árabes. Na rua estreita amontoavam-se pessoas que regateavam em volta dos lugares. Regressaram pela Estrada de Allenby e voltaram à Praça de Mograbi. Entraram noutra rua larga e orlada de árvores era a Rua de Ben Yehuda, cheia de cafés nos passeios. Cada café tinha o seu aroma característico e a sua clientela especial. Havia o café dos advogados, o dos políticos socialistas, o dos artistas e o dos comerciantes. Havia um café onde iam simpatizantes dos terroristas e outro de velhos reformados que jogavam infundáveis partidas de xadrez. Todos os cafés da Rua de Ben Yehuda estavam cheios e a tagarelice e as discussões eram constantes. Os vendedores dos pequenos jornais de quatro páginas anunciavam em hebreu os ataques dos Macabeus a Lida e à refinaria de petróleo e a chegada do *Exodus*. O vaivém de gente era contínuo. Havia orientais com os seus trajos próprios e havia mulheres de vários países europeus, vestidas segundo a última moda. Havia sobretudo judeus de calças de caqui e camisas brancas abertas no peito e que ao pescoço traziam fios com uma estrela de David ou outro emblema hebreu. A maior parte usava um bigode negro, que se tornara uma tradição dos Judeus. Era gente tosca, muitos deles vestidos de azul a cor do *kibbutz* e calçando sandálias. As mulheres eram altas e magras e usavam vestidos simples, calças compridas ou calções. Havia nelas uma certa agressividade e orgulho, até na maneira de andar. De repente, a Rua de Ben Yehuda ficou silenciosa. Kitty recordou-se de que era a mesma calma súbita da noite anterior, no restaurante de Haifa. Um camião britânico blindado desceu até meio da rua. Soldados ingleses de expressão dura estavam no carro, armados de metralhadoras.

EXODUS 433

«ATENÇÃO, JUDEUS. O COMANDO-GERAL DEU ORDEM de RECOLHER. TODOS OS JUDEUS DEVEM DEIXAR DE ANDAR NAS RUAS QUANDO ESCURECER. ATENÇÃO, JUDEUS. O COMANDO-GERAL DEU ORDEM DE RECOLHER. TODOS OS JUDEUS DEVEM DEIXAR DE ANDAR NAS RUAS QUANDO ESCURECER.»

Um murmúrio de aplausos e risos partiu dos transeuntes.

Tem cuidado, inglês gritou alguém. A próxima esquina está minada.

Depois de os camiões passarem, tudo voltou rapidamente à normalidade.

Voltemos ao hotel propôs Kitty.

Já lhe disse que se vai habituar de tal maneira a isto que dentro de um mês já não pode viver sem estas emoções.

Nunca me habituarei a isto, Ari.

Regressaram ao hotel com as mãos cheias das compras que Kitty fizera. Depois dos *cocktails* no pequeno e sossegado bar, jantaram no terraço sobranceiro ao mar. Kitty via a costa desde a nova cidade de Telavive até à velha Jafa, o mais velho porto do mundo.

Muito obrigada por este dia, que foi muito agradável, apesar das patrulhas britânicas e das estradas bloqueadas.

Terá de perdoar-me disse Ari. Depois do jantar tenho de sair por algum tempo.

E a ordem de recolher?

Isso aplica-se só aos Judeus respondeu Ari.

Ari deixou Kitty e partiu de Telavive para a cidade de Ramat Gan (Monte do Jardim) que ficava próxima.

Fazia um grande contraste com Telavive e os seus Prédios de arrendamento, pois era uma cidade de moradias entre relvados, árvores e jardins. As casas eram de estuque, com telhados de telha vermelha, e iam desde Pequenas moradias a grandes vivendas. Ari arrumou o carro e caminhou durante mais de meia hora, para se certificar de que não era seguido.

E. - 28

434 LEON URIS

Chegou à Rua de Montefiore. ao n.º 22 uma grande vivenda propriedade de um certo Dr. Y. Tamir. Este apareceu à porta, cumprimentou Ari com um aperto de mão cordial, e ambos desceram as escadas em direcção à cave.

A casa de Tamir era o quartel-general do Haganah!

Na cave estavam guardadas munições e armas e um prelo que imprimia panfletos em árabe, aconselhando os Árabes a manter a calma e a paz. Noutra secção da cave, uma rapariga falava em árabe para um gravador de fita magnética, repetindo o conteúdo dos panfletos. A gravação seria mais tarde transmitida pela estação de rádio secreta, Kol Israel (Voz de Israel). O fabrico de granadas de mão e a montagem de espingardas *Sten* de fabrico nacional contavam-se também entre as actividades do quartel-general clandestino.

As actividades cessaram quando o Dr. Tamir apareceu com Ari. Todos rodearam este último, felicitando-o pelo caso do *Exodus* e bombardeando-o com perguntas.

Daqui a bocado, daqui a bocado suplicava o Dr. Tamir.

Tenho de falar com Avidan disse Ari.

Passou pelos montes de caixotes de armas e dirigiu-se a um gabinete isolado; bateu à porta.

Quem é?

Ari abriu a porta e ficou diante do lavrador calvo e atarracado que comandava o exército secreto. Avidan levantou os olhos da sua secretária desconjuntada e sorriu.

Ari! *Shalom!* Levantou-se de um salto e passou os braços em volta do pescoço de Ari; empurrou-o para uma cadeira, fechou a porta e bateu com força nas costas do jovem. Que prazer em ver-te, Ari! Pregaste uma boa partida aos Ingleses... Onde estão os rapazes?

Mandei-os para casa.

Fizeste bem. Merecem uns dias de descanso. Descansa tu também alguns dias.

Era uma recompensa importante da parte de Avidan, que durante um quarto de século não tivera um dia para si próprio.

Quem é a rapariga com quem vieste?

Uma espia árabe. Não sejas tão bisbilhoteiro.

EXODUS 435

É uma das nossas amigas?

Não, não é. Nem sequer é simpaticante.

Que pena! Podíamos servir-nos de uma boa cristã americana.

Não, é apenas uma mulher simpática que olha para os Judeus como se estivesse a olhar para a jaula de um jardim zoológico. Levo-a amanhã para Jerusalém para falar com a Harriet Saltzman para lhe arranjar um emprego na Aliyah dos Jovens.

É uma amiga pessoal, talvez?

Não, santo Deus! Agora volta a tua curiosidade judaica para outra coisa.

A sala estava abafada. Avidan puxou por um grande lenço azul e limpou o suor da cabeça calva.

Tivemos ontem uma linda recepção dos Macabeus.

Ouvi dizer que a refinaria vai arder durante uma semana. Vão ficar sem nada.

Avidan sacudiu a cabeça em sinal de reprovação.

Ontem fizeram um bom trabalho mas anteontem e depois de amanhã? Fazem três maus ataques por cada um bom. De todas as vezes que recorrem à brutalidade ou aos massacres indiscriminados todos os *yishuv*s sofrem.

Somos nós que respondemos pelas acções dos Macabeus.

Amanhã o general Haven-Hurst e o alto-comissário estão caídos na Central Yishuv; vão dar murros na secretária de Ben Gurion, exigindo que usemos o Haganah para os apanharmos. Juro que às vezes não sei que fazer. Até agora os Ingleses ainda não vieram pedir contas ao Haganah, mas receio que se o terror dos Macabeus continuar...

Agora até recorrem ao assalto de bancos para financiar as suas Operações.

Bancos ingleses, espero eu. Ari acendeu um cigarro, levantou-se e passeou pelo pequeno gabinete. Talvez tenha chegado a ocasião de prepararmos nós alguns bons ataques.

Não... não podemos pôr o Haganah em perigo.

Cabe-nos a nós defender todos os judeus. Imigração clandestina... é com isso que os combateremos por agora.

Um resultado como o do *Exodus* é mais importante do que dinamitar dez refinarias de Haifa.

436 LEON URIS

Mas há-de chegar o dia em que entraremos em acção, Avidan. Ou temos um exército ou não temos. Avidan tirou algumas folhas de papel da gaveta da secretária e passou-as a Ari. Este folheou-as: «Ordem de batalha, 6.^a Divisão Aérea.»

Ari ergueu os olhos.

Têm três brigadas de pára-quedistas?

Continua a ler.

«Corpo real blindado e hussardos do rei, 53.^a Worcestershire, 249.^a artilharia aérea, dragões, lanceiros reais, tropas da rainha, East Surrey. Middlesex, montanheseiros de Gordon, carabineiros, regimento de Hertfordshire» a lista das tropas britânicas na Palestina não tinha fim. Ari atirou os papéis para a secretária de Avidan.

Quem é que eles vão combater, o exército russo?

Vês, Ari? Todos os dias mostro a alguns jovens exaltados do Palmach. Porque não fazemos ataques? Porque não entramos em luta? Pensas que gosto das coisas como estão? Ari... eles têm aqui 20% das forças de combate do exército britânico. Cem mil homens, não contando com a Legião Árabe da Transjordânia. Claro, os Macabeus andam por aí aos tiros, põem-se em foco e acusam-nos de nos escondermos. Avidan bateu com o punho na secretária. Por Deus, estou a tentar formar um exército. Mas ainda nem sequer temos dez mil espingardas com que lutar, e se o Haganah se for, todos nós vamos com ele. Vês, Ari... os Macabeus podem deslocar-se facilmente e esconder-se. Nós temos de estar parados e continuar assim. Não podemos tomar atitudes. Tão-pouco podemos irritar o Haven-Hurst. Há aqui um soldado inglês por cada cinco judeus.

Ari pegou novamente na lista de tropas britânicas e analisou-a em silêncio.

A recolha de informações dos Ingleses, os postos militares, os ataques, aumentam de dia para dia. Os Árabes estão a fortalecer-se enquanto os Ingleses fingem que não vêem.

Ari acenou com a cabeça.

Não te vou já dar que fazer. Vai para casa, descansa uns dias e depois apresenta-te no Palmach do *kibbutz* ”e

EXODUS 437

Ein Or. Quero que avalies das nossas forças em todos os colonatos da Galileia. Queremos saber o que será possível conservar... e o que teremos de perder.

Nunca te ouvi falar assim, Avidan.

As coisas nunca correram tão mal. Na conferência de Londres, os Árabes recusaram-se até a sentar-se à mesma mesa e a falar connosco.

Ari caminhou para a porta.

Saudades a Barak e a Sara e diz a Jordana que tenha juízo, agora que o David Ben Ami está de volta. Vou mandá-lo, bem como aos outros rapazes, para Ein Or. . Estarei amanhã em Jerusalém disse Ari. Queres alguma coisa?

Sim, arranja-me dez mil homens e armas para os equipar.

Shalom, Avidan.

Shalom, Ari. Ainda bem que estás de volta.

À medida que se encaminhava para Telavive, Ari ia ficando deprimido. Tempos atrás, em Chipre, dissera ao jovem David Ben Ami que no Haganah, no Palmach e na Aliyah Bet se tentam muitos planos, dos quais uns resultam, enquanto outros falham, e que um profissional deveria fazer o seu trabalho sem se deixar levar pela emoção. Ele era como uma máquina um operador eficiente e ousado que umas vezes ganhava e outras perdia. Mas de tempos a tempos encarava as coisas com realismo e quase se sentia vencido.

O *Exodus*, a refinaria de Haifa, uma incursão aqui, outra incursão acolá. Morriam homens por passarem clandestinamente cinquenta espingardas; eram enforcados homens por fazerem entrar ilegalmente cem sobreviventes em perigo. Sentiu-se um anão lutando contra um gigante. Desejou, naquele momento, ter a fé de David Ben Ami na intervenção divina, mas ele, Ari, era um materialista. Kitty Fremont esperava no pequeno bar o regresso de Ari. Ele tinha sido tão amável para ela que queria esperá-lo, conversar um pouco e tomar uma ou duas bebidas antes de se deitar. Viu-o atravessar o átrio e pedir a chave ao balcão.

Ari! chamou ela.

438 LEON URIS

O rosto de Ari traduzia a profunda concentração do primeiro dia em que o vira em Chipre. Acenou-lhe com a mão, mas ele não deu mostras de a ver ou ouvir. Olhou para ela e subiu as escadas, dirigindo-se ao seu quarto.

CAPÍTULO II

Dois autocarros transportando cinquenta crianças do *Exodus* ultrapassaram o *tel* das ruínas de Hazor e entraram no vale do Huleh. Durante toda a viagem através da Galileia, os pequenos passageiros tinham ido debruçados às janelas batendo palmas, acenando e apontando, maravilhados, para a terra há muito prometida.

Dov! É tudo tão bonito! exclamou Karen.

Karen interpretou o resmungo de Dov como significando que não via razão para tanto espalhafato.

Penetraram no Huleh até Yad El, berço de Ari Ben Canaan. Neste ponto da estrada principal partia um caminho que ia dar aos montes da fronteira com o Líbano.

As crianças viram a tabuleta apontando para Gan Dafna e, à exceção do mal-humorado Dov Landau, romperam em manifestações de alegria. Avançaram pela estrada sinuosa e pouco depois deparava-se-lhes uma vista completa do Huleh, atapetado com os campos verdes dos *kibbutzim* e *moshavim*. Os viveiros de peixes, rectangulares, formavam pequenos lagos em redor dos grandes pântanos do Huleh.

Afrouxaram de velocidade ao entrar na aldeia árabe de Abu Yesha, que ficava a meia encosta. Em Abu Yesha não havia vestígios da frieza ou hostilidade das outras aldeias árabes. As crianças foram saudadas com acenos cordiais. Continuaram a subir, passaram pelo marco geodésico e acharam-se na aldeia da Aliyah dos Jovens, Gan Dafna (Jardim de Dafna). Pararam diante de um grande relvado verde que media quase 50 X 100 metros; ficava no centro da aldeia, num grande planalto. Em volta do relvado estavam os edifícios dos serviços administrativos. Por toda a parte havia flores, árvores e relva. Quando as

EXODUS 439

crianças do *Exodus* se apearam, a orquestra da aldeia saudou-os com uma marcha vibrante.

No centro do relvado estava uma estátua em tamanho natural de Dafna, a rapariga que dera o nome à aldeia. Era uma figura de bronze com uma espingarda nas mãos. Olhava para o Huleh tal como no dia em que os Árabes a mataram em Ha Mishmar.

O fundador da aldeia, um homem baixo, ligeiramente corcunda o Dr. Liebermann, estava de pé junto da estátua de Dafna, fumando um grande cachimbo e recebendo os jovens. Disse-lhes em poucas palavras que saíra da Alemanha em 1934 e fundara Gan Dafna em 1940, no terreno generosamente doado à Aliyah dos Jovens por Kammal, o falecido *muktar* de Abu Yesha. O Dr. Liebermann aproximou-se dos jovens e teve para cada um uma palavra de boas-vindas, em algumas das várias línguas que conhecia. Enquanto o observava, Karen tinha a impressão de já o ter visto. Tinha o aspecto e os modos dos professores catedráticos de Colónia que conhecera quando era pequena... Mas isso ocorrera há tanto tempo que já não podia ter a certeza de nada.

Cada uma das crianças foi entregue aos cuidados de um membro da aldeia.

És tu a Karen Clement?

Sou.

Sou a Yona, a tua companheira de quarto disse uma judia egípcia um pouco mais velha do que Karen.

As duas raparigas apertaram a mão. Vem, vou levar-te ao teu quarto. Vais gostar de cá estar. '

Karen disse a Dov que o veria dali a bocado e caminhou ao lado de Yona, passando pelos edifícios públicos e salas de aula até um quarteirão de pequenas casas de campo situadas num caminho cheio de arbustos.

Temos sorte disse Yona. Temos estas casinhas para nós porque somos mais velhas.

Karen parou um momento diante da casa e olhou para ela, incrédula; depois entrou. Era muito simples, mas

Karen achou que era o quarto mais belo que alguma vez tivera. Uma cama, uma secretária, um guarda-vestidos e uma cadeira seus, só seus.

440 LEON URIS

Só ao entardecer Karen teve um momento livre. Após o jantar havia um espectáculo de boas-vindas no teatro. Karen encontrou-se com Dov no relvado junto da estátua de Dafna. Pela primeira vez depois de muitas semanas apeteceu-lhe dançar. O ar era fresco e agradável e a aldeia um paraíso! Karen tremia de felicidade. Estava junto de Dov e apontou para o grupo de casas brancas de Abu Yesha que ficavam por baixo deles numa vertente do monte. Por cima, na fronteira libanesa, ficava um forte Taggart, o Forte Ester, e lá em baixo, no fundo do vale, junto de Yad El, estendiam-se os campos pertencentes à aldeia. No topo da última colina, na longínqua extremidade do Huleh, ficava Tel Hai, onde Trumpledor fora morto. Do outro lado do vale, o monte Hermon e a Síria. Karen vestia calças compridas cor de azeitona-acastanhada, uma blusa regional de gola alta e sandálias novas. Oh, Dov! Este é o dia mais maravilhoso da minha vida gritou ela. Yona é muito divertida e disse-me que o Dr. Liebermann é o homem mais simpático do mundo. Rolou na relva, levantou os olhos ao céu e suspirou. Dov estava junto dela, mudo. Karen sentou-se, pegou-lhe na mão e puxou-o para que ele se sentasse ao seu lado. Está quieta disse ele. Ela insistiu e Dov sentou-se. Ficou nervoso quando ela lhe pegou na mão e lhe pôs a cabeça no ombro. Por favor, não estejas triste, Dov... Não estejas triste. Ele encolheu os ombros e afastou-se. Não estejas triste, por favor. Quem se importa com isso? Eu disse Karen. Eu importo-me contigo. Pois bem... preocupa-te contigo. Também me preocupo comigo. Ajoelhou-se em frente dele e agarrou-lhe os ombros. Viste o teu quarto e a tua cama? Há quanto tempo não estavas num quarto assim? Dov corou ao sentir as mãos de Karen e baixou os olhos. Pensa” só nisto, Dov. Acabaram os campos de refu-

EXODUS 441

giados... La Ciotat, Caraolos, acabaram. Acabaram os navios clandestinos. Estamos na nossa pátria, Dov, e ela é ainda mais bela do que eu imaginava.

Dov levantou-se lentamente e voltou-lhe as costas.

Este lugar é bom para ti. Eu tenho outros planos.

Esquece-os, por favor implorou - Karen.

A orquestra começou a tocar e a música chegava -até eles sobre o relvado.

Será melhor irmos andando para o teatro disse

Karen.

Quando Ari e Kitty saíram de Telavive e passaram pelo grande acampamento inglês de Sarafand, Kitty sentiu novamente a tensão que existia na Palestina. Atravessaram a cidade árabe de Ramle, na estrada para Jerusalém, e sentiram os olhos malévolos dos Árabes pousados neles.

Ari parecia esquecido dos Árabes e de Kitty. Durante todo o dia não chegara a dizer-lhe uma dúzia de palavras.

Depois de Ramle, o carro voltou para Bab el Wad, uma estrada sinuosa que ia dar aos montes da Judeia.

De ambos os lados da estrada cresciam florestas novas plantadas pelos Judeus. Nos montes viam-se antigos socalcos

que saíam da terra nua como as costelas de um cão esfaimado. Outrora, estes mesmos montes e socalcos tinham sustentado centenas de milhares de pessoas, mas agora estavam completamente carcomidos pela erosão. Por cima deles, no cimo dos montes, estavam suspensas aldeias árabes agrupadas em torrões brancos.

Aqui, em Bab el Wad, a magia da Palestina empolgou Kitty Fremont. Dizia-se que ninguém podia passar pelos montes da Judeia pela primeira vez sem sentir o poder obcecante da cidade de David. Kitty admirou-se de o sentir tão intensamente. A sua educação religiosa fora um vulgar protestantismo ocidental, encarado com sinceridade mas pouca intensidade. Quanto mais subiam mais a expectativa aumentava. Kitty sentia a presença da Bíblia, e, pela primeira vez, nestes montes silenciosos e estranhos compreendeu o que significava estar na Terra Santa.

A distância, o perfil indistinto das cidadelas de Jerusalém.

Kitty Fremont sentiu-se possuída de uma espécie de exaltação.

442 LEON URIS

Entraram na Cidade Nova, edificada pelos Hebreus e desceram a Estrada de Jafa a principal artéria comercial, de lojas cheias de gente. Às portas da cidade, Ari voltou e conduziu o carro ao longo da muralha, na direcção da Avenida do Rei David. Momentos depois paravam diante do grandioso Hotel do Rei David.

Kitty saiu do carro e ficou surpreendida ao ver a ala direita do hotel destruída.

Em tempos foi aqui o quartel-general britânico disse Ari. Os Macabeus fizeram-no mudar-se.

O hotel fora construído em pedra de Jerusalém. Era grandioso e sobrecarregado de efeitos à maneira europeia.

O vestibulo pretendia ser uma cópia da corte do rei David.

Kitty desceu primeiro para almoçar. Esperou no terraço das traseiras do hotel, que davam para um pequeno vale e para a muralha da Cidade Velha. O terraço ficava num cuidado jardim, em frente da Torre de David. Atrás de Kitty, um quarteto tocava música de salão.

Ari desceu ao terraço e estacou. Kitty estava linda!

Nunca a vira assim. Envergava um elegante vestido de *cocktail* com folhos, um chapéu de aba larga e luvas brancas.

Naquele momento sentiu-se muito longe dela. Representava todas as mulheres belas de Roma, Paris e mesmo

Berlim que pertenciam a um mundo no qual agiam de uma maneira que ele não compreendia inteiramente. Ia um ano-luz de distância de Kitty a Dafna, mas ela era, na verdade, linda.

Sentou-se.

Falei com Harriet Saltzman. Vamos ter com ela logo depois do almoço.

Obrigada. Estou muito entusiasmada com Jerusalém.

Tem poderes misteriosos. Na primeira visita todos se emocionam. Por exemplo, David Ben Ami... David nunca esqueceu Jerusalém. Vai comigo amanhã visitar a cidade. É Sabat. Quer levá-la à Cidade Velha.

Ele é muito amável em se lembrar de mim.

Ari olhou-a de perto. Presentemente ainda lhe parecia mais bonita do que quando entrou no terraço. Desviou os olhos e fez sinal a um criado; depois de dar a ordem ficou

EXODUS 443

a olhar no vago. Kitty tinha agora a sensação de que Ari se tinha comprometido a ajudá-la e estava ansioso por se libertar dessa obrigação. Durante dez minutos não disseram palavra.

Kitty serviu-se de salada.

Aborreço-o?

Claro que não.

Desde que voltou da sua reunião da noite passada tem-se comportado como se eu não existisse...

Desculpe, Kitty disse Ari sem olhar para ela.

Creio que hoje fui muito mau companheiro.

Há alguma complicação?

Há muitas, mas não lhe dizem respeito a si, nem a mim, nem à minha má-criação. Deixe-me falar-lhe de Harriet Saltzman. É americana. Já deve ter mais de 80 anos. Se no Yishuv canonizássemos pessoas, seria ela a nossa primeira santa. Vê aquele monte para lá da Cidade Velha?

Ali?

É o monte Scopus. Aqueles edifícios constituem o mais moderno centro médico do Médio Oriente. O dinheiro provém de uma associação de senhoras americanas sionistas fundada por Harriet depois da primeira guerra mundial, Quase todos os hospitais e centros médicos da Palestina foram criados pela Hadassah, a sua organização.

Tem uma actividade que parece a de uma rapariga.

Sim. Quando Hitler subiu ao poder, Harriet organizou a Aliyah dos Jovens, à qual se deve a salvação de milhares de jovens. Mantém dezenas de centros de juventude em toda a Palestina. Há-de dar-se bem com ela.

Porque diz isso?

Bem, assim como nenhum judeu que tenha vivido na Palestina pode partir sem deixar cá o coração, creio que o mesmo acontece aos Americanos. Harriet já está aqui há anos, mas ainda é muito americana.

A orquestra parou de tocar.

O silêncio caiu sobre Jerusalém: só se ouvia o grito distante de um *muezim* muçulmano chamando o seu povo à oração, do alto de um minarete na Cidade Velha. Depois

tudo voltou ao sossego, um silêncio que Kitty nunca conhecera.

Os sinos do carrilhão da torre da Associação de Jovens Cristãos iniciaram um hino e os sons inundaram montes e vales. Depois, novamente tudo voltou ao silêncio. Era tal a calma que falar seria um sacrilégio. Por momentos a vida e o tempo pareceram suspensos.

Que sensação tão maravilhosa! disse Kitty.

Os momentos desta espécie são raros actualmente disse Ari. Receio que a calma seja só aparente.

Ari viu um pequeno homem de pele cor de azeitona, de pé, à porta do terraço. Reconheceu nele Bar Israel, o agente de ligação dos Macabeus. Bar Israel acenou a Ari e desapareceu.

Quer desculpar-me por um momento? disse Ari.

Dirigiu-se ao bar, comprou um maço de cigarros e folheou uma revista. Bar Israel aproximou-se dele.

Teu tio Akiva está em Jerusalém murmurou Bar Israel. Quer ver-te.

Tenho de ir à Sociedade Colonizadora de Sião, mas estarei livre pouco depois.

Vai ter comigo ao bairro russo disse o intermediário, que se apressou a sair da sala.

A Avenida do Rei Jorge era uma larga artéria da Cidade Nova e estava orlada de edifícios dos serviços administrativos, escolas e igrejas. A Sociedade Colonizadora de Sião, um edifício de quatro andares, grande e de forma irregular, ficava numa esquina. Um longo caminho ia dar à entrada principal.

Shalom, Ari disse Harriet Saltzman, saltando de trás da secretária com uma agilidade que a sua idade não deixaria prever. Pôs-se nas pontas dos pés, passou os braços em redor do pescoço de Ari e beijou-lhe a face cordialmente. Ah, que belo trabalho fizeste em Chipre! És um excelente rapaz.

Kitty observava calmamente à entrada. A velha senhora voltou-se para ela.

Então é esta a Katherine Fremont... Minha *filha*, que bonita que é!

EXODUS 445

Obrigada, Sr.a Saltzman.

— Não me trate por «Sr.a Saltzman». Só os Ingleses e os Árabes me chamam assim. Faz-me sentir velha. Sentem-se, sentem-se. Vou pedir que tragam chá. Ou talvez prefiram café?

Pode ser chá.

Como vêes, Ari... uma rapariga americana é assim.

Harriet fez um gesto de homenagem à beleza de Kitty, com os olhos a brilhar maliciosamente.

Tenho a certeza de que nem todas as raparigas americanas são tão bonitas como a Kitty...

Deixem-se disso. Estão a deixar-me embaraçada.

Já não precisam de mim. Tenho algumas coisas a fazer, por isso vou-me embora. Kitty, se eu não vier ter consigo, importa-se de tomar um táxi para regressar ao hotel?

Vai-te embora disse a senhora. Kitty e eu vamos jantar a minha casa. Quem é que precisa de ti?

Ari sorriu e afastou-se.

É um excelente rapaz disse Harriet Saltzman.

Temos muito bons rapazes. Trabalham demasiado, morrem muito jovens. Acendeu um cigarro e ofereceu outro a Kitty. Onde é?

De Indiana.

Eu sou de S. Francisco.

É uma linda cidade disse Kitty. Visitei-a uma vez com o meu marido. Sempre esperei voltar lá um dia.

Também eu disse Harriet. Parece-me que cada ano que passa sinto mais a falta dos Estados Unidos. Durante quinze anos jurei que iria lá passar algum tempo, mas o trabalho aqui parece nunca ter fim. Todas estas pobres crianças a chegar. Mas tenho saudades. Creio que é a senilidade a apoderar-se de mim.

Nem pensar nisso.

É bom ser-se judeu e trabalhar para o renascimento de uma nação judaica, mas também é muito bom ser-se americano, e nunca se esqueça disso. Desde que começou o incidente do *Exodus* que tenho estado ansiosa por conhecê-la, Katherine, e devo dizer-lhe que estou encantada, o que não acontece facilmente.

Receio que as notícias me tenham dado uma auréola romântica.

Por trás da extraordinária amabilidade de Harriet Saltzman funcionava um cérebro vivo, e apesar de Kitty se sentir completamente à vontade compreendeu que a idosa senhora a observava com todo o cuidado. Beberam chá e conversaram, principalmente sobre a América. Harriet sentiu-se nostálgica.

Para o ano vou à América. Arranjo uma desculpa, talvez obtenção de fundos. Andamos sempre nisso. Sabe que os judeus americanos nos dão mais do que o total dos Americanos dão à Cruz Vermelha? Mas para que hei-de maçá-la com estas coisas? Quer então trabalhar para nós?

Lamento não ter aqui referências...

Não é preciso. Sabemos tudo a seu respeito.

Ah, sim?

Sim. Temos já arquivados meia dúzia de relatórios sobre si.

Não sei se deva ficar contente, se ofendida.

Não se ofenda. São os tempos. Temos de ter informações pormenorizadas sobre toda a gente. Há-de verificar que aqui somos realmente uma pequena comunidade e acontecem muito poucas coisas que não cheguem a estes velhos ouvidos. A verdade é que estive a ver os nossos arquivos que lhe respeitam antes da sua chegada esta tarde; pensei qual seria a razão que a trouxe até nós.

Sou enfermeira e vocês necessitam de enfermeiras, Harriet Saltzman abanou a cabeça negativamente.

Os estranhos não vêm ter connosco por essa razão. Deve haver outra. Veio para a Palestina por causa do Ari Ben Canaan?

Não... é claro que gosto dele.

Há centos de mulheres que gostam dele. Acontece é que você é a mulher de quem ele gosta.

Não me parece, Harriet.

Bem, antes assim, Katherine. É muito longe de Yad El, a Indiana. Ele é um *sabra*, e apenas outra *sabra* poderia compreendê-lo verdadeiramente.

Sabra?

EXODUS 447

É um termo que usamos para designar os naturais daqui *Sabra* é o fruto de um cacto selvagem que se encontra por toda a Palestina. O *sabra* é duro por fora...

mas por dentro é muito tenro e doce.

Isso é uma boa descrição.

Ari e os outros *sabras* não fazem nenhuma ideia da vida americana, assim como você não faz nenhuma ideia do que tem sido a vida deles. Deixe-me ser muito franca consigo. Quando um estranho se chega a nós, vem como amigo. Mas você não é amiga, não é um dos nossos. É uma rapariga americana muito bonita que está completamente perplexa com estas pessoas estranhas chamadas «Judeus». Porque está então aqui?

Não é tão misterioso como parece. Gosto muito de uma rapariguinha que veio no *Exodus*. Encontramo-nos em Caraios. Receio que as tentativas dela para se reunir ao pai acabem mal; se não conseguir encontrá-lo, quero adoptá-la e levá-la para a América.

Compreendo. Bem, você é franca. Falemos agora de coisas sérias. Há uma vaga de enfermeira-chefe numa das nossas «aldeias de jovens» na Galileia do Norte. É um local lindo. O director é um dos meus mais velhos e queridos amigos, o Dr. Ernest Liebermann. A aldeia chama-se Gan Dafna. Temos lá quatrocentas crianças, das quais a maioria foram criadas em campos de concentração. Precisam muito de auxílio. Estou muito esperançada em que aceite este cargo. O ordenado e as condições são muito bons.

E eu... eu... gostaria de saber...

Da Karen Hansen?

Como soube?

Já lhe disse que constituímos uma pequena comunidade.

Karen está em Gan Dafna.

Não sei como agradecer-lhe.

Agradeça ao Ari. Foi ele que tratou de tudo. O Ari leva-a lá. É muito perto da casa dele.

Harriet acabou de beber o chá que tinha na chávena e reclinou-se na cadeira.

Posso dar-lhe um último conselho?

Sem dúvida.

448 LEON URIS

Trabalho com órfãos desde 1933. O apego que têm à Palestina talvez seja muito difícil para si de compreender. Logo que respiram o ar da liberdade... logo que se enchem deste patriotismo, é-lhes extremamente difícil partir, e quando o fazem, a maior parte deles nunca se adaptam a viver longe da Palestina. Dedicam-se ferozmente à sua terra ao passo que os Americanos acham muito naturais tantas coisas respeitantes à América! Aqui acordamos todas

as manhãs num estado de dúvida e de tensão, ignorando se tudo aquilo pelo qual trabalhámos como escravos nos será tirado. Eles pensam no seu país durante as vinte e quatro horas do dia. É o foco para o qual tendem as suas vidas, o próprio significado da sua existência.

Está a querer dizer que talvez eu não consiga persuadir a pequena a partir?

Estou a tentar fazer-lhe ver que tem de lutar com tremendas dificuldades.

Bateram à porta.

Entre.

David Ben Ami entrou.

Shalom, Harriet. *Shalom*, Kitty. O Ari disse-me que podia encontrá-la aqui. Não venho interromper?

Não, já acabámos. Vou enviar Katherine para Gan Dafna.

Esplêndido. Pensei que seria uma boa ideia mostrar Mea Shearin a Kitty quando começar o Sabat.

Uma excelente ideia, David.

Então é melhor irmos. Vem connosco, Harriet?

Arrastar estes velhos ossos? Nem pensar. Daqui por duas horas leva Katherine a minha casa para jantar. Kitty levantou-se, apertou a mão a Harriet, agradeceu-lhe e voltou-se para David, que a fitou.

Que é, David? perguntou Kitty.

Nunca a vi tão bem vestida. Está muito bonita.

Embaraçado, olhou para si próprio. Talvez não esteja bastante bem vestido para a acompanhar.

Que disparate! Estava apenas a tentar causar boa impressão à minha nova chefe.

Shalom, meus filhos, até logo.

Kitty estava contente por David ter vindo buscá-la.

EXODUS 449

Sentia-se mais à vontade com ele do que com qualquer outro judeu. Saíram da Sociedade Colonizadora de Sião e seguiram em direcção à Rua dos Profetas. Kitty deu-lhe o braço. Parecia que David é que era o visitante: estava a redescobrir Jerusalém e sentia-se alegre como uma criança.

Sabe bem estar novamente em casa disse.
Que tal acha a minha cidade?

Não tenho palavras para ela. É irresistível e um pouco assustadora.

Sim, foi sempre o que achei de Jerusalém, desde rapaz. Nunca deixa de me emocionar e de me obcecar.

Foi muito amável por ter abandonado a sua família para vir ter comigo.

Ainda não estamos todos juntos. Sabe, tenho seis irmãos, a maioria deles no Palmach. Eu sou o mais novo, e por isso todos se reunirão. Todos, excepto um... esse terei de o ver a sós, mais tarde.

Está doente?

É terrorista, pertence aos Macabeus. O meu pai não o deixa entrar em casa. Está com Ben Moshe, um dos chefes dos Macabeus. Ben Moshe foi meu professor na Universidade Judaica. David deteve-se e apontou para o monte Scopus, para lá do Centro Médico de Hadassah e do vale de Kidron. A Universidade é ali.

Sente saudades dela, não sente?

Sim, sem dúvida. Um dia poderei voltar para lá.

Escurecia e o som rouco de uma trompa fez-se ouvir.

«O Sabat! O Sabat!», gritaram pelas ruas.

Por toda a Jerusalém se ouvia o som da antiga trompa.

David pôs um pequeno solidéu e levou Kitty à rua de Mea Shearin as Cem Portas dos ultra-ortodoxos.

Aqui em Mea Shearin poderá olhar para dentro das sinagogas e ver os homens orar de muitas maneiras diferentes.

Alguns dos iemenitas oram com um movimento oscilatório, como se estivessem montados num camelo.

Foi a sua forma de alcançarem a igualdade, pois aos Judeus não era permitido montar em camelos, porque os tornaria mais altos do que os Muçulmanos.

Isso é muito interessante.

E. - 29

Por exemplo, os descendentes dos judeus espanhóis. Durante a Inquisição foram forçados a converter-se ao Catolicismo, sob pena de morte. Diziam as suas orações em latim em voz alta, mas no fim de cada frase murmuravam muito baixinho uma oração hebraica. Ainda hoje rezam em silêncio no fim de cada frase.

Quando entraram em Mea Shearin, Kitty emudeceu. A rua compreendia habitações de pedra de dois andares ligadas entre si, todas com grades de ferro nas varandas. Os homens tinham barbas, usavam caracóis dos lados da cara, chapéus orlados de pele e longos casacos de cetim negro. Havia iemenitas com trajes árabes e curdos, bocarãs e persas vestidos de sedas de cores garridas. Todos saíam do banho ritual com passos rápidos e oscilatórios, como se rezassem.

Dentro de momentos, a rua ficou vazia; as pessoas entravam nas sinagogas, pequenas na sua maior parte e muito numerosas. Havia congregações da Itália, do Afeganistão, da Polónia, da Hungria e de Marrocos. O Mea Shearin enchia-se de orações, dos cânticos de Sabat e das vozes chorosas dos hasidins angustiados. Às mulheres não era permitido entrar nas salas de oração; por isso, David e Kitty tiveram de contentar-se com espiar pelas janelas com grades de ferro.

Que salas estranhas! Que pessoas estranhas! Kitty viu homens semi-históricos agrupados em volta da Sefer Tora lamentando-se e chorando. Viu os rostos angélicos dos iemenitas que estavam sentados com as pernas cruzadas sobre almofadas, orando baixinho. Viu velhos caminhando para trás e para diante e pronunciando uma torrente de palavras hebraicas, numa leitura monótona de decrépitos livros de orações. Que diferentes e a que distância estavam todos dos homens e mulheres bem parecidos de Telavive!

Temos toda a espécie de judeus disse David Ben Ami. Quis trazê-la aqui porque sabia que Ari não o faria. Ele e muitos *sabras* desprezam-nos porque não cultivam a terra nem pegam em armas. Metem-nos pela boca abaixo um judaísmo arcaico. São uma força de reacção contra o que estamos a tentar fazer. Mas quando se

EXODUS 451

vive em Jerusalém como eu tenho vivido aprende-se a tolerá-los e até a apreciar as horríveis coisas do passado que levaram os homens a tal fanatismo.

Ari Ben Canaan esperava junto da Igreja Grega, no bairro russo. Começava a escurecer. Bar Israel apareceu não se sabe donde. Ari seguiu o agente de ligação até um beco onde um táxi estava à espera. Entraram no táxi e Bar Israel puxou de um grande lenço negro.

Tenho de submeter-me a isso?

Confio em ti, Ari, mas ordens são ordens.

Pôs uma venda nos olhos de Ari, que teve de se deitar no chão e deixar-se tapar com um cobertor Durante uns longos vinte minutos, o táxi avançou em ziguezagues e deu muitas voltas para desnortear Ari; depois dirigiu-se para o bairro de Katamon próximo da antiga colónia alemã. O táxi parou. Ari fora rapidamente levado para uma casa, entrou numa sala e disseram-lhe que podia tirar o lenço.

A sala estava vazia, à excepção de uma cadeira, uma mesa sobre a qual ardia uma única vela, uma garrafa de brande e dois cálices. Os olhos de Ari levaram um momento a adaptar-se à escuridão. Seu tio Akiva estava de pé diante dele, junto da mesa. Akiva tinha a barba e o cabelo brancos de neve; estava cheio de rugas e curvado. Ari caminhou muito lentamente para ele e estacou.

Viva, tio disse.

Ari, meu filho.

Os dois homens abraçaram-se, e o mais velho teve de lutar com a emoção que o sufocava. Akiva levantou a vela, conservou-a junto do rosto de Ari e sorriu.

Tens bom aspecto, Ari. Fizeste um bom trabalho em Chipre.

Obrigado.

Ouvi dizer que vieste com uma rapariga.

Uma americana que nos ajudou. Não é realmente uma amiga. Como te sentes, tio?

Akiva encolheu os ombros

O melhor que se pode esperar de quem vive na clandestinidade. Já há muito tempo que não te via, Ari...

452 LEON URIS

há muito. Já há mais de dois anos. Era bom quando a Jordana estudava na Universidade, via-a uma vez por semana. Agora deve ter quase 20 anos. Como está ela? Ainda gosta daquele rapaz?

David Ben Ami. Sim, amam-se muito. David esteve comigo em Chipre. É um dos jovens mais prometedores que nós temos.

Como sabes, o irmão dele é dos Macabeus. Foi aluno de Ben Moshe na Universidade. Talvez o venha a conhecer um dia.

Sem dúvida.

Ouvi dizer que a Jordana está no Palmach.

Sim, ensina as crianças de Gan Dafna e trabalha no posto emissor ambulante quando este transmite da nossa área.

Então deve passar no meu *kibbutz*, deve ir muitas vezes a Ein Or.

Sim.

Ela... ela costuma dizer como está aquilo?

Ein Or é sempre bonito.

-Talvez um dia possa tornar a vê-lo

Akiva sentou-se à mesa e deitou dois brandes com a mão trémula. Ari pegou num cálice e trocaram brindes.

Lê chaim disse.

Vi ontem o Avidan, tio. Mostrou-me a lista dos efectivos britânicos. Já a viram?

Temos amigos no Intelligence Service.

Akiva levantou-se e principiou a passear lentamente pela sala.

Haven-Hurst quer aniquilar a minha organização.

Os Ingleses estão a consagrar-se à destruição dos Macabeus.

Torturam os nossos prisioneiros, enforcam-nos e exilaram todo o nosso comando. Já não é pouco que os Macabeus sejam os únicos com coragem para combater os Ingleses, temos ainda de lutar contra os traidores que existem entre a nossa gente. Sim, Ari... nós sabemos que o Haganah se tem voltado contra nós.

Isso não é verdade disse Ari, ofegante.

É verdade!

EXODUS 453

, Não! Ainda hoje, na Central Yishuv, Haven-Hurst pediu que os Judeus combatessem os Macabeus e eles tornaram a recusar-se.

Os passos de Akiva tornaram-se mais apressados e a sua ira cresceu.

«De quem pensas tu que os Ingleses obtêm as suas informações senão do Haganah? Esses cobardes da Central Yishuv deixam os Macabeus derramar sangue e morrer. Esses cobardes traem constantemente. Habilmente, sim! Mas traem! Traem! Traem!

Não posso ouvir isso, tio. A maior parte de nós, do Haganah e do Palmach, estamos ansiosos por combater. Temos de nos reprimir até rebentar, mas não podemos destruir tudo o que foi feito.

Anda, diz! *E* nós destruímos!

Ari rangeu os dentes e calou-se. O velho gritou, depois, subitamente, calou-se e deixou cair os braços.

Sou mestre em arranjar discussões quando não quero.

Não faz mal, tio.

Desculpa, Ari... toma outro brande, por favor.

Não obrigado.

Akiva voltou-se e murmurou:

Como está o meu irmão?

Estava bom da última vez que o vi. Vai agora a Londres às conferências.

Sim, o querido Barak. Falará. Falará até ao fim.

Akiva molhou os lábios e hesitou. Ele sabe que tu, Jordana e Sara me vêm ver?

Creio que sim.

Akiva olhou para o sobrinho. O rosto reflectia a tristeza que tinha dentro de si.

Ele... ele pergunta algumas vezes por mim?

Não.

Akiva teve um pequeno riso magoado, deixou-se cair na cadeira e serviu-se de mais brande.

Que estranhas são as coisas! Era sempre eu quem me zangava e Barak quem perdoava. Ari... eu estou a ficar muito cansado. Um ano, mais outro, não sei quanto tempo durará. Nada poderá nunca desfazer o mal que

454 LEON URIS

causámos um ao outro. Mas... ele deve procurar no seu coração quebrar este silêncio. Ari, ele deve perdoar-me por amor do nosso pai.

CAPITULO III

Uma centena de sinos das igrejas da Cidade Velha do vale de Kidron, do monte das Oliveiras e do monte Sião repicavam em coro com o carrilhão da Associação dos Jovens Cristãos. Era domingo em Jerusalém, o Sabat cristão.

David Ben Ami levou Kitty à Cidade Velha, passando pela elaborada Porta de Damasco. Caminharam ao longo da Via Dolorosa o Caminho da Cruz, em direcção à Porta de S.to Estêvão, que dava para o vale de Kidron e túmulos de Zacarias, Absalão e Maria e para o monte das Oliveiras, cenário da Ascensão.

Caminharam pelas ruas estreitas, passando pelo mercado árabe e pelas pequenas lojas, onde se regateava incessantemente. No Zimbório da Rocha, milhares de sapatos cobriam os degraus. Judeus velhos e de longas barbas estavam de pé e choravam diante do Muro das Lamentações do que fora o seu grandioso templo.

«Que estranho é este local», meditava Kitty Fremont

«Para aqui, tão longe, nestes montes áridos, convergiu uma centena de civilizações no decorrer de milhares de anos.

Porquê este local, esta rua, este muro, esta igreja? Romanos,

Cruzados, Gregos, Turcos, Árabes, Assírios, Babilónios

e Ingleses na cidade dos difamados Judeus. Lugar santo,

sagrado, maldito. Tudo o que é forte e tudo o que é fraco,

o bom e o mau do homem, estão aqui concretizados O Calvário

e Getsêmani. A última ceia de Jesus, a Páscoa

judaica.»

David levou Kitty ao Santo Sepulcro; local da crucificação

e pequena capela, iluminada com candeeiros trabalhados

e velas perpetuamente acesas sobre o túmulo de

mármore de Jesus Cristo. Kitty ajoelhou ao lado do

EXODUS 455

túmulo e beijou-o, tal como já fora beijado por um milhão de peregrinos.

Na manhã seguinte, Ari e Kitty saíram de Jerusalém e seguiram para o norte, a caminho da Galileia. Passaram pelas antiquíssimas aldeias árabes e entraram no fértil tapete do vale de Jezreel, que fora outrora um pântano e que os Judeus transformaram na melhor terra de cultura do Médio Oriente. Saindo de Jezreel em direcção a Nazaré, novamente recuaram no tempo. Numa das encostas do monte, os campos viçosos de Jezreel; na outra, os campos queimados do sol, secos e áridos, dos Árabes. Nazaré devia ser ainda como Jesus a tinha conhecido na sua mocidade.

Ari arrumou o carro no centro da cidade. Enxotou um grupo de garotos árabes, mas um deles insistiu.

Guia?

Não.

-Lembranças? Tenho madeira da cruz, pano da túnica.

Põe-te a andar.

Fotografias imorais?

Ari tentou passar à frente do rapaz, mas ele persistiu e agarrou Ari pela perna das calças.

Talvez goste da minha irmã. Está virgem.

Ari atirou uma moeda ao rapaz.

Guarda o carro com todo o cuidado

Nazaré cheirava pessimamente. As ruas estavam cheias de esterco, de mendigos cegos que faziam ruídos desagradáveis e de crianças descalças, rotas e sujas. Havia moscas por toda a parte. Kitty segurava com força o braço de Ari, enquanto davam voltas pelo mercado e por um lugar considerado a cozinha de Maria e a oficina de carpinteiro de José.

Ao saírem de Nazaré, Kitty estava desconcertada: era um lugar horrível.

Pelo menos, estes árabes são amistosos disse Ari. São cristãos.

São cristãos que precisam de um banho.

Pararam mais uma vez em Kafr Kanna, na igreja onde

456 LEON URIS

Cristo realizou o seu primeiro milagre a transformação de água em vinho. A igreja ficava numa bela e antiquíssima aldeia árabe.

Kitty estava a tentar assimilar tudo o que vira nos últimos dias. Era uma terra tão pequena mas que em cada polegada tinha fantasmas de sangue ou de glória. Em certos momentos, a sua própria santidade era empolgante; noutros, a exaltação dava lugar à repulsa. Alguns dos lugares santos fizeram-na emudecer de veneração; outros deixaram-na fria e desconfiada. Os judeus que se carpíam em Mea Shearin e a refinaria a arder; os orgulhosos *sabras* de Telavive e os lavradores de Jezreel; o antigo e o moderno dando-se as mãos. Havia paradoxos e contradições a cada passo.

Já a tarde ia adiantada quando Ari entrou em Yad EM Parou diante de uma casa com canteiros de flores.

Ari, que lindo que isto é! disse Kitty.

A porta da casa abriu-se e Sara Ben Canaan correu Ari! Ari!

Lançou-se nos braços dele.

Shalom, ema.

Ari! Ari! Ari!...

Agora não chores, *ema*... Chiu, não chores, não chores.

Kitty viu o robusto Barak Ben Canaan vir a correr e lançar os braços em volta do filho.

Shalom, abba, shalom!

O velho gigante agarrou-se ao filho e bateu-lhe várias vezes nas costas, repetindo:

Estás ótimo, Ari, estás ótimo.

Sara analisou o rosto do filho.

Está cansado. Não vês como está cansado, Barak?

Estou ótimo, *ema*. Trouxe uma visita. Quero que conheçam Katherine Fremont. Vai amanhã trabalhar para Gan Dafna.

A senhora é que é Katherine Fremont? disse Barak, tomando-lhe a mão nas suas mãos enormes. Seja bem-vinda a Yad El.

EXODUS 457

Ari, tu és tão pateta! disse a mãe. Porque não telefonaste a dizer que trazias esta senhora? Entrem, entrem.-- tomem um duche, mudem de roupa, vou fazer-vos qualquer coisa de comer, e hão-de sentir-se melhor. És um pateta, Ari.

Sara passou o braço em volta da cintura de Kitty e levou-a para dentro de casa.

Barak! Traz a bagagem da Sr.a Fremont.

No teatro, Jordana Ben Canaan estava diante das crianças recém-chegadas no *Exodus*. Era alta e direita, com um corpo de estátua e longas pernas bem proporcionadas.

Jordana, com o seu cabelo ruivo e solto que lhe chegava abaixo dos ombros, era de uma beleza notável e clássica. Tinha 19 anos e estava no Palmach desde que deixara a Universidade. O Palmach enviou Jordana para Gan Dafna, a fim de chefiar a unidade de Gadna, que dava instrução militar a todas as crianças da aldeia havia mais de catorze anos. Gan Dafna era também um dos principais esconderijos de armas, que depois eram enviadas para as colónias do Huleh. Jordana trabalhava também na Voz de Israel, o posto secreto ambulante, quando este transmitia do Huleh, vivia em Gan Dafna.

Sou Jordana Ben Canaan disse às crianças do *Exodus*. Sou a vossa comandante de Gadna. Nas próximas semanas aprenderão a fazer serviço de espionagem e de mensageiro, a limpar e a disparar armas e a lutar com paus; faremos também algumas caminhadas pelo campo. Agora estão na Palestina e nunca mais terão de baixar a cabeça ou ter medo por serem judeus. Vamos trabalhar muito, porque Eretz Israel necessita de vós. Amanhã faremos a nossa primeira caminhada. Iremos pelos montes para Tel Hai, no norte. O meu pai veio para a Palestina por Tel Hai há cerca de sessenta anos. Foi aí que morreu o nosso grande herói, Joseph Trumpledor. Trumpledor está lá enterrado, e o grande leão de pedra que está junto da sepultura olha para o Huleh, tal como a estátua de Dafna olha para o Huleh. Estão lá escritas estas palavras: «É bom morrer pela pátria.» Eu podia acrescentar: «É bom ter uma pátria para morrer por ela.»

458 LEON URIS

Mais tarde, quando Jordana entrou no edifício dos serviços públicos, chamaram-na ao telefone. Levantou o auscultador.

Shalom! Aqui Jordana.

Shalom! Daqui fala a *ema*. O Ari voltou!

O Ari

Jordana correu do gabinete para o estábulo. Montou no garanhão árabe de seu pai e esporeou-o, passando as portas de Gan Dafna Galopava sem sela pela estrada abaixo em direcção à aldeia de Abu Yesha, com o seu cabelo vermelho ondulando ao vento.

Galopou a toda a velocidade pela rua principal da aldeia árabe, assustando várias pessoas. Os homens que estavam no café voltaram-se e fizeram comentários. Que falta de respeito tinha esta prostituta ruiva para ousar andar de calções, a cavalo, pelas ruas! Tinha sorte em ser filha de Barak e irmã de Ari!

Ari pegou na mão de Kitty.

Venha disse ele. Quero mostrar-lhe um pouco da herdade antes que escureça.

Comeu o suficiente, Sr.a Fremont?

Estou quase a rebentar.

E o quarto é confortável?

Estou optimamente instalada. Sr.a Ben Canaan.

Bom, não se demorem muito, o jantar estará pronto quando Jordana chegar de Gan Dafna. Sara e Barak viam-nos sair, depois olharam um para o outro. É uma linda mulher. Mas para o nosso Ari?

Deixa-te de ser uma mamã *yiddish*. Não arranjes já um *shiddoch* a Ari disse Barak.

Que estás tu a dizer, Barak Não vês a forma como ele olha para ela? Ainda não conheces o teu próprio filho? Ele está tão cansado!...

Ari e Kitty caminharam pelo jardim que ficava ao lado da casa, em direcção à pequena sebe. Ari pôs o pé na sebe e olhou para os campos do *moshav*. Os carros de rega rodopiavam, lançando borrifos frescos, e o pomar tremia ligeiramente com a brisa nocturna. O ar estava perfumado com a fragrância das rosas de Inverno de Sara.

EXODUS 459

Kitty observava Ari olhando a sua terra. Pela primeira vez *desde* que conhecia Ari Ben Canaan ele parecia em paz.

«São momentos raros para ele», pensou Kitty, lembrando-se do breve período de tréguas em Jerusalém.

Não se parece muito com a sua Indiana, creio eu disse Ari.

Serve gracejou Kitty.

Bem... vocês não tiveram de construir Indiana a partir de um pântano...

Ari queria dizer muito mais coisas a Kitty. Queria dizer como desejava poder vir para sua casa e trabalhar a terra. Queria pedir-lhe que compreendesse o que era para o seu povo possuir terra como esta.

Kitty estava encostada à sebe, admirando a beleza de Yad El e a conquista que representava Estava radiosa.

Ari desejou tomá-la nos braços e apertá-la, mas não fez nem disse nada. Voltaram-se ambos e caminharam ao longo da sebe até aos celeiros, onde o cacarejar das galinhas e o grasnar de um ganso chegaram aos seus ouvidos.

Ele abriu o portão; a dobradiça estava quebrada.

Isto precisa de ser arranjado disse ele. Há muitas coisas que precisam de ser arranjadas. Nunca cá estou eu nem a Jordana O meu pai anda frequentemente em conferências. Receio que a herdade de Ben Canaan se tenha tornado um valor negativo para a aldeia. A responsabilidade é de todo o *moshav*. Um dia voltaremos todos para casa... então há-de ver alguma coisa que valha realmente a pena.

Detiveram-se junto de uma pocilga, onde uma porca arfava deitada na lama, enquanto uma dúzia de leitões lutavam para chegar às suas tetas.

Zebras disse Ari.

Se eu não fosse uma velha perita em zebras, juraria que estava a olhar para 'porcos' respondeu Kitty.

Chiu... não fale tão alto. Pode estar alguém do Fundo Agrícola a ouvir. É proibido criar... zebras... em terreno nacional judaico

Passaram pelo celeiro, capoeira e arrecadação de maquinaria e chegaram ao limite da propriedade.

Daqui vê-se Gan Dafna.

460 LEON URIS

Ari estava por trás dela e apontava para os montes próximos da fronteira libanesa.

Aquelas casas brancas?

Não, ali é uma aldeia árabe chamada Abu Yesha. Agora olhe para a direita e mais para longe, para onde estão aquelas árvores, no planalto.

Ah, sim, já vejo. Meu Deus, parece que está suspensa no ar. Que edifício é aquele por trás, no cimo do monte?

É o Forte Ester, um posto britânico. Venha. Tenho mais uma coisa para lhe mostrar.

Caminharam pelos campos enquanto ia escurecendo e o sol formava estranhos matizes nos montes. Chegaram a uma floresta no limite dos campos, onde corria um rio em direcção ao lago Huleh.

Os negros da América cantam lindos «cantos espirituais» sobre este rio.

É então o Jordão?

-É.

Ari aproximou-se de Kitty e olharam-se com gravidade. Gosta disto? Gosta dos meus pais?

Kitty abanou a cabeça afirmativamente. Esperava que Ari a tomasse nos braços. As mãos dele tocaram-lhe nos ombros.

Ari! Ari! Ari! gritou uma voz a distância.

Ari afastou-se de Kitty e voltou-se. Um cavalo e um cavaleiro corriam para eles, envolvidos pela luz vermelha do poente. Pouco depois distinguiram um vulto, de costas direitas e cabelo chamejante.

Jordana!

Ela fez parar o cavalo, que espumava, atirou os braços ao ar, gritou de alegria e saltou sobre Ari com tanta força que ambos caíram ao chão. Jordana subiu para cima de Ari e fê-lo sufocar com beijos.

Acaba com isso protestou ele.

Ari! Eu adoro-te!

Jordana começou a fazer-lhe cócegas e rolaram os dois lutando. Ari foi forçado a segurá-la para a manter quieta. Kitty olhava, divertida. De repente, Jordana viu-a e a sua expressão tornou-se fria. Ari, lembrando-se da presença

EXODUS 461

de Kitty, sorriu timidamente e ajudou Jordana a levantar-se.

A minha excitável irmã. Creio que me tomou por David Ben Ami.

. Olá, Jordana disse Kitty. Tenho a impressão de já a conhecer, por intermédio de David... Estendeu-lhe a mão.

Você é a Katherine Fremont? Também já ouvi falar em si.

O aperto de mão foi frio e Kitty ficou 'perplexa. Jordana voltou-se rapidamente, pegou nas rédeas do cavalo e levou-o para casa, enquanto Ari e Kitty a seguiam.

Jordana voltou-se e perguntou a Ari:

Viste o David?

Fica uns dias em Jerusalém. Pediu-me que te dissesse que te telefona esta noite e que vem lá para o fim da semana, a não ser que queiras ir tu a Jerusalém.

Não posso, com as novas crianças que vieram para Gan Dafna.

Ari piscou o olho a Kitty.

Ah! continuou Ari, falando para Jordana, a propósito, falei com o Avidan em Telavive. Disse qualquer coisa sobre... deixa-me ver... sim, sobre a transferência do David para a Brigada da Galileia em Ein Or.

Jordana voltou-se. Os seus olhos azuis dilataram-se e por instantes não conseguiu falar.

Ari, estás a falar a sério? Não estás a caçoar »comigo?

Ari encolheu os ombros.

Pateta!

Oh, como te odeio! Porque não me disseste?

Não sabia que era assim tão importante.

Jordana esteve quase a saltar sobre Ari e a lutar novamente com ele, mas a presença de Kitty fê-la reprimir-se.

Estou tão contente! disse.

Kitty esforçou-se por comer outro jantar quando compreendeu que uma recusa significaria quase criar um incidente internacional. Quando o jantar acabou, Sara trouxe mesinhas cheias de aperitivos para as visitas que estavam a chegar.

462 LEON URIS

Naquela noite, quase toda a gente de Yad El veio a casa dos Ben Canaan dar as boas-vindas a Ari e a satisfazer a Curiosidade que tinham de ver a americana. Em hebreu discreto, aventaram todas as hipóteses. Eram pessoas simples e amáveis que fizeram tudo para que Kitty se sentisse como se estivesse entre aristocratas. Ari tomou lugar ao pé dela para a proteger da chuva de perguntas, mas ficou agradavelmente surpreendido pela facilidade com que Kitty conseguia lidar com todo aquele grupo.

À medida que a noite ia avançando, a frieza que Jordana manifestara por Kitty tornava-se mais evidente. Sentia hostilidade por ela, e Kitty sabia-o. Quase podia ler no pensamento de Jordana... «Que espécie de mulher és tu que queres o meu irmão?»

Era precisamente o que Jordana Ben Canaan estava a pensar ao ver Kitty agir perfeitamente à vontade, encantando os curiosos lavradores de Yad El, Kitty parecia exactamente uma das calmas, pálidas e inúteis esposas dos oficiais ingleses que passavam os dias tomando chá e conversando no Hotel do Rei David.

Era muito tarde quando o último convidado saiu e Ari e Barak ficaram a sós e puderam conversar. Falaram durante muito tempo sobre a herdade. As coisas corriam bem, apesar da ausência deles; o *moshav* providenciava para que nada fosse descurado durante as prolongadas ausências de Ari, Jordana e Barak.

Barak olhou em volta da sala, procurando entre os despojos da reunião uma garrafa de brande onde ainda houvesse algum resto. Serviu o filho e serviu-se a si próprio. Ambos se sentaram, estenderam as compridas pernas e descansaram.

E a tua Sr.a Fremont? Estamos todos a arder de curiosidade

Lamento desapontar-vos. Está na Palestina por causa de uma rapariga que veio no *Exodus*. Creio que está ansiosa por vir a adoptar essa pequena. Tornámo-nos amigos.

Nada mais?

Nada.

Eu gosto dela, Ari. Gosto muito dela, mas não é como nós. Falaste com o Avidan em Telavive?

EXODUS 463

Sim. Devo ficar no Palmach do Huleh em Ein Or.

Ele quer avaliar as forças de cada aldeia.

Isso é ótimo. Já há tanto tempo que estás ausente que fará bem à *ema* preocupar-se contigo durante algum tempo.

E tu?

Barak coçou a sua barba vermelha e bebeu pouco a pouco o seu brande.

Avidan pediu-me que fosse às conferências de Londres.

Logo pensei que ele faria isso mesmo.

Claro que não podemos combater, a não ser por vitórias políticas. Como a Yishuv não pode tomar decisões de carácter militar, irei a Londres e direi de nossa justiça. Custa-me dizê-lo, mas estou finalmente a chegar à conclusão de que os Ingleses vão trair-nos.

Ari levantou-se e começou a passear pela sala. Quase lamentava que Avidan não o tivesse incumbido de outra missão. Ao menos quando trabalhava durante as vinte e quatro horas do dia não tinha tempo para pensar nas duras realidades prestes a esmagar os *yishuvs*.

Filho, seria melhor ires a Abu Yesha falar com Taha.

Fiquei surpreso por ele não ter vindo esta noite.

Aconteceu alguma coisa?

Aconteceu o mesmo que em todo o País. Durante vinte anos vivemos em paz com o povo de Abu Yesha. Kammal foi meu amigo durante meio século. Agora... existe frieza. Tratamo-nos por tu, visitámos as suas casas, eles frequentaram as nossas escolas e festejámos juntos muitos casamentos. Ari, eles são nossos amigos. O que quer que seja que está mal tem de ser esclarecido.

Irei visitá-lo amanhã depois de levar a Sr.a Fremont a Gan Dafna.

Ari apoiou-se às estantes cheias de clássicos hebreus, ingleses, franceses, alemães e russos. Percorreu-os com os dedos durante um momento e hesitou; depois voltou-se e olhou para Barak.

Vi Akiva em Jerusalém.

464 LEON URIS

Barak empertigou-se como se lhe tivessem batido. Involuntariamente, os lábios abriram-se por um instante, mas reteve as palavras com que ia perguntar pela saúde do irmão.

Não falemos dele nesta casa disse Barak em voz baixa

Está velho. Já não pode viver muito mais. Suplica-te que faças as pazes com ele em nome do vosso pai.

Não quero ouvir isso! gritou Barak com voz trémula.

Quinze anos de silêncio não bastam?

Barak endireitou-se e fitou o filho nos olhos.

Ele voltou judeu contra judeu e agora os seus Macabeus estão a voltar contra nós o povo de Abu Yesha.

Deus lhe perdoe, mas eu nunca lhe perdoarei... Nunca!

Ouve-me, por favor!

Boa noite, Ari.

Na manhã seguinte, Kitty despediu-se da família Ben Canaan e Ari levou-a pela estrada que conduzia a Gan Dafna. Em Abu Yesha deteve-se um momento para pedir que dissessem a Taha que voltava dentro de uma hora. À medida que o carro subia os montes, Kitty ia ficando cada vez mais ansiosa por ver Karen, mas ao mesmo tempo sentia-se apreensiva. Estaria Jordana Ben Canaan apenas a desempenhar o papel de irmã ciumenta ou representaria a atitude geral? Iria encontrar a mesma hostilidade nas outras pessoas? Harriet Saltzman avisara-a de que era uma estranha que nada tinha a fazer na Palestina; Jordana perturbara-a. Kitty tentara ser amável para todos, mas tinha consciência de que talvez intimamente existisse nela uma certa reserva que tivesse disfarçado mal. Sou como sou», pensava Kitty, «e venho de um país onde as pessoas são julgadas pelo que são.»

À medida que se aproximava a hora da separação, sentia-se só e triste.

Tenho de me ir já embora disse Ari.

Quando nos veremos? perguntou Kitty.

De tempos a tempos Quer ver-me, Kitty?

Quero.

EXODUS 465

Então tentarei.

Deram a última curva e o planalto de Gan Dafna surgiu diante deles. O Dr. Liebermann, a orquestra da aldeia, o pessoal, os professores e as cinquenta crianças do *Exodus* estavam todos agrupados em volta da estátua de bronze de Dafna, no relvado central. Fizeram um acolhimento cordial e espontâneo a Kitty Fremont, que num momento desvaneceu os seus receios. Karen correu para ela, abraçou-a e entregou-lhe um ramo de rosas. Depois, Kitty desapareceu no meio das «suas» crianças. Ficou a olhar até deixar de ver Ari.

Quando acabou a cerimónia de boas-vindas, o Dr. Liebermann e Karen dirigiram-se, com Kitty, para um caminho orlado de árvores onde ficavam as cuidadas casinhas de duas ou três divisões pertencentes ao 'pessoal. Pararam a meio da estrada de macadame diante de uma casa de estuque branco envolvida em flores.

Karen correu para a varanda, abriu a porta e susteve a respiração enquanto Kitty entrava lentamente. O compartimento que servia de sala de estar e quarto era simples, mas de bom gosto. As cortinas e a colcha eram de espesso linho de Negueve e a sala estava quase submersa em flores recém-colhidas. Uma tira de papel com os dizeres «Shalom, Kitty!» ia de um lado ao outro; fora colocada pelas crianças do *Exodus*. Karen correu para a janela, afastou as cortinas e descobriu o panorama sobre o vale, 600 metros mais abaixo. Havia outra pequena sala, um escritório, uma cozinha e a casa de banho. Fora tudo primorosamente arranjado. Kitty sorriu.

Vai-te embora, vai-te embora disse o Dr. Liebermann, empurrando Karen para a porta. Vês a Sr.a Fremont depois... Rua! Rua!

Adeus, Kitty.

Adeus, querida.

Gosta? perguntou o Dr. Liebermann.

O Dr. Liebermann sentou-se na beira do sofá.

Quando os seus pequenos ouviram dizer que vinha para Gan Dafna, trabalharam dia e noite. Pintaram a casa, fizeram as cortinas. Trouxeram plantas... Todas as plantas

E. - 30

466 LEON URIS

de Gan Dafna estão no seu relvado. Estavam excitadíssimos; gostam muito de si. <

Kitty estava muito sensibilizada. *Não*

havia razão para tanto.

As crianças sabem instintivamente quem são os seus amigos. Quer ir agora ver Gan Dafna?

Sim, gostaria muito.

O Dr. Liebermann dava pelo ombro a Kitty. Caminharam lentamente até ao edifício dos serviços públicos.

Ele ia de mãos atrás das costas, apalpando de vez em quando os bolsos à procura de fósforos para acender o cachimbo

Saí da Alemanha em 1933. Creio que adivinhei muito cedo o que se ia passar. A minha mulher morreu pouco depois de termos chegado. Ensinei Estudos Clássicos na Universidade até 1940, ano em que Harriet Saltzman me pediu que viesse para cá e fundasse uma aldeia para a Aliyah dos Jovens. Todo este planalto nos foi doado pelo falecido *muktar* de Abu Yesha, um homem muito generoso. Se ao menos as nossas relações servissem de exemplo a todos os judeus e árabes... Tem um fósforo?

Não, não trouxe.

Não faz mal, eu fumo demasiado.

Chegaram ao relvado central, donde se desfrutava a mais completa vista sobre o vale Huleh.

Os nossos campos ficam mesmo no vale. O terreno foi-nos oferecido pelo *moshav* de Yad El.

Detiveram-se diante da estátua.

Esta é Dafna. Era uma rapariga de Yad El que morreu no Haganah, a namorada de Ari Ben Canaan. O nome da nossa aldeia é em sua memória.

Kitty teve uma sensação de... sim, de ciúme. O poder de Dafna era patente, mesmo numa escultura. Kitty via o que havia de terreno naquele bronze; notava o mesmo em Jordana Ben Canaan e nas outras raparigas que tinham estado na noite anterior em casa dos Ben Canaan.

O Dr. Liebermann prosseguiu:

Estamos rodeados de história por todos os lados. Para lá do Vale vê-se o monte Hermon e próximo é a antiga

EXODUS 467

Dan. Podia enumerar-lhe locais durante uma hora... a Palestina está cheia de recordações do passado. O pequeno corcunda olhava em volta com carinho para o que era a sua obra; depois pegou no braço de Kitty e levou-a.

— Nós, Judeus, criámos uma civilização estranha na Palestina.

Em toda a parte do mundo a cultura do povo emana quase sempre das grandes cidades. Aqui dá-se precisamente o contrário. O eterno desejo do povo judaico de -possuir terras é tão grande que é delas que provém a nossa herança. A nossa música, a nossa poesia, a nossa arte, os nossos eruditos e os nossos soldados vieram do *kibbutz* e do *moshav*. Vê estas casas das crianças?

Vejo.

Note que todas as janelas estão voltadas para os campos do vale, de forma que a sua terra seja a primeira coisa que vêem de manhã e a última que vêem à noite. Metade da instrução que aqui se ministra é agrícola. Desta aldeia saíram grupos que iniciaram ou se juntaram em quatro novos *kibbutzim*. Bastamo-nos a nós próprios no que respeita a alimentação e temos os nossos lacticínios, criação e gado. Até tecemos muitos dos nossos panos. Fazemos as nossas mobílias e reparamos as alfaías agrícolas em lojas nossas. Tudo isto é feito pelas crianças, que também se governam a si próprias, e muito bem. Chegaram ao extremo do relvado. Precisamente diante do edifício dos serviços administrativos, o lindo relvado era bruscamente interrompido por uma longa trincheira que rodeava toda a área. Kitty olhou em redor e viu mais trincheiras e um abrigo contra 'bombas.

É muito feio disse o Dr. Liebermann, e as nossas crianças veneram demasiado os que combatem. Creio que isso durará até que conquistemos a nossa independência e possamos basear a existência em algo de mais humano do que as armas.

Caminharam ao longo da trincheira. Kitty ficou intrigada com um fenómeno estranho. As trincheiras estendiam-se para lá de algumas árvores enfezadas. Uma das trincheiras fora cavada junto de uma das árvores e pusera Raízes a descoberto. A trincheira revelava camadas de Pedra sólida, entre as quais havia camadas finas de terra,

468 LEON URIS

algumas apenas com poucas polegadas de espessura. A árvore estava atrofiada por tentar crescer em semelhante solo, mas as raízes lutavam tenazmente. Passavam por cima, 'por baixo e em volta da rocha em veios finos, que se tornavam mais espessos sempre que encontravam um pouco de solo vitalizador entre as camadas rochosas.

Veja como aquela árvore luta para viver disse Kitty. Veja como tenta infiltrar-se na rocha.

Por um momento, o Dr. Liebermann observou, pensativo.

Aquela árvore é como que a história dos judeus que regressaram à Palestina disse ele.

Ari estava em pé na sala de estar de Taha, o *mukhtar* de Abu Yesha. O jovem árabe, seu amigo desde sempre, mordiscou um fruto que tirou de uma grande fruteira e observou Ari.

Há tanta hipocrisia nas conferências de Londres disse Ari. Penso que tu e eu podemos falar francamente.

Taha atirou com o fruto.

Como posso eu falar, Ari? Exercem pressão sobre mim. Tenho-lhes resistido.

Resistido? Taha, tu estás a falar com Ari Ben Canaan.

Os tempos mudaram.

Ouve cá. Os nossos povos atravessaram juntos duas séries de tumultos. Tu frequentaste a escola de Yad El.

Viveste na minha casa sob a protecção do meu pai.

Sim, se sou vivo é graças a vocês. Agora pedem à minha aldeia que viva na vossa dependência. Vocês armam-se. Porque não podemos armar-nos? Ou não confiam em nós armados como confiámos em vós?

Isso não parece teu.

Espero que nunca chegue o dia em que tu e eu tenhamos de lutar, mas sabes que o pacifismo já passou para todos nós

Ari voltou-se, colérico.

Taha! Que tens tu? Mas está bem, talvez seja melhor ouvires isto outra vez. Estas casas de pedra <>a

EXODUS 469

tua aldeia foram desenhadas e construídas por nós. As vossas crianças sabem ler e escrever graças a nós. Há esgotos devido a nós e as vossas crianças não morrem antes dos 6 anos devido a nós também. Ensinámo-vos a explorar convencionalmente a terra e a viver com decência. Demo-vos coisas que o vosso povo não vos daria nem dentro de mil anos. O teu pai sabia disto e foi suficientemente nobre para admitir que ninguém odeia ou explora mais um árabe do que outro árabe. Morreu porque sabia que a vossa salvação estava nos Judeus e foi suficientemente homem para defender as suas convicções.

Taha levantou-se.

E tu garantas-me que os Macabeus não vêm matar-nos hoje mesmo a Abu Yesha?

Claro que não posso garanti-lo, mas sabes qual é o ponto de vista dos Macabeus, assim como sabes qual é o do mufti.

Ari, eu nunca levantarei a minha mão contra Yad El. Dou-te a minha palavra.

Ari partiu, sabendo que Taha falava com sinceridade; não tinha, porém, a força de carácter que seu pai, Kammal, possuía. Mesmo enquanto prometiam paz um ao outro havia um fosso entre Yad BI e Abu Yesha, que era o mesmo que existia entre todas as aldeias árabes e judaicas que até ali tinham vivido em paz.

Taha viu o amigo sair de casa e encaminhar-se para a estrada que passava junto do ribeiro e da mesquita. Depois de Ari desaparecer, continuou imóvel durante muito tempo. Todos os dias a pressão aumentava e havia vozes de discordância na sua própria aldeia. Tinham-lhe dito que ele era árabe e muçulmano e que tinha de escolher Como podia voltar-se contra Ari e Barak Ben Canaan? E, contudo, como podia fazer calar as vozes à sua volta?

Era irmão de Ari. Seria, realmente? Era esta a pergunta aflitiva. Desde a infância que o pai o preparara para governar a aldeia. Sabia que os Judeus tinham construído as grandes cidades, as estradas, as escolas e cultivado a terra, e que eram eles os civilizados. Era ele realmente seu irmão, ou era um cidadão de 2.^a classe na sua própria

470 LEON URIS

terra, guiando-se pelos outros, apanhando migalhas, vivendo à sombra das realizações dos Judeus?

Sim, ele beneficiaria dos Judeus. O seu povo colhera vantagens especiais do facto de seu pai ter compreendido que os Judeus podiam produzir maiores benfeitorias do que os próprios Árabes. Mas seriam realmente aliados A sua igualdade seria um facto ou simplesmente uma palavra? Não toleravam mais do que aceitavam? Era realmente o irmão de Ari Ben Canaan o primo pobre. Taha fazia a si próprio estas perguntas cada vez com mais frequência. A resposta ia-se tornando indiscutível era irmão apenas no nome.

Onde estava essa igualdade que os Judeus apregoavam > Poderia ele alguma vez confessar que amava Jordana Ben Canaan com a profunda dor que resulta do longo silêncio? Amava-a desde que vivera sob o seu tecto, era ela apenas uma criança de 13 anos.

Até onde ia a sua igualdade? Aceitariam alguma vez Taha e Jordana como marido e mulher? Viriam ao seu casamento todos os membros do *moshav* que apregoavam democracia?

O que aconteceria se Taha fosse ter com Jordana e lhe declarasse o seu amor? Repeli-lo-ia, certamente.

Intimamente sentia uma inferioridade que o dilacerava, apesar de a distância ser muito menor do que a que existia entre um proprietário efêndi e um escravo feia Não podia levantar a mão contra Ari e não podia confessar o seu amor por Jordana. Não podia lutar contra os seus amigos nem podia resistir à força que à sua volta lhe dizia que ele era árabe e inimigo dos Judeus» e que tinha de os combater, quer fosse justo ou injusto.

CAPÍTULO IV

Em Gan Dafna, o Dr. Ernest Liebermann. o pequeno corcunda, conseguia traduzir o seu grande amor pelas pessoas em realizações vivas. O ambiente era de tanto

EXODUS 471

à-vontade como o de um acampamento de Verão. As crianças tinham completa liberdade de acção e de pensamento.

As aulas eram dadas ao ar livre e aquelas ouviam-nas de calções e deitadas na relva, de forma que até os seus estudos teóricos eram feitos em contacto com a natureza

As crianças do Dr. Liebermann provinham de abismos fétidos os *ghettos* e os campos de concentração. Nunca, porém, se levantavam problemas de disciplina sérios em Gan Dafna. A desobediência não existia, não se ouvia falar em furtos, e a promiscuidade entre os sexos era rara, Governavam-se e policiavam-se a si próprios com um orgulho e uma dignidade que constituíam a sua reacção ao afecto que as rodeava.

O grau de conhecimentos e a actividade intelectual em Gan Dafna eram elevados, sendo difícil acreditar que os participantes eram simples adolescentes. A biblioteca continha obras de autores desde S. Tomás de Aquino até Freud. Não havia livros proibidos e nenhum tema era considerado fora do seu alcance. As crianças possuíam conhecimentos políticos avançados para a sua idade. O princípio básico inculcado nestas crianças era que as suas vidas tinham um objectivo.

Gan Dafna tinha pessoal de toda a parte, com professores de vinte e dois países, que iam desde iranianos até aos toscos *sabras* criados no *kibbutz*. Kitty era a única pessoa que não era judia, bem como a única americana, e isto parecia um paradoxo. Olhavam-na simultaneamente com reserva e com afecto. O seu primeiro receio de hostilidade fora infundado. Havia um ambiente de intelectualismo que tornava Gan Dafna mais semelhante a uma universidade do que a um orfanato. Kitty foi acolhida como parte de uma equipa cuja primeira preocupação era o bem-estar das crianças. Entabulou relações amistosas com muitos membros do corpo docente, em cuja companhia se sentia completamente à vontade. O problema do semitismo na aldeia também era menor do que esperara; o judaísmo de Gan Dafna baseava-se mais num nacionalismo feroz do que em alicerces religiosos. Não havia ensino religioso organizado, nem sequer uma sinagoga

Conseguiram afastar de Gan Dafna a tensão e o receio apesar das notícias sobre a violência que alastrava por toda a Palestina. A aldeia estava geograficamente bastante isolada para constituir um certo abrigo às sangrentas realidades. Viam-se, no entanto, alguns sinais de perigo: a fronteira passava acima deles, o Forte Ester estava sempre à vista e as trincheiras, os abrigos, as armas e a instrução militar sempre em evidência.

O edifício do departamento médico ficava situado na área dos serviços administrativos, numa ponta do relvado central. Tinha uma clínica, um hospital com vinte camas e uma sala de operações bem equipada. O médico era o mesmo do *moshav* de Yad El e vinha diariamente. Havia um dentista, quatro enfermeiras, sob a direcção de Kitty, e um psiquiatra permanente.

Kitty passou a dirigir a clínica e o hospital com eficiência mecânica. Depois de ter examinado completamente a organização dos serviços, estabeleceu horários rígidos para as chamadas dos doentes, os turnos do hospital e os tratamentos. Exigia e recebia um respeito pela sua posição que suscitou comentários na aldeia. Mantinha uma discreta distância profissional dos seus assistentes e recusava-se a dirigir a sua secção com a falta de rigidez do resto da aldeia. Desencorajou a familiaridade que muitos dos professores encorajavam. Tudo isto era estranho em Gan Dafna, mas, contra sua vontade, admiravam-na porque a secção médica era o departamento mais eficiente da aldeia. Não seu desejo de fomentar a liberdade, os Judeus afastavam-se frequentemente da disciplina a que Kitty Fremont estava habituada. A maneira como dirigia o seu departamento não fazia que não gostassem dela: quando Kitty despia o seu uniforme era a companhia mais procurada de Gan Dafna.

Se era firme a dirigir a sua secção, o contrário se passava quanto às «suas» crianças. Os cinquenta jovens do *Exodus* actualmente em Gan Dafna continuavam a manter uma certa identidade e Kitty Fremont a identificar-se com eles: chamavam-lhe «Mãe do *Exodus*». Daqui decorria naturalmente tomar ela um interesse pessoal pelos casos de algumas das crianças mais afectadas do *Exodus*. Ofe-

EXODUS 473

receu-se para trabalhar com o psiquiatra em psicoterapia. Com as crianças doentes, Kitty abandonava completamente a sua frieza e dava-lhes todo o calor de que era *capaz*. Gan Dafna e a Palestina tinham grandes poderes terapêuticos, mas os horrores passados causavam ainda pesadelos, insegurança e hostilidade que requeriam paciência, perícia e amor.

Uma vez por semana, da parte da manhã, Kitty ia a Abu Yesha com o médico dar consulta aos Árabes. Que comoventes eram as imundas crianças árabes comparadas com os robustos jovens de Gan Dafna! E que fúteis pareciam as suas vidas em contraste com o espírito que reinava na aldeia da Aliyah dos Jovens. As crianças árabes pareciam não conhecer risos, canções ou jogos nem ter qualquer objectivo. Era uma existência estática uma geração nova nascida num eterno acampamento, situado num deserto infindável. Sentia revolver-se-lhe o estômago ao entrar nas choupanas com uma divisão única, partilhada com galinhas, cães e burros e onde se amontoavam oito ou dez pessoas sobre o mesmo chão de terra.

Mas Kitty não podia antipatizar com esta gente. Eram pessoas generosas e afáveis a mais não poder ser. Suspiravam, também elas, por uma vida melhor. Tornou-se amiga de Taha, o jovem *muktar* que estava sempre presente em dias de clínica. Muitas vezes Kitty sentia que Taha gostaria de lhe falar de outras coisas além dos problemas sanitários da aldeia. Via-o constantemente preocupado. Mas Taha era árabe: a uma mulher apenas podiam confiar-se certos assuntos, e ele nunca lhe revelou os seus receios. Os dias passaram até que chegou o fim do Inverno de 1947.

Karen e Kitty tinham-se tornado inseparáveis. A criança que sempre tinha conseguido encontrar alguma felicidade nos piores lugares, aqui desabrochava plenamente. Tornara-se de um dia para o outro uma das crianças mais populares da aldeia. Karen dependia cada vez mais da orientação de Kitty, ao atravessar o complexo período do início da maturidade. Kitty sabia que cada dia passado em Gan Dafna tenderia a afastar Karen ainda mais da América. Mantinha como podia o interesse da pequena

474 LEON URIS

pelos Estados Unidos, enquanto prosseguiram as tentativas para encontrar o pai.

Dov Landau continuava a ser um problema. Kitty esteve várias vezes tentada a intervir nas suas relações com Karen, que pareciam estreitar-se. Mas, reconhecendo que isso poderia aproximá-los mais, nada fez. A dedicação de Karen pelo rapaz surpreendia-a, porque Dov não dava nada em troca. Era melancólico e retraído. Conversava um pouco mais, mas Karen era ainda a única pessoa que conseguia chegar até ele.

Apoderou-se de Dov uma obsessão aprender. A sua educação fora quase nula e agora parecia querer recuperar com entusiasmo o tempo perdido. Foi dispensado da instrução militar de Gadna e dos trabalhos agrícolas.

Absorvia o mais que podia, lendo e estudando dia e noite. Concentrava-se no seu gosto inato pela arte, estudando anatomia, desenho e arquitectura. Ocasionalmente pintava um quadro que lhe servia de válvula de escape e no qual patenteava o seu talento e poder criador.

Às vezes quase quebrava o seu isolamento, juntando-se à comunidade de Gan Dafna, mas de novo se afastava.

Andava sozinho, não tomava parte em quaisquer actividades e via Karen apenas fora das aulas.

Kitty pôs o problema ao Dr. Liebermann, que conhecera muitos rapazes e raparigas como Dov Landau. O

Dr. Liebermann já tinha notado que Dov era vivo e inteligente e dotado de grande talento. Ele achou que quaisquer tentativas seriam contraproducentes: desde que o rapaz continuasse inofensivo e não piorasse, deviam deixá-lo em paz.

À medida que as semanas passavam Kitty estava desapontada por não ter notícias de Ari nem o ver. A estátua de Dafna e o *moshav* de Yad El lá em baixo pareciam trazê-lo constantemente à memória. De tempos a tempos quando tinha ocasião de passar por Yad El, ia visitar Sara Ben Canaan, até que se tornaram amigas. Jordana soube disso e não se esforçou por dissimular a sua antipatia por Kitty. A bela e rebelde jovem de cabelos vermelhos estava decidida a ser desagradável sempre que falasse com ela. Uma noite, Kitty chegou a casa e encontrou Jordanade-

EXODUS 475

fronte do espelho, segurando diante de si um dos seus vestidos de *cocktail*. O súbito aparecimento de Kitty não perturbou Jordana.

É bonito, para quem goste desta espécie de coisas disse Jordana tornando a pendurar o vestido no Armário. Kitty caminhou para o fogão e pôs ao lume água para o chá.

A que devo a honra desta visita?

Jordana continuou a olhar em volta para os pequenos toques de feminilidade.

Estão tropas do Palmach a treinar-se no *kibbutz* de Ein Or.

Já ouvi falar nisso disse Kitty.

Temos falta de instrutores. De uma maneira geral, temos falta de tudo. Pediram-me que lhe perguntasse se queria ir a Ein Or uma vez por semana reger um curso de primeiros socorros e higiene campestre.

Kitty puxou a colcha, tirou os sapatos e instalou-se sobre a cama.

Preferia não fazer nada que me pusesse em contacto com tropas.

Porque não? insistiu Jordana.

Bem, suponho que não há nenhuma maneira airosa de recusar, e preferia que o Palmach compreendesse a razão.

Qual é a razão?

Os meus sentimentos pessoais. Não desejo meter-me nisso.

Jordana riu friamente.

Eu disse em Ein Or que falar consigo seria perder tempo.

É-lhe impossível respeitar as minhas convicções?

Sr.a Fremont, a senhora pode trabalhar em qualquer parte do mundo e manter-se neutra. É estranho que tenha vindo trabalhar para cá, se quer estar livre de complicações. Qual é a verdadeira razão por que aqui está?

Kitty, zangada, saltou da cama.

- Não tem absolutamente nada com isso!

A chaleira assobiou. Kitty tirou-a do lume.

476 LEON URIS

Eu sei porque está aqui Quer o Ari.

Você é insolente, e creio que já gastei toda a minha paciência.

Jordana manteve-se impassível.

Bem vi a maneira como olhava para ele.

Se eu quisesse o Ari, não era você que me estorvava.

Diga a si própria que não o quer, mas não o diga a mim. Você não é mulher para o Ari. Você não gosta de nós.

Kitty voltou-se e acendeu um cigarro. Jordana chegou-se a ela.

Dafna era o tipo de mulher do Ari. Compreendia-o.

Nenhuma americana poderá compreendê-lo.

Kitty voltou-se.

Por eu não andar de calções, subir as encostas das montanhas ou disparar canhões e dormir em fossos não sou menos mulher do que você. Você ou aquela preciosa estátua. Eu sei o que você tem: tem medo de mim.

Isso é cómico.

Não me diga o que é que faz uma mulher você não sabe, você não o é. Você é a companheira de Tarzan e comporta-se como se estivesse na selva. Uma escova e um pente não seriam um mau começo para corrigir o que está errado em si. Kitty passou pela frente de Jordana e escancarou o armário. Veja bem. É isto o que as mulheres vestem.

Lágrimas de cólera enchiam os olhos de Jordana.

Da próxima vez que queira falar comigo pode ir ao meu gabinete acrescentou Kitty friamente. Não sou uma *kibbutznik* e não gosto que devassem a minha intimidade.

Jordana bateu com a porta com tanta força que fez estremecer a casa.

Karen foi ao gabinete de Kitty depois da visita nocturna aos doentes e deixou-se cair numa cadeira.

Olá! disse Kitty. Como correram hoje as coisas? Karen agarrou duas tetas de vaca imaginárias e fez o gesto de quem mungia leite.

Tenho mãos fracas. Não presto para mungir decla-

EXODUS 477

rou com uma tristeza de adolescente. Kitty, estou realmente muito triste. Preciso à viva força de falar consigo.

Diz.

Agora, não. Temos uma reunião em Gadna. Vamos limpar umas novas espingardas húngaras. Que confusão! As espingardas húngaras podem esperar alguns minutos. Que é que te atormenta, minha querida?

É Yona, a minha companheira de quarto. Agora, que estávamos a tornar-nos amigas íntimas, vai para o Palmach, para a semana.

Kitty sentiu-se desanimada. Quanto tempo passaria até que Karen viesse ter com ela e lhe dissesse aquilo mesmo com relação a si própria? Kitty empurrou os papéis para o lado.

Sabes, Karen, tenho estado a pensar que há uma verdadeira falta de boas enfermeiras e assistentes... quero dizer, tanto no Palmach como nas colónias. Tiveste muita experiência trabalhando com os pequenos nos campos de refugiados e eu tenho muitos doentes. Queres que peça ao Dr. Liebermann para te deixar vir trabalhar comigo e treinar-te como minha assistente?

Claro disse Karen, sorrindo abertamente. óptimo. Tentarei arranjar as coisas de forma que sejas dispensada do trabalho agrícola e que venhas directamente para o meu gabinete depois das aulas.

Karen ficou séria.

Bem, não sei. Não me parece muito justo para os outros.

Como dizemos em americano, não perderão uma lavradeira, ganharão uma enfermeira.

Kitty, tenho uma confissão terrível a fazer. Não diga à Aliyah dos Jovens, nem à Sociedade Colonizadora de Sião, nem ao Movimento do Kibbutz Central, mas, francamente, sou a pior lavradeira de Gan Dafna e adorava ser enfermeira.

Kitty levantou-se, dirigiu-se para Karen e passou-lhe o braço em volta dos ombros.

-- Depois de a Yona se ir embora, gostarias de ir viver comigo para minha casa?

478 LEON URIS

O ar de felicidade que se espalhou imediatamente no rosto de Karen era resposta suficiente.

Kitty saiu cedo de casa do Dr. Liebermann para dar a Karen a boa nova. O Dr. Liebermann considerava seu dever distribuir afecto e não regulamentos e entendia que a causa não seria prejudicada com menos uma lavradeira e mais uma enfermeira.

Quando deixou Karen, atravessou o relvado central e parou diante da estátua de Dafna. Sentiu que esta noite

tinha vibrado um golpe em Dafna e ganhou uma vitória. Com Karen junto de si podia impedi-la de se tornar numa agressiva *sabra*. Kitty sabia que era bom ter um objectivo na vida, mas entendia que o excesso de objectivos podia destruir a feminilidade. Kitty atingira Jordana num ponto fraco e sabia-o. Desde que Jordana nascera que a tinham encarregado de missões que devia cumprir sem discutir, em detrimento da sua felicidade pessoal, da sua carreira e da sua feminilidade. Jordana não sabia como competir com as mulheres elegantes que vinham para a Palestina provenientes da Europa e da América. Odiava Kitty porque desejaria parecer-se com ela e Kitty sabia-o.

Kitty! chamou uma voz na escuridão.

Quem é?

Espero não a ter assustado.

Era Ari. À medida que ele se aproximava, Kitty -sentia aquela sensação, que já se lhe tornara familiar, da impotência.

Tenho pena de -não a ter podido vir ver. A Jordana deu-lhe os meus recados?

A Jordana? Ah, sim, claro mentiu ela.

Como vão as coisas?

optimamente.

Vim para lhe perguntar se quer ter folga amanhã.

Um grupo do Palmach vai subir o monte Tabor. É uma coisa que não deve perder. Quer ir comigo?

Sim, gostaria muito.

EXODUS 479

CAPÍTULO V

Ari e Kitty chegaram ao *kibbutz* de Beth Alonim (Casa dos Carvalhos), na base do monte Tabor, pouco depois do alvorecer. Fora o *kibbutz* que dera origem ao Palmach durante a guerra e o local onde Ari tinha treinado tropas. ’

Tabor era fora do vulgar: não era suficientemente alto para ser classificado de montanha, mas era demasiado alto para monte. Surgia do meio das planícies, erguendo-se subitamente da terra com a forma de um dedo polegar. Depois do pequeno almoço no *kibbutz*, Ari fez dois embrulhos com comida, água e cobertores e tirou uma espingarda *Sten* do arsenal. Pensava subir antes do resto do grupo, durante a manhã, enquanto estava fresco. O ar era penetrante e revigorador e Kitty sentia-se possuída de espírito de aventura. Passaram pela aldeia árabe de Dabburiya, do outro lado do Tabor para quem vem de Beth Alonim, e seguiram por um caminho estreito. Pouco depois avistaram Nazaré entre os montes, a alguns quilómetros de distância. O tempo continuava fresco e eles avançavam rapidamente, mas Kitty compreendeu que a primeira impressão era ilusória: o Tabor tinha mais de 600 metros de altura e eles iam ter de andar muito. À medida que se afastavam da aldeia, Dabburiya começou a diminuir e a tomar um aspecto exótico.

De repente, Ari parou e prestou atenção.

Que é?

Cabras. Sente o cheiro?

Kitty fungou.

Não, não me cheira a nada.

Os olhos de Ari contraíram-se. Perscrutou o caminho à sua frente: serpenteava até se perder de vista, mas pouco adiante havia um pequeno monte que tirava a visibilidade.

Devem ser beduínos. Chegaram ao *kibbutz* notícias sobre eles. Devem ter vindo ontem. Vamos.

480 LEON URIS

Ao fazerem a curva viram algumas tendas de pêlo de cabra espalhadas pela encosta e uma manada de pequenas cabras pretas que pastavam em redor. Dois nómadas armados de espingardas vieram ter com eles. Ari falou-lhes em árabe, depois seguiu-os até à tenda maior, que pertencia, obviamente, ao xeque. Kitty olhou em volta. Pareciam o rebotalho da humanidade. As mulheres estavam cobertas de mantos negros... e camadas de sujidade.

Kitty não conseguia sentir o cheiro das cabras, mas sentia o cheiro das mulheres. Correntes de moedas turcas formavam véus sobre os seus rostos. As crianças estavam cobertas de farrapos sujos.

Um indivíduo grisalho saiu da tenda e cumprimentou Ari; conversaram um instante e depois Ari segredou a Kitty:

Temos de entrar, de contrário ele fica ofendido. Seja boa rapariga e coma do que ele lhe oferecer. Pode vomitar mais tarde.

O interior da tenda ainda cheirava pior. Sentaram-se sobre mantas de pele de cabra e lã de carneiro e conversaram.

O xeque ficou satisfeito por Kitty ser americana e informou que outrora possuía uma fotografia da Sr.a Roosevelt.

Trouxeram vários pratos. Puseram na mão de Kitty uma gordurosa perna de cabrito e serviram juntamente tutano misturado com arroz. Kitty provou e o xeque aguardou o seu parecer. Ela sorriu debilmente e acenou com a cabeça para indicar que era delicioso. Serviram-lhes fruta por lavar e a refeição acabou com café espesso e enjoativamente doce, servido em chávenas tão sujas que formavam crosta. As pessoas limpavam as mãos às calças e a boca às mangas; depois de mais um momento de conversa, Ari pediu licença para partir.

Saíram do acampamento e Kitty soltou um longo suspiro.

Que pena eu tenho deles! disse.

Não tenha. Estão convencidos de que são os homens mais livres da Terra. Nunca viu *A Canção do Deserto*, quando era pequena?

EXODUS 481

Vi, mas sei agora que o realizador nunca viu um acampamento beduíno. De que estiveram a falar?

Disse-lhe que se portasse bem esta noite e não tentasse tirar anéis e relógios do Palmach.

E que mais?

Queria comprá-la. Ofereceu-me seis camelos.

O quê, aquele velho demónio?! Que é que você lhe disse?

Disse-lhe que qualquer pessoa via que você valia dez camelos. Ari olhou para o Sol nascente. Vai pôr-se um dia de calor. Será melhor tirarmos estes fatos pesados e fazermos um embrulho.

Kitty vestiu um par dos tradicionais calções azuis dos armazéns de Gan Dafna.

Parece mesmo uma *sabra*.

Seguiram pela vereda do lado sul do Tabor. Ambos transpiravam à medida que o sol se tornava mais intenso.

A vereda era frequentemente interrompida, e foram forçados a trepar. As mãos fortes de Ari ajudavam Kitty nas encostas mais íngremes. Ao fim da tarde passaram pelo marco de 600 metros.

O cume do Tabor constituía um planalto grande e arredondado cujo extremo sul desvendava todo o vale de Jezreel. Era um panorama deslumbrante. Kitty via o Jezreel, os campos divididos em talhões, as pinceladas de verdura em redor das colónias judaicas e os aglomerados brancos das aldeias árabes, desde o monte Carmelo ao Mediterrâneo.

Na outra direcção ficava o mar da Galileia, e, assim, viam a Palestina em toda a sua largura, sob os seus pés.

Com o binóculo, Kitty avistou Ein Or, onde Saul encontrou a feiticeira, e o cume árido do monte Gilboa, onde Gedeão foi enterrado e Saúl e Jónatas morreram numa batalha contra os Filisteus.

Vós, montanhas de Gilboa, não permitais que haja orvalho, nem que haja chuva sobre vós nem sobre os campos de cultivo: porque aí o escudo do poderoso foi vilmente arrebatado, o escudo de Saúl...»

Kitty baixou o binóculo.

-Será possível, Ari? Você está muito poético...

É a altitude. Estamos tão longe de tudo... Olhe para ali o vale de Beth Shean. O *tel* de Beth Shean tem a mais velha cidade do mundo. David sabe mais disto do que eu. Há centenas de *tels* por toda a Palestina. Diz ele que, se começássemos a escavá-los agora, quando acabássemos, as nossas cidades modernas estariam em ruínas.

Como vê, a Palestina é a ponte que liga o passado ao presente, e você está no centro dessa ponte. O Tabor tem sido campo de batalha desde que os homens fizeram os primeiros machados de pedra. Aqui os Hebreus lutaram contra os Romanos. Pertenceu alternadamente a Cruzados e a Árabes vezes sem conta... Débora escondeu-se aqui com o seu exército e lançou-se sobre os Canaanitas. O campo de batalha de gerações e gerações... Sabe o que costumamos dizer?... Que Moisés devia ter caminhado com as tribos durante outros quarenta anos e encontrado um lugar decente.

Atravessaram o planalto, passando por um pinhal repleto de relíquias dos Romanos, Bizantinos, Cruzados e Árabes: mosaicos, cerâmicas, um muro aqui, uma pedra acolá.

Duas abadias, uma ortodoxa grega e outra católica, ficavam junto do local em que se cria que Cristo se transfigurara e falara a Moisés e Elias.

Passada a floresta, chegaram ao ponto mais alto do Tabor. O local estava juncado de ruínas de uma fortaleza dos Cruzados e de um castelo sarraceno. Caminharam com dificuldade por entre os escombros, subindo à muralha oriental que ficava suspensa sobre a encosta e se chamava Muralha dos Ventos Orientais. Daqui avistava-se todo o mar da Galileia e os Chifres de Hattin, onde Saladino, o Curdo, derrotou as forças dos Cruzados.

Enquanto Kitty estava na muralha, o vento soprava sobre os seus cabelos e o ar começou novamente a refrescar.

Estiveram sentados mais de uma hora, chamando Ari a atenção de Kitty para inúmeros pontos da história bíblica. Finalmente, voltaram à orla da floresta onde ficavam os castelos e tornaram a vestir as suas roupas quentes. Ari estendeu os cobertores; Kitty deitou-se e gemeu, fatigada mas feliz.

EXODUS 483

Ari, foi um dia maravilhoso, mas vou ficar cansada durante uma semana.

Ari, apoiado sobre um cotovelo, observava-a. Voltou a desejá-la, mas manteve-se em silêncio.

Ao escurecer principiaram a chegar ao cume do monte pequenos grupos. Havia orientais e africanos escuros e de *pele* cor de azeitona e também pessoas de cabelo louro, que tinham imigrado para Israel. Vinham muitas raparigas, a maior parte das quais direitas e de seios altos; e vinham *sabras* com grandes bigodes e o seu ar agressivo.

Havia reunião. Os grupos do Palmach, para passarem despercebidos, tinham de se treinar em pequenas unidades

nos diferentes *kibbutzim*. Esta reunião oferecia uma oportunidade aos amigos das cidades e das colónias de se

voltarem a ver e de os namorados se encontrarem. Cumprimentavam-se cordialmente, com abraços afectuosos,

palmas nas costas e beijos. Havia um alegre grupo de jovens à roda dos 20 anos.

Joab Yarkoni e Zev Gilboa tinham vindo por saberem que Kitty estaria lá; ela ficou encantada.

David e Jordana também vieram; Jordana ficou irritada com as atenções de David para com Kitty, mas conservou-se quieta, evitando fazer uma cena.

Ao escurecer estavam reunidos quase duzentos dos jovens soldados do Palmach; uns cavaram um fosso, junto à muralha do castelo, enquanto outros apanhavam lenha para uma fogueira que devia durar toda a noite. Prepararam três cabritos, que foram colocados no espeto para assar. O Sol mergulhava por trás do vale de Jezreel, a fogueira estava acesa e os pares juntaram-se num grande círculo em redor dela. Kitty, a visitante especial foi forçada ,a tomar o lugar de honra, junto de Joab, Zev e Ari.

Pouco depois o planalto do monte Tabor ressoava com canções. Eram as mesmas que Kitty ouvira às crianças em Gan Dafna. Descreviam os carros que regavam a terra, falavam das belezas da Galileia e da Judeia e diziam que o deserto de Negueve era lindo e povoado de fantasmas. Cantaram as alegres marchas dos velhos Guardas, do Haganah e do Palmach e uma canção que dizia que o rei David caminhava ainda pela terra de Israel.

484 LEON URIS

Joab estava sentado de pernas cruzadas com o seu tambor diante de si. Era de barro, com o topo de pele de cabra. Com as pontas dos dedos e as costas da mão marcava o ritmo de uma antiga melodia hebraica tocada por uma flauta de cana. Várias raparigas orientais dançaram, dando as mesmas voltas lentas, ondulantes e sensuais que devem ter sido dançadas no palácio de Salomão. Cada nova canção e cada nova dança tornavam a festa mais animada.

Jordana! gritaram. Queremos a Jordana!
Ela entrou no círculo e ouviram-se aplausos. Um acordeão tocou uma melodia popular húngara e todos bateram o compasso com as mãos. Jordana rodopiou em volta do círculo, arrastando pares para vertiginosas *czardas*. Um a um, foi dançando com todos, com o seu cabelo vermelho que voava desgrenhado sobre o rosto, envolvida pela luz da fogueira. O acordeão foi redobrando de velocidade e também as palmas dos circunstantes, até que Jordana parou, exausta.

Meia dúzia de espectadores vieram para o centro e começaram uma *hora*, a dança dos camponeses judeus. A roda da *hora* foi alargando até que todos se levantaram e formaram uma segunda roda do lado de fora da primeira.

Joab e Ari puxaram Kitty para a roda. O círculo girava numa direcção, depois os dançarinos davam repentinamente um salto e mudavam de direcção.

Cantavam e dançavam havia quatro horas e não se vislumbravam indícios de abrandarem. David e Jordana escaparam-se furtivamente para o castelo sarraceno e meteram-se pelas salas até quase não ouvirem o som da música e do tambor. Foram ter a uma pequena cave na Muralha dos Ventos Orientais, e tudo quanto agora chegava até eles era o som do vento que vinha do vale de Jezreel. David estendeu o cobertor no chão e abraçaram-se e acariciaram-se.

David! David! exclamou Jordana, amo-te tanto!
O vento cessou e ouviram a música vertiginosa...

David... David... David... repetia ela enquanto colava os lábios ao pescoço dele...

E David repetia o nome dela vezes sem conta.

EXODUS 485

A mão dele procurou a suavidade do corpo de Jordana.

Ela tirou a roupa, apertaram-se um de encontro ao outro, e ela disse-lhe que a possuísse, e uniram os seus corpos num só.

Depois de se amarem, Jordana continuou nos braços dele. „As pontas dos dedos de David passaram sobre os lábios os olhos e os cabelos dela.

Jordana!

O murmúrio dele fez-lhe vibrar o corpo e a alma.

Lembras-te da primeira vez, David?

Lembro.

«Eu sou a rosa de Sharon e o lírio dos vales...»

murmurou ela. *«**Pois** observa, o Inverno passou, a chuva acabou e desapareceu; as flores aparecem sobre a terra; chegou o tempo dos cantos das aves, e a tartaruga ouve-se na nossa terra.»*

O silêncio era tal que cada um deles ouvia a respiração irregular do outro e o palpar do coração.

«Levem-nos as raposas, as pequenas raposas, que estragam as vinhas; porque as nossas vinhas têm uvas tenras. A minha querida é minha e eu sou seu.» Ah, David... conta-me, conta-me.

David murmurou, com os lábios tocando-lhe no ouvido:

«Vê, tu és bela, meu amor: vê, tu és bela; tens olhos de pomba dentro dos teus cabelos ondulados... os teus lábios são como um fio escarlate...»

Ela apertou a mão dele, que ”descansava sobre o seu seio, e ele beijou-lho...

«Os teus dois seios são como duas corças novas e gémeas, que se alimentaram entre os lírios...»

Ele beijou-lhe os lábios...

«E o céu da tua boca é como o melhor vinho para a minha amada, que desce docemente, fazendo falar os lábios dos que estão adormecidos.»

David e Jordana caíram num sono feliz, apertando-se estreitamente nos braços.

As quatro da manhã serviram o cabrito, com café árabe quente. Kitty foi distinguida com a primeira fatia. O entusiasmo dos cantos e da dança tinha diminuído um

486 LEON URIS

pouco; muitos pares estavam nos braços um do outro, o cabrito estava maravilhoso.

Joab fez rufar o tambor, e a flauta de cana tocou uma melodia tão antiga como a própria Terra. Uma das raparigas que nascera no distante Iémen cantou, com uma voz repassada do misticismo e da melancolia hebreus, uma ária extraída directamente das páginas da Bíblia: Na sua voz profunda cantou um salmo de David.

Kitty Fremont olhou para os rostos à luz da fogueira quase extinta.

Que espécie de exército era este? Que exército, que não tinha uniforme nem patentes? Que exército, onde as mulheres lutavam ao lado dos seus homens com espingardas e baionetas? Quem eram estes jovens leões da Judeia?

Olhou para Ari Ben Canaan e um calafrio percorreu-lhe o corpo. Veio-lhe ao espírito uma ideia que a fascinou.

Não era um exército de seres humanos. Estes eram os antigos Hebreus! Os rostos que tinha diante de si eram os rostos de Dan, Rúben, Judá e Efraim! Eram Sansões e Déboras, Joabs e Saúiss.

Era o exército de Israel, e nenhuma força sobre a Terra podia detê-los, porque o poder de Deus estava com eles!

CAPITULO VI

Chatham House.

Instituto de Relações Internacionais.

Londres.

Cecil Bradshaw, o atarracado perito em questões do Médio Oriente, acabava de examinar relatórios de várias fontes. O Gabinete Colonial, o Ministério e até o n.º 10 da Downing Street estavam todos a exercer pressão sobre ele. O mandato da Palestina estava numa confusão: era necessário formular-se uma nova política bem definida. Bradshaw tinha trinta e sete anos de experiência no assunto. Durante esse tempo participara numa centena de conferências com sionistas e árabes. Estava convencido, tal como a maioria dos oficiais, de que os interesses da Grã-

EXODUS 487

-Bretanha estavam do lado dos Árabes. Por isso, em várias ocasiões encobriam a chantagem e as ameaças destes, mas desta vez eles tinham-se excedido. As conferências em curso em Londres estavam a redundar num fiasco.

«Não há dúvida de que o mufti Haj Amin el Husseini está a dirigir o Comité Superior Árabe da Palestina, do seu exílio no Cairo. Não processámos o mufti por crimes de guerra com receio de originar revoltas religiosas, e estamos agora a sofrer as consequências. Os Árabes estão a ultrapassar tudo que é razoável. Recusam sentar-se à mesa da conferência com os Judeus se não se aceder a condições previamente impostas.»

Cecil Bradshaw compareceu à Conferência de S. Remo, quando o Médio Oriente foi dividido entre Ingleses e Franceses, e estivera presente quando foram elaborados os

artigos do mandato e publicada a Declaração Balfour. Bradshaw trabalhava no grupo de Churchill, que pegou em metade do mandato da Palestina e criou com ela o reino da Transjordânia. Durante todos aqueles anos de tumultos do mufti, nunca tinham estado a contas com um grupo de guerreiros da categoria dos Macabeus. Os terroristas judeus lutavam possuídos de verdadeiro fervor.

«Temos repetidamente pedido à Central Yishuv e à comunidade judaica que ajudem as autoridades britânicas a esmagar os elementos que dão pelo nome de Macabeus. Ainda que a Yishuv alegue não exercer autoridade sobre essas pessoas e condene publicamente os seus actos, sabe-se que um largo sector de judeus aprova secretamente estes bandidos. Não temos obtido cooperação neste campo. As actividades dos Macabeus atingiram tais proporções que julgamos necessário evacuar da Palestina todo o pessoal britânico dispensável, bem como as famílias.»

Bradshaw releu os relatórios dos sucessivos ataques dos terroristas que agitavam a Terra Santa de uma ponta a outra.

«Além dos ataques terroristas à refinaria de Haifa, que acarretaram enormes prejuízos e paralisaram a produção durante duas semanas, e do ataque ao aeródromo de Lida, que destruiu um esquadrão de aviões de combate houve dez emboscadas em estradas e quinze grandes ataques a instalações britânicas.

Há provas múltiplas de que o Haganah e o seu instrumento de combate, o Palmach, estão a movimentar-se , podem até ter participado em alguns dos recentes ataques >

As velhas banheiras, os bairros de lata flutuantes da Aliyah Bet, continuavam a fazer carregamentos de imigrantes clandestinos para as costas da Palestina.

«Apesar do reforço das forças navais de fiscalização, tem havido um acentuado aumento da actividade da Aliyah Bet desde o incidente do Exodus. O América, o S. Miguel, o Ulloa, o Abril, o Susana e o S. Filipe transportaram oito mil imigrantes clandestinos vindos dos campos europeus de refugiados. Temos razões para crer que conseguiram romper o bloqueio e chegar à costa mais dois navios As nossas embaixadas e consulados nos países mediterrânicos informam que pelo menos mais cinco navios estão a ser equipados pela Aliyah Bet para tentar levar refugiados para a Palestina num futuro próximo.»

O comando britânico tinha poderosas forças na Palestina.

Cinquenta e dois fortes Taggart formavam uma rede que cobria o pequeno país. Além destes, havia fortes na fronteira, tais como o Forte Ester, uma força regular de polícia em todas as cidades e ainda a poderosa Legião Árabe da Transjordânia. Além dos Taggarts, os Ingleses mantinham importantes bases em Atlit, na zona de Haifa, o Quartel Schneller, de Jerusalém, e o imenso acampamento de Sarafand, nos arredores de Telavive.

«Para mantermos sobre a Yishuv uma pressão constante, lançámos nos últimos meses as «operações Noé, Arca, Lagosta, Cavala, Cautelosa, Solitária, Octópode, Acantonamento e Harpa». Estas operações destinaram-se fundamentalmente a detectar imigrantes e a fazer buscas

EXODUS 489

de armas e a contra-atacar. O nosso êxito foi limitado, devido à organização e cooperação 100 % judaica de todos os componentes da Yishuv. Escondem as armas em caixas de flores, arquivos, fogões, frigoríficos, pernas de mesa falsas e em mil outros lugares engenhosos, tornando a sua apreensão quase impossível. As armas são transportadas por mulheres e crianças pequenas que prontamente se empenham nesta tarefa. Os nossos esforços para obtenção de informadores judaicos malograram-se inteiramente. Por outro lado, não só os Judeus podem comprar espiões árabes, mas estão a obter informações de simpatizantes dentro dos comandos britânicos. Os Judeus estão a fabricar armas improvisadas, e as espingardas Sten, as minas e as granadas melhoram constantemente de qualidade e aumentam de complexidade. Quando, recentemente, os nossos soldados tentaram descobrir as instalações de fabrico de armas de um kibbutz, as mulheres lançaram água a ferver sobre eles...»

Bradshaw tinha não só dificuldade em controlar o mandato outros factores exteriores aumentavam a pressão.

Na Inglaterra, onde as pessoas sofriam privações e a economia atravessava um período de depressão, o custo de manutenção das guarnições da Palestina representava um sacrifício enorme. Além disso, os Ingleses estavam fartos de mortandades. E na cena política mundial, os sionistas americanos tinham indiscutivelmente conquistado a atenção de Truman e tinham nele um aliado compreensivo.

«Desde que nos desviámos da recomendação do Comité anglo-americano no sentido de permitir a entrada de cem mil judeus na Palestina, o nosso prestígio decaiu muito entre os nossos aliados. Outra coisa que também nos prejudica são as operações terroristas dos Macabeus. A autoridade dos Ingleses nunca foi tão mal tratada como no recente rapto de um juiz inglês que proferiu uma sentença sobre um terrorista judeu.»

Cecil Bradshaw tirou os óculos, limpou os olhos avermelhados e abanou a cabeça. Que confusão! Folheou

490 LEON URIS

mais uma vez os relatórios. Jemal Hussein, o sobrinho do mufti, estava novamente a liquidar a oposição árabe dentro da Palestina por meio de assassinios. Os Haganah por intermédio da Aliyah Bet, e os Macabeus, sob a direcção de Akiva, tornavam as coisas impossíveis. Tinham sido chicoteados na via pública oficiais britânicos e enforcados soldados ingleses como represália.

Os judeus que tinham pregado e obedecido às regras de moderação durante as duas séries de tumultos que precederam a guerra mostravam cada vez menos moderação contra os actos de agressão árabe.

Dizia-se nos círculos oficiais que Cecil Bradshaw perdera a coragem de lutar com os Judeus após o incidente do *Exodus*.

O mandato da Palestina ocupava uma posição de tremenda importância económica e estratégica. Era o fulcro do próprio império. A base naval de Haifa, a refinaria e a sua posição em relação ao Suez tornavam imperativa a sua manutenção.

O besouro do intercomunicador tocou.

«O general Tevor-Browne já chegou.»

Bradshaw e Tevor-Browne cumprimentaram-se friamente.

Tevor-Browne era um dos poucos pró-Judeus dos círculos oficiais. Fora ele que previra o fim do mandato neste mesmo gabinete, no princípio do incidente do *Exodus*, e pedira que fosse dada licença de partida ao navio antes da greve da fome. Tevor-Browne tinha sempre entendido que eram os Judeus, e não os Árabes, que mereciam o apoio dos Ingleses, pela simples razão de que os Judeus eram aliados fiéis em quem se podia confiar, enquanto os Árabes o não eram. Defendera também a constituição de um Estado judaico na Palestina, integrado na Comunidade Britânica.

As ideias do general Tevor-Browne não conseguiam demover Bradshaw, Chatham House ou o Gabinete Colonial.

Nem nesta ocasião tinham coragem para anular o seu grande erro pelo contrário, estavam prontos a afundar-se com ele. O receio da chantagem dos Árabes sobre os campos de petróleo e canal de Suez prevalecia.

Tenho estado a ler os relatórios disse Bradshaw

EXODUS 491

Tevor-Browne acendeu um charuto.

Sim, são muito interessantes. Claro que os Judeus não nos prestam serviço algum atirando-se ao mar. Bradshaw bateu com os seus dedos rechonchudos no tampo da secretária, melindrado com a atitude do general.

Tenho de dar um parecer daqui a algumas semanas. Queria falar sobre o Haven-Hurst: se devemos continuar ou não a aceitar os serviços dele. Acho que chegou a altura de sermos mais severos com os Judeus.

O Haven-Hurst serve para o que vocês querem a não ser que pretendam obter os serviços de alguns generais da SS presos por crimes de guerra. Sabe que ainda mantemos um governo civil na Palestina... temos um alto-comissário.

Bradshaw fez-se vermelho. Conseguiu dominar a cólera, uma cólera que de dia para dia se tornava mais violenta.

Penso que chegou a ocasião de darmos mais amplos poderes a Haven-Hurst.

Entregou uma folha de papel a Tevor-Brown; Era uma carta dirigida ao comandante britânico da Palestina, general Sir Arnold Haven-Hurst, cavaleiro do Império Britânico, comendador da Ordem do Império Britânico, comendador da Ordem de Serviços Distintos, agraciado com a Cruz Militar.

«A situação tem-se deteriorado de tal maneira que, a não ser que se encontre meio de impedir o seu agravamento, sou obrigado a propor que o assunto seja entregue às Nações Unidas.»

Apoiado, Bradshaw 'disse Tevor-Browne. Estou certo de que o Haven-Hurst terá sugestões bastante interessantes a fazer, para quem gostar de histórias de terror.

Safed, Palestina.

A ordem de aposentação do brigadeiro Bruce Sutherland foi emitida rápida e discretamente após o caso do

Exodus. Mudou-se para a Palestina e fixou-se no monte Canaã, próximo de Safed, a antiga cidade à entrada do vale Huleh, na Galileia do Norte.

Bruce Sutherland pareceu encontrar finalmente um pouco de paz e repousar dos anos de tormento que tinham decorrido desde a morte de sua mãe. Pela primeira vez podia dormir sem receio. Comprou uma vivenda pequena mas linda, no monte Canaã, exactamente a 3 milhas de Safed. O ar era o mais puro da Palestina e uma brisa constante impedia o calor do Verão de penetrar naquela região. A casa era de estuque branco, com um telhado de telha vermelha e chão de granito. Era aberta, arejada e mobilada com bom gosto, no estilo mediterrânico. Para lá do pátio das traseiras havia uma encosta em socacos de quatro *dunams* de terra que ele transformou num viçoso jardim com quatrocentas roseiras da Galileia. O jardim das traseiras oferecia uma deslumbrante vista de Safed, no outro lado do vale. Daqui, a colina parecia perfeitamente cónica. Da vasta base do monte Safed partiam as estradas que serpenteavam em direcção ao pico e acrópole que o coroava, a cerca de 100 metros de altitude. Como tantos cumes de montes 'da Palestina, a acrópole de Safed fora outrora uma cidade utilizada nas revoluções dos Hebreus contra os Gregos e os Romanos. Sutherland passava os dias ocupado com o seu roseiral, considerado o mais belo da Palestina, visitando os lugares santos, estudando hebreu e árabe ou vagueando pelo labirinto dos 'becos tortuosos e sem saída que formavam Safed. A cidade era para ele um motivo de fascinação constante. Ficava na vertente, com as suas estreitas ruas orientais que subiam, sem plano preestabelecido, em direcção à acrópole. As casas que a compunham também estavam agrupadas ao acaso e cada uma tinha o seu desenho próprio, grades e janelas de formas invulgares, portas e sacadas que obstruíam as estreitas passagens e que aumentavam o seu estranho encanto. O bairro judeu, que constituía um décimo da cidade, era habitado pelos devotos pobres que se contentavam com viver das parcas dádivas dos seus correligionários. Safed era o centro da Cabala, a ciência judaica do misticismo.

EXODUS 493

Esses judeus passavam aqui as suas vidas, em estudo e oração, e eram tão pitorescos como a própria cidade. Caminhavam pelas filas de pequenas lojas, vestidos de bizarros trajos orientais em farrapos, outrora sedas sumptuosas.

Eram pessoas dóceis e pacíficas, e por esta razão, porque eram os menos aptos a defender-se, os Cabalistas de Safed tinham sido as maiores vítimas dos tumultos do mufti.

Viviam na Palestina há mais tempo do que quaisquer outros. Os Cruzados tinham expulso os Judeus, mas depois da sua derrota os Cabalistas regressaram a Safed e lá permaneceram. No cemitério havia sepulturas dos grandes eruditos cabalistas, com túmulos que datavam de há quatrocentos e quinhentos anos. Os Cabalistas acreditavam que todo aquele que fosse enterrado em Safed iria directamente para Gan -Éden (Jardim do Éden), tão puro era o ar de Safed.

Sutherland nunca se cansava de caminhar pelos becos tortuosos, povoados de pequenas sinagogas, de observar as pessoas ou de se inteirar do folclore, das lendas, dos rabinos e da própria Cabala.

O sector árabe de Safed tinha os casebres habituais em todas as cidades e vilas árabes do mundo. Todavia, o maravilhoso clima e a beleza de Safed atraíam muitas famílias efêndis que construíam aqui vivendas bonitas e espaçosas. No monte Canaã havia casas de repouso e estâncias para os Judeus; o mesmo acontecia com a Safed árabe no que respeitava aos árabes ricos. Sutherland tinha amigos nos dois sítios.

De acordo com a fama que os Árabes têm de construir sobre ruínas, havia na zona árabe de Safed restos de edifícios medievais transformados em habitações contemporâneas.

O mais belo exemplo de arquitectura era a Mesquita das Filhas de Jacob, sobre as ruínas de um convento de Cruzados húngaros.

Mas a grande maravilha de Safed era a acrópole. Os caminhos que serpenteavam até ao cimo do monte passavam pelo velho castelo dos Templários e pelas ruínas de uma fortaleza hebraica. O ponto mais alto ficava num pinhal entre um tapete de flores silvestres; daí os olhos

abarcavam um panorama que ia desde o mar da Galileia ao sul, até ao lago Huleh, no norte, onde o rio Jordão seguia o seu caprichoso curso. No horizonte avistavam-se o monte Hermon e, do lado ocidental, todos os vales e montes da Galileia para além de Meron.

Sobre este monte, os antigos Hebreus acendiam uma vez por ano uma fogueira, sinal que era visto e transmitido de monte em monte e indicava o início dos dias santos. Antes da invenção dos calendários, os dias santos eram determinados por cálculo dos chefes rabinos, que acendiam as fogueiras nos cimos dos montes desde Jerusalém a Tabor, Gilboa e Safed e até à Babilónia, onde viviam os judeus cativos.

Uma nota discordante perturbava o que seria perfeita beleza e poesia para os olhos: à saída de Safed, na estrada que ia dar ao monte Canaã, ficava um grande e feio forte Taggart, que se avistava da vivenda de Sutherland.

Sutherland deslocou-se ao norte para conhecer o *tel* de Hazor e à fronteira libanesa para ver o local das sepulturas de Ester no Forte Ester e de Josué em Abu Yesha. Foi por acaso que foi a Gan Dafna e veio a tornar-se amigo do Dr. Liebermann e de Kitty Fremont. Para Kitty e Sutherland foi agradável reatar as suas breves relações iniciadas em Chipre. Sutherland tornou-se com prazer no protector das crianças. Kitty convenceu-o sem custo a deixar algumas das crianças mais doentes irem com ela visitar a sua vivenda. Pouco tempo depois tinham-se tornado grandes amigos.

Uma tarde, Sutherland regressou de Gan Dafna e ficou surpreendido por encontrar à sua espera o seu antigo ajudante, o major Fred Caldwell.

Há quanto tempo está na Palestina, Freddie?

Ceguei há bocado.

Onde está a prestar serviço?

No quartel-general, em Jerusalém, no Intelligence Service. Estabeleço a ligação com o D. I. C. Foram censurados recentemente. Parece que alguns dos nossos têm estado a colaborar com o Haganah e até com os Macabeus, imagine.

Sutherland imaginava sem dificuldade.

EXODUS 495

O que aqui me traz é só em parte a intenção de o visitar, embora já tencionasse saber de si. Mas o general Haven-Hurst pediu-me *que* viesse vê-lo pessoalmente por eu ter trabalhado consigo.

Sim?

Como sabe, começámos agora a executar a «operação Polly» para evacuar da Palestina os ingleses que não são aqui indispensáveis.

Ouvi chamar-lhe «operação Folly» (1) disse Sutherland. Freddie sorriu polidamente com o trocadilho e aclarou a garganta.

O general Haven-Hurst deseja saber o que tenciona fazer.

Não tenciono fazer nada. Esta casa é minha e é aqui que fico.

Os dedos de Freddie bateram com impaciência no tampo da mesa.

A questão é esta: o general Haven-Hurst quer que compreenda que quando os Ingleses se forem embora não pode assumir responsabilidades pela sua segurança. A sua estada aqui pode criar-nos problemas.

O discurso de Caldwell continha insinuações dissimuladas mas óbvias: Haven-Hurst sabia das inclinações de Sutherland e receava a sua cooperação com o Haganah. Estava praticamente a aconselhá-lo a sair.

Diga ao general Haven-Hurst que lhe agradeço o seu cuidado e que compreendo perfeitamente a sua posição. Freddie queria insistir no assunto, mas Sutherland levantou-se rapidamente, agradeceu a Caldwell a visita e acompanhou-o até à estrada, onde o sargento o esperava com um carro. Sutherland viu o carro descer em direcção a forte Taggart. Como sempre, Freddie cumprira mal a sua missão. A maneira como transmitira o aviso de Haven-Hurst fora francamente deselegante.

Sutherland voltou para a vivenda e meditou no as-

(1) Trocadilho de «Polly» e «Folly», que significa «loucura», Aparente». (*N. da T.*)

496 LEON URIS

sunto. Não havia dúvida de que corria perigo. Os Macabeus podiam facilmente pôr objecções a um brigadeiro inglês aposentado que tinha amigos árabes e vivia sozinho no monte Canaã, embora hesitassem certamente em matá-lo.

Da parte do Haganah não havia perigo: tinha contactos ocasionais com eles e não só não atacavam indiscriminadamente como não cometiam assassinios. Por outro

lado, não se sabia o que Hussein seria capaz de fazer:

Sutherland tinha amigos entre os Judeus, alguns dos quais podiam até ser macabeus sem que ele o soubesse.

Bruce Sutherland dirigiu-se ao jardim, naquele momento

cheio das primeiras rosas da Primavera. Olhou para lá do vale, em direcção a Safed. Aqui encontrara paz e conforto e deixara de ter aqueles sonhos pavorosos. Não, não partiria nem amanhã nem nunca.

O carro de Caldwell entrou no forte Taggart momentos depois de ter deixado Sutherland. Nas quatro muralhas exteriores ficavam as repartições e os quartéis. O pátio interior constituía a parada do quartel e servia de parque de estacionamento de veículos. Chamaram Caldwell ao D. I. C.

Volta esta noite a Jerusalém, major Caldwell?
perguntou o inspector.

Freddie olhou para o relógio.

Sim, conto voltar. Posso estar de regresso antes de anoitecer, se partir já.

Bom. Tenho aqui um judeu que quero que volte para o D. I. C. de Jerusalém, para ser interrogado. É um prisioneiro Macabeu... e perigoso. É provável que os Macabeus saibam que o temos aqui e estejam a contar que seja transferido debaixo de escolta. Por isso seria mais seguro ir no seu carro.

Com muito prazer.

Tragam o judeu.

Dois soldados arrastaram um rapaz de 14 ou 15 anos de idade, acorrentado de pés e mãos e amordaçado. Tinha o rosto contuso das torturas do D. I. C. O inspector aproximou-se do prisioneiro.

Não se deixe iludir pelo rosto angélico de Ben Salomão. É um patifezinho.

EXODUS 497

Ben Salomão? Ben Salomão? Não me lembro de ver esse nome.

Só foi apanhado a noite passada. Um ataque ao posto de polícia de Safed. Tentava roubar armas. Matou dois polícias com uma granada. És uma peste de judeuzeco, não és?

Ben Salomão manteve-se calmo; apenas os olhos fitaram o inspector com um desprezo inextinguível.

Não lhe tire a mordaça, major Caldwell; de contrário, começa a cantar-lhe salmos. É um fanático.

O inspector irritou-se com o olhar firme e feroz do rapaz. Deu um passo para Ben Salomão e bateu-lhe violentamente na boca. O rapaz caiu, com o rosto cheio de sangue e o corpo embrulhado nas correntes.

Levem-no daqui, gritou o inspector com voz nervosa.

O rapaz foi atirado para o fundo da parte de trás do carro. Junto dele sentou-se um soldado armado, e Caldwell tomou lugar à frente, ao pé do motorista. Saíram do forte.

Malandro! resmungou o motorista. Cá por mim, major Caldwell, o que devíamos era dar cabo dos Judeus o mais depressa possível. Isso é que era.

A semana passada acabaram com um rapaz meu amigo, disse o guarda que ia atrás, por sinal que era bom homem. Casado e com um filho pequeno. Os Macabeus deram-lhe na cabeça que nem queiram saber.

Quando se aproximaram do vale de Beth Shean, os três homens sentiram-se mais tranquilos; estavam agora 'em território árabe e até Jerusalém não corriam o risco de serem atacados.

Caldwell voltou-se e olhou para o prisioneiro, que ia no chão. O estômago revolvía-se-lhe de ódio. Detestava Bruce Sutherland e no seu íntimo sabia que ele auxiliava o Haganah. Sutherland era simpatizante dos Judeus e fora intencionalmente que deixara que ocorresse a catástrofe de Chipre.

Caldwell lembrou-se de uma vez que estava junto do arame farpado em Caraolos e que uma judia gorda lhe cuspiu

E - 32

Tornou a olhar para o rapaz. O guarda ia sentado a meio do assento; tinha colocado uma pesada bota sobre a cabeça de Ben Salomão e sorria divertido.

Judeu porco! murmurou Caldwell em voz baixa. Lembrava-se de uma série deles. Homens de barbas na Whitechapel de Londres, e o seu cheiro avinagrado, filas de casas de penhores, e eles dobrados sobre os seus bancos, murmurando orações; rapazinhos a caminho da escola judaica com os gorros negros na cabeça. Seguiram em direcção à cidade árabe de Nablus. Caldwell sorriu ao lembrar-se do clube dos oficiais e das anedotas sobre os Judeus. Recordava-se de a sua mãe o levar ao consultório de um arrogante médico judeu. «E dizer-se que Hitler não tinha razão», pensava Caldwell. «Hitler sabia o que eles mereciam. Pena foi que a guerra acabasse antes de ele os liquidar a todos.» Caldwell lembrava-se de ter entrado em Bergen-Belsen com Sutherland.

Este ficara doente com o que vira, ele não quanto mais judeus morressem, melhor.

Passaram por uma aldeia árabe considerada hostil à Yishuv e onde Hussein gozava de grande preponderância.

Pare o carro ordenou Caldwell. Vamos deitar fora este espiãozinho.

Mas, meu major, eles matam-no disse o guarda.

Eu não gramo judeus, meu major disse o motorista, mas temos a responsabilidade de entregar o prisioneiro. Calem-se! berrou Caldwell, meio histérico. Já disse que íamos atirá-lo fora. Ambos vocês têm de jurar que ele foi levado pelos Macabeus, que nos assaltaram na estrada. Se disserem outra coisa, acabam numa valeta, entendem?

Os dois soldados abanaram simplesmente a cabeça ao verem o olhar louco de Caldwell.

Soltaram Ben Salomão. O carro abrandou junto de um café. O rapaz foi atirado para a rua e eles seguiram a toda a velocidade a caminho de Jerusalém.

Tudo se passou como Caldwell tinha previsto. Uma hora depois, Ben Salomão estava morto e mutilado. Deca-

EXODUS 499

pitaram-no e suspenderam a cabeça pelos cabelos e fotografaram-no no meio de vinte árabes exultantes. A fotografia foi enviada como aviso de que, mais cedo ou mais tarde, aconteceria a todos os judeus.

O major Fred Caldwell cometeu um erro desastroso.

Um dos árabes do café que viu o rapaz ser atirado do carro era membro dos Macabeus.

O general Sir Arnold Haven-Hurst estava furioso. Passeava pelo gabinete do seu quartel-general em Jerusalém; depois tirou a carta de Cecil Bradshaw da secretária e leu-a novamente.

«A situação tem-se deteriorado de tal maneira que, a não ser que se encontre meio de impedir o seu agravamento, sou obrigado a propor que o assunto seja entregue às Nações Unidas.»

Às Nações Unidas! O oficial teve uma explosão de cólera e amarrotou a carta, que atirou ao chão. Uma semana antes, Haven-Hurst ordenou a boicotagem de todas as casas comerciais judaicas.

Eram estes os agradecimentos que recebia, depois de ter combatido os Judeus durante cinco anos. Durante a segunda guerra mundial avisara o Ministério de que não convinha meter judeus no exército britânico, mas não lhe tinham dado ouvidos. Agora, perdia-se o mandato da Palestina.

Haven-Hurst dirigiu-se à secretária e começou a preparar a resposta à carta de Bradshaw.

«Proponho a imediata adopção dos seguintes pontos, que na minha opinião devem resolver a situação da Palestina:

1. Suspensão de todos os tribunais civis, passando as multas, os castigos e penas de prisão a ser da competência do comandante militar.

2. Dissolução da Central Yishuv, Sociedade Colonizadora de Sião e todas as outras organizações judaicas.

500 LEON URIS

- 3. Extinção de todos os jornais e publicações judaicas.*
- 4. Eliminação rápida e discreta de cerca de sessenta chefes da Yishuv. Ha Amin el Husseini provou que este método dava resultados. Esta fase podia ser executada por árabes.*
- 5. Utilização em maior escala da Legião Árabe da Transjordânia.*
- 6. Prisão de várias centenas de chefes secundários da Yishuv e seu subsequente desterro para colónias africanas.*
- 7. Atribuição ao comandante militar do direito de destruir qualquer kibbutz, moshav, aldeia ou parte da cidade encontrada com armas. Organização de investigações à escala nacional, devendo todos os que entraram na Palestina clandestinamente ser deportados imediatamente.*
- 8. Aplicação de multas colectivas a toda a população judaica pelos actos terroristas dos Macabeus, elevando de tal maneira o seu montante que os Judeus comecem a cooperar na captura dos terroristas.*
- 9. Aumento do valor das alvíssaras pelas informações sobre os principais terroristas macabeus agentes da Aliyah Bet, chefes do Haganah*
- 10. Execução de todos os macabeus apanhados em flagrante.*
- 11. Boicotagens ao comércio judaico e produtos agrícolas, fazendo cessar todas as importações e exportações judaicas. Completo controle dos movimentos de todos os veículos judaicos.*
- 12. Destruição do Palmach por meio de ataques armados aos kibbutzim que lhes dão albergue. As minhas tropas foram obrigadas a operar nas circunstâncias mais difíceis; fomos forçados a seguir os regulamentos e a não exercer os nossos mais amplos e efectivos poderes. Por outro lado, os Macabeus, o Haganah, o Palmach e a Aliyah Bet não estão limitados por regulamentos, e, ainda, atacam a nossa moderação como se*

EXODUS 501

fosse uma fraqueza. Se me for permitido o pleno uso dos meus poderes, posso asseverar que a ordem será restabelecida dentro de pouco tempo.

General Sir Arnold Haven-Hurst.»

O rosto de Cecil Bradshaw era de um cinzento doentio quando o general Tevor-Browne chegou finalmente ao seu gabinete.

Ora bem, Bradshaw, perguntou a Haven-Hurst quais eram as ideias dele... Aí estão.

Ele estará doido? Meu Deus, este relatório parece a «Solução final» de Adolfo Hitler.

Bradshaw pegou no relatório de Haven-Hurst e abanou a cabeça.

Sabe Deus como queremos conservar a Palestina, mas assassínio, incêndio de aldeias, enforcamentos, fome? Não posso recomendar estas violências. E ainda que eu o fizesse, não sei se haveria homens suficientes no exército britânico para as levar a cabo. Toda a minha vida defendi a unidade imperial, Sir Clarence, e já não foram poucas as vezes em que tivemos de tomar medidas severas e injustas.

Mas também creio em Deus. Isto não é maneira de conservar a Palestina. Lavo daí as minhas mãos. Outro qualquer que aprove o Haven-Hurst... eu não.

Cecil Bradshaw pegou no «Relatório Haven-Hurst» e amarrotou-o. Colocou-o no seu grande cinzeiro, lançou-lhe um fósforo e viu-o arder.

Graças a Deus que temos coragem de responder pelos nossos pecados murmurou.

A questão do mandato da Palestina foi posta às Nações Unidas.

CAPÍTULO VII

Estava-se agora no fim da Primavera de 1947 e Ari Ben Canaan tinha desaparecido da vida de Kitty Fremont. Depois do monte Tabor não tinha tornado a vê-lo nem a

502 LEON URIS
saber notícias dele. Se Ari mandara recados por Jordana esta não os tinha transmitido As duas mulheres raramente dirigiam a palavra uma à outra. Kitty tentava ser tolerante, mas com Jordana até isso era difícil.

A questão do mandato da Palestina foi entregue às Nações Unidas para que tentassem resolvê-la. Nestes casos as Nações Unidas costumavam nomear uma comissão composta de nações pequenas e neutrais para estudar o problema e apresentar recomendações à Assembleia Geral. A Central Yishuv e os Sionistas Mundiais aceitaram a intervenção das Nações Unidas. Os Árabes, por seu lado, usavam de ameaças, boicotagens, chantagem e todos os meios de coacção ao seu alcance para impedir que o problema da Palestina fosse objecto de uma decisão imparcial.

Em Gan Dafna, a instrução militar da Gadna foi acelerada.

A «aldeia dos jovens» tornou-se um depósito de armas importante. Eram trazidas espingardas para serem limpas pelas crianças: depois levavam-nas clandestinamente em camiões para as colónias do Huleh e para o Palmach. Repetidas vezes mandavam Karen em missões de contrabando de armas, missões que ela, como as outras crianças, aceitava sem hesitar. O coração de Kitty sobressaltava-se sempre que Karen saía, mas nada podia dizer.

Karen continuava a persistir em diligências para encontrar o pai. Mas as perspectivas, que tinham sido risonhas em La Ciotat, estavam a tornar-se sombrias. Karen mantinha contacto com os Hansens da Dinamarca; escrevia-lhes todas as semanas, e todas as semanas chegava uma carta e muitas vezes um embrulho vindos de Copenhaga.

Meta e Aage Hansen tinham perdido todas as esperanças de a reaver. Mesmo que Karen não encontrasse o pai, alguma coisa havia nas suas cartas que indicava que a tinham perdido. A identificação de Karen com a Palestina e com a sua condição de judia tornara-se quase completa e só Kitty Fremont a impedia de ser absoluta.

Dov Landau tomava atitudes estranhas. Por vezes parecia sair do seu isolamento, e nesses momentos ele e Karen aprofundavam as suas relações. Depois, o mesmo impulso que o levava a comunicar com Karen forçava-o a recolher à sua concha. Sempre que conseguia raciocinar

EXODUS 503

sobre o papel que desempenhava na vida de Karen, detestava-se por sentir que a prejudicava. Em seguida lamentava-se a si mesmo; odiava-a e amava-a. Pensava que não devia contaminar Karen, mas também não desejava cortar o único laço que o prendia à humanidade. Nas ocasiões em que tornava a sentir a antiga amargura, olhava durante horas seguidas para o número tatuado a azul no braço. Voltava-se para os livros e para a pintura com uma concentração selvagem e fechava-se a todas as coisas vivas.

Quando já quase não podia mais, Karen conseguia tirá-lo desse estado. O seu azedume nunca foi tão grande que se voltasse contra ela.

Durante a sua permanência em Gan Dafna, Kitty Fremont tornou-se numa das pessoas mais importantes da aldeia. O Dr. Liebermann confiava nela cada vez mais. Considerada como uma estrangeira simpatizante, estava frequentemente em posição de exercer a influência benéfica de alguém «de fora da família». A amizade com o Dr. Liebermann estava a tornar-se uma das mais gratas que jamais conhecera. Kitty tinha-se integrado completamente na vida de Gan Dafna e levava a cabo uma esplêndida obra com as crianças doentes. Contudo, existia ainda uma barreira; ela sabia que a culpa era em parte sua, mas preferia não a destruir.

Kitty sentia-se muito mais à vontade com Bruce Sutherland do que com a gente de Gan Dafna. Com Sutherland estava no seu elemento, e ansiava com crescente impaciência pelos dias que ela e Karen passavam na sua vivenda. Quando estava com Sutherland tornava a aperceber-se da diferença que a separava dos Judeus

Harriet Saltzman veio duas vezes a Gan Dafna. Em ambas as ocasiões insistiu com Kitty para que se encarregasse de um dos novos centros da Aliyah dos Jovens, na zona de Telavive Kitty era perita em questões de organização e exigia o rigoroso cumprimento dos regulamentos.

Isto, além da sua experiência geral e competência, era muito necessário em lugares não tão 'bem dirigidos como Gan Dafna. Sensatamente, Harriet Saltzman calculava que uma estranha como Kitty Fremont teria uma excelente 'influência num centro da Aliyah dos Jovens.

504 LEON URIS

Kitty recusou. Tinha-se instalado em Gan Dafna e Karen sentia-se ali em sua casa. Não procurava fazer carreira na Aliyah dos Jovens nem tinha aspirações.

A principal razão, todavia, era não querer ocupar cargos onde pudesse ter de responder pelas actividades da Gadna e contrabando de armas, o que a colocaria na categoria de participante. Kitty queria manter-se neutra: queria que o seu trabalho continuasse a ser de carácter profissional, e não político.

Para Karen Clement, Kitty Fremont era como uma irmã mais velha que a criava sem auxílio dos pais. Kitty tornou-se indispensável à pequena os Hansens na Dinamarca tinham desaparecido da sua vida e as tentativas para encontrar o pai não avançavam. Apenas restava Dov, e este nada dava. Kitty estimulava esta dependência. Queria que Karen precisasse dela, queria que Karen precisasse tanto dela que a necessidade derrotasse o inimigo oculto, a magia de Eretz Israel.

As semanas passaram e as férias começaram e acabaram em Gan Dafna.

No fim do Inverno houvera o Tuv b'Shevat (Dia da Árvore), em comemoração do fanático plantio de árvores pelos Judeus.

No mês de Março viera o Dia do Herói. Jordana Ben Canaan conduziu as tropas da Gadna numa travessia pelas cordilheiras da fronteira até Tel Hai, o local onde Barak e Akiva tinham entrado na Palestina, vindos do Líbano, e que era agora terreno santo Na sepultura de Trumpedor, soldados do Palmach e os jovens soldados da Gadna reuniram-se para prestar homenagem aos novos heróis.

Veio o glorioso festival de Purim. Gan Dafna apresentou-se com trajes que lembravam os de Terça-feira

Gorda e os da Festa de Todos-os-Santos e com carros ornamentados que o tornaram num Carnaval. Contou-se a história de Purim como a rainha Ester salvou os Judeus, então sob o domínio persa. O perverso Haman, o Amalekita, empreendeu aniquilar os Judeus, mas a rainha Ester desmascarou-o e salvou o seu povo. O túmulo de Ester

EXODUS 505

ficava na fronteira, no Forte Ester, onde se realizaram algumas das comemorações. A história de Purim emocionou as crianças de Gan Dafna, porque quase todas elas tinham sido vítimas de um Haman dos tempos modernos chamado Adolfo Hitler.

Passou a Páscoa.

A festa de Lag Ba Omer tinha lugar durante a lua cheia, trinta dias após o fim da Páscoa; com o andar dos tempos, passou a comemorar a segunda revolta dos Hebreus contra os Romanos. Prestava-se homenagem aos grandes sábios enterrados nas cidades de Tiberíade e Safed e em Meron. Lá estavam as sepulturas de Moisés Maimónides, o imortal filósofo e físico, dos rabinos Hiya, Eliezer, Kahana e do grande revolucionário rabino Akiva. E ainda a sepultura do rabino Méis, o Miraculoso. Todos estes estavam enterrados em Tiberíade, onde começava o festival, que passava para Safed. Daqui os devotos iam em multidão até Meron, às sepulturas de Johanan, o Fabricante de Sandálias, Hilleí e Shammai. Em Meron ainda existia parte da antiga sinagoga, por cuja porta se esperava que o Messias voltasse um dia.

De todos os rabinos glorificados em Lag Ba Omer, era Simão Bar Yohaí quem recebia maior veneração. Bar Yohaí desafiara os éditos romanos que baniam o Judaísmo e fugira para a aldeia de Peki, onde vivera numa caverna; aí o Senhor dera-lhe uma árvore de caroba para o alimentar e um ribeiro para beber. Tinha vivido escondido dezassete anos. Uma vez por ano ia a Meron ensinar aos seus discípulos a Tora proibida. Tanto os Maometanos como os Cristãos afirmam dever as suas religiões a esses rabinos, que, mesmo escondidos, mantiveram vivo o Judaísmo.

E sem o Judaísmo e a Santa Tora, nem o Cristianismo nem o Islamismo teriam sobrevivido, porque as suas raízes estavam na Tora e as doutrinas do Judaísmo eram a sua vida, o seu ar e o seu sangue.

Enquanto esteve escondido, Bar Yohaí escreveu o *Zohar (A Luz)*, a obra mais representativa da mística Cabala.

Os celebrantes hasidins e orientais convergiam para as cidades santas de Tiberíade e Safed, vindos de todos Os cantos da Palestina, e prosseguiam no seu caminho até

506 LEON URIS

Meron, onde passava alguns dias e noites orando, cantando e glorificando Simão Bar Yohai.

No mês de Maio já não chovia e o vale do Huleh e os montes da Síria e do Líbano verdejavam, os vales enchiam-se de tapetes de flores silvestres e os botões de rosa da Galileia desabrochavam em magníficos tons vermelhos, brancos e alaranjados. Mais uma vez Gan Dafna se preparava para uma festa. Era a ocasião de o Shavuot festejar a vinda dos primeiros frutos do novo ano.

As celebrações relacionadas com a agricultura eram particularmente caras aos corações dos judeus da Palestina.

No Shavuot em Gan Dafna tornara-se tradicional a vinda de delegações das colónias do Huleh para tomarem parte nos festejos.

De novo, ao chegarem os camiões cheios de lavradores do *moshav* de Yad El, Gan Dafna parecia estar no Carnaval! Sara Ben Canaan também apareceu.

Vinham de Kfar Giladi, os *kibbutzim* na fronteira do Líbano: vinham de Ayelet Hashahar, o *kibbutz* junto ao lago, e de Ein Or; vinham de Dan, na fronteira da Síria, e de Manara, no cume da montanha.

O Dr. Liebermann manifestou a Harriet Saltzman e a Kitty o seu desapontamento por a delegação árabe de Abu Yesha ser apenas metade da habitual e por faltar Taha. O significado era óbvio e desanimador.

Kitty viu chegar todos os camiões. Esperava que Ari Ben Canaan viesse, e não conseguiu ocultar o seu desapontamento.

Jordana, por sua vez, observava Kitty com um sorriso cínico. ,

Vieram soldados do Forte Ester. Estes figuravam entre os «amigos» que avisavam sempre a aldeia quando estava prestes a efectuar-se uma busca de armas.

O dia foi cheio de alegria. Houve competições atléticas e festas nas aulas e laboratórios. Dançou-se a *hora* no relvado central, e as mesas ao ar 'livre vergavam ao peso da comida.

Ao pôr do Sol todos se dirigiram para o teatro, que ficava numa encosta, no meio de pinheiros, e se encheu até deitar por fora; centenas de pessoas ficaram

EXODUS 507

nos relvados circunvizinhos. Ao escurecer, acenderam-se luzes das mais variadas cores, atadas aos pinheiros.

A orquestra de Gan Dafna tocou o *Hatikvah* (*A Esperança*)

e o Dr. Liebermann pronunciou um breve discurso de boas-vindas e deu sinal para que começasse a parada do Shavuot. Depois voltou para o seu lugar junto de Kitty, Sutherland e Harriet Saltzman.

Karen comandava a parada. Quando Kitty a viu, assustou-se.

Karen vinha montada num grande cavalo branco e equilibrava uma bandeira com fundo branco e a estrela de David em azul. Vestia calças compridas azuis-escuras e uma blusa regional bordada e trazia sandálias nos pés. O seu espesso cabelo castanho, penteado em tranças, tocava-lhe nos pequenos seios.

Kitty agarrou-se aos braços da cadeira. Karen parecia a própria encarnação do espírito judaico!

«Tê-la-ei perdido? Tê-la-ei perdido?» O vento batia na bandeira e por instantes o cavalo rebelou-se; Karen dominou-o rapidamente. «Perdi-a, tal como os Hansens a perderam», pensou Kitty.

Harriet Saltzman estava a olhar para Kitty e ela baixou os olhos. Karen passou e a parada prosseguiu. Os cinco tractores de Gan Dafna reluziam e cada um puxava um carro carregado de fruta, vegetais e cereais criados na herdade da aldeia.

Passaram *jeeps*, camiões e furgonetas atulhados de flores.

Passaram camiões cheios de crianças vestindo trajes regionais e segurando ancinhos, sachos, foices e instrumentos mecânicos.

Passou o gado, vacas à frente, enfeitadas com fitas e flores, depois os cavalos bem tratados, com a crina e as caudas entrançadas. Foram trazidos os carneiros e as cabras e depois os cães de estimação, gatos, um macaco, ratos brancos e cricetos, em carinhosa exibição.

Passaram crianças segurando tecidos feitos de plantas que tinham cultivado e cuja fibra fiaram e teceram; jornais impressos por eles; trabalhos artísticos; cestos e louça de barro. Equipas de atletas entraram marchando.

508 LEON URIS

Quando a parada acabou, a assistência rompeu em calorosos aplausos.

A secretária do Dr. Liebermann chegou discretamente junto dele e segredou-lhe ao ouvido.

Desculpem, por favor disse o Dr. Liebermann--. tenho um telefonema importante.

Não se demore gritou Harriet Saltzman.

As luzes das árvores apagaram-se, ficando o local durante um momento mergulhado em escuridão; depois um holofote iluminou o palco. Abriu o pano, ouviu-se um tambor, e uma flauta de cana tocou uma melodia antiga. As crianças começaram a representar a *Canção de Rute* em pantomina, tendo como fundo o som plangente dos dois instrumentos.

Os trajes eram autênticos e as danças consistiam nos mesmos movimentos lentos e sensuais dos tempos de Rute e Naomi. Depois vieram artistas que davam saltos selvagens e dançaram com o mesmo entusiasmo que Kitty vira no cume do Tabor.

«Como eles vivem para recriar o passado!», pensou Kitty. «Como se consagram à reconquista da glória de Israel!»

Karen entrou no palco e provocou um silêncio de expectativa.

Fazia o papel de Rute. Os seus movimentos contavam a história simples e bela da rapariga maobita e da sua sogra hebreia que viajaram até Beth Lehem (Casa do Pão). A história do amor e de um Deus único era contada no Shavuot desde o tempo dos Macabeus. Rute fora uma estrangeira na terra dos Judeus; e, contudo, era ascendente do rei David.

Os olhos de Kitty estavam pregados em Karen quando ela repetiu as palavras que Rute dissera a Naomi: que viria com ela para a terra dos Hebreus.

«Para onde quer que vás, eu irei; e onde te alojares me alojarei. O teu povo será o meu povo e o teu Deus o meu Deus.»

Kitty estava consternada como nunca estivera. Poderia afastar Karen disto? Kitty Fremont era e seria sempre uma estranha. Estranha entre os Hebreus, e, contudo, não

EXODUS 509

podia dizer, como Rute dissera: «*O teu povo será o meu povo.*» Significava isto que ia perder Karen?

A secretária do Dr. Liebermann bateu no ombro de Kitty.

Venha já, por favor, ao gabinete do Dr. Liebermann murmurou.

Kitty pediu desculpa e saiu do seu lugar. Subiu até ao cimo do teatro e olhou para trás por um momento para ver as crianças dançarem a dança dos ceifeiros e para ver Karen adormecer aos pés de *Boaz*. Voltou-se e saiu do teatro.

O caminho estava escuro e tinha de ter cuidado com as trincheiras. Com a sua lanterna de bolso, Kitty iluminou o chão. Atravessou o relvado central e passou pela estátua de Dafna. Atrás de si ouvia o rufar do tambor e o gemido da flauta. Dirigiu-se rapidamente para o edifício dos serviços administrativos.

Entrou no gabinete do Dr. Liebermann.

Meu Deus! disse ela, assustando-se ao vê-lo.

Que aconteceu? O senhor parece que...

Encontraram o pai de Karen murmurou

CAPITULO VIII

No dia seguinte, Bruce Sutherland levou Kitty e Karen a Telavive. Kitty pretextou ter de fazer compras e querer que Karen visse pela primeira vez a grande cidade. Chegaram pouco antes do meio-dia e dirigiram-se ao Hotel Gat Rimon, na Rua de Hayarkon, debruçado sobre o Mediterrâneo.

A seguir ao almoço, Sutherland desculpou-se e partiu. As lojas estavam fechadas durante as horas de sesta; por isso, Kitty e Karen entretiveram-se na praia arenosa junto do hotel, refrescando-se depois do calor com um agradável banho.

Às três horas, Kitty pediu um táxi. Foram a Jafa, que um dos professores de Gan Dafna recomendara como local Para fazer boas compras de objectos árabes de bronze e

cobre. Kitty queria algumas coisas para casa. O táxi levou-as a uma rua estreita e tortuosa no centro da «Feira da Ladra» de Jafa. As lojas estavam metidas nas reentrâncias de uma muralha do tempo dos Cruzados. Pararam diante de uma das cavidades da muralha guardada por um homem gordo que dormia à entrada, com um fez vermelho inclinado sobre os olhos. Kitty e Karen observaram a loja. Tinha 1,50 m de largura e pouco mais de profundidade e nela se amontoavam confusamente panelas, frigideiras, pratos, jarros, vasos, urnas, castiçais e sabe-se lá que mais. O chão não era varrido havia, pelo menos, dez anos.

O árabe pressentiu a presença de clientes e acordou. Gesticulou amavelmente, convidando-as a entrar nos seus domínios. Tirou uns objectos de bronze de duas caixas e ofereceu-os como assentos, depois correu para fora da loja e gritou ao filho mais velho que trouxesse café para as distintas hóspedes. O café chegou. Kitty e Karen beberam-no e trocaram sorrisos amáveis com o lojista. O filho ficou junto da porta era a própria imagem da estupidez.

Meia dúzia de espectadores juntaram-se à porta para observarem o que viria. As tentativas de conversa em breve se malograram. Houve grunhidos, gestos e acenos de mãos em vez de uma linguagem comum. Se bem que Karen falasse dinamarquês, francês, alemão, inglês e hebreu e Kitty falasse inglês, espanhol e um pouco de grego, o árabe era apenas versado na sua língua: Mandou mais uma vez sair o filho em busca do intérprete das lojas, e dez minutos depois este aparecia. O inglês do intérprete era uma espécie de inglês telegráfico, mas o homem era escrupuloso e a transacção começou.

Kitty e Karen andaram de um lado para o outro da loja, soprando o pó das antiguidades com embutidos algumas com uma boa camada de sujidade e manchas para atestar a sua autenticidade. Ao fim de quarenta minutos de tensão e de pesquisas femininas, cada objecto da loja tinha sido examinado por uma ou outra das clientes. Decidiram-se por um par de vasos, três cafeteiras árabes de bico comprido de rara delicadeza e um enorme prato persa com milhares de figuras gravadas à mão, descre-

EXODUS 511

vendo uma antiga lenda. Kitty perguntou o preço de tudo depois de limpo, areado e entregue no hotel. A multidão à porta da loja aproximou-se mais quando intérprete e proprietário começaram a conferenciar.

O intérprete voltou-se e suspirou.

Sr. Akim, coração triste. Separar-se estes tesouros, prato, jura por Alá, trezentos anos.

Quanto vai custar o tratamento do coração do

Sr. Akim? perguntou Kitty

Porque, senhora, sua filha aqui tão bonita, Sr. Akim faz preço especial. Tudo, dezasseis libras.

É um roubo segredou Kitty a Karen.

Não pode pagar-lhe o que ele pede disse Karen, exasperada. Quer estragar-lhe o dia não regateando?

Vou levar as coisas sem discutir segredou Kitty.

Só aquele prato custaria na América trezentos ou quatrocentos dólares.

Kitty! Por favor! gritou Karen, aborrecida. Passou à frente de Kitty e o sorriso desapareceu do rosto de Akim. Nove libras e nem mais um *grush* disse Karen com firmeza.

O intérprete transmitiu a contraproposta ao Sr. Akim.

O árabe ficou ofendido. Começou a carpir-se angustiadamente.

Tinha muita família para sustentar. Estava a ser mais uma vez vítima do seu 'bom coração. Os artigos escolhidos por aquelas senhoras, conhecedoras, eram antiguidades, como elas bem sabiam ... pela sua honra, pela honra do seu pai e pela barba de Alá. Treze libras

Doze, e acabou-se.

Akim soluçou, dizendo que estava a ser ludibriado, mas que era um pobre árabe indefeso. Era um boneco nas mãos daquelas mulheres espertas. Doze e meia. Fecharam o negócio.

Terminada a transacção, houve sorrisos dentro e fora da loja; depois, uma demorada cerimónia de apertos de mão. Akim abençoou Kitty e Karen e toda a sua descendência.

Kitty deixou o nome do hotel e informou Akim de que lhe pagaria quando os objectos, já limpos e areados fossem entregues. Gratificou o intérprete e o filho estúpido e partiram.

512 LEON URIS

Caminharam pela feira, surpreendidas com a quantidade de gente que conseguia comprimir-se nas pequenas lojas e com o muito lixo das ruas. Ao chegarem ao fim do bairro, um homem com o aspecto de um *sabra* aproximou-se de Karen, trocou com ela algumas palavras em hebreu e afastou-se rapidamente.

Que queria ele?

Viu pelo meu uniforme que era judia. Quis saber se a Kitty era inglesa. Disse-lhe quem era e ele aconselhou-nos a voltar a Telavive. Pode haver distúrbios.

Kitty olhou para trás, mas o homem desaparecera.

Devia ser um Macabeu disse Karen.

Vamos sair daqui

Kitty esteve com o coração na boca até saírem de Jafa. Foram de táxi até ao cruzamento da Estrada de Allenby com a Avenida de Rothschild. A Estrada de Allenby estava cheia de lojas novas, e a avenida era larga, tinha uma placa central e casas brancas de três andares ultramodernas.

Contrastava singularmente com a «Feira da Ladra» de Jafa. Passavam sem interrupção automóveis e autocarros e as pessoas caminhavam apressadamente, como nas grandes cidades.

Isto é muito bonito disse Karen. Estou contente por ter vindo. Custa-me a compreender que toda a gente aqui, motoristas de autocarros, criados e comerciantes, sejam todos judeus. Edificaram toda esta cidade... uma cidade judaica. Não percebe o que isto significa, pois não? ... uma cidade em que tudo pertence aos Judeus. As palavras de Karen aborreceram Kitty.

Na América temos muitos judeus importantes, Karen, e são muito felizes e muito americanos.

Mas não é o mesmo que uma nação judaica. Não é a mesma coisa que saber que, onde quer que se vá e o que quer que se faça, há sempre um canto da Terra onde nos querem bem e que nos pertence.

Kitty rebuscou na carteira um bocado de papel.

Onde será esta direcção?

Karen olhou para o papel. ,

Fica dois quarteirões mais abaixo. Quando começará a aprender a ler hebreu?

Creio que nunca disse Kitty, que depois acrescentou rapidamente: Ontem ia partindo dois dentes ao tentar dizer algumas palavras.

Encontraram a morada pretendida. Era uma loja de modas.

Que vai comprar? perguntou Karen.

Vou comprar-te um enxoval decente. É uma surpresa minha e do brigadeiro Sutherland.

Karen estacou subitamente.

É impossível disse ela.

Porquê, querida?

O que eu tenho vestido é muito bom.

É bom para Gan Dafna...disse Kitty.

Tenho toda a roupa de que necessito insistiu

Karen.

«Às vezes parece-se com a Jordana Ben Canaan», pensou Kitty.

Karen, não te esqueças de que és uma menina. Não trairás a causa se te vestires melhor de quando em quando. Orgulho-me de...

Cala-te! disse Kitty decidida. De dia para dia vais-te tornando mais parecida com uma irónica *sabra*.

Quando estiveres comigo longe de Gan Dafna vais fazer que eu e Bruce tenhamos orgulho de ti.

Kitty parecia zangada e inflexível. Karen mordeu os lábios e calou-se. Olhou de soslaio para os manequins que estavam na montra.

Não é justo para as outras raparigas disse numa tentativa final.

Esconderemos os vestidos debaixo das espingardas, se queres.

Momentos depois, Karen saltitava diante do espelho, numa passagem de modelos, muito contente por Kitty ter insistido. Sentia-se tão bem e era tudo tão bonito!... Desde quando não vestia coisas bonitas? Desde a Dinamarca...

há tanto tempo que quase se esquecera. Kitty sentia-se satisfeita por ver Karen passar de camponesa a adolescente cuidada. Percorreram toda a Estrada de Allenby, fazendo compras, e cortaram à Rua de Ben Yehuda, na Praça

E. - 33

514 LEON URIS

de Mograbi, cheias de embrulhos. Sentaram-se a uma mesa do primeiro café que encontraram. Karen comeu um sorvete e olhou para as pessoas que passavam com olhos muito abertos.

Levou à boca uma colher de sorvete.

Este é o dia melhor da minha vida disse. Seria perfeito se o Dov e o Ari cá estivessem.

Era adorável, pensou Kitty. Tinha o coração tão cheio de bondade que queria que os outros também se sentissem felizes.

Karen meditava enquanto acabava o sorvete.

Às vezes penso que arranjámos umas boas prendas. Arranjámos?

Bem... a Kitty e o Ari. Eu e o Dov.

Não sei o que te dá a impressão de que há qualquer coisa entre o Sr. Ben Canaan e eu, mas estás redondamente enganada.

Ah, sim? respondeu Karen. Então porque é que quase ficou com o pescoço torcido de olhar para todos os camiões que ontem vieram para as festas do Shavuot? De quem é que estava à procura, se não era de Ari Ben Canaan?

Hum! respondeu Kitty, bebendo o café para ocultar a sua perturbação.

Karen encolheu os ombros enquanto limpava os lábios.

Meu Deus, qualquer pessoa pode ver que gosta dele.

Kitty contraiu os olhos e olhou fixamente Karen.

Escute, menina esperta...

Negue e eu di-lo-ei em hebreu pela rua fora.

Kitty ergueu os braços.

Não posso levar a melhor. Um dia hás-de compreender que um homem pode ser muito atraente para nós, mulheres de 30 anos, sem que haja nada a sério. Gosto do Ari, mas lamento dissipar as tuas ideias românticas.

Karen olhou para Kitty com uma expressão que indicava claramente que não estava convencida. A rapariga suspirou, encostou-se a Kitty e segurou-lhe no braço, como se lhe fosse revelar um grande segredo. O rosto de Karen assumiu uma sinceridade grave de adolescente.

O Ari precisa de si, posso garantir-lhe.

EXODUS 515

Kitty afagou a mão de Karen e ajustou-lhe uma madeixa de cabelos soltos da trança.

Desejaria ter ainda 16 anos e que as coisas fossem tão puras e sem complicações. Não, Karen, o Ari Ben Canaan vem de uma raça de super-homens cheios de confiança em si próprios. O Ari Ben Canaan não precisa de ninguém desde o dia em que aprendeu a usar o chicote do pai. O sangue dele é formado por pequenos corpúsculos de aço e gelo e o coração é uma bomba como o motor daquele autocarro. Tudo isto o mantém acima e para lá das emoções humanas.

Calou-se e ficou muito quieta, olhando para longe.

Gosta dele, que eu sei.

Sim suspirou Kitty, gosto, e o que disseste é verdade: arranjámos umas boas prendas. É melhor voltarmos para o hotel. Quero que te vistas muito bem e te arranjes de forma a pareceres uma princesa. Bruce e eu temos uma surpresa para ti. Solta as tranças.

Karen parecia realmente uma princesa quando Sutherland as foi buscar para jantar. A surpresa era irem ao Teatro Nacional de Habjma, a um espectáculo do *Lago dos Cisnes* por uma companhia de *ballet* francesa em digressão e pela Orquestra Filarmónica da Palestina.

Karen inclinou-se para a frente e esteve sentada na beira da cadeira durante todo o espectáculo, concentrando-se atentamente nos passos da primeira-bailarina, enquanto esta esvoaçava pelo palco. A beleza irresistível e obcecante do espectáculo enchia o cérebro de Karen.

Como tudo era belo, pensava Karen. Quase esquecera que existiam ainda no mundo coisas como o *ballet*. E como era feliz por ter Kitty Fremont! O palco estava banhado numa luz azul e no final a música avolumava-se com a tempestade, a derrota do perverso Van Rotbart por Siegfried e as belas donzelas-cisnes transformando-se em mulheres. Lágrimas de prazer corriam pelo rosto de Karen.

Kitty olhava mais para Karen do que para o *ballet*.

Sentia que acordara qualquer coisa que estava latente na rapariga. Talvez Karen estivesse a descobrir que havia algo no mundo que ela já outrora possuía e que era tão importante como a verdura dos campos da Galileia. Kitty

resolveu novamente manter esta chama sempre viva em Karen; ainda que os Judeus possuíssem grande parte dela havia ainda muito que nunca poderiam obter.

No dia seguinte, Karen estaria com o pai e o seu mundo passaria a mover-se noutra direcção. Neste dia, Kitty tinha ganho qualquer coisa.

Regressaram tarde ao hotel. Karen estava felicíssima.

Abriu a porta do hotel e dançou no átrio. Os oficiais britânicos franziram as sobrancelhas. Kitty mandou-a subir a fim de se preparar para se deitar, e dirigiu-se ao bar com Sutherland.

Já lhe disse do pai?

Não.

Quer que eu vá consigo?

Prefiro... que seja a sós.

Sem dúvida.

Mas, por favor, apareça depois.

Lá estarei.

Kitty levantou-se e beijou Sutherland na face.

Boa noite, Bruce.

Quando Kitty chegou, Karen ainda estava a dançar no quarto.

Reparou em Odette na última cena? disse, imitando os passos.

É tarde e já estás cansada.

Ah, que dia! disse Karen, atirando-se para a cama.

Kitty foi à casa de banho e mudou de roupa. Ouvia Karen cantarolando as melodias do *ballet*. «Ah, meu Deus», murmurou Kitty, com o rosto entre as mãos, «porque há-de acontecer-lhe isto a ela? Dá-lhe força... dá-lhe força, por favor.»

Kitty estava às escuras, de olhos abertos. Ouviu Karen mexer-se e olhou para a cama dela. Karen levantou-se, ajoelhou-se ao lado da cama de Kitty e deitou a cabeça no peito dela.

Gosto muito de si, Kitty! - disse Karen. Não gostaria mais da minha mãe.

Kitty voltou o rosto e afagou o cabelo de Karen.

É melhor ires dormir disse ela com voz trémula.

Amanhã temos um dia muito atarefado.

EXODUS 517

Kitty manteve-se acordada, fumando consecutivamente e passeando de vez em quando. De todas as vezes que olhava para a criança que dormia sentia o coração apertado. Muito depois da meia-noite sentou-se à janela, escutando as ondas e olhando para Jafa no local onde a costa fazia uma curva. Eram quatro horas quando Kitty caiu num sono inquieto e pesado. De manhã estava muito deprimida, com o rosto fatigado e com olheiras causadas pela insónia. Uma dúzia de vezes tentou abordar o assunto. O pequeno almoço no terraço passou-se em silêncio. Kitty bebeu o café.

-Onde está o brigadeiro Sutherland? perguntou Karen.

Teve de sair em serviço. Vem mais tarde.

Que vamos fazer hoje?

Ah, várias coisas...

Kitty... é qualquer coisa sobre o meu pai, não é?

Kitty baixou os olhos.

Parece-me que já sabia.

Não tencionava enganar-te, querida... eu...

Que é?... Diga, por favor... que é?

Está muito, muito doente.

Karen mordeu um dedo e a boca tremeu-lhe.

Quero vê-lo.

Ele não te conhecerá, Karen.

Karen endireitou-se e olhou para o mar.

Esperei tanto tempo por este dia!...

Por favor...

Há mais de dois anos, desde que soube que a guerra ia acabar, que todas as noites me deitava com o mesmo sonho. Imaginava o nosso encontro; sabia qual seria o aspecto dele e o que diríamos um ao outro. No campo de refugiados de Caraolos, em Chipre, e todos estes meses, sonhei com isso todas as noites... o meu pai e eu. veja... eu sempre soube que ele estava vivo e. . assim ia vivendo.

Karen... acaba com isso. Não vai ser como tu sonhaste.

A rapariga tremeu da cabeça aos pés. Tinha as palmas das mãos húmidas. Saltou da cadeira.

518 LEON URIS

Leve-me para junto dele.

Kitty abraçou-a e apertou-a muito.

Deves preparar-te para uma coisa terrível.

Por favor... vamos, por favor.

Tenta lembrar-te... aconteça o que acontecer...

vejas o que vires... eu estou contigo. Lembras-te disso?

Sim... hei-de lembrar-me.

O médico sentou-se diante de Karen e Kitty.

O teu pai foi torturado pela Gestapo, Karen disse a seguir. No princípio da guerra queriam que ele trabalhasse para eles, e isso tornava as coisas muito difíceis. Finalmente, desistiram. Não aceitou em trabalhar, apesar de lhe dizerem que com isso fazia a tua mãe e irmãos correrem perigo.

Lembro-me agora disse Karen. Lembro-me de que as cartas deixaram de chegar à Dinamarca e eu tinha medo de perguntar a Aage notícias da minha família.

Foi mudado para Theresienstadt, na Checoslováquia, e a tua mãe e os teus irmãos...

Eu sei.

Mandaram-no para Theresienstadt com a esperança de que mudasse de ideias. Depois da guerra soube o que tinha acontecido à tua mãe e irmãos. Sentiu-se culpado por ter esperado demasiado tempo até deixar a Alemanha e por ter feito que a tua mãe e os teus irmãos fossem apanhados. Quando soube o que se passara, após anos de tortura, perdeu a razão.

Poderá melhorar?

O médico olhou para Kitty.

Sofre de depressão... extrema melancolia.

Que quer dizer isso? perguntou Karen. >

Karen, o teu pai não tem cura.

Não acredito disse a rapariga. Quero vê-lo.

Ainda te lembras dele?

Muito pouco.

Seria muito melhor conservares essa recordação do que vê-lo agora.

Ela tem o dever, doutor, por muito custoso que seja. Não há outra solução disse Kitty.

EXODUS 519

O médico levou-as por um corredor e pararam diante de uma porta. Uma enfermeira veio abrir. Ele deixou a porta aberta.

Karen entrou num quarto, que parecia uma cela, com uma cadeira, uma mesa e uma cama. Olhou em volta durante um momento; depois ficou hirta. A um canto estava sentado um homem sobre o soalho. Estava descalço e despenteado; tinha as costas encostadas à parede, os braços em volta dos joelhos e olhava vagamente para a parede em frente.

Karen deu um passo para ele. Tinha a barba crescida e o rosto cheio de cicatrizes. De repente, as palpitações do coração de Karen tornaram-se mais lentas: «É tudo um erro», pensou ela, «este homem é um estranho... não é o meu pai... não pode ser. É um erro! Um erro!» Sentiu necessidade de se voltar e de gritar: *«Vêem, estavam enganados.*

Não é Johann Clement, não é o meu pai. O meu pai ainda está vivo em qualquer parte e anda à minha procura.» Karen continuou diante do homem sentado no soalho tentando certificar-se. Olhou para os olhos dementes. Já há tanto... tanto tempo, que não conseguia lembrar-se. Mas o homem que tinha sonhado voltar a encontrar não era este.

Havia um fogão de sala e o cheiro de tabaco de cachimbo. Havia um grande cão felpudo chamado Maximiliano Um bebé chorava no quarto ao lado. «Miriam, vai ver o que tem o Hans. Eu estou a ler uma história à minha menina e não posso interrompê-la.»

Karen Hansen Clement ajoelhou-se lentamente diante daquela massa inerte.

A casa da avó, em Bona, cheirava sempre a biscoitos acabados de fazer. Cozinhava durante toda a semana para ter as coisas prontas para a família, que vinha ao domingo. O demente continuou a olhar para a parede fronteira como se estivesse sozinho no quarto.

Vê como são engraçados os macacos do Jardim Zoológico de Colónia! Colónia tem o jardim zoológico mais maravilhoso do mundo. Quando é o Carnaval?

Analizou o homem desde os pés nus até à testa cheia de cicatrizes. Nada, nada do que via lhe lembrava o pai...

520 LEON URIS

«Judia! Judia! Judia», gritava a multidão enquanto ela fugia para casa, com o sangue a correr pela cara. «Então então, Karen, não chores. O papá não deixa que te façam mal.»

Karen estendeu a mão e tocou na face do homem.

Paizinho! disse ela. Ele não se moveu nem reagiu.

Um comboio, muitas crianças à volta que falavam em ir para a Dinamarca, mas ela estava cansada. «Adeus papá», dissera Karen. «Toma, leva a minha boneca. Ela olha por ti,» Karen estava de pé na plataforma do comboio e via o pai, que estava na estação e se ia tornando cada vez mais pequeno.

Paizinho! Paizinho! gritou Karen. É a Karen, papá! Sou a sua filha. Já cresci, paizinho. Não se lembra de mim?

O médico segurou Kitty, que tinha ficado à entrada da porta e que tremia dos pés à cabeça.

Deixe-me ajudá-la, por favor gritou Kitty.

Deixe-a disse ele.

Karen estava cheia de recordações. «Sim! Sim! É o meu pai! É o meu pai!»

Papá! gritou ela, deitando os braços ao pescoço dele. Fale-me, por favor. Diga qualquer coisa, por favor. Peço-lhe... peço-lhe!

O homem que outrora fora o ser humano chamado Johann Clement piscou os olhos. Uma súbita expressão de curiosidade desenhou-se-lhe no rosto ao aperceber-se de que estava uma pessoa agarrada a ele. Essa expressão manteve-se durante um momento de tensão, como se ele estivesse a tentar, à sua maneira, permitir que algo penetrasse na escuridão. Depois, o seu olhar voltou a cair na apatia.

Paizinho! gritou Karen. Paizinho! Paizinho!

A sua voz ecoou pela sala vazia e pelo longo corredor:

Paizinho!

Os braços fortes do médico puxaram por ela e arrastaram-na suavemente para fora do quarto. A porta foi fechada à chave e Johann Clement deixou-a para sempre.

EXODUS 521

A pequena soluçava angustiada e deixou-se cair nos braços de Kitty.

Nem sequer me reconheceu! Ah, meu Deus... meu Deus... porque é que ele não me conhece? Diz-me, meu Deus... diz-me!

Então, filha, já passou. Estou aqui. A Kitty está aqui contigo.

Não me deixe, nunca me deixe, Kitty!

Não, filha... Nunca te deixarei..”. Nunca!

CAPÍTULO IX

As notícias sobre o pai de Karen tinham-se espalhado por Gan Dafna ainda antes de ela e Kitty terem regressado. Elas abalaram profundamente Dov Landau. Pela primeira vez desde que seu irmão Mundek o abraçara, num subterrâneo do *ghetto* de Varsóvia, Dov Landau sentiu compaixão por alguém que não era ele próprio. A pena que teve de Karen Clement foi, finalmente, um raio de luz a iluminar o seu mundo negro.

Ela era a única pessoa em quem podia confiar e de quem podia gostar. Porque é que de todas as pessoas sobre a Terra tinha de acontecer-lhe isto a ela? Quantas vezes, naquele fétido campo de Chipre, Karen lhe confiara a sua fé ingénua e forte de vir a encontrar o pai? Karen estava agora desgostosa e o desespero dela causava-lhe uma profunda dor.

Que restava a Karen? Ele e a Sr.a Fremont. Que representava ele para ela? Quase nada. Em certas ocasiões queria odiar a Sr.a Fremont, mas não podia, porque sabia que ela era boa para Karen. Uma vez o pai de Karen fora do caminho, talvez a Sr.a Fremont a levasse para a América. Mas ele era um impedimento, pois bem sabia que Karen não o deixaria. No entender de Dov, só havia uma coisa a fazer.

Um rapaz chamado Mordecai era agente secreto dos Macabeus em Gan Dafna. Por ele Dov conseguiu descobrir

onde e como entrar em contacto com a organização clandestina.

Em Gan Dafna, as casas dos professores nunca estavam fechadas à chave. Esperou uma noite que todos estivessem a jantar, e depois assaltou várias delas. Roubou algumas jóias de ouro e fugiu para Jerusalém.

Bruce Sutherland foi ter directamente com o Dr. Liebermann e pediu-lhe que insistisse com Kitty no sentido de levar Karen para a sua vivenda durante uma semana ou duas para se recompor do choque.

Karen suportou a sua dor com a dignidade e a coragem que a tinham feito prosseguir através de uma vida de tragédia.

Kitty Fremont agiu com inteligência esteve sempre ao lado da pequena.

O destino do pai de Karen, juntamente com o desaparecimento de Dov Landau, contribuíram para uma sombria vitória de Kitty: esta sentia que com o decorrer do tempo poderia levar Karen para a América. Na varanda de Sutherland,

Kitty pensava constantemente nisto, detestando-se por vezes por encontrar a consolação para a tragédia de Karen, mas não conseguindo deter o curso dos seus pensamentos.

Desde que vira Karen pela primeira vez na tenda de Caraoles, toda a sua vida passara a girar em volta da rapariga.

Um dia, depois do almoço, Ari Ben Canaan apareceu na vivenda de Sutherland. Esperou no escritório, enquanto o criado ia chamar o dono da casa, que estava no terraço. Bruce pediu licença e deixou as senhoras a apanhar sol. Os dois homens falaram durante cerca de meia hora de assuntos que tinham a tratar.

Tenho cá uma amiga sua disse Sutherland concluída a conversa. Kitty Fremont está a passar aqui quinze dias como minha convidada com a jovem Karen Clement.

Ouvi dizer que se tornaram grandes amigos disse Ari.

Sim, penso que Katherine Fremont é uma das mulheres mais extraordinárias que conheço. Devia dar um salto a Gan Dafna e ver o que ela fez com algumas dessas crianças. Havia um rapaz que há seis meses nem sequer

ÊXODUS 523

falava e que não só já fala, mas está a começar a tocar corneta na banda da escola.

. Também já ouvi falar nisso disse Ari.

Insisti para que ela viesse para cá e trouxesse a pequena. Karen encontrou o pai, mas o pobre homem está completamente louco e sem possibilidade de cura. Foi um choque terrível, escusado será dizer. Venha até ao jardim.

Desculpe. Tenho umas coisas a tratar.

Que disparate! Nem pense nisso.

Pegou no braço de Ari e levou-o.

Kitty não via Ari desde o monte Tabor. Estremeceu ao vê-lo; Ari tinha um aspecto desleixado.

Kitty achou Ari extremamente carinhoso na maneira como exprimiu a Karen o seu pesar. Mostrou por ela uma ternura que, ao que parecia, reservava para o seu povo nunca tinha tratado Kitty assim. Seria isto por Ari encarar Karen como uma da sua raça? Kitty irritou-se consigo própria. Pareceu-lhe que começava a classificar todas as palavras e situações em função do judaísmo de Karen. Talvez agora estivesse a imaginar coisas que nem sequer existiam.

Kitty e Ari deram uma volta pelo roseiral de Sutherland.

Como está ela? perguntou Ari.

É uma criança muito forte e corajosa disse

Kitty. Foi uma experiência horrível, mas ela está a reagir notavelmente.

Ari olhou para trás, para o lugar onde Karen e Sutherland estavam a jogar xadrez.

É uma pequena adorável disse com sinceridade.

As palavras dele surpreenderam Kitty. Nunca lhe ouvira aquele tom de apreço e cismara até se as coisas belas chegariam sequer até ele. Pararam no fim do caminho, onde um muro baixo de pedra contornava o jardim. Para lá do muro ficava o vale, avistando-se ao longe Safed.

Kitty sentou-se no muro e olhou para a Galileia, enquanto Ari acendia um cigarro para si e outro para ela.

. Ari, nunca lhe pedi um favor. Estou prestes a fazê-lo.

Muito me apraz.

524 LEON URIS

Com o tempo, a Karen esquecerá o desgosto que teve por causa do pai, mas há outra coisa que ela pode não esquecer. O Dov Landau fugiu de Gan Dafna. Supomos que tenha ido para Jerusalém juntar-se aos Macabeus. Como sabe, ela tem pelo rapaz um interesse especial. A perda do pai tornou-lhe mais dolorosa a perda de Dov e ela está desesperada por causa dele. Queria que o encontrasse e o trouxesse novamente para Gan Dafna. Sei que você tem relações por intermédio das quais pode localizá-lo. Se conseguisse convencê-lo de que a Karen precisa dele, ele voltava.

Ari soprou o fumo do cigarro e olhou para Kitty com curiosidade.

Não compreendo, Kitty. A pequena, agora, pertence-lhe.

Ele seria a única pessoa no seu caminho e resolveu afastar-se.

Kitty olhou-o calmamente.

Devia ofender-me com o que diz, mas não me ofendo porque é verdade. Mas o facto é que não posso construir a minha felicidade sobre a mágoa dela. Não posso levá-la para a América sem que a questão de Dov esteja resolvida.

Isso é digno de elogios.

A intenção não tem nada de louvável, Ari. A Karen é uma rapariga sensata em tudo, excepto no que se relaciona com esse rapaz. Todos temos os nossos pontos fracos, deve ser isso. Deixará de se preocupar com ele muito mais depressa se ele estiver em Gan Dafna. Enquanto estiver com os Macabeus, ela vai aumentando a imagem dele até atingir proporções desmedidas.

Perdoe-me pensar em termos simples, Kitty. Você é astuta.

Adoro aquela pequena e não há nisso nada de sinistro nem de equívoco.

Você está a fazer que ela sinta que não tem outro lugar para onde ir senão para o pé de si.

Quero somente que ela saiba que tem um lugar melhor para onde ir. Talvez não acredite, mas, se eu soubesse que era melhor para ela ficar na Palestina, era aqui que ficaria.

EXODUS 525

Talvez eu acredite nisso.

Pode dizer-me com toda a franqueza que eu procedo mal, querendo levá-la para a América?

Não... não há nisso nada de mal disse Ari.

Então ajude-me a fazer que o Dov volte.

Houve uma longa pausa, depois da qual Ari apagou o seu cigarro no muro. Arrancou o papel do cigarro automaticamente, espalhou o tabaco solto e amachucou o papel até ficar numa pequena bola, que meteu no bolso.”

p. P. Malcolm ensinara-lhe a nunca deixar vestígios de um cigarro. As pontas de cigarro eram sinais reveladores para os Árabes, quando estes procuravam as tropas inimigas.

Não lhe posso fazer a vontade disse Ari.

Pode. O Dov tem-lhe respeito.

Posso encontrá-lo. Posso mesmo forçá-lo a voltar para Gan Dafna e dizer-lhe: «Fica aí, rapaz, as senhoras não querem que te aconteça mal!» Mas o Dov Landau tomou uma decisão pessoal, decisão que se impõe que todos os judeus -da Palestina tomem em sua consciência. É um sentimento muito forte: o meu pai e o meu tio há quinze anos que não se falam por causa disso. Todas as fibras do ser do Dov Landau gritam por vingança. Está a ser impelido com uma intensidade que só Deus ou uma bala podem deter.

Fala como se desculpasse os terroristas.

Às vezes estou plenamente de acordo com eles, outras detesto-os. Mas não queria ser juiz dos seus actos. Quem é você, quem sou eu, para dizermos que o Dov não tem *razão*? Sabe o que ele sofreu. Há outro ponto sobre o qual está enganada: se o fizerem regressar, ele só fará sofrer mais essa rapariga. O Dov deve fazer o que tem a fazer.

Kitty desceu do muro, sacudiu a saia e encaminhou-se com Ari para o portão.

Ari disse ela finalmente , você tem razão.

Sutherland foi ter com eles, quando saíram em direcção ao carro de Ari.

Vai demorar-se aqui muito tempo, Ben Canaan? perguntou.

Tenho umas coisas a tratar em Safed. É melhor resolvê-las já.

Porque não volta e vem jantar connosco?

Bem, eu...

Venha disse Kitty.

Está bem. Obrigado.

Bom. Volte logo que acabe o que tem a fazer em Safed.

Disseram-lhe adeus enquanto ele descia a encosta, passava pelo forte Taggart e desaparecia.

-«*Aquele que guarda Israel não poderá descansar nem dormir*» disse Kitty.

Meu Deus, Kitty! Já anda com citações de Bíblia? Abriram o portão e voltaram ao terraço.

Ari parece exausto.

Eu acho-o óptimo disse Sutherland para um homem que trabalha cento e dez horas por semana.

Nunca vi tamanha dedicação... ou deverei talvez chamar-lhe fanatismo? Fiquei surpreendida por o ver aqui, Bruce. Não sabia que também andava metido nestas coisas.

Sutherland encheu o cachimbo.

Não sou propriamente um membro efectivo, mas o Haganah veio ter comigo e pediu-me que fizesse uma estimativa da força dos exércitos árabes fora da Palestina.

Querem simplesmente a opinião objectiva de um técnico.

Ouçá, Kitty, não acha que já é tempo de ser sincera consigo própria nesta matéria?

Já lhe disse que não quero tomar partido por ninguém.

Kitty, parece-me que você está a proceder como o avestruz. Senta-se no meio de um campo de batalha e diz: «Não ataquem a minha casa, tenho as persianas corridas.»

Vou-me embora, Bruce.

Então o melhor é ir depressa. Se crê que pode continuar assim por muito tempo, nesse caso, vive no reino da utopia.

Ainda não posso. Tenho de ficar mais algum tempo até que Karen se restabeleça.

EXODUS 527

E é essa a única razão?

Kitty sacudiu a cabeça negativamente.

Creio que tenho medo de pôr as cartas na mesa.

Há momentos em que tenho a certeza dos sentimentos dela mas noutros, como agora, receio pô-la à prova.

Da vivenda de Sutherland, antes do jantar, viam a enorme lua cheia suspensa sobre a cidade.

«Três grandes dádivas concedeu o Senhor a Israel, mas todas elas serão ganhas com sofrimento. Uma é a Terra de Israel» disse Sutherland. São palavras de Bar Yohai, proferidas há dois mil anos. Acho que ele era um sábio.

A propósito de sábios, vou amanhã ao mar da Galileia.

Já lá foi, Kitty? perguntou Ari.

Não, as minhas viagens têm sido bastante restritas.

Não devia perder o passeio. E seria bom ir em breve. Daqui a umas semanas está demasiado calor.

Porque não a leva? interpôs Karen rapidamente.

Fez-se um silêncio embaraçoso.

Isso... é realmente uma boa ideia disse Ari.

Podia arranjar o meu horário de maneira a tirar alguns dias. Porque não vamos todos quatro?

Não me interessa disse Karen. Já lá fui duas vezes a pé com a Gadna.

Bruce Sutherland pegou na deixa de Karen.

Eu não, meu velho. Já vi o lago meia dúzia de vezes.

Porque não vai com o Ari? perguntou Karen a Kitty.

Penso que seria melhor ficar aqui contigo respondeu Kitty.

Que disparate! insistiu Sutherland. Karen e eu arranjamo-nos muito bem sozinhos. Será até um prazer vermo-nos livres de si durante uns dias, sem contar que Ari parece precisar de um pouco de repouso.

Kitty riu.

Ari, estou a farejar uma conspiração secreta. Parece que temos um par de casamenteiros a tentar fazer um *shiddoch*.

Ouçam-na! gritou Karen excitada.

Não tem importância, eu no fundo sou uma *sabra*.
 Parece que não terá outro remédio senão levar-me, Ari[
 Terei nisso muito prazer respondeu ele.

CAPÍTULO X

De manhã cedo, Ari e Kitty partiram para o mar da Galileia. Entraram no vale de Genossar, que seguia ao longo da costa norte. Do outro lado do lago, o contorno indistinto dos montes tismados da Síria, e sobre todo o vale um ar quente, abafado e parado.

«Este é o mar de Deus», pensou Kitty. Mais uma vez estava só com Ari Ben Canaan e, tal como sucedera nos montes da Judeia, mais uma vez sentia a intemporalidade da terra que a rodeava. Porque seria que tudo a afectava mais profundamente quando estava com Ari?

Ele levou-a às ruínas da Sinagoga de Cafarnaum, à beira-mar. Por aqui, Jesus caminhara, ensinara e fizera milagres. Vieram à mente de Kitty palavras que ela supunha esquecidas. *«Jesus caminhou pelas margens do mar da Galileia e viu dois irmãos Simão, a quem chamavam Pedro, e André deitando uma rede ao mar... e foram a Cafarnaum e logo no Sabat. Ele entrou na sinagoga e começou a ensinar.»*

Dir-se-ia que Ele nunca tinha deixado estas paragens. À beira de água, os pescadores lançavam as suas redes ao mar e um pequeno rebanho de cabras pretas pastava como se não tivessem decorrido séculos.

Ari levou-a depois à igreja que assinalava o lugar do milagre da multiplicação dos pães e dos peixes, a curta distância de Cafarnaum. O chão da igreja era constituído por um mosaico bizantino com desenhos de corvos marinhos, garças, patos e outras aves selvagens que ainda viviam no lago.

Dirigiram-se em seguida a uma pequena capela no monte da Bem-Aventura, onde Jesus pregou o Sermão da Montanha.

EXODUS 529

«Bem-aventurados os que são perseguidos por amor da rectidão: porque deles 'é o reino dos Céus. Bem-aventurados sereis vós quando os homens vos aviltarem, e perseguirem e falsamente disserem todo o mal possível de vós, por meu amor. Regozijai-vos e enchei-vos de alegria: porque grande é a vossa recompensa nos Céus: porque assim foram perseguidos os profetas que vos antecederam»

Estas foram palavras Suas neste sítio. À medida que ia vendo os lugares santos cristãos ocorria a Kitty a ideia, que aumentou a sua confusão, de que Ari Ben Canaan, David Ben Ami e até a sua Karen pareciam estar mais próximos de tudo isto do que ela nunca estaria.

Atravessaram rapidamente a aldeia árabe de Migdal, uma aldeia adormecida que fora a terra natal de Maria Madalena; depois passaram por bako dos Chifres de Hattin, onde estava o túmulo de Jetro, sogro de Moisés -e principal profeta dos Drusos. Mas Kitty tinha a atenção dispersa, devido à agitação que lhe ia no espírito.

O carro afastou-se de Hattin e entrou numa planície onde uma profusão de flores escarlates lhes deu nas vistas.

O campo era um verdadeiro tapete vermelho de flores silvestres.

Como é vermelho! disse Kitty. Ari, pare o carro por um momento.

Ele chegou-se para a berma da estrada e Kitty saiu.

Apanhou uma flor e ao olhar para ela os olhos contraíram-se-lhe.

Nunca vi nada assim murmurou ela com voz trémula.

Os antigos Macabeus viviam em cavernas perto daqui. É o único lugar do mundo onde esta flor cresce. Chamam-lhe «Sangue dos Macabeus».

Kitty examinou de perto a flor vermelha As pétalas Pareciam, na verdade, pequenas gotas de sangue. Deixou cair rapidamente a flor e limpou a mão à saia.

Esta terra e tudo o que com ela se relacionava estavam a constituir um círculo apertado em volta de Kitty.

Até as flores silvestres não a deixavam esquecer um só

E. - 34

530 LEON URIS

instante! Era qualquer coisa que entrava nela vinda da própria terra e do seu ar e a amaldiçoava e torturava Kitty Fremont estava assustada. Sentiu que teria de deixar a Palestina imediatamente: quanto mais resistia aquela terra mais ela se fazia sentir. Estava em toda a parte, por cima e por baixo dela, sufocando-a e vencendo-a. Entraram em Tiberíade pelo lado norte e passaram pelo moderno subúrbio judaico de Kiryat Sahmuel (Aldeia de Samuel); depois passaram por outro grande forte Taggart e desceram os montes até à Cidade Velha. Os edifícios eram principalmente de basalto negro e os montes estavam cheios de sepulturas e cavernas de grandes hebreus antigos.

Voltaram ao Hotel da Galileia, debruçado sobre o mar. Ao meio-dia o calor era muito grande. Kitty mal tocou no seu almoço de cascarra da Galileia e quase não disse palavra. Desejaria não ter vindo.

Ainda não lhe mostrei o lugar mais sagrado de todos disse Ari.

Onde é?

- No *kibbutz* Shoshanna. Foi lá que eu nasci,

Kitty sorriu. Suspeitou que Ari tinha compreendido a sua perturbação e tentava alegrá-la.

E onde fica esse santuário?

A algumas milhas da foz do Jordão. Ainda que me tenham dito que quase nasci no velho posto da polícia turca aqui na cidade. Este sítio, no Inverno, está cheio de turistas, mas a estação já vai adiantada. Em qualquer caso, temos o lago todo só para nós. Porque não vamos nadar?

É realmente uma excelente ideia disse Kitty.

Um longo molhe de basalto saía do hotel e entrava pelo lago numa extensão de cerca de 40 metros. Ari foi o primeiro a chegar ao molhe. Kitty deu por si a olhar para o corpo de Ari, ao sair do 'hotel. Ele acenou-lhe. Era delgado e parecia forte e resistente.

Eh! gritou Kitty. Já estive na água?

Tenho estado à -sua espera.

Qual é a profundidade na ponta do cais?

EXODUS 531

Cerca de 3 metros. É capaz de nadar até à jangada? Kitty despiu o roupão e pôs a touca de banho. Ari examinava-a abertamente, tal como ela o analisara. O corpo dela não tinha a robustez angulosa de uma rapariga *sabra*. Era, antes, suave e curvilíneo, como é de esperar numa mulher americana.

Os olhos de ambos encontraram-se durante um instante e ambos pareceram um pouco perturbados.

Ela passou por ele a correr e mergulhou na água. Ari seguiu-a. Ficou surpreendido ao constatar que o mais que podia fazer era alcançá-la e ultrapassá-la um pouco. Kitty nadava com um elegante *crawl* e braçadas seguras que o *fizeram* esforçar-se ao máximo. Subiram para a jangada, ofegantes e risonhos.

Pregou-me uma partida disse ele.

Esqueci-me de falar nisso, mas...

Eu sei, eu sei. Na Universidade pertencia à equipa de natação.

Ela deitou-se de costas e respirou fundo, de prazer. A água estava fresca e revigoradora e parecia ter-lhe feito passar o mau humor.

Já era tarde quando voltaram ao hotel; tomaram *cocktails* na varanda e depois retiraram-se para os quartos, para descansarem antes do jantar.

Ari, que dormia pouco nas últimas semanas, adormeceu logo que se deitou. No quarto contíguo, Kitty passeava.

Recompusera-se de grande parte da agitação matutina, mas estava cansada da tensão emocional e ainda um pouco assustada com o poder místico da terra. Ansiava por voltar a uma vida normal, sã e regrada. Convenceu-se de que Karen precisava antes de mais nada desta mesma terapêutica. Decidiu falar-lhe sem demora no assunto. A noite tornou-se agradavelmente fresca. Kitty começou a vestir-se para o jantar. Abriu o armário e analisou os três vestidos que estavam pendurados. Lentamente, tirou um deles. Era o vestido que Jordana Ben Canaan tirara do seu armário no dia da discussão. Lembrou-se do aspecto de Ari sobre o molhe e de como gostara de

532 LEON URIS

o ver. O vestido não tinha alças, era muito colado ao corpo e realçava-lhe o peito.

Todos os olhos masculinos do hotel se levantaram quando Kitty 'passou e as narinas aspiraram o seu perfume.

Ari ficou como que atordoado, vendo-a a atravessar o vestíbulo. À medida que ela se aproximava, ele notou subitamente que estava a fixá-la e rapidamente falou-lhe:

Tenho uma surpresa para si disse. Há um concerto no *kibbutz* de Ein Or, do outro lado do lago.

Podemos ir logo a seguir ao jantar.

Este vestido será apropriado?

Ah... sim... sim, está muito bem.

A Lua estava ainda quase tão cheia como na noite anterior. Precisamente no momento em que a lancha a motor partia da ponte, surgiu ela por trás dos montes sírios, incrivelmente grande, projectando uma grande réstia de luz sobre as águas imóveis.

O mar está tão calmo... disse Kitty.

É ilusório. Quando Deus se zanga, em minutos transforma-o num oceano.

Em meia hora tinham atravessado o lago e descido nas docas do *kibbutz* Ein Gev (Primavera do Desfiladeiro da Montanha). Ein Geve fora uma experiência ousada, pois o *kibbutz* estava isolado do resto da Palestina e mesmo por baixo das montanhas da Síria. Sobre ele ficava suspensa uma aldeia síria e os campos estavam lavrados até aos marcos da fronteira. Fora fundado por imigrantes da Aliyah alemã em 1937 e oferecia um panorama da maior importância estratégica, sobre o mar da Galileia.

O *kibbutz* ficava junto de uma bacia formada pelo rio Yarmuk e a fronteira entre a Síria e a Transjordânia. Essa bacia fora um dos berços da humanidade. Todos os dias os lavradores encontravam indícios de vida humana, alguns pré-históricos. Tinham encontrado toscos arados e cerâmicas com milhares de anos de idade, o que provava que a região fora outrora cultivada e ali tinham vivido comunidades. Mesmo na fronteira entre Ein Gev e os montes sírios ficava uma pequena montanha em forma de coluna. Chamava-se Sussita (Cavalo). No cimo de Sussita existiam

EXODUS 533

ruínas de uma das nove cidades fortificadas dos Romanos na Palestina. Sussita ainda dominava toda a região. Muitos pioneiros alemães tinham sido músicos e eram pessoas engenhosas. Além da agricultura e da pesca, descobriram outra maneira de aumentar o rendimento do *kibbutz* Formaram uma orquestra e compraram duas lanchas para trazer os turistas de Inverno de Tiberíade a assistirem aos concertos. A ideia foi bem sucedida e a tradição foi-se enraizando, até que passaram a ir a Ein Gev todos os artistas que visitaram a Palestina. Construíram numa mata natural à beira do lago um grande auditório aberto, e planos posteriores previam a construção de um edifício coberto

Ari estendeu um cobertor na relva e ambos se deitaram, olhando para o céu e vendo a enorme lua de Lag Ba *Omsr* diminuir e subir, cedendo o lugar a um bilião de estrelas. Enquanto a orquestra tocava um concerto de Beethoven, a tensão de Kitty ia desaparecendo. O momento que estava a viver era perfeito: não podia ter-se criado cenário mais belo. Era quase irreal, e ela desejou que o tempo não passasse.

O concerto chegou ao fim. Ari pegou na mão de Kitty e levou-a para longe da multidão, por um caminho ao longo do lago. O ar estava silencioso e cheio do aroma dos pinheiros e o mar da Galileia parecia um espelho polido. À beira da água havia um banco formado por três placas de pedra de um templo antigo.

Sentaram-se e olharam para as luzes cintilantes de Tiberíade.

Ari tocou-lhe ao de leve; Kitty voltou-se e olhou para ele. Como Ari Ben Canaan era atraente! De súbito, teve vontade de o abraçar, de lhe tocar na face e afagar-lhe o cabelo. Queria dizer-lhe que não trabalhasse tanto. Queria pedir-lhe que lhe abrisse o coração. Queria dizer o que sentia quando o tinha junto dela e suplicar-lhe que não fosse um estranho e encontrasse algo que ambos pudessem partilhar. Mas Ari Ben Canaan era um estranho e ela nem sempre ousava dizer o que sentia.

O mar da Galileia batia de encontro à praia. Uma repentina rajada de vento fez oscilar os juncos à beira de ela. Kitty Fremont afastou-se de Ari

534 LEON URIS

Um tremor percorreu-lhe o corpo ao sentir a mão dele tocar-lhe no ombro.

Está com frio disse Ari, pegando no abafo dela Kitty pô-lo sobre os ombros. Olharam-se demoradamente. Ari levantou-se de repente.

Parece que a lancha vem aí disse. Será melhor irmos.

Quando a lancha partiu, o mar da Galileia agitou-se repentinamente, como Ari tinha dito que acontecia por vezes. Flocos de espuma batiam de encontro à proa e salpicavam-nos. Ari passou o braço em volta dos ombros de Kitty e puxou-a a si, para a proteger da água. Durante toda a travessia do lago, Kitty repousou a cabeça no peito dele, com os olhos fechados e escutando o bater do seu coração.

Caminharam de mãos dadas desde o molhe, seguindo pelo caminho que conduzia ao hotel. Kitty parou debaixo de um salgueiro cujos ramos se estendiam como um chapéu de chuva gigante, curvando-se sobre o lago. Tentou falar, mas a voz tremia-lhe e as palavras não saíam.

Ari tocou-lhe no cabelo molhado e afastou-lho da testa. Agarrou-lhe os ombros docemente; ao chegá-la a si, os músculos do rosto tornaram-se tensos. Kitty olhou para ele.

Ari murmurou, beija-me.

Tudo o que neles estivera adormecido durante meses, neste primeiro abraço, explodiu em labaredas de êxtase. Como ele se sente feliz! Que forte ele é! Kitty nunca tinha conhecido um momento como este com homem nenhum, nem mesmo com Fremont. Beijaram-se e tornaram a beijar-se e ela apertava-o e sentia a força dos seus braços. Depois separaram-se e caminharam apressadamente e em silêncio em direcção ao hotel.

Diante da porta do seu quarto, Kitty ficou embaraçada.

Ari dirigia-se para os seus aposentos, mas Kitty pegou-lhe na mão e fê-lo voltar. Por momentos ficaram mudos em frente um do outro; então, Kitty abanou a cabeça, voltou-se e entrou rapidamente no quarto, fechando a porta atrás de si. Despiu-se às escuras, enfiou um robe e cami-

EXODUS 535

nhou para a varanda, donde via a luz do quarto dele.
OuvIU-o passear no quarto; depois apagou a luz. Kitty tornou a ficar às escuras Um instante depois, Ari estava na sua varanda.

Quero-te... disse Ari.

Ela correu para ele e abraçou-o fortemente, tremendo de desejo. Os beijos dele caíram-lhe sobre a boca, faces e pescoço, e ela retribuiu beijo com beijo, afago com afago, num abandono que nunca conhecera. Ari tomou-a nos braços, levou-a para a cama, deitou-a e ajoelhou-se ao seu lado. Kitty sentiu-se desmaiar. Agarrou-se aos lençóis, arfando.

Ari baixou a alça do roupão e acariciou-lhe o seio. Com um repente súbito, Kitty desprendeceu-se e saltou da cama, vacilando

Não! disse ela ofegante.

Ari ficou gelado.

Os olhos de Kitty encheram-se de lágrimas e ela encolheu-se de encontro à parede, apoiando-se para deixar de tremer. Deixou-se cair sobre uma cadeira. Passaram alguns momentos até se acalmar e a sua respiração se normalizar. Ari estava de pé e olhava para ela.

Deve odiar-me... disse ela finalmente.

Ari não respondeu. Ela olhou para a figura dele, imponente, e viu-lhe a dor estampada no rosto.

Vá, Ari... diga... diga qualquer coisa.

Ele continuou calado.

Kitty levantou-se lentamente e encarou-o.

Não quero que isso aconteça, Ari. Creio que fui apenas vencida pelo luar...

Não pensei que estivesse a tratar com uma virgem

| assustada disse.

Ari, por favor.

Não tenho tempo para me entregar a jogos de palavras.

Sou um homem feito e você é uma mulher feita.

Põe a questão muito bem.

A voz dele era fria.

Saio pela porta, se isso não a incomoda.

Kitty estremeceu com a violenta pancada da porta ao fechar-se. Ficou muito tempo junto das portas envidra-

çadas, olhando a água. O mar da Galileia estava enfurecido e a Lua esbatia-se por trás de uma sinistra nuvem negra.

Kitty não conseguiu pensar com clareza. Porque tinha fugido dele? Nunca se sentira tão atraída por ninguém e nunca se descontrolara assim. A sua própria temeridade a tinha assustado. Pensou que Ari Ben Canaan não a queria realmente. Além de uma noite de amor, não precisava dela, e nunca nenhum homem a tratara assim.

Então sentiu que andara a fugir do sentimento que tinha por ele, deste desejo de Ari que podia levá-la a ficar na Palestina. Não devia deixar que isto tornasse a acontecer.

La partir com Karen e nada a deteria! Sabia que receava Ari, pois podia vencê-la. Se ele desse a mais leve indicação de gostar realmente dela, talvez não tivesse coragem de fazer o que tencionava pelo contrário, a lembrança da sua frieza de aço fortificava nela a decisão de resistir. Sentiu-se mais sossegada e, ao mesmo tempo, cheia de ressentimento.

Kitty atirou-se para a cama e caiu num sono profundo, com o vento que soprava sobre a água batendo-lhe de encontro à janela.

De manhã, o tempo estava novamente calmo.

Kitty afastou a roupa e saltou da cama. Os acontecimentos da noite anterior vieram-lhe à lembrança e sentiu-se envergonhada. Agora já não lhe pareciam tão graves, mas mesmo assim estava embaraçada. Fizera uma cena, e não restavam dúvidas de que Ari a achara bastante melodramática e infantil. Fora ela a culpada: trataria de fazer as pazes com ele, falando-lhe sensata e francamente. Vestiu-se depressa e desceu à sala de jantar. Pensou nas palavras que usaria para pedir desculpa.

Kitty bebeu o café e esperou.

Passou meia hora. Ari não descia. Kitty apagou o seu terceiro cigarro e dirigiu-se ao balcão fronteiro.

Viu esta manhã o Sr. Ben Canaan? perguntou ao empregado.

O Sr. Ben Canaan saiu às seis horas.

Disse onde ia?

O Sr. Ben Canaan nunca diz onde vai.

EXODUS 537

Talvez tenha deixado recado para mim...

O empregado voltou-se e apontou para o escaninho das chaves; estava vazio.

Está bem... Obrigada.

CAPITULO XI

Dov Landau arranjara um quarto num hotel de quarta ordem meio em ruínas, na Rua da Corrente, na Cidade Velha de Jerusalém. Seguindo as instruções, dirigiu-se ao Café Saladino, na Estrada de Nablus, próximo da Porta de Damasco, e deixou um apontamento com o seu nome e morada para ser entregue a Bar Israel.

Dov empenhou os anéis e pulseiras de ouro roubados aos professores de Gan Dafna e entregou-se à tarefa de estudar Jerusalém Para um rato de *ghetto* e um amigo mestre em furtos, Jerusalém era simples três dias depois, *Dov* conhecia todas as ruas e becos da Cidade Velha e os seus bairros comerciais. O seu olhar agudo avaliava rapidamente os objectos e as suas mãos hábeis furtavam os necessários para se manter. A fuga pelos estreitos becos e mercados cheios de gente era para ele extraordinariamente fácil.

Dov gastava grande parte do dinheiro em livros e material artístico. Percorria frequentemente a Estrada de Jafa, procurando nas muitas livrarias livros sobre arte, desenho e arquitectura.

Fechava-se no quarto com os livros e o material, alguma fruta seca e bebidas não alcoólicas e esperava pela visita dos Macabeus. Estudava à luz de uma vela. Não dava pela vida de luxo da Rua da Corrente, que ficava entre os bairros judaico e muçulmano e ia até ao Zimbório da Rocha e Muro das Lamentações. Lia até ter os olhos a arder e não poder ler mais, depois pousava o livro sobre o peito, olhava para o tecto e pensava em Karen Clement. Dov não tinha imaginado a que ponto sentiria a falta dela, nem o que isso podia representar de

538 LEON URIS

verdadeira dor física. Karen estivera com ele durante tanto tempo que se esquecera do que era viver longe dela. Lembrava-se de cada momento passado juntos; dos dias em Caraios e no *Exodus*, quando ela tinha estado deitada nos seus braços no porão do navio ;da sua felicidade e da beleza que irradiava no primeiro dia de Gan Dafna. Lembrava-se do seu rosto bondoso e expressivo, das suas festas e da sua voz aguda quando se zangava.

Dov sentou-se na beira da cama e esboçou centenas de retratos de Karen. Desenhou-a em todas as posições em que se lembrava de a ter visto, mas acabou por amarrotar os desenhos e atirá-los ao chão, porque nenhum mostrava como ela era bela aos seus olhos.

Manteve-se no quarto durante duas semanas, saindo apenas quando era necessário. No fim da segunda semana precisou de mais algum dinheiro e saiu a empenhar alguns anéis. Quando chegou à entrada do edifício, viu um homem de pé no escuro. Dov levou a mão à pistola e passou, pronto para se voltar ao primeiro ruído

Não te mexas, não te voltes ordenou uma voz que vinha da escuridão.

Dov estacou, gelado.

Perguntaste por Bar Israel. Que queres?

Bem sabe o que quero.

Como te chamas?

Landau, Dov Landau.

Donde vens?

De Gan Dafna.

Quem te enviou?

Mordecai.

Como vieste para a Palestina?

No *Exodus*.

Continua a caminhar e não te voltes. Serás contactado mais tarde.

Depois desta conversa, Dov andou agitado. Esteve prestes a abandonar tudo e a voltar para Gan Dafna Sentia tanto a falta de Karen. Começou várias cartas, mas rasgou-as a todas. «Tenho de a esquecer... Tenho de a esquecer. », repetia a si próprio uma vez e outra.

ÊXODUS 539

Uma noite estava deitado no quarto a ler e começou a dormir. Levantou-se e acendeu outras velas: se adormecesse e tornasse a ter o velho pesadelo, não queria acordar num quarto às escuras.

De repente ouviu uma forte pancada na porta.

Dov deu um >salto, pegou na pistola e encostou-se à porta fechada.

São os teus amigos. disse uma voz no corredor.

Dov reconheceu-a como sendo a mesma que lhe falara da escuridão. Abriu a porta, mas não viu ninguém.

Volta-te e fica virado para a parede ordenou a voz.

Dov obedeceu. Sentiu a presença de dois homens atrás de si. Ataram-lhe uma venda aos olhos e quatro mãos levaram-no, pelas escadas abaixo, até um carro que os esperava; depois atiraram-no para o chão da parte traseira do automóvel, cobriram-no e conduziram-no para fora da Cidade Velha.

Dov concentrou-se, tentando perceber para onde o levavam. O carro guinchou ao entrar na Rua do Rei Salomão e seguiu pela Via Dolorosa, até à Porta de Estêvão.

Para Dov Landau, habituado a orientar-se numa centena de caminhos diferentes na escuridão dos esgotos de Varsóvia, aquilo era uma brincadeira.

Mudaram de velocidade ao subir um monte. Deviam estar a passar pelo Túmulo da Virgem, em direcção ao monte das Oliveiras, calculou Dov. A estrada passou a ser plana. Dov percebeu que estavam ao pé da Universidade Hebraica e Centro Clínico da Hadassah, no monte Scopus.

Prosseguiram durante mais dez minutos e pararam

Dov localizou com exactidão o lugar: era a secção do Sinédrio, próximo dos Túmulos dos Sínedros, antigo supremo tribunal dos rabinos hebreus.

Levaram-no para uma casa e fizeram-no entrar numa sala cheia de fumo de tabaco, onde o mandaram sentar

Sentiu a presença de pelo menos cinco ou seis pessoas.

Durante duas horas, Dov foi bombardeado com perguntas.

Interrogaram-no de todos os pontos da sala, até que ele começou a transpirar nervosamente. À medida que o inter-

rogatório prosseguia, começou a relacionar as coisas. Os Macabeus tinham tido conhecimento, por intermédio dos seus infalíveis serviços de informação, de que Dov era um falsificador excelente; pareciam ter grande necessidade dele. Não havia dúvidas de que fora trazido à presença de alguns dos membros mais importantes dos Macabeus, talvez dos próprios comandantes. Por fim, mostraram-se satisfeitos com as qualidades de Dov e o seu sangue-frio.

Há uma cortina na tua frente disse uma voz.

Mete as mãos nela.

Dov meteu as mãos no pano. Numa delas foi colocada uma pistola e na outra uma Bíblia. Repetiu o juramento dos Macabeus: «Eu, Dov Landau, dou o meu corpo, a minha alma, o meu ser, sem reservas nem limitações, aos Combatentes da Liberdade dos Macabeus. Obedecerei a toda e qualquer ordem sem hesitar. Subordinar-me-ei à autoridade que me é superior Exposto à tortura ou mesmo à morte, nunca divulgarei o nome de um camarada Macabeu nem os segredos que me forem confiados. Combatarei os inimigos do povo hebreu até ao último sopro de vida do meu corpo, Não me deterei nesta sagrada batalha até à criação de um Estado judaico em ambos os lados do rio Jordão, como é direito histórico e natural do meu povo O meu lema para com os inimigos será: vida por vida, olho por olho, dente por dente, mão por mão, queimadura por queimadura. Tudo isto o juro em nome de Abraão, Isac e Jacob, de Sara, Rebeca, Raquel e Lia e dos profetas, e de todos os judeus que foram assassinados e de todos os meus bravos irmãos e irmãs que morreram em nome da liberdade.»

Tiraram a venda dos olhos de Dov, apagaram as velas sobre o Menorah que estava diante dele e acenderam as luzes da sala. Dov olhou para os seis homens e mulheres de aspecto soturno. Apertaram-lhe a mão e apresentaram-se.

O próprio Akiva estava presente, bem como Ben Moshe, o seu chefe militar, que perdera um irmão na guerra, lutando ao lado dos Ingleses. Ben Moshe tinha também uma irmã que pertencia ao Palmach. Nahum Ben Ami tinha seis irmãos, que estavam também todos no Palmach Estes homens e mulheres tinham-se reunido

EXODUS 541

por não poderem nem quererem usar da moderação da Yishuv.

O velho Akiva dirigiu-se a Dov:

Ser-nos-ás muito útil, Dov Landau. Por isso te aceitámos sem o treino habitual.

Não vim para cá para fazer desenhos ripostou

Dov.

Farás o que te mandarem fazer respondeu Ben Moshe.

Dov, agora és um Macabeu, disse Akiva Tens direito a usar o nome de um herói hebreu. Já escolheste esse nome?

Giora disse Dov.

Houve risos na sala. Dov rangeu os dentes.

Giora, não é? disse Akiva. Já há outros a pretender esse nome.

E se for Pequeno Giora propôs Nahum Ben Ami, até que Dov possa tomar-se Grande Giora?

Se me derem oportunidade, tornar-me-ei Grande Giora bem depressa.

Elaborarás o plano de uma oficina de falsificações disse Ben Moshe e viajarás connosco. Se te portares bem e fizeres o que te dissermos, de vez em quando deixamos-te tomar parte num ataque.

O major Fred Caldwell jogava bridge na sala de estar principal do Clube de Oficiais Britânicos, em Goldsmith House, de Jerusalém. Freddie estava com dificuldade em concentrar-se no jogo. O seu espírito voltava constantemente ao quartel-general do D. I. C. e à rapariga agente dos Macabeus que tinham capturado e a quem interrogavam havia três dias. Chamava-se Ayala, tinha pouco mais de 20 anos e era extremamente bonita. Tinha-se licenciado em Música na Universidade. Pelo menos era bonita antes de começar o interrogatório. Ayala era mais outra judia corajosa que desafiava o D. I. C. Tal como a maior parte dos macabeus capturados, passava o tempo a recitar passagens bíblicas, predizendo a condenação eterna dos Ingleses ou proclamando a justiça da sua causa.

Nessa manhã, a paciência britânica tinha-se esgotado e tinham começado a torturar Ayala.

É a sua vez, Freddie disse o seu parceiro.

Fred Caldwell olhou rapidamente para as cartas.

Desculpem-me disse ele, fazendo uma má jogada.

Via mentalmente o inspector batendo em Ayala com uma mangueira de borracha. Ouvia as repetidas pancadas no rosto da rapariga, pancadas que continuariam até ter o nariz partido, os olhos negros e inchados, a ponto de quase não os poder abrir, e os lábios entumecidos e deformados.

Mas Ayala não cederia.

Freddie não se importava absolutamente nada que Ayala não cedesse: na verdade, a ideia de que a judia ficaria com o rosto esmagado deliciava-o.

Um impedido aproximou-se da mesa.

Com licença, major Caldwell, chamam-no ao telefone.

Desculpem-me disse Freddie, pousando as cartas na mesa. Dirigiu-se ao telefone do outro lado da sala e pegou no auscultador.

«Aqui, Caldwell.»

«*alô*, major Caldwell. Aqui fala do D. I. C. O inspector Parkington pediu-me que lhe telefonasse imediatamente Diz que a rapariga dos Macabeus está pronta a falar e acha melhor vir imediatamente ao quartel-general.»

«Está bem» disse Freddie.

«O inspector Parkington já mandou um carro. Estará *aí* dentro de minutos.»

Caldwell voltou para junto dos seus parceiros.

Desculpem, amigos. Tenho de partir. O dever chama-me.

Que azar, Freddie!...

«Que azar!» pensou Caldwell. Tinha aguardado isto mesmo com prazer. Saiu de Goldsmith House. As sentinelas apresentaram armas. Parou um carro, um soldado saltou do lugar e fez-lhe continência.

Major Caldwell?

Eu mesmo.

EXODUS 543

Este é o carro do D. I. C.

O soldado abriu a porta de trás. Freddie entrou, o soldado correu a sentar-se ao volante e partiram. A dois quarteirões da Goldsmith House, o motorista desviou a viatura para uma valeta. Num segundo, três homens abriram as portas e saltaram para dentro do carro, que seguiu novamente a grande velocidade.

A garganta de Caldwell contraiu-se de medo. Gritou e tentou saltar para cima de Ben Moshe. O macabeu que ia no assento da frente voltou-se e bateu-lhe com o cano da pistola e Ben Moshe deitou-lhe a mão ao colarinho e empurrou-o novamente para o assento. O motorista macabeu tirou o bivaque militar e olhou pelo espelho.

Os olhos de Caldwell esbugalharam-se de terror.

Quero saber do que se trata!

Parece aflito, major Caldwell observou Ben Moshe, friamente.

Parem o carro e deixem-me sair imediatamente, estão a ouvir?

Vamos fazê-lo sair da maneira como atirou com um rapaz chamado Ben Salomão para uma aldeia árabe. Sabe, major Caldwell, o fantasma de Ben Salomão chamou-nos da sua sepultura e pediu-nos que castigássemos o culpado. O suor caía sobre os olhos de Caldwell.

É tudo mentira... é mentira...

Ben Moshe atirou a Caldwell uma fotografia que iluminou com a lanterna: era de Ben Salomão, o rapaz decapitado.

Caldwell começou a soluçar, pedindo misericórdia. Dobrou-se para a frente e vomitou, aterrorizado.

Parece que o major Caldwell está disposto a falar.

Seria melhor levarmo-lo ao quartel-general e deixarmo-lo dizer o que sabe, antes de ajustarmos contas pelo caso de Ben Salomão.

Caldwell disse imediatamente tudo o que sabia sobre os planos do exército inglês e operações do D. I. C., assinando depois uma confissão em que se considerava responsável pelo assassinio do rapaz.

Três dias após o seu rapto, o corpo do major Fred Caldwell foi encontrado no monte Sião junto da porta da

estrumeira da Cidade Velha. Pregado ao corpo estava um retrato do jovem judeu decapitado e uma fotocópia da confissão de Caldwell na qual estavam rabiscadas as palavras:

«Olho por olho, dente por dente.»

O major Fred Caldwell tivera o mesmo destino que Sisera, o Canaanita, teve às mãos de Jael quando fugiu do local da batalha com Débora e Barak.

CAPÍTULO XII

O assassinio do major Fred Caldwell teve graves repercussões.

Ninguém parecia duvidar de que tivesse sido justificado, mas nem todos desculpavam os métodos dos Macabeus.

Em Inglaterra, as pessoas começavam a sentir revolta pela situação da Palestina e a fazer pressão sobre o Governo trabalhista para desistir do mandato. Dentro da Palestina, a guarnição militar britânica andava irritada e apreensiva.

Dois dias depois de Caldwell ter sido encontrado, uma prisioneira pertencente aos Macabeus, a rapariga chamada Ayala, morreu de hemorragias internas motivadas pelas pancadas que recebera durante o interrogatório. Quando os Macabeus tiveram conhecimento da morte de Ayala, desencadearam quinze dias de furiosa vingança. Jerusalém foi sacudida de um extremo ao outro com os ataques terroristas. Nos últimos dias as incursões atingiram o auge com um audacioso assalto em pleno dia ao quartel-general do D. I. C.

Durante a «quinzena infernal» assim foram designados os actos de vingança dos Macabeus, Dov Landau mostrara uma coragem e uma temeridade que admiraram até os mais valentes terroristas. Dov participou em quatro ataques, no último dos quais como um dos chefes do assalto ao D. I. C. Durante a «quinzena infernal» nasceu a lenda do «Pequeno Giora», na qual o seu nome se tornou sinónimo de intrepidez selvagem.

EXODUS 545

A Palestina estava suspensa, aguardando as represálias.

A princípio, o general Arnold Haven-Hurst ficou aturdido, mas logo as exerceu sobre os *yishuvs*, decretando a lei marcial, buscas, ataques e até execuções, numa campanha que paralisou a indústria e o comércio normais.

A sua «operação Isca» estendeu-se a toda a Palestina.

Com o assassinio de Caldwell, a «quinzena infernal» e o último ataque ao D. I. C., os Macabeus tinham obviamente

escarnecido da autoridade britânica. E, enquanto os terroristas atacavam, a Aliyah Bet fazia entrar mais três navios clandestinos nas águas da Palestina. Embora a imigração clandestina não fosse tão espectacular, causava tantos prejuízos como as actividades dos Macabeus. As tropas britânicas patrulhavam as ruas das cidades judaicas e as estradas, esperando emboscadas a todo o momento.

A delegação das Nações Unidas chegaria dentro de pouco tempo, Haven-Hurst decidiu cortar as pernas à Yishuv antes da sua vinda. Obteve uma lista de oficiais e soldados reconhecidamente anti-semitas. Desta lista escolheu seis pessoas dois oficiais e quatro soldados,

que foram chamados ao seu gabinete no quartel Schneller e juraram levar a cabo uma missão ultra-secreta. Durante cinco dias estudaram o caso. No sexto dia iniciava-se a derradeira tentativa de Haven-Hurst.

Os seis homens disfarçaram-se de árabes. Dois deles seguiram pela Avenida do Rei Jorge num camião carregado com 2 toneladas de dinamite. O camião dirigiu-se para o edifício da Sociedade Colonizadora de Sião e parou perto dele, virado para a longa estrada que conduzia à entrada principal. O motorista, vestido de árabe, imobilizou o volante, embraiou e abriu a válvula reguladora.

Os dois homens saltaram do camião e desapareceram.

O camião desarvorou pela rua, atravessando o portão aberto e descendo a estrada. Desviou-se por um momento, depois inclinou-se ao saltar a valeta e embateu na entrada principal. Deu-se uma tremenda explosão. O edifício ruiu.

Na mesma ocasião, outros dois homens noutra camião cheio de dinamite tentavam a mesma manobra no edifício da Central Yishuv, a dois quarteirões de distância, onde

se realizava uma reunião a que estavam presentes quase todos os chefes da organização.

O camião avançou para o segundo edifício. No último momento teve de saltar uma valeta. Ao embater nesta, o camião desviou-se de tal maneira que não acertou no alvo mas fazendo ir pelos ares um prédio de arrendamento que ficava próximo.

Os quatro soldados foram levados em dois carros conduzidos pelos restantes membros do grupo. Os carros fugiram para a Transjordânia, controlada pelos ingleses.

O general Arnold Haven-Hurst tentara, de um golpe, exterminar os chefes e os representantes da Yishuv. Na Sociedade Colonizadora de Sião morreram cem pessoas; na Central Yishuv não morreu ninguém. Entre as vítimas contava-se Harriet Saltzman, a chefe da Aliyah dos Jovens, de 80 anos de idade.

Momentos após as explosões, os serviços de espionagem de Haganah e dos Macabeus entraram em acção para descobrir os culpados. Ao fim do dia, ambas as organizações tinham identificado os seis «árabes» como soldados britânicos; e, embora sem provas materiais, tinham também descoberto que a iniciativa proviera directamente de Arnold Haven-Hurst. Em vez de esmagar a direcção de Yishuv, o desesperado golpe de Haven-Hurst produziu o efeito inverso: uniu com uma nova solidariedade os judeus da Palestina e juntou as duas forças armadas, Haganah e Macabeus. O Haganah obtivera cópia do «Relatório Haven-Hurst». Se não o soubessem já há mais tempo, depois das explosões teriam tido a prova de que o general estava decidido a aniquilá-los. Avidan enviou Zev Gilboa a Jerusalém para combinar com Bar Israel um encontro entre eles e os comandantes dos Macabeus. Era um procedimento quase inédito: o único precedente tivera lugar no início da segunda guerra mundial, quando Avidan pediu a Akiva que se abstivesse de actos terroristas enquanto a guerra durasse.

A reunião realizou-se à uma hora da manhã, num campo junto à estrada de Jerusalém, no local do que fora outrora o acampamento da 10.a Legião Romana. Estavam presentes quatro homens: Akiva e Ben Moshe, pelos Ma-

EXODUS 547

cabeus, Avidan, pelo Haganah, e Zev Gilboa, a representar o Palmach, a organização de combate do Haganah.

Não houve apertos de mão nem cumprimentos: os representantes das duas forças estavam defronte uns dos outros na escuridão, cheios de desconfiança mútua. O ar da madrugada era frio, a despeito da proximidade do Verão.

Pedi-vos este encontro para ver se existia alguma base para uma cooperação mais estreita entre nós disse Avidan.

Queres dizer que nos querem sob a vossa jurisdição? perguntou Ben Moshe, desconfiado.

Já há muito que desisti de tentar controlar o vosso grupo disse Avidan. Penso apenas que os tempos exigem o máximo esforço. Vocês têm forças nas três cidades e podem operar com mais liberdade do que nós.

Então é isso ripostou Akiva. Querem que nós façamos o trabalho de que vocês não gostam.

Ouve-o até ao fim, Akiva disse o seu lugar-tenente.

Não estou a gostar disto. Não concordei com esta reunião, Ben Moshe. Eles já em tempos nos traíram e tornarão a fazê-lo.

A cabeça calva de Avidan avermelhou-se com as palavras do velho.

Akiva, esta noite estou disposto a ouvir os teus insultos porque estão assuntos muito importantes em jogo.

Conto com uma coisa: que apesar das nossas diferenças. és judeu e amas Eretz Israel.

Entregou a Akiva uma cópia do «Relatório Haven-Hurst».

O velho deu-a a Ben Moshe, que voltou a sua lanterna para o papel.

Há catorze anos que eu disse que os Ingleses eram nossos inimigos. Nessa altura não me acreditaram murmurou Akiva.

Não vou discutir política contigo. Querem ou não trabalhar connosco? perguntou Avidan.

Experimentemos disse Ben Moshe.

Depois desta reunião, os grupos de ligação principiaram, a trabalhar num plano de acção conjunta do Haganah

548 LEON URIS

e dos Macabeus. Duas semanas depois das explosões, os Ingleses tiveram a resposta à destruição do edifício da Sociedade Colonizadora de Sião e à tentativa contra a Central Yishuv. Uma noite, o Haganah dinamitou a rede de linhas férreas, paralisando todo o tráfego na Palestina e desta para o exterior. Na noite seguinte, os Macabeus entraram em seis embaixadas e consulados britânicos em países mediterrânicos e destruíram os registos relativos à luta contra a Aliyah Bet. O ramo Palmach do Haganah destruiu em quinze pontos diferentes as condutas de petróleo do Mossul.

Isto feito, os Macabeus planearam o golpe final a eliminação do general Sir Arnold Haven-Hurst. O quartel Schneller estava durante as vinte e quatro horas do dia sob a vigilância dos Macabeus, que registaram todo o movimento de entradas e saídas de pessoas, carros e camiões e fizeram um mapa do local.

Quatro dias depois, a tarefa começava a parecer uma impossibilidade. Haven-Hurst estava fechado numa fortaleza rodeada de milhares de tropas e ninguém, a não ser o Estado-Maior britânico, podia aproximar-se dele.

Quando saía, era em segredo e guardado por escoltas tão reforçadas que os Macabeus perderiam cem homens se as atacassem.

Nessa altura ficou a conhecer-se o primeiro ponto fraco.

Os Macabeus descobriram que cerca de três vezes por semana saía de Schneller, entre a meia-noite e a uma hora, um automóvel particular que regressava um pouco antes do amanhecer. O carro levava apenas o motorista, vestido à paisana. A regularidade com que este automóvel saía a horas tão desusadas tornou-o automaticamente suspeito.

O grupo dos Macabeus pôs-se em campo para descobrir o registo do proprietário, que se verificou ser uma rica família árabe. Daí os Macabeus concluírem que o carro devia pertencer a algum árabe colaborador dos Ingleses, e desistiram de por esse meio chegar até Haven-Hurst. Entretanto compilaram e estudaram informações so-

EXODUS 549

bre a origem de Arnold Haven-Hurst, sua conduta e hábitos. Os Macabeus souberam que era um homem ambicioso e que tinha casado com uma mulher que lhe dera posição social e dinheiro. Na sua vida de relações, Haven-Hurst era considerado o protótipo do *gentleman* e um bom maçador.

Sondado por baixo desta camada de aparente circunspecção, os Macabeus descobriram que Haven-Hurst tinha tido não uma, mas várias ligações extraconjugais. Entre os Macabeus havia quem tivesse servido anos atrás no exército britânico sob as ordens de Haven-Hurst. Os boatos do quartel atribuíam-lhe sempre uma amante.

Era natural que Haven-Hurst se sentisse muito só, mas devido ao seu casamento e posição não ousasse levar uma mulher ao acampamento. Os Macabeus conjecturaram que talvez ele se encontrasse com uma amante e lembraram-se de que poderia ser o passageiro incógnito do misterioso carro.

A hipótese parecia absurda aos próprios Macabeus, mas até identificarem convenientemente o carro misterioso não podiam pô-la de lado. Quem poderia ser a amante de Arnold Haven-Hurst? Não havia boatos a esse respeito se tinha um ninho amoroso, ocultava-o com grande habilidade.

Nenhuma judia se arriscaria a viver com ele e não havia mulheres inglesas disponíveis, pelo que só podia tratar-se de uma árabe.

Tentar seguir o carro poderia tornar-se notado e espantar a caça. Teria sido possível aos Macabeus armar uma cilada ao carro que viajava sozinho a altas horas da noite; o comando decidiu, porém, que, se existisse a menor probabilidade de ser Haven-Hurst o passageiro, seria preferível descobrir o seu destino e apanhá-lo num passo falso.

Começaram a trabalhar noutra direcção, a fornecida pelo proprietário do carro. Nesta família de efêndis árabes havia uma jovem que, pela sua beleza, educação e origem, se podia classificar como uma atracção para um homem como Haven-Hurst. As peças do *puzzle* começavam a ligar-se umas às -outras.

Os Macabeus vigiavam a casa da família árabe e seguiam constantemente a rapariga. Na segunda noite, a sua

550 LEON URIS

persistência foi recompensada. A rapariga saiu de casa à meia-noite e dirigiu-se para um edifício no elegante bairro árabe de El Baqa, próximo da estrada Hébron-Belém.

Meia hora depois parava o automóvel misterioso e os Macabeus viram de relance o general Arnold Haven-Hurst saindo apressadamente do carro para não faltar à entrevista.

Às três da manhã, Haven-Hurst foi acordado por uma voz que na escuridão lhe gritou uma citação bíblica que lhe fez gelar o sangue nas veias: «*Louva o Senhor pela vingança de Israel!*»

Saltou da cama. A mulher árabe gritava, enquanto as balas dos Macabeus varriam o quarto.

Nessa manhã, o quartel-general britânico recebia um telefonema dos Macabeus pelo qual os Ingleses eram informados do local onde podiam encontrar o seu falecido comandante. Foram também informados de que a morte de Arnold Haven-Hurst fora amplamente fotografada. Se os Ingleses exercessem represálias indevidas sobre os *yishuvs*, os Macabeus publicariam as fotografias.

O quartel-general reflectiu no escândalo que constituiria a notícia do assassinio de um dos seus generais no leito da sua amante árabe. Decidiram encobrir o caso, informando publicamente que ele morrera num acidente de viação.

Os Macabeus concordaram em que Haven-Hurst fora, na verdade, vítima de um acidente de viação.

Com o desaparecimento do general, a actividade terrorista declinou. A chegada iminente da comissão das Nações Unidas fez reinar no país uma calma fictícia.

Em fins de Junho de 1947 chegou a Haifa a Comissão Especial das Nações Unidas na Palestina, conhecida por CENUP. As nações neutrais representadas na Comissão eram a Suécia, a Holanda, o Canadá, a Austrália, a Guatemala, o Uruguai, o Peru, a Checoslováquia, a Jugoslávia, o Irão e a Índia.

Os Judeus estavam em desvantagem. O Irão era um país muçulmano. A Índia era parcialmente muçulmana e o seu delegado um muçulmano também e representava uma nação da Comunidade Britânica. O Canadá e a Austrália

EXODUS 551

também faziam parte da Comunidade Britânica. A Checoslováquia e a Jugoslávia, do bloco soviético, tinham uma tradição de anti-semitismo. Os representantes sul-americanos o Uruguai, o Peru e a Guatemala eram predominantemente católicos e talvez fossem influenciados pela atitude de indiferença do Vaticano para com o Sionismo. Apenas a Suécia e os Países Baixos podiam ser considerados inteiramente neutrais.

Todavia, a Yishuv recebeu de bom grado a CENUP. Na Palestina, os Árabes opuseram-se à presença da Comissão, entraram em greve geral e realizaram manifestações o ar estava carregado de ameaças. Fora da Palestina, os países árabes encetaram tumultos e perseguições sangrentas contra os Judeus. .

Barak Ben Canaan, o velho guerreiro e delegado da Yishuv às conferências, foi mais uma vez chamado a prestar os seus serviços. Participou com Ben Gurion e o Dr. Weizmann na comissão consultiva da CENUP.

CAPÍTULO XIII

Kitty e Karen regressaram a Gan Dafna, Kitty aguardava o momento oportuno para uma explicação com Karen.

Quando a carta de Dov Landau chegou, ela decidiu não prolongar a situação por mais tempo.

Kitty enxugou com limão a cabeça de Karen, torceu-lhe o longo o espesso cabelo castanho e esfregou-lhe energicamente a cabeça com uma grande toalha.

Karen pegou numa ponta da toalha para limpar o sabão dos olhos.

A água fervia na chaleira. Karen levantou-se, envolveu a cabeça na toalha e preparou o chá. Kitty sentou-se na mesa da cozinha, limando as unhas. Começou a pintá-las cuidadosamente com verniz.

Que é que a preocupa? perguntou Karen de uma maneira que embaraçou Kitty.

Meu Deus, nem sequer posso ter os meus pensamentos.

Há alguma coisa que não bate certo, desde que voltou da sua viagem ao mar da Galileia. Aconteceu qualquer coisa entre a Kitty e o Ari?

Aconteceram muitas coisas entre mim e o Ari, mas não é isso que me preocupa. Karen, temos de conversar sobre nós e o nosso futuro. Creio que é melhor que seja já. Não compreendo.

Kitty sacudiu as mãos para secar as unhas. Pôs-se de pé e acendeu com dificuldade um cigarro.

Sabes o que significas para mim e como gosto de ti.

Creio que sim murmurou a rapariga.

Desde aquele primeiro dia em Caraolos tenho querido que sejas a minha filha.

Tenho querido isso mesmo, Kitty.

Então não duvidas de que meditei cuidadosamente nisto e quero que tudo seja para teu bem. Deves acreditar em mim.

Acredito... bem sabe.

O que vou dizer-te deve ser difícil para ti de compreender inteiramente. Também é difícil para mim falar nisso, porque sou amiga de muitas das crianças que aqui estão e afeiçoei-me bastante a Gan Dafna. Karen... quero levar-te comigo para a minha casa, na América.

A rapariga olhou para Kitty como se tivesse sido esbofeteada.

Durante um momento não compreendeu nem acreditou que tivesse ouvido bem.

- Para a sua casa? Mas... mas a minha casa é esta, aqui em Gan Dafna. Não tenho outra.

Quero que a tua casa seja sempre ao pé de mim sempre.

Também eu quero, Kitty. É o que mais desejo.

É tão estranho...

O quê. querida...

Quando falou em ir para a sua casa, na América.

Mas eu sou americana, Karen, e tenho saudades do meu país.

Karen mordeu os lábios para não chorar.

É engraçado, não é? Pensei que continuássemos como estávamos. Que a Kitty ficasse em Gan Dafna e...

EXODUS 553

E que tu fosses para o Palmach... e depois para algum *kibbutz* na fronteira?

Creio que era isso o que eu pensava.

Aqui aprendi a amar muitas coisas, mas este não é o meu país e estes não são os meus compatriotas.

Creio que fui egoísta disse Karen. Nunca pensei que tivesse saudade? ou que quisesse alguma coisa para si.

Essa é a coisa mais bela que me disseram até hoje.

Karen serviu duas xícaras de chá e tentou pensar.

Kitty era tudo para ela... mas partir?

Não sei como explicar, Kitty, mas desde que aprendi a ler, na Dinamarca, interoguei-me sobre o facto de ser judia. Ainda não sei a resposta. Só sei que tenho aqui alguma coisa que é minha... que ninguém me tirará, O que quer que seja, é a coisa mais importante do mundo. Um dia talvez saiba exprimi-la mas não posso deixar a Palestina.

O que quer que tenhas, continuarás a tê-lo. Os judeus da América, e suponho que os que existem por toda a parte, mantêm esse teu sentimento. Partir não altera as coisas.

Mas esses são exilados.

Não, filha... não compreendes que os judeus da América amam o seu país?

Também os judeus da Alemanha amavam o seu país.

Cala-te! gritou Kitty. Nós não somos como os Alemães, e não quero ouvir essas mentiras que te contam!

Depois conteve-se. Há judeus na América que amam tanto o seu país que preferiam morrer a estarem vivos e verem a América transformar-se numa Alemanha. Passou por trás da cadeira de Karen e tocou-lhe no ombro.

Pensas que não sei como isto custa? Achas que eu faria alguma coisa para te magoar?

Não murmurou Karen.

Kitty colocou-se em frente de Karen e ajoelhou-se diante da cadeira dela.

Oh, Karen, tu nem sequer sabes o que é a paz! En toda a tua vida nunca pudeste caminhar sem receio sob

554 LEON URIS

a luz do Sol. Achas que aqui é melhor? Ou que será alguma vez melhor? Karen, quero que continues a ser judia e que continues a amar a tua pátria, mas também há outras coisas que quero que tenhas.

Karen desviou os olhos de Kitty.

Se ficares aqui, passarás toda a vida com uma espingarda nas mãos. Far-te-ás dura e cínica como o Ari e a Jordana.

Creio que não fui justa ao esperar que a Kitty ficasse.

Vem comigo, Karen. Dêmos uma oportunidade a nós próprias. Precisamos uma da outra. Já sofremos ambas bastante.

Não sei se posso partir... não sei... não sei disse com voz trémula.

Oh, Karen... gostava tanto de te ver com sapatos de couro e saia de pregas, ir a um jogo de *rugby* num *Ford* pequenino... Quero ouvir o telefone a tocar e tu a rires e a conversares com o teu namorado. Quero-te com as encantadoras patéticas próprias dos adolescentes, e não com uma espingarda nas mãos ou fazendo contrabando de munições. Estás a perder tantas coisas! Deves, pelo menos, saber que elas existem antes de tomares a tua decisão final. Por favor, Karen... por favor.

Karen estava pálida. Afastou-se de Kitty.

E o Dov?

Kitty tirou do bolso a carta de Dov e entregou-a a Karen.

Encontrei isto sobre a minha secretária. Não sei como foi lá parar.

«*Sr.a Fremont.*

Esta carta foi escrita por alguém que sabe melhor do que eu exprimir-se em inglês, mas estou a copiá-la para mostrar que sou eu que a escrevo. Esta carta é-lhe enviada de maneira especial por razões que já conhece. Ando actualmente muito ocupado. Estou entre amigos. Já há muito tempo

EXODUS 555

que não tinha amigos, e são realmente bons.

Agora, que tenho uma situação permanente, quero escrever-lhe a dizer que estou contente por já não estar em Gan Dafna, onde toda a gente me aborrece, incluindo-a a si e a Karen Clement. Escrevo para dizer que não voltarei a ver a Karen Clement porque estou muito ocupado e com amigos verdadeiros.

Não quero que a Karen Clement pense que vou regressar e ficar com ela. Não passa de uma garota. Tenho uma mulher da minha idade e vivemos juntos: Porque é que não vai com a Karen Clement para a América, pois ela aqui está deslocada?.

Dov Landau.»

Kitty tirou a carta da mão de Karen e rasgou-a em bocados.

Vou pedir a demissão ao Dr. Liebermann. Logo que as coisas aqui estejam em ordem, marcaremos passagem para a América.

Está bem, Kitty. Irei contigo disse Karen.

CAPÍTULO XIV

Quase todas as semanas o comando superior dos Macabeus mudava o seu quartel-general. Depois da «quinzena infernal» e do assassinio de Arnold Haven-Hurst, Ben Moshe e Akiva pensaram que seria preferível saírem de Jerusalém por algum tempo. Os Macabeus eram uma organização pequena, compreendendo algumas centenas de membros permanentes, alguns milhares de elementos que lhe dedicavam apenas parte do tempo a uns milhares de simpatizantes. Porque se deslocava constantemente, o grupo de comando do quartel-general compunha-se apenas de meia dúzia de membros. Apesar disso, a situação era agora tão grave que o comando foi dividido e apenas

556 LEON URIS

quatro elementos partiam para Telavive: Akiva, Ben Moshe, Nahum Ben Ami irmão de David e ainda o Pequeno Giora, Dov Landau. Este tornara-se o favorito de Akiva e obtivera entrada no círculo mais restrito do comando dos Macabeus pela fama que ganhara nos ataques e pela sua utilidade nas falsificações.

Os quatro mudaram-se para a cave de um macabeu, na Estrada de Bene Berak, próximo da Estação Central de Autocarros e do velho mercado, onde o movimento era muito grande. Colocaram sentinelas em redor da casa e elaboraram um itinerário de fuga que parecia ideal.

Havia quase quinze anos que Akiva escapava ao D. I. C. e ao Intelligence Service. Durante a segunda grande guerra tinha havido um período de amnistia durante o qual Akiva andara em liberdade, mas no resto do tempo era procurado. Sempre os ludibriara e escapara às muitas armadilhas que lhe tinham preparado. A sua cabeça estava a prémio, um prémio de vários milhares de libras esterlinas, o maior da Palestina.

Por coincidência, o D. I. C. observava as actividades de outro edifício da Estrada de Bene Berak, três casas adiante do novo quartel-general dos Macabeus. Os suspeitos eram um grupo de contrabandistas que andavam a armazenar mercadorias passadas aos direitos no porto de Jafa. As sentinelas do D. I. C., colocadas num edifício do outro lado da rua, descobriram um piquete de guardas constantemente junto à cave. Com uma máquina fotográfica munida de lente telescópica fotografaram-nos e identificaram dois macabeus. Ao perseguirem contrabandistas, tinham dado com um poiso dos Macabeus! A sua longa experiência com terroristas levou-os a atacar de seguida. Organizaram-se rapidamente e prepararam-se para atacar de surpresa, não fazendo ainda ideia de que se tratava do próprio quartel-general dos Macabeus. Dov estava numa das três salas da cave, falsificando um passaporte de El Salvador. Estava só com Akiva Nahum e Ben Moshe tinham ido ter com Zev Gilboa, o agente de ligação do Haganah e do Palmach. Akiva entrou na sala.

Bem, bem, Pequeno Giora disse Akiva, como

EXODUS 557

consequiste convencer o Ben Moshe a não te levar hoje com ele?

Tenho de acabar este passaporte murmurou Dov.

Akiva olhou para o relógio e depois estendeu-se numa cama, atrás de Dov.

Devem estar a chegar.

Não confio no Haganah disse Dov.

Presentemente não temos outro remédio senão confiar neles disse o velho.

Dov aproximou o passaporte da luz para ver se as rasuras podiam ser descobertas pelas marcas de água ou pelo selo. O trabalho estava bom. Nem um perito seria capaz de descobrir que ele tinha substituído o nome e os sinais do antigo proprietário. Dov dobrou-se sobre o papel e imitou a assinatura de um funcionário de El Salvador, após o que pousou a caneta. Levantou-se e passeou, inquieto, pela pequena sala, parando frequentemente para ver se a tinta estava seca e continuando depois a caminhar para trás e para diante, fazendo estalar os dedos.

Não estejas tão impaciente, Pequeno Giora. Hás-de vir a saber que esperar é a parte pior da vida clandestina.

«Esperar por quê?», penso eu muitas vezes.

Também já vivi clandestinamente disse Dov.

Sim? Akiva sentou-se e espreguiçou-se. Esperar, esperar, esperar! disse este. És muito novo, Dov.

Deves aprender a não ser tão grave e tão ardente. Foi sempre esse um dos meus defeitos. Toda a vida fui demasiado ardente. Trabalhava *dia* e noite pela causa.

Isso não parece de Akiva disse Dov.

Um velho começa a ver muitas coisas. Esperamos por uma oportunidade para esperar. Se nos apanharem, o melhor com que temos a contar é o exílio ou a prisão. As execuções e as torturas começam a tornar-se processos correntes. É por isso que eu digo... não sejas tão grave. Temos muitas raparigas bonitas que gostariam de conhecer o Pequeno Giora. Diverte-te enquanto é tempo.

Isso não me interessa disse Dov firmemente.

Hum! disse o velho para o espicaçar, talvez já tenhas uma rapariga e não nos dizes nada.

558 LEON URIS

Já tive uma disse Dov , agora não tenho.

Hei-de dizer a Ben Moshe que te arranje outra, para poderes sair com ela e divertir-te.

Não quero nenhuma, quero ficar no quartel-general.

É o lugar mais importante que há.

O velho deitou-se novamente e meditou. Por fim decidiu-se a dizer:

Como te enganas, Pequeno Giora, como te enganas redondamente. O mais importante é acordar de manhã e olhar para os nossos campos, trabalhar neles e vir à noite para casa ter com alguém que se ama e que nos ama.

«O velho está outra vez a ficar sentimental», pensou Dov.

Examinou o papel, que estava seco. Colocou a fotografia do passaporte no seu lugar. Enquanto Akiva dormitava,

Dov começou a passear. Sentia-se pior, agora, que enviara a carta à Sr.a Fremont. Queria continuar metido em ataques, outro ataque, outro e mais outro ainda. Mais tarde ou mais cedo, os Ingleses apanhá-lo-iam, seria executado e tudo acabaria. Eles não sabiam que a sua bravura provinha do facto de não ter amor à vida. Quase suplicava que a metralha inimiga o atingisse. O sonho mau tinha voltado e Karen não estava presente para se interpor entre ele e a porta da câmara de gás. A Sr.a Fremont levá-la-ia para a América, e isso seria bom. E ele continuaria a participar em ataques até o apanharem, porque não valia a pena viver sem Karen.

No exterior da casa, próximo da estação de autocarros, cinquenta polícias ingleses à paisana misturavam-se com a multidão. Agiram rapidamente, apanhando as sentinelas dos Macabeus e expulsando-os da área antes de elas poderem dar o alarme. Depois cercaram o quarteirão.

Quinze polícias armados de espingardas, gases lacrimogéneos, machados e malhos desceram furtivamente à cave e detiveram-se junto da porta.

Bateram.

Akiva abriu os olhos, sobressaltado.

Deve ser o Ben Moshe e o Nahum. Abre-lhes a porta, Dov.

EXODUS 559

Dov puxou a aldraba e entreabriu a porta com um estalido. Um malho caiu sobre a porta, acabando de a abrir violentamente.

Ingleses! gritou Dov.

Akiva e o Pequeno Giora tinham sido capturados!

A notícia correu de boca em boca. O lendário Akiva, que iludira os Ingleses durante mais de uma década, estava agora em seu poder!

«Traição!», gritaram os Macabeus. Lançaram as culpas sobre o Haganah. Ben Moshe e Nahum Ben Ami tinham estado numa reunião com Zev Gilboa. Este o outro membro do Haganah seguira-os para descobrir o quartel-general dos Macabeus. De que outra forma os teriam os Ingleses descoberto? Os dois partidos entraram novamente em conflito. Circulavam centenas de boatos sobre a forma como o Haganah cometera a traição.

O alto-comissário britânico da Palestina promoveu um julgamento imediato, do qual devia resultar uma sentença que desmoralizasse ainda mais os Macabeus. Pensou que fazendo justiça sumária sobre Akiva restabeleceria a autoridade britânica e reduziria a actividade dos Macabeus, visto o velho ser de há muito a força espiritual que guiava os terroristas.

O alto-comissário preparou um julgamento secreto, em que, para segurança do juiz, o nome deste foi ocultado. Akiva e o Pequeno Giora foram condenados à forca, ficando a execução marcada para quinze dias após a sua captura.

Foram ambos encarcerados na impenetrável prisão de Acre.

Na sua impaciência, o alto-comissário cometeu erros desastrosos. Não permitiu a entrada dos jornalistas no julgamento e, por outro lado, esqueceu-se de que, especialmente nos Estados Unidos, os Macabeus contavam com amigos poderosos e auxílio financeiro. Nos apaixonados debates que se seguiram perdeu-se de vista a culpa ou inocência de Akiva e do Pequeno Giora. Tal como no incidente do *Exodus*, a condenação de ambos transformara-se num foco de violentos protestos contra o mandato

560 LEON URIS

britânico. O que Dov sofrera no *ghetto* de Varsóvia e em Auschwitz foi trazido à luz e publicado, gerando uma onda de simpatia pública em toda a Europa. O sigilo do julgamento suscitou indignação. As fotografias de Akiva, de 80 anos, e do Pequeno Giora, de 18 o profeta e o discípulo, prenderam a imaginação dos leitores. Os jornalistas quiseram vê-los.

Cecil Bradshaw estava na Palestina, com a CENUP.

Recordando o caso do *Exodus*, entrou rapidamente em conferência com o alto-comissário e pediu instruções ao Ministério inglês. O incidente estava a criar má vontade contra os Ingleses numa ocasião delicada, quando a comissão das Nações Unidas estava na Palestina. Em vez de fazer cessar a actividade dos Macabeus, o caso podia desencadear nova vaga de terrorismo. Bradshaw e o alto-comissário decidiram agir prontamente para provar ao mundo que a justiça britânica era clemente. Usando como pretexto as idades de Dov e Akiva, anunciaram que permitiriam aos dois condenados apresentar pedidos de clemência que lhes poupariam as vidas. Esta medida fez cessar a tempestade de protestos.

O alto-comissário de Bradshaw foram pessoalmente à prisão de Acre ver Akiva e Dov e dar-lhes as boas novas. Os presos foram levados ao gabinete do carcereiro, onde os dois funcionários britânicos lhes fizeram sem rodeios a sua proposta.

Somos pessoas razoáveis disse o alto-comissário.

Preparámos estas petições para vocês assinarem. Oficialmente são pedidos de clemência. Todavia, e aqui para nós, é uma simples formalidade... um subterfúgio, se quiserem.

Assinem estas petições interveio por sua vez Bradshaw e arrançaremos uma solução razoável para todos. Levamo-vos para fora do país, trabalham durante uns tempos numa das nossas colónias de África e daqui a uns anos tudo estará esquecido.

Não compreendo bem disse Akiva. Porque vamos trabalhar para África? Não cometemos nenhum crime. Estamos apenas a lutar pelos nossos direitos naturais e históricos. Desde quando é que um soldado comete um

EXODUS 561

Crime combatendo pelo seu país? Somos prisioneiros de guerra. Não têm o direito de nos aplicar nenhuma sentença. Somos um país ocupado.

O alto-comissário começou a transpirar. O velho ia ser obstinado. Já ouvira os fanáticos Macabeus dizerem a mesma coisa.

Ouçã, Akiva. Isto é mais do que discutir política. É a nossa vida. Ou assinam estas petições, ou executamos a sentença.

Akiva olhou para os dois homens, cuja ansiedade era evidente. Sabia muito bem que os Ingleses estavam ou a tentar conseguir um benefício ou a desfazer um erro.

Tu rapaz disse Bradshaw a Dov. Não queres morrer na forca, pois não? Assinas, e Akiva assinará depois.

Bradshaw empurrou a petição sobre a secretária e tirou a caneta. Dov olhou um instante para o documento.

Depois cuspiu sobre ele.

Akiva olhou para os dois ingleses desapontados e meio receosos.

«A tua própria boca te condena» respondeu ele.

A rejeição das petições por parte de Akiva e do Pequeno Giora ocupou as epígrafes dos jornais e foi interpretada como traduzindo um protesto veemente contra os Ingleses. Dezenas de milhares de elementos da Yishuv que outrora tinham tido menos consideração pelos Macabeus sentiram admiração por este acto. De um dia para o outro, o velho e o rapaz tinham-se tornado o símbolo da resistência dos Hebreus.

Em vez de prejudicarem os Macabeus, os Ingleses estavam em vias de criar dois mártires. Não tinham agora outra solução senão fixar a data da execução. Esta foi marcada para dez dias depois.

A tensão aumentava diariamente na Palestina. Os ataques dos Macabeus e do Haganah tinham cessado, mas o país sabia que estava sobre um barril de pólvora.

A cidade árabe de Acre ficava na extremidade norte de uma baía arqueada em cuja ponta sul ficava Haifa.

A prisão de Acre era um monstro construído sobre ruínas dos Cruzados sobre uma muralha que vinha desde os su-

E. - 36

562 LEON URIS

búrbios a norte da cidade até ao extremo oposto da mesma. Ahmaid ei Jazzar, o Sanguinário, transformara-a numa fortaleza otomana e nela resistira a Napoleão. Era um aglomerado de parapeitos, masmorras, túneis, torres, fossos secos, pátios e muros espessos. Os Ingleses converteram-na numa das mais temíveis prisões do sistema penal do Império.

Dov e Akiva ficaram em pequenas celas da ala norte. Os muros, o tecto e o chão eram de pedra. As celas mediam 2,5X1,80 metros; o muro exterior tinha quase 5 metros de espessura. Não entrava luz nem havia retretes.

O cheiro a mofo era constante. As portas eram constituídas por uma sólida folha de ferro com um pequeno postigo coberto do exterior. Além da porta, a única abertura que existia nas celas era uma estreita fenda de 5X30 centímetros, que permitia a entrada de um fino raio de luz. Através dela, Dov via os cimos de algumas árvores e um pouco do monte Napoleão, o mais avançado ponto na conquista da Índia.

Akiva estava a passar mal. Os tectos e as paredes pingavam e a humidade penetrava-lhe nas articulações, já há muito enfermas, provocando-lhe dores lancinantes. Duas ou três vezes por dia vinham funcionários britânicos propor acordos de uma ou outra espécie para impedir a execução. Dov ignorava-os e Akiva despedia-os com citações bíblicas.

Faltavam seis dias para a execução. Akiva e Dov foram levados para as celas da morte, contíguas à sala das execuções. Estas eram celas vulgares, com grades, e ficavam noutra ala da prisão: quatro paredes de betão, um profundo buraco sobre o soalho e uma porta falsa sob uma armação de aço, da qual pendia uma corda. Nas experiências, os guardas empregavam um saco de areia com o peso de um homem: puxavam a alavanca que abria a porta falsa e deixavam-no cair com um ruído surdo. Dov e Akiva vestiram as calças e camisas escarlates, indumentária tradicional inglesa dos condenados à morte.

EXODUS 563

CAPÍTULO XV

Era uma hora da manhã. Bruce Sutherland dormitava na sua biblioteca com a cabeça inclinada Sobre um livro.

Sentou-se rapidamente, acordado por uma violenta pancada na porta. O criado acompanhou Karen Clement à sala.

Sutherland esfregou os olhos.

Que diabo fazes aqui a estas horas da noite

Karen estava diante dele e tremia.

A Kitty sabe que estás aqui

Karen abanou a cabeça negativamente.

Sutherland fê-la sentar. Karen estava pálida e nervosa

Comeste alguma coisa, Karen?

Não tenho fome disse.

Traga-me uma sanduíche e leite ordenou Sutherland

ao criado. Ora, ouve cá, pequena: que é que isto

quer dizer?

Quero ver o Dov Landau. O senhor é a única pessoa

que conheço que pode auxiliar-me.

Sutherland começou a passear pela sala com as mãos atrás das costas.

Mesmo que eu 'possa auxiliar-te, isso só te magoa mais. Tu e a Kitty saem da Palestina daqui a algumas semanas.

Porque não tentas esquecê-lo, filha?

Por favor suplicou ela. Tenho as minhas razões.

Não penso noutra coisa desde que ele foi preso.

Tenho de o ver mais uma vez. Por favor, ajude-me, general

Sutherland, por favor.

--Farei o que puder disse. Primeiro, deixa-me

telefonar à Kitty a dizer-lhe que estás aqui. É capaz de estar como louca. Não devias andar a estas horas por terras árabes.

Na manhã seguinte, Sutherland telefonou para Jerusalém

O alto-comissário acedeu imediatamente ao pedido.

Os ingleses ainda tentavam conseguir que Dov e Akiva mudassem de ideias e agarravam-se a todas as tábuas de salvação. Era possível que a visita de Karen vencesse a

564 LEON URIS

resistência de Dov. Kitty saiu de Gan Dafna e Sutherland foi ter com ela a Safed, donde os três se dirigiram a Nahariya.

Do posto da polícia de Nahariya levaram-nos directamente à prisão de Acre, ao gabinete do carcereiro.

Karen estivera como que atordoada durante o caminho até Acre. Agora, na prisão, tudo lhe parecia ainda mais irreal.

O carcereiro entrou.

Pode vir, menina.

Será melhor eu ir consigo disse Kitty.

Quero vê-lo a sós respondeu Karen com firmeza.

Dois guardas armados esperavam por Karen à porta do gabinete do carcereiro. Passou por uma série de portas de ferro, até um grande pátio de pedra para o qual deitavam janelas gradeadas. Karen sentiu sobre ela os olhares lascivos dos prisioneiros; assobios agudos ecoaram pelo pátio vazio. Continuou a olhar em frente. Acompanhada pelos guardas, subiu uns degraus estreitos, que conduziam à ala da morte. Passou por uma plataforma com uma metralhadora rodeada de arame farpado e chegou a outra porta onde estavam dois soldados de baionetas caladas.

Karen entrou numa pequena cela. A porta fechou-se e ela ficou só com um soldado. Este abriu o postigo.

Tem de falar com ele através daquela fenda disse o guarda.

Karen fez um aceno de concordância e olhou lá para dentro. Viu duas celas do outro lado da parede. Akiva estava na primeira e Dov na outra, vestido de vermelho. Estava deitado de costas e olhava para o tecto. Karen viu um guarda entrar e abrir a porta da cela.

Levante-se, Landau gritou o guarda. Está aqui uma pessoa que o quer ver.

Dov pegou num livro que estava no chão, abriu-o e começou a ler.

Tem uma visita.

Dov voltou uma página do livro.

Já lhe disse que tem uma visita.

Não recebo nenhum dos vossos amáveis embaixadores.

Diga-lhes que os mandei embora.

EXODUS 565

-Não é nenhum dos nossos. É um dos seus. É uma rapariga Landau.

As mãos de Dov agarraram o livro com mais força e o seu coração começou a bater vertiginosamente.

Diga-lhes que tenho que fazer.

O guarda encolheu os ombros e aproximou-se da ranhura da parede.

Diz que não quer ver ninguém.

Dov! chamou Karen. Dov!

A voz dela ecoou pela cela da morte.

Dov! Sou eu, a Karen!

Akiva olhou nervosamente para a cela de Dov. Este rangeu os dentes e voltou outra página do livro.

Dov! Dov! Dov!

Fala com ela, rapaz gritou Akiva. Não vás para a sepultura com o silêncio a que o meu irmão me condenou. Fala com ela.

Dov pousou o livro e levantou-se da cama. Fez sinal ao guarda para lhe abrir a porta da cela. Caminhou para a ranhura e olhou por ela. Só viu o rosto de Karen.

A rapariga olhou para os seus olhos azuis e frios e irritados.

Não quero mais brincadeiras disse ele com azedume.

Se te mandaram cá para implorar, dá meia volta e sai. Não peço misericórdia a esses malandros.

Não me fales assim, Dov.

Eu sei que te mandaram.

Juro-te que ninguém me pediu que viesse. Juro.

Então que fazes aqui?

Queria ver-te só mais uma vez

Dov cerrou os dentes e dominou-se. Porque teria ela vindo? Quase morria de desejo de lhe tocar na cara.

Como te sentes?

Bem... muito bem.

Houve uma longa pausa.

Dov... aquilo que escreveste à Kitty era a sério ou disseste-o só porque...

Era a sério.

- Pois bem, agora já sabes.

566 LEON URIS

(Pois sei. Dov... eu... deixarei Eretz Israel em breve.

Vou para a América.

Dov encolheu os ombros.

Acho que não devia ter cá vindo. Desculpa ter-te maçado.

Não faz mal. Sabia que estavas apenas a querer ser simpática. Gostaria realmente de ver a minha namorada, mas pertence aos Macabeus e não pode vir. Sabes, é da minha idade.

Eu sei.

Seja como for, tu és uma rapariga simpática, Karen... e...oh... tu... vais para a América e esqueces-te de tudo isto. E boa sorte.

Creio que é melhor ir-me embora murmurou

Karen, pondo-se de pé.

A expressão de Dov não mudou.

Karen!

Ela voltou rapidamente.

A... só para mostrar que somos amigos... A... podíamos apertar a mão, se o guarda deixar.

Karen meteu a mão pela abertura. Dov apertou-a entre as suas, comprimiu a testa contra a parede e fechou os olhos.

Karen agarrou-lhe a mão e puxou para si.

Não disse ele, não...mas não pôde resistir.

Ela beijou-lhe a mão, apertou-a de encontro à face e aos lábios, e Dov sentiu as lágrimas dos olhos dela. Depois, Karen partiu.

A porta da cela fechou-se atrás dele. Dov atirou-se para a cama. Não conseguia lembrar-se de ter chorado em toda a sua vida, mas agora nada o podia deter. Voltou as costas para a porta, para que os guardas e Akiva o não vissem, e chorou baixinho, perdidamente.

Barak Ben Canaan era um dos conselheiros da Yishuv que viajavam com a CENUP na sua inspeção à Palestina e cooperava na realização dos seus vários inquéritos. A Yishuv tinha uma esplêndida folha de serviços em matéria de aproveitamento de terrenos, readaptação de refugiados, progresso de *kibbutzim* e fábricas e edificação de cidades

EXODUS 567

Os delegados da CENUP ficaram impressionados com o contraste entre as comunidades judaica e árabe. Depois das viagens de inspecção abriram inquéritos, para cada uma das partes apresentar o seu ponto de vista

Ben Gurion, Weizmann, Barak Ben Canaan e os outros dirigentes da Yishuv defenderam com grande perícia a moralidade e a justiça das pretensões judaicas.

Do lado árabe, a Comissão Superior Árabe, dirigida pela tribo Husseini, provocou manifestações de descontentamento contra a CENUP. Impediram a entrada da comissão em muitas cidades árabes onde a imundície e as condições de primitivismo em que as fábricas funcionavam faziam revolver os estômagos mais fortes. Quando os inquéritos começaram, os Árabes boicotaram-nos oficialmente.

A CENUP compreendeu que na Palestina não podia haver dois caminhos. Guiando-se por puras considerações de justiça, as Nações Unidas teriam de recomendar uma colonização judaica, mas havia que atender ao peso das ameaças árabes.

Havia muito tempo que os Judeus se tinham disposto a aceitar uma solução de compromisso e repartição do mandato, ainda que receassem que isso pudesse levar à criação de um *ghetto* como o Distrito Judaico da Rússia.

Terminada a viagem pela Palestina e concluídos os inquéritos, a CENUP preparou-se para partir para Genebra, a fim de analisar as suas conclusões, enquanto uma subcomissão estudava os campos de refugiados da Europa,

que ainda continham um quarto de milhão de judeus desesperados. Findo o trabalho da subcomissão, apresentariam recomendações à Assembleia Geral das Nações Unidas.

Barak Ben Canaan, mais uma vez aceitou deslocar-se a Genebra e continuar nas suas funções de conselheiro.

Foi a Yad El uns dias antes da sua partida para Genebra, de forma a 'passar algum tempo com Sara, que, a despeito das muitas viagens do marido, nunca se habituara inteiramente a elas, tal como nunca se acostumara à ausência de Jordana e Ari.

Ari e David Ben Ami estavam no *kibbutz* de Ein Or,

568 LEON URIS

que ficava próximo, no quartel-general do Palmach do Huleh. Vieram a Yad Ele Jordana veio de Gan Dafna assistir a um jantar de despedida.

Durante toda a noite, Barak esteve preocupado. Falou pouco da CENUP, da viagem e da gravidade da situação política. Foi uma reunião sem alegria.

Suponho que ouviste dizer que a Sr.a Fremont vai deixar a Palestina disse Jordana no fim do jantar.

Não, não ouvi respondeu Ari, ocultando a sua surpresa.

Vai. Já avisou o Dr. Liebermann Leva consigo a Karen Clement. Eu sabia que ela fugiria ao primeiro sinal de perigo.

Porque não há-de ela ir? disse Ari. É americana e foi por causa dessa rapariga que veio para a Palestina.

Nunca nos serviu para nada ripostou Jordana.

Isso não é verdade disse David, defendendo-a.

Não tomes sempre a defesa dela, David.

É uma mulher simpática disse Sara Ben Canaan ; eu gosto dela. Passava por aqui muitas vezes e vinha visitar-me. Foi muito boa para essas crianças, e elas adoram-na.

É melhor que se vá persistiu Jordana. Não há direito que leve consigo a rapariga, mas estragou-a de tal forma que ninguém diria que é judia.

Ari levantou-se e saiu de casa.

Porque insistes em ferir o Ari? perguntou Sara, zangada. Bem sabes o que ele sente por Kitty, e ela é uma excelente pessoa.

Ainda bem que ele se livrou dela disse Jordana E quem és tu para julgar o coração de um homem? interveio Barak.

David pegou na mão de Jordana.

Prometeste que iríamos dar um passeio a cavalo.

Também tu estás do lado dela, David.

Gosto de Kitty Fremont. Vá, vamos passear.

Jordana saiu da sala a grandes passadas e David seguiu-a.

Deixa-os ir, Sara disse Barak. O David acalma-

EXODUS 569

-la-á. Creio que a nossa filha tem ciúmes da Sr.a Fremont, o que é natural. Talvez um dia as nossas raparigas tenham tempo para se preocuparem com serem mulheres.

Barak brincava com o seu chá; Sara estava por trás da sua cadeira e encostou a cara ao cabelo vermelho do marido.

Barak, tu não podes continuar assim. Tens de falar, ou de contrário arrepende-te até à morte.

Ele afagou a mão da esposa.

Vou ter com o Ari.

Ari estava no pomar, olhando para os montes de Gan

Dafna, quando Barak se chegou a ele

Gostas assim tanto dela, filho?

Ari encolheu os ombros.

Talvez também eu gostasse dela disse Barak.

Que diferença faz? Ela vem de um mundo cheio de meias de seda e perfumes e vai voltar para lá.

Barak pegou no braço do filho e caminharam pelos campos, em direcção ao lugar onde o rio Jordão passava, no limite da herdade. Viram Jordana e David afastarem-se a cavalo e ouviram-nos rir.

Repara, a Jordana já se esqueceu. Como estão as coisas no Palmach em Ein Ór?

Como sempre, pai. Bons rapazes e raparigas, mas são poucos e têm poucas armas. Não podemos esperar ganhar uma guerra contra sete exércitos.

Os carros de rega começaram a percorrer os campos, enquanto o Sol se punha por trás dos montes libaneses, próximo do forte Ester. Pai e filho observaram os seus campos durante muito tempo. Ambos cismavam se chegaria alguma vez o dia em que a única coisa a preocupá-los seria o conserto de uma sebe ou a cultura das terras.

Voltemos para casa disse Ari. A *ema* está sozinha.

Ari voltou-se para partir. Sentiu a enorme mão do pai sobre o ombro. Voltou-se. A cabeça de Barak estava curvada de tristeza.

Parto para Genebra daqui a dois dias, e parto triste como nunca. Há quinze anos que faltou alguém à nossa

570 LEON URIS

mesa. Tenho sido orgulhoso e obstinado, mas tenho pago o preço do orgulho com o tormento. Agora passo um inferno.

Ari, meu filho, não deixes que meu irmão Akiva seja enforcado por uma corda inglesa.

CAPITULO XVI

Na véspera da partida de CENUP, Jerusalém estava agitada. No sector árabe ressoava uma oratória inflamada, a par dos cantos selvagens das multidões muçulmanas. A cidade estava dividida em zonas fortificadas, cercada de arame farpado e guardada por ingleses protegidos por grande número de espingardas.

Ari Ben Canaan percorreu Jerusalém, sector por sector, parando em todos os lugares habitualmente frequentados por Bar Israel, o intermediário dos Macabeus. Bar Israel parecia ter desaparecido. Desde a captura de Akiva e do Pequeno Giora que não tinha havido mais contactos entre Macabeus e Haganah. Mas Ari, que tinha as suas fontes de informação, soube que Bar Israel vivia num quarto no bairro de El Katamon.

Ari seguiu directamente para o quarto e, sem a menor cerimónia empurrou a porta. Bar Israel estava a jogar xadrez. Levantou os olhos, viu Ari e voltou a concentrar-se no tabuleiro.

Sai ordenou Ari ao outro jogador. Empurrou o homem e fechou a porta. Sabias muito bem que eu andava à tua procura

Bar Israel encolheu os ombros e acendeu um charuto.

Deixaste cinquenta cartas de amor por toda Jerusalém.

Então, porque não te puseste em contacto comigo?

Estou em Jerusalém há vinte e quatro horas.

> Já fizeste uma entrada sensacional. Agora que queres?

Leva-me a Ben Moshe.

-Não queremos mais brincadeiras convosco. Nem

” EXODUS 571

queremos que os comandantes do Haganah saibam onde é o nosso quartel-general.

Não estás a falar com um comandante do Haganah.
Estás a falar com Ari Ben Canaan, o sobrinho de Akiva.
. Ari, pessoalmente confio em ti, mas ordens são ordens.

Ari arrancou Bar Israel da cadeira, espalhando as pedras do xadrez pelo chão. Agarrou no pequeno oriental pela lapela e sacudiu-o como se fosse um saco muito leve.

Leva-me a Ben Moshe, ou torço-te o pescoço.
Ben Moshe estava sentado à sua secretária no quartel-general dos Macabeus, na colónia grega. Ao lado encontrava-se Nahum Ben Ami. Os dois olharam com irritação para Bar Israel e Ari Ben Canaan.

Todos conhecemos o Ari disse Bar Israel.
Arrisquei-me

Sai daqui rosnou-lhe Ben Moshe. Ajustaremos contas depois. Agora, que aqui estás, Ben Canaan, que queres?

Quero saber o que tencionam fazer com respeito a Akiva e ao rapaz.

Fazer? Nada, claro. Que podemos nós fazer?

Mentes! disse Ari.

Tudo o que fizemos não é da tua conta disse Nahum.

Ari deu um murro tão forte na secretária que rachou o tampo.

Claro que é da minha conta! Akiva é meu tio!

Ben Moshe continuou glacial.

Já cooperamos de mais com traidores.

Ari inclinou-se para a frente, até o seu rosto quase tocar no de Moshe.

Conheço a tua coragem, Ben Moshe, e conheço a tua, Nahum Ami, mas não me vou embora sem saber os vossos planos.

Estás a pedir uma bala nos miolos.

Cala-te, Nahum, ou racho-te disse Ari.

Ben Moshe tirou os óculos, limpou-os e tornou a pô-los.

572 LEON URIS

Ari, tens uma maneira de convencer muito agradável
disse. Vamos à cadeia de Acre e trazemos o
Akiva e o Pequeno Giora.
Era o que eu pensava. Quando?
Depois de amanhã.
Vou convosco
Nahum ia a protestar, mas Ben Moshe levantou a mão,
fazendo-o calar.
Dás a tua palavra de que o Haganah não sabe que
estás aqui?
Dou.
E o que é a palavra dele. disse Nahum.
Aceito a palavra de um Ben Canaan.
Ainda não estou convencido disse Nahum.
Paciência. Decerto compreendes o que isso significa,
Ari. Mobilizámos todas as forças de que pudemos dispor.
Tu já estiveste na cadeia de Acre... sabes como é. Se conseguirmos
o que queremos, isto acabará com os Ingleses.
Acre é uma cidade inteiramente árabe e a cadeia é
a fortaleza mais impenetrável que eles têm na Palestina.
Deixem-me ver os vossos planos.
Ben Moshe abriu a secretária e tirou um molho de
desenhos. O assalto abrangia toda a área de Acre: tinham
um plano da cidade, dos acessos à prisão pelo exterior e
dos caminhos de fuga. Os diagramas do interior da cadeia,
na opinião de Ari, estavam perfeitos. Deviam ter sido
desenhados por antigos prisioneiros. As sentinelas, o arsenal,
o principal centro de comunicações, tudo estava
localizado nos mapas com exactidão
Ari estudou os horários do ataque. Eram obras-primas.
Explosivos, granadas e minas tudo manufacturado pelos
Macabeus eram habilmente empregados.
Qual é a tua opinião, Ari?
Está tudo perfeito, até certo ponto. Vejo como vão
entrar e trazê-los da prisão, mas a fuga de Acre Ari
abanou a cabeça nunca resultará.
Não podemos esconder-nos no *kibbutz* mais próximo
ripostou Nahum Ben Ami.
Sabemos que a probabilidade de uma fuga completa
é muito limitada concordou Ben Moshe.

EXODUS 573

Não é limitada, é nula. Claro que sei que vocês, macabeus, se orgulham de ser heróis mortos. Se não elaborarem melhores planos de fuga, é isso mesmo que vêm a ser.

Eu sei o que ele vai sugerir disse Nahum. Sugerirá que cooperemos com o Haganah e os *kibbutzim*...

É isso precisamente. Se o não fizerem, terão mais uns tantos mártires. Ben Moshe, tu és corajoso, mas não és insensato. Da forma como as coisas estão, as vossas probabilidades de êxito são talvez de 2 por cento. Se me deixarem elaborar planos de fuga mais completos, as probabilidades serão de 50 por cento.

Tem cuidado disse Nahum, ele fala com astúcia.

Continua Ari.

Ari estendeu o mapa principal sobre a secretária

Sugiro que percam mais dez ou quinze minutos dentro da cadeia e empreguem esse tempo em libertar todos os prisioneiros. Eles espalhar-se-ão em vinte direcções diferentes e forçarão os Ingleses a persegui-los a todos, e portanto a dividir a força britânica.

Ben Moshe acenou com a cabeça em sinal de concordância.

Mas os nossos grupos devem também dividir-se em pequenas unidades e cada uma sair de Acre por um caminho diferente. Eu levo Akiva comigo e vocês levam o rapaz.

Continua, disse Nahum Ben Ami. À medida que ia ouvindo, compreendia que Ari estava a ser sensato.

Escolherei para meu itinerário Kfar Masaryk. Aí mudarei de transporte para os despistar e usarei estradas pouco conhecidas para subir o monte Carmelo, ao sul de Haifa. Tenho amigos de confiança na aldeia drusa de Daliyat ei Karmil. Aos Ingleses nem passará pela cabeça procurarem-nos lá.

Parece boa ideia disse Nahum. Nos Drusos pode confiar-se... com *mais* facilidade do que em alguns judeus que conheço.

Ari não fez caso do insulto.

-A unidade que leva o Dov Landau sobe a estrada

574 LEON URIS

ao longo da costa, em direcção a Nahariya, e aí divide-se em duas. Posso arranjar asilo em meia dúzia de *kibbutzim* da região, mas sugiro que Landau seja levado para o *kibbutz* de Mishmar, na fronteira libanesa. Eu assisti à edificação de Mishmar está cheia de subterrâneos. O teu irmão David esteve lá comigo na segunda guerra mundial. Já há anos que a usamos como esconderijo para os nossos chefes. Aí o Landau estará absolutamente a salvo.

Ben Moshe estava imóvel como uma estátua e examinava os planos. Sabia que sem estes esconderijos a sua missão não seria mais do que uma dramática missão suicida.

Com o auxílio de Ari, havia probabilidades. Iria arriscar-se a cooperar com ele?

Vá, Ari... elabora os itinerários de fuga. Faço isto apenas porque o teu nome é Ben Canaan.

Faltavam quatro dias para o golpe que tinham preparado.

Quatro dias separavam Akiva e o Pequeno Giora da execução. A CENUP partiu de avião para Genebra. Na Palestina, a calma era aparente e carregada de presságios. As manifestações árabes cessaram, bem como os ataques dos Macabeus. A cidade era um campo armado, com ingleses à paisana enxameando a região.

Faltavam três dias.

Akiva e o Pequeno Giora rejeitaram o apelo final proposto pelo primeiro-ministro da Grã-Bretanha.

Chegou o dia.

Dia de mercado em Acre. Ao alvorecer, multidões de árabes convergiam para a cidade, vindas de uma vintena de aldeias da Galileia. As zonas de mercado estavam apinhadas de burros, carroças e produtos; as estradas, cheias de viandantes.

Judeus do Oriente e de África e macabeus disfarçados de árabes chegaram a Acre, entre as multidões que sempre afluíam nos dias de mercado. Todos os homens e mulheres transportavam sob os compridos fatos dinamite, explosivos, fios, granadas ou pequenas armas. Os Macabeus

EXODUS 575

dispersaram, misturando-se por entre os lugares de venda do mercado, junto à cadeia, e pela feira, apinhada de gente.

Onze horas. Faltavam duas para a hora H.

Duzentos e cinquenta homens e cinquenta mulheres macabeus, envergando trajes árabes, espalhavam-se agora por Acre.

Onze e quinze. Uma hora e quarenta e cinco minutos para a hora H.

Na prisão de Acre renderam a guarda. Próximo estavam quatro colaboradores dos Macabeus que trabalhavam na prisão.

Onze e trinta. Noventa minutos para a hora H.

A alguma distância de Acre, no monte Napoleão, reuniu-se outra unidade de macabeus. Três camiões carregados de homens vestidos como as tropas britânicas chegaram a Acre e estacionaram ao longo da muralha da prisão. Os «soldados» dividiram-se rapidamente em unidades de quatro homens e começaram a andar pelas ruas como se constituíssem patrulhas de segurança. Perto havia tantos soldados mais que esta centena não atraiu as atenções>

Meio-dia Faltava uma hora para a hora H.

Ari Ben Canaan entrou em Acre, vestido de major britânico e viajando num automóvel do exército. O motorista arrumou o carro na muralha do lado ocidental da cadeia. Ari atravessou o grande baluarte na extremidade norte da muralha e encostou-se a um velho e ferrugento canhão turco. Acendeu um cigarro e olhou as ondas que batiam de encontro à muralha por baixo dele. A espuma redemoinhava em torno das rochas musgosas, gastas pelas águas.

Doze e cinco. Cinquenta e cinco minutos para a hora H.

Uma por uma, as lojas de Acre começaram a fechar para o intervalo do almoço. O sol estava a aquecer e incidia sobre os árabes que descansavam nos cafês e que começaram a dormir enquanto soavam as lamentações da Rádio Cairo. As tropas britânicas sufocavam e sentiam-se tontas com o calor.

576 LEON URIS

Doze e dez. Cinquenta minutos para a hora H.

Um muçulmano subiu os muitos degraus em espiral do minarete contíguo à Mesquita de El Jazzar e no silêncio profundo chamou os Maometanos à oração. Estes reuniram-se no pátio e no templo de grande cúpula branca e ajoelharam, virados para a cidade santa de Meca.

Doze e doze. Quarenta e oito minutos para a hora H.

Os Macabeus dirigiram-se para os seus pontos de concentração, enquanto o calor fazia cair em letargia tanto os árabes como os soldados britânicos.

Em grupos de dois e de três, os Macabeus erravam sem propósito aparente pelos estreitos becos cheios de estrume, em direcção aos pontos de concentração

Um grupo reuniu-se no Café Abu Christos (Pai de Cristo). O café dava para a baía e os clientes viam os rapazes árabes mergulhar, atirando-se das rochas por um *grush*. Daqui viam toda a baía e, ao longe, Haifa.

Um segundo grupo entrou na mesquita. Ajoelharam-se numa extremidade do grande pátio e oraram com os Árabes.

A terceira unidade dirigiu-se para o Khan, uma grande praça usada há mais de cem anos como local para repouso das caravanas, bem como para transacções comerciais.

Misturaram-se com os camelos, os burros e as centenas de árabes que tinham vindo à feira e descansavam deitados no chão.

O quarto grupo foi ter às docas, junto da frota de pesca.

O quinto grupo reuniu-se na Porta da Terra, sobre a muralha.

Ao mesmo tempo os cem macabeus vestidos de soldados britânicos dirigiam-se para os seus postos. Tinham mais liberdade de movimentos; por isso se colocaram nos cimos das casas e bloquearam becos e estradas, de maneira a poderem controlar todas as entradas e saídas da prisão de Acre.

No exterior de Acre, a última unidade dos Macabeus tomou posições. Estes não estavam disfarçados. Colocaram minas e postaram-se nas estradas com metralhadoras, para impedir a entrada em Acre de reforços britânicos.

EXODUS 577

Doze e quarenta e cinco. Faltavam quinze minutos para a hora H.

Os soldados que bloqueavam a saída da cadeia estavam a postos. As unidades colocadas nas estradas que partiam de Acre estavam também a postos.

As tropas de choque, os duzentos e cinquenta homens disfarçados de árabes, saíram dos seus pontos de concentração em pequenos grupos e convergiram para o ponto de ataque.

Ben Moshe e Ben Ami chegaram primeiro ao local.

Viram os seus homens convergir para o lugar indicado.

Olharam para os cumos dos telhados e viram os seus soldados.

Olharam para a cadeia, onde um dos quatro elementos «interiores» (fez sinal de que tudo estava pronto.

Ari Ben Canaan caminhou para a extremidade da muralha, deitou fora o cigarro e dirigiu-se rapidamente para o ponto de ataque. O motorista seguia atrás dele no carro.

O ponto de ataque era o Hamman El-Basha, um balneário público dos Turcos, que contava cento e vinte anos.

Construído por El Jazzar, estava ligado ao muro sul da prisão de Acre. Nas traseiras do balneário havia um pátio usado para banhos de sol. Uma única escada ia dar ao telhado do balneário e directamente ao muro da cadeia.

Os Macabeus tinham descoberto que para os Ingleses todos os movimentos em redor da cadeia eram visíveis dos vários postos de sentinela da prisão. Um ponto, porém, constituía excepção: o balneário e a muralha sul.

Era, portanto, aqui que deviam atacar.

Uma hora a hora H.

O sol fizera a cidade de Acre cair em sonolência.

Ben Moshe, Ben Canaan e Ben Ami respiraram fundo e deram o sinal. Começara o ataque à prisão de Acre.

Ari Ben Canaan dirigia o grupo de cinquenta homens.

Entraram no balneário e dele passaram rapidamente para o pátio das traseiras. Este grupo transportava dinamite.

Os árabes que estavam sentados nos quartos cheios de fumo olharam-se, perplexos. O terror apoderou-se deles, e uns segundos depois o balneário era uma confusão de árabes molhados que se empurravam. Entrou uma segunda unidade, que reuniu os frequentadores do balneário

578 LEON URIS

numa sala cheia de fumo, para que não pudessem fugir e dar o alarme.

Lá fora, Ben Moshe recebeu o sinal de que Ari chegara ao pátio e de que os árabes não podiam fugir.

No pátio das traseiras do balneário, os homens de Ari subiram as escadas a correr e atravessaram o telhado para colocar a carga de dinamite sobre o muro sul da prisão. Tiraram do vestuário os explosivos e fios e montaram tudo com rapidez e eficiência. Retiraram-se para o abrigo do pátio e deitaram-se no chão.

Uma e quinze.

Uma ruidosa explosão fez estremecer Acre. O ar encheu-se de pedras que voavam. Passaram dois minutos até o pó passar e mostrar uma grande brecha no muro da prisão.

Ouvida a explosão, os quatro homens que estavam dentro da cadeia cumpriram as suas missões. O primeiro lançou uma granada sobre o comutador telefónico, paralisando todas as ligações. O segundo realizou a mesma operação no quadro principal da electricidade, inutilizando o sistema de alarme. O terceiro prendeu o carcereiro e o quarto correu para a brecha para dirigir a entrada dos Macabeus.

Os homens de Ari invadiram a prisão. O primeiro objectivo de metade da sua unidade era chegar ao arsenal. Momentos depois estavam todos equipados com armas pesadas. A segunda secção da força dirigida por Ari cortou a saída às principais casernas de guardas, para que estes não pudessem servir de reforços.

Com intervalos de um minuto, Ben Moshe, que estava no exterior, fazia entrar na cadeia unidades de dez e vinte homens. Cada grupo sabia exactamente qual o alvo a atingir.

Os guardas foram obrigados a sair das suas posições e os Macabeus irromperam pelos velhos corredores, disparando tiros de espingarda e lançando granadas que derrubavam os obstáculos. Espalharam-se pela prisão, ocuparam as posições pretendidas e, com a precisão dos planos meticulosos, seis minutos depois de o muro ter sido dinamitado, estavam senhores do interior da prisão de Acre.

” EXODUS 579

Lá fora, as forças que cobriam a operação entrincheiravam-se e aguardavam um contra-ataque da guarnição britânica.

As tropas e os soldados à paisana que já tinham chegado à cidade foram detidos pelos macabeus que controlavam as entradas, dos cimos dos telhados e dos becos.

Quando os duzentos macabeus já estavam dentro da cadeia, meteram ombros à tarefa de despedaçar as portas das celas e libertar os prisioneiros. Os fugitivos, árabes e judeus, foram conduzidos à brecha do muro e em breve corriam por Acre em todas as direcções.

Com o carcereiro capturado, Ari dirigiu cinco homens para as celas da morte e sala de execuções. O carcereiro principiou a abrir a porta. Lá dentro, os quatro guardas que vigiavam constantemente os dois condenados começaram a disparar sobre a porta de ferro. Ari fez sinal aos outros para recuarem, lançou uma mina magnética sobre a porta e agachou-se. A porta soltou-se dos gonzos. Ari entrou, lançou uma granada, e os guardas fugiram para a sala das execuções.

O grupo entrou, agarrou os guardas e abriu as portas das celas. Akiva e Dov Landau foram rapidamente conduzidos para o telhado do balneário e deste para o exterior.

Dov Landau foi empurrado para um camião cheio de homens. Ben Moshe fez-lhes sinal para partirem, e 'o camião, dirigiu-se a toda a velocidade para Nahariya. Dois minutos depois, o carro do exército parava; Ari fez Akiva entrar nele, e fugiram em direcção diferente.

Ben Moshe fez sinal para os Macabeus iniciarem as operações de retirada. Tinham passado somente vinte e um minutos desde a explosão do muro.

Unidades desorganizadas das guarnições britânicas tentaram chegar à cadeia de Acre, mas foram detidas por minas, estradas bloqueadas e tiros de espingarda. Na cidade de Acre, unidades britânicas não menos desorganizadas tentavam perseguir os trezentos prisioneiros libertados.

O camião que levava Dov Landau subia a estrada marginal a toda a velocidade. Fora descoberto pelos Ingleses e estava a ser perseguido por uma força motorizada composta de dez vezes mais homens do que aqueles que

580 LEON URIS

seguiram no camião. Este dirigia-se para a cidade judaica de Nahariya. Nahum Ben Ami seguiu com Dov para o *kibbutz* de Ha Mishmar, na fronteira libanesa, enquanto o resto da força ficava para trás para distrair as atenções dos perseguidores. Estes macabeus conseguiram resistir aos Ingleses o tempo suficiente para permitir a Nahum Ben Ami levar Dov para lugar seguro, mas foi um acto suicida: os dezassete homens e mulheres foram todos mortos.

Akiva e Ari iam no assento de trás do carro militar.

O motorista e outro macabeu sentaram-se à frente. Partiram a toda a pressa de Acre, em direcção ao kibbutz

Kfar Masaryk. No monte Napoleão, os macabeus que bloqueavam a estrada fizeram-lhes sinal para descerem e disseram-lhes

que saíssem da estrada principal, pois estava dinamitada, para impedir contra-ataques britânicos. Este grupo mantinha a distância duas companhias britânicas que tentavam entrar em Acre.

Ari tomou uma decisão rápida.

Motorista, podes ir por esses campos e ultrapassar aquela unidade britânica?

Vamos ver.

Saíram da estrada e avançaram» aos solavancos pelo campo. Conseguiram ultrapassar as duas companhias inglesas e voltar à estrada principal. Alguns soldados perseguiram o carro, disparando enquanto corriam. Precisamente ao chegarem de novo à estrada, tiveram de se desviar de uma saraivada de balas. Ari agarrou Akiva e fê-lo abaixar-se para escapar aos tiros. As balas silvavam em volta deles. O motorista recuou, pois o carro estava a ser atingido. Dois soldados com pequenas metralhadoras estavam quase a alcançá-los. Ari disparou pela janela de trás. Um dos soldados caiu; o outro abriu fogo furiosamente.

Ari via chamas vermelhas saírem do cano da metralhadora.

Akiva deu um grito.

No momento em que o carro voltava a alcançar a estrada e se punha em fuga. Ari caiu sobre Akiva.

Não lhes aconteceu nada aí atrás?

Fomos ambos atingidos.

EXODUS 581

Ari arrastou-se para o banco e examinou a sua perna direita. Apalpou-a estava entorpecida. A bala tinha penetrado profundamente. A ferida não sangrava muito nem provocava uma dor intensa, mas apenas uma sensação de ardor.

Ajoelhou-se, virou Akiva e abriu-lhe a camisa ensanguentada.

O estômago de Akiva era uma ferida aberta.

Como está ele?

Mal... muito mal.

Akiva não tinha perdido a consciência. Puxou o sobrinho para si.

Ari perguntou ele , vou resistir?

Não, tio.

Então leva-me para um lugar escondido... compreendes?

Compreendo disse Ari.

O carro chegou a Kfar Masaryk, onde uma dezena de *kibbutzniks* se aprontavam para ocultar o carro e fornecer um camião para continuarem a fuga. Quando o tiraram do carro, Akiva estava cheio de sangue e inconsciente.

Ari demorou-se um instante a deitar-lhe sulfamidas na perna ferida e a pôr-lhe uma compressa. Os dois macabeus que estavam com ele chamaram-no de parte.

O velho não resistirá se continuarmos a viagem.

É melhor ficar aqui e receber tratamento.

Não disse Ari.

Estás louco?

Ouçam-me ambos. Ele não tem probabilidades de viver. Mesmo que tivesse, os Ingleses encontrá-lo-iam aqui.

Se o deixarmos e ele morrer aqui, toda a Palestina o saberá. Ninguém senão nós deve saber que Akiva não escapou. Os Ingleses nunca deverão saber que ele morreu.

Os dois macabeus compreenderam e acenaram com a cabeça. Saltaram para o banco 'da frente do camião e Ari sentou-se atrás com o tio. A perna de Ari principiava a doer-lhe.

O camião seguia apressadamente para o sul. Depois Começou a subir as estreitas estradas do monte Carmelo. Ari segurava Akiva no colo, enquanto o camião saltava Pela estrada de macadame e oscilava, dando perigosas

curvas e levantando um rasto de pó. Foram subindo o monte Carmelo, até que chegaram ao território onde os Drusos viviam isolados.

Akiva abriu os olhos. Tentou falar, mas não conseguiu. Reconheceu Ari, sorriu e caiu inanimado nos braços dele.

O camião dirigiu-se para uma mata, situada a uma milha de distância da aldeia drusa de Daliyat ei Karmil, que ficava na montanha. Mussa, um soldado druso do Haganah, esperava com uma carroça puxada por um burro.

Ari arrastou-se para fora do camião. Esfregou a perna.

Estava encharcado com o sangue de Akiva.

Mussa correu para ele.

Estou bem disse Ari. Tirem Akiva. Está morto.

O velho e cansado corpo de Akiva foi levado do camião para a carroça.

Vocês dois são macabeus. Não devem revelar a morte de Akiva a ninguém senão a Ben Moshe ou Nahum.

Agora levem daqui o camião e limpem-no. Mussa e eu enterraremos o meu tio.

O camião partiu a grande velocidade.

Ari subiu para a carroça. Passaram pela aldeia e dirigiram-se para o cume do monte Carmelo, a montanha do

sul. Ao pôr do Sol chegaram a uma pequena floresta onde ficava a igreja de Elias, o maior de todos os profetas hebreus. Fora neste solo que Elias dera provas do poder de Deus contra os sacerdotes de Baal da rainha Jezebel.

A igreja do profeta Elias debruçava-se sobre o vale de Jezreel.

Mussa e Ari cavaram uma sepultura pouco funda.

Vamos tirar-lhe esse fato vermelho disse Ari.

Despiram a Akiva a roupa britânica dos condenados e fizeram-no rolar para a sepultura, que taparam e cobriram de ramos. Mussa voltou para a carroça e esperou por Ari.

Este esteve muito tempo ajoelhado sobre o túmulo de seu tio. Yakov Rabinsky vivera com o coração cheio de revolta e morrera com ele repassado de mágoa. Depois de tantos anos de tormento, ia finalmente ter paz. Aqui podia encontrar aquela paz que lhe fora negada em vida

EXODUS 583

e dormir eternamente, olhando a terra dos Judeus. «Um dia», pensou Ari, «todos saberão onde dorme Akiva e este lugar será sagrado para todos os hebreus.»

Adeus, tio disse Ari. Nem sequer tive oportunidade de te dizer que o teu irmão te perdoa.

Ari ergueu-se e principiou a cambalear. Mussa correu para ele ao ouvi-lo gritar de dor e cair desmaiado.

CAPITULO XVII

Kitty e o Dr. Liebermann estavam ambos tristes. Ela examinava um caso no gabinete do médico.

Gostaria de lhe dizer palavras que a fizessem ficar disse o Dr. Liebermann.

Obrigada disse Kitty. Agora, que chegou a ocasião, sinto-me vazia. Não sabia a que ponto me tinha afeiçoado a Gan Dafna. Estive a pé a maior parte da noite percorrendo estes arquivos. Alguns destes jovens fizeram progressos notáveis, se tivermos em conta a dificuldade dos seus casos.

Vão sentir a sua falta.

Creio que sim. E eu sentirei a deles. Tentarei pôr tudo em ordem nos poucos dias que faltam. Há alguns casos especiais que gostaria de examinar consigo.

Sem dúvida.

Kitty levantou-se para sair.

Esta noite não deixe de chegar à sala de jantar meia hora mais cedo.

Preferia que não fizessem nada. Não creio que a ocasião seja para festas de despedida.

O pequeno corcunda levantou as mãos.

Todos insistiram. Que podia eu fazer?

Kitty caminhou para a porta e abriu-a.

Como está a Karen?

Bastante perturbada. Tem estado assim desde que foi à prisão ver o Dov. Vi-me aflita com ela a noite passada quando ouvimos falar no ataque à cadeia de Acre.

584 LEON URIS

Talvez saiba em breve se ele fugiu ou não. Esta pobre criança já sofreu o bastante para uma vida inteira. Talvez leve algum tempo, Dr. Liebermann, mas vou fazê-la muito feliz na América.

Desejava poder dizer-lhe que penso que faz mal em nos deixar. Mas não posso.

Kitty saiu do gabinete e seguiu pelo corredor, pensando nas notícias que tinham emocionado o mundo.

Vinte homens e mulheres macabeus tinham sido mortos e outros quinze capturados. Ninguém sabia quantos feridos estariam escondidos. Ben Moshe fora morto. Parecia um preço exagerado por duas vidas salvo se se tivesse em atenção que não se tratava de duas vidas quaisquer e que o ataque vibrara um violento golpe ao que restava do moral britânico e do desejo dos Ingleses de continuarem na Palestina.

Kitty parou diante da porta de Jordana. A ideia de a ver era-lhe extremamente desagradável. Bateu.

Faz favor.

Kitty entrou. Jordana levantou friamente os olhos da secretária.

Estive a pensar, Jordana... Sabe, por acaso, se o Dov Landau conseguiu fugir ontem? Com a amizade que a Karen tem ao pequeno, sentir-se-ia muito melhor se...

Não sei.

Kitty preparou-se para partir, depois voltou-se no último instante.

O Ari tomou parte no ataque?

O Ari não me fornece a lista dos seus ataques.

Pensei que talvez soubesse.

Como havia eu de saber? Foi uma incursão dos Macabeus.

Vocês têm sempre maneira de obter informações sobre o que querem saber.

Se o soubesse, não lho diria, Sr.a Fremont. Sabe, não quero que nada a impeça de tomar o seu avião para sair da Palestina.

Seria muito mais agradável se nos separássemos amigavelmente, mas você nem sequer me dá uma oportunidade para que isso aconteça.

EXODUS 585

Voltou-se rapidamente e saiu do gabinete, em direcção à porta principal. Kitty ouviu gritos e aplausos que vinham de um desafio de futebol no campo de jogos. No relvado central, algumas das crianças mais pequenas brincavam às escondidas, enquanto outras mais velhas estavam deitadas no relvado, a estudar.

«Em Gan Dafna, as plantas estão sempre em flor», reflectiu Kitty, «e o ar sempre cheio do seu aroma.»

Kitty desceu as escadas do edifício dos serviços públicos e atravessou o relvado, passando pelas trincheiras.

Parou junto da estátua de Dafna. Desta vez não sentiu ciúmes da defunta noiva de Ari. Olhou para o Huleh, como Dafna, e sentiu-se subitamente só.

Shalom. Giveret Kitty! gritaram-lhe alguns jovens, enquanto passavam a correr. Uma das crianças veio ter com ela e passou-lhe os braços pela cintura. Ela despenteou-o e mandou-o embora.

Ao encaminhar-se para o hospital sentia-se muito deprimida. Deixar Gan Dafna ia ser mais difícil do que tinha pensado.

No gabinete começou a consultar os seus arquivos, deixando ficar uns *dossiers* e tirando outros.

Era estranho, pensava ela; não sentia a mesma pena ao deixar o orfanato de Salónica. Kitty nunca tentara realmente tornar-se uma «amiga» dos judeus de Gan Dafna.

Porque é que tudo o agarrava neste momento?

Talvez por se tratar do fim de uma aventura. Sentiria a falta de Ari Ben Canaan e pensaria nele durante muito tempo, talvez para sempre. Mas, com o tempo, as coisas entrariam novamente na normalidade e poderia dar a Karen tudo aquilo que queria que ela tivesse. Haveria momentos felizes, férias maravilhosas em comum e Karen recomençaria com as suas lições de dança. Com o tempo, a imagem de Ari Ben Canaan desvanecer-se-ia, tal como a recordação da Palestina.

Era natural que se sentisse mal, raciocinava Kitty.

Causa sempre um certo pesar deixar qualquer emprego e andar de um lado para o outro.

Principiou a ler os seus apontamentos sobre algumas das «suas» crianças. Eram elas objectos impessoais de

prescrições terapêuticas ou eram pequenos seres humanos perdidos que dependiam dela? Tinha o direito de os levantar para depois os deixar cair novamente, ou tinha outros deveres para com eles para além dos seus próprios desejos pessoais?

Kitty fechou rapidamente o espírito a estas ideias.

Abriu a gaveta da secretária e tirou o passaporte. Ao lado do seu estava o passaporte britânico de Karen. E dois bilhetes: partida Lida; destino Nova Iorque.

Mark Parker vinha do Oriente ter com ela a S. Francisco.

Caro Mark... Houve alguma vez amigo mais dedicado?

Kitty adorava o bairro junto à baía. Podiam viver no Marin County, sobre o Golden Gate, ou em Berkeley, próximo da Universidade. Estariam perto do teatro, do *ballet* e da maravilhosa cidade de S. Francisco.

Kitty fechou a gaveta da secretária.

Pegou novamente nos *dossiers* e começou a colocá-los no arquivo. Claro que a sua partida era razoável... claro que era. Até o Dr. Liebermann o dissera. Que deveres tinha ela para com essas crianças? Tinha sido um emprego; nem mais nem menos.

Kitty fechou a gaveta do arquivo e suspirou. Mesmo justificando-se, uma sombra de dúvida começava a penetrar-lhe no espírito. Era verdade que ela fazia isto por Karen ou pelo seu amor egoísta pela rapariga?

Kitty voltou-se e teve um sobressalto: à entrada da porta estava um árabe. Vestia de maneira estranha, com um fato ocidental que não lhe servia, de lã, às riscas. Na cabeça trazia um fez vermelho, cosido a branco, que lhe dava à cabeça o aspecto de um quadrado. Tinha um enorme bigode negro de finas pontas enceradas.

Não queria assustá-la disse o árabe. Posso entrar?

Certamente disse Kitty, surpreendida por ouvi-lo falar inglês. Calculou que pertencesse a uma aldeia próxima onde estivesse alguém doente.

O árabe entrou e fechou a porta atrás de si.

É a Sr.a Fremont?

Sim.

EXODUS 587

Eu sou Mussa. Sou druso. Já ouviu falar nos drusos?

Ela sabia vagamente que era uma seita islamita que vivia em aldeias do monte Carmelo, ao sul de Haifa, e que eram amigos dos Judeus.

Não está muito longe de casa?

Pertenço ao Haganah.

Kitty levantou-se instintivamente num pulo.

Ari? exclamou.

Está escondido na minha aldeia de Daliyat ei Karmil.

Dirigiu o ataque de Acre. Pede que vá ter com ele.

O coração de Kitty pulsava desordenadamente.

Está gravemente ferido disse Mussa. Vem?

Sim.

Não leve medicamentos. Temos de ter cuidado. Os Ingleses bloquearam muitas estradas e se virem medicamentos desconfiam. O Ari disse que enchesse o camião de crianças. Amanhã há um casamento druso. Dizemos aos Ingleses que levamos as crianças à festa. Tenho um camião. Arranje já quinze crianças e mande-as levar sacos de dormir.

Estaremos prontos daqui a dez minutos disse ela, saindo a correr em direcção ao gabinete do Dr. Liebermann.

De Gan Dafna à aldeia de Mussa eram 80 quilómetros pelas estreitas estradas das montanhas da Galileia do Norte. O camião, desconjuntado, avançava lentamente.

As crianças, que iam atrás, radiantes com o feriado imprevisto, cantavam muito alto, enquanto o camião arfava penosamente, subindo os montes. Apenas Karen, sentada à frente junto de Kitty, sabia qual o verdadeiro fim da viagem.

Kitty sondava Mussa para obter informações. Tudo o que pôde apurar foi que Ari recebera, vinte e quatro horas antes, um ferimento numa perna, que estava impossibilitado de andar e que sentia muitas dores. O druso não sabia nada acerca de Dov Landau e nada disse da morte de Akiva.

Apesar das instruções, Kitty tinha arrumado numa mochila sulfamidas, ligaduras e tintura de iodo, que passariam despercebidos numa das divisórias.

Apenas duas vezes na sua vida se sentira profunda e verdadeiramente amedrontada. A primeira fora em Chicago, na sala de espera da ala de poliomielite do Hospital Infantil, durante os três dias e as três noites da doença de Sandra. A segunda, enquanto esperava no Hotel Dome notícias da greve da fome do *Exodus*.

Agora estava novamente cheia de ansiedade, alheia aos cantos das crianças e aos esforços de Karen para a acalmar. Estava tonta de aflição. Fechou os olhos e os lábios moviam-se, repetindo, baixinho, as palavras: «Quem quer que seja este Deus que vela por Israel, faz que o Ari viva. por favor, deixa-o viver.»

Passou uma hora, duas e três.

O nervosismo de Kitty tinha-a deixado num estado de Semi-esgotamento. Deitou a cabeça no ombro de Karen e fechou os olhos.

Ruidosamente, o camião entrou na curva de Kfar Masaryk, seguindo pela estrada que Ari utilizara na sua fuga de Acre. Ao aproximar-se do monte Carmelo viram a estrada cheia de tropas. Tiveram de parar num ponto em que o caminho estava bloqueado.

Estas crianças são de Gan Dafna. Temos amanhã um casamento em Daliyat.

Saíam todos ordenaram os Ingleses.

Revistaram o camião. Todos os sacos de dormir foram desmanchados e examinados minuciosamente; dois foram abertos à faca. Inspeccionaram a carroçaria do camião e tiraram o pneu sobresselente. Examinaram o motor e revistaram as crianças. A inspecção durou quase uma hora.

No sopé do monte Carmelo foram submetidos a segunda busca dos Ingleses. Kitty sentia-se exausta quando Mussa começou a subir as tortuosas curvas da encosta do Carmelo.

As aldeias drusas ficam todas em pontos muito altos. Somos uma minoria e precisamos de lugares altos para nos defendermos dos ataques dos Muçulmanos disse Mussa; dentro de minutos estaremos em Daliyat.

Kitty cobrou ânimo rapidamente, enquanto chegavam aos arredores da aldeia e se metiam pelas ruas estreitas. Daliyat ei Karmil parecia ficar no tecto do mundo.

EXODUS 589

comparada com a imundície e decadência da maioria das aldeias árabes, cintilava de brancura e limpeza. Os homens usavam quase todos bigode e vestiam-se à maneira ocidental.

Os barretes que traziam na cabeça eram um pouco diferentes dos dos Árabes, mas no que mais se distinguíam destes era no porte digno e orgulhoso e no aspecto que indicava tratar-se de ferozes combatentes em potência.

As crianças tinham olhos brilhantes e eram robustas e as mulheres, extremamente belas, estavam vestidas de cores berrantes, com panos brancos sobre a cabeça.

Daliyat transbordava com centenas de visitantes. De todas as aldeias drusas do Carmelo tinha vindo gente assistir ao casamento e, além disso, havia judeus de *kibbutzim* e de lugares tão longínquos como Haifa.

O camião avançava vagarosamente e passou pelo salão de festas da aldeia, onde, em filas compactas, estavam reunidos os convidados do sexo masculino para cumprimentar o noivo e os anciãos da aldeia. Ao lado havia uma varanda que dava para a encosta. Nela estava posta uma mesa com mais de 20 metros de comprimento cheia de fruta, arroz, caril de cabrito, vinhos, conhaques e tutano recheado. As mulheres, equilibrando pratos à cabeça, andavam num contínuo vaivém em direcção à mesa.

Mussa parou o carro depois do salão de festejos. Alguns aldeãos vieram ter com as crianças. Estas descarregaram as mochilas e levaram-nas até um local onde armaram o seu acampamento; depois voltaram, juntando-se aos convidados.

Mussa, Kitty e Karen dirigiram-se à rua principal.

Aqui, dançarinos drusos, envergando camisas de seda prateada e usando solidéus bordados das cores mais diversas, tinham encetado uma dança entusiástica. Estavam alinhados e cada dançarino tinha as mãos nos ombros do seguinte.

Mantendo-se em linha recta, saltavam continuamente, conservando o corpo rígido e usando apenas os pés como se fossem molas. À cabeça da fila, o melhor dançarino druso da Palestina, Nissim, executava rápidas piruetas com uma faca entre os dentes e duas nas mãos.

, Próximo, no santuário, um poeta improvisava uma história cantada. Cada verso do canto era repetido por uma

centena de homens à sua volta. À medida que a história prosseguia, os versos eram repetidos cada vez mais alto e quando o poeta chegou ao fim da lenda metade dos homens puxaram das pistolas e dispararam-nas para o ar. Mussa saiu com o camião da rua principal e enveredou por uma rua mais estreita e íngreme. Meteu a primeira velocidade e manteve o pé no travão enquanto o veículo deslizava. No fim da rampa, Mussa parou o camião. A estrada que se seguia era demasiado íngreme. Os três saíram rapidamente do camião. Kitty pegou na pequena mochila de primeiros socorros e seguiu Mussa. Passaram pelo primeiro quarteirão de casas; estavam agora longe da frenética agitação dos festejos.

Pararam na última casa da aldeia. Estava cuidadosamente guardada por um pequeno grupo de drusos de aspecto feroz e bem armados.

Mussa abriu a porta. Kitty respirou fundo e entrou.

Dentro, outros dois guardas estavam diante de uma porta.

Ela voltou-se para Karen.

Fica aqui. Se precisar de ti, chamo-te. Mussa, venha comigo por favor.

O quarto estava quase às escuras e fresco, devido à altitude e ao chão de cimento. Kitty ouviu um gemido. Caminhou rapidamente para a janela e abriu as gelosias, deixando entrar um jorro de luz.

Ari jazia numa cama de casal, cuja cabeceira era de cobre. Tinha os punhos cerrados em volta de duas travessas, que deformara ao contorcer-se com dores. Kitty afastou o cobertor. A roupa dele e o colchão estavam manchados de sangue.

Ajude-me a despir-lhe as calças ordenou Kitty.

Mussa ficou hirto de surpresa.

Deixe lá disse 'ela, mas então tire-se do meu caminho. Quando precisar de si, chamo-o.

Rasgou cuidadosamente as calças de Ari e examinou-o: estava com boa cor e tinha o pulso relativamente forte.

Comparou as duas pernas. A perna doente não estava muito inchada, nem parecia que ele tivesse perdido excessiva quantidade de sangue.

EXODUS 591

Kitty agia agora rápida e eficientemente, pois sabia que Ari estava vivo e não parecia correr grande perigo.

Mussa, traga-me sabão, água e toalhas lavadas.

Quero examinar bem a ferida.

Lavou as mãos e limpou cuidadosamente a perna em volta da ferida. A coxa estava descorada e o sangue exsudava do inchaço onde entrara a bala.

Ari pestanejou.

Kitty?

Sim, estou aqui.

Graças a Deus.

Que tratamento fez à ferida?

Ontem pus-lhe sulfamidas. Atei uma ligadura, mas não sangrava muito.

Vou apalpar em volta. Vai doer-lhe.

Não faz mal.

Ari queixou-se e começou a ter suores frios; enquanto ela apalpava o inchaço. Ele agarrou-se às barras de cobre e abanou a cama. Kitty tirou rapidamente a mão. Ari ficou a tremer durante três minutos. Ela limpou-lhe o rosto com uma toalha húmida.

Então Ari?

Está a passar disse ele. Vem e vai. Estou a fazer uma grande lamúria por um ferimento numa perna. O seu treino no condado de Cook incluía esta espécie de coisas?

Kitty sorriu por ele se lembrar.

Ah, de vez em quando o marido apanhava o rival em flagrante e atirava-o, com um tiro, pela porta de trás.

Que é que eu tenho?

Não sei ao certo. As balas fazem às vezes coisas inesperadas, não se pode prever a trajectória que tomam. O pulso e a respiração estão bem e não houve choque. A perna não está inchada, excepto no sítio da ferida.

Que significa isso?

Parece-me que quer dizer que não teve hemorragias internas. A bala não atingiu nenhuma artéria principal. Também não encontro vestígios de infecção. Acho que teve bastante sorte... apesar de estar preocupada por causa dessa dor que tem.

Tenho desmaiado de vez em quando disse ele.
 Agarre-se. Quero apalpar outra vez em volta.
 Ari agarrou-se, mas só pôde suportar o exame durante alguns segundos. Gritou, sentou-se muito direito, depois respirou com dificuldade e sentiu-se enfraquecer.
 Esta maldita dor mata-me!
 Agarrou os lençóis, rebolou-se e começou a tremer.
 Contorceu-se com dores durante dez minutos, depois acalmou-se, exausto.
 Kitty... que é isto?... Francamente, não consigo aguentar muito mais...
 Podia andar depois de ter sido ferido?
 Sim... Que é, Kitty? Porque dói tanto?
 Ela abanou a cabeça.
 Não sou médica. Não posso dizer ao certo. Posso enganar-me redondamente.
 Diga-me o que sabe pediu ele, ofegante.
 Bem, o que eu penso é isto: a bala entrou pela parte externa da coxa e atingiu, de raspão, o osso. Não lhe fracturou a perna pois nesse caso não poderia andar e não penetrou muito fundo na coxa senão teria possivelmente atingido uma artéria.
 Então que é?
 Creio que atingiu o osso, e ou o lascou ou o rachou.
 Isso é uma das coisas que lhe causam dores. Segundo os meus cálculos, a bala fez ricochete e voltou à superfície. Pode estar alojada de encontro a um nervo.
 E agora?
 Tem de se tirar. Essa dor vai matá-lo ou paralisá-lo.
 Pode originar todas as espécies de coisas... uma hemorragia, sabe Deus o quê. Não pode descer a montanha; portanto, terá de mandar chamar um médico dentro de algumas horas, se não quiser estar metido em grandes apuros.
 A bala tem de ser extraída.
 Ari olhou para Mussa. Kitty voltou-se, olhou para o árabe e depois rapidamente para Ari.
 Há feridos escondidos por toda a Galileia disse Mussa. Todos os médicos judeus da Palestina estão vigiados. Se eu tentar trazer aqui um para o ver, será certamente seguido.

EXODUS 593

Ela tornou a olhar de um para o outro, levantou-se e acendeu um cigarro.

Então é melhor render-se e tratar já disso.

Ari fez sinal a Mussa para sair do quarto.

Kitty! chamou.

Ela aproximou-se da cama. Ari estendeu o braço e pegou-lhe na mão.

Eles enforcam-me. Você é que decide.

Kitty sentiu a garganta secar-se-lhe. Afastou-se, apoiou-se à parede e tentou pensar. Ari estava agora calmo e tinha os olhos fixos nela.

Não posso. Não sou médica.

Tem de fazê-lo.

Não tenho material!...

Tem de fazê-lo.

Não posso... não posso. Não compreende que será tão doloroso... que pode pô-lo em estado de choque.

Ari... tenho medo.

Deixou-se cair sobre uma cadeira. Lembrou-se de que fora Ari quem dirigira o ataque e sabia que ele tinha razão quanto ao destino que os Ingleses lhe dariam se o encontrassem.

Pensou em Dov e no que Karen sentira. Sabia que era ela a sua única esperança; nada fazer seria o mesmo que cortejar a morte. Mordeu os punhos fechados e levantou-se rapidamente. Havia uma garrafa de brande na cómoda. Levou-lha.

Comece a beber isto. Quando esta garrafa estiver vazia, dar-lhe-ei outra. Embriague-se... embriague-se o mais possível, porque vou fazer-lhe doer muito.

Obrigado, Kitty...

Ela abriu a porta rapidamente.

Mussa!

Às suas ordens.

Onde podemos arranjar alguns medicamentos e material?

No *kibbutz* de Yagur.

Quanto tempo é preciso para que um homem vá lá e volte?

Chegar lá é fácil. Para voltar... não pode utilizar as estradas, e portanto não pode ir de carro. Percorrer

E. 38

594 LEON URIS

estas montanhas a pé leva muitas horas... Talvez não possa cá estar antes de ser noite alta.

Ouçã, vou fazer uma lista com as coisas que quero.

Mande um homem a esse *kibbutz* logo que possa.

Kitty reflectiu. O mensageiro podia voltar esta noite ou nunca mais voltar. O dispensário *kibbutz* podia ter ou não anestésicos, mas ela não podia correr o risco de esperar. Escreveu um apontamento pedindo 2 litros de plasma, frascos de penicilina, morfina, ligaduras e pensos, um termómetro e alguns utensílios. Mussa enviou um dos guardas a Yagur.

Karen, vou precisar do teu auxílio, mas vai ser uma coisa muito violenta.

Sou capaz de fazer tudo.

És uma rapariga às direitas. Mussa, tem alguns medicamentos?

Alguns, não muitos.

Óptimo. Servirão, juntamente com o que temos naquela mochila de primeiros socorros. Tem uma lanterna e... talvez algumas lâminas novas ou uma pequena faca muito afiada?

Sim, isso arranja-se.

Bom. Quero que as lâminas e a faca fervam durante meia hora.

Mussa voltou-se e transmitiu a ordem.

Agora ponha alguns cobertores no chão. A cama tem molas. Ele terá de ser firmemente agarrado. Quando o trouxermos para o chão, tu, Karen, tiras esses lençóis e mudas a roupa. Mussa, vá buscar lençóis lavados.

Mais alguma coisa? perguntou Mussa.

Sim, precisaremos de seis ou oito homens para pegarem nele e para o segurarem.

Estava tudo a postos. Puseram os cobertores no chão.

Ari bebia sem cessar. Quatro drusos levaram-no com o maior cuidado para o chão. Karen tirou rapidamente os lençóis ensanguentados e fez a cama de lavado. Trouxeram as lâminas e a faca. Kitty desinfectou as mãos, lavou a região da ferida e pintou-a com tintura de iodo. Esperou até o brande fazer Ari murmurar frases incoerentes; então

EXODUS 595

colocou-lhe uma almofada debaixo da cabeça e um lenço na boca, para ele morder.

Bem disse ela , estou pronta. Segurem-no, vamos começar.

Um homem pegava na cabeça de Ari, dois outros em cada um dos braços, dois na perna sã e um na doente: Os Oito drusos mantinham Ari firmemente preso ao chão. Karen segurava na lanterna e no brande e tinha à mão o escasso material. Kitty ajoelhou junto da ferida e Karen voltou para lá a lanterna.

Kitty pegou numa lâmina e fez sinal aos homens para que se preparassem. Comprimiu a lâmina de encontro à coxa e delineou o golpe. Com um movimento rápido e firme rasgou-lhe profundamente a carne e abriu nela um corte de 2 polegadas sobre o orifício da bala. Ari tremia violentamente. O nariz pingava-lhe e dos seus olhos caíam lágrimas de dor. Os homens tiveram de aumentar o esforço para o segurar.

Karen viu Kitty empalidecer e começar a revirar os olhos. Agarrou-a pelo cabelo, levantou-lhe a cara e deitou-lhe brande pela garganta abaixo. Kitty quase vomitou, mas dominou-se e tornou a beber. Ari revirava os olhos. Depois caiu numa feliz inconsciência.

Karen voltou novamente a luz para a incisão. Com uma das mãos, Kitty afastou a pele. Com o outro polegar e dedo médio penetrou na carne e procurou a bala. A unha roçou-lhe pelo objecto duro. Com um esforço final agarrou-o e arrancou-o--da perna.

Sentou-se no chão, levantou a bala, olhou para ela e começou a rir. Todos os drusos se riram também. O riso de Kitty era meio histérico.

-Mussa disse Karen, ponham-no depressa na cama. Não deixem nada tocar nessa ferida.

Karen ajudou Kitty a levantar-se e sentou-a numa cadeira.

Tirou-lhe a bala das mãos e limpou-lhas. A rapariga dirigiu-se a Ari, deitou sulfamidas em pó na ferida Pôs um penso leve. Depois deu-lhe de beber. Kitty continuava amarfanhada e a soluçar

Karen ordenou a todos que saíssem, deu de beber a Kitty e saiu também.

596 LEON URIS

Kitty bebeu o brande, dirigiu-se a Ari e tomou-lhe o pulso. Abriu-lhe os olhos e examinou-lhe a cor. Sim... ele ia sobreviver...

Deitou a cabeça no peito dele.

Ari!... Ari!... Ari!... Ari!... murmurou entre soluços.

CAPITULO XVIII

Ari continuou com dores lancinantes. Os medicamentos não chegavam. Kitty não podia abandoná-lo um só segundo. Várias vezes teve de chamar Mussa para que os homens o impedissem de se mover, o que poria em perigo a ferida aberta.

No alto do monte, no centro da aldeia, continuavam as danças, os cantos e a alegria. A noiva, que estivera escondida durante todo o dia, foi tirada da sua reclusão. O noivo, de fraque e chapéu alto, foi a cavalo ao encontro dela, por uma álea salpicada de flores onde drusos armados de carabinas formavam uma guarda de honra.

Após a cerimónia, muitos dos visitantes judeus, juntamente com as crianças de Gan Dafna, acenderam uma fogueira, continuaram a cantar e dançaram uma *hora*.

Dançaram também antigas danças hebraicas ao som do tambor e da flauta. Por sua vez, os Drusos actuaram na pista central.

Karen ficou na sala de entrada. Durante a longa noite, várias vezes entrou no quarto para render Kitty por algum tempo. De manhã estavam ambas exaustas por não terem dormido e pela prolongada tensão. Kitty estava sentada na beira da cama e estremecia de cada vez que Ari gemia ou se movia.

Pela manhã, os medicamentos não tinham ainda chegado.

Será melhor levar as crianças para Gan Dafna, disse Kitty a Mussa. Há mais alguém que fale inglês?

Sim, vou dizer-lhe para ficar aqui.

EXODUS 597

Bem. Pode armar outra cama, sofá ou qualquer coisa onde eu possa descansar? Terei de *me* demorar algum tempo.

” Arranja-se.

Kitty foi ao quarto contíguo, onde Karen dormitava sobre um banco. Passou docemente a mão pela face da rapariga. Karen endireitou-se e esfregou os olhos.

Ele está bem?

Não. Está cheio de dores. Quero que voltes esta manhã para Yad El com as crianças.

Mas, Kitty...

Não discutas. Diz ao Dr. Liebermann que tenho de ficar aqui até as coisas melhorarem.

Devíamos sair da Palestina depois de amanhã.

Kitty abanou a cabeça.

Cancela a viagem. Podemos marcá-la para mais tarde. Tenho de ficar até eles arranjam outra pessoa que o trate convenientemente. Não sei quanto tempo demorará.

Karen abraçou Kitty e voltou-se para partir.

Karen, vai a Safed, fazes favor, e diz a Bruce Sutherland onde estou e que desejaria que fosse ter comigo a Haifa. Ele que fique no hotel principal. Hei-de encontrá-lo.

Pede-lhe que me leve alguma roupa.

Ao meio-dia, os convidados começaram a abandonar Daliyat ei Karmil. Os Drusos partiram para as suas aldeias nos cumes das montanhas e os Judeus regressaram ao *Kibbutz* de Yagur e a Haifa. Mussa voltou com o camião cheio de crianças para Gan Dafna.

Depois de todos terem partido, os Drusos abandonaram a vigilância em volta de Ari. O druso que falava inglês ficou na sala contígua.

Kitty Fremont estava sozinha com Ari neste estranho lugar. Agora, que a calma tinha voltado, o choque dos acontecimentos dos últimos dias fez-se sentir. Estava de Pé junto à cama dele e olhava-o.

«Deus Todo-Poderoso», murmurou. «Que fiz eu?» Os meses em que lutara contra Ari, a resistência que cuidadosamente armazenara em si própria tudo se tinha des-

598 LEON URIS

moronado naquele segundo de loucura que a fizera correr . para ele. Receou esta fascinação que Ari exercia sobre ela. Era já noite fechada quando chegou o mensageiro com medicamentos do *kibbutz* de Yagur. Atravessara as montanhas e estivera escondido longos períodos de tempo, pois as patrulhas britânicas andavam por toda a parte, procurando os feridos do ataque à prisão de Acre.

Kitty ministrou rapidamente 1 litro de plasma a Ari e encheu-o de penicilina, como preventivo contra a infecção que ela receava inevitável, dadas as condições da operação. Pôs-lhe novo penso e deu-lhe uma injeção de morfina para lhe aliviar as dores excruciantes.

Durante os dois dias e noites que se seguiram, Kitty manteve Ari sob a acção da morfina. Observava as suas melhoras de minuto a minuto. A incisão começava a fechar.

Ari só estava acordado durante breves momentos, altura em que se alimentava um pouco, mas nesses instantes estava demasiado entorpecido para compreender o que se passava à sua volta. Os aldeões drusos estavam maravilhados com a eficiência e o vigor de Kitty e as mulheres sentiam-se particularmente satisfeitas com a forma como ela dava ordens aos homens.

Quando Kitty viu que Ari estava livre de perigo e que só o tempo podia fazer o resto, ficou hesitante e perturbada: a questão da sua partida de Gan Dafna voltava a pôr-se.

Tornou a ponderar sobre o direito que teria de deixar as crianças que necessitavam dela. Onde acabava o dever profissional e onde começava o humanitarismo? E Karen? Iria Karen para a América apenas pelo receio de a perder? Dos pensamentos que pesavam sobre ela, o pior era um ao qual já não conseguia escapar. Outrora fora atraída contra sua vontade para este estranho grupo de pessoas; em Chipre resolvera não trabalhar para eles, e nessa altura viu Karen. Agora, a situação parecia repetir-se: nas vésperas da sua partida era atraída por Ari. Seria coincidência ou estaria o seu destino a ser traçado por um poder mais alto? O seu bom senso estrutural repelia esta fantástica ideia, mas nem por isso ela deixava de a obcecar. Receava o poder da Palestina.

EXODUS 599

Com os tratamentos de Kitty, Ari melhorava rapidamente.

Tinha uma excelente constituição, reflectia Kitty.

A dor que ele suportara podia ter morto um ser humano

vulgar No fim do quarto dia tinha reduzido consideravelmente

a dose de morfina e suspenso o uso da penicilina,

certa de que a ferida estava a sarar e não infectaria.

Na quinta manhã, Ari acordou esfomeado, ansioso por

barbear-se e lavar-se, e com óptima disposição. À medida

que Ari recuperava a vitalidade, Kitty voltava à sua concha.

Adoptou uma atitude fria, impessoal, estritamente

profissional. Dava ordens como um militar, fazendo as prescrições

para a semana seguinte como se ele fosse um perfeito

estranho.

Espero que no fim desta semana já não precise de

medicamentos. Quero que comece a exercitar a perna e

que faça com ela o maior número possível de movimentos.

Mas tem de ter muito cuidado em não fazer força sobre a

ferida. Não foi cosida.

Quanto tempo levará até eu poder andar?

Não posso dizer sem raio X. Mas creio que o osso

apenas estalou e *não* sofreu fractura. Se assim não fosse,

sentiria ainda muitas dores. Contudo, posso dizer com

segurança que durante um mês, pelo menos, não poderá

andar.

Ari assobiou baixinho enquanto ela lhe puxava o lençol

para cima.

Vou dar um passeio disse Kitty. Voltarei daqui

a meia hora.

Kitty. Só um momento. Eu... Ah... ouça, você tem

sido muito boa. Tem velado por mim como um anjo.

Desde esta manhã parece-me zangada. Há alguma novidade?

Fiz alguma coisa?

Estou fatigada, exausta. Há cinco noites que não

me deito. Lamento não poder cantar nem dançar para si.

Não é isso. Há mais qualquer coisa. Está arrependida

de ter vindo, não é verdade?

Estou disse baixinho.

Odeia-me?

Odiá-lo, Ari? Ainda não mostrei bem o que sinto

Por si? Por favor, estou cansada...

600 LEON URIS

Que há? Diz-me?

Tenho raiva a mim mesma por me importar consigo...

Quer saber mais alguma coisa?

Você consegue ser uma mulher tão complicada,
Kitty Fremont...

Suponho que sim.

Porque é que você e eu temos de nos enfrentar
sempre com reservas, prontos a atacar... prontos a fugir
um do outro?

Durante um momento, Kitty olhou para ele com firmeza.

Talvez por eu não viver segundo os seus padrões
simples e práticos de eu-gosto-de-ti-tu-gostas-de-mim-vamos-dormir-juntos.

A página 444 do *Manual* do Palmach

diz: «Os rapazes e as raparigas não devem ser tímidos.

Mulheres da Palestina, sejam sinceras; se gostam de um
homem, durmam com ele.»

Nós não somos hipócritas.

Não tenho ideias tão avançadas como a Jordana ou
a sua imortal Dafna.

Acabe com isso ripostou Ari. Como ousa insinuar
que a minha irmã e a Dafna eram... mulheres de
má vida? A Jordana amou apenas um homem na sua
vida. É crime dar amor quando não se sabe se ambos ainda
estarão vivos no fim da semana? Pensa que eu não teria
preferido viver em paz em Yad El com a minha Dafna a
que ela fosse morta por um bando de árabes?

A minha vida não tem nenhuma missão nobre.
Comigo é muito simples, Ari. É preciso que o homem que
amo necessite de mim.

Que disparate! disse Ari. Não lhe fiz compreender
que necessitava de si?

Kitty teve um riso amargo.

Sim, Ari, você precisou de mim. Precisou de mim
em Chipre para fazer sair de Caraolos documentos falsos
e precisou de mim outra vez... para lhe extrair uma bala.
É notável esse seu cérebro. Mesmo meio morto e a rebolar-se
com dores pôde prever todas as hipóteses. Conseguiu
fazer planos... encher o camião de crianças para evitar
suspeitas. Não precisava de mim, Ari, precisava de

EXODUS 601

uma pessoa que se prontificasse a passar as estradas bloqueadas pelos Ingleses. Não o censuro continuou. Eu é que fui tola. Todos temos a nossa cruz, e creio que você é a rainha. Não encaro as coisas com a indiferença de uma *sabra*.

. E isso significa que me trate como um animal?

Sim... porque é isso o que você é. É um animal mecânico, demasiado preocupado com o regresso dos Israelitas para ser humano. Não sabe o que significa dar amor. Só sabe lutar. Pois bem, eu estou a lutar *consigo*, *irmão* Ben Canaan, e vou derrotá-lo e esquecê-lo. Ari ficou calado enquanto ela se dirigia para a cama e ficava de pé, diante dele, com os olhos cheios de lágrimas de raiva.

Um belo dia você precisará verdadeiramente de alguém e será terrível, porque não é capaz de pedir auxílio.

Porque é que não vai dar esse passeio? perguntou Ari.

Vou e vai ser por muito tempo. A boa enfermeira Fremont acabou. Daqui a dias virá alguém do Palmach para cuidar de si. Vai ver.

Voltou-se e abriu a porta.

Kitty, essa grande visão que você tem do homem... que é que você quer?

Quero um homem que saiba o que é chorar. Tenho pena de si, Ari Ben Canaan.

Nessa mesma manhã, Kitty partiu de Daliyat ei Karmil.

CAPÍTULO XIX

Bruce Sutherland esperava por Kitty havia já dois dias no Hotel Sião, de Haifa. A Kitty pareceu-lhe que nunca tinha tido tanto prazer em ver alguém. Depois do jantar, Sutherland levou-a de carro a Har Hacarmel, o sector judaico da cidade, que se estendia pelas encostas do monte Carmelo.

602 LEON URIS

Foram a um clube nocturno com vista para a Estrada de Panorama. Por baixo ficavam a cidade, o porto e a baía que se via até Acre; ao longe, os montes do Líbano.

Como está a pequena?

Muito melhor, obrigada, Bruce. Agradeço-lhe muito ter vindo. Olhou para a paisagem. Estive em Har Hacarmel na primeira noite que passei na Palestina. Foi o Ari que me trouxe. Falámos de qualquer coisa como viver sob tensão.

Os judeus daqui aprenderam a viver com a espingarda tal como vocês, Americanos, vivem com o *basebol*.

Tornam-se duros.

Este lugar enfeitiçou-me de tal forma que já não consigo pensar como deve ser. Quanto mais tempo raciocinar

mais sou apanhada pelo sentimento e por forças inexplicáveis. Tenho de sair daqui antes que isto me engula.

Kitty, já sabemos que o Dov Landau escapou. Está escondido em Mishmar. Ainda não” disse à Karen.

Acho que temos de lhe dizer, Bruce. Que vai passar-se aqui?

Ninguém sabe.

Pensa que as Nações Unidas cederão perante os Árabes?

Vai haver guerra.

Estava uma orquestra no palco. Apareceu alguém que contou anedotas em hebreu e apresentou um jovem *sabra*, alto e belo. Usava a tradicional camisa branca aberta no pescoço, tinha um bigode negro e ao pescoço um pequeno fio com a estrela de David. Pegou na guitarra e cantou uma canção de apaixonado patriotismo sobre o regresso dos Judeus à Terra Prometida.

Tenho de saber o que se vai passar em Gan Dafna.

Os Árabes podem recrutar um exército de cinquenta mil soldados naturais da Palestina e talvez uns vinte mil voluntários do outro lado da fronteira. Houve um homem chamado Kawukji que chefiou voluntários nos tumultos de 1936-1939. Está outra vez a tratar de juntar outro bando de assassinos. É mais fácil passar armas aos Ara-

EXODUS 603

bes do que aos Judeus... Têm território amigo a toda a volta.

E o resto, Bruce? perguntou Kitty.

O resto? O Egito e o Iraque têm ambos exércitos de cerca de cinquenta mil homens e ao exército egípcio juntar-se-ão algumas tropas da Arábia Saudita. A Síria e o Líbano enviarão outros vinte mil homens. A Transjordânia tem a Legião Árabe... soldados de 1.^a classe, com as armas mais modernas. Segundo as informações mais recentes, os Árabes não têm exércitos de primeira qualidade; contudo, dispõem de muitas unidades modernas com artilharia, armamento e aviões.

Você aconselhou o Haganah, Bruce. Que lhes disse?

Disse-lhes que formassem uma linha defensiva entre Telavive e Haifa e que tentassem não perder essa faixa de terreno. Kitty, as perspectivas não são boas. Os Judeus têm quatro ou cinco mil jovens do Palmach e um exército de cinquenta mil homens no Haganah, mas dispõem apenas de dez mil espingardas. Os Macabeus podem apresentar um milhar de soldados, não mais, com armas ligeiras. Os Judeus não têm artilharia, a sua força aérea consta de três *Piper Cubs* e a sua marinha é constituída por esses navios de imigração clandestina ancorados em Haifa. Estão sob todos os aspectos em posição de desvantagem: em número de soldados, a proporção é de quarenta para um; em população de cem para um; em equipamento, de mil para um; em área, de cinco mil para um. O Haganah tem recusado o meu conselho e o de todos os militares que lhes disseram que se concentrassem numa forte linha de defesa. Vão combater em todos os *moshavim*, todos os *kibbutzim*, todas as aldeias, incluindo, portanto, Gan Dafna. Quer que continue?

A voz de Kitty tremia.

Não... já ouvi o suficiente. Não é estranho, Bruce?

Numa noite em que estive no monte Tabor com esses jovens do Palmach tive a impressão de que eram invencíveis... eram os soldados de Deus. O clarão da fogueira e o luar fazem-me ter cada ideia...

O mesmo acontece comigo, Kitty. Tudo o que aprendi na minha vida profissional me diz que os Judeus

604 LEON URIS

não podem ganhar. Mas quando se atenta no que eles fizeram nesta terra não se é realista se não se acreditar em milagres.

Oh, Bruce .. se eu pudesse ter a certeza!

Que exército os Judeus têm! Rapazes e raparigas sem espingardas, sem patente nem uniforme e sem soldo. O comandante do Palmach tem 30 anos de idade e os seus três comandantes de brigada têm todos menos de 25. Mas há coisas com que nenhum militar conta e que os Árabes têm de ter em atenção. É que os Judeus estão dispostos a perder todos os homens, mulheres e crianças para conservarem o que têm. E os Árabes, quanto sangue estão eles dispostos a dar?

Podem ganhar? Acredita realmente nisso?

Chame-lhe intervenção divina, se quiser, ou talvez. . digamos que os Judeus têm muitos Ari Ben Canaans.

No dia seguinte, Kitty regressou a Gan Dafna. Ficou surpreendida por encontrar Jordana Ben Canaan à sua espera no gabinete A *sabra* de cabelo vermelho estava pouco à vontade.

Que quer. Jordana? perguntou Kitty friamente
Vou ter muito que fazer. >

Soubemos o que fez pelo Ari murmurou Jordana, embaraçada , e quero dizer-lhe como lhe estou grata. /

Parece que os vossos serviços de espionagem estão ' outra vez a funcionar. Lamento ter tido de adiar a minha partida.

Jordana pestanejou, mas não respondeu.

Não teve nada de pessoal concluiu Kitty; teria feito o mesmo por um cão ferido.

Kitty, fez novos planos de partida. Nessa altura, o Dr. Liebermann convenceu-a a ficar mais umas semanas. Tinha chegado pessoal novo, que precisava de ser treinado , para tratar de mais cem crianças trazidas pela Aliyah ; Bet. Arranjaram alojamentos o mais depressa possível. Muitas das novas crianças estavam em más condições físicas, pois tinham permanecido em campos de refugiados durante mais de dois anos.

EXODUS 605

Mais uma vez Kitty elaborou os seus planos de viagem. Faltavam apenas dois dias para ela e Karen partirem de Gan Dafna e da Palestina.

Em fins de Agosto de 1947, a CENUP anunciou em Genebra os seus planos para as populações da Palestina. Cada plano exigia a separação das comunidades em árabe e judaica, devendo Jerusalém passar a território internacional.

Do ponto de vista moral, a decisão não deixava dúvidas, pois a CENUP preconizava a imediata imigração de seis mil judeus por mês dos campos de refugiados da Europa e a venda de terras aos Judeus.

Os Judeus tinham pedido que o deserto de Negueve passasse a fazer parte do seu Estado. Os Árabes tinham milhões de quilómetros quadrados de terra inculta. Os Hebreus solicitaram esta pequena faixa de alguns milhares de quilómetros quadrados, na esperança de a poderem cultivar.

A CENUP anuiu.

Cansada de meio século de sofrimento e traições, a Central Yishuv e os sionistas de todo o mundo declararam aceitar o acordo. Depois de feita a partilha, a faixa judaica, mesmo incluindo o deserto de Negueve, era um aborto de um Estado. Na verdade, constituíam-no três faixas de terreno ligadas por estreitos corredores, parecendo uma fila de salsichas. Os Árabes tinham três faixas de território, de maior área, ligadas também por corredores. Os Judeus perdiam a sua cidade eterna, Jerusalém. Conservavam o Sharon e as regiões da Galileia roubadas aos pântanos. O deserto de Negueve era terra árida. Para que lutar para a melhorar? Não prestava para nada, mas aceitaram-na. Os Judeus responderam à CENUP.

Os Árabes também. A partilha significaria a guerra, diziam.

A despeito das ameaças dos Árabes, a CENUP resolveu apresentar o plano de partilha à Assembleia Geral das Nações Unidas reunida em Nova Iorque em meados de Setembro.

Até o mais pequeno pormenor fora atendido. Kitty e Karen partiam no dia seguinte. Ao alvorecer, Bruce Su-

therland levá-las-ia ao aeroporto de Lida e à noite chegariam a Roma. As malas pesadas já tinham sido expedidas por via marítima. A casa estava pronta para ser abandonada. Kitty estava sentada à secretária, no seu gabinete, arquivando os últimos *dossiers*. Tudo o que lhe faltava fazer era colocá-los no armário, fechar a gaveta e sair para sempre.

Abriu o primeiro *dossier* e leu os seus apontamentos.

MINNA (Apelido desconhecido). Idade, 7 anos.

Minna nasceu no campo de concentração de Auschwitz.

Não se conhecem os pais. Presumimos que seja polaca.

Foi trazida clandestinamente para a Palestina pela Aliyah

Bet no princípio do ano. Quando chegou a Gan Dafna

estava muito fraca e doente e dava mostras de muitas

perturbações... ,

ROBERT DUBUAY. Idade, 16 anos. Nacionalidade

francesa. Robert foi encontrado no campo de concentração

de Bergen-Belsen por tropas britânicas. Robert

tinha então 13 anos de idade e pesava 27 quilos. O rapaz

tinha presenciado a morte da mãe, do pai e de um irmão.

Uma irmã, que mais tarde se suicidou, foi violada por

soldados alemães. Robert mostra-se agressivo...

SAMUEL KASNOWITZ. Idade, 12 anos. Nacionalidade

estónia. Que se saiba, não sobreviveu nenhum parente.

Samuel esteve escondido na cave de uma família

cristã até que foi forçado a fugir para uma floresta, onde

viveu sozinho durante dois anos...

ROBERTO PUCCELLI. Idade, 12 anos. Nacionalidade

italiana. Não sobreviveu nenhum membro da família.

Libertado em Auschwitz. Encontrámo-lo aleijado

para sempre do braço direito, em consequência das pancadas.

..

MÁRCIA KLASKIN. Idade, 13 anos. Nacionalidade

romena. Sem família conhecida. Encontrada em

Dachau...

HANS BELMAN. Idade, 10 anos. Nacionalidade

holandesa. Sem família conhecida. Encontrado em Auschwitz.

Escondido por cristãos...

EXODUS 607

Os arquivos continuavam. «Sem sobreviventes.»
«...esta criança tem um sonho vulgar nas crianças de Auschwitz. Sonha que está a fazer uma mala. Sabemos que isto é um símbolo da morte, porque os prisioneiros faziam as malas na noite anterior à sua transferência para as câmaras de gás de Birkenau.»

«O sonho de estar a cheirar fumo simboliza o cheiro de carne queimada dos crematórios.»

Crianças que urinavam na cama.

Francamente hostis.

Com pesadelos.

Agressivos.

Kitty leu a cópia de uma carta que em tempos escrevera a Harriet Saltzman.

«Minha querida amiga.

Pedi a minha opinião sobre a razão por que obtivemos restabelecimentos tão rápidos e resultados tão positivos com estas crianças que são praticamente psicopatas. Bem, creio que sabe a resposta muito melhor do que eu, pois deu-ma da primeira vez que a vi em Jerusalém. O maravilhoso medicamento chama-se «Eretz Israel». Aqui o ânimo é tão forte que não parece natural. Deseja apenas viver e lutar pelo seu país. Nunca vi uma energia ou força moral entre adultos, muito menos em crianças...»

Kitty Fremont fechou os arquivos.

Levantou-se e relanceou o olhar pelo gabinete durante alguns momentos, depois apagou rapidamente a luz e fechou a porta atrás de si. Parou diante do edifício durante um instante. A meio caminho da montanha, na direcção do Forte Ester, viu uma fogueira. As crianças de Gadna, soldados de 10, 12 e 14 anos, deviam estar a cantar e a dançar uma *hora*.

Acendeu a lanterna, voltou-a para o chão e atravessou o relvado. Tinham aberto novas trincheiras. Estavam a

608 LEON URIS

instalar maiores abrigos contra bombardeamentos junto às casas das crianças.

A estátua de Dafna continuava na sua vigília.

Shalom, Giveret Kitty! gritou um grupo de jovens que corriam para o recreio.

Abriu a porta de casa. As malas estavam alinhadas junto à porta e marcadas com etiquetas. O compartimento estava despido dos pequenos retoques pessoais que ela e Karen lhe davam.

Karen. Estás aí, querida?

Sobre a mesa da cozinha havia um bilhete.

Querida Kitty.

O grupo quis fazer uma fogueira de despedida.

Não venho muito tarde. Saudades.

Karen.»

Kitty acendeu um cigarro e passeou pelo quarto, inquieta.

Correu as cortinas para não ver as luzes do vale.

Deu por si a pegar nas cortinas que as crianças lhe tinham feito. Dez delas já tinham saído de Gan Dafna para irem para o Palmach, esse pobre pequeno exército dos Judeus.

Lá dentro estava sufocante. Encaminhou-se para a varanda. O ar estava perfumado com o aroma das rosas.

Kitty desceu o caminho de areia entre as filas de casas todas entremeadas de pequenos relvados, sebes e árvores.

Chegou ao fim do caminho e principiou a voltar para trás, mas foi atraída pela luz da casa do Dr. Liebermann.

«Pobre homem», pensou Kitty. Tanto o filho como a filha tinham deixado a Universidade e estavam na brigada de Negueve do Palmach tão longe! Dirigiu-se para a porta e bateu. A governanta, tão velha e excêntrica como o Dr. Liebermann, acompanhou-a ao seu escritório. O pequeno corcunda estava entretido com a tradução de algumas palavras hebraicas numa peça de cerâmica. No rádio, uma sinfonia de Schumann tornava o ambiente agradável. O Dr. Liebermann ergueu os olhos, viu Kitty e pousou a lupa.

EXODUS 609

Shalom disse Kitty.

Ele sorriu. Ela nunca o cumprimentara em hebreu.

Shalom, Kitty disse. É uma palavra tão bela

Para ser usada por bons amigos que se despedem...

Shalom é uma linda palavra e é também uma maneira

Agradável de os bons amigos se cumprimentarem.

Kitty, . minha querida...

Sim, dr. Liebermann... *Shalom*... Fico em Gan

Dafna. É aqui o meu lugar.

E. - 39

LIVRO QUARTO

DESPERTAR EM GLÓRIA

*Sê misericordioso para comigo, ó
Deus, sê misericordioso para comigo,
pois a minha alma confia em Ti; sim,
à sombra das Tuas asas farei eu o meu
refúgio, até que estas calamidades tenham
passado,*

*Ele enviará do Céu alguma coisa
que me salvará; Ele censura aquele que
domina!... Deus enviará a Sua misericórdia
e a Sua verdade.*

*A minha alma está entre leões: e
eu jazo entre os que estão em fogo,
mesmo entre os filhos dos homens
cujos dentes são lanças e flechas e a
sua língua uma espada afiada.*

*Preparavam uma armadilha para os
meus passos; vergaram a minha alma;
cavaram um abismo diante de mim, no
meio do qual estão caídos, eles próprios*

*..
Desperta, minha glória... Acordarei
ao alvorecer...*

*(Quinquagésimo sétimo salmo
de David)*

CAPITULO I

Outono de 1947

Nações Unidas

Flushing Meadow, Nova Iorque.

A questão judaica, de 6000 anos de idade, foi posta à consciência dos homens.

Chaim Weizmann, dos Sionistas Internacionais, e o idoso estadista Barak Ben Canaan chefiavam uma delegação de doze pessoas à conferência de Flushing Meadow. Esta delegação, amadurecida por anos de frustração e luta, não tinha ilusões.

Para quartel general foi escolhido o apartamento do Dr. Weizmann, no centro de Manhattan. Os delegados foram encarregados de conseguir votos. Weizmann assumiu pessoalmente a incumbência de apelar para os judeus de todo o mundo para que exercessem pressão sobre os seus governos.

Barak Ben Canaan trabalhava sem alarde nos bastidores.

Tinha como missão manter-se a par das constantes variações operadas nas diversas forças, estudar a remediar pontos fracos, redistribuir tarefas de forma a ocorrer a quaisquer mudanças inesperadas e dirigir os debates. Depois de várias manobras parlamentares, a partilha da Palestina foi incluída na agenda.

Os Árabes chegaram a Lake Success certos da vitória. Tinham conseguido a admissão nas Nações Unidas do Estado muçulmano do Afeganistão e do reino feudal e medieval do Iémen, fazendo assim subir para onze o número

614 LEON URIS

de votos do bloco árabe-muçulmano na Assembleia Geral, Estes dois países, que durante a segunda guerra mundial se tinham absterido de declarar guerra à Alemanha, fizeram-no no último momento para terem entrada nas Nações Unidas. A Yishuv, que tanto contribuíra para a causa dos aliados, não tinha voto.

Os Árabes agitaram os onze votos diante dos delegados das nações mais pequenas para os atrair. A troco de um voto contra a divisão da Palestina, ofereciam os seus votos aos que aspiravam a alguns dos frutuócos cargos das Nações Unidas.

Os Árabes também se aproveitaram da guerra fria entre os dois gigantes, os Estados Unidos e a União Soviética, fomentando habilmente a sua posição. Desde o princípio que se tornou evidente que a aprovação da partilha necessitaria do favor destas duas nações. Mas a Rússia e os Estados Unidos nunca tinham estado de acordo em pleito nenhum, e parecia pouco provável que estivessem agora. Para a partilha triunfar era necessária uma maioria de dois terços. A Yishuv tinha de obter vinte e dois votos para apenas compensar os onze do bloco árabe-muçulmano, e a partir daí tinha depois de obter dois votos por cada voto dos Árabes. Estes necessitavam apenas de meia dúzia de votos adicionais para fazerem prevalecer o seu ponto de vista. Com o petróleo pesando na balança a seu favor, seria coisa fácil.

A imprensa mundial não era árabe, de um modo geral, a favor da partilha. Além disso, Jan Smuts, da África do Sul, e o grande liberal Jan Masaryk, da Checoslováquia, eram seus acérrimos defensores. Com os dinamarqueses, os Noruegueses e alguns outros também se podia contar incondicionalmente. Existia bastante simpatia pela ideia da divisão, mas a simpatia só por si não bastava

Nessa altura, os Quatro Grandes, os poderosos, abandonaram a Yishuv.

A França, que favorecera abertamente a imigração clandestina, resolveu, de repente, tornar-se cautelosa. Os árabes das colónias francesas de Marrocos, Argélia e Tunísia andavam agitados, e um voto francês a favor da par-

EXODUS 615

tilha podia ser o mesmo que deitar fogo a um rastilho de pólvora.

A União Soviética tinha outras razões. Durante mais de duas décadas, os Sionistas tinham sido proscritos. Os RUSSOS estavam decididos a eliminar o Judaísmo. Enquanto teoricamente concediam liberdade religiosa, na realidade esta não existia. Não havia imprensa, teatro, escola ou vida judaica. As sinagogas eram limitadas; havia apenas uma em toda Moscovo. A nenhum membro de sinagoga era permitida a filiação no Partido Comunista. Por estes meios, os Russos esperavam eliminar o Judaísmo das novas gerações. O Sionismo e a partilha da Palestina podiam ter como consequência recordar aos judeus russos que eram judeus por isso os Russos se opuseram à divisão. Com a União Soviética estava o poderoso bloco eslavo.

A posição dos Estados Unidos foi o revés mais desanimador que a Yishuv sofreu. O Presidente, a imprensa e o povo eram simpatizantes, mas a política internacional era de molde a colocar os Estados Unidos numa posição equívoca.

Apoiar a partilha significaria abalar os alicerces do mundo ocidental, pois quebrava a solidariedade anglo-americana.

A Grã-Bretanha ainda dominava no Médio Oriente e a política externa americana estava ligada à dos Ingleses. Votar pela partilha seria repudiar publicamente a Grã-Bretanha.

Os Estados Unidos tinham perante si uma ameaça ainda maior. Se fosse votada a divisão, os Árabes ameaçariam com a guerra. Se esta rebentasse, as Nações Unidas, teriam de assegurar a paz, e a União Soviética ou os seus satélites enviariam tropas para o Médio Oriente, como parte de uma força internacional. Era este o grande receio da América e a razão por que decidiu não votar pela partilha.

Das quatro grandes potências, a Grã-Bretanha foi quem vibrou os golpes mais violentos na divisão. Quando os Ingleses entregaram a questão do mandato às Nações Unidas, fizeram-no pensando que esta organização não conseguiria resolver o assunto e pediria, portanto, à Grã-Bretanha que

616 LEON URIS

continuasse na Palestina. Mas a CENUP foi à Palestina procedeu a investigações e tomou uma decisão que constituía uma censura para a forma como os Ingleses a governavam.

Além disso, o mundo ficara a saber que os cem mil soldados britânicos não tinham conseguido vencer os decididos judeus do Haganah, do Palmach, dos Macabeus e da Aliyah Bet o que constituía um golpe terrível para o prestígio britânico.

A Inglaterra queria continuar a ter uma 'posição de domínio no Médio Oriente, e para isso precisava de manter o seu prestígio junto dos Árabes e rejeitar a partilha. A Grã-Bretanha jogou com o receio americano de que as tropas russas ocupassem o Médio Oriente, anunciando que retiraria a sua guarnição em Agosto de 1948. Além disso declarou, não utilizaria as forças que tinha na Palestina para fazer acatar uma decisão das Nações Unidas. Com este xeque-mate aos Estados Unidos, a Grã-Bretanha fez que os países da Comunidade Britânica se abstivessem de votar e exerceu pressão sobre os pequenos países europeus economicamente ligados a ela.

O resto do quadro era igualmente negro para a Yishuv.

A Bélgica, a Holanda e o Luxemburgo vergaram-se à coacção britânica. Outros pequenos países com os quais os *yishuvs* tinham contado começaram a hesitar.

A posição dos países asiáticos era variável: mudavam de opinião e alteravam os seus votos de hora a hora. Parecia, contudo, que os Asiáticos iam apoiar os Árabes, num gesto que traduzia o seu eterno ódio ao imperialismo colonial e provava que partilhavam da opinião árabe de que os Judeus eram representantes do Ocidente numa parte do mundo que lhes não pertencia.

A Grécia tinha uma aversão intensa pelos Árabes, mas no Egipto viviam cento e cinquenta mil cidadãos gregos.

Este país manifestou claramente qual o destino que teria esta minoria se os Gregos votassem a favor da partilha.

A Etiópia pouco estima tinha pelo Egipto, mas estava geográfica e economicamente ligada a ele

Rómulo, das Filipinas, era contra a divisão.

Os Colombianos eram abertamente anti-semitas.

Os países da América Central e do Sul detinham um

EXODUS 617

terço dos cinquenta e sete votos das Nações Unidas. Quase todos estes países estavam completamente fora do conflito e eram neutrais. Os *yishuvs* queriam Jerusalém para capital do seu Estado, considerando que sem ela o Estado judaico seria como um corpo sem alma. Os países da América do Sul e Central eram predominantemente católicos e o Vaticano queria que Jerusalém fosse internacionalizada. Se os *yishuvs* insistissem em ficar em Jerusalém, corriam o risco de perder este bloco de votos, de importância vital. A Yishuv continuava a trabalhar sem perder a esperança de que se verificasse o milagre salvador. Durante os meses de Setembro e Outubro, o Dr. Weizmann e Barak Ben Canaan foram a alma da delegação. Os frequentes revezes não os fizeram desesperar, nem nunca cometeram erros de tática.

A mais poderosa alma da Yishuv era a verdade, a verdade que à imparcial CENUP se deparava na Palestina: que a Palestina era um Estado-polícia oprimido pela tirania; que, embora os Árabes tentassem mascarar a verdade, tinham sido incapazes de progredir cultural, económica e socialmente desde a Idade Média; que as cidades judaicas tinham brotado da areia e os campos judaicos tinham nascido do nada; que os Judeus eram trabalhadores e engenhosos; que o caso judaico de que os campos de refugiados eram um aspecto era uma questão de humanidade. Granados, da Guatemala, Lester Pearson, do Canadá, Evatt, da Austrália, Masaryk, da Checoslováquia, Smuts, da África do Sul, Fabregat, do Uruguai, e um grande número de estadistas de pequenas nações não deixariam que a verdade fosse vencida em Flushing Meadow. Finalmente, em Novembro daquele Outono de 1947, «o milagre de Lake Success» começou a manifestar-se. Em primeiro lugar, os Estados Unidos emitiram uma declaração, cuidadosamente redigida, que defendia o «princípio» da partilha.

A seguir surgiu uma decisão que abalou o mundo. Depois de ter proscrito o Sionismo durante mais de duas décadas, a União Soviética deu uma das suas surpreendentes reviravoltas e anunciou que apoiava a divisão. Estas notícias foram dadas após uma assembleia secreta do bloco

618 LEON URIS

eslavo; Vishinsky recordou em tom arrebatado os rios de sangue judeu derramado e salientou a justiça de uma pátria judaica.

Por detrás desta máscara humanitária, os Russos tinham feito uma manobra política inteligente. Em primeiro lugar, desconfiavam abertamente dos Árabes. Compreendiam que a irritação dos Muçulmanos era um mero expediente e que

podiam perfeitamente votar a favor da partilha e no dia seguinte comprar os Árabes. Entretanto, a tática soviética consistia em estigmatizar a Grã-Bretanha como um país de tiranos, jogando deste modo uma cartada que talvez lhes viesse a conquistar mais tarde uma posição no Médio Oriente. Além disso, a Rússia sabia que se votasse pela partilha os Estados Unidos teriam de fazer outro tanto, sob pena de perderem a sua reputação de amigos da justiça. Isto, por sua vez, significava uma quebra da solidariedade anglo-americana. Finalmente, a União Soviética ganharia um prestígio tremendo com a sua declaração «humanitária». E assim, quando menos o esperava, a Yishuv encontrou subitamente uma estranha amiga. Enquanto as duas grandes potências redigiam cuidadosamente as suas declarações, pelos corredores das Nações Unidas circulavam constantemente novos boatos. O gigantesco jogo de xadrez continuou. Granados e Pearson foram figuras-chaves das conversações e manobras diplomáticas. Depois de muitas diligências, conseguiram reunir os Estados Unidos e a União Soviética numa conferência particular. Desta conferência saiu uma sensacional declaração conjunta de franco apoio à partilha. Os Árabes fizeram então uma tentativa para impedir que a questão da partilha fosse posta à assembleia Geral. Para levar o assunto a esse corpo deliberativo bastava a simples maioria de votos, mas os votos traduziriam a força de cada uma das partes, tendo assim o valor de um teste. Procedeu-se à votação, que foi no sentido de o assunto ser posto à assembleia mas a situação dos *yishuvs* nem por isso era melhor. Vinte e cinco a favor da Yishuv, treze contra dezasseis abstiveram-se, tendo havido duas ausências. Se a mesma orientação se mantivesse na votação final da partilha, a Yishuv não conseguiria a maioria de dois

EXODUS 619

terços de que necessitava. A França, a Bélgica, o Luxemburgo, a Holanda e a Nova Zelândia tinham-se absterido.

O Paraguai e as Filipinas estavam ausentes.

Os Árabes viram que muitos dos votos «garantidos» a favor da partilha tinham abandonado a Yishuv e que os Judeus não tinham o número requerido. Certos de ainda conseguirem mais um ou dois votos, mudaram de tática e insistiram em que o assunto fosse posto à Assembleia Geral.

Quarta-feira, 27 de Novembro de 1947.

Os debates finais foram violentos. A delegação da Yishuv ocupava o sector que lhe estava destinado na Assembleia Geral e os seus componentes apresentavam o aspecto de homens prontos para a força. Os resultados da primeira votação tinham-nos abalado profundamente. À medida que os debates prosseguiam, as suas perspectivas tornavam-se cada vez mais negras.

A Grécia, que se esperava que se abstivesse, em atenção aos Estados Unidos, declarou-se abertamente contra a partilha, receando as represálias dos Egípcios sobre os seus cidadãos.

Esperava-se que as Filipinas seguissem o exemplo dos Estados Unidos, mas mais uma vez mudaram de opinião. O Haiti não recebera instruções.

A Libéria voltara novamente à neutralidade e a Tailândia pusera-se ao lado dos Árabes.

Foi uma «quarta-feira negra» para os Judeus.

À medida que o dia ia correndo os amigos da Yishuv começaram a tentar adiar a votação. O dia seguinte Dia de Acção de Graças dos Americanos era feriado, o que concedia uma preciosa prorrogação de prazo de vinte e quatro horas para reunir os votos necessários. O obstrucionismo continuou, até que a sessão foi finalmente suspensa.

A delegação da Yishuv reuniu imediatamente. Falavam todos ao mesmo tempo.

Calma! gritou Barak. Temos vinte e quatro horas.

Não nos precipitemos.

O Dr. Weizmann entrou, excitado, na sala.

Recebi notícias de Paris dizendo que Léon Blum está a interceder pessoalmente para obter o voto francês. Há um grande entusiasmo em Paris a favor da partilha. Eram notícias animadoras, porque o ex-primeiro ministro judeu era ainda uma voz influente em França.

Não podemos apelar para os Estados Unidos para que consigam a cooperação da Grécia e das Filipinas? O delegado em contacto com os Americanos abanou a cabeça negativamente.

Truman deu ordens taxativas para os Estados Unidos não fazerem pressão sobre delegação alguma. Não arredam pé desta posição.

Que ocasião para escrúpulos!...

O telefone tocou. Weizmann levantou o auscultador.

«Ótimo... ótimo» disse. Pôs a mão sobre o bocal. É o Shmuel. «Está bem... sim... *Shalom*.»

Desligou. Os Etíopes concordaram em abster-se anunciou ele.

Tinha-se pensado que a Etiópia, sob pressão do Egipto, seu vizinho, votasse contra a partilha. A decisão de abstenção era uma grande prova de coragem da parte de Hailé Selassié.

Um jornalista amigo da delegação dos *Yishuv* bateu à porta e entrou.

Pensei que gostariam de saber que houve uma revolução na Tailândia e que o seu delegado já não conta.

Ouviu-se um grito de júbilo, pois era outro voto que os Árabes perdiam.

Barak recapitulou rapidamente a lista das nações sabia-a de cor e calculou as possíveis alterações nos votos.

Que tal, Barak?

Bem, se o Haiti e a Libéria nos apoiarem e pudermos> contar com a França e se não perdermos mais terreno, conseguiremos triunfar à tangente.

Ainda não era altura para se tranquilizarem. Graves e excitados, reviram pela última vez a distribuição de tarefas.

Nesta altura não podiam perder um único voto.

Bateram à porta, e entrou o seu grande defensor. Granados, da Guatemala. Vinha com lágrimas nos olhos.

O Presidente do Chile acaba de enviar instruções

EXODUS 621

pessoais para *que* a sua delegação se abstenha. Os delegados demitiram-se, em sinal de protesto.

Impossível! gritou o Dr. Weizmann. Ele é presidente honorário dos sionistas chilenos.

A dura realidade, o desespero da situação, esmagou-os a todos. Que pressão teria sido exercida sobre o Presidente do Chile? Como seriam puxados os cordéis nas vinte e quatro horas seguintes?

Sexta-feira, 29 de Novembro de 1947.

O presidente da assembleia Geral das Nações Unidas declarou aberta a sessão.

Faremos a chamada das nações para que decidam sobre o problema da partilha da Palestina. Para a proposta ser aprovada é necessária a maioria de dois terços. Os delegados escolherão uma das três formas seguintes: votarão a favor, contra ou abster-se-ão.

Afeganistão...

O Afeganistão vota contra.

Um silêncio solene caiu sobre a grande sala.

A Yishuv perdera o primeiro voto. Barak anotou no seu bloco.

Argentina...

O Governo da Argentina abstém-se.

Temos de reduzir as abstenções segredou Barak, podiam liquidar-nos.

Austrália...

Todos se inclinaram para a frente, quando Evatt se levantou com o primeiro voto de uma nação da Comunidade Britânica.

A Austrália vota a favor da partilha disse Evatt.

Houve um zumbido de surpresa. Weizmann encostou-se ao ouvido de Barak.

Achas que isto representará uma tendência da Comunidade Britânica?

Teremos de contar um de cada vez... é impossível fazer previsões.

Bélgica...

A Bélgica vota pela partilha.

622 LEON URIS

Ouviu-se outro zumbido na grande sala. Uns dias antes na primeira votação, a Bélgica abstivera-se. No último instante, Spaak desafiava a pressão inglesa.

Bolívia...

A Bolívia vota pela partilha.

Brasil...

O Brasil apoia a partilha.

Os países sul-americanos mantinham-se fiéis. Seguia-se um voto de importância fundamental. Se a União Soviética se preparava para uma traição, o mundo sabê-lo-ia de seguida, pois que o próximo votante era um satélite, a Rússia Branca.

Bielo-Rússia...

'A Rússia Branca vota pela partilha.

Em uníssono, os Judeus soltaram um suspiro de alívio.

Já não faltava muito para o bloco eslavo; as perspectivas eram boas.

Canadá...

Lester Pearson levantou-se e disse com firmeza:

O Canadá vota pela partilha.

O segundo país da Comunidade Britânica fora contra a Grã-Bretanha.

Chile...

Levantou-se outro delegado, em vez do chefe da delegação, que se demitira, como protesto contra a ordem de abstenção.

O Chile recebeu ordens para se abster disse lentamente.

China...

A China que procurava tornar-se a potência dominante da Ásia, receava ir contra os Muçulmanos da Índia e do Paquistão.

A China abstém-se. Era um revés para os *yishuvs*. li

Costa Rica...

O delegado costa-riquenho tinha sido abordado pelos Árabes, que tentaram comprar o >seu voto com uma promessa de apoio na obtenção de um importante cargo nas Nações Unidas. Levantou-se e olhou para a delegação egípcia.

EXODUS 623

A Costa Rica vota a favor da partilha.

O homem que não se deixara comprar sentou-se, sorrindo.

Cuba.

Cuba vota contra a partilha.

Isto foi um choque totalmente inesperado para a Yishuv.

Checoslováquia...

A Checoslováquia vota pela partilha disse Jan Masaryk.

A Dinamarca apoia a partilha.

A República Dominicana apoia a partilha.

Egipto.

O Egipto vota contra e não fica vinculado a este ultraje.

O presidente interveio e a ordem restabeleceu-se lentamente após a explosão de cólera do delegado egípcio.

Equador... ,

O Equador vota a favor.

Etiópia...

A Etiópia... abstém-se.

Foi uma bomba! Todos os delegados árabes se voltaram para o etíope com expressões de espanto. O delegado da Síria, irritado, ameaçou-o com o punho.

França...

Tinha chegado a vez da primeira das grandes potências, a relutante França Parodi levantou-se lentamente.

Uma abstenção da França podia ser desastrosa para os *yishuvs*. Teriam triunfado Blum e o povo francês?

A República Francesa vota *pela* partilha disse

Parodi com a voz repassada de contentamento.

Um murmúrio de expectativa percorreu a sala. Era a primeira indicação de que o milagre podia realmente dar-se!

Guatemala...

Falou Granados, o campeão da partilha.

A favor disse

Grécia...

A Grécia vota contra a partilha.

624 LEON URIS

No último instante, os Gregos tinham-se curvado perante a chantagem egípcia.

Haiti...

O Haiti era um voto essencial, mas os delegados não recebiam instruções havia dois dias. ”

O Governo do Haiti acaba de enviar instruções para que esta delegação vote a favor.

Honduras...

A República de Honduras abstém-se.

Islândia...

A Islândia vota pela partilha.

A mais antiga república do mundo contribuía assim para a constituição da mais recente república mundial.

A Índia...

A Índia vota contra a partilha.

Irão...

O Irão vota contra.

Iraque...

O Iraque vota contra e nunca reconhecerá os Judeus!

O dia de hoje provocará morticínios. Votamos contra!

Líbano...

O Líbano vota *contra* a partilha disse Malik.

Como está a votação? perguntou Weizmann a Barak.

Quinze a favor, oito contra e sete abstenções.

Não era muito animador. Até agora faltava um voto aos Judeus para os seus dois terços, e as terríveis abstenções amontoavam-se.

Que te parece, Barak?

Saberemos quando chegar a vez dos três primeiros países sul-americanos.

Estamos quase a meio e a nossa posição não é muito forte comentou Weizmann.

Libéria...

A Libéria vota a favor da partilha.

Luxemburgo...

Era outro pequeno país abrangido na esfera económica britânica.

O Luxemburgo vota pela partilha.

EXODUS 625

Mais uma vez os Ingleses eram directamente censurados.

A Yishuv tinha agora um voto além dos dois terços.

— México...

— O México abstém-se

A delegação judaica em peso estremeceu.

Países Baixos...

Os Países Baixos votam pela partilha.

Nova Zelândia...

A Nova Zelândia vota a favor.

Nicarágua... a favor.

Noruega... a favor.

O Paquistão vota contra.

Começaram a surgir os votos principais.

Se conseguirmos os próximos quatro, penso que estamos

salvos disse Barak com voz trémula.

Panamá...

A República do Panamá apoia a partilha.

Paraguai...

O Paraguai acaba de receber novas instruções para
não se abster... Portanto, o Paraguai vota pela partilha.

Peru...

O Peru apoia a partilha.

Filipinas...

Durante um segundo, o mundo parou, suspenso. Rómulo
fora chamado ao seu país. O substituto levantou-se.

As Filipinas votam *pela* partilha.

Um burburinho alastrou pela sala. Os membros da
delegação judaica entreolharam-se, com a surpresa estampada
nos rostos.

Meu Deus! disse Barak , creio que vencemos.

Polónia...

A Polónia vota a favor da partilha.

A Polónia pagara a sua pequena indemnização pelos
anos de constantes perseguições.

A Tailândia não estava representada.

Arábia Saudita...

Numa voz cheia de ódio, um árabe de albornoz branco
gritou contra a partilha.

Suécia...

A Suécia vota pela partilha.

E. - 40

626 LEON URIS

Ao caminharem para a derrota, os Árabes sentiam-se numa posição difícil.

Síria, *contra*.

A Turquia vota *contra* a partilha.

Barak fez rapidamente e com todo o cuidado o balanço da lista. Os Árabes ainda tinham um sopro de vida. Contavam doze votos e tinham mais um garantido. À última hora ainda podia surgir uma alteração que transformasse tudo.

Ucrânia...

A favor.

União da África do Sul...

A favor.

União das Repúblicas Socialistas Soviéticas...

Vishinsky levantou-se.

A União das Repúblicas Socialistas Soviéticas vota pela partilha.

Reino Unido da Grã-Bretanha.

A sala aguardou em silêncio. O delegado britânico levantou-se e, pálido, olhou em redor. Neste terrível momento estava só. Os países da Comunidade Britânica tinham desertado. A França tinha desertado. Os Estados Unidos da América tinham desertado.

O Governo de Sua Majestade abstém-se disse o inglês com voz trémula.

Estados Unidos da América...

Os Estados Unidos da América votam pela partilha.

Tinham chegado ao fim. Quando a votação terminou, os repórteres empurraram-se, correndo para os telefones, para fornecerem as notícias ao mundo inteiro. O Iémen deu aos Árabes o seu décimo terceiro voto. A Jugoslávia absteve-se, em atenção à importante minoria muçulmana de seu país. O Prof. Fabregat, do Uruguai, e o delegado da Venezuela deram ao projecto de partilha o seu trigésimo segundo e trigésimo terceiro votos.

Telavive estava num pandemónio.

Em última análise, a vitória judaica fora esmagadora

Os Árabes tinham tido treze votos, onze dos quais de » nações árabes ou muçulmanas. O décimo segundo era ””

EXODUS 627

voto que os Gregos tinham sido obrigados a dar. O décimo terceiro, Cuba, partira da única nação sobre a face da Terra que os Árabes conseguiram convencer pelo peso *dos* argumentos.

Os homens que ganharam esta batalha em Flushing Meadow e que viram processar-se o milagre eram realistas.

Os judeus de Telavive festejavam apenas aquele momento Ben Gurion e os chefes da Yishuv sabiam que teria de dar-se um milagre ainda maior para alcançarem a independência do Estado judaico, pois que o grito de «Abaixo a Judeia!» surgia como um trovão nos lábios dos Árabes.

CAPÍTULO II

KUWATLY, Presidente da Síria: *«Viveremos ou morreremos com a Palestina!»*

Jornal *Al Kulta*, do Cairo: *«500000 iraquianos preparam-se para esta guerra santa, 150000 sírios irromperão pelas fronteiras da Palestina e o poderoso exército egípcio atirárá os Judeus ao mar se eles ousarem proclamar a sua soberania.»*

JAMIL MARDAM, primeiro ministro sírio: *«Deixem-se de palavras, irmãos muçulmanos. Ergam-se e eliminem o flagelo sionista.»*

IBN SAUD, rei da Arábia Saudita. *«Há 50 milhões de árabes. Que importa perdermos 10 milhões de pessoas se matarmos todos os judeus? Vale a pena.»*

SELEH HARE PAXÁ, jovem muçulmano: *«Desembainhem as vossas espadas contra os Judeus! Morte a todos! A vitória é nossa!»*

XEQUE HASSAN AL BANNAH, da irmandade muçulmana: *«Os Árabes devem todos levantar-se e aniquilar os judeus! Encheremos o mar com os seus corpos.»*

AKRAM YAUYTAR, representante do mufti. *«50 milhões de árabes estão dispostos a lutar até à última gota de sangue.»*

HAJ AMIN EL HUSSEINI, mufti de Jerusalém: *«Declaro*
628 LEON URIS

esta guerra, uma guerra santa, meus irmãos muçulmanos! Matem os Judeus! Matem-nos a todos.»

AZZAM PAXÁ, secretário-geral da Liga Árabe: *«Esta guerra será de extermínio e de massacres tão importantes que se falará deles como dos massacres mongóis.»*

Outros chefes árabes e a imprensa e a rádio afectas responderam com declarações semelhantes à partilha da Palestina

votada pelas Nações Unidas.

Em 1 de Dezembro de 1947, um dia depois da votação, o Dr. Khalidi, da Comissão Superior Árabe na Palestina, ordenou uma greve geral, durante a qual turbas excitadas se entregaram a violentos tumultos. Incendiaram e saquearam o centro comercial de Jerusalém, sob os olhares impassíveis das tropas britânicas.

Em Alepo, Adem e por todo o mundo árabe, outras turbas, incitadas pelos seus chefes, assaltaram os *ghettos* judaicos com intentos homicidas, de estupro e de roubo. Em vez de constituírem uma força de polícia internacional para preencher a lacuna deixada pelos Ingleses, as Nações Unidas patinhavam na formação de *comités* e em conversações intermináveis. Pareciam acreditar que a partilha se tornaria uma realidade sem que fosse necessária uma só espingarda.

Os Judeus eram mais realistas. Existiam indiscutíveis bases legais para um Estado judaico, mas eles sabiam que se depois de os Ingleses saírem declarassem a sua soberania teriam de enfrentar sozinhos as hordas árabes.

Poderia meio milhão de pessoas mal armadas resistir a uma onda de 50 milhões de árabes, cegos pelo ódio? Teriam de enfrentar não somente os árabes da Palestina, que surgiriam de toda a parte, mas também os exércitos nacionais do bloco árabe.

Chaim Weizmann encarregou-se de promover que os grupos sionistas de todo o mundo lançassem campanhas de angariação de fundos para compra de armas.

Barak Ben Canaan continuou em Lake Success para chefiar a delegação que devia defender os interesses dos *yishuvs* quanto aos pormenores da partilha e procurar obter auxílio armado.

EXODUS 629

A grande incógnita era agora saber se os Judeus declarariam a independência.

Os Árabes não estavam dispostos a esperar até Maio para saberem a resposta. Embora de momento tivessem posto de lado os seus exércitos regulares, estavam a constituir vários «exércitos de libertação» de «voluntários» e passavam enormes quantidades de armas aos árabes da Palestina.

Haj Ami ei Husseini, o agente nazi, reapareceu em cena, fixando o seu quartel-general em Damasco. Aos árabes de todo o Médio Oriente era extorquido dinheiro para os «voluntários» da Palestina. Kawukji, o salteador que servira o mufti nos tumultos de 1936-1939, foi outra vez nomeado «generalíssimo». Fora forçado a fugir do Iraque quando foi descoberta a sua participação no golpe de Estado para entregar o país aos Alemães. Passou o período da guerra na Alemanha, casou lá e, tal como o mufti, escapou de ser julgado como criminoso de guerra pelos Ingleses.

Os agentes de Kawukji percorriam os fétidos antros de Damasco, Beirute e Bagdade recrutando a escória da humanidade gatunos, assassinos, salteadores, contrabandistas de estupefacientes, traficantes de escravos, a que ele pitorescamente chamou as «Forças do Yarmuk», em memória de uma batalha ganha pelos Árabes séculos atrás. Estes «voluntários» de Kawukji foram instruídos por outros «voluntários», oficiais do exército sírio. Pouco depois, as forças de Kawukji principiaram a infiltrar-se pelas fronteiras da Líbia, da Síria e da Jordânia e a entrar nas aldeias árabes da Palestina. Nablus, uma área predominantemente árabe da Samaria, a norte de Jerusalém, adquiriu especial importância.

Entretanto, os Judeus continuavam à míngua de armas.

Os Ingleses ainda bloqueavam a costa da Palestina; proibiam mesmo a entrada de imigrantes dos campos de detenção de Chipre, onde agentes da Aliyah Bet aceleravam a instrução militar.

Os agentes da Yishuv percorriam o mundo, procurando desesperadamente obter armas. Nessa altura soube-se a terrível notícia do que os Estados Unidos boicotavam o

fornecimento de armas ao Médio Oriente. Esta decisão que lembrava a boicotagem do povo espanhol combatendo contra Mussolini e Hitler, actuava na prática a favor dos Árabes, que tinham a possibilidade de obter todas as armas que desejassem.

Ao avaliar as suas forças, a Central Yishuv teve de enfrentar a sua realidade: dispunha apenas do Palmach, com cerca de quatro mil combatentes plenamente armados e instruídos. Os Macabeus tinham somente mil homens e a cooperação com eles era limitada.

Avidan tinha, no entanto, algumas coisas a seu favor: no Haganah havia vários milhares de homens na reserva que tinham sido treinados para combate pelos Ingleses na segunda guerra mundial; a defesa das colónias, organizada durante vinte anos, finalmente, dispunha de um bom sistema de informações. Por outro lado, os Árabes contavam com uma superioridade esmagadora em soldados e armas, aumentada diariamente pela constante infiltração na Palestina dos sanguinários soldados de Kawukji. Os Árabes tinham, pelo menos, um excelente comandante: Abdul Kadar, primo do mufti.

Como se os Judeus se não debatessem já com bastantes dificuldades, havia ainda os Ingleses. Em Whitehall estavam esperançados em que a Yishuv apresentasse um pedido desistindo da ideia da partilha e solicitando aos Ingleses que ficassem. Mas os Judeus não implorariam auxílio nestes termos.

Teoricamente, à medida que se retirassem, os Ingleses deviam entregar os vários fortes Taggart à parte que tivesse maior população em cada área. Mas, conforme abandonavam sector após sector, os comandantes britânicos frequentemente entregavam aos Árabes postos que deviam ter ido para os Judeus.

Antigos soldados nazis e outros «voluntários libertadores» começaram a aparecer nas fileiras das «Forças do Yarmuk». Pela primeira vez desde que fora criado, o Haganah apareceu à luz, quando os Judeus ordenaram a mobilização geral.

Os primeiros tiros não tardaram em ouvir-se. No vale do Huleh os aldeões árabes, juntamente com os voluntá-

~ EXODUS 631

rios, dispararam sobre as colónias comunais de Ein Zeitim Biriya e Ami ad, mas os ataques eram feitos a distância e foram rechaçados.

A luta aumentava de intensidade Havia constantes emboscadas nas estradas, pelo que os transportes judaicos, de importância vital para os *yishuvs*, passaram a correr perigo sempre que se aproximavam de uma aldeia árabe.

Nas cidades, a luta era ainda mais violenta, Jerusalém estava cheia de escombros provenientes de atentados à bomba. Os Árabes disparavam das muralhas sagradas da Cidade Velha, e a urbe estava dividida em zonas de batalha, pelo que a comunicação entre os vários sectores podia apenas fazer-se com risco de morte. Nas ruas entre Telavive e Jafa havia postos de ataque escondidos e barricadas.

Até então, o mais aceso da luta tivera lugar em Haifa.

Como represália aos ataques dos Macabeus, os Árabes provocaram tumultos na refinaria onde trabalhavam judeus e árabes e mataram mais de cinquenta hebreus.

Abdul Kadar organizou os Árabes de uma maneira que não foi possível a Kawukji e Safwat copiar no norte.

Elaborou para a zona de Jerusalém um plano magistral, baseado na constatação de que os árabes da Palestina e os voluntários não estavam nem organizados nem suficientemente treinados para levar a cabo ataques prolongados.

Kadar compreendeu também que os Judeus resistiriam desesperadamente em todas as colónias e fariam correr sangue

muçulmano. Necessitava de vitórias fáceis para encorajar o seu povo. Kadar assentou em duas tácticas. Em primeiro lugar, isolaria as colónias judaicas e matá-las-ia à fome. Em segundo lugar, intensificaria os assaltos aos transportes.

A estratégia de Kadar mostrou-se eficaz. Os Árabes tinham liberdade de movimentos, enquanto os Judeus eram forçados a manter-se em posições reduzidas. Todos os dias eram cercadas novas colónias judaicas.

Abdul Kadar concentrou os seus esforços em Jerusalém.

A estrada de Telavive para Jerusalém atravessava as Perigosas montanhas da Judeia e aqui e além havia aldeias árabes que dominavam vários pontos altos importantes.

632 LEON URIS

Kadar queria cortá-la e matar à fome os cem mil judeus de Nova Jerusalém Seria um golpe importantíssimo para a Yishuv.

Para obstar a esta tentativa, a Yishuv mandou carros blindados escoltar grandes comboios de mercadorias. Estes comboios de veículos eram vulneráveis, e a estrada para Jerusalém encheu-se de carros avariados. Nesta cidade começou a haver falta de mantimentos, as pessoas tinham de deslocar-se em autocarros blindados e as crianças brincavam

apenas nas zonas protegidas pelos postos de ataque. A força dos Árabes aumentava diariamente com novas armas e voluntários, enquanto para os Judeus não se avistavam possibilidades de melhoria na sua situação; por isso, Abdul Kadar resolveu esperar pelo fim do Inverno e liquidar na Primavera uma por uma as colónias geladas e cheias de fome.

Os chefes *yishuvs* pediram aos Ingleses que patrulhassem a estrada Jerusalém-Telavive, com o fundamento de que era desumano matar à fome uma população civil. Os Ingleses recusaram.

A actuação dos Árabes, rápida e bem dirigida, colocava os Judeus na situação crítica inicial. O Haganah deu ordens para transformar todos os *kibbutzim* e *moshavim* em Tobruks em miniatura. Os Judeus tinham pago com sangue a sua terra, e os Árabes só lha levariam à custa de muito sangue também.

A batalha das estradas abriu a primeira fase da guerra. A decisão sobre a declaração da independência ainda não fora tomada.,

Ari Ben Canaan restabelecia-se lentamente da sua ferida. Isto punha problemas a Avidan, que queria que Ari comandasse uma das três brigadas do Palmach. Estas incluíam a Brigada Hanita Principal, que abrangia a Galileia, os Montanhese da Judeia e os Ratos do Deserto, no sul.

Os comandantes do Palmach, chefes de brigada uns, outros de patente inferior, eram jovens de pouco mais de 20 anos, muitas vezes obstinados, que se consideravam a si próprios um corpo de escol. A espinha dorsal do Palmach consistia em rapazes e raparigas dos *kibbutzim*. Ti-

EXODUS 633

nham uma formação comunitária, mesmo militar. Estavam frequentemente em oposição política com a Central Yishuv e por vezes encaravam com ressentimento a autoridade do Haganah

Ari Ben Canaan tinha outra maturidade. Embora jovem, compreendia a necessidade de uma estratégia planificada e de se executarem ordens, em vez de fazer cada um a sua guerra privada. A submissão à autoridade como parte de uma equipa tornava-o desejável como comandante do Palmach, mas o facto é que Ari não estava ainda suficientemente forte para poder suportar esse encargo. Cada brigada estava encarregada de uma vasta área de terreno irregular: o Palmach trabalhava nas piores condições. E a perna de Ari continuava muito fraca.

Em vez de nomear Ari comandante de brigada, Avidan nomeou-o comandante de um dos locais mais importantes da Palestina, o vale Huleh, onde Ari nascera. A região sob o seu comando estendia-se desde o extremo norte do mar da Galileia, incluía Safed e continuava pelo vale, numa ponta de terra do feitio de um dedo, comprimida entre as fronteiras do Líbano e da Síria. Ao sul era limitada pelo rio Yaniut, que a separava de um terceiro território árabe, a Transjordânia.

A área de Ari era um dos principais lugares de passagem dos voluntários de Kawukji. Se rebentasse uma guerra geral e os exércitos árabes regulares invadissem a Palestina, o vale Huleh seria certamente um dos primeiros alvos. Os Árabes tentariam reunir aí as forças dos vários países e se conquistassem o Huleh usá-lo-iam como base da qual partiriam a apossar-se de toda a Galileia. dividindo os Judeus ao meio.

Na área de Ari havia uma dúzia ou mais de antigos *kibbutzim* e alguns *moshavim* e aldeias, incluindo a sua Yad El, onde os duros lavradores pioneiros eram bem capazes de enfrentar os voluntários e os árabes da Palestina.

As colónias do vale estavam suficientemente próximas umas das outras para tornar inconveniente o emprego das tácticas árabes de isolamento e cerco.

Os montes da fronteira libanesa apresentavam outro problema. O Forte Ester era aqui o ponto estratégico

634 LEON URIS

principal. Nos termos do acordo com os Ingleses, devia ser entregue a Ari, pois o Huleh era predominantemente judaico. Com o Forte Ester em poder do Haganah, Ari podia controlar perfeitamente a fronteira.

O quartel-general de Ari era no *kibbutz* de Ein Or

(Fonte de Luz), que seu tio Akiva ajudara a formar. Tinha algumas centenas de soldados do Palmach, da Brigada Principal, e tinha David, Zev Gilboa e Joab Yarkoni como ajudantes. A organização do Haganah em cada uma das colónias sob a sua chefia era forte: pessoas cem por cento dedicadas e bem treinadas.

A escassez de armas era o que o atormentava, tal como atormentava a Yishuv por toda a Palestina. Todos os dias os comandantes das colónias lhe pediam armas. Ele não as tinha, nem tão-pouco Avidan.

Na área de Ari havia dois pontos obviamente fracos: Gan Dafna e Safed. Ari sentia que poderia proteger a aldeia das crianças uma vez que o Forte Ester lhe fosse entregue. Enquanto a estrada de Gan Dafna passando por Abu Yesha estivesse aberta, a aldeia não correria perigo. Safed era um quebra-cabeças -como não havia outro na Palestina. Quando os Judeus decidiram defender as colónias a todo o preço, abriram excepções para algumas consideradas indefensáveis. Safed era uma dessas excepções. A cidade era uma ilha perdida num mar de quarenta mil árabes, distribuídos por aldeias circunvizinhas. Dentro de Safed, a proporção de árabes e judeus era de doze para um, e muitos dos judeus de Safed eram cabalistas que nada sabiam da guerra. Ao todo, o Haganah de Safed tinha duzentos combatentes válidos para enfrentarem mais de dois mil árabes e voluntários.

O mufti tinha decidido que Safed seria um dos seus primeiros objectivos. Para esse efeito tinham já entrado várias centenas de voluntários armados até aos dentes, que apenas aguardavam a partida dos Ingleses.

Do ponto de vista de estratégia interna, os judeus de Safed ainda estavam em pior posição. Os três pontos mais importantes da cidade ficariam em poder dos Árabes: uma esquadra de polícia exactamente sobre o sector judaico, a

EXODUS 635

acrópole, no cimo da cidade, e o forte Taggart, no monte Canaã, seriam todos entregues aos Árabes.

Estes tinham armamento suficiente para lutar durante meses. Os Judeus tinham quarenta espingardas, quarenta e duas *Stens* de fabrico nacional, uma metralhadora, um morteiro, umas centenas de granadas. Não chegava para cem homens.

Era tão evidente que Safed não tinha defesa possível que até os Ingleses pediram a Ari que os deixasse evacuar os Judeus.

Remez, o dono do hotel e comandante do Haganah, passeava para trás e para diante, em frente da secretária de Ari. Sutherland estava calmamente sentado a um canto, fumando um charuto.

Então? perguntou, por fim, Ari.

Remez encostou-se à secretária.

Ari, nós queremos ficar em Safed. Queremos defendê-la até ao último homem. Já decidimos.

Ótimo. Fico contente.

Dêem-nos mais armas.

Ari levantou-se de um salto, irritado. Ouvia vinte vezes ao dia a mesma coisa: «Dêem-nos mais armas »

Sutherland, você reze a Cristo! tu, Remez, reza a Confúcio, e eu rezo a Alá. Talvez chovam espingardas sobre nós como no maná do Céu.

Confia no major Hawks? perguntou Sutherland, referindo-se ao comandante britânico da área.

O Hawks foi sempre nosso amigo respondeu Ari.

Bem disse Sutherland , então talvez seja melhor darem-lhe ouvidos. Ele garante protecção britânica se evacuarem Safed. E também garante que se o não fizerem se seguirá um massacre à retirada das suas tropas.

Ari suspirou.

O Hawks disse quando partia?

Não, ainda não sabe.

Enquanto ele estiver em Safed, estamos relativamente a salvo. Os Árabes não se atreverão a muito com ele cá. Talvez a situação melhore antes da sua partida.

O Hawks pode ser bem intencionado, mas os seus comandantes atam-lhe as mãos disse Sutherland.

636 LEON URIS

Os Árabes já começaram a atacar-nos dos seus esconderijos e a assaltar os nossos transportes disse Remez.

E então? Vocês agora fogem ao primeiro tiro?

Ari. Remez olhou-o de frente. Eu nasci em Safed. Tenho lá vivido toda a minha vida. Ainda hoje recordo os cantos vindos dos bairros árabes que ouvíamos em 1929. Não sabíamos o que significavam até que vimos essas multidões furiosas invadirem o nosso sector. Eram nossos amigos mas eram loucos. Lembro-me desses pobres cabalistas a serem arrastados para as ruas para serem degolados. Eu era ainda rapaz. Depois tornámos a ouvir os cantos dos Árabes em 1936... Dessa vez já sabíamos”o seu significado. Durante três anos fugíamos, cheios de medo, para o velho forte turco, sempre que havia alarido no sector árabe. Desta vez queremos ficar. Não tornamos a fugir, nem mesmo os velhos. Agora as coisas não vão ser fáceis para os Árabes, acredita... mas, Ari, o que nos pedem tem de ter um limite.

Ari arrependeu-se de ter falado a Remez com aspereza.

Sim, a decisão de ficar em Safed exigia muita coragem.

Volta para lá, Remez. Podes contar com o major Hawks para manter a ordem. Entretanto, dar-te-ei prioridade em todo o armamento que obtiver.

Depois de eles partirem, Ari sentou-se e rangeu os dentes. Que podia ele fazer? Talvez pudesse enviar cinquenta soldados do Palmach depois da partida dos Ingleses.

Era pouco melhor do que nada. Que fazer? Havia duzentas

Safeds em toda a Palestina. Cinquenta homens aqui, dez ali. Se Kawukji, Safwat e Kadar soubessem como a situação era desesperada, atacariam de frente em toda a Palestina. A insofismável verdade é que não havia munições suficientes para dominar ataques prolongados e firmes.

Ari receava que se os Árabes tentassem um desses ataques e compreendessem a que ponto os Judeus estavam mal armados se gerasse o pânico.

David Ben Ami entrou, vindo de uma viagem de inspecção às colónias situadas mais ao norte.

Shalom, Ari disse David. Encontrei o Remez e o Sutherland no caminho. O Remez pareceu-me verde.

EXODUS 637

__E tem razões para isso. Então, alguma novidade com interesse?

_ - Os Árabes começaram a atirar dos seus esconderijos de Kfar Giladi e Metulla. Kfar Stold receia que os aldeãos sírios tentem alguma coisa. Estão todos entrincheirados e construíram defesas em volta das casas das crianças. Eles querem armas.

Armas... Que mais há de novo? Donde vêm os tiros?

De Aata.

A velha Aata disse Ari. Depois da partida dos Ingleses, vai ser o meu primeiro objectivo. Eu era rapaz, tentaram dar cabo de mim quando ia mandar moer cereais. Desde essa altura que têm estado a querer luta Tenho um palpite de que metade dos homens de Kawukji estão a passar por Aata.

Ou Abu Yesha disse David.

Ari ergueu os olhos, irritado, David sabia que era uma questão delicada.

Em Abu Yesha tenho amigos em quem posso confiar, disse Ari.

Então devem ter-te dito que os voluntários estão a infiltrar-se por aí.

Ari não respondeu.

Ari, já me dissestes muitas vezes que a minha fraqueza é permitir que o sentimento me turve o raciocínio. Sei como és amigo dessa gente, mas tens de lá ir e fazer que o *muktar* compreenda.

Ari levantou-se e começou a passear.

Tenho de falar com Taha.

David pegou nos papéis que estavam sobre a secretária de Ari, examinou-os minuciosamente e tornou a pousá-los. Caminhou ao lado de Ari, depois ficou a olhar pela janela, na direcção de Jerusalém. Sentiu-se invadir por uma onda de desânimo

Ari deu-lhe uma palmada no ombro.

Tudo se há-de resolver.

David sacudiu a cabeça lentamente.

A situação em Jerusalém está a tornar-se desesperada disse numa voz triste e monocórdica. Os com-

638 LEON URIS

boios de camiões têm cada vez mais dificuldade em passar
Se isto continua, daqui a umas semanas estarão a morrer
à fome.

Ari sabia como o cerco da sua cidade adorada afectava
David.

Queres ir a Jerusalém, não queres?

Sim disse David, mas não quero prejudicar-te

Se queres ir, é claro que te substituo.

Obrigado, Ari. E conseguirás dispensar-me?

Claro... logo que esta maldita perna deixe de fazer-se
sentir. Mas ouve, David... não vás já.

Ficarei até estares melhor.

Obrigado. A propósito há já quanto tempo não vês
a Jordana?

Há semanas.

Porque é que não vais amanhã a Gan Dafna ver
como estão as coisas? Fica lá alguns dias e vê tudo como
deve ser.

David sorriu.

Tens uma bela maneira de persuadir...

Bateram à porta do gabinete de Kitty.

Entre disse ela.

Jordana Ben Canaan entrou.

Gostaria de falar consigo, se não tem muito que
fazer, Sr.a Fremont.

Diga.

O David Ben Ami chega esta manhã para inspeccionar
as defesas da aldeia. Gostaríamos de ter uma reunião
a seguir.

Não faltarei disse Kitty.

Sr.a Fremont. Quero falar consigo antes da reunião.

Como sabe, eu sou o comandante daqui, e de futuro a

senhora e eu teremos de trabalhar em estreita cooperação

Quero dizer-lhe que tenho toda a confiança em si. Considero
na verdade uma sorte para Gan Dafna tê-la cá.

Kitty olhou para Jordana com curiosidade.

Creio continuou Jordana que para o moral da
aldeia seria bom que puséssemos de parte os nossos sentimentos
pessoais.

EXODUS 639

Acho que *tem razão*.

Bom. Ainda bem que nos compreendemos.

Jordana... qual é ao certo a nossa situação aqui?

De momento não corremos grande perigo. Claro que todos nos sentiremos melhor quando o Forte Ester for entregue ao Haganah

Suponha que acontece algum percalço e os Árabes se apoderam do Forte Ester... ou que fecham a estrada por Abu Yesha...

Então as perspectivas tornam-se muito desagradáveis.

Kitty levantou-se e passeou lentamente pela sala.

Por favor, acredite que não quero intrometer-me em questões militares, mas, vendo as coisas com realismo.

.. a verdade é que podemos ser cercados.

Existe essa possibilidade confirmou Jordana.

Temos aqui muitos bebés. Não podemos discutir planos para os evacuar, bem como a algumas das crianças mais pequenas?

E para onde os mandaremos?

Não sei. Para um *kibbutz* ou um *moshav* mais seguro.

Também não sei, Sr.a Fremont. Um «*kibbutz* mais seguro» é uma expressão com um sentido muito relativo.

A Palestina tem 80 quilómetros de largura. Não há nenhum *kibbutz* que seja seguro. Todas as novas colónias estão a ficar cercadas.

Então talvez 'possamos enviá-los para as cidades.

Jerusalém está quase isolada. A luta em Haifa e entre Telavive e Jafa é a mais violenta da Palestina.

Então... não há nenhum lugar?

Jordana não respondeu. Não valia a pena.

CAPÍTULO III

Véspera de Natal, 1947.

O solo estava enlameado e pegajoso, o ar era penetrante e sobre Gan Dafna pairava a primeira neve do

Inverno Kitty atravessou rapidamente o relvado em direcção à alameda de casas. A respiração saía-lhe em pequenas nuvens.

Shalom, Giveret Kitty gritou o Dr. Liebermann, de longe.

Shalom, doutor.

Subiu os degraus a correr e entrou em casa, onde havia calor e Karen tinha uma chávena de chá bem quente à sua espera

Brrr! Está um frio horrível lá fora disse Kitty.

O quarto tinha um aspecto alegre. Karen decorara-o com pinhas, fitas e imaginação! Tinha mesmo conseguido licença para cortar uma das preciosas arvorezinhas, que enchera de flocos de algodão em rama e recortes de papel.

Kitty sentou-se na cama, tirou os sapatos e calçou umas chinelas forradas de pele. O chá estava óptimo.

Karen ficou à janela a ver a neve cair.

A primeira neve que cai deve ser a coisa mais linda do mundo disse Karen.

Não a acharás tão bonita se a ração de combustíveis for reduzida.

Tenho estado todo o dia a pensar em Copenhaga e nos Hansens. O Natal na Dinamarca é uma coisa maravilhosa.

Já viu o presente que me mandaram?

Kitty caminhou para a rapariga, passou-lhe o braço em volta dos ombros e beijou-a.

O Natal põe as pessoas nostálgicas.

Sente-se muito só, Kitty?

Desde que o Tom e a Sandra morreram, o Natal tem sido uma coisa que eu queria esquecer até agora

Espero que hoje se sinta feliz, Kitty.

Sinto. . de uma maneira diferente. Aprendi que é impossível ser-se cristão sem se ser judeu de espírito.

Karen, toda a vida tenho feito coisas para justificar o que quer que seja que faltava em mim. Pela primeira vez sinto que sou capaz de dar sem reservas e sem esperar recompensa.

Sabe uma coisa? Não posso dizer isto aos outros porque eles não compreenderiam, mas aqui sinto-me muito perto de Jesus disse Karen.

EXODUS 641

Também eu, querida.

Karen olhou para o relógio e suspirou.

Tenho de jantar cedo, pois estou esta noite de sentinela.

Agasalha-te bem. Está muito frio lá fora. Vou trabalhar nuns relatórios e espero por ti.

Karen vestiu roupa grossa e quente Kitty prendeu o cabelo da rapariga e pô-lo no seu lugar, enquanto ela punha o gorro castanho do Palmach, do feitio de uma meia, de forma a cobrir-lhe as orelhas.

De repente ouviram o som de vozes cantando lá fora.

Mas que *é* isto? perguntou Kitty.

É para si disse Karen, sorrindo. Têm estado a ensaiar em segredo há duas semanas.

Kitty foi à janela. Cinquenta das suas crianças estavam lá fora de velas na mão, entoando um cântico de Natal.

Kitty vestiu o casaco e foi com Karen à varanda. Por trás das crianças via as luzes das colónias do vale, 600 metros mais abaixo. Uma a uma abriram-se as portas das casas e apareceram espectadores curiosos. Kitty não compreendia as palavras, mas a música era muito antiga.

Feliz Natal, Kitty disse Karen.

As lágrimas corriam pelo rosto de Kitty.

Nunca pensei que um dia ouviria *A Noite de Paz* cantada em hebreu. É o mais belo presente de Natal que tive até hoje.

A Karen foi atribuído um posto nas trincheiras exteriores à saída das portas de Gan Dafna. Saiu da aldeia e desceu a estrada até um ponto do qual se desfrutava uma vista sobre o vale.

Alto!

Ela parou

Quem está aí?

Karen Clement.

Qual é o santo-e-senha?

Chag sameach.

Karen rendeu a sentinela, saltou para a trincheira, meteu um cartucho na câmara da espingarda, puxou a cavilha e calçou as luvas.

E. - 41

642 LEON URIS

Era bom estar de sentinela, pensou ela. Olhou através do entrelaçado do arame farpado em direcção a Abu Yesha. Era agradável estar aqui sozinha sem ter outra coisa que fazer senão pensar durante quatro horas e olhar para o vale Huleh. Karen ouvia as vozes débeis das crianças pairando sobre o calmo ar de Inverno da casa de Kitty. Era um Natal maravilhoso.

Pouco depois, as vozes calaram-se e tudo em volta ficou em silêncio. A neve adensou-se, formando um tapete

branco sobre a encosta.

Karen ouviu barulho nas árvores atrás de si. Voltou-se calmamente e esforçou-se por ver na escuridão. Sentiu qualquer coisa viva que se movia. Sentiu-se gelar e aguardou.

Não havia dúvida! Estava qualquer coisa entre as árvores! Um sombra... talvez fosse um chacal esfaimado, pensou ela.

Karen puxou o fecho de segurança da espingarda, pôs esta ao ombro e apontou. A sombra aproximou-se mais.

Alto! gritou ela.

A figura estacou.

Qual é o santo-e-senha?

Karen! chamou uma voz.

Dov!

Subiu a trincheira e correu, pela neve, para Dov, que por sua vez, correu ao seu encontro. Caíram nos braços um do outro.

Dov! Dov! Não posso acreditar que sejas tu!

Saltaram juntos para a trincheira e ela esforçou-se por ver o rosto dele na escuridão.

Dov... Não sei o que hei-de dizer...

Cheguei aqui há uma hora disse ele. Esperei fora da tua casa até saíres. Depois segui-te até aqui.

Karen, olhou em volta, assustada.

- Não estás em segurança. Terás de te esconder dos Ingleses!

Agora não faz mal, Karen, não há perigo. Os Ingleses já não podem fazer-me mal.

Os dedos de Karen tremeram ao tocar-lhe, na escuridão.

Dov, estás com frio. Nem sequer tens uma camisola Deves estar gelado.

EXODUS 643

)Não... não... estou muito bem.

A neve caía na trincheira; de repente, a Lua apareceu
e puderam ver-se um ao outro

Tenho estado escondido nas cavernas à entrada de
Mishmar.

Bem sei.

Eu... pensava que estivesse na América.

Não pudemos ir.

Deves estar admirada por me ver aqui. Karen. .
eu... quero voltar para Gan Dafna, mas tirei uns relógios
e anéis quando parti e devem pensar que sou um gatuno.

Oh, não, Dov. Contanto que estejas são e salvo,
é o que importa.

Eu... eu pagarei a todos.

Não tem importância. Ninguém está zangado contigo.

Dov sentou-se na trincheira e baixou a cabeça.

Todo o tempo que estive na prisão de Acre e nas
cavernas pensava para comigo: «Dov, ninguém está zangado
contigo. Só o Dov é que está zangado... zangado
consigo próprio.» Quando te vi em Acre disse... disse que
já não queria morrer, não queria morrer nem queria matar
ninguém.

Oh, Dov.

Karen... A verdade é que eu nunca tive outra namorada.

Eu... disse aquilo só para que te fosses embora.

Eu sei.

Já sabias?

Quis convencer-me disso, Dov, porque queria acreditar
que gostavas de mim.

É isso que é maravilhoso em ti, Karen. Acreditas
nas coisas e fazes-me acreditar nelas também. Queria voltar
para Gan Dafna e fazer que te orgulhasses de mim.

Queria que te orgulhasses de mim, apesar de estar conven-
cido de que já te tinhas ido embora.

Karen baixou os olhos.

Farei tudo por ti murmurou ele.

Ela estendeu a mão e tocou-lhe na cara.

Dov, estás gelado. Vai para minha casa, por favor,
podes contar tudo à Kitty, ela sabe o que se passa com-

644 LEON URIS

nosco. Logo que acabe de fazer sentinela, vamos embora ter com o Dr. Liebermann. Tem cuidado. O santo-e-senha é «Feliz Dia Santo».

Karen. Tenho pensado muito em ti. Nunca farei nada de mal nem nada que te possa ferir.

Eu sei, Dov.

Posso beijar-te?

Podes.

Os seus lábios tocaram-se ao de leve, numa busca receosa.

Amo-te, Karen disse Dov, e afastou-se a correr em direcção às portas de Gan Dafna.

Direito internacional dizia, irado, Barak Ben Canaan ao delegado dos Estados Unidos é aquilo de que os perversos não fazem caso e que os justos se recusam a impor.

As conversações, ainda que bem conduzidas, já pouco importavam. Se os Judeus declarassem a sua independência a 15 de Maio, teriam de enfrentar sozinhos sete exércitos árabes. Os voluntários de Kawukji e os árabes da Palestina, sob o comando de Safwat e Kadar, intensificavam a sua actividade. ,

Chegou o ano de 1948, o ano de decisão.

Nos primeiros meses, os Árabes tornaram-se mais ousados, e quando os Ingleses desmantelaram a sua enorme organização militar e começaram a abandonar as suas posições a luta aumentou de intensidade.

A GALILEIA

Voluntários cercaram o *kibbutz* Manara, situado no alto dos montes, na fronteira do Líbano. Além desta, foram cercadas mais meia dúzia de aldeias isoladas dos Judeus.

Os Árabes lançaram cinco ataques directos contra a Zeitim (Fonte das Oliveiras), mas os judeus repeliram-nos a todos.

Os aldeões sírios entravam em luta. Atravessaram A fronteira da Palestina e atacaram os postos avançados

EXODUS 645

no norte, as colónias do *kibbutz* Dan e Kfar Stold. O major Hawks, comandante britânico, enviou tropas para ajudar a expulsar os Sírios.

. Os árabes de Aata, auxiliados novamente pelos aldeões sírios e pelos voluntários, atacaram as montanhas de Lahavot Habashan (Chamas do Beshan).

Enquanto aguardavam a partida do major Hawks, os Árabes renovavam os ataques a Safed. Na cidade cabalista, o bloqueio aos Judeus começou a fazer-se sentir com a escassez de comida e água. Os transportes de mercadorias apenas chegavam aos postos judaicos quando os Ingleses intervinham em seu auxílio.

HAIFA

O principal porto da Palestina tinha uma importância fundamental para ambos os lados. De momento, a área das docas estava nas mãos dos Ingleses, pois era indispensável à sua retirada.

Em Haifa, os Judeus tinham uma das suas poucas posições elevadas em HARE Hacarmel, que ficava sobre o sector árabe. O comandante britânico, declaradamente pró-árabe, continuava a forçar os Judeus a abandonarem as posições estratégicas que tinham conquistado.

Os Macabeus faziam rolar barris de explosivos pelas encostas do monte Carmelo em direcção ao sector árabe e os Judeus conseguiram armar uma cilada a um grande comboio de armas árabes que vinha do Líbano e matar o seu comandante.

Cessou toda a actividade habitual entre os dois sectores.

Amin Azaddin, oficial da Legião Árabe, veio assumir o comando da crescente força de voluntários.

Os Ingleses impediram o avanço dos Judeus, de forma a permitir aos Árabes reunirem forças suficientes para atacar Har Hacarmel.

O SHARON.

Esta planície central, teatro das grandes batalhas dos Azados, era a região onde existiam mais colónias judaicas. Diante dela ficava a área mais densamente povoada da Samaria, conhecida devido à sua forma por «Triângulo». Este sector continuou relativamente calmo.

646 LEON URIS

cas. Diante dela ficava a área mais densamente povoada da Samaria, conhecida devido à sua forma por «Triângulo». Este sector continuou relativamente calmo. TELAVIVE-JAFA.

Surgiu um campo de batalha entre as cidades contíguas.

Ininterruptamente, sucediam-se os combates na rua e a actividade das patrulhas. Os Macabeus tomaram o seu lugar nas linhas do Haganah. Os ataques de ambos os lados eram constantes. Os Árabes usavam como posto de observação e de ataque um minarete que as tropas inglesas impediam os Judeus de assaltar.

O SUL.

No extenso deserto de Negueve, as colónias judaicas eram poucas e estavam muito distanciadas. Os Árabes tinham duas vastas bases, Beerseba e Gaza, que Sansão tornou famosa. Eles conseguiram cercar as colónias, para as fazer morrer lentamente à fome. Todas as colónias judaicas resistiram, mas nesta região os Árabes eram ousados e a pressão aumentava sem descanso.

Entretanto tinha nascido a força aérea judaica: consistia em dois *Piper Chubers*, que estabeleciam contactos, e noutro que se deslocava a Jerusalém, cercada. Estes *Piper Clubs* executaram as suas primeiras missões de bombardeamento lançando granadas pelas janelas.

JERUSALÉM.

Abdul Kadar apertou as garras sobre o pescoço da Jerusalém judaica. Cortou Bab ei Wad, essa estrada tortuosa e vulnerável que atravessava os montes da Judeia; os Judeus só conseguiam passar a muito custo e com grandes escoltas. Os Ingleses recusavam-se firmemente a manter as estradas abertas.

Na estrada de Jerusalém para Belém, em direcção ao sul, os Judeus tinham quatro colónias perdidas nos montes Hébron, as quais, habitadas por judeus ortodoxos

EXODUS 647

eram conhecidas por «bloco Etzion». A sua situação era tão má e vulnerável como a de Safed. O bloco Etzion estava completamente isolado da Palestina judaica. Como se isto não bastasse, a Legião Árabe da Transjordânia, sob o frágil pretexto de que se tratava de tropas inglesas, bloqueou a estrada de Jerusalém para estas colónias. Em Jerusalém, a escassez de comida e de água tornava-se crítica. Os bombardeamentos, os ataques, a passagem de carros blindados e a guerra aberta estavam na ordem do dia.

A violência atingiu o auge quando uma série de veículos da Cruz Vermelha do Centro Médico da Hadassah, no monte Scopus, foi vítima de uma emboscada dos Árabes e setenta e sete médicos judeus desarmados foram mortos e cortados aos pedaços. Mais uma vez as tropas britânicas recusaram-se a tomar medidas.

Zev Gilboa foi ao gabinete de Ari para se encarregar da tarefa de receber o Forte Ester das mãos dos Ingleses.

Estamos todos prontos para seguir disse Zev.

Bom. Podem ir de carro para o forte. O major Hawks disse que o entregaria às duas horas. Sempre é verdade que tu e Liora vão ter outro filho?

É certo.

--Se só te metes em trabalhos, tenho de deixar de te dar fins de semana.

Ari sorriu.

Zev saiu a correr, saltou para a cabina do camião, destravou e saiu do *kibbutz* de Ein Or. Atrás iam vinte rapazes e raparigas do Palmach para guarnecer o Forte Ester. Zev atravessou a artéria principal e seguiu depois pelas estradas da montanha na direcção da fronteira libanesa e do Forte Ester.

Zev pensava na sua última visita ao seu *kibbutz*, Sde Shimshon (Campo de Sansão). Liora dissera-lhe que estava à espera de outro filho. Que notícia maravilhosa! Quando não estava de serviço. Zev era pastor... Mas isso parecia já ir muito longe. Como seria agradável sair com os filhos e vaguear pela encosta dos montes, vigiando o rebanho...

648 LEON URIS

Mudou o curso dos seus pensamentos; havia muito trabalho a fazer. Quando o Forte Ester fosse entregue tinha de levantar o cerco do *kibbutz* Manara e começar a expedir patrulhas para a fronteira, a fim de reduzir o afluxo de voluntários.

A grande fortaleza de betão dominava todo o vale Huleh. Que alívio ia ser hastear a estrela de David no forte!

O grupo que ia atrás principiou a cantar, enquanto o camião dava as apertadas curvas da estrada da montanha.

Zev viu as horas. Faltavam quinze minutos para a hora marcada. Deu a última curva. O grande edifício quadrado surgiu no horizonte, a algumas milhas de distância.

Lá em baixo, Zev via o grupo de casas brancas de Abu Yesha na selada do monte e por cima o verde planalto de Gan Dafna.

Quando estavam a algumas centenas de metros do Forte Ester, Zev sentiu que algo de estranho se passava. Abandonou e olhou pela janela. Se os Ingleses estavam a retirar, era estranho que não houvesse movimento por ali. Zev ergueu os olhos para a torre de betão. Aos seus olhos deparou-se a bandeira dos voluntários de Kawukji sobre a torre, precisamente no instante em que se ouvia um tiro de canhão vindo do Forte Ester.

Zev travou ruidosamente e encostou o camião à berma da estrada.

Dispersem!

Os ocupantes saltaram de cabeça para baixo, em busca de abrigo. As chamas começaram a devorar o camião.

Zev levou rapidamente os seus soldados para fora do alcance dos tiros, reuniu-os, e começaram a correr pela montanha abaixo, em direcção a Ein Or.

Quando Ari recebeu a notícia de que o Forte Ester fora entregue aos Árabes, correu imediatamente ao forte Taggart no monte Canaã.

Foi direito ao gabinete do comandante britânico da área, o major Hawks, um homem corpulento e moreno. Hawks estava pálido devido à falta de repouso, quando Ben Canaan entrou.

EXODUS 649

Judas! rosnou Ari.

A culpa não foi minha disse Hawks num tom queixoso. Acredite!

Não posso acreditar. Não posso acreditar em si.

Hawks pôs a cabeça entre as mãos.

A noite passada, às dez horas, recebi um telefonema do quartel-general em Jerusalém ordenando-me que retirasse imediatamente os meus homens do Forte Ester.

Podia ter-me avisado!

Não podia murmurou Hawks. Não podia. Ainda sou soldado, Ben Canaan... Não dormi durante toda a noite. Esta manhã, telefonei para Jerusalém e pedi-lhes que me deixassem voltar ao Forte para o retomar.

Ari fitou-o com desprezo.

O que quer que seja que pensa de mim talvez corresponda à verdade.

Ari continuou a fitá-lo.

Está bem, seja como você pensa... não há desculpa.

É a sua vida, Hawks. Creio que não é o primeiro soldado que perde a consciência.

Para quê falar nisto? O que está feito, feito está.

Pode ser que isto o torne um bom soldado, Hawks, mas tenho pena de si. Você é que terá de viver com o cerco de Gan Dafna a pesar-lhe na consciência, se é que ainda a tem.

Hawks empalideceu.

Não vai deixar essas crianças na montanha... tem de as levar!

Devia ter pensado nisso antes. Sem o Forte Ester temos de conservar Gan Dafna ou perder todo o vale Huleh.

Ouçá, Ari... escoltarei as crianças para lugar seguro.

Não há nenhum sítio para onde possam ir.

Ari viu Hawks bater com os punhos na mesa e falar em voz baixa tinha colocado Gan Dafna numa posição suicida. Não valia a pena continuar a censurá-lo. Não havia dúvida de que estava arrependido do que fora forçado a fazer.

No caminho para ali, o cérebro de Ben Canaan engen-

650 LEON URIS

drara um plano, arriscado embora, mas que talvez pudesse salvar Gan Dafna.

Encostou-se à secretária de Hawks.

Vou dar-lhe uma oportunidade para desfazer parte do mal.

Que posso eu fazer agora, Ben Canaan?

Como comandante da área, está perfeitamente no seu direito indo a Gan Dafna e aconselhando-nos a sair.

Sim, mas...

Então faça-o. Vá amanhã a Gan Dafna e leve cinquenta camiões consigo. Coloque carros blindados à frente e atrás. Se alguém lhe perguntar o que vai fazer, diga que tenciona evacuar as crianças.

Não compreendo. Vão sair?

Não. Mas deixe o resto comigo. Vá só com a escolta.

Hawks não insistiu em saber o que Ari tinha em mente. Seguiu as instruções e levou um comboio de cinquenta camiões a Gan Dafna, acompanhados por carros blindados sobre «lagartas». O cortejo, de 800 metros de comprimento, saiu do forte Taggart e atravessou seis aldeias árabes a caminho do Huleh. Subiu a estrada da montanha e passou por Abu Yesha, podendo ser facilmente avistado pelos árabes do Forte Ester. A escolta chegou cerca do meio-dia a Gan Dafna. O major Hawks cumpriu a formalidade de aconselhar o Dr. Liebermann a abandonar o lugar; este, a conselho de Ari, recusou oficialmente. Depois do almoço, a escolta partiu de Gan Dafna e voltou à sua base em Safed.

Entretanto, Ari «confidenciou» a alguns dos seus amigos árabes de Abu Yesha que o major Hawks deixara a aldeia toneladas de armas desde metralhadoras a morteiros.

No fim de contas acrescentou Ari, muito confidencialmente, o Hawks foi sempre, como se sabe, amigo dos Judeus e fez particularmente aquilo que pôde para compensar a ocupação árabe do Forte Ester.

A história espalhou-se. Horas depois corria na região o boato de que Gan Dafna era invencível. As crianças estavam armadas até os dentes. A confirmar o boato

EXODUS 651

estava o facto de não ter havido evacuação das crianças:
os Árabes sabiam que os Judeus as fariam sair se o perigo
fosse grande.

Uma vez assente a «invencibilidade» de Gan Dafna,
a qual deu os resultados pretendidos, Ari fez uma visita
a Abu Yesha.

Foi ver o seu velho amigo Taha, o *muktar* que vivia
na casa de pedra junto ao ribeiro. Seja qual for a tensão
que existia, todo o homem deve ser bem recebido numa
casa Árabe. Era uma tradição com séculos de existência.
Mas, embora Taha cumprisse as regras da hospitalidade,
Ari sentiu nele uma frieza que nunca lhe conhecera.

Os dois homens comeram juntos e falaram de banalidades
Quando Ari achou que já bastava de cerimónias,
falou no objectivo da sua visita.

Chegou a ocasião disse ele de saber quais são
as tuas ideias.

As minhas ideias presentemente têm pouca importância.
Receio ter de falar-te agora como comandante do
Haganah desta área, Taha.

Dei-te a minha palavra de que Abu Yesha se manteria
neutra.

Ari levantou-se da mesa, olhou Taha nos olhos e disse-lhe
palavras desagradáveis para ouvidos árabes:

Deste a tua palavra, mas faltaste.

Taha olhou-o com irritação.

Sabemos que os homens de Kawukji têm estado a
passar por Abu Yesha aos magotes.

E que esperavas que eu fizesse? ripostou Taha.

Que lhes pedisse o favor de deixarem de passar? Não os
convidei.

Eu também não. Escuta, meu amigo... houve tempo
em que tu e eu não falávamos um ao outro desta maneira.

Os tempos mudaram, Ari.

Ari encaminhou-se para a janela e olhou para a mesquita
do outro lado do rio.

Sempre gostei deste lugar. Passámos muitos dias

652 LEON URIS

felizes nesta sala e junto àquele rio. Lembras-te das noites em que tu e eu acampávamos ali fora?

Isso já foi há muito tempo.

Talvez eu tenha muito boa memória. Durante os tumultos costumávamos dizer que era ridículo que as pessoas lutassem. Fizemos votos de sangue de que seríamos irmãos para sempre. Taha... estive a pé toda a noite, pensando no que te ia dizer hoje. Lembrei-me de todas as coisas que tu e eu fizemos juntos.

O sentimentalismo não te fica bem, Ari.

Nem o ter de ameaçar-te. Mohammed Kassi e os homens que estão no Forte Ester são da mesma espécie dos que assassinaram o teu pai enquanto estava ajoelhado a rezar. No momento em que os Ingleses saírem daqui, ele descerá do Forte Ester e fará que bloqueies a estrada para Gan Dafna. Se o deixares, meterá espingardas nas mãos do teu povo e ordenar-te-á que ataques Yad El.

E que esperas tu que eu faça?

E tu, que esperas que eu faça? contrapôs Ari.

Seguiu-se um silêncio duro.

És o *muktar* de Abu Yesha. Podes reunir o teu povo tal como fez o teu pai. Tens de deixar de fazer o jogo dos voluntários.

Caso contrário...?

Caso contrário, serás tratado como inimigo.

E então, Ari?

Farás que Abu Yesha seja destruída.

Nem um nem outro acreditavam inteiramente nas palavras de Ari. Este estava fatigado; aproximou-se do árabe e pousou-lhe a mão no ombro.

Por favor disse Ari, ajuda-me.

Sou árabe disse Taha.

És um ser humano. Sabes o que é justiça e injustiça.

Sou um *porco* de um árabe!

És tu quem assim pensa. '

Vais dizer-me que sou teu irmão?

Sempre o foste disse Ari.

Se sou teu irmão, então dá-me a Jordana. Sim, é isso... dá-ma e deixa-me levá-la para a minha cama. Deixa-a ter filhos meus.

EXODUS 653

Ari estendeu o punho e deu um murro no queixo de Taha. O árabe caiu de joelhos. Deu um salto e instintivamente desembainhou o punhal da faixa que tinha à cintura e avançou para Ari.

Ari ficou hirto, sem esboçar qualquer movimento de defesa. Taha levantou a faca, depois deteve-se, gelado, voltou-se e atirou-a fora. A faca caiu, tilintando no chão de pedra.

Que fiz eu? murmurou Ari. Avançou para Taha com expressão de quem pede que lhe perdoem.

Disseste tudo o que eu precisava de saber. Sai da minha casa, judeu.

CAPITULO IV

Tinha-se operado uma terrível reviravolta em Flushing Meadow. Prevendo a necessidade de uma intervenção armada para apoiar a partilha e receando a posição ”da Rússia como parte de uma força internacional, os Estados Unidos anunciaram a sua intenção de abandonarem a defesa da partilha.

A Yishuv iniciou uma campanha desesperada para alterar a atitude derrotista dos Americanos. Enquanto estas importantes diligências tinham lugar, Barak Ben Canaan recebeu um telegrama urgente dizendo-lhe que partisse imediatamente para França. Devido à urgência dos trabalhos em Flushing Meadow, Barak ficou perplexo com a ordem, mas seguiu imediatamente de avião.

Foram ter com ele dois agentes da Yishuv. Barak fora chamado para tomar parte em negociações altamente secretas sobre uma importante questão de armamentos.

A Yishuv calculara que, com o novo curso dos acontecimentos em Flushing Meadow, as armas eram da mais premente necessidade, e Barak era um dos homens mais competentes para tratar do assunto. Fora o seu amigo Jan Masaryk, da Checoslováquia, quem fornecera informações sobre fontes de armamento existentes em meia dúzia de países europeus.

Após várias semanas de conversações secretas e delicadas, encerraram-se as negociações. O problema consistia agora em fazer entrar as armas na Palestina, ainda sob o bloqueio inglês.

A primeira medida foi adquirir um avião suficientemente grande para transportar as armas. Em Viena, um agente da Aliyah Bet encontrou disponível um obsoleto bombardeiro *American Liberator*; adquiriram-no em nome da Alpine Charter Flights, Inc.

Tiveram depois de arranjar a tripulação. Foram escolhidos e juraram segredo seis homens quatro judeus sul-africanos e dois judeus americanos que tinham voado durante a guerra.

Finalmente, a tarefa mais difícil era criar na pequena Palestina um campo de aviação secreto que não fosse descoberto pelos Ingleses. Foi escolhida uma base britânica abandonada de aviões de guerra, no vale Jezreel. Ficava em território inteiramente judaico e oferecia as maiores probabilidades de o avião poder entrar e tornar a sair. Entretanto, a recolha de armas na Europa era executada com o mesmo sigilo que envolvia a verdadeira identidade da Alpine Charter Flights, Inc.

Era uma corrida contra o tempo. Seriam necessárias duas semanas até que o primeiro carregamento de armas pudesse partir da Europa. O problema estava em saber se seria ou não demasiado tarde.

Até agora, milagrosamente, nem uma única colónia se rendera, mas as escoltas judaicas eram feitas em pedaços. O abastecimento de água às colónias do deserto do Negueve tinha sido cortado e em alguns lugares os colonos estavam a viver de cascas de batatas e azeitonas.

O foco da luta era Jerusalém, onde as táticas de isolamento e inanição começavam a dar resultados. A Bad el Wad de Telavive estava juncada de destroços de camiões incendiados. Apenas enormes escoltas ocasionais, montadas a um preço proibitivo em homens e equipamento, conseguiram evitar resultados desastrosos em Jerusalém.

Pela primeira vez na sua história, esta cidade foi violada pelo fogo de artilharia disparado pelos voluntários de Kawukji.

EXODUS 655

Este, Safwat e Kadar precisavam urgentemente de uma vitória. Os árabes da Palestina andavam descontentes com o malogro das previsões árabes sobre «as grandes vitórias».

Kawukji, que se intitulara a si própria generalíssimo das «Forças do Yarmuk» do mufti, decidiu ter a honra de conquistar a primeira colónia judaica. Escolheu cuidadosamente o seu alvo, pois não estava disposto a trincar uma noz demasiado dura.

Deu preferência ao que ele cria ser um ponto fraco:

Tirat Tsvi (Castelo do rabino Tsvi) teve a honra de ser indicada como a primeira colónia judaica a cair. O *kibbutz* de Tirat Tsvi era constituído por judeus ortodoxos, muitos dos quais «diplomados» dos campos de concentração.

O *kibbutz* ficava na zona sul do vale de Beth Shean e estava ali propositadamente para neutralizar uma área que de outro modo seria completamente árabe. Ao sul do *kibbutz* ficava o «Triângulo», uma região inteiramente árabe da Palestina. À distância de um tiro ficavam as margens do Jordão. Ligeiramente a norte, a cidade hostil de Beth Shean, completava o bloqueio do *kibbutz*.

Tirat Tsvi era um dos postos avançados judaicos que guardavam o Norte do vale do Jordão.

Kawukji estava encantado com a sua escolha. Os religiosos judeus de Tirat Tsvi sucumbiriam ao primeiro ataque em massa. O salteador reuniu centenas de árabes na base de Nablus, no «Triângulo», e avançaram para o ataque.

Kawukji anunciou antecipadamente a sua vitória; proclamou-a antes mesmo de atacar. Quando ele partiu, as mulheres árabes de Beth Shean deslocaram-se a um dos extremos do campo de batalha e aí aguardaram com sacos e recipientes o regresso das tropas para saquear o *kibbutz*.

O ataque teve início numa madrugada nevoenta. Os Judeus tinham cento e sessenta e sete homens e mulheres em idade de combater na linha de batalha, em trincheiras, e por trás de toscas barricadas defronte dos Árabes.

As crianças estavam escondidas nos edifícios no interior do *kibbutz*. A arma mais pesada de que os defensores dispunham era um único morteiro de 5 centímetros.

Souou uma trombeta. O ataque era chefiado por oficiais da Legião Árabe de espada desembainhada. Os voluntários que vinham atrás invadiram os campos num assalto frontal em massa, destinado a varrer o *kibbutz* graças apenas ao elevado número de homens.

Os Judeus esperaram até as forças árabes estarem a 20 metros; depois, a um sinal, fizeram tremenda descarga.

Os Árabes caíram como trigo ceifado.

Precipitadamente, avançaram segunda, terceira e quarta ondas. Os Judeus continuaram com o seu fogo disciplinado, aniquilando cada avalanche à medida que os pés dos chefes tocavam no chão do *kibbutz*.

O campo estava juncado de árabes mortos, e os feridos gritavam: «Somos irmãos! Misericórdia, em nome de Alá!»

Os restantes precipitaram-se desordenadamente para fugir às balas e iniciarem uma confusa retirada. Kawukji prometera-lhes uma vitória fácil e saque! Dissera-lhes que este bando de judeus ortodoxos fugiriam mal os vissem! Não tinham contado com semelhante combate. As mulheres árabes que estavam perto começaram também a fugir.

Os oficiais da Legião Árabe reuniram os voluntários em fuga, e apenas disparando sobre eles conseguiram impedir a retirada. Reorganizaram os homens para outro rápido ataque ao *kibbutz*, mas eles já não tinham a mesma coragem.

Em Tirat Tsvi, os Judeus estavam em maus lençóis.

Já não lhes restavam munições suficientes para repelir outra carga se os Árabes atacassem com violência. Além disso, se estes mudassem de estratégia e tentassem um ataque lento de flanco, os Judeus não poderiam resistir. Organizaram apressadamente uma tática inspirada pelo desespero. Entregaram a maioria das munições a vinte atiradores especiais; os restantes foram para a casa das crianças e prepararam-se para um combate final com baionetas, mocas e à mão desarmada. Por um binóculo observaram a massa de árabes e viram que ainda havia tropas suficientes para arrasar o *kibbutz*.

Desta vez os Árabes avançavam mais lentamente, com alguns dos oficiais da Legião atrás das tropas, forçando-as de espingardas apontadas.

EXODUS 657

De repente, os céus abriram-se numa chuvada inesperada.

Minutos depois, o campo aberto transformava-se num lameiro fundo e pegajoso. A carga dos Árabes, em Vez de ganhar ímpeto, começou a enterrar-se na lama, exactamente como acontecera aos carros dos Canaanitas que lutavam contra Débora.

Quando os primeiros oficiais da Legião Árabe chegaram ao *kibbutz*, os atiradores especiais dispararam sobre eles. As nobres «Forças do Yarmuk» já tinham a sua conta para todo o dia.

Kawukji estava furioso com a derrota de Tirat Tsvi. Tinha de obter rapidamente uma vitória que salvasse a sua reputação. Desta vez decidiu atirar-se a caça mais grossa.

De um ponto de vista puramente estratégico, a estrada entre Telavive e Haifa era mais importante para os *yishuvs* do que a estrada para Jerusalém. Se conseguissem interrompê-la, os Árabes podiam prejudicar gravemente os Judeus, separando a Galileia do Sharon. Havia aldeias árabes na estrada principal que forçavam os Judeus a usar estradas interiores para assegurar a comunicação entre as duas cidades. Numa dessas estradas ficava o *kibbutz* Mishmar Haemek (Sentinela do Vale). Mishmar Haemek tornou-se o objectivo de Kawukji na ambiciosa tentativa de separar Telavive de Haifa.

Desta vez, Kawukji decidiu não repetir os erros de Tirat Tsvi. Reuniu mais de mil homens e levou-os para os montes em volta do *kibbutz*, juntamente com dez canhões de montanha de 75 mm.

Cercada Mishmar Haemek, Kawukji lançou contra ela total ataque de artilharia. Os Judeus tinham apenas uma metralhadora com que responder.

Após um dia de tiroteio, os Ingleses pediram que fizessem tréguas, entraram no *kibbutz* e aconselharam os Judeus a render-se. Como eles se recusassem, os Ingleses partiram, lavando dali as suas mãos. Kawukji soube pelos Ingleses que a situação dos Judeus dentro do *kibbutz* era relativamente má. O que ele não soube, devido à falta de um sistema de informações, foi que o vale Emek estava cheio de homens que se treinavam para o Haganah. Durante

E. - 42

658 LEON URIS

a segunda noite, dois batalhões inteiros do Haganah, armados de espingardas, entraram sub-repticiamente no *kibbutz*.

No terceiro dia, Kawukji preparou o ataque.

Em vez de entrar num *kibbutz* tolhido pelo medo depararam-se-lhe dois batalhões de homens treinados que esperavam, ansiosos, a sua chegada. A ofensiva foi esmagada.

Kawukji reuniu então os seus homens e tentou um ataque lento e prolongado. Foi igualmente mal sucedido.

Preparou mais ataques, mas os voluntários mostravam cada vez menos inclinação para lutar. Avançavam com pouca coragem e recuavam assim que a resistência era maior

Quase ao fim do dia, Kawukji perdeu o *controle* das suas tropas. Principiaram a abandonar o campo de batalha.

Dentro do *kibbutz*, os Judeus presenciavam o decorrer das operações e saíram em perseguição dos Árabes. Foi um golpe completamente inesperado. Os Árabes ficaram tão assustados ao ver os Judeus atacar que fugiram, com o Haganah literalmente colado aos calcanhares. Só pararam a quilómetros de distância, em Megido, teatro de centenas de batalhas através dos séculos. Aqui, no solo histórico onde Armageddon combatera, os Judeus derrotaram completamente as forças de Kawukji. A carnificina só cessou quando os Ingleses intervieram, impondo tréguas.

Os Judeus tinham ganho a sua primeira vitória verdadeira da Guerra da Libertação.

No corredor de Jerusalém, a Brigada dos Montanheses do Palmach fazia esforços titânicos para manter a estrada aberta. Este grupo de adolescentes, cujos comandantes tinham pouco mais de 20 anos, patrulhavam os desfiladeiros e os descampados da Judeia, assaltando as aldeias e as viaturas árabes. Trabalhavam sem cessar e caminhavam até estarem entorpecidos de fadiga; contudo, era sempre possível incitá-los a mais uma patrulha, mais um ataque, mais uma marcha através da terra selvagem.

«Aqui o rei David viveu também como guerrilheiro.»

EXODUS 659

Os olhos raiados de sangue dos jovens do Palmach denotavam fadiga.

«Lembrem-se de que estão a combater no local onde nasceu Sansão!»

«Neste vale, David defrontou Golias!»

«Aqui, Josué fez parar o Sol!»

À noite alguém lia a Bíblia aos guerreiros exaustos, como fonte de inspiração para os esforços sobre-humanos que o dia seguinte exigiria. Aqui, no território de Kadar, a luta era dura e sem tréguas e os Árabes sentiam-se confiantes, pois tinham um chefe forte.

Em Telavive constituiu-se outra enorme escolta, numa nova tentativa de salvar Jerusalém. A Brigada dos Montanheses estava incumbida de tomar a aldeia árabe de Kastel, edificada num forte dos Cruzados, numa das principais elevações que dominavam a estrada.

O assalto de Kastel foi a primeira acção ofensiva judaica da Guerra da Libertação. A brigada fez um ataque extremamente corajoso, rastejando pela perigosa encosta a coberto da escuridão protectora. Chegaram ao pico de Kastel ensanguentados e fatigados, mas lançaram-se a um combate corpo a corpo e expulsaram os Árabes.

Kastel levantou o moral abatido dos *yishuvs*. Depois da vitória, a grande escolta de Telavive combateu durante toda a extensão de Bab ei Wad, prosseguiu obstinadamente até Nova Jerusalém e aliviou grandemente os judeus cercados.

Kawukji chamou Mohammed Kassi, comandante dos voluntários do Huleh, ao quartel-general em Nablus.

Kawukji ansiava por uma vitória. Durante meses escrevera comunicados em que se vangloriava de consecutivos triunfos. Como «general» do mufti, alimentava o sonho de comandar um exército árabe que se estendesse desde as fronteiras da Turquia à rocha de Gibraltar. Lançava as culpas sobre a «intervenção britânica», que o impedira de conquistar as colónias judaicas; com a partida dos Ingleses do Huleh deixava de ter desculpa.

Kawukji beijou Mohammed Kassi em ambas as faces,

660 LEON URIS

à maneira tradicional, e durante muito tempo falaram das suas gloriosas vitórias. Kassi contou como «conquistara» o Forte Ester e Kawukji descreveu o modo como a sua brilhante tática de espionagem enfraquecera as defesas de Tirat Tsvi e Mishmar Haemek.

Recebi uma mensagem de Sua Santidade o Mufti que está em Damasco disse Kawukji. No dia 15 de Maio, terminado o mandato inglês, Haj Amin ei Husseini regressará triunfalmente à Palestina.

E que dia magnífico esse vai ser para todos os islamitas! acrescentou Mohammed Kassi.

Sua Santidade escolheu Safed como sua capital provisória até os Sionistas serem completamente exterminados.

Agora, que o amiguinho dos Judeus, o major Hawks, partiu de Safed, apoderamo-nos dela numa semana.

Fico muito satisfeito com essas notícias!

No entanto continuou Kawukji, Safed não será realmente segura e não estará em condições de receber Sua Santidade enquanto existir um só judeu que seja no vale Huleh. Podem atacar-nos pelas costas. Temos de exterminá-los.

Mohammed Kassi empalideceu ligeiramente.

O Huleh, segundo creio, faz parte do teu comando, meu irmão. Quero que tomes imediatamente Gan Dafna. Logo que Gan Dafna caia, será fácil acabarmos com os Sionistas do resto do Huleh.

Generalíssimo, deixa-me afirmar-te que cada um dos meus voluntários tem a coragem de um leão e devotou a sua vida à nobre causa anti-sionista. Fizeram todos voto de lutar até à última gota de sangue.

Bom. Só de vencimento custam-nos quase um dólar por mês.

Kassi passou a mão pela barba e levantou o indicador, onde brilhava um grande anel.

No entanto... toda a gente sabe que o major Hawks deixou em Gan Dafna três mil espingardas, cem metralhadoras e dúzias de morteiros pesados!

Kawukji pôs-se de pé num salto.

Juro pela barba de Alá que os Judeus mandaram

EXODUS 661

reforços do Palmach. Vi-os com os meus próprios olhos.

Kawukji esbofeteou por duas vezes o rosto de Mohammed Kassi.

Ou atacas Gan Dafna, a arrasas completamente e lavas as mãos no sangue deles, ou atiro a tua carcaça aos abutres!

CAPÍTULO V

O primeiro gesto de Mohammed Kassi foi enviar uma centena dos seus homens para Abu Yesha. Imediatamente alguns dos aldeões foram ao *kibbutz* Ein Or dar parte do facto a Ari. Este sabia que os árabes de Abu Yesha eram, na sua maioria, a favor dos Judeus e esperou que eles agissem.

Os árabes de Abu Yesha viram com maus olhos a presença dos voluntários. Há dezenas de anos que eram vizinhos de Yad El e as casas em que viviam tinham sido construídas pelos Judeus. Não tinham motivos de queixa, não queriam combater e esperavam que Taha, o seu *mukhtar*, os reunisse e expulsasse os homens de Kassi.

Taha mantinha um silêncio estranho, não se pronunciando nem a favor nem contra a vinda dos voluntários.

Quando os anciãos de Abu Yesha insistiram com ele para que reunisse o povo, Taha recusou-se a discutir o assunto.

O seu silêncio decidiu do destino de Abu Yesha, pois sem chefe os feias eram uma massa amorfa. Submeteram-se à ocupação sem protestar.

Kassi apressou-se a aproveitar a tácita aquiescência de Taha. Os seus homens tornavam-se dia a dia mais ousados e desordeiros e cortaram a estrada para Gan Dafna, enquanto Taha continuava em silêncio. Existia irritação em Abu Yesha, mas não passava de resmungos individuais.

Um dia, os voluntários apanharam quatro árabes de Abu Yesha passando comida para Gan Dafna. Kassi mandou-os matar, decapitar, e as suas cabeças foram ex-

postas na praça da aldeia como aviso. A partir dessa altura, Abu Yesha submeteu-se completamente.

Ari enganara-se nas suas previsões. Tinha-se convencido de que o povo de Abu Yesha forçaria Taha a tomar uma posição, tanto mais que entrava em jogo a segurança de Gan Dafna. A inactividade do povo e o bloqueio da estrada colocaram Ari numa posição terrível. Cortada a estrada, as metralhadoras pesadas de Kassi instaladas no Forte Ester começaram um incessante bombardeamento a Gan Dafna.

Os Judeus tinham-se preparado para isto desde o dia em que Gan Dafna fora fundada. Todos sabiam o que tinham a fazer e puseram-se rápida e calmamente em pé de guerra. A todas as crianças de mais de 10 anos foram distribuídas tarefas para activa defesa da aldeia. Protegeram com sacos de areia a cisterna da água e mudaram para os subterrâneos os geradores de energia, os medicamentos, o arsenal e os géneros alimentícios.

A vida continuou como habitualmente nos subterrâneos, saturados de humidade. Aí prosseguiram as aulas, as refeições, os jogos e as actividades rotineiras. Dormiam em beliches que se assemelhavam a prateleiras, em dormitórios construídos nos canos de água de betai, de 3,50 metros de diâmetro, cavados na terra e cobertos de lama e sacos de areia.

Assim que o bombardeamento cessava, todos saíam dos subterrâneos para brincar ou praticar um pouco de desporto, distender os músculos entorpecidos e cuidar dos relvados e jardins.

Uma semana depois, o pessoal tinha conseguido fazer que as balas e as explosões fossem encaradas como um pequeno contratempo da vida quotidiana.

No *kibbutz* de Ein Or, Ari estava a contas com o problema.

As colónias tinham todas de contar exclusivamente com os seus próprios sistemas de defesa, mas Gan Dafna continha seiscentas crianças e ficava num ponto extremamente vulnerável, mesmo por baixo do Forte Ester. Havia comida suficiente para um mês e a provisão de água era abundante, caso a cisterna não fosse atingida. Mas o combustível em breve se tornaria um problema. Nas montanhas,

EXODUS 663

o frio era muito intenso durante a noite e Ari sabia que o dr. Liebermann preferia ficar gelado a cortar as preciosas árvores para fornecer aquecimento. As comunicações entre Gan Dafna e Yad El eram mantidas apenas por sinais luminosos, pois a linha telefónica fora cortada. A aldeia das crianças estava tão isolada que a única forma de lá chegar era por uma subida perigosa e árdua pelo lado ocidental da montanha mais de 600 metros, só possível de noite.

O problema das comunicações e dos abastecimentos não constituía, porém, a principal preocupação de Ari. mas sim o receio de um massacre. Não podia calcular quanto tempo passaria até surgirem dúvidas sobre o mito da «invencibilidade» de Gan Dafna.

Rebuscando em toda a sua área de comando, Ari conseguiu encontrar algumas espingardas espanholas de 1880, vinte e três espingardas *Sten* de fabrico nacional e uma obsoleta arma anti tanque com cinco cargas.

. Zev Gilboa e vinte componentes do Palmach receberam ordens para fazer a entrega do novo equipamento. Este teve de ser transportado pelos próprios soldados. O canhão anti tanque foi desarmado e levado por partes. A patrulha avançou a coberto da escuridão, e durante uma noite inteira subiram a íngreme encosta ocidental da montanha. Num momento crítico, passaram a alguns metros apenas de Abu Yesha ao atravessarem uma ponte levadiça de quase 300 metros , pela qual só era possível avançar de gatas alguns centímetros de cada vez. Viam, ouviam e sentiam o cheiro dos voluntários de Kassi.

Fazia pena olhar para Gan Dafna. Muitos dos edifícios tinham marcas de tiros de artilharia e o belo relvado central estava cortado aos bocados. A estátua de Dafna fora derrubada do seu pedestal. Contudo, o moral das crianças era excepcionalmente elevado e o sistema de segurança totalmente eficaz. Zev achou graça ver o pequeno dr. Liebermann sair, para cumprimentar a patrulha, com uma pistola à cintura. A chegada dos vinte elementos do Palmach foi acolhida com suspiros de alívio.

Kassi continuou o bombardeamento durante mais dez dias. Os canhões de montanha derrubaram os edifícios

um por um. Gan Dafna registou os primeiros acidentes quando uma bomba explodiu junto à entrada de um abrigo e matou duas crianças.

Mas Kawukji queria luta. Tentou obter informações por duas ou três vezes. De todas elas, os seus homens foram vítimas de ciladas e mortos, pois Zev estendera as defesas de Gan Dafna mesmo às portas do Forte Ester. Os rapazes e raparigas do Palmach escondiam-se próximo do forte e de Abu Yesha e observavam todos os movimentos dos Árabes.

Entretanto, foi ter com Ari um mensageiro do quartel-general do Haganah em Telavive. Ari convocou imediatamente os comandantes das colónias. Fora tomada uma decisão importante em Telavive relativamente às crianças das colónias da fronteira. Recomendava-se o envio de todas elas para a área do Sharon-Telavive, junto ao mar, onde a situação não era tão crítica e onde todas as casas, *kibbutzim* e *moshavim* estavam prontas a recebê-las. O que estava subentendido nas entrelinhas era que a situação se tornara tão grave que o Haganah encarava a eventual evacuação das crianças por mar para as salvar de um massacre certo se os Árabes irrompessem pelas colónias.

Não se tratava de uma ordem cada *Kibbutz* e *moshav* decidiria por si. Por um lado, os lavradores lutariam com mais coragem se tivessem as suas crianças ao pé. Por outro lado, a perspectiva de um massacre era demasiado terrível para encarar.

A evacuação das crianças era duplamente penosa para estes pioneiros, pois simbolizava mais uma retirada. A maior parte deles haviam fugido de outros horrores e tinham vindo para este lugar, onde as suas herdades constituíam o último refúgio. Fora da Palestina não existia esperança para eles.

Cada colónia tomou a sua decisão. Alguns dos locais constituídos há mais tempo recusaram-se simplesmente a deixar partir as crianças. Outros prometeram solenemente lutar e morrer juntos, pois não queriam que os pequenos aprendessem o significado da retirada. Outros, em montanhas já isoladas e sofrendo privações, entregaram as crianças para que as evacuassem.

ÊXODUS 665

Gan Dafna era responsabilidade comum.

Os espiões de Ari informaram-no de que Kawukji exercia sobre Mohammed Kassi uma pressão constante para que este assaltasse Gan Dafna. A comida escasseava na aldeia e os combustíveis estavam no fim. A cisterna da água tinha vários furos causados por disparos a pequena distância. O desconforto da vida nos subterrâneos desgastava a comunidade, embora não se fizessem sentir queixas.

Os comandantes do vale Huleh concordaram em que as crianças mais pequenas tinham de ser levadas de Gan Dafna. A questão estava em saber como. O pedido de tréguas apresentava um perigo duplo: em primeiro lugar, porque Kassi nunca as concederia; em segundo lugar, porque demonstrava fraqueza perante o comando árabe. Para tentar atravessar as estradas com uma escolta ou atacar abertamente Abu Yesha, Ari teria de congregiar todas as forças do Huleh e mesmo assim não estava certo do triunfo. Não se tratava simplesmente de ganhar ou perder uma batalha. Perder significaria a morte das crianças.

Mais uma vez, era a Ari que competia encontrar uma medida de emergência que fizesse face às péssimas circunstâncias.

E porque não tinha alternativa, concebeu outro plano fantástico, ainda mais ousado do que tudo o que até então tentara na sua vida.

Depois de organizar os pormenores do seu plano, Ari incumbiu David de mobilizar uma unidade e partiu para Gan Dafna. A ascensão da encosta era toda ela fatigante. A perna latejava-lhe constantemente e por vezes tornava-se insensível. Conseguiu compensar esta desvantagem com o seu perfeito conhecimento do caminho, pois subira-o dezenas de vezes quando era criança. Chegou a Gan Dafna ao alvorecer e convocou imediatamente uma reunião dos chefes de secção, no subterrâneo de comando. Entre eles estavam Zev, Jordana, o Dr. Liebermann e Kitty Fremont.

Há aqui duzentas e cinquenta crianças com menos

666 LEON URIS

de 12 anos disse Ari, sem mais preliminares. Serão evacuadas amanhã à noite.

Olhou para todos os rostos, surpreendidos.

Está a organizar-se uma unidade no *moshav* de Yad El continuou ele. Esta noite, subirão o lado ocidental da montanha quatrocentos homens de todas as colónias do Huleh, chefiados por David Ben Ami. Se tudo se passar como está previsto e não forem descobertos, devem estar aqui amanhã ao romper do dia. Amanhã à noite, duzentos e cinquenta homens encarregar-se-ão de transportar, cada um, uma criança. Os restantes cento e cinquenta agirão como sentinelas. Posso acrescentar que estes últimos levarão todas as armas automáticas pesadas do vale Huleh. Todos os que o ouviam no subterrâneo o fitaram como se ele estivesse louco. Durante um minuto não disseram nem fizeram nada.

Finalmente, Zev Gilboa levantou-se.

Ari, talvez não tenha compreendido. Tencionas, na verdade, levar duzentas e cinquenta crianças de noite pela montanha?

Precisamente.

É uma viagem perigosa para um homem fazer sozinho de dia disse o Dr. Liebermann. Levar uma criança de noite... Não há dúvidas de que algumas vão ser apanhadas.

Tem de se correr esse risco.

Mas, Ari disse Zev, têm de passar tão perto de Abu Yesha... É mais que certo que os homens de Kassi vão dar por elas.

Tomaremos todas as precauções para que não as vejam.

Começaram todos a protestar ao mesmo tempo.

Silêncio! interveio Ari secamente. Isto não é uma praça pública. Não falem nisto a ninguém. Não quero que haja pânico. Agora, saiam todos. Tenho muito que fazer.

O bombardeamento do Forte Ester foi particularmente intenso nesse dia. Ari trabalhou com um chefe de secção de cada vez, para completar até os mais íntimos pormenores da evacuação e elaborar um horário completíssimo.

EXODUS 667

Essas doze pessoas que sabiam do plano moviam-se com o coração carregado de apreensão havia um sem número de coisas que podiam correr mal. Alguém podia fraquejar e gerar o pânico... os cães de Abu Yesha podiam ouvi-los ou descobri-los pelo faro e ladrar... Kassi compreenderia o plano e atacaria todas as colônias do Huleh, sabendo que eles estavam sem as suas armas pesadas.

Mas também todos sabiam que Ari pouco mais podia fazer. Em qualquer caso, a situação de Gan Dafna tornar-se-ia desesperada dentro de uma ou duas semanas.

Ao cair da noite, David Ben Ami, com a sua unidade em Yad El, enviou uma mensagem cifrada, por meio de sinais luminosos, informando que se meteria a caminho quando escurecesse.

Durante esta segunda noite, os quatrocentos voluntários arrastaram-se pela montanha e chegaram aos arredores de Gan Dafna antes do alvorecer, esgotados com a subida e a tensão nervosa. Ari foi ter com eles à entrada da aldeia e escondeu-os na mata. Não queria que fossem vistos pelos homens de Kassi nem queria pânico em Gan Dafna.

Ficaram todo o dia nas matas. À seis menos dez da tarde, exactamente quarenta minutos antes do pôr do Sol, o plano entrou em execução.

As crianças a evacuar comeram precisamente às seis horas menos cinco e o leite que beberam continha um pó soporífero. Às seis e um quarto, foram levadas para os seis beliches nos abrigos dos canos da água, por baixo do chão. Entraram em grupo, cantando, até que caíram num sono profundo, provocado pelo narcótico.

Às seis e meia, o Sol pôs-se por trás do Forte Ester.

Às seis e quarenta, Ari convocou uma reunião de todo o pessoal à saída dos subterrâneos das crianças.

Prestem toda a atenção disse com gravidade.

Dentro de minutos vamos começar a evacuar as crianças mais pequenas. Chamar-vos-emos pelo nome e daremos a cada um uma tarefa. Foi tudo planeado segundo um horário rígido, e qualquer alteração pode pôr em perigo a vida das crianças e das escoltas, bem como a de vós

próprios. Não quero discussões nem perguntas. Qualquer falta de cooperação será tratada drasticamente.

Às seis e quarenta e cinco Jordana Ben Canaan organizou uma guarda em redor de Gan Dafna, constituída pelo resto das crianças. A guarda era quatro vezes maior do que a normal, para terem a certeza de que os Árabes não se infiltrariam nem descobririam o que se passava em Gan Dafna. Zev Gilboa e os seus vinte elementos do Palmach partiram para os montes numa missão especial de protecção.

Logo que verificaram que os arredores de Gan Dafna estavam em sossego, vinte e cinco membros do pessoal dirigiram-se para os subterrâneos, para vestirem às crianças que dormiam o seu vestuário mais quente. Kitty examinou as crianças uma a uma para se certificar de que estavam todas convenientemente narcotizadas pelo soporífero. Na boca de cada criança foi colocada uma espessa tira de adesivo para não poder gritar enquanto dormia. Às sete e trinta, as crianças, inconscientes, estavam vestidas e prontas.

Ari foi então buscar a unidade escondida na mata. Formou-se uma fila, vinda dos subterrâneos, e os corpitos ensonados foram entregues um por um. Tinham-se ligado umas correias e improvisado umas cadeiras, que foram colocadas às costas dos homens, de forma que as crianças pudessem ser transportadas como fardos. Isto permitiria a cada soldado ter ambas as mãos livres para a espingarda e para subir.

Às oito e trinta, os duzentos e cinquenta homens e seus pequenos carregamentos foram submetidos a um exame final, destinado a verificar se as crianças estavam bem ligadas. Depois avançaram para o portão principal, onde estava a postos a força de protecção cento e cinquenta homens com armas automáticas. Com Ari à frente, seguiram pela beira de um precipício na encosta das montanhas. Um a um, os homens desceram com as crianças, até que o último desapareceu na noite.

Os que ficaram quedaram-se em silêncio às portas de Gan Dafna. Agora nada havia a fazer senão esperar pela manhã. Começaram a regressar aos seus subterrâneos, onde passariam em silêncio a noite de insónia, tremendo

EXODUS 669

de receio pelas crianças e pelo destino desta estranha expedição.

Depois de terem partido, Kitty Fremont ficou sozinha junto do portão principal durante mais de uma hora. Olhava vagamente a escuridão.

Vai ser uma noite muito longa disse uma voz atrás dela. É melhor recolher-se do frio.

Kitty voltou-se. Jordana estava junto dela. Pela primeira vez desde que se conheciam, Kitty sentiu verdadeiro prazer em ver a *sabra* de cabelo ruivo. Desde que decidira ficar que começara a sentir uma admiração crescente por Jordana. Ela era talvez a pessoa a quem mais se devia a calma que ainda reinava em Gan Dafna. A rapariga imbuíra as jovens tropas de Gadna de uma confiança infecciosa e todos se comportavam como briosos soldados veteranos. Durante as provações por que tinham passado desde que a estrada fora cortada, Jordana conservara-se comedida e competente. Era uma grande responsabilidade para uma rapariga que ainda não tinha 20 anos, mas Jordana possuía essa qualidade de chefia que fazia que os que a rodeavam se sentissem seguros.

Sim, vai ser uma noite muito longa disse Kitty. Nesse caso, podemos fazer companhia uma à outra disse Jordana. Vou revelar-lhe um segredo. Tenho meia garrafa de brande escondida no subterrâneo de comando. Acho que esta noite é uma ótima ocasião de a acabar. Porque não espera por mim no meu subterrâneo? Tenho de trazer as sentinelas para dentro. Voltarei dentro de meia hora.

Kitty não se moveu. Jordana pegou-lhe no braço.

Vamos disse amavelmente, agora não podemos fazer nada.

Kitty tinha estado sentada, cheia de nervosismo, fumando cigarros uns atrás dos outros, até que Jordana voltou finalmente ao posto de comando. Tirou da cabeça o barrete castanho do Haganah, e as suas longas tranças escarlates caíram-lhe sobre os ombros. Apertou a cara entre as mãos e esfregou-as uma na outra para aquecer. O brande estava escondido num local mal cheio da parede

670 LEON URIS

atulhada de lama. Tirou a garrafa, limpou-a e deitou para Kitty e para si uma dose forte.

Lê chaim disse Jordana, bebendo um gole Sabe bem.

Daqui a quanto tempo passam junto de Abu Yesha?

Só depois da meia noite respondeu Jordana.

Tenho estado a repetir a mim própria que vão passar sem novidade. Depois começo a pensar nos milhares de coisas que podem correr mal.

É impossível não pensar nisso disse Jordana mas agora está nas mãos de Deus.

De Deus? Sim. Ele aqui realiza coisas especiais disse Kitty.

Se não se tem religião na Palestina, duvido que se tenha em qualquer outro lugar disse Jordana. Já não me lembro dos tempos em que vivêssemos sem fé. Na verdade, pouco mais temos para nos amparar.

Vindas de Jordana Ben Canaan, estas palavras pareciam estranhas, e, contudo, não o eram. Encarada superficialmente, Jordana não parecia albergar em si uma fé profunda... mas que outra coisa poderia dar-lhe a força necessária para viver sob esta tensão constante senão a fé?

Kitty disse Jordana de repente, quero fazer-lhe uma confissão: tenho desejado muito que nos tornemos amigas.

Porquê, Jordana?

Porque consigo aprendi uma coisa... uma coisa sobre a qual eu estava redondamente enganada. Tenho-a visto trabalhar aqui com as crianças e sei o que fez pelo Ari. Quando decidi ficar, compreendi uma coisa... compreendi que uma mulher como você pode ter tanta coragem como... nós. Eu dantes pensava que ser feminina era um sinal de fraqueza.

Obrigada, Jordana disse Kitty, sorrindo debilmente, mas neste momento gostava de ter um pouco da vossa fé, coragem ou o que quer que seja. Sinto-me a cair aos bocados.

Kitty acendeu um cigarro e Jordana deitou-lhe outro brande.

EXODUS 671

. Tenho estado a pensar... disse Jordana ...que a Kitty estaria bem para o Ari.

Kitty abanou a cabeça.

Como diz o ditado, somos duas boas pessoas que não estão talhadas uma para a outra.

É pena, Kitty.

Kitty olhou para o relógio. Sabia pelo que ouvira das conversas, que a longa coluna de homens estava agora a aproximar-se do primeiro dos declives quase a pique. Usariam cordas para facilitar a descida, que era de 7,50 metros.

Daí teriam de atravessar quase 100 metros de lama.

Fale-me de si e do David disse Kitty rapidamente.

Os olhos de Jordana iluminaram-se.

Ah, o meu David... o meu meigo e maravilhoso David!

Onde se encontraram pela primeira vez?

Na Universidade Hebraica. Estávamos no segundo dia de aulas. Vi-o, ele viu-me, apaixonámo-nos nesse mesmo instante e ainda não deixámos de estar apaixonados.

Foi o que aconteceu com o meu marido e comigo disse Kitty.

Claro que levei todo o 1.º período a fazê-lo compreender que ele gostava de mim.

Comigo levou mais tempo disse Kitty, sorrindo.

Sim, às vezes os homens são uns maçadores com essas coisas. Mas no Verão ele já sabia muito bem que eu era a mulher da sua vida. Fomos juntos a uma expedição arqueológica ao deserto de Negueve. Estávamos a tentar descobrir o caminho exacto percorrido por Moisés e as dez tribos nos desertos de Zin e Paran.

Ouvi dizer que esses lugares são desoladores.

Não, há ruínas de centenas de cidades dos Nabateus e as cisternas ainda têm água. Se se for em maré de sorte, podem encontrar-se todas as espécies de antiguidades.

Deve ser emocionante.

Sim, mas é um trabalho muitíssimo árduo. O David adora fazer escavações. Sente a glória do nosso povo por toda a parte. Como tantos outros... é por isso que os Judeus nunca podem separar-se desta terra. O David fez
672 LEON URIS

planos maravilhosos. Depois da guerra, voltaremos ambos para a Universidade. Tirarei uma especialidade, o David fará o seu doutoramento, e depois iremos escavar uma grande cidade hebraica. Ele quer desenterrar Hazor

mesmo aqui no Huleh. Claro que isto são apenas sonhos
Para isso é preciso muito dinheiro... e paz. Riu ironicamente.

«Paz» é simplesmente uma palavra abstracta,
uma ilusão. Gostava de saber como é a paz.

Talvez a paz para vocês seja monótona.

Não sei disse Jordana, com vestígios de cansaço
na sua voz jovem. Gostaria de, pelo menos, uma vez na
minha vida, ver como é que os seres humanos vivem uma
vida normal.

Vão viajar?

Viajar? Não. Faço o que o David fizer. Vou para
onde ele for. Mas, Kitty, gostaria de viajar uma só vez.
Sempre me disseram que a vida toda começa e acaba na
Palestina. Mas... de vez em quando sinto-me sufocar.
Muitas das minhas amigas têm saído da Palestina. Parece
que nós *sabras*, somos uma raça estranha, feita para lutar.
Não nos adaptamos a viver noutros lugares. Mais cedo ou
mais tarde, todos voltam à Palestina... mas aqui envelhece-se
muito depressa. Jordana interrompeu-se. Deve ser
do brande disse ela. Como deve saber, os *sabras* não
bebem em absoluto.

Kitty sorriu e pela primeira vez teve compaixão da
rapariga. Apagou o cigarro e tornou a olhar para o relógio.

Os minutos arrastavam-se.

Onde estarão eles agora?

Ainda a descer aquele primeiro penhasco. Demorará
pelo menos duas horas a passagem de todos.

Kitty soltou um suspiro débil e Jordana olhou no
vago.

Em que está a pensar?

Em David... e nas crianças. Naquele primeiro
Verão no deserto encontrámos um cemitério com mais
de 4000 anos de idade. Conseguimos desenterrar um esqueleto
perfeito de uma criancinha. Talvez tivesse morrido
tentando encontrar a Terra Prometida. David olhou
para o esqueleto e chorou. Ele é assim. O seu coração

EXODUS 673

sofre dia e noite por causa do cerco de Jerusalém. Sei que vai tentar qualquer coisa insensata. Eu sei... Porque não se deita, Kitty? Vai passar muito tempo até que saibamos alguma coisa.

Kitty acabou o seu brande, estendeu-se na cama e fechou os olhos. Via mentalmente aquela longa fileira de homens descerem por uma corda com as crianças adormecidas balouçando, penduradas às costas. Depois viu os voluntários árabes de olhos duros, espreitando a coluna, espiando os seus movimentos esperando que eles se aproximassem e caíssem numa armadilha.

Era impossível dormir.

Creio que vou ao subterrâneo do Dr. Liebermann ver como estão.

Vestiu um casaco forrado de lã e saiu. Durante toda a noite não houvera bombardeamentos. Ocorreu-lhe um pensamento alarmante: talvez Mohammed Kassi soubesse do que se passava e tivesse feito sair a maioria dos seus homens do Forte Ester. Kitty não estava a gostar daquele sossego. A Lua estava demasiado brilhante e a noite demasiado clara e calma. Ari devia ter esperado por uma

noite enevoada para fazer evacuar as crianças. Kitty ergueu os olhos para o monte e distinguiu os contornos do Forte Ester. «Devem ter visto, com certeza», pensou.

Entrou num dos subterrâneos dos professores. O

Dr. Liebermann e o resto do corpo docente estavam sentados na beira das camas, olhando vagamente, entorpecidos pela tensão nervosa. Não diziam palavra. O ambiente era tão mórbido que ela não pôde suportá-lo e tornou a sair. Karen e Dov estavam de sentinela.

Kitty voltou ao subterrâneo do posto de comando e viu que Jordana tinha saído.

Tornou a deitar-se e cobriu as pernas com um cobertor.

Voltou a ver em pensamento os homens que desciam a encosta da montanha, centímetro a centímetro. Aquele dia deixara-a esgotada. Principiou a dormir. As horas passaram.

Meia-noite... uma hora. Dava voltas na cama. Tinha o cérebro cheio de pesadelos. Via a horda de Kassi disparando sobre a coluna de soldados, gritando, de sabres

E. - 43

674 LEON URIS

reluzentes. As sentinelas tinham morrido e os Árabes tinham levado todas as crianças e aberto um grande fosso para elas...

Kitty sentou-se na cama, com suores frios e o coração a palpitar desordenadamente. Abanou a cabeça lentamente e toda ela estremeceu. Chegou-lhe aos ouvidos um som. Inclinou a cabeça e escutou. Os olhos dilataram-se-lhe

de terror.
Era o som de descargas ao longe!
Pôs-se de pé, cambaleando. Sim! Era uma descarga...
vinda da direcção de Abu Yesha! Não era sonho! A coluna
de soldados fora descoberta!
Jordana entrou no subterrâneo precisamente quando
Kitty corria para a porta.
Deixe-me ir! gritou.
Kitty, não, não!...
Estão a matar os meus filhos! Assassinos! Assassinos!
Jordana empregou toda a força para a suster de encontro
à parede, mas Kitty estava enfurecida. Esbracejou
e conseguiu soltar-se. A rapariga *sabra* agarrou-a, fê-la
dar uma volta e deu-lhe uma pancada entre os ombros,
fazendo-a cair no chão a soluçar.
Ouça! Aquela descarga que ouviu é o Zev Gilboa
e o Palmach que procedem a um ataque para os desnortear.
Estão a disparar do lado oposto de Abu Yesha para
afastar os homens de Kassi.
Está a mentir!
É verdade. Juro. Pediram-me que não dissesse nada
senão um pouco antes do ataque. Vim cá, via-a a dormir
e fui avisar os outros.
Jordana ajoelhou, ajudou Kitty a levantar-se e levou-a
para a cama.
Ainda resta um pouco de brande. Beba-o.
Kitty engoliu-o, quase vomitando para o fazer descer
pela garganta. Dominou-se.
Desculpe ter-lhe batido disse Jordana.
Não... fez o que devia.
Jordana sentou-se ao lado de Kitty, afagou-lhe a mão
e deu-lhe uma massagem atrás do pescoço. Debilmente,
Kitty deitou a cabeça no ombro de Jordana e chorou muito

EXODUS 675

baixinho até se cansar. Depois levantou-se e vestiu a sua pesada roupa.

A Karen e o Dov voltarão daqui a pouco. Vou para o meu subterrâneo e faço-lhes chá.

As horas de escuridão arrastavam-se a noite não tinha fim. Lá fora, no escuro, os homens deslizavam de estômagos rentes ao chão, passando por Abu Yesha, enquanto o Palmach fazia o seu ataque do outro lado da aldeia. Iam rapidamente descendo... descendo...

Duas horas... três. Os que esperavam, incluindo Jordana

Ben Canaan, estavam agora exaustos e vazios, num silêncio entorpecido. Às cinco e um quarto saíram dos subterrâneos. O frio da manhã era cortante. Uma geada fina e escorregadia cobria o relvado central. Passaram pelo portão principal e dirigiram-se para o posto de vigia, num extremo da montanha.

A escuridão dissipava-se e as luzes do vale apagavam-se uma a uma, à medida que uma madrugada parda e bafienta descobria o vale.

A sentinela procurou com um binóculo algum sinal de vida pela montanha. Não havia nada.

Olhem!

A sentinela apontou. Todos olharam para o *moshav* de Yad El, onde uma luz fazia sinais.

Que diz? Que significa?

Diz... X1416...

Durante um momento estabeleceu-se confusão. A mensagem foi repetida: X1416.

Estão salvos! exclamou Jordana Ben Canaan.

«Levanta a tua mão, estende a tua mão sobre o mar e separa-o: e os filhos de Israel irão sobre solo enxuto pelo meio do mar. ÊXODO: 14, 16». Sorriu para Kitty, exultante.,

CAPÍTULO VI

Quatro dias depois da evacuação das crianças de Gan Dafna, Ari recebeu uma série de notícias. Os seus comandantes das colónias informavam que a pressão dos Árabes
676 LEON URIS

estava a diminuir. Quando soube, por amigos de Abu Yesha, que Kassi retirara metade dos cem homens que tinha na aldeia e ordenara o seu regresso ao Forte Ester Ari compreendeu que o ataque a Gan Dafna estava iminente.

Pegou em mais vinte soldados do Palmach os últimos de que podia dispor em toda a Galileia e mais uma vez escalou a montanha que conduzia a Gan Dafna para assumir pessoalmente o comando. Ao todo tinha quarenta soldados do Palmach, cerca de trinta elementos do pessoal e do professorado em condições de combater e os duzentos jovens de Gadna de Jordana. O seu arsenal compunha-se

de centena e meia de espingardas antiquadas ou carabinas *Sten* de fabrico nacional, duas metralhadoras, uma centena de granadas, minas e bombas e o obsoleto canhão anti tanque húngaro com as suas cinco cargas. As informações obtidas pelos serviços de espionagem indicavam que, para o defrontar, Mohammed Kassi dispunha de oitocentos voluntários com munições em número ilimitado, artilharia e ainda talvez umas centenas de árabes de Aata e outras aldeias hostis aos Judeus espalhadas pela fronteira do Líbano. As disponibilidades de Ari em matéria de munições eram mínimas. Quando surgisse o ataque, teria de ser imediatamente repellido. A sua única vantagem estava em conhecer o inimigo. Mohammed Kassi, o salteador iraquiano, não recebera instrução militar propriamente dita. Fora recrutado por Kawukji com a promessa de aventuras e de saques. Ari não considerava os homens de Kassi particularmente corajosos, mas era possível excitá-los se durante a batalha viessem a estar em posição de superioridade podiam tornar-se verdadeiros assassinos. Ari projectou usar a ignorância e a falta de imaginação árabes como aliadas. Baseou o seu plano de defesa no pressuposto de que Kassi tentaria um ataque directo e frontal na recta entre Gan Dafna e o Forte Ester. O ataque frontal fora sempre a táctica dos voluntários desde que pela primeira vez lutara contra eles em rapa. Ari reuniu as suas defesas num dado local.

EXODUS 677

A chave da defesa de Ari estava numa ravina que ia dar, como um funil, a Gan Dafna. Se conseguisse atrair Kassi à ravina, tinha probabilidades de êxito. Zev Gilboa mantinha patrulhas entre as rochas e matos, precisamente à saída do Forte Ester, para observação dos movimentos dos Árabes. Verificaram que Kassi estava realmente a reunir homens.

Três dias depois da chegada de Ari a Gan Dafna, um jovem mensageiro chegou ao seu posto de comando com a notícia de que os homens de Kassi quase um milhar tinham partido do forte e estavam a começar a descer o monte. Dois minutos depois era dado o alarme, e os homens, mulheres e crianças de Gan Dafna ocuparam os seus postos e aguardaram.

Uma depressão nas montanhas permitia que os homens de Kassi não fossem vistos até chegarem a um outeiro que ficava precisamente por cima de Gan Dafna, a alguns 600 metros do lado norte da aldeia e a 200 da importante ravina.

Os homens de Ari entrincheiraram-se nas posições previstas e esperaram em silêncio.

Pouco depois começaram a surgir cabeças no cume do outeiro, que daí a minutos enxameava de voluntários. Detiveram-se e olharam para a aldeia sinistramente calma. Os oficiais árabes desconfiaram do silêncio. Nem um tiro fora dado por qualquer das partes.

No observatório do Forte Ester, Mohammed Kassi servia-se de um poderoso binóculo e sorria ao ver a sua horda sobre Gan Dafna. Como os Judeus não tivessem disparado, enraizou-se nele a convicção de que os seus homens poderiam tomar a aldeia. Do forte troou um canhão, ordenando o começo do ataque.

Em Gan Dafna ouviam os Árabes arengar e os oficiais dar ordens aos seus homens. Nenhum se moveu do outeiro. A calma da aldeia desconcertava-os. Muitos principiaram a gritar e a apontar para a aldeia. As suas pragas e o seu nervosismo aumentavam num crescendo histérico.

Estão a tomar coragem disse Ari.

As forças disciplinadas dos Judeus não mostravam nem soldados nem armas, embora todos achassem difícil

678 LEON URIS

não perder o *controle* em face dos horríveis insultos dos Árabes. »

Após vinte minutos de bravatas, os voluntários desceram inesperadamente em massa, soltando gritos selvagens; sabres e baionetas brilharam, numa silhueta de aço que se destacava de encontro ao céu. >

A primeira fase da defesa de Ari ia agora ser posta à prova. Todas as noites mandara patrulhas colocar minas cuja explosão podia ser provocada do interior de Gan Dafna. As minas formavam um corredor e estavam colocadas de forma a impelir os Árabes para o meio da ravina. Zev Gilboa, na dianteira, esperou até a carga atingir toda a sua violência. Quando a horda chegou ao campo minado. Zev levantou uma bandeira verde. Dentro de Gan Dafna, Ari fez actuar os dispositivos.

Vinte minas, dez de cada lado, explodiram ao mesmo tempo. O estrondo sacudiu a encosta. As minas explodiram num dos extremos da multidão, que imediatamente se empurrou, correndo precisamente para o funil da ravina. Ari colocara os seus quarenta soldados do Palmach, as duas metralhadoras e todas as granadas e bombas do arsenal dos lados da ravina. Quando os Árabes iam a passar mesmo por baixo deles, o Palmach abriu fogos cruzados com as duas metralhadoras e transformou o vale num sangrento campo de batalha. As granadas, ao rebentarem, pareciam vomitar chamas e transformaram dezenas de voluntários em autênticos archotes humanos.

Além disso, o Palmach fez explodir fiadas de morteiros, a que alto-falantes colocados nas árvores davam o volume de estrondosas explosões. O contínuo troar das armas reais e artificiais, era de ensurdecer e arrepiar.

No Forte Ester, Mohammed Kassi ordenava freneticamente à artilharia que abandonasse os lados da ravina.

Os Árabes, desorientados, abriam fogo e atiravam metade das suas bombas sobre os seus próprios homens. Finalmente, conseguiram pôr fora de combate uma metralhadora do Palmach.

A primeira linha dos Árabes fora ceifada como trigo, mas estes continuavam a aparecer em massa. Tinham sido

EXODUS 679

levados a tal frenesim que agora a força que os impelia era a do medo.

A segunda metralhadora deixou de trabalhar quando o cano ardeu. O Palmach abandonou a sua posição dos lados da ravina e voltou a Gan Dafna sob os ataques, que não abrandavam de violência. Os Árabes avançaram, gritando, até uma centena de metros da aldeia, em grupos desorganizados. David Ben Ami tinha assestado o canhão anti tanque húngaro. Os projecteis tinham sido modificados e cada uma das suas cinco cargas continha agora duas mil balas de chumbo. Se o canhão funcionasse convenientemente, produziria o efeito de um grupo de homens disparando ao mesmo tempo.

O primeiro bando de árabes avançou em onda até à distância de 50 metros... 40... 30... 20... O suor corria pelo rosto de David Ben Ami quando apontou o canhão para disparar à queima-roupa.

10 metros...

Fogo!

O antigo canhão anti tanque saltou do solo e vomitou metralhas sobre os assaltantes. Enquanto o tornava a carregar rapidamente, David ouviu, por entre o fumo, gritos de fazer gelar o sangue; viu de relance mortos e feridos que se amontoavam a poucos metros do canhão e viu outros que hesitavam, assustados.

Veio segunda onda atrás da primeira.

Fogo!

A segunda onda caiu morta.

Fogo!

O cano rebentou, destruindo o canhão. Estava inutilizado, mas fizera o seu serviço. Com três tiros, os borrifos de chumbo tinham feito cair quase duzentos homens. Quebraram o ritmo do assalto.

Tentaram um último ataque. Outros cem árabes chegaram à beira de Gan Dafna e foram recebidos por uma frente de jovens entrincheirados, instruídos por Jordana Ben Canaan.

Feridos e assustados, os sobreviventes árabes fugiam agora aos tropeções, subindo a ravina juncada de mortos. Quando eles se retiraram, Zev Gilboa gritou às tropas do

680 LEON URIS

Palmach que o seguissem. Com os seus quarenta soldados correu atrás de várias centenas de árabes em fuga. Fê-los subir o outeiro e continuou a persegui-los.

Ari observava através do binóculo.

O idiota! exclamou ele. Vai tentar apoderar-se do Forte Ester. Eu disse-lhe que parasse no outeiro.

Que ideia é aquela do Zev? resmungou David em voz baixa.

Vamos gritou Ari. Vamos ver se conseguimos detê-lo.

Ari deu rapidamente ordens para que Jordana mandasse as crianças de Gadna apanhar do campo as armas dos Árabes, voltando em seguida para Gan Dafna.

O seu plano resultara. Em menos de quinze minutos tinha esgotado as munições de que dispunha, mas quase metade das tropas de Kassi jaziam mortas ou feridas.

Quando Mohammed Kassi viu os seus homens regressarem, a correr, ao forte, estabeleceu-se a confusão. Zev

Gilboa ia 25 metros à frente do resto do Palmach. Do Forte Ester, carabineiros árabes principiaram a disparar sobre os seus próprios soldados em fuga para deter os *palmachniks* que os perseguiam. Alguns árabes conseguiram

entrar no Forte Ester. Os que estavam muito perto dos Judeus não puderam entrar, pois atiravam sobre eles.

Zev passara o arame farpado e estava apenas a 40 metros do forte.

Escondam-se gritou às tropas. Lançou-se para o chão e disparou a sua espingarda *Sten* sobre o forte, até o Palmach estar fora de alcance. Vendo que o seu ataque era inútil, Zev voltou-se e tentou rastejar pelo monte abaixo. Do forte partiu uma série de descargas e ele foi atingido. Levantou-se, começou a correr e tornou a ser atingido; desta vez caiu sobre o arame farpado e enredou-se nele. Não conseguia mover-se.

O Palmach entrincheirara-se e estava a preparar-se para subir, para tentar trazer Zev, quando Ari e David chegaram de rastos até junto deles.

É o Zev. Emaranhou-se no arame.

Ari espreitou, a coberto de uma enorme rocha. Estava a 100 metros de distância de Zev, do outro lado de um

EXODUS 681

campo aberto. Havia zonas onde podia ocultar-se atrás de grandes rochas, mas junto de Zev estaria plenamente exposto. _

De repente, o fogo do Forte Ester parou e tudo ficou em silêncio.

Que há? perguntou David.

Estão a servir-se do Zev como isca. Vêem que não pode mover-se e esperam que tentemos ir lá buscá-lo.

Patifes! Porque é que não disparam sobre ele e acabam com isto?

Não vês, David? Ele perdeu a espingarda. Vão esperar pela nossa partida e tentar apanhá-lo vivo. Vão fazê-lo pagar por todos os homens que perderam hoje.

Oh, meu Deus! murmurou David. Saltou do seu esconderijo, mas Ari agarrou-o e fê-lo voltar para trás.

Dêem-me duas granadas disse Ari. Pronto. David, volta com as tropas para Gan Dafna.

Tu não vais lá acima sozinho, Ari...

Faz o que te ordeno, diabos te levem!

David voltou-se em silêncio e deu o sinal para começar a retirada. Olhou para trás e viu Ari correndo pelo monte acima em direcção a Zev.

Os Árabes viram Ari subir. Sabiam que alguém tentaria levar o ferido. Esperariam até ele estar suficientemente perto para o atingirem também; depois os Judeus enviariam outro homem lá acima... e outro.

Ari levantou-se, deu uma corrida e lançou-se para trás de uma rocha. Os Árabes não fizeram fogo.

Depois tornou a rastejar e ocultou-se a 20 metros do sítio onde Zev estava preso ao arame. Ari calculou que os Árabes esperariam até ele chegar junto de Zev e ser realmente um alvo certo.

Volta para trás!... gritou Zev. Volta para trás!

Ari espreitou, abrigado pela rocha. Via Zev nitidamente.

O sangue jorrava-lhe do rosto e do estômago. Estava completamente preso pelo arame. Ari ergueu os olhos para o Forte Ester. Viu o sol brilhar nos canos das espingardas apontadas para Zev.

Volta para trás! gritou novamente Zev. Tenho

as tripas de fora. Não duro mais de dez minutos... volta para trás!

Ari tirou furtivamente as granadas de mão que trazia à cintura.

Zev. Vou atirar-te umas granadas! gritou em alemão.

Ari recolheu os ganchos, para que não pudessem explodir.

Levantou-se rapidamente e atirou ambas as granadas ao rapaz. Uma caiu mesmo ao lado dele.

Zev apanhou a granada e apertou-a junto ao estômago dilacerado.

Já a agarrei... agora volta para trás!

Ari correu rapidamente pelo monte abaixo, apanhando os Árabes desprevenidos; esperavam que ele se aproximasse de Zev. Quando fizeram fogo, já ele estava fora do alcance e se dirigia para Gan Dafna.

Zev Gilboa estava agora sozinho e sentia a vida fugir-lhe.

Os árabes aguardaram meia hora, esperando qualquer manigância, ou que um judeu fosse ter com ele.

Queriam-no vivo.

Os portões do Forte Ester abriram-se. Apareceram uns trinta árabes, que correram para Zev. Este puxou o gancho da granada e chegou-a à cabeça.

Ari ouviu a explosão e parou. Ficou branco como a cal e a perna doente vergou sob o seu peso. Sentiu revolverem-se as entranhas; depois continuou a descer de rastos na direcção de Gan Dafna.

Ari estava só, no subterrâneo do posto de comando.

O rosto parecia de cera, e apenas o tremor dos músculos faciais mostrava que estava vivo. Os seus olhos, rodeados de círculos negros, não tinham expressão.

Os Judeus tinham perdido vinte e quatro pessoas onze rapazes e três raparigas do Palmach, seis membros do professorado e quatro crianças; havia ainda vinte e dois feridos. Mohammed Kassi perdera quatrocentos e dezoito homens e tinha cento e setenta feridos.

Os Judeus tinham exibido armas suficientes para que fosse improvável que Kassi tentasse alguma vez outro ataque a Gan Dafna. Mas os Árabes continuavam detentores

EXODUS 683

do Forte Ester e dominavam a estrada que passava por Abu Yesha.

Kitty Fremont entrou no subterrâneo. Também ela estava quase exausta.

Os soldados árabes que caíram foram todos levados para Abu Yesha, excepto os que você queria interrogar. Ari fez um sinal afirmativo com a cabeça.

E os nossos feridos?

Duas das crianças parece não resistirem. O resto seguirá sem novidade. Olhe... trouxe-lhe um pouco de brande disse Kitty.

Obrigado... obrigado...

Ari bebeu um trago e calou-se.

Trouxe as coisas de Zev Gilboa. Não são muitas... alguns objectos pessoais.

Um *kibbutznik* não tem muito de seu. Nada, incluindo a sua própria vida, lhe pertence disse, com um vestígio de ironia.

- Eu gostava do Zev disse Kitty. Ainda a noite passada me disse como desejava voltar a guardar as suas ovelhas. Bem... a mulher dele pode querer estas coisas. Vai ter outro filho, sabe?

O Zev foi um louco disse Ari entre dentes. Não tinha nada que tentar apoderar-se daquele forte. Ari pegou no lenço que continha os escassos haveres de Zev.

Liora é uma excelente rapariga. É forte. Há-de resistir.

Ari atirou os objectos para o fogão de petróleo.

Vai ser-me difícil substituí-lo.

Os olhos de Kitty contraíram-se.

Era nisso que estava a pensar... que teria dificuldade em o substituir?

Ari levantou-se e acendeu um cigarro.

Homens como o Zev não nascem aos montes.

Não tem amor a nada?

Diga-me, Kitty: que fez o comandante do seu marido quando ele foi morto em Guadalcanal? Esteve a velar o seu corpo?

Pensei que isto fosse um pouco diferente, Ari
Conhecia o Zev desde rapaz. A rapariga que foi mulher
dele nasceu em Yad El. Foi criada numa herdade que fica
separada da sua apenas por duas outras.

Que quer que eu faça?

Chore por aquela pobre rapariga!

Por um segundo, o rosto de Ari contraiu-se e os lábios
tremeram-lhe; depois as suas feições tornaram-se duras.

Não é novidade ver morrer um homem em combate!

Saia daqui...

CAPITULO VII

O cerco de Safed começara exactamente um dia após
o voto de partilha de 29 de Novembro de 1947. Quando
os Ingleses deixaram a cidade, na Primavera de 1948,
entregaram aos Árabes, de acordo com as perspectivas,
as três posições principais: o posto de polícia que dava
para o bairro judaico, a acrópole que dominava toda a
cidade e o forte Taggart sobre o monte Canaã, mesmo à
entrada de Safed.

Safed tinha a forma de um cone invertido. O bairro
judaico ocupava uma faixa de cerca de uma oitava do
cone, de modo que os Judeus tinham os Árabes por cima,
por baixo e de ambos os lados. Dispunham apenas de duzentos
homens do Haganah insuficientemente treinados.

A sua recusa em evacuar e a sua decisão de lutar até ao
último homem estavam no espírito e na tradição dos antigos
hebreus. Os cabalistas de Safed, os menos aptos de todos
os judeus para se defenderem, haviam sido no passado
um alvo favorito de distúrbios provocados pelo mufti. Tinham
sido vítimas de massacres infligidos pelas turbas
árabes e tinham cedido. Desta vez estavam decididos a
resistir até à morte. A população judaica, comprimida nas
tortuosas ruelas, mantinha um moral admirável.

Um dia depois da partida dos Ingleses, Ari introduziu
furtivamente no bairro judaico de Safed Jacob Yarkoni
com trinta rapazes e vinte raparigas do Palmach. A sua

EXODUS 685

chegada foi alegremente festejada. Era Sabat e as tropas de Yarkoni estavam esfomeadas e exaustas da viagem por caminhos hostis. Pela primeira vez havia séculos, os Cabalistas quebraram o Sabat, cozinhando uma refeição quente para os reforços.

Kawukji, querendo reservar Safed para capital provisória do mufti, ordenou aos voluntários que invadissem o bairro judaico. Os Árabes tentaram algumas incursões e foram expulsos, logo compreendendo que apenas tomariam o sector judaico lutando casa por casa e quarto por quarto. Reconsideraram e voltaram às tácticas de cerco e aos tiroteios a distância.

Os Judeus eram acompanhados por Remez e Joab Yarkoni.

O brigadeiro Sutherland deixara a sua vivenda no monte Canaã e tornara-se o único hóspede do hotel-estância de Remez. De vez em quando dava conselhos que lhe eram pedidos, afirmando sempre, porém, que os Judeus estavam a agir perfeitamente sem o seu auxílio.

A primeira tarefa que Remez tomou sobre si foi a de eliminar um determinado núcleo de fogo inimigo. Os quartéis-generais árabes e judeus ficavam junto um do outro, o que permitia às patrulhas árabes entrar furtivamente no quartel judeu e dividir a já fraca defesa judaica.

Por isso, Remez queria que as suas forças e as dos Árabes ficassem distanciadas. Yarkoni levou uma unidade até ao quartel-general árabe, apoderou-se de algumas casas contíguas e começou a fazer fogo de lá. Depois retirou-se.

De cada vez que os Árabes regressavam, Yarkoni tornava a atacar e a ocupar as mesmas casas. Finalmente, os Árabes dinamitaram as casas para impedir os Judeus de as usarem. Era exactamente o que Remez pretendia: deste modo criou entre os dois sectores um espaço aberto que dava aos Judeus maior visibilidade e permitia uma defesa mais fácil.

Conseguido isto, Remez e Yarkoni conceberam nova táctica. Yarkoni começou a importunar os Árabes sem descanso. Todos os dias enviava três ou quatro patrulhas do Palmach ao sector árabe para circularem pelo labirinto de becos ou sobre os cimos dos telhados. As suas patrulhas executavam rápidos ataques inesperados, sempre em

lugares diferentes. De todas as vezes que os Árabes concentravam os seus homens num ponto, os Judeus eram informados desse facto por espias, sabendo assim exactamente que locais atacar e quais evitar. Como um pugilista ágil, as patrulhas mantinham o adversário desorientado. Mas foram as patrulhas nocturnas do Palmach que mais perturbaram os Árabes. Yarkoni vivera em Marrocos e conhecia os seus inimigos. Os Árabes são supersticiosos e têm um medo patológico da escuridão. Yarkoni soube aproveitar-se dela; as patrulhas nocturnas do Palmach disparando simples morteiros, mantinham o pânico entre a população árabe.

Remez e Yarkoni reconheciam que as suas tácticas eram consequência da sua situação desesperada. Os Judeus não tinham forças suficientes para causar real dano ao inimigo, e pelo simples número das suas tropas, posição que ocupavam e armas os Árabes começavam a esmagá-los. Soldado do Palmach ou do Haganah que se perdesse não podia ser substituído. Com a comida acontecia quase o mesmo. E a crise de munições era tal que tinham de aplicar multas a qualquer soldado do Haganah ou do Palmach que desperdiçasse uma bala.

Embora fatigados, os Judeus ainda conservavam o seu bairro intacto, e o admirável moral não vacilava. Agora, um único receptor de rádio era todo o contacto que mantinham com o mundo exterior, mas as escolas continuavam a funcionar com os horários estabelecidos, o pequeno jornal saía pontualmente e os devotos não perdiam um minuto de sinagoga. As cartas levadas pelas patrulhas eram franquias com os selos desenhados à mão e reconhecidos em toda a Palestina pelos *yishuvs*.

O cerco manteve-se durante todo Inverno e a Primavera.

Finalmente, um dia, Yarkoni encontrou-se com Sutherland e Remez para encararem as duras realidades.

Os Judeus tinham perdido cinquenta dos seus melhores combatentes, estavam reduzidos às últimas doze sacas de farinha e as munições não chegavam para cinco dias.

Yarkoni nem sequer tinha morteiros para as suas patrulhas.

Os Árabes tinham pressentido esta fraqueza e estavam a tornar-se mais ousados.

EXODUS 687

Prometi a Ari não o incomodar com os nossos problemas, mas creio que tenho de ir falar com ele a Ein Or disse Yarkoni.

Nessa mesma noite saiu furtivamente de Safed e foi ao quartel-general de Ari.

Joab fez um relatório completo sobre a situação de Safed. Concluiu dizendo:

Detesto maçar-te, Ari, mas daqui a três dias vamos ter de começar a comer ratazanas.

Ari resmungou. A atitude dos habitantes de Safed era um exemplo para todos os *yishuvs*. Mais do que uma posição estratégica, era agora um símbolo inestimável de resistência.

Se conseguíssemos salvar Safed, podíamos deitar por terra o moral árabe em toda a Galileia.

Ari, de todas as vezes que necessitamos dar um tiro, temos de discutir primeiro se ele é indispensável.

Tenho uma ideia disse Ari. Vem comigo.

Ari organizou uma patrulha nocturna de emergência para fazer entrar ao menos alguns víveres em Safed; depois levou Joab ao barracão de artilharia pesada.

Num compartimento interior mostrou ao marroquino um estranho maquinismo de ferro fundido com porcas e parafusos.

Que diabo é isto? perguntou Joab.

Joab, estás a olhar para um *Davidka*.

Um *Davidka*?

Sim... um Pequeno David, um produto do génio hebreu.

Joab coçou o queixo. Sob certos aspectos podia dizer-se que se parecia com uma arma uma espécie de arma.

Mas Joab tinha a certeza, nada de semelhante àquilo existia em qualquer parte do mundo.

Para que serve isto?

Disseram-me que dispara balas de morteiro.

Como?

Diabos me levem se sei. Ainda não experimentámos.

Recebi notícias de Jerusalém dizendo que tem sido muito eficaz.

Para os Judeus ou para os Árabes?

Joab, sabes o que vou fazer? Tenho estado a poupar esta arma para a ocasião própria. Dou-ta, leva-a para Safed.

Joab deu uma volta em redor da estranha peça de mecânica.

As coisas a que temos de recorrer para ganhar uma guerra! murmurou.

A patrulha nocturna, transportando rações de emergência para Safed, levou também o *Davidka* e 14 quilos de munições. Logo que chegou, Joab convocou os chefes do Haganah e do Palmach, e durante o resto da noite trocaram impressões sobre o funcionamento do objecto. Estavam presentes dez pessoas, com dez opiniões diferentes. Por fim, alguém se lembrou de mandar chamar o brigadeiro Sutherland. Foram ao hotel, acordaram-no e quase o arrastaram para o quartel-general. Olhou para o *Davidka* com descrença.

Só um judeu engendrava uma coisa destas concluiu.

Ouvi dizer que em Jerusalém deu muito resultado desculpou-se Joab.

Sutherland experimentou todas as alavancas, manivelas, interruptores e miras, e uma hora depois tinham descoberto um processo de fazer fogo que podia, ou não, dar resultados.

Na manhã seguinte, o *Davidka* foi transportado para uma clareira e assestado na direcção do posto de polícia ocupado pelos Árabes e de algumas casas próximas por eles usadas como postos de ataques.

As munições do *Davidka* tinham um aspecto não menos estranho do que a própria arma. Tinham o feitio de um maço, cuja cabeça era um cilindro de ferro cheio de dinamite equipado com detonadores. A espessa manivela, segundo deduziram, estava destinada a ajustar-se ao tubo do morteiro. Ao disparar, a manivela devia ser impelida com tanta força que arremessasse toda a carga desamparada de dinamite sobre o alvo. Sutherland imaginou o que seria o objecto a voar alguns metros e a explodir diante deles.

EXODUS 689

Se aquela ogiva de combater cair simplesmente da extremidade do tubo disse Sutherland , podemos perder toda a população judaica de Safed.

Então sugiro que improvisemos uma longa corda, <de maneira a podermos dispará-lo de uma distância segura disse Remez.

E como é que fazemos pontaria? perguntou Yarkoni.

Apontar esse monstro não serve de muito Façam uma pontaria aproximada e rezem para que tudo corra pelo melhor.

O chefe rabino e muitos cabalistas e suas mulheres reuniram-se em volta do *Davidka* e discutiram longamente sobre se ele lhes traria a todos o Dia de Juízo Final. Finalmente, o chefe dos rabinos proferiu bênçãos especiais sobre a arma e pediu ao Messias que se dignasse poupá-los, pois tinham sempre observado escrupulosamente as leis.

Bem, vamos acabar com isto disse Remez com pessimismo, Os Cabalistas recuaram para lugar seguro. Introduziram explosivos no tubo, levantaram uma das cápsulas e ajustaram-na ao cano O cilindro de dinamite balançou, ameaçador, na extremidade do tubo. Ataram uma longa corda ao mecanismo disparador. Abrigaram-se e tudo ficou em silêncio.

Larguem-no ordenou Yarkoni com voz trémula. Remez deu o impulso e aconteceu uma coisa estranha: o Pequeno David disparou.

A manivela saltou do tubo com um silvo, o depósito de dinamite descreveu uma curva e saltou, juntamente com a manivela, pelo monte acima. Enquanto era projectado pelo ar, tornando-se cada vez mais pequeno, sibilava assustadoramente. Embateu com umas casas árabes junto ao posto de polícia.

Sutherland ficou boquiaberto.

O bigode de Yarkoni moveu-se em várias direcções.

Os olhos de Remez esbugalharam-se.

. Os velhos cabalistas deixaram de orar o tempo suficiente para se entreolharem com surpresa.

E. - 44

690 LEON URIS

O projectil explodira como um trovão, sacudindo
A cidade nos seus alicerces. Dava a impressão de que metade da encosta devia ter ido pelos ares.

Depois de um silêncio de admiração, seguiu-se uma
onda de gritos, abraços, beijos, orações e várias outras
manifestações de júbilo.

C'os diabos!...foi tudo o que Sutherland conseguiu
dizer. C'os diabos!...

Os *palmachniks* formaram uma roda e dançaram uma
hora em volta do Pequeno David.

Vamos, vamos. Disparemos outra carga!

No quartel-general, os Árabes ouviram as manifestações
dos Judeus e sabiam a razão Só o som da bomba
em deslocação era suficiente para matar uma pessoa de
susto, sem falar na explosão. Ninguém, árabes da Palestina
ou voluntários, tinha contado com uma coisa destas;
de cada vez que o Pequeno David disparava, seguia-se
uma cena de devastação. Os Árabes tremiam de terror,
enquanto os Judeus tiravam alguma desforra dos séculos
de tormento.

Joab Yarkoni mandou um recado a Ari, dizendo que
o *Davidka* lançara a confusão entre os Árabes. Ari sentiu
que esse facto lhe oferecia uma oportunidade e decidiu-se
a uma tentativa arriscada para a aproveitar. Tirou alguns
homens de cada colónia e, com grande dificuldade, conseguiu
reunir duas companhias do Haganah. Levou-as de
noite a Safed com mais munições para o *Davidka*.

Sssss... *bum!*

O depósito de parafusos da carga da bomba devastava
a cidade. Sssss... *bum!*

No terceiro dia depois da chegada do *Davidka* a Safed,
os céus abriram-se e choveu. Então, Ari Ben Canaan fez
o maior *bluff* de uma guerra que contava o *bluff* como
parte do seu arsenal. Disse a Remez que chamasse todos
os espiões árabes para lhes fornecer informações.

Talvez não saibam, irmãos disse-lhes Ari em
árabe, que temos uma arma secreta. Não vos posso revelar
a sua natureza, mas recordo-vos aquilo que todos vocês
sabem: que chove sempre depois de uma explosão
nuclear. É preciso dizer mais?

EXODUS 691

Em minutos, os espiões espalharam o boato de que pequeno David era uma arma secreta. Uma hora depois, todas as bocas árabes de Safed repetiam a notícia aterradora:

Os Judeus têm a bomba atômica

Sssss *bum!* O Pequeno David troava, a chuvada tornara-se num dilúvio e o pânico estava lançado. Duas horas depois, as estradas de Safed estavam obstruídas com os árabes que fugiam.

Ari Ben Canaan dirigiu o Haganah num ataque em que participaram trezentos homens. A agressão foi mais espontânea do que calculada e os homens de Ari foram atirados da acrópole pelos voluntários e por um punhado de árabes excitados, tendo sofrido bastantes perdas, mas a população de Safed continuou a fugir.

Passados três dias, Safed quase não tinha população civil árabe e os voluntários tinham desertado às centenas. Nessa altura, Ari Ben Canaan, Remez e Joab Yarkoni planearam minuciosamente um ataque em três direcções e tomaram a acrópole.

As posições tinham-se invertido. Os Judeus ocupavam a zona sobre o posto de polícia árabe. Aqueles que durante décadas tinham, em turbas desenfreadas, atormentado e assassinado os Cabalistas podiam agora resistir e lutar, mas, pelo contrário, fugiam em face da ira judaica. O posto de polícia foi ocupado e Ari saiu imediatamente da cidade para cercar o grande forte Taggart do monte Canaã a mais inexpugnável das posições árabes. Quando chegou ficou surpreendido ao constatar que os Árabes tinham abandonado o forte uma posição que teria sido impossível conquistar. Com o forte em seu poder, a conquista de Safed foi completa.

A vitória de Safed teve importantes consequências. A cidade vulnerável, considerada impossível de defender, fora não somente defendida, mas conquistada pelos defensores utilizando apenas umas centenas de combatentes e uma estranha arma chamada Pequeno David.

Circulavam muitas teorias e discutia-se sobre a forma como se dera ao certo esta vitória. Até os cabalistas de Safed estavam divididos a este respeito. O rabino Haim, da Ashkenazim, ou Escola Europeia, estava absoluta

mente certo da intervenção divina profetizada por JOB:

«Quando ele estiver prestes a encher a barriga, Deus lançará sobre ele a fúria da Sua ira, e fâ-la-á chover sobre ele enquanto estiver a comer. Ele fugirá da arma de ferro

O rabino Meir, da Sefardic, ou Escola Oriental, discordava de Haim, e certo, como estava, de que a intervenção divina era descrita por Ezequiel: *«As tuas paredes tremerão com o estrondo... ele passará os teus portões, como os homens entram numa cidade em que se faça uma brecha... as tuas fortes guarnições serão derrubadas.»*

Bruce Sutherland regressou à sua vivenda no monte Canaã. Os Árabes tinham causado nela grandes estragos. Tinham espezinhado completamente o seu lindo roseiral e roubado tudo, incluindo as maçanetas das portas. Sutherland não se afligiu: tudo seria reconstruído. Acompanhado de Yarkoni e Remez, dirigiu-se ao pátio das traseiras e contemplou o vale na direcção de Safed. Beberam brande com abundância e começaram a rir.

Nem ele nem qualquer outra pessoa sabiam ainda que o pânico da população de Safed iniciara um novo e trágico capítulo: o aparecimento de refugiados árabes.

Algures na Galileia, um obsoleto bombardeiro *Liberator*, pilotado por uma tripulação de voluntários sul-africanos e americanos, procurava dois sinais luminosos azuis.

Encontraram as luzes e aterraram, tendo apenas alguns faróis a marcar o campo de aviação. O aeroplano embateu com força numa pista em construção e parou. Os motores foram rapidamente desligados.

Um enxame de pessoas rodearam o bombardeiro e esvaziaram-no da sua carga: a primeira remessa de armas modernas! Espingardas, metralhadoras, morteiros e centenas de milhares de cargas de munições, foram tirados da fuselagem da cauda e dos seus compartimentos descapotáveis.

As equipas de serviço esvaziaram o *Liberator* em poucos minutos. Carregaram uma dezena de camiões, que seguiram em várias direcções. Em vários *kibbutzim*, < jovens de Gadna estavam prontos para receber as armas

levá-las para as colónias fortificadas. O avião voltou, fez uma descolagem habilidosa e regressou à Europa a buscar novo carregamento de armas.

Na manhã seguinte, os Ingleses vieram investigar da razão de ser das queixas árabes de que um avião tinha aterrado naquela área. Não conseguiram encontrar vestígios da passagem de nenhum avião por aquele lugar e convenceram-se de que os Árabes se tinham mais uma vez deixado levar pela imaginação.

Com a chegada do quarto e quinto carregamentos de armas, os Judeus começaram a contar vitórias sucessivas, Tiberíade, no mar da Galileia, caíra em poder deles. O grande forte Taggart de Gesher fora tomado pelos Judeus, sendo repelidos os sucessivos ataques dos voluntários iraquianos.

Com a queda de Safed, os Judeus lançaram a sua primeira ofensiva coordenada, a «operação Vassoura de Ferro», para limpar a Galileia das aldeias hostis. A operação foi realizada por *jeeps* transportando metralhadoras que incendiavam as aldeias e estabeleciam o pânico entre os Árabes. Safed, vibrando um golpe no moral dos Árabes, contribuiu para que esta operação tivesse um grande valor psicológico.

Com uma série de vitórias locais atrás de si e sabendo que podia organizar uma ofensiva com grandes probabilidades de êxito, o Haganah decidiu conquistar o importante porto de Haifa.

Num ataque dirigido em quatro direcções e visando cada uma um objectivo vital dos Árabes, o Haganah varreu as encostas do monte Carmelo. As tropas muçulmanas, constituídas por árabes da Palestina e voluntários sírios, libaneses e iraquianos, constituíram uma defesa porfiada e conseguiram de início resistir. Os ingleses, que ainda dispunham da área do porto, ordenaram tréguas sucessivas para deter as ofensivas judaicas, fazendo por vezes perder Pontos estratégicos importantes e conquistados com dificuldade. Os árabes continuavam a resistir à constante pressão dos Judeus. Nessa altura, quando a luta atingia o seu auge, o comandante árabe e o seu estado-maior em peso

saíram furtivamente da cidade e puseram-se em fuga. A resistência árabe ficou desmoralizada e desagregou-se completamente. Os Ingleses tornaram a ordenar tréguas quando os Judeus invadiram o quartel-general dos Muçulmanos. Deu-se então um acontecimento fantástico. Os Árabes anunciaram inesperadamente, e para surpresa geral, que a população se retirava. Repetia-se o singular procedimento de Safed e de muitas aldeias. Era um espectáculo estranho ver populações árabes inteiras em debandada em busca da fronteira libanesa, sem que ninguém as perseguisse. Acre, uma cidade exclusivamente árabe, atulhada de refugiados, caiu em poder do Haganah após uma defesa fraca e hesitante que durou apenas três dias. A epidemia propagou-se à cidade árabe de Jafa, onde os Macabeus predominavam e lançaram um ataque que tomou este porto, o mais velho do mundo. Os árabes de Jafa fugiram. No corredor de Jerusalém, Abdul Kadar conseguiu expulsar os Judeus da importante elevação de Kastel, mas o Haganah e o Palmach regressaram nessa ocasião e, por sua vez, expulsaram os Árabes. Kadar reuniu os seus soldados para nova tentativa de assalto a Kastel, mas foi morto. A perda do seu único comandante competente foi outro duro golpe nos Árabes, desmoralizados. Principiou o mês de Maio de 1948. Os Ingleses tinham apenas mais duas semanas para completar a sua evacuação e desistir do mandato. Exércitos animados do espírito de vingança da Síria, Iémen, Líbano, Transjordânia, Egipto, Arábia Saudita e Iraque tomavam balanço para atravessar as fronteiras e esmagar os Judeus vitoriosos. Aproximava-se a hora da decisão sobre a declaração de independência.

CAPITULO VIII

Entre Novembro de 1947 e Maio de 1948, os *Yishuv* tinham feito uma exibição espectacular, conseguindo, quase de mãos vazias triunfar de desvantagens que pareciam

EXODUS 695

esmagadoras. Durante esse período, os Judeus tinham transformado o Haganah, unidade de defesa clandestina, no núcleo de um verdadeiro exército. Tinham treinado novas tropas e oficiais e organizado escolas de tática operações, abastecimentos, transportes e muitas outras coisas que transformavam a luta de guerrilhas numa tática militar organizada.

A primitiva força aérea de *Piper Cubs* incluía agora alguns *Spitfires* tripulados por judeus que tinham sido pilotos nas forças aéreas americanas, inglesa e sul-africana.

A marinha começara com desconjuntados rebocadores da imigração e dispunha agora de algumas corvetas ,e torpedeiros Desde o começo que os Judeus tinham compreendido a importância dos serviços administrativos, de informação e militares. Todos os dias ganhavam em experiência, e as suas vitórias deram-lhes confiança. Tinham-se mostrado capazes de organizar e coordenar empreendimentos em pequena escala: os comboios de abastecimento a Jerusalém, a «operação Vassoura de Ferro» e outros de interesse local era prova disso.

Tinham aceite os desafios e tinham triunfado. Contudo, sabiam que a guerra em que haviam tomado parte era uma guerra em pequena escala, contra um inimigo que não tinha um desejo muito forte de lutar. A organização e chefia dos Árabes era má e a sua vontade de participar em combates prolongados nula. A derrota árabe provava que era preciso mais alguma coisa do que *slogans* para dar a um homem a resistência e a coragem necessárias para pôr a sua vida ao serviço da comunidade.

Os carregamentos de pequenas armas trazidos pelos aviões tinha ajudado a salvar os *yishuvs*. Mas à medida que a hora da decisão se aproximava, tornava-se necessário encarar o facto iniludível de que estas armas teriam de enfrentar exércitos regulares com tanques, artilharia e forças aéreas modernas.

Os que pensavam que os países árabes não tencionavam entrar realmente em luta e que se tratava apenas de um *bluff* em breve despertaram desse sonho quando a Legião Árabe da Transjordânia, com surpreendente irres-

696 LEON URIS

ponsabilidade, infringiu todos os códigos de honra. A Legião operava na Palestina como força de polícia britânica. Esta «força de polícia britânica» começou a atacar as colónias isoladas do bloco Etzion, na estrada de Belém.

Nas quatro aldeias do bloco Etzion viviam judeus ortodoxos que decidiram ficar e combater, tal como tinham feito todas as colónias *yishuvs*. Chefiada por oficiais britânicos, a Legião Árabe da Transjordânia bombardeou impiedosamente as quatro colónias e cortou-lhes completamente o auxílio exterior.

O *kibbutz* Etzion foi o primeiro objectivo da Legião.

Uma vez ele destruído, a Legião atacou a colónia, cansada de cercos e semimorta de fome. Os judeus ortodoxos do *kibbutz* Etzion resistiram até à última munição e só então se renderam. Os aldeãos árabes que tinham seguido a Legião irromperam pelo *kibbutz* e mataram quase todos os sobreviventes. Os legionários tentaram deter a carnificina, - mas quando esta acabou apenas estavam vivos quatro judeus.

O Haganah apelou imediatamente para a Cruz Vermelha Internacional, pedindo que fiscalizasse a rendição das outras três colónias do bloco Etzion, cujas munições estavam prestes a acabar. Só esta medida impediu que também ali tivessem lugar massacres em massa.

No deserto de Negueve, próximo do mar Morto, a Legião Árabe da Transjordânia voltou a atacar. Desta vez atingiu um *kibbutz* que os Judeus tinham edificado no lugar mais baixo e quente do globo terrestre. Chamava-se Beth Ha-Arava (Casa do Deserto). No Verão a temperatura era quase 42° à sombra. Nunca nada tinha crescido naquele solo alcalino em toda a história da humanidade.

Os judeus que para lá foram lavaram-no, hectare por hectare, para o libertarem de sais, e por este laborioso processo e com a construção de condutas de represa, barragens e cisternas para conservar a água da chuva edificaram uma herdade moderna.

Com os judeus mais próximos a 160 quilómetros de distância e a contas com desvantagens intransponíveis, Bet Ha-Arava rendeu-se à Legião Árabe. Ao saírem da Casa do Deserto, os Judeus deitaram-lhe fogo com um

EXODUS 697

archote, queimando as casas e os campos conseguidos à custa de um labor desumano.

E, assim, os Árabes obtiveram finalmente as suas vitórias:

Beth Ha-Arava (Casa do Deserto) e o bloco Etzion.

Na noite de 13 de Maio de 1948, o alto-comissário britânico da Palestina partia, sem provocar agitação., de Jerusalém, a cidade das Ameias. A bandeira inglesa, aqui símbolo de um poder mal orientado, foi, para sempre, arriada.

14 de Maio de 1948.

Em Telavive, os chefes da Yishuv e dos Sionistas Internacionais reuniram-se em casa de Meier Dizengoff, o fundador e primeiro presidente da Câmara da cidade.

À porta de casa, guardas armados de espingardas *Sman-* tinham a distância a multidão ansiosa.

No Cairo, em Nova Iorque, em Jerusalém, Paris. Londres e Washington, as atenções iam para esta reunião.

«Aqui, Kol Israel (Voz de Israel)» disse lentamente o locutor do posto radiofónico. «Acabo de receber um documento respeitante ao fim do mandato britânico, que vou ler»

Calados! Calados! disse o Dr. Liebermann para as muitas crianças que se tinham reunido na sua casa.

«A Terra de Israel» começou o locutor «foi berço do povo judaico. Aqui nasceu a sua identidade espiritual, religiosa e nacional. Aqui se tornou independente e criou uma cultura de sentido nacional e universal.

Aqui escreveu a Bíblia e a deu ao mundo.»

Bruce Sutherland e Joab Yarkoni interromperam a partida de xadrez que jogavam no hotel de Remez e, juntamente com este, escutaram maravilhados.

«Exilado da Terra de Israel, o povo hebreu permaneceu-lhe fiel em todos os países pelos quais se dispersou, nunca deixando de rezar e confiar no seu regresso e na restauração da liberdade nacional.»

Em Paris, as interferências aumentaram e a voz do locutor baixou de tom. enquanto Barak Ben Canaan e os

agentes da Yishuv faziam rodar o quadrante nervosamente e batiam no receptor.

«Os Judeus lutaram através dos séculos pelo regresso à terra de seus pais e pelo restabelecimento da sua soberania. Nas últimas décadas voltaram em massa à Palestina Cultivaram terras inóspitas, fizeram reviver a sua língua, edificaram cidades e aldeias e organizaram uma comunidade que está em franco crescimento e tem vida económica e cultural própria. Procuravam paz, mas estavam dispostos a lutar. Trouxeram a todos os habitantes as bênçãos do progresso...»

Em Safed, os Cabalistas escutavam, esperando ouvir palavras que traduzissem o cumprimento de antigas profecias.

No corredor de Jerusalém, *palmachniks* da Brigada de Montanhesees, esgotados de fadiga, escutavam. As colónias isoladas do escaldante deserto de Negueve, ainda sob o cerco árabe, escutavam também.

« .. o direito foi-lhes reconhecido pela Declaração Balfour de 2 de Novembro de 1917 e reafirmado pelos termos do mandato da Sociedade das Nações, que expressamente lhe atribuiu validade internacional.. »

David Ben Ami correu ao gabinete do comandante no *kibbutz* de Ein Or. Ari levou o dedo aos lábios e apontou para o rádio

«...o recente holocausto que atingiu milhões de judeus na Europa provou novamente a necessidade...»

Sara Ben Canaan ouvia em Yad El e lembrou-se da primeira vez que vira Barak entrar em Rosh Pinna, montado num cavalo branco, com a sua grande barba vermelha flutuando sobre a túnica. ,

« ...do restabelecimento do Estado judaico, que abriria as portas a todos os judeus e atribuiria ao povo judaico uma situação de igualdade na grande família das nações . »

Dov e Karen ouviam muito quietos, de mãos dadas, na sala de jantar.

« Durante a segunda guerra mundial, o povo judaico da Palestina prestou toda a sua contribuição à luta... A 29 de Novembro de 1947, a assembleia Geral das Nações Unidas aprovou uma moção visando a criação de um Estado judaico na Palestina. . O direito do povo judaico

EXODUS 699

a constituir o seu Estado independente é inatacável. É direito natural do povo judaico viver, como todas as outras nações, uma existência independente de Estado soberano.

«Proclamamos por este meio o estabelecimento de um Estado judaico na Palestina, que será chamado Estado de Israel.»

Kitty Fremont sentiu o coração saltar. Jordana sorriu.

« O Estado de Israel estará aberto aos judeus de todos os países pelos quais se encontram dispersos; fomentará o desenvolvimento do país para benefício de todos os seus habitantes; basear-se-á nos princípios de liberdade, justiça e paz, tal como os conceberam os profetas de Israel; garantirá a plena igualdade social e política dos seus cidadãos, sem distinção de religião, raça ou sexo; assegurará a liberdade de religião, de consciência, de educação e de cultura; protegerá os lugares sagrados de todas as religiões e observará fielmente os princípios da Carta das Nações Unidas...

«...Atingidos por uma agressão arbitrária, apelamos ainda para os habitantes árabes do Estado de Israel para que defendam a paz e participem no desenvolvimento do novo Estado, na base de uma plena cidadania e do direito , de representação que lhes é assegurado em todos os corpos e instituições... ,

[«...estendemos a nossa mão, animados de espírito de paz e boa vizinhança, a todos os Estados vizinhos e seus povos, e convidamo-los a cooperar...

[«...Confiados em Deus Todo-Poderoso, assinamos a presente declaração, nesta sessão do Conselho de Estado [Provisório, que teve lugar na cidade de Telavive, na quinta véspera de Sabat do Iyar 5708, do décimo quarto dia de Maio de 1948. »

Após dois mil anos, renascera o Estado de Israel.

I Horas depois, por intermédio do Presidente Harry Truman, os Estados Unidos eram a primeira nação do mundo a reconhecer o Estado de Israel.

Enquanto as multidões dançavam a *hora* nas ruas de Telavive, bombardeiros egípcios punham-se a caminho da cidade para a destruir e exércitos do mundo árabe atravessavam as fronteiras do jovem Estado.

CAPÍTULO IX

Os exércitos árabes que violaram as fronteiras de Israel garantiam uma vitória imediata e começaram a publicar comunicados heróicos em que descreviam com realismo triunfos imaginários. Os Árabes revelaram que tinham um «plano magistral» para lançar os Judeus ao mar. Se existia um plano magistral, não havia, contudo, um comandante «mestre», pois cada país árabe tinha a sua própria opinião acerca de quem devia chefiar os exércitos e governar a Palestina. Tanto Bagdade como o Cairo reclamavam a chefia do mundo árabe e de um «Estado árabe mais vasto»; a Arábia Saudita reclamava a chefia por ser o país das cidades sagradas de Meca e Medina; a Jordânia aspirava à Palestina como parte do mandato; a Síria continuava a insistir em que a Palestina constituía a parte sul de uma província otomana. E, assim, os «unidos» Árabes atacaram.

Deserto de Negueve.

Uma força egípcia à qual faziam muito reclame partiu de Sinai, atravessou Gaza, dominada pelos Árabes, e continuou ao longo da costa. A primeira de duas colunas egípcias, apoiada por tanques, carros blindados, artilharia e aviação moderna, seguiu pela estrada marginal e linha férrea em direcção ao norte, para Telavive, capital provisória do Estado de Israel. Os egípcios estavam certos de que as colónias judaicas cairiam e de que os habitantes fugiriam diante do seu poder temível e esmagador. No primeiro *kibbutz*, Nirim, os Egípcios tentaram um assalto precipitado e foram escoraçados. Na segunda e terceira colónias que encontraram no seu caminho deparou-se-lhes a mesma resistência inflexível. Este escândalo levou o Estado-Maior egípcio a ponderar novamente a situação. Decidiram passar de largo por estes locais onde a resistência era mais tenaz e continuar a subir a costa. Todavia, corriam o perigo de prolongar demasiado as suas linhas de abastecimento e de deixar a retaguarda exposta ao ataque

EXODUS 701

destes pequenos lugares judaicos: impunha-se, portanto, que se detivessem e lutassem em certos pontos estratégicos.

A artilharia egípcia flagelou as colónias, e os aviões egípcios bombardearam-nas e destruíram-nas. Depois de recontros furiosos, os Egípcios conquistaram três colónias.

Contudo, a maioria resistiu, e eles passaram adiante.

O ponto estratégico mais importante do percurso egípcio era o *kibbutz* Negba (Porta de Négueve), situado próximo da intersecção da estrada do norte para Telavive e de uma estrada lateral que conduzia ao centro do país.

Era este um dos lugares que os Egípcios tinham de conquistar.

A menos de 1 quilómetro do *kibbutz* Negba ficava o *forte* Taggart de Suweidan (Monstro da Colina), entregue aos Árabes pelos Ingleses. Deste forte podiam reduzir a pó o *kibbutz* de Negba, que não possuía uma única arma com alcance suficiente para atingir aquele.

Os lavradores compreenderam a importância da sua posição para os invasores. Sabiam também que não eram invencíveis e o que tinham a esperar; todavia, decidiram ficar e combater. Os camiões de Suweidan arrasaram até ao último edifício, a ração de água ficou reduzida a algumas gotas por dia e os víveres não chegavam para matar a fome. Contudo, Negba continuava a resistir. Os assaltos sucediam-se e de todas as vezes os Judeus repeliram os Egípcios. Durante um ataque comandado por tanques, os Judeus tinham apenas cinco cargas de munições anti tanques, e derrubaram quatro tanques. Durante semanas, Negba resistiu aos Egípcios, recusando-se a ser conquistada.

Lutou como tinham lutado os antigos hebreus de Masada e tornou-se o primeiro símbolo de resistência do novo Estado.

A coluna egípcia da costa deixou importantes forças em Suweidan e continuou a subir o litoral. Estavam perigosamente perto de Telavive.

Em Isdud, a 20 quilómetros apenas de Telavive, os Israelitas reforçaram as suas defesas. Logo que as armas eram descarregadas nas docas, levavam-nas apressadamente para ali, juntamente com os imigrantes recém-chegados, para se oporem ao avanço da coluna egípcia.

Os Egípcios detiveram-se para se reagruparem, reabastecerem e procederem a investigações, preparando-se para o arranque final que os levaria a Telavive.

A segunda metade da força invasora egípcia dirigiu-se para o interior, para o deserto de Negueve. Enquanto avançavam, ilesos, pelas cidades árabes de Beerseba, Hébron e Belém, a Rádio Cairo e a imprensa egípcia aclamavam as suas «vitórias sucessivas».

Esta coluna estava destinada a reunir-se às restantes para a gloriosa conquista de Jerusalém, atacando do sul simultaneamente com a Legião Árabe. Todavia, os Egípcios decidiram não partilhar os seus créditos e conquistar Jerusalém sozinhos.

Reunindo-se em Belém, assaltaram Ramat Rahel (Colina de Raquel), posto avançado que defendia o lado sul da Nova Jerusalém das invasões e lugar onde Raquel chorou outrora pelos exilados filhos de Israel.

Os lavradores de Ramat Rahel resistiram ao ataque egípcio enquanto puderam; depois recuaram lentamente para Jerusalém. Nos arredores do lado sul da cidade juntaram-se-lhes reforços do Haganah. Reagruparam-se e voltaram, em tropel, ao seu *kibbutz*, donde expulsaram os Egípcios, perseguindo-os até Belém.

Jerusalém.

Quando os Ingleses partiram de Jerusalém, o Haganah apressou-se a apoderar-se das posições que aqueles tinham ocupado e a lançar ataques a outras onde estavam voluntários de Kawukji. Foi uma luta de rua por rua, em que serviam de mensageiras as crianças de Gadna e em que os ataques eram chefiados por homens vestidos com os fatos que usavam nas suas ocupações.

O segundo objectivo do Haganah era tornar um subúrbio árabe que separava os judeus do monte Scopus dos da parte nova de Jerusalém. Tendo conseguido isto, tinham de tomar uma decisão: era-lhes agora possível conquistar a parte velha da cidade. Com esta em seu poder, teriam uma frente estratégica sólida; sem a sua posse eram vulneráveis. Considerações de ordem internacional, o receio

de prejudicar os lugares sagrados e fortes pressões exteriores fizeram-nos desistir da Cidade Velha, embora dentro das suas muralhas houvesse umas dezenas de milhares de judeus devotos.

A pedido dos monges, os Judeus abandonaram o posto de vigilância que tinham na torre de uma igreja arménia dentro da Cidade Velha. Assim que os Judeus partiram, os voluntários ocuparam o lugar e recusaram-se a sair. Mesmo assim, os Judeus pensavam que os Árabes não ousariam atacar a Cidade Velha, sagrada para três religiões, e que seguiriam o seu exemplo neste lugar, sagrado entre todos.

Mas o Haganah teve de enfrentar nova deslealdade. Glubb Paxá, o comandante britânico da Legião Árabe, tinham prometido solenemente que a Legião regressaria à Transjordânia depois da evacuação inglesa. Mas quando os Ingleses partiram de Jerusalém, os legionários acorreram à cidade, violando abertamente o prometido. A Legião atacou e conseguiu reconquistar parte daquilo que o Haganah tomara anteriormente. Os Macabeus tinham sido encarregados de defender o subúrbio que ligava a Nova Jerusalém ao monte Scopus; perderam-no, isolando assim as forças de Scopus. Nesta altura, Glubb ordenou à Legião Árabe que atacasse a Cidade Velha!

Lidando com os Árabes há vários anos, os Judeus não tinham ilusões a seu respeito, mas este ataque ao mais sagrado santuário de toda a humanidade era o nadir. Nada havia a deter a Legião a não ser uns milhares de judeus ultra-ortodoxos que não levantariam um dedo em defesa própria. Os Judeus enviaram o maior número possível de tropas do Haganah para a Cidade Velha, a que se juntaram várias centenas de voluntários macabeus.

Corredor de Jerusalém,

Na estrada de Jerusalém a Telavive continuavam a dar-se os combates mais violentos de toda a guerra. Os Montanheses do Palmach tinham libertado uma dezena de elevações nos montes da Judeia. Kastel estava em seu poder e tinham assaltado e conseguido reconquistar Comb,

ba e outros pontos estratégicos que abriam a perigosa e vulnerável Bab ei Wad.

Nessa ocasião teve lugar o maior borrão da história judaica. Os Macabeus foram encarregados de ocupar a aldeia árabe de Neve Sadij. Por uma estranha e inexplicável sequência de acontecimentos, estabeleceu-se o pânico entre os soldados macabeus, que abriram fogo por forma violenta e desnecessária. Uma vez iniciada a luta nestes termos, tiveram de prosseguir. Como consequência, foram mortos mais de duzentos civis árabes. Com o massacre de Neve Sadij, os Macabeus, até ali tão úteis, tinham imposto à nova nação um estigma que levaria dezenas de anos a desaparecer.

Apesar de a Brigada dos Montanhese ter aberto a Bab ei Wad, os Ingleses facilitaram aos Árabes o bloqueio de Jerusalém, entregando à Legião o forte Taggart de Latrum. Esta fortaleza, outrora prisão política britânica honrada numa ocasião ou noutra com a presença de todos os chefes *yishuvs*, ficava exactamente numa encruzilhada e impedia a passagem pela Bab ei Wad.

Latrum tornou-se, pois, o objectivo mais importante dos Israelitas. Numa tentativa desesperada de tomar o forte, constituiu-se uma brigada especial, cujos componentes eram na sua maior parte imigrantes vindos dos campos de concentração ou de refugiados. Os oficiais também não estavam preparados para uma operação de grande envergadura.

Armada e instruída à pressa, esta brigada dirigiu-se para o corredor e tentou um ataque nocturno a Latrum, deficientemente planeado e mal executado. A bem organizada Legião Árabe repeliu-o.

A brigada tentou mais dois ataques a Latrum em noites sucessivas, com igual insucesso. Nessa altura, a Brigada dos Montanhese do Palmach pouco densa, pois tentava cobrir a longa extensão da Bab ei Wad até Jerusalém pretendeu conquistar Latrum, o que quase conseguiu. Juntara-se ao exército israelita um coronel do exército americano, Mickey Marcus, que usava o nome de código de Stone. Foi enviado para o corredor, onde a sua experiência em táctica e organização era extremamente necessária. Os seus esforços começaram a produzir frutos. Pouco

EXODUS 705

:pois tinha reorganizado os transportes e ampliado e mecanizado a cavalaria de *jeeps* que os Israelitas tinham usado na «Vassoura de Ferro». Marcus estava principalmente interessado em constituir depressa uma unidade bem treinada e bem dirigida, capaz de levar a cabo movimentos estratégicos em Latrum. Quando esse objectivo estava prestes a ser atingido, outra tragédia caiu sobre Israel: Marcus foi morto.

Jerusalém ficou isolada.

Vulc Hitleh Mar da Galileia.

O exército sírio, vindo do lado Oriental do mar da Galileia e do rio Jordão, em várias colunas comandadas por tanques e apoiadas pela aviação, invadiu a Palestina. A primeira coluna síria escolheu para objectivo as três mais velhas colónias colectivas da Palestina: o bloco que consistia em Shoshanna, terra natal de Ari Ben Canaan, Dagan A e Dagan B, onde o Jordão corria para a Galileia. Os Judeus tinham tão poucos homens naquela área que todos os dias conduziam camiões de um lado para o outro, entre Tiberíade e estas colónias, para fazer crer aos Sírios que andavam a transportar reforços e armas.

Os lavradores do bloco de Shoshanna tinham tão pouco com que lutar que enviaram uma delegação a Ari Ben Canaan. O bloco de Shoshanna estava na verdade fora do seu comando, mas eles esperavam apelar para o amor que lhe merecia a sua terra natal. Mas Ari estava a braços com Kassi em Gan Dafna e Safed e com outra coluna síria. Disse à delegação que só uma coisa podia salvá-los a coragem. Aconselhou-os a fazerem *cocktails*

Molotov e a deixarem os Sírios entrar nas aldeias. Se alguma coisa levava os Judeus a uma defesa inspirada, era ver árabes no seu solo adorado.

Os Sírios prepararam-se para tomar Dagan A em primeiro lugar. Os comandantes do Haganah ordenaram aos defensores que não fizessem fogo até os tanques que comandavam o ataque penetrarem nas casas da aldeia. Ao

E. - 45

verem os tanques sírios nos seus roseirais, os *kibbutzniks* ficaram tão enraivecidos que atiraram as suas garrafas em fogo com precisão mortífera, desventrando os tanques de comando. A infantaria síria que seguia os tanques não intimidava os lavradores. Os Sírios fugiram sob a ira dos Hebreus para não mais voltarem.

A segunda coluna síria atacou mais ao sul, nos vales do Jordão e de Beth Shean. Conseguiram conquistar Shaar Hagolan e o *kibbutz* Masada, onde corria o Yarmuk.

Quando os judeus contra-atacaram, os Sírios incendiaram as aldeias, roubaram tudo o que puderam levar e fugiram. No forte Gesher, anteriormente tomado pelo Haganah, os Judeus resistiram, bem como no resto das suas colónias do Jordão e Beth Shean.

A terceira coluna subiu o rio Jordão e entrou na área de Ari Ben Canaan, no vale Huleh. Invadiram e conquistaram Mishmar Hayarden (Posto de Guarda do Jordão).

Depois reagruparam-se para o ataque que os levaria ao centro do Huleh, onde se uniriam aos voluntários de Kawukji vindos do Líbano. Mas Yad El, Ayelet Hashahar, Kfar Stold, Dan e outras briosas colónias endureceram a sua resistência e aguentaram, suportando pacientemente um fogo de artilharia que não podiam retribuir e lutando como tigres quando os Sírios se colocavam ao alcance das carabinas. Em Ayelet Hashahar, um carabineiro conseguiu até abater um avião sírio, feito comprovado por todos os *kibbutzniks* da colónia.

Pelo caminho os Libaneses passaram pelas colónias judaicas dos montes e de Metulla. Sendo eles, na sua maioria, cristãos árabes, tinham alguns chefes que simpatizavam com o Sionismo, os quais tinham pouco desejo de combater. Entraram-na guerra principalmente por medo de represálias das outras nações árabes e para exibirem uma «frente comum». Assim que se lhes deparou a primeira resistência firme, os Libaneses pareceram evaporar-se como força combatente.

Ari conseguira impedir a concentração de forças árabes no Huleh. Logo que recebia um novo carregamento de armas, organizava rapidamente uma ofensiva. Elaborou um plano de «defesa-ataque»; aquelas colónias que não

EXODUS 707

estavam directamente sob pressão organizavam ofensivas e atacavam pontos estratégicos em vez de ficarem à espera de ser, por sua vez, atacadas. Por esse método, Ari conseguiu manter os Sírios completamente desorientados. Conseguiu transferir armas e homens para os lugares onde eram necessários e aliviar as suas dificuldades. Organizou as comunicações e transportes de tal forma que o Huleh se tornou uma das mais fortes áreas judaicas de Israel.

O único grande objectivo que lhe faltava conquistar era o Forte Ester.

Toda a invasão síria redundou em confusão. À excepção de Mishmar Hayarden e de uma ou duas pequenas vitórias, o ataque sírio foi um fiasco. Os Sírios decidiram concentrar os seus esforços num único *kibbutz*, para se compensarem das perdas sofridas. Ein Gev, na costa oriental do mar da Galileia o local das conquistas de Inverno, foi o objectivo escolhido.

Os Sírios dominavam elevadas colinas em três lados do *kibbutz*, sendo o mar o quarto lado. Ocupavam a montanha Sussita (Cavalo), onde uma antiga cidade romana deitava mesmo para o *kibbutz*. Ein Gev estava completamente isolado, sendo apenas possível o acesso de barcos pelo lago, à noite, de Tiberíade.

Os canhões sírios bombardeavam continuamente o *kibbutz* e os Judeus foram forçados a viver em subterrâneos.

Aí mantiveram escolas, um jornal e até a sua tradição na orquestra sinfónica. Todas as noites saíam dos subterrâneos e cuidavam dos campos. A resistência de Ein Gev foi apenas igualada pela defesa de Negba, no deserto de Negueve.

Todos os edifícios do *kibbutz* ficaram em ruínas. Os Sírios queimaram os campos. Os Judeus não tinham nenhuma arma com que retribuir. Foram sujeitos a provações brutais.

Após algumas semanas de bombardeamentos, os Sírios decidiram-se a atacar, descendo dos montes aos milhares. Trezentos *kibbutzniks* em idade de combater enfrentaram a vaga. Fizeram descargas bem organizadas, e atiradores especiais abateram um por um os oficiais atacantes. Os Sírios reagruparam-se por várias vezes e empurraram os

708 LEON URIS

Judeus para o mar. Mas os defensores não cederiam. Restavam-lhes doze cargas de munições quando a retaguarda do exército sírio cedeu.

Ein Gev fora defendido e com ele as pretensões israelitas sobre o mar da Galileia.

Sharon, Telavive, o «Triângulo».

Uma grande saliência de terras em Samaria, ligada pelas cidades inteiramente árabes de Jenin, Tulkarm e

Ramallah, formava o «Triângulo». Nablus, a antiga base dos voluntários de Kawukji, tornou-se a principal base do exército iraquiano. Os Iraquianos tinham feito uma tentativa malfadada para atravessarem o rio Jordão e entrarem no vale Beth Shean, mas foram totalmente derrotados, pelo que se fixaram na Samaria árabe.

Do outro lado do «Triângulo», para ocidente, ficava o vale Sharon. Era uma área vulnerável, pois os Judeus detinham somente uma estreita língua de terra ao longo da estrada Telavive-Haifa, 10 quilómetros para o interior do lado do «Triângulo» que dava para o mar. Se os Iraquianos conseguissem romper as linhas judaicas, poderiam dividir Israel ao meio.

Os Iraquianos, contudo, mostravam-se avessos à luta.

Quando os Judeus conduziram ataques mal organizados à cidade de Jenin, os oficiais iraquianos fugiram, e só o facto de as tropas estarem presas às suas posições as impediu de fugir também. A ideia de atacar o vale de

Sharon, densamente povoado, era-lhes desagradável os Iraquianos não queriam participar nesse movimento.

A própria Telavive sofreu vários ataques aéreos dos Egípcios antes da chegada do equipamento antiaéreo que lhe permitiu repelir os ataques. A imprensa árabe deu pelo menos doze notícias da destruição completa de Telavive por bombardeiros egípcios.

Os Judeus conseguiram pôr em funcionamento alguns aviões e alcançaram uma grande vitória aérea, afastando um cruzador egípcio que viera bombardear Telavive.

EXODUS 709

Galileia do Ocidente.

Passados seis meses, os voluntários ainda estavam para conquistar a primeira colónia judaica. Kawukji mudou o seu quartel-general para a área predominantemente árabe da Galileia Central, perto de Nazaré. Aqui aguardou a tal junção com as tropas sírias, libanesas e iraquianas, que nunca se deu. Na região de Nazaré havia muitos árabes cristãos que não queriam guerras e que pediram repetidamente a Kawukji que se retirasse do forte Taggart da Nazaré.

A maior parte da Galileia Ocidental fora evacuada antes da invasão dos exércitos árabes. Haifa tinha caído em poder dos Judeus e a «Vassoura de Ferro» da Brigada Hanita desembaraçara-se de muitas aldeias hostis. Com a queda de Acre, os Judeus passaram a ocupar toda a região até à fronteira do Líbano. A Galileia estava livre de inimigos, à excepção de Kawukji, no centro.

O anunciado «plano magistral» dos Árabes redundara num fiasco total. O jovem Estado judaico nascera e amortecera o primeiro embate da invasão. Pelo mundo fora os peritos militares abanaram a cabeça, incrédulos. Os Judeus tinham feito a guerra civil numa centena de frentes e noutras tinham vencido desvantagens tremendas contra tropas regulares.

As vitórias árabes podiam contar-se. O maior triunfo fora alcançado pela Legião, que continuava a defender Latrum, posição-chave para um bloqueio de Jerusalém. Os restantes exércitos árabes combinados tinham conquistado apenas algumas colónias, mas não cidades e vilas. Tinham conseguido aproximar-se o suficiente de Telavive para poderem atacar.

Chovia armamento sobre Israel e todos os dias os efectivos militares judaicos aumentavam. No dia em que os Israelitas proclamaram a sua soberania, brotaram do solo seis novas colónias, e durante toda a invasão os imigrantes foram constituindo mais comunidades. País após País reconhecia o Estado de Israel.

710 LEON URIS

Ein Gev, Negba e a centena de outras colónias que não se renderam, os *palmachniks* que lutaram durante dias sem comida e sem água, os novos imigrantes que acorriam às fileiras, o engenho em vez das armas, a coragem inata que tornava o extremo heroísmo uma coisa de todos os dias tudo isto deteve os Árabes.

Mais ainda. A inspiração divina, o destino previsto pelos antigos profetas, a herança de um povo que já anteriormente tinha lutado pela sua liberdade, a tradição do rei David, Bar Giora e Bar Kochba, a força e a fé provenientes de uma fonte invisível também isto deteve

os Árabes.

CAPÍTULO X

Barak Ben Canaan concluía várias negociações sobre armamento e missões diplomáticas na Europa. Andava doente de ansiedade e pediu que lhe permitissem regressar a Israel. Agora, passados os 80 anos, o seu ritmo de trabalho tornara-se consideravelmente mais lento, embora ele não quisesse reconhecer tal facto.

Chegou a Nápoles para tomar um barco para Israel.

Foram ter com ele israelitas que tinham quartel-general na cidade. A maior parte eram agentes da Aliyah Bet que trabalhavam na extinção dos campos de refugiados da Itália, dependente apenas da obtenção de navios. A mão-de-obra destes campos fazia grande falta a Israel. Os jovens em idade militar eram enviados para centros de instrução assim que desembarcavam; à maior parte dos restantes mandavam-nos edificar colónias para defesa da fronteira.

A chegada de Barak originou uma reunião, tendo-se trabalhado até tarde no quartel-general judaico. Depois de vários cálices de brande, todos quiseram ouvir e tornar a ouvir a descrição de Barak do «milagre de Lake Sucess» e das negociações secretas sobre armas que acabara de concluir.

EXODUS 711

Depois, a conversa derivou para a questão da guerra. Causava abatimento geral o cerco de Jerusalém, tanto mais que havia notícias de que acabara de falhar outra tentativa para conquistar Latrum. Ninguém sabia quanto tempo resistiriam ainda os cem mil civis.

Cerca das duas da manhã, a conversa voltou-se para a pequena guerra privada que os Israelitas estavam a ter em Nápoles por causa de um navio-motor italiano de 4000 toneladas chamado *Vesúvio*. Este fora fretado pelos Sírios para transportar armas para Tiro. A carga, adquirida em vários pontos da Europa, incluía dez mil espingardas, um milhão de cargas de munições, mil metralhadoras, mil morteiros e outras armas.

Um mês atrás, o *Vesúvio* estivera pronto para partir de Nápoles. Os Israelitas souberam do caso por um funcionário da alfândega italiana, e na véspera da partida mergulhadores seus nadaram, no cais, sob o navio, e colocaram-lhe minas magnéticas dos lados. As minas fizeram três lindos buracos nos costados do *Vesúvio*, mas não conseguiram provocar a explosão das munições, como se esperava.

O navio não se afundou completamente e tornou-se então o centro de um complicado jogo do gato e do rato. O coronel Fawdzi, na Síria, responsável pelo carregamento, cujo valor subia a muitos milhões de dólares, mandou içar o navio e fê-lo entrar nos estaleiros e reparar os buracos. Levou cinquenta estudantes árabes de Roma e Paris para o guardar e substituiu por árabes os doze tripulantes. Somente o capitão, o imediato e um oficial eram italianos e estavam ao serviço da companhia de navegação. Mas o capitão, que detestava o pretensioso coronel Fawdzi, concordou secretamente em auxiliar os Israelitas, desde que prometessem não voltar a causar dano ao navio. Entretanto soube-se que o *Vesúvio* estava novamente pronto para partir.

Os Israelitas não podiam deixar as armas chegar a Tiro mas como haviam de deter o navio? Tinham prometido tanto aos funcionários italianos como ao capitão não dinamitar o *Vesúvio* no porto, e uma vez no alto mar, a marinha israelita, constituída apenas por três corvetas, não conseguiria encontrá-lo.

Barak Ben Canaan estava preocupado com a situação e interessado por este problema difícil, semelhante a outros que enfrentara e resolvera tantas vezes. Concebeu mais uma vez o inconcebível. Pela manhã tinham elaborado os pormenores de outro dos seus planos fantásticos.

Dois dias depois, o *Vesúvio* saía do porto de Nápoles ao mesmo tempo que, por especial medida de precaução de FawHzi, o oficial italiano era substituído no seu serviço de rádio. Mas o contacto pela rádio não era necessário aos conspiradores: os Israelitas tiveram conhecimento do instante preciso em que o *Vesúvio* partiu. Ainda mal o navio tinha saído do porto, um cúter da alfândega italiana correu para ele, tocando a buzina.

Fawdzi, que não sabia italiano, precipitou-se para a casa do leme e quis saber do capitão o que significava aquilo.

O capitão encolheu os ombros.

Só Deus sabe.

Atenção. *Vesúvio* troou o alto-falante. Preparam-se para ser abordados!

Lançaram uma escada de corda, e vinte homens usando o uniforme dos serviços alfandegários italianos saíram do cúter e entraram rapidamente no barco. ||

Quero saber o que isto significa! gritou o coronel Fawdzi.

O chefe do grupo de abordagem, um homem gigantesco com uma grande barba vermelha e branca que tinha uma semelhança flagrante com Barak Ben Canaan, avançou e dirigiu-se em árabe a Fawdzi.

Temos informações de que um dos tripulantes colocou uma bomba de relógio num porão disse.

É impossível! gritou Fawdzi.

Soubemos casualmente que foi subornado pelos Judeus afirmou com sinceridade o chefe. Temos de sair da área do porto antes que se dê a explosão.

Fawdzi ficou embaraçado. Não tencionava ir pelos ares com o *Vesúvio* nem lhe agradava a ideia de sair do porto com este estranho grupo de «funcionários alfandegários» italianos a bordo. Por outro lado, não podia mostrar cobardia pedindo para sair do navio.

Mande alinhar a tripulação disse o homem da barba. Encontraremos o culpado, que nos dirá onde colocou a bomba.

A tripulação árabe foi reunida para ser submetida a um «interrogatório»; quando estavam a ser interrogados, o *Vesúvio* ultrapassou o limite das 3 milhas e o cúter da alfândega regressou a Nápoles. Os agentes disfarçados da Aliyah Bet sacaram então de pistolas e fecharam Fawdzi e a tripulação árabe à chave. Nesse mesmo dia, mais adiante, os Judeus deram aos tripulantes uma bússola, um mapa e um barco a remos e puseram-nos à mercê das ondas. Mantiveram o coronel Fawdzi na sua cabina. Os israelitas passaram a tripular o navio, que avançava para o alto mar.

Trinta e seis horas mais tarde, o *Vesúvio* encontrou-se com duas corvetas onde flutuavam bandeiras com um crânio e duas tíbias. As corvetas colocaram-se dos lados do navio, mudaram a carga e a tripulação e partiram apressadamente, depois de destruírem o posto de rádio. O *Vesúvio* regressou então a Nápoles.

O coronel Fawdzi escumou de raiva e exigiu investigações pormenorizadas à pirataria do alto mar. O serviço alfandegário italiano, acusado pelos Árabes de emprestar aos Judeus um cúter e uniformes, respondeu nada saber do assunto. O movimento destas embarcações estava lançado num livro para conhecimento dos interessados. A tripulação seguiu a tradição árabe de nunca reconhecer um engano e cada um dos doze tripulantes inventou uma história diferente. Outros funcionários do Governo italiano disseram que, se houvera acto de pirataria, não tinham dado por ele, pois o capitão do navio e os oficiais juravam que a tripulação árabe tinha desertado por descobrir que o porão continha explosivos.

Pouco tempo depois, uma comissão de advogados -enredava o caso de tal maneira com versões contraditórias que era impossível averiguar os factos. Em Nápoles, os Israelitas acrescentaram um toque final de confusão, ao propalarem a versão de que se tratava, na verdade, de um navio judeu roubado pelos Árabes e que Fawdzi era um espião dos Judeus.

O coronel enveredou pelo único caminho que lhe restava.

Simulou um suicídio bem preparado e desapareceu para nunca mais se ouvir falar dele aparentemente sem que ninguém o lamentasse.

Dois dias após o transbordo de armas, as corvetas, onde flutuava agora a estrela de David, levaram Barak para Israel, onde foi recebido triunfalmente.

CAPÍTULO XI

Ari Ben Canaan recebeu ordens para ir a Telavive.

O quartel-general estava instalado numa pensão em Ramat Gan. Ari ficou surpreendido ao deparar-se-lhe o edifício:

a estrela de David flutuava no alto e por toda a parte havia soldados com o uniforme do novo exército de Israel.

A polícia de segurança exigia cartões de identidade antes de permitir a entrada. À porta do quartel-general havia uma centena de *jeeps* e motocicletas e reinava um ambiente militar.

Dentro do edifício, o comutador telefónico tocava constantemente.

Ari passou pela sala de manobras, onde grandes mapas assinalavam explosões alvejando as linhas de batalha e um centro de comunicações em que os rádios contactavam com as fileiras da frente e as colónias. Enquanto

Ari olhava à sua volta, reflectia no contraste que este quartel-general fazia com o velho quartel-general ambulante do Haganah, que dispunha de uma única secretária.

Avidan, o antigo chefe do Haganah, tinha cedido o seu lugar aos jovens comandantes de aproximadamente 30 anos que tinham tido experiência como oficiais britânicos ou eram veteranos, como Ari, em longos anos de lutas com os Árabes. Avidan agia agora na qualidade de oficial de ligação entre o exército e o governo provisório, e, apesar de não ter um cargo oficial, era ainda um homem influente em política geral, como «comandante emérito».

EXODUS 715

Acolheu Ari afectuosamente. Era difícil a Ari saber se Avidan estava fatigado ou se acabara de acordar, se estava mal-humorado ou bem disposto, porque Avidan tinha sempre a mesma expressão solene. Quando entraram no gabinete, ordenou que não os interrompessem nem com chamadas telefónicas nem por outra forma.

É uma loja de modas que vocês aqui têm disse Ari.

Não há parecenças nenhuma com as instalações antigas concordou Avidan. Eu próprio tenho dificuldade em acreditar. Há muitas manhãs que venho à espera de que os Ingleses nos assaltem isto e nos atirem a todos para a prisão de Acre.

Ninguém contava que te aposentasses.

Dirigir este exército e uma guerra em grande escala é bom para os jovens. Na minha idade só devo discutir *política*.

Como vai a guerra?

Jerusalém... Latrum. É esse o nosso problema. Não poderemos aguentar muito mais tempo na Cidade Velha. Só Deus sabe durante quanto tempo poderão defender-se se não os ajudarmos depressa. Enfim .. Deste boa conta de ti no teu distrito.

Tivemos sorte.

Safed não foi questão de sorte, nem esse excelente caso das crianças de Gan Dafna. Não sejas modesto, Ari. Também temos crianças cercadas, em Ben Shemen... Os Iraquianos não se atrevem a meter-se com elas. Ari, o Kawukji ainda está na Galileia Central... queremos livrar-nos desse velhaco. Foi por isso que te pedi que viesses cá. Quero ampliar o teu comando e que te encarregues da operação. Dentro de umas semanas devemos poder enviar-te um batalhão e algumas armas novas.

Como achas que se deva agir?

Penso que se tomarmos Nazaré estamos senhores da situação. Teremos toda a Galileia, todas as estradas de oriente a ocidente.

E as aldeias árabes da região?

Como sabes, são na sua maioria cristãos. Já fomos procurados por algumas delegações. Pediram a Kawukji

716 LEON URIS

que se vá embora; em qualquer caso, não estão interessadas em lutar.

Ótimo.

Antes de prosseguirmos com esta operação, queremos que garantas completamente a tua área, Ari.

Conquistando o Forte Ester? perguntou Ari.

Avidan abanou a cabeça afirmativamente.

Preciso de artilharia para tomar o Forte Ester, já te escrevi a dizer isso. Pelo menos, três ou quatro *Davidkas*.

Porque é que não pedes ouro?

Ouve, há duas aldeias na fronteira que impedem as tentativas de aproximação do Forte Ester. Não posso conquistar a fortaleza sem algumas peças de longo alcance.

Está bem, vou mandar-tas.

Avidan levantou-se abruptamente e começou a passear pela sala. Atrás dele havia um grande mapa com as zonas de combate. Ari achara estranho que Avidan o tivesse chamado a Telavive. Pressentira que havia mais qualquer coisa além de uma nova operação e sentiu que Avidan ia entrar no assunto.

Ari disse lentamente o robusto e calvo hebreu, há duas semanas recebeste ordens para conquistar Abu Yesha.

Foi então por isso que me chamaste?

Pensei que seria melhor falarmos ambos sobre esse assunto antes que ande aí aos pontapés, como uma bola de futebol, no Estado-Maior.

Enviei-te um relatório dizendo que não achava que Abu Yesha representasse uma ameaça para nós.

Nós pensamos doutro modo.

Como comandante da área, creio que estou mais habilitado a julgar.

Não penses nisso. Abu Yesha serve de base a Mohammed Kassi. É ponto de entrada dos voluntários e obstrói o caminho para Gan Dafna.

Ari endireitou-se e desviou o olhar.

Conhecemo-nos há tempo demasiado para que haja equívocos, Ari.

EXODUS 717

Ari ficou um momento calado.

Conheço a gente de Abu Yesha desde que comecei a andar e a falar disse. Festejámos casamentos em conjunto. Fomos a funerais juntos. Edificámos as casas deles e deram-nos terreno para fazer Gan Dafna.

Sei tudo isso, Ari. Muitas das nossas colónias têm de enfrentar o mesmo problema. Mas acontece que estamos a combater pelas nossas vidas. Não convidámos os exércitos árabes a invadirem o nosso território.

Mas eu conheço-os gritou Ari ; não são inimigos.

São lavradores simples e honestos, que não querem outra coisa na vida senão que os deixem em paz.

Ari! disse Avidan asperamente. Algumas aldeias árabes tiveram a coragem de resistir a Kawukji e aos exércitos árabes. O povo de Abu Yesha tomou a sua Decisão. Estás a enganar-te a ti próprio dizendo que eles não são hostis. Têm de ser...

Vai para o Diabo! disse Ari, levantando-se para sair.

Não te vás embora disse Avidan, calmamente.

Não te vás embora, por favor. O alto lavrador parecia agora efectivamente cansado; os ombros estavam descaídos.

Já pedimos um milhar de vezes aos árabes da Palestina que não participem nesta luta. Ninguém quer tirá-los das suas casas. Deixámos em paz as aldeias que se nos mostraram fiéis. Mas não podemos fazer o mesmo às outras. São usadas como arsenais, campos de treino e bases de ataque aos nossos comboios, matando à fome as nossas colónias. Cem mil civis morrem presentemente de fome em Jerusalém por causa deles. Discutimos isto durante semanas. A alternativa é matar ou morrer.

Ari dirigiu-se para a janela e acendeu um cigarro.

Olhou através dela, taciturno. Avidan tinha razão, e ele sabia-o. As colónias judaicas não tinham a mesma possibilidade de escolha dos Árabes. Os Judeus só podiam resistir e morrer... lutar até à última bala e serem mortos.

Eu podia facilmente enviar outro homem para o teu comando para tomar Abu Yesha, mas não quero fazê-lo. Se te sentes moralmente incapaz de levar isso a cabo, dou-te oportunidade de pedires uma transferência.

718 LEON URIS

Para onde? Para outra Abu Yesha com um nome diferente?

Antes de dares uma resposta, ouve isto... Conheço-te desde pequeno. Começaste a ser guerreiro aos 15 anos. Não temos muitos homens do teu calibre. Em todos estes anos nunca soube que desobedecesses a uma ordem.

Ari voltou-se. O seu rosto denotava preocupação, tristeza e resignação. Deixou-se cair numa cadeira.

Farei o que é preciso murmurou.

Decide-te sobre as operações disse Avidan em voz baixa.

Ari sacudiu a cabeça e caminhou para a porta.

A propósito, tu agora és o coronel Ben Canaan.

Ari teve um pequeno riso sarcástico.

Lamento, acredita que lamento disse Avidan.

O coronel Ari Ben Canaan, um oficial e o seu ajudante, os maiores Ben Ami e Joab Yarkoni, delinearam a «operação Purim» para conquista do Forte Ester e eliminação de Abu Yesha como base árabe. Tratava-se da defesa definitiva do vale Huleh.

A artilharia prometida por Avidan nunca chegou, mas na realidade Ari não contava com ela. Trouxe de Safed o fiel e Pequeno David e reuniu cinquenta cargas de munições.

O ataque frontal de Gan Dafna ao Forte Ester sem a artilharia estava excluído. Kassi ainda tinha uns quatrocentos homens na área e armas pesadas no Forte Ester e era detentor de uma excelente posição estratégica. Ari também sabia que os soldados de Kassi dariam melhor conta de si travando uma batalha defensiva dentro da barricada de betão.

Ari tinha três aldeias árabes com que se preocupar.

Abu Yesha era a primeira e ficava na estrada para o Forte Ester. No cimo das montanhas da fronteira libanesa, duas aldeias ladeavam a entrada para o Forte Ester. Kassi tinha homens em ambas. Ari planeou a sua batalha de forma a chegar às traseiras do Forte Ester, mas para o fazer tinha de passar pelas duas aldeias.

EXODUS 719

O ataque ao forte foi planeado com a utilização de três colunas. Ari saiu com a primeira unidade. Ao escurecer começaram a subir a encosta por caminhos de cabras na direcção da fronteira libanesa, com o *Davidka* e suas munições. O objectivo era chegarem até junto da primeira aldeia da montanha. Seria um percurso árduo e perigoso; tinham de dar curvas e andar muito mais do que pela estrada para poderem chegar às traseiras sem dar nas vistas. Tinha de contar com a montanha, a escuridão e o peso do morteiro e munições. Trinta e cinco homens e quinze raparigas transportavam uma carga de munições cada. Outros cinquenta homens serviam de cobertura. Apesar de a perna ainda lhe doer, Ari fez a sua coluna subir a montanha numa marcha forçada. Tinha de chegar de dia ao seu destino, caso contrário toda a operação se malograria.

Chegaram ao topo da montanha às quatro da manhã, exaustos, mas não estavam em altura de repousar. Continuaram a caminhada, num passo intoleravelmente rápido para o seu estado de cansaço, em direcção à primeira aldeia. Contornaram-na, de longe, e encontraram-se com uma patrulha de beduínos amigos que estavam a vigiá-la. Estes informaram Ari de que a área estava desimpedida. Ari levou as suas tropas para as ruínas de um pequeno castelo dos Cruzados que ficava a 2 quilómetros da aldeia. Ao amanhecer abrigaram-se e cederam à fadiga que os invadia. Estiveram escondidos todo o dia com os beduínos de guarda.

Na noite seguinte, as outras duas colunas saíram do quartel-general de Ein Or. O major David Ben Ami conduziu os seus homens na subida da montanha, pelo caminho de Gan Dafna. Chegaram à aldeia durante o dia e esconderam-se nas matas.

A outra coluna, comandada pelo major Joab Yarkoni, fez os mesmos desvios de Ari, dando largas curvas por caminhos de cabras. Estes homens podiam mover-se mais depressa porque não suportavam o peso do *Davidka* e das munições, mas a distância a percorrer era maior, pois tinham de passar pela primeira aldeia onde Ari estava escondido e depois pelo Forte Ester, aproximando-se final-

720 LEON URIS

, mente da segunda aldeia. Os beduínos foram ao encontro da coluna de Yarkoni no topo da montanha e conduziram-nos a salvo para o seu objectivo.

No segundo dia, ao cair da noite, Ari enviou o chefe beduíno à aldeia próxima com um ultimato para que se rendessem. Entretanto, partiu com os seus homens da fortaleza dos Cruzados e rastejou até junto da aldeia. O *mukhtar* e uns oitenta soldados de Kassi pensaram que se

tratava de um *bluff* e que os Judeus não podiam ter subido as montanhas e estar atrás deles sem que tivessem dado por isso. O beduíno voltou, dizendo que a aldeia não se convencia, pelo que Ari mandou disparar duas cargas do *Davidka*.

Duas dezenas de cabanas de lama saltaram em pedaços.

Os Árabes acreditaram então. À segunda descarga, os oficiais organizaram a debandada através da fronteira libanesa, hasteando uma quantidade de bandeiras brancas. Ari agiu rapidamente: mandou uma pequena parte da sua coluna guardar esta primeira aldeia e encaminhou-se a toda a pressa para a segunda, onde Yarkoni já começara o ataque.

Vinte minutos após a chegada de Ari, seguiram-se três descargas do *Davidka* e a aldeia caiu, fugindo para o Líbano outra centena de soldados de Kassi. O assustador Pequeno David mais uma vez cumprira a sua missão de aterrorizar e exterminar. As duas aldeias tinham-se rendido tão depressa que o Forte Ester nem dera por isso. Supuseram que o som distante das bombas e do tiroteio do *Davidka* partisse dos seus soldados, que disparassem por prazer.

Ao alvorecer do terceiro dia, David Ben Ami e a sua coluna saíram do esconderijo em Gan Dafna e prepararam uma emboscada às portas de Abu Yesha, onde Kassi tinha outros cem homens. Enquanto os soldados de Ben Ami impediam que Abu Yesha recebesse reforços, as forças de Ari e Yarkoni dirigiram-se para as traseiras do Forte Ester. Quando o Pequeno David abriu fogo, Kassi tinha apenas cem homens no forte os outros estavam no Líbano ou em Abu Yesha. As cargas de dinamite assobiavam, rebentavam no ar e explodiam de encontro ao fortim de betão

EXODUS 721

ininterruptamente. Cada carga se aproximava mais do alvo o portão de ferro das traseiras. Por volta da vigésima carga, o portão saltou dos gonzos e as cinco cargas seguintes caíram no pátio do forte.

Ari Ben Canaan avançou com a primeira onda de atacantes, rastejando pelo chão, sob o fogo das metralhadoras e as explosões intermitentes do *Davidka*.

Os danos causados ao Forte Ester eram, na verdade, superficiais, mas o ruído e a inesperada velocidade do ataque eram mais do que Kassi e os seus dúbios guerreiros podiam suportar. Defenderam-se debilmente, esperando a chegada de mais forças. Os únicos reforços que havia saíram de Abu Yesha e foram direitos à cilada de David Ben Ami. Kassi viu tudo pelo seu binóculo. Compreendeu que tinha sido apanhado. Os Judeus estavam no portão das traseiras. No Forte Ester foi içada a bandeira branca da rendição.

Yarkoni entrou com vinte homens na fortaleza, desarmou os Árabes e mandou-os passear para o Líbano. Kassi, agora absolutamente submisso, e três dos seus oficiais foram levados sob prisão, enquanto a estrela de David flutuava no forte. Ari levou os restantes soldados pela estrada abaixo, para o ponto onde David preparara a emboscada. Estavam prontos para a fase final, que acabaria com Abu Yesha como base árabe.

O povo de Abu Yesha tinha visto e ouvido o combate. Sabiam, sem sombra de dúvida, que a sua aldeia vinha a seguir. Ari enviou uma equipa para negociar tréguas: os que restavam tinham vinte minutos para evacuar a aldeia ou sofrer as consequências. Do ponto elevado onde se encontrava, viu muitos dos seus amigos de infância arrastando-se para fora de Abu Yesha, em direcção às colinas do Líbano. Ari sentiu uma profunda dor ao vê-los partir.

Passou meia hora; depois uma hora.

Seria melhor começarmos disse-lhe David.

Eu... eu quero ter a certeza de que já todos saíram.

Há meia hora que não sai ninguém, Ari. Já saíram todos os que quiseram fazê-lo.

E. - 46

722 LEON URIS

Ari voltou-se e afastou-se das suas tropas. David seguiu-o.

Eu comando disse David.

Está bem murmurou Ari.

Ari ficou sozinho na encosta, enquanto David comandava os soldados na descida para a selada do monte onde Abu Yesha se aninhava. Empalideceu quando ouviu os primeiros sons da metralha. David espalhou os soldados ao aproximarem-se da aldeia. Ouviu-se o ruído de descargas de metralhadoras e de armas portáteis. Os Judeus deitaram-se e rastejaram, avançando um pelotão de cada vez.

Dentro de Abu Yesha, cem árabes comandados por Taha, tinham resolvido opor uma resistência decidida.

A luta pela aldeia constituía uma situação rara nesta guerra, pois eram os Judeus que dispunham de maior número de homens e de armas. Um desmoralizador fogo de barragem, que partia de armas automáticas, foi seguido por uma chuva de granadas sobre as posições dianteiras dos Árabes. Deitaram-lhes abaixo a primeira metralhadora, e, com o recuo dos defensores, os Judeus conseguiram a sua primeira base dentro da cidade.

David Ben Ami comandava a batalha, enviando patrulhas para todas as ruas, casa por casa, para eliminar núcleos de resistência. A luta era vagarosa e sangrenta: estas eram casas de pedra, e não de lama, e em que aqueles que tinham decidido ficar combatiam corpo a corpo.

O dia ia chegando ao fim. Ari Ben Canaan não se movera do seu lugar na encosta da montanha. Chegava-lhe aos ouvidos o som constante da metralha, as explosões das granadas e até os gritos dos homens.

Os árabes de Abu Yesha recuavam de posição em posição sob um ataque inflexível que não lhes permitia qualquer coordenação entre grupos ou indivíduos. Finalmente, todos os que restavam foram empurrados para uma rua num extremo da cidade. Tinham sido mortos mais de setenta e cinco árabes, que lutaram até ao fim, numa defesa que foi a mais dramática que eles mantiveram em toda a Palestina. Foi uma luta trágica, que nem Judeus nem Árabes desejavam.

Os últimos oito homens foram arrastados para o der-

EXODUS 723

radeiro reduto, a bela casa de pedra do *muktar*, que ficava junto ao rio, no outro lado da mesquita. David mandou o *Davidka* entrar em acção: a casa voou em pedaços. Os últimos oito homens, incluindo Taha, foram mortos.

Era quase escuro quando David Ben Ami subiu a estrada ao encontro de Ari. Estava exausto da batalha.

Acabou-se disse David.

Ari olhou para ele com os olhos vidrados, mas não disse nada.

Eram quase cem. Morreram todos. Nós perdemos... catorze rapazes e três raparigas. Há mais feridos em Gan Dafna.

Ari não parecia ouvi-lo. Começou a descer o monte em direcção à aldeia.

Que vai ser dos campos deles? murmurou Ari.

Que será deles... para onde irão?...

David agarrou Ari pelo braço.

Não vás lá, Ari.

Ari olhou para o pequeno mar de telhados. Estava tudo tão calmo...

A casa junto ao rio está...?

Não disse David. Tenta lembrar-te dela como era.

Que será deles? disse Ari. São meus amigos.

Estamos à espera da ordem, Ari.

Ari olhou para David, pestanejou e abanou a cabeça lentamente.

Então tenho eu de dá-la disse David.

Não murmurou Ari. Eu dou-a. Olhou para a aldeia pela última vez. Destruam Abu Yesha ordenou.

CAPÍTULO XII

David dormia nos braços de Jordana. Ela mantinha a cabeça dele encostada ao seu peito. Não conseguia dormir.

Tinha os olhos muito abertos, fitando a escuridão.

Ari tinha-a autorizado a sair de Gan Dafna para que os dois pudessem ir juntos a Telavive passar um fim de
724 LEON URIS

semana sozinhos. Passado o dia seguinte, só Deus sabia daí a quanto tempo voltaria a vê-lo, se é que voltava. O coração de Jordana dissera-lhe sempre que David se ofereceria para tal missão. Desde o início do cerco que ele sofria por causa de Jerusalém. Sempre que olhava para

os olhos dele via-lhe o mesmo olhar distante de tristeza e dor.

David mexeu-se enquanto dormia. Jordana beijou-lhe a testa suavemente, passou-lhe os dedos pelo cabelo, e ele sorriu no seu sono, aquietando-se mais uma vez.

Não ficava bem a uma *sabra* dizer ao seu namorado que estava doente de angústia por causa dele. Tinha o dever de sorrir, encorajá-lo e ocultar o receio que lhe ia no coração. Sentia-se fraca devido à apreensão, apertava-o de encontro ao seu corpo e queria abraçá-lo a noite inteira. Tudo começara no dia em que votaram a partilha.

No dia seguinte, o Comité Árabe Superior ordenou uma greve geral que redundou no bárbaro incêndio e saque do centro comercial judaico de Jerusalém. Enquanto as turbas árabes praticavam actos desvairados, as tropas britânicas limitavam-se a assistir.

O cerco da cidade principiou quase a seguir, quando Abdul Kadar se serviu das aldeias árabes ao longo da estrada para bloquear os comboios de camiões judaicos com víveres que vinham de Telavive. Enquanto no corredor de Jerusalém se travavam lutas titânicas por posições estratégicas dominantes, pelo Kastel e outras aldeias, os judeus de Jerusalém estavam gelados, famintos e sequiosos e sob o canhoneio directo de Kawukji e Kadar. Enquanto os Montanheses do Palmach lutavam para manterem aberta a estrada, os *yishuvs* organizavam comboios que iam abrindo caminho vagarosamente ao longo da Bab ei Wad; os montes da Judeia vieram a estar juncados com os destroços destes comboios.

Dentro da cidade, o combate começou com bombardeamentos e emboscadas e transformou-se numa verdadeira guerra. O Haganah varreu a zona entre o Hotel do Rei David e a muralha da Cidade Velha, onde estavam reunidos os voluntários; aos destroços chamavam «Bevin-

EXODUS 725

grad». O comandante do Haganah em Jerusalém estava sobrecarregado de problemas, além das simples questões militares, pois via-se a contas com uma numerosa população civil que tinha de ser alimentada e protegida.

A sua acção era ainda prejudicada pelo facto de uma grande parte da população judeus ultra-ortodoxos e fanáticos não só se recusar a combater, mas estorvar as tentativas de protecção do Haganah. No antigo Israel, o

comandante de Jerusalém tinha sido martirizado com os mesmos problemas. No cerco contra os Romanos, a queda de Jerusalém foi acelerada por uma cisão dos Zelotas, que levou a um massacre de 600 judeus. Nessa ocasião, os Hebreus resistiram aos Romanos durante três anos era pouco provável que o pudessem fazer novamente.

Além do problema dos ultra-ortodoxos e fanáticos que se recusavam a combater, também os Macabeus cooperavam apenas parcialmente, conduzindo muitas vezes uma guerra privada. Quando chegavam a auxiliar realmente o Haganah, não o faziam com zelo especial. A Brigada dos Montanhesez do Palmach, nos montes da Judeia, estava espalhada por uma zona demasiado vasta e sobrecarregada de tarefas e mostrava relutância em receber ordens do comandante do Haganah em Jerusalém. Isto contribuía para agravar uma situação desesperada, que o comandante do Palmach não podia resolver com justiça.

A bela Jerusalém ficou com cicatrizes da batalha e manchada de sangue. Os Egípcios atacaram do sul, dispararam sobre a cidade e bombardearam-na. A Legião Árabe utilizou as muralhas sagradas da Cidade Velha como paliçada.

O número de- mortos e feridos atingiu os milhares.

Mais uma vez, rara coragem e engenho constituíram a base da defesa dos Judeus. E mais uma vez o morteiro *Davidka* fez o grosso do trabalho. Transportavam-no de uns lugares para os outros para que os Árabes pensassem que havia muitos.

Às portas de Jerusalém, quando a Legião Árabe tomou a fortaleza de Latrum, prometeram manter em funcionamento a estação de embarque, de forma que a população civil tivesse que beber. Em vez disso, os Árabes dinamitaram a estação e cortaram o fornecimento de água. Sa-

726 LEON URIS

bia-se que havia sob Jerusalém cisternas com dois e três mil anos de existência. Os Judeus localizaram-nas, destaparam-nas e verificaram que, como que por milagre, ainda continham água. Até à construção de canalizações de emergência, foram estas antigas cisternas que impediram os Judeus de morrerem de sede.

Os dias transformaram-se em semanas e as semanas em meses e Jerusalém continuava a resistir. Cada lar se tornou num campo de batalha. Homens, mulheres e crianças preparavam-se diariamente para a luta com um espírito de desafio que não podia ser vencido.

O coração de David Ben Ami sofria por Jerusalém.

A ideia do cerco estava presente no seu espírito de dia e de noite. Abriu os olhos.

Porque é que não dormes? perguntou a Jordana.

Tenho muito tempo para dormir quando estiver longe de ti respondeu ela.

David beijou-a e disse-lhe que a amava.

Oh, David... meu David.

Queria implorar-lhe que não se oferecesse para esta missão. Apetecia-lhe chorar e dizer-lhe que se lhe acontecesse alguma coisa ela não resistiria. Mas conteve-se, sabendo que era esse o seu dever. Um dos seis irmãos dele morrera no *kibbutz* Nirim lutando com os Egípcios e outro estava à morte por ferimentos recebidos quando fazia parte de um comboio que levava víveres para a cidade cercada de Negba, no deserto de Negueve. Nahum, o irmão de David membro dos Macabeus, decidira ir para a Cidade Velha.

David ouvia o rápido pulsar do coração de Jordana.

David, ama-me... ama-me implorou ela.

Na Cidade Velha de Jerusalém, as turbas árabes juntaram-se à Legião para destruir várias sinagogas e lugares santos e pilhar e saquear as casas judaicas que se tinham rendido.

Os devotos e os soldados do Haganah e os Macabeus foram sendo empurrados cada vez mais, até que ficaram

EXODUS 729

a dispor de dois edifícios, um dos quais a Sinagoga de Hurva. Dentro de dias seriam todos eliminados.

Jordana foi acordada pela luz do dia. Espreguiçou-se com satisfação, porque o seu corpo estava saciado de amor.

Estendeu a mão à procura de David. Ele não estava.

Abriu os olhos, alarmada, e então viu-o de pé junto de si. Pela primeira vez, David estava vestido com o uniforme do exército de Israel. Ela sorriu e tornou a deitar-se sobre as almofadas; ele ajoelhou-se ao lado dela e tocou-lhe no cabelo, uma mancha escarlate em desalinho.

Estou a olhar para ti há uma hora. És muito bonita quando dormes disse David.

Ela estendeu-lhe os braços, puxou-o para si e beijou-o.

Shalom, major Ben Ami murmurou Jordana ao ouvido dele, beijando-o docemente.

Querida, é tarde. Tenho de ir disse ele.

Visto-me imediatamente acrescentou ela.

Porque é que não hei-de ir já, sozinho? Acho que é melhor.

Jordana sentiu o coração parar. Durante uma fracção de segundo quis agarrá-lo, depois ocultou rapidamente a sua perturbação e sorriu.

Está bem, querido assentiu.

Jordana... Jordana... amo-te.

Shalom, David. Vai depressa... por favor.

Voltou o rosto para a parede e sentiu o beijo que ele lhe dava na cara; depois ouviu-o fechar a porta.

David... David... murmurou. Volta para mim, por favor.

Ari dirigiu-se com o major Ben Ami ao andar que Ben Zion, comandante das operações, ocupava perto do quartel-general. Ben Zion, um general de 31 anos, nascera também em Jerusalém. O seu ajudante, o major Alterman, estava presente quando eles chegaram.

Cumprimentaram-se e o general lamentou a morte do irmão de David em Nirim.

O Avidan disse-nos que tinham uma ideia interessante disse Alterman.

Sim respondeu David lentamente. Desde que

foi votada a partilha, o «lamento dos cativos» tem-me obcecado dia e noite: *«Se eu te esquecer, ó Jerusalém»* Ben Zion acenou com a cabeça partilhava dos sentimentos de David por Jerusalém. Tinha lá a mulher os filhos e os pais.

David continuou.

Dominamos razoavelmente a estrada até Latrum. Para diante, na Bab ei Wad, o Palmach eliminou a maior parte dos postos árabes dos montes.

Todos sabemos que Latrum é o nosso maior obstáculo disse Avidan com secura.

Ouçam-no até ao fim interveio Ben Zion.

Tenho estado a pensar... Eu conheço a região em volta de Latrum como os meus dedos. Há quase seis meses que ando a rever mentalmente, polegada por polegada, aquela região. Estou absolutamente certo de que podemos flanquear Latrum.

Durante um momento houve um silêncio de surpresa.

Que queres dizer ao certo? perguntou Ben Zion.

Se se desenhar um arco em volta de Latrum, de estrada a estrada, são 16 quilómetros.

Mas estes 16 quilómetros são simplesmente uma linha no mapa. Não há estrada. Esses montes são agrestes e intransitáveis.

Há uma estrada disse David.

David, de que diabo estás tu a falar? perguntou Avidan.

Em certa parte do caminho há uma velha estrada romana. Tem dois mil anos e está cheia de mato, terra escorregadia e fendas, mas existe. a estrada segue o leito seco de um rio numa extensão de cerca de 8 quilómetros. É tão certo como estarmos agora aqui que se pode seguir por essa estrada.

David caminhou para o mapa da parede e desenhou um semicírculo em redor de Latrum, ligando as estradas.

Avidan e Ben Zion entreolharam-se por algum tempo.

Alterman parecia céptico. Avidan, que já ouvira alguns dos planos a Ari Ben Canaan, estava indeciso.

David disse Avidan friamente, suponhamos que consegues encontrar essa tal estrada e também que con-

Cegues descobrir um caminho de cabras pelo leito do rio; e depois? Ainda falta muito, mas mesmo muito, para levantar o cerco de Jerusalém.

O que eu proponho disse David sem hesitar é que construamos outra estrada por cima da estrada romana e eliminemos a necessidade de conquistar Latrum, dando a volta.

Oh, David disse Zion. Segundo o itinerário que traçaste no mapa, teríamos de construir esta estrada mesmo nas barbas da Legião Árabe de Latrum.

Exactamente disse David. Não precisamos de muito mais do que um carreiro o suficiente para lá caber um camião. Josué fez o Sol parar em Latrum. Talvez nós possamos fazer parar as noites. Sei que se uma unidade construir a estrada a partir de Jerusalém e outra a partir de Telavive e trabalharmos sossegadamente à noite, num mês podemos acabar a passagem. No que respeita à Legião Árabe, sabes muito bem que o Glubb não será capaz de fazê-la sair de Latrum para combater. Ele está a mantê-la em lugares afastados do perigo de batalha em campo descoberto. Não podemos fiar-nos nisso disse Alterman.

Pode defender a estrada.

Se o Glubb não receasse meter a Legião numa batalha, porque é que não atacava do «Triângulo», tentando cortar Israel ao meio?

Era uma pergunta à qual ninguém podia responder.

Apenas podia presumir-se que David tinha razão. A opinião do Estado-Maior era que Glubb tinha as suas forças muito dispersas e que não queria lutar para além das áreas de Jerusalém, do corredor e de Latrum. Além disso, os Israelitas acolheriam de bom grado a oportunidade de defrontar a Legião em campo descoberto.

Ben Zion e Avidan sentaram-se calmamente, meditando na proposta de David.

Que queres então? disse Ben Zion por fim.

Dêem-me um *jeep* e uma noite para ir lá.

Avidan estava preocupado. Nos primeiros tempos do Haganah sofria sempre que contavam uma morte era como perder um filho ou uma filha. Numa comunidade

730 LEON URIS

pequena e unida como a velha Yishuv, cada perda era uma tragédia pessoal. Agora, com a guerra, os Judeus tinham mortes aos milhares, o que para um pequeno país eram números alarmantes. A maioria deles constituíam o escol dos jovens, dos homens e mulheres de Israel. Nenhuma nação, independentemente das dimensões do seu território, podia privar-se de David Ben Ami, pensava Avidan. A tarefa de que David queria incumbir-se parecia-lhe suicida. Talvez David pensasse que conhecia um caminho

para Jerusalém apenas por querer acreditar na sua existência.

Um *jeep* e vinte e quatro horas... rogou David.

Avidan olhou para Ben Zion. Alterman abanou a cabeça: o que David queria fazer era impossível. O cerco de Jerusalém pesava sobre todos os corações, era o sopro de vida, o bater do coração do Judaísmo, mas... Ben Zion pensava se não fora loucura tentar defender a cidade desde o princípio.

Os pais de David já tinham sofrido bastante, pensava Avidan. Um filho morto, outro ferido e um terceiro comandando o pelotão suicida dos Macabeus, dentro das muralhas da Cidade Velha...

David olhou de uns para os outros, nervosamente.

Têm de dar-me uma oportunidade gritou.

Bateram à porta. Alterman recebeu um comunicado e entregou-o a Ben Zion. O comandante das operações empalideceu.

Passou o papel a Avidan. Nenhum deles se lembrava de ter visto Avidan perder a serenidade, mas agora a mão tremia-lhe enquanto lia e os olhos encheram-se-lhe de lágrimas.

A sua voz era trémula.

A Cidade Velha acaba de render-se.

Não pode ser! gritou Alterman.

David afundou-se numa cadeira.

Ben Zion cerrou os punhos e rangeu os dentes.

Sem Jerusalém não há nação judaica gritou. Voltou-se para David Vai a Jerusalém, David... vai!

Quando Moisés conduzia as tribos de Israel para as costas do mar Vermelho, chamou por um homem que ti-

EXODUS 731

vesse tal fé no poder divino que fosse o primeiro a saltar para o mar. Nahason se chamava o homem que se apresentou.

«Nahason» tornou-se o nome em cifra da aventura de David Ben Ami.

Ao escurecer, David deixou a cidade de Rehovot, a sul de Telavive, e partiu para a Judeia. No sopé da montanha próximo de Latrum, saiu da estrada e meteu-se pelo mato, em direcção aos montes rochosos cortados a pique, aos desfiladeiros e rios secos. David Ben Ami ia impelido por uma obsessão, mas o seu entusiasmo era temperado pela noção que tinha da gravidade da sua missão e controlado por um enorme conhecimento da terra que o rodeava.

O *jeep* torceu-se, embateu num obstáculo e revoltou-se contra a tortura que nenhuma máquina estava preparada para enfrentar. Em 1.^a velocidade com redutor, David conduzia lentamente e com cautela, enquanto se aproximava de Latrum. Corria o grande perigo de se encontrar com uma patrulha da Legião.

Os olhos e os instintos tornaram-se-lhe agudos ao ver o forte a distância, Fez o veículo descer lentamente por uma perigosa encosta, em busca da estrada romana enterrada sob séculos de escombros. Seguiu os contornos da lama e rochas trazidas pela água e na junção de dois rios secos deteve-se e escavou algumas rochas. As suas dimensões e textura asseguravam-no de que a estrada era ali.

Uma vez descoberta a direcção geral do caminho seguido pelas legiões romanas, era-lhe possível mover-se ao longo dele mais rapidamente.

David Ben Ami descreveu um círculo em roda de Latrum, atirando o veículo para a frente sem piedade. Muitas vezes desligou o motor e, num silêncio gelado, pôs-se à escuta de um som inimigo imaginário. Arrastou-se inúmeras vezes pelo chão, às escuras, para apalpar o caminho através dos secos e rochosos vaus. Esses 16 quilómetros eram os mais longos que David conhecera até então. A noite passou demasiado depressa, aumentando assim o risco de ser visto por uma patrulha árabe.

Ao alvorecer, Ben Zion e Avidan estavam ensonados por uma noite de espera e de apreensão. Sabiam agora

732 LEON URIS

como era insensata a tentativa de David e intimamente sentiam que nunca mais voltariam a vê-lo.

O telefone tocou. Avidan levantou o auscultador.

É da sala do código disse ele. Acabam de receber uma mensagem de Jerusalém.

Qual é?

1358.

Correram para a Bíblia. Ben Zion soltou um longo suspiro de alívio ao ler: «Isaías: 35, 8; *E estará lá uma estrada... nenhum leão lá estará, nem nenhum animal feroz lá irá depois... mas os redimidos irão lá...*»

Nahason chegara a Jerusalém! David Ben Ami encontrara um desvio de Latrum. Ainda existia uma possibilidade de salvar Jerusalém.

Milhares de voluntários de Jerusalém tiveram de jurar segredo. Saíram em massa da cidade para abrir uma estrada pelo mato, pelo caminho que David encontrara.

David regressou a Telavive, onde um segundo corpo de voluntários trabalhavam na extremidade oposta para estabelecer a ligação com o trabalho realizado pela gente de Jerusalém.

As duas unidades escondiam-se de dia e trabalhavam de noite, mesmo sob os olhos da Legião Árabe de Latrum. Labutavam num silêncio febril, transportando a braço sacas de entulho. Por leitos de rios secos e desfiladeiros, ao longo da antiga estrada romana, as duas unidades avançavam uma para a outra. David Ben Ami pediu transferência permanente para Jerusalém e obteve-a.

Jordana andava sob uma tensão nervosa constante desde que deixara David, em Telavive. Regressara a Gan Dafna, onde havia imenso trabalho a fazer para reconstruir a aldeia. A maior parte dos edifícios foram atingidos pelo fogo da artilharia. As crianças mais pequenas, que tinham sido evacuadas, estavam agora de regresso. A casa de Kitty não sofrera sérios estragos; por isso, Jordana mudou-se para lá, ficando a viver com ela e Karen. As duas mulheres eram agora grandes amigas. Jordana podia confiar a Kitty coisas que não contava aos outros com receio de mostrar fraqueza.

Kitty via bem o estado em que Jordana se encontrava

EXODUS 733

depois do seu regresso de Telavive, embora ela o tentasse ocultar sob uma máscara de agressividade. Uma noite, duas semanas depois de se ter separado de David, Jordana sentou-se com Kitty na sala de jantar a comer uma refeição ligeira e a beber chá. De repente, enquanto escutava Kitty empalideceu, levantou-se e saiu da sala a correr Kitty seguiu-a e chegou junto dela precisamente quando, desfalecida, ia cair no chão, Kitty agarrou-a e amparou-a, ajudando-a a encaminhar-se para o escritório. Estendeu a

na cama e obrigou-a a beber um pouco de brande. Passaram dez minutos até Jordana dar pleno acordo de si. Sentou-se na cama, tonta. Kitty fê-la tornar a deitar-se. Quando se sentiu melhor, Jordana abanou a cabeça, surpreendida.

Que foi? perguntou Kitty.

Não sei. Nunca me aconteceu uma coisa assim. Estava a ouvi-la falar e de repente deixei de a ver e de a ouvir, escureceu tudo à minha volta e tive um arrepio. Continue...

Eu... ouvi o David gritar... Foi horrível.

Ouçã. Tem estado sob tamanha tensão que está capaz de explodir. Quero que repouse durante uns dias. Vá para Yad El, para junto de sua mãe...

Jordana pôs-se de pé num salto.

Não! disse.

Sente-se! gritou Kitty.

Que idiotice. Tenho estado a portar-me vergonhosamente.

Tem estado a portar-se de uma maneira muito normal.

Não se poria nesse estado se tivesse uma válvula de escape e chorasse um pouco de vez em quando e não tentasse reter tudo isso dentro de si.

O David ficava muito aborrecido comigo se soubesse que eu estava assim.

Cale-se, Jordana. Diabos levem o seu orgulho de *sabra*! Vou dar-lhe um sedativo e quero que vá já para a cama.

Não! disse Jordana, e saiu do quarto a correr.

Kitty teve um suspiro de resignação. Que fazer quando uma rapariga pensa que o menor sinal de emoção é inter-

734 LEON URIS

pretado como fraqueza? Os anos de tensão e luta tinham dado aos *sabras* uma camada de pele mais forte. Tinham um orgulho feroz para além das raías da compreensão. Três dias após o incidente, Kitty entrou uma noite em casa, depois de mandar Karen ter com Dov. Jordana estava a trabalhar em relatórios. Kitty sentou-se à secretária. Jordana ergueu os olhos e sorriu, depois ficou séria ao ver a expressão daquela. Kitty tirou-lhe a caneta da mão. Por momentos, nenhuma delas falou.

O David morreu disse Jordana.

Sim.

Como foi? perguntou Jordana numa voz monocórdica e que não traduzia emoção.

O Ari acaba de telefonar. > Não sabem pormenores.

Parece que ele organizou um grupo de *palmachniks*, macabeus e soldados do Haganah. Não estava autorizado...

Diz-se que o David tinha estado a olhar para as muralhas da velha Jerusalém e não conseguiu dominar-se. Atacaram, tentando reconquistar a Cidade Velha. Conquistaram o monte Sião...

Continue disse Jordana.

Não era possível. Foi uma missão suicida.

Jordana não se moveu, nem sequer pestanejou.

Que posso eu fazer? Que posso eu dizer? exclamou Kitty.

A rapariga levantou-se e ergueu o queixo.

Não se preocupe comigo disse com voz clara.

Se Jordana Ben Canaan chorou por David, nunca ninguém lhe viu as lágrimas. Desapareceu com a sua dor para as ruínas de Abu Yesha. Durante quatro dias e quatro noites esteve sentada sem se mover, sem comer nem beber. Depois regressou a Gan Dafna. Como Ari fizera com a sua namorada, Jordana nunca mais mencionou o nome de David.

Uma noite, um mês depois de David Ben Ami ter encontrado o caminho para Jerusalém a «Estrada de Burma», completaram o desvio de Latrum. Passou por

EXODUS 735

ele um comboio *de* víveres, e o cerco de Jerusalém acabou para sempre.

Até àquele momento ninguém soubera ao certo se Israel subsistiria. No instante mágico em que os trabalhadores de Jerusalém apertaram as mãos aos de Telavive, os Judeus ganharam a sua Guerra da Libertação.

CAPÍTULO XIII

Tinham passado muitos meses de lutas cruéis e sangrentas, mas a abertura da «Estrada de Burma» levou aos Judeus auxílio espiritual numa ocasião em que ele era extremamente necessário.

Depois de os Judeus terem posto fim à primeira invasão dos exércitos árabes, o Conselho de Segurança das Nações Unidas pôde declarar um armistício temporário. Ambos os lados o acolheram de bom grado. Era evidente que os Árabes tinham de substituir os seus comandos e reorganizar-se. Tinham ficado mal colocados aos olhos do mundo por não terem conseguido dominar o país. Os Israelitas queriam tempo para receber mais armas e aumentar as suas forças.

O Governo Provisório não dominava completamente a situação, pois a cooperação do Palmach, dos ultra-ortodoxos e dos Macabeus era ainda parcial. O Palmach deixou de ser uma força de escol e juntou-se em massa ao exército de Israel quando se viu expulso das frentes de combate por não aceitar as ordens do comando central. Também os Macabeus constituíram batalhões especiais adentro do exército israelita, mas insistiram em conservar os seus oficiais próprios. Quanto aos fanáticos, nada podia mudar a sua atitude inflexível; interpretando a Bíblia à letra, continuavam a aguardar a vinda do Messias. Precisamente quando a unificação destes elementos parecia querer tornar-se uma realidade, surgiu um acontecimento trágico que afastaria para sempre os Macabeus.

Os seus simpatizantes na América tinham comprado grande quantidade de armas de que necessitavam e um avião de transporte chamado *Akiva*.

Além das armas, tinham várias centenas de voluntários prontos para se reunirem aos batalhões especiais de macabeus.

Na situação de tréguas, nenhuma das partes devia rearmar-se nem reforçar qualquer posição. Contudo, nem Árabes nem Judeus tomaram em consideração a recomendação das Nações Unidas. Ambos os contendores prosseguiram secretamente no envio de armas e homens de um lado para o outro.

A existência do *Akiva* tornou-se conhecida dos judeus da Europa. O Governo Provisório pediu que o *Akiva* e o seu armamento lhe fossem entregues: Israel era agora uma nação, conduzindo uma única guerra, argumentava o Governo, e, no fim de contas, os batalhões macabeus faziam parte do exército de Israel. Os Macabeus puseram objecções: queriam manter a sua identidade e diziam que as armas tinham sido adquiridas para uso dos seus membros.

O Governo levantou a questão da violação do armistício.

Se o Governo Provisório tratasse do caso do *Akiva*, as probabilidades de fazer entrar secretamente as armas eram cem por cento maiores do que se os Macabeus fizessem a tentativa sozinhos. Estes opuseram-se, alegando que não tinham de reconhecer a ordem de trégua por não estarem dependentes de um comando central. Assim se foi agravando a disputa, com o Governo Provisório afirmando que só podia haver uma autoridade central e os Macabeus sustentando o contrário.

O *Akiva* partiu da Europa com o seu primeiro carregamento de armas e voluntários. O Governo, que tão necessitado estava de armamento e de soldados, foi forçado a ordenar aos Macabeus que fizessem regressar o avião sem aterrar. Estes ficaram furiosos com esta ordem. Quando o *Akiva*, desobedecendo às instruções, chegou à Palestina, o aeródromo estava cheio de membros do Governo, macabeus e observadores das Nações Unidas. O Governo avisou pela última vez o avião de que devia regressar à Europa. O *Akiva* recusou-se. O Governo Pró-

EXODUS 737

visório mandou aviões de combate levantar voo e o *Akiva* foi abatido.

Estava desencadeada a luta entre o exército e os Macabeus

Estes, furiosos, retiraram os batalhões que tinham no exército Ambos os lados vociferavam acusações e contra-acusações, até que os motivos que levaram ao «incidente do *Akiva*» ficaram submersos num caos de insultos e acusações. Nas fileiras dos Macabeus o azedume era permanente.

O incidente teve como consequência uma última limpeza dos ares. Durante o tempo do mandato britânico, os Macabeus, que constantemente espicaçavam os Ingleses, tinham sido um factor a influir na retirada destes. Quando eles partiram, as tácticas terroristas perderam a sua utilidade e os Macabeus mostraram-se incapazes de aceitar a disciplina que um exército de campanha requeria.

O seu valor como força combatente sofria assim sérias restrições. A sua grande vitória fora em Jafa, cidade em que o moral estava abatido. Noutros lugares tinham falhado e o seu massacre na aldeia de Neve Sadij constituía a única grande mancha dos Judeus. Os Macabeus eram activistas com grande coragem individual, mas, pela sua própria índole, rebelavam-se contra a autoridade. Depois do incidente do *Akiva* continuaram a ser um grupo político agressivo e provocador cuja doutrina básica era que a força resolvia todos os problemas.

Durante um mês prosseguiram as conversações com ambos os lados. O conde Bernadotte e o seu ajudante americano, Ralph Bunche, ao serviço das Nações Unidas; não conseguiam que eles fizessem as pazes. Não podiam alterar num mês um estado de coisas que levava mais de três décadas a gerar-se. Kawukji, na Galileia Central, violara repentinamente o armistício, agora eram os Egípcios que faltavam à sua palavra, recomeçando a luta antes de terminado o período de tréguas.

Foi um grande erro, que provocaria nova campanha israelita. Se os peritos militares mundiais tinham ficado surpreendidos com a capacidade dos Judeus para resistirem à invasão, ficaram estupefactos quando viram o exército de Israel tomar a ofensiva.

E. 47

738 LEON URIS

A nova fase da guerra abriu com os bombardeamentos do Cairo, Damasco e Amman pelas forças aéreas de Israel como aviso aos Árabes para deixarem de atacar Telavive e Jerusalém. Estes não voltaram a bombardear do ar as cidades judaicas. As corvetas de Israel bombardearam Tiro no Líbano, um dos portos-chaves para entrada de armas! No *kibbutz* de Ein Gev, junto do mar da Galileia, os lavradores que tinham estado cercados durante meses, e que haviam repellido um ataque das forças sírias, retribuía agora o feito. Numa ousada manobra nocturna, subiram à montanha Sussita e expulsaram de lá os Sírios. Na Galileia Central, Ari Ben Canaan perseguiu Kawukji e atacou Nazaré. Fazendo as suas tropas combater até ao limite da sua resistência e usando inteligentemente as armas de que dispunha, infligiu aos voluntários uma derrota absoluta. O lugar-tenente do mufti foi vencido em toda a linha e perdeu Nazaré. A queda desta cidade determinou a rendição das aldeias hostis da Galileia Central; Kawukji bateu em retirada para a fronteira do Líbano. Os Israelitas ficaram senhores de toda a Galileia e de todas as suas estradas.

No Bah ei Wad e no corredor de Jerusalém, a Brigada de Montanhesees começou a avançar para sul, na direcção de Belém.

No deserto de Negueve, os Israelitas mantinham a situação em ponto morto. Outrora, Sansão deitara fogo às caudas de um milhar de raposas e soltara-as nos campos dos Filisteus. Agora, velozes *jeeps* armados de metralhadoras, chamados «Raposas de Sansão», atacaram implacavelmente as linhas de abastecimento egípcias e as aldeias árabes. O terrível cerco do *kibbutz* de Negba foi levantado.

Foi no vale de Sharon, fronteiro ao «Triângulo», que os Israelitas obtiveram o seu mais espectacular êxito. Tirando o maior partido das unidades em *jeeps*, comandadas pela antiga brigada Hanita do Palmach, os Judeus asfaltaram Lida e Ramle, cidades árabes que estorvavam o uso da estrada para Jerusalém. Conquistaram o aeródromo de Lida, o maior campo da Palestina, e entraram depois no «Triângulo» de Samaria, para prepararem uma

EXODUS 739

manobra que cercaria Latrum No caminho passaram por forças iraquianas e levantaram o cerco de outra aldeia de crianças, Bei» Shemen. Precisamente quando o cerco de Latrum estava quase concluído, os Árabes, em uníssono, gritaram por novas tréguas.

As vitórias israelitas tinham sido todas alcançadas em dez dias.

Enquanto Bernadotte e Bunche conduziam as conversações do segundo armistício, o mundo árabe estava agitado.

Abdula, da Transjordânia, entrou em negociações secretas com o Governo Provisório e concordou em conservar a Legião inactiva. Isto permitia aos Judeus dar toda a atenção aos Egípcios. Em troca, os Israelitas concordaram em não atacar a Cidade Velha nem o «Triângulo» de Samaria, dominado pela Legião.

Mais uma vez o bandoleiro Kawukji quebrou o armistício, atacando do Líbano. Quando expiraram as segundas tréguas, a «operação Hirão» assim denominada em memória do rei libanês da Bíblia desfez em pó, de uma vez para sempre os sonhos de Kawukji e do mufti. O exército israelita acorreu à fronteira libanesa, perseguindo os voluntários em debandada. As aldeias libanesas exibiam numerosas bandeiras brancas de rendição. Expulso Kawukji, os Judeus voltaram às suas fronteiras, embora pouco houvesse que os impelisse de irem direitos a Beirute e a Damasco.

Com a Galileia limpa, o Sharon em sossego e a promessa de Abdula de não atacar as posições da Jordânia, o exército concentrou todas as suas atenções nos Egípcios. Entretanto, o mundo Árabe metia os pés pelas mãos para explicar por forma satisfatória a série de êxitos de Israel. Abdula culpou publicamente o Iraque do malogro árabe, pois não tinha atacado o «Triângulo» de forma a cortar os Judeus ao meio e, além disso, comportara-se de modo a tornar ridículos os Muçulmanos. O Iraque, que sonhava chefiar uma grande nação árabe, segundo o seu plano do «Fértil Crescente», deitara as culpas à excessiva extensão das suas linhas de abastecimento. Os Sírios foram os que fizeram maior alarido, acusando os Americanos e

o imperialismo ocidental. Os Árabes Sauditas, que combateram no exército egípcio, acusaram quase toda a gente, todos os países árabes, cada um por sua vez. Os Egípcios acusaram a Transjordânia de se vender, devido ao -acordo de Abdula com os Judeus. Contudo, um dos mais espetaculares subprodutos da Guerra da Libertação foi a maneira como a imprensa e a rádio egípcias transformaram as derrotas nacionais em vitórias. Para o público egípcio, eram as suas tropas que estavam a ganhar a guerra.

Os Libaneses e os Iemenitas não diziam nada: para começar, não estavam sequer muito interessados na luta.

O mito da unidade árabe desfez-se quando os Judeus continuaram a infligir derrotas às forças árabes unidas.

Os beijos de antigamente, os apertos de mão e os votos de fraternidade eterna transformaram-se em combates à faca, ataques verbais e, por fim, homicídios políticos.

Abdula veio a ser assassinado por fanáticos muçulmanos quando vinha de rezar na Mesquita de Ornar, na Cidade Velha. Faruque foi expulso do Egipto por uma *clique* de militaristas que liam pela cartilha de uma *Mein Kempf* árabe. A intriga e o assassinio, velhos métodos árabes, alastravam.

No deserto de Negueve, o exército de Israel, agora equilibrado e coordenado, acabou com a guerra. Suweidan, o Monstro da Colina, que atormentava o *kibbutz* de Negba, rendeu-se. Foi em Suweidan que os Egípcios se mostraram mais corajosos.

O núcleo egípcio de Fajula, que estivera sob cerco judaico, foi mais tarde evacuado em consequência do armistício.

Um dos oficiais egípcios era um jovem capitão que mais tarde viria a ter um papel importante na queda de Faruque. Chamava-se Gamal Abdel Nasser.

O orgulho da marinha egípcia, o cruzador *Faruque*, para obter vantagens estratégicas, tentou bombardear uma posição judaica algumas horas antes de ser declarado um dos armistícios. Foi afundado por lanchas israelitas cheias de dinamite que foram lançadas à água e atiradas de encontro ao cruzador.

Beerseba os Sete Poços, a cidade do Pai Abraão caiu, no Outono de 1948, em consequência de um ataque

EXODUS 741

israelita feito de surpresa. Os Egípcios tinham aberto profundas trincheiras e as suas defesas pareciam impenetráveis.

Mais uma vez, os Judeus recorreram ao seu profundo conhecimento da terra: encontraram um caminho nabateu, com milhares de anos, que lhes permitiu cercar as defesas egípcias e atacar da retaguarda.

A partir de então foi a debandada. O exército de Israel perseguiu os Egípcios em fuga. Passaram pela área de Gaza e entraram no Sinai.

«O Senhor misturou entre eles um espírito de perversidade; e desde então eles fizeram o Egipto extraviar-se em todas as actividades como um ébrio que cambaleia sobre o seu vômito. Tão-pouco haverá para o Egipto qualquer trabalho que cabeça ou cauda, rama de palma ou junco possa fazer. Os Egípcios serão como mulheres: e tremerão e recearão o gesto da Mão de Deus dos Exércitos, que se agitará sobre eles.»

As profecias de Isaías tinham-se realizado!

No canal de Suez, os Ingleses alarmaram-se com a derrota egípcia e a possibilidade de Israel se aproximar do canal. Exigiram que os Judeus se detivessem; de contrário, defrontar-se-iam com o exército britânico. Como aviso, os Ingleses fizeram *Spitfires* de combate levantar voo e disparar sobre os Israelitas. Parecia de certo modo adequado que os últimos tiros da Guerra da Libertação fossem contra os Ingleses. A força aérea israelita abateu três aviões britânicos de combate. Depois, Israel cedeu à pressão internacional, deixando fugir os Egípcios. O combalido exército árabe reagrupou-se e com fantástica audácia marchou sobre o Cairo e preparou uma «parada da vitória».

A Guerra da Libertação tornara-se histórica!

Durante meses tinham-se arrastado as conversações sobre o armistício; durante séculos discutir-se-ia a forma como tudo se passara. Os peritos não sabiam que pensar, e o mesmo acontecia com as pessoas de espírito positivo. O povo árabe da Palestina aceitara havia muito o ré-

gresso dos Judeus, estando disposto a viver em paz e a beneficiar do progresso que lhe adviera após mil anos de estagnação. Esta gente não queria simplesmente combater e nunca o fizera. Tinham sido traídos por chefes que eram os primeiros a fugir quando surgia o perigo. A sua coragem era uma mera exaltação colectiva. Tinham a cabeça cheia de frases de propaganda que não compreendiam e em que ainda menos acreditavam. Tinham sido sujeitos a argumentações racistas e fora-lhes incutido o receio de um «sionismo» militante que nunca existira. Os dirigentes árabes tinham explorado a sua ignorância para os seus próprios fins.

Alguns árabes e seus exércitos combateram com bravura, mas não a maior parte. Tinham-lhes prometido vitórias fáceis, pilhagem, violação; tinham-se amparado uns aos outros, iludidos com uma pretensa unidade rática. Era evidente que a «causa» não era tão importante que valesse a pena derramar sangue por ela.

Sobre a prontidão dos Judeus em morrerem por Israel nunca surgiram dúvidas. Por fim, ficaram só eles em campo, tendo conquistado pelo sangue e pela coragem o que lhes fora legalmente atribuído pela consciência do mundo.

E, assim, a estrela de David, arriada durante dois mil anos, passou a flutuar de Elath a Metulla, para nunca mais tombar.

A Guerra de Libertação trouxe consigo um dos dilemas mais discutidos e espinhosos do século o problema dos refugiados árabes. Da Palestina, mais de meio milhão deles tinham fugido de suas casas para os Estados muçulmanos vizinhos. As conversações sobre o destino a dar a essas pessoas afundaram-se no meio de uma argumentação furiosa, acusações, confusão, nacionalismo e incriminações. A questão complicou-se de tal forma que se tornou num caso político de sensação.

Barak Ben Canaan foi mais uma vez chamado a servir o seu país. O Governo de Israel pediu-lhe um estudo completo desta situação, aparentemente insolúvel. Ele procedeu a investigações cuidadosas e as suas conclusões ocuparam centenas de páginas. Num pequeno resumo, Barak

EXODUS 743

lançou a luz sobre o que parecia um problema sem solução.

Resumo da situação dos refugiados árabes

O acontecimento subsequente à Guerra da Libertação mais discutido tem sido o problema dos refugiados árabes da Palestina. Tornou-se a arma política mais poderosa do arsenal árabe.

Os Árabes têm descrito minuciosamente a situação destas vítimas da guerra e têm-se esmerado em fazer dos campos de refugiados modelos que demonstrem ao mundo a crueldade dos Judeus. E não há dúvida de que os que visitam esses infelizes se impressionam com o seu estado.

Os Árabes pretendem que o mundo acredite que os seus refugiados da Palestina são um caso único. Nada está mais longe da verdade. Todas as guerras em que os homens se empenharam têm criado refugiados e pessoas sem lar. Actualmente, na Europa e na Ásia, cinco anos após a segunda guerra mundial, o número de refugiados excede a dezena de milhões. É esta a natureza da guerra. Tivessem os dirigentes árabes obedecido à decisão do mais alto tribunal internacional e cumprido a lei, e não teria surgido o problema dos seus refugiados. Os refugiados são uma consequência directa da guerra de agressão levada a pelos Árabes para aniquilar o povo de Israel.

Foram os próprios Árabes que criaram o problema dos refugiados da Palestina. Após o voto de partilha de Novembro de 1947, os yishuvs pediram aos árabes da Palestina que se mantivessem calmos, amistosos, e que respeitassem os inatacáveis direitos legais do povo judaico.

A despeito de uma agressão arbitraria, o Estado de Israel, na sua Declaração de Independência, estendeu a mão com amizade aos seus vizinhos árabes, isto no próprio momento em que as suas fronteiras estavam a ser violadas.

744 LEON URIS

A intenção declarada de exterminar o povo hebreu e de aniquilar por completo o Estado de Israel foi a resposta árabe.

Inexplicavelmente, a maior parte dos árabes da Palestina fugiram antes mesmo da invasão. Jafa Haifa e a Galileia forneceram o maior contingente de refugiados quando a luta era ainda relativamente pouco importante. A principal causa desta atitude foi o medo de que os árabes da Palestina estavam possuídos. Durante dezenas de anos, os dirigentes racistas tinham incutido no seu espírito a ideia de assassínios em massa, aproveitando-se da ignorância, da superstição e do fanatismo dos feias. Estes dirigentes nunca se importaram com os feias, mas apenas com as suas ambições pessoais.

Traíram sempre o seu povo. Cego receio e ignorância provocaram a primeira fuga dos Árabes.

Era este receio justificado pelos factos? Não! Num único lugar, em Neve Sadij, se deu um imperdoável massacre de inocentes. Nos outros casos, os árabes que permaneceram na Palestina não foram de forma alguma molestados. Nenhuma aldeia árabe que manteve a neutralidade sofreu o menor dano por parte dos Israelitas. Pelo que respeita a Neve Sadij, podíamos acrescentar que este exemplo único de excessos por parte dos Judeus na fase mais acesa da guerra, note-se fica a perder de vista se comparado com os massacres dirigidos pelos Árabes num período superior a três décadas de paz nominal.

A segunda causa da situação dos refugiados foi o facto, absolutamente comprovado, de os dirigentes árabes quererem por razões políticas e militares que a população civil deixasse a Palestina. Os generais árabes planeavam a aniquilação do povo hebreu e não queriam a presença de uma vasta população civil que obstruísse a sua liberdade de movimentos.

Os políticos pretendiam provar a desumanidade dos Judeus, apontando para os refugiados

EXODUS 745

“Árabes arrancados» aos seus lares. Finalmente, a própria luta contribuiu para que surgissem refugiados.

As poucas aldeias árabes que combateram contra o Estado de Israel foram atacadas e os seus naturais expulsos delas. Não há que apresentar desculpas por este facto.

Existem provas de que após as vitórias dos seus compatriotas, com o fim de saquear o Estado de Israel, foi prometido aos Árabes o regresso aos seus lares. Mas ninguém pode pôr em dúvida a hostilidade, daqueles para com Israel desde a guerra. Bloquearam o canal de Suez com violação de um acordo internacional, boicotaram o comércio, fizeram chantagem com firmas estrangeiras, atacaram as colónias da fronteira e ameaçaram repetidamente regressar para nova tentativa de destruição de Israel. À luz destes factos, seria inconcebível que Israel pudesse sequer pensar em permitir novamente a fixação de uma minoria hostil, empenhada em destruir o seu Estado. Chegamos agora ao mais horrível de todos os factos respeitantes aos refugiados árabes: as nações árabes não os querem. Estão enjaulados como animais, para servirem de arma política. Em Gaza, para citar um exemplo, as estradas estão minadas e vigiadas para impedir estes refugiados de chegarem ao Egipto.

As Nações Unidas criaram um fundo de duzentos milhões de dólares para nova fixação à terra dos refugiados da Palestina. Nos sete milhões de milhas quadradas do mundo árabe existe muita terra fértil e despovoada: o vale do Tigre-Eufrates, por exemplo, tem terra inexplorada da mais rica que existe no mundo. Está habitado por uma mão-cheia de beduínos. Só este sector pode conter não apenas o meio milhão de refugiados, mas ainda outros dez milhões.

Ainda não foi despendido nem um cêntimo da verba destinada à nova colonização.

Por outro lado, Israel, uma terra árida, cujas

746 LEON URIS

*7 mil milhas quadradas são meio desérticas, já
recebeu mais de meio milhão de refugiados judeus
vindos de países árabes e está pronto a receber
outros tantos.*

*Os Árabes afirmam que os próprios refugiados
da Palestina não querem ser objecto de nova colonização,
mas sim que lhes sejam restituídas as suas
herdades na Palestina. Isto é um absurdo. Os
Árabes choraram lágrimas de crocodilo por causa
do grande amor destes pobres feias pelos seus perdidos
lares.*

*O facto é que os feias da Palestina foram vítimas
de homens que os usaram como instrumento,
os abandonaram e estão novamente a sacrificá-los.
Encarcerados e alimentados a ódio, estão a ser utilizados
para manter em ebulição o ódio dos Árabes
a Israel.*

*Se os árabes da Palestina amassem a sua terra,
não teriam sido arrancados a ela muito menos
teriam fugido sem verdadeiro motivo. Os Árabes
tinham poucos incentivos para viver, menos ainda
para lutar. A reacção de um homem que ama a
sua terra não é esta.*

*Um homem que ama a sua terra, como os Árabes
sustentam, defende-a e morre por ela.
Os Árabes dizem ao mundo que o Estado de
Israel tem ideias expansionistas. É oportuno perguntar
como pode uma nação de menos de um
milhão de habitantes expandir-se contra cinquenta
milhões.*

*O povo árabe necessita de uma era de paz.
O povo árabe necessita de chefia não de
xeques do deserto que possuem milhares de escravos,
não de fanáticos religiosos cheios de ódio.
não de cliques militares nem de homens de mentalidade
medieval. O povo árabe necessita de dirigentes
que lhe dêem liberdades civis, educação,
medicina, reformas agrárias, igualdade.
Necessita de chefes com coragem para enfrentar
os problemas reais da ignorância, do analfabe-*

EXODUS 747

*tismo e da doença em vez de chefes que pregam
um ultra nacionalismo bombástico e que lançam
a ideia nociva de que a destruição de Israel
lhe trará o remédio para todos os problemas.
Infelizmente, quando surge um dirigente árabe
esclarecido é geralmente assassinado. Os Árabes
não querem uma nova fixação dos refugiados, nem
a melhoria da sua situação, nem querem paz.
Israel é presentemente o principal instrumento
para arrancar o povo árabe à Idade Média.
quando os Árabes tiverem chefes dispostos
a apertar a mão que lhes é estendida com amizade
começarão a resolver os problemas que os têm
mantido numa situação moral e física precária*
BARAK BEN CANAAN

LIVRO QUINTO COM ASAS COMO AS ÁGUIAS

*Uma voz grita no deserto: preparai
o caminho do Senhor, fazei no deserto
uma estrada para o nosso Deus.
Os que esperam no Senhor renovarão
as suas forças, subirão com asas
como as águias.*
ISAÍAS

CAPÍTULO I

*Nome, Alasca,
fins de 1948.*

Toda a reserva de aviões da Companhia de Aviação do Círculo Ártico consistia em três aeronaves militares de transporte adquiridas a crédito por Stretch Thompsom.

Stretch servira no Alasca durante a guerra. Ganhara fama de jovem de inteligência fértil e imaginação ilimitada quando se tratava de encontrar maneira de não trabalhar. No Alasca, as noites eram longas e davam a Stretch Thompsom muito tempo para pensar. Grande parte empregava-o ele em descobrir riquezas ainda inexploradas da região e maneiras de evitar trabalhar a sério. Quanto mais longas se tornavam as noites, mais Stretch matutava. E uma noite acertou em cheio.

Caranguejos!

A costa inteira estava cheia de viveiros inexplorados de caranguejos gigantes, com alguns 40 centímetros de diâmetro. Ora, com um pouco de espírito de iniciativa podia condicionar o público americano a delirar com os caranguejos. Dentro de um ano torná-los-ia um petisco igual às lagostas do Maine, às tartarugas de Maryland ou aos mexilhões «caroços de cereja». Podia mandar de avião para os Estados Unidos os enormes crustáceos acondicionados em gelo. Comerciantes gananciosos lançar-se-iam sobre eles. Ficaria rico. Seria conhecido como Stretch Thompsom, o Rei do Caranguejo Gigante.

As coisas não correram exactamente como Stretch planeava.

Ao que parece, a raça humana não estava suficientemente

evoluída para os seus caranguejos gigantes. O custo de um avião, do combustível e de um piloto eram sempre superiores àquilo que podia obter com os caranguejos. Mas Stretch não era homem para desfalecimentos. Com uma escrita hábil e falas mansas afastava os credores e continuava a dispor da companhia de transportes aéreos. Com crédito, saliva e pastilhas de mascar conseguia manter nos ares os três aviões do Círculo Ártico. Justamente quando as coisas pareciam piores, pediram-lhe que efectuasse o transporte de um carregamento que lhe permitiu continuar o negócio.

Uma parte da constante boa sorte de Stretch provinha do seu piloto-chefe porco piloto, Foster J. MacWilliams, conhecido por Tex. Foster tinha voado na Hump durante a guerra e era, como Stretch dizia, «o raio de piloto melhor que qualquer raio de companhia de aviação jamais tivera». A perícia de Foster J. MacWilliams era tal que ninguém em Nome apostaria que ele não era capaz de aterrar um C-47 na parte de trás de um icebergue, em plena tempestade de neve, a cair de bêbedo. A verdade é que por várias vezes Stretch tentou reunir dinheiro suficiente para uma aposta que valesse a pena, mas acontecia sempre qualquer coisa ou o temporal amainava, ou Foster não conseguia embriagar-se o suficiente...

MacWilliams era um vagabundo. Gostava de voar. Não gostava de voar segundo rotas estabelecidas, nem com horários, nem com aviões de primeira. Isso era muito maçador.

Os riscos de voar com os aviões do Círculo Ártico calhavam-lhe a matar.

Um dia, MacWilliams dirigiu-se ao barracão, situado no extremo da pista, que servia de escritório, quartel-general de operações e casa de Stretch Thompsom,

C'os diabos, Stretch! disse , está frio como burro lá fora.

Stretch tinha a expressão de um gato com a barriga cheia de canários.

Foster disse ele , que achavas tu em ir para um clima mais quente e receber *todo* o teu ordenado de uma vez?

Sempre tiveste um horrível sentido do humor.

EXODUS 753

Não estou a brincar, Tex. Não és capaz de adivinhar...

O quê?

Adivinha.

Foster encolheu os ombros.

Vendeste a companhia de aviação...

Isso mesmo.

Foster ficou boquiaberto.

Quem diabo teria comprado esta porcaria?

Não lhes perguntei a vida. Vi que o cheque estava em condições e mais nada.

Diabos me levem! Ainda bem, Stretch, porque começo a estar farto disto. Quanto achas que me deves?

Com o bónus que te vou dar, cerca de quatro das grandes.

Foster J. McWilliams assobiou.

Com isso compra-se uma data de gado do melhor.

Posso embebedar-me e depois ir para a América do Sul.

É para lá que eu vou, Stretch. Inscrevo-me numa equipa de trabalho. Ouvi dizer que pagam bom dinheiro para transportar dinamite pelos Andes.

Há uma dificuldade...disse Stretch.

Já estava à espera disso.

Temos de entregar os três aviões aos novos donos.

Contratei dois rapazes para pilotar o n.º 1 e o n.º 2... mas falta-me o terceiro.

Queres dizer que sou eu o parvo que vai pilotar o n.º 3. Bom, está bem. Onde é que devo entregá-lo?

Israel.

Onde?

Israel.

Nunca ouvi falar em tal.

Eu também estava à procura no mapa, quando entraste.

Stretch Thompson e Foster J. Williams percorreram o mapa-múndi de alto a baixo. Depois de perderem cerca de meia hora, Tex sacudiu a cabeça.

Stretch, parece-me que estiveram a mangar contigo.

Foram a Nome e perguntaram pelos bares onde ficaria

Israel. Uma ou duas pessoas já tinham ouvido falar. Stretch

754 LEON URIS

começava a ter suores frios, quando alguém sugeriu que falassem com o bibliotecário.

É a Palestina! disse o bibliotecário, irritado, e à meia-noite não são horas de bater à minha porta. Depois de outra pesquisa pelo mapa, localizaram-no finalmente. ,

Foster sacudiu a cabeça.

C'os diabos, Stretch! disse. É mais pequeno do que um icebergue grande. Sou capaz de não dar por ele. Três semanas depois, o avião n.º 3 do Círculo Ártico, pilotado por Foster J. McWilliams, aterrava no aeródromo de Lida. Stretch Thompson partira uma semana antes e estava à espera dele. Levaram Foster a um gabinete com os dizeres: «Linhas Aéreas Centrais da Palestina S. S. Thompson, gerente-geral.»

Foster J. McWilliams estava de pé atrás.

Que tal a viagem, meu velho? Já tinha saudades tuas.

Boa. Agora se me desses a massa em atraso... Vou partir para Paris. Quero apanhar um avião dos que voam mesmo e antes passo um mês no Rio.

Claro, claro disse Stretch. Tenho o cheque aqui no cofre.

Stretch viu Foster McWilliams esbugalhar os olhos.

Quatro mil e quinhentos!

As cinco notas a mais são para provar que o Stretch Thompson não é um forreta disse Stretch.

És um tipo bestial... sempre o tenho dito.

Sabes, Tex, isto aqui é um sítio interessante. São quase todos judeus. Já aqui estou há uma semana e não consigo habituar-me.

Foster hesitou em perguntar por que razão Stretch ali estava mas sempre perguntou.

O nome que está na porta explica tudo: Linhas Aéreas Centrais da Palestina. Fui eu que o arranjei... Compreendes, estes tipos aqui não têm muita experiência de dirigir uma linha de 1.ª classe, por isso convenceram-me a ficar. A primeira coisa que lhes disse foi: «Rapazes... se querem viagens de 1.ª classe, têm de ter um piloto-chefe

EXODUS 755

de 1.^a, e eu tenho o raio de piloto melhor que qualquer raio de companhia...»

Até logo disse Foster, levantando-se rapidamente.

Porquê essa pressa?

Vou para Paris.

Tenho um negócio para ti.

Não estou interessado.

Faz-me o favor de ouvir.

Ouçó, mas não me interessa. Vou a Paris, mesmo que tenha de nadar até lá.

Aqui tens. Como já disse, todos aqui são judeus, compraram a velha Companhia de Aviação do Círculo Ártico para poderem trazer mais judeus para cá. Tenho ouvido dizer que estão espalhados por toda a parte e que querem vir. Tudo o que temos a fazer é trazê-los. Não compreendes? Todos os carregamentos são bem pagos.

A viagem de cada pessoa... é paga logo. Isto é uma coisa de sonho, Tex. Fica comigo, e nadarás em dinheiro.

Tu conheces-me, Tex... eu não sou unhas de fome.

Eu sei no que vou nadar. Mando-te um postal do Rio.

O. K., Foster... muito prazer em conhecer-te.

Não fiques chateado, Stretch.

Quem pensa nisso?

Passámos bons bocados em Nome.

Claro. . com certeza... belos tempos. Não se fala mais nisso.

Aperta --disse Foster.

Stretch apertou-lhe a mão com pouca vontade.

Que aconteceu, Stretch? Parece que te estou a pôr a faca às costelas.

Vou ser franco contigo, Foster. Estou atrapalhado, recebemos um recado urgente dizendo que está um grupo de judeus à espera que os vão buscar a um lugar chamado Adem. Já tinha alguns pilotos, mas encolheram-se.

Que chatice! Não contes comigo. Vou para Paris.

Claro disse Stretch. Vais para Paris. Se fosse eu, também ia. Não te censuro. Os outros pilotos fugiram a sete pés quando ouviram dizer que havia o perigo de os árabes dispararem sobre eles.

756 LEON URIS

Foster ia a sair. Estacou e voltou-se.

Tens razão, Foster. Não vale a pena rebentar com os miolos. Isto é realmente perigoso... mesmo mais perigoso do que voar na Hump ou transportar dinamite pelos Andes. Foster J. McWilliams passou a língua pelos lábios!

Stretch entrou em mais pormenores dramáticos, mas sabia que ele tinha mordido a isca.

Ouve o que vou fazer, Stretch. Faço esta viagem por ti, só para te tirar de apuros. Quando voltar já deves ter deitado o anzol a alguns pilotos. Só uma viagem. Onde raio é essa tal Adem?

Diabos me levem se sei.

Bem, vamos buscar o mapa e procurar.

Quando Foster J. Williams, piloto errante americano das Linhas Aéreas Centrais da Palestina antiga Companhia de Aviação do Círculo Ártico, descolou do aeródromo de Lida, deu início a uma história fantástica do século XX digna de *As Mil e Uma Noites*.

Voou em direcção ao protectorado britânico de Adem, no extremo da Península Árabe, descendo o mar Vermelho.

A história começou na antiga Sabá, três mil anos antes de Foster nascer. No tempo da rainha de Sabá, a parte sul da Península Árabe era uma terra rica. O povo aprendera a arte de construir condutas, represas e cisternas para reter e conservar a água, e com ela cultivava jardins.

Após a visita da rainha de Sabá a Salomão, parte do povo judaico saiu de Israel para estabelecer rotas comerciais através do deserto, ao longo do mar Vermelho, e fundar uma colónia em Sabá. Estes hebreus chegaram em tempos bíblicos, centenas de anos antes da queda do Primeiro Grande Templo.

Durante séculos, os Judeus prosperaram em Sabá. Fixaram-se e integraram-se na complexa vida tribal. Tornaram-se senhores da corte e os mais notáveis dos cidadãos.

Seguiram-se anos horríveis, durante os quais as areias, lenta e continuamente, corroeram o fértil solo; os rios secaram e as chuvas desapareceram na terra ressequida. Os homens e os animais definhavam e mirravam sob o sol impiedoso, e a luta para matar a sede era a luta pela

EXODUS 757

própria vida. A fecunda Sabá e os Estados vizinhos dividiram-se em tribos possuídas de espírito de rivalidades e ódio, que se guerreavam mutuamente sem descanso.

E Quando o Islão invadiu o mundo pela primeira vez, aos hebreus antigos foi concedida liberdade e respeito pelos seus costumes. As próprias leis de Maomé, destiladas a todos os muçulmanos, prescreviam tratamento Bondoso aos Judeus.

Esta igualdade dos Judeus foi de pouca dura. Como em todas as terras muçulmanas, todos os cidadãos não muçulmanos vieram a ser considerados infiéis e desprezados.

os Árabes tinham pelos Judeus um certo respeito relutante e tratavam-nos com uma razoável dose de tolerância.

Os massacres infligidos aos Judeus nunca foram o genocídio premeditado da Europa, mas antes súbitas explosões de violência. Os Árabes passaram a andar demasiado atarefados em conspirações entre si para se preocuparem com os dóceis judeus da terra que agora é conhecida por Iémen; séculos de repressão tinham eliminado neles quaisquer qualidades guerreiras.

Como em todos os países árabes, estes judeus viviam como cidadãos de 2.^a classe. Existiam as habituais leis repressivas, os impostos desiguais, as perseguições e a denegação dos direitos civis dos Muçulmanos. O grau de perseguição variava com o dirigente de cada área.

Uma lei em vigor proibia aos Judeus levantar a voz diante de um muçulmano, construir casas mais altas do que as dos Muçulmanos, tocar nestes ou passar por eles do seu lado direito. Um judeu não podia montar um camelo, porque a sua cabeça ficaria mais alto do que a de um muçulmano.

Numa terra em que o camelo era o principal meio de transporte, isto constituía uma violência. Os Judeus viviam em *mellahs*, os equivalentes orientais dos *ghettos*.

O mundo girava e progredia. Mas no Iémen o tempo parou. Continuou tão primitivo como a selva e tão remoto e inacessível como o Nepal ou a Mongólia Exterior.

Não existia nenhum hospital, escola, jornal, tipografia, rádio, telefone ou estrada.

Era uma região desértica e de montanhas de difícil

acesso, dispondo apenas dos caminhos abertos pelas caravanas de camelos. Em cordilheiras de 3500 metros aninhavam-se cidades, tendo à roda centenas de milhares de quilómetros quadrados de terra totalmente inculta. A percentagem de analfabetismo era de cerca de 100 por cento.

O Iémen mantinha-se atrasado, abandonado, selvagem, sem cartas geográficas e sem que algumas das suas fronteiras tivessem alguma vez sido definidas.

Era governado por um imã, parente de Maomé e representante pessoal de Alá, o Misericordioso, o Todo-Clemente.

O imã do Iémen era chefe absoluto. Controlava a vida de todos os seus súbditos, bem como o ouro e a única colheita do café. Não dependia de nenhum gabinete.

Não promovia a existência de serviços administrativos ou sociais. Detinha nas suas mãos o poder, equilibrando habilmente as forças das várias tribos, continuamente ocupado em esmagar uma ou ajudar outra, entre acesas contendidas e invejas. Mantinha as tribos hostis sob o seu domínio, raptando membros seus e conservando-os como reféns. Tinha centenas de escravos. Sentava-se pomposamente, de pernas cruzadas, e administrava justiça consoante o seu capricho, ordenando que fossem cortados os narizes das prostitutas e amputadas as mãos dos ladrões. Escarnecia da civilização e fazia tudo ao seu alcance para a impedir de penetrar no seu reino, ainda que uma vez por outra fosse forçado a ceder, com receio do seu poderoso vizinho do norte, a Arábia Saudita, que se comprazia em intrigas internacionais.

Parte do receio que o imã nutria pela civilização derivava de esta pretender subjugar a sua terra. Embora distante, estava localizada num canto do mundo que constituía uma passagem para o Oriente, através do mar Vermelho. Repetidas vezes o Iémen se transformou em campo de batalha quando os colonialistas o miravam com olhares cobiçosos.

O imã era por tradição um déspota benevolente para com os Judeus. Desde que se mantivessem servís, recebiam uma certa protecção. O imã andava avisadamente: os Judeus eram os melhores artífices da terra. De geração em geração tinham transmitido a arte de trabalhar a

EXODUS 759

prata, da manufactura de jóias, da cunhagem de moedas, dos trabalhos em ouro, da carpintaria, do fabrico de sapatos e de centenas de outros officios em que a maioria dos Árabes não eram versados. Estes lavravam a terra ou constituíam os bandos de beduínos nómadas. Deste modo, a sua perícia conferiu aos Judeus uma certa protecção.

Que os judeus do Iémen continuassem judeus era incrível. Durante três mil anos, esta gente não tivera contacto com o mundo exterior, por outro lado, as suas vidas teriam sido muito mais fáceis se tivessem abraçado o islamismo. Mas os judeus do Iémen seguiram a Tora, as Leis, o Sabat e os dias santos através dos séculos de isolamento.

Muitos judeus não sabiam árabe, mas todos sabiam hebreu. Não havia prelos; os livros sagrados eram escritos à mão com grande cuidado e eram transmitidos às gerações seguintes.

Frequentemente era exercida sobre eles pressão directa para os obrigar a converterem-se ao Islamismo, mas resistiam. Quando o imã começou a raptar órfãos e a convertê-los, os Judeus adoptaram o sistema de os casar imediatamente, qualquer que fosse a sua idade. Houve casos de crianças que se casaram apenas com alguns meses de idade.

Na aparência física, no vestuário, nos actos e no espírito, os actuais judeus iemenitas podiam ser tomados por antigos profetas. Como nos tempos bíblicos, ainda praticavam o casamento múltiplo. Acreditavam no mau [olhado, em ventos adversos e numa grande variedade de ; espíritos malignos, contra os quais usavam amuletos protectores.

A sua interpretação da Bíblia era absolutamente literal.

No decorrer desses anos, os judeus iemenitas nunca deixaram de olhar para Jerusalém. Durante séculos esperaram, com paciência e devoção, para que Ele proferisse a palavra que determinaria a sua «subida». De tempos a tempos conseguiam sair do Iémen pequenos grupos de indivíduos, que regressavam à Palestina e estabeleciam uma pequena comunidade.

E um dia a palavra anunciada pelos profetas surgiu! Após a proclamação da independência de Israel, o

Iémen declarou-lhe guerra e enviou uma pequena unidade para combater no exército egípcio. Este gesto fez saber aos judeus do Iémen que Israel tinha renascido.

Os seus rabinos disseram-lhes que estavam perante a mensagem de Deus. O rei David regressara a Jerusalém!

A sua longa espera ia ter fim! Os Haham (Sábios) disseram-lhes que se levantassem e partissem para a Terra Prometida nas asas da águia!

Quando a primeira notícia deste êxodo dos iemenitas chegou aos ouvidos dos Israelitas, ainda a Guerra da Libertação estava no auge. Pouco se sabia acerca do número de iemenitas a caminho, como saíam do país, ou que fazer deles.

O chefe Haham foi ter com o imã e rogou ao Todo-Misericordioso que permitisse a partida dos Judeus. Existiam diversas razões políticas e económicas que levavam o imã a pensar que era preferível conservá-los. O rabino sugeriu ao imã que se familiarizasse com os capítulos do Êxodo no Velho Testamento.

O imã esteve sentado de pernas cruzadas no seu harém e pensou durante vários dias. As razões do rabino tinham-no impressionado: intimamente, o imã pensava nas Dez Pragas. Pouco antes do pedido do chefe dos rabinos, uma epidemia de febre tifóide tinha dizimado um quarto da população árabe. O imã concluiu que era um aviso de Alá.

Concordou com a partida dos Judeus na condição de que todas as propriedades lhe fossem deixadas, fosse paga uma taxa por cabeça e permanecessem várias centenas de artífices para ensinar os Muçulmanos.

Os judeus do Iémen abandonaram os seus campos e as suas casas. Emalaram aquilo que era possível transportar e iniciaram a viagem através de montanhas agrestes e mortíferas, sob o sol escaldante, pelos vastos campos incultos açoitados por ventos a 100 quilómetros à hora.

Dirigiu-se para a fronteira do Protectorado Ocidental este povo dócil de pele cor de azeitona e feições delicadas. Usavam turbantes e a mesma espécie de longas túnicas que eram usadas no palácio de Salomão. As mulheres de S'ana envergavam vestidos negros com franjas brancas e

EXODUS 761

transportavam os filhos às costas. Arrastavam-se no cumprimento de uma profecia, presa fácil das tribos árabes que se apoderavam dos seus parques haveres como taxa de passagem.

Os protectorados ao longo da Península Arábica consistiam num conjunto de reinos árabes grandes e pequenos, xecados de tribos beduínas espalhados ao longo da costa, desde o mar Vermelho e golfo de Adem até ao mar da Arábia e golfo Persa. Os Ingleses dominavam a área em consequência de uma centena de tratados segundo os quais entregavam às tribos armas ou dinheiro a troco de direitos sobre o petróleo. Era sua intenção tentar reprimir as lutas entre as tribos e assegurar o trânsito pela região.

A colónia da coroa de Adem, no Protectorado Ocidental, era uma região-chave e o porto de Adem ponto de passagem entre o Oriente e o Ocidente. Povoavam-na gregos, ingleses, árabes e judeus, numa mistura de imundície oriental, exotismo asiático, rigidez britânica, vestígios de progresso industrial e a turbulência de um porto de escala. Era simultaneamente um lugar interessante e repulsivo.

O porto de Adem era o objectivo do êxodo dos iemenitas.

A princípio, os Ingleses não sabiam ao certo que fazer dessa gente que chegava em massa às fronteiras em caravanas que pareciam tiradas da Bíblia. Andavam ainda em desavenças com os Judeus por causa do mandato, mas não podiam sentir ódio pelos iemenitas. Os Ingleses autorizaram estes a entrar e a armar acampamentos, desde que os Israelitas viessem buscá-los.

Eram figuras trágicas as que chegavam do Iémen, esfarrapadas, sujas e meio mortas de fome e de sede.

Quase todos os seus haveres lhes tinham sido roubados pelos Árabes. Mas cada homem trazia ainda a sua Bíblia e cada aldeia trazia ainda a Sagrada Tora da sinagoga.

Improvisaram um acampamento em Hashed, próximo do porto de Adem. Os Israelitas estendiam-se ao longo de toda a fronteira do Protectorado Ocidental e Iémen.

Assim que tinham notícias de que estava outro grupo a chegar, enviavam transportes para a fronteira, a fim de

762 LEON URIS ”-””

os levar para Hashed. Aqui havia falta de pessoal e de mantimentos: a organização ficava muito aquém das necessidades dos que afluíam constantemente.

Os encarregados da imigração ainda tinham a mais a dificuldade de estar a lidar com gente semiprimitiva. Coisas como torneiras, retretes ou luz eléctrica estavam fora da compreensão dos iemenitas. Era uma comunidade repentinamente posta a par, em poucas horas, de quase três mil anos de progresso: veículos motorizados, medicina, vestuário ocidental e milhentas outras coisas eram-lhes estranhas e causavam-lhes horror. Era uma experiência assustadora.

As mulheres gritavam quando os médicos e as enfermeiras tentavam tirar-lhes os andrajos cheios de piolhos para os trocar por roupa limpa. Recusavam-se a deixar examinar os corpos feridos e doentes e revoltavam-se contra injeções e vacinas. O pessoal tinha de suportar a ira dos pais sempre que tentava tirar-lhes temporariamente as crianças que necessitavam urgentemente de tratamento por deficiências de nutrição.

Felizmente, surgiu uma solução parcial que impediu as tentativas do pessoal e dos médicos de se malograrem inteiramente. O pessoal do acampamento israelita, na sua maior parte com o conhecimento profundo da Bíblia depressa aprendeu a ir ter com os rabinos iemenitas munido de passagens bíblicas adequadas por esse meio podia conseguir-se quase tudo. Desde que estivesse escrito «no Livro», os iemenitas acediam.

O acampamento de Hashed aumentou e informações obtidas ao longo da fronteira do Protectorado Ocidental diziam que vinham mais iemenitas a caminho. Por acordo com os Ingleses, o Governo Provisório de Israel tinha de os tirar de Adem. Por isso a Companhia de Aviação do Círculo Ártico se transformou na Central da Palestina e Foster J. MacWilliams, sem o saber, deu cumprimento a uma profecia secular, descendo do céu na primeira das grandes «águias».

A chegada do avião originou uma tremenda excitação. O primeiro grupo pegou na Tora e nas garrafas de água e foi levado para o aeroporto. Viram a águia e abanaram

EXODUS 763

as cabeças com ar entendido: era Deus que a enviava, como tinha prometido. Mas quando lhes disseram para embarcar, recusaram. O rabino do grupo lembrou que era Sabat. Seguiu-se uma discussão terrível. O chefe do acampamento de Hashed explicou que milhares de pessoas aguardavam transporte para Israel e que não era justo reter a água nem por um só dia. Nenhuma argumentação podia fazê-los quebrar o Sabat. Sentaram-se obstinadamente sob as asas da água e recusaram mexer-se. Depois de três mil anos de espera, podiam aguardar mais um dia. Foster J. MacWilliams deu uma olhadela a essas criaturas estranhas, ouviu a ruidosa algaraviada, amaldiçoou Stretch Thompson e, dirigindo-se para a cidade, apanhou uma sólida bebedeira.

Na manhã seguinte acordaram-no e transportaram-no para o aeroporto. Sentia-se horrivelmente no rescaldo das misturas da véspera: vinho grego, vinho de arroz e *whisky*. Viu os iemenitas transportando as suas garrafas de água e a sua Tora para bordo do avião.

Valha-me Deus! comentou Foster ao ver o cortejo.

Capitão MacWilliams disse uma voz atrás dele.

Foster voltou-se e encarou com uma *sabra* alta e bem feita que se apresentou como sendo Hanna. Tinha pouco mais de 20 anos, usava o tradicional azul dos *kibbutzim* e calçava sandálias.

Eu vou consigo e tomo conta dos passageiros.

Nesse momento, a viagem começou a tornar-se bastante mais interessante para Foster. Hanna pouco se importava que ele a examinasse minuciosamente.

Tem algumas instruções especiais a dar-me? Como esta é a nossa primeira viagem...

C'os diabos, não! Basta não deixar essa gente entrar na cabina do piloto. Claro que *você* pode entrar... sempre que queira. E trate-me por Tex.

Foster observava a entrada. A fileira de iemenitas parecia não ter *fim*.

Olhem para isto! Quantos são? Quantos pensa que o avião leva?

Temos cento e quarenta na lista.

- Quê? Está doida? Não conseguiremos que esta coisa

764 LEON URIS

suba. Hanna, por favor, corra lá acima e diga a quem quer que esteja a mandá-los entrar que *faça* sair metade.

Capitão MacWilliams suplicou a rapariga, eles pesam muito pouco.

Também os amendoins pesam pouco. Isso não quer dizer que eu possa carregar um bilião deles.

Por favor. Eu prometo que não terá aborrecimentos.

Está cheia de razão, pois morreremos todos ao chegar ao fim da pista.

Capitão McWilliams, a nossa situação é desesperada.

Os Ingleses ordenaram-nos que os fizéssemos sair de

Adem. Todos os dias chegam às centenas à fronteira.

Foster resmungou e analisou as tabelas de pesos. Os funcionários israelitas que estavam perto sustiveram a respiração

enquanto ele fazia as contas. Cometeu o erro de erguer os olhos para Hanna. Tornou a calcular, fez um pouco de batota e concluiu que com sorte o velho avião conseguiria subir. Uma vez no ar, ele mantê-lo-ia a voar... sabe Deus como.

Deixem-nos entrar disse. De qualquer maneira, esta é a minha primeira e última viagem.

O director do acampamento entregou-lhe o manifesto final. Amontoaram no aparelho cento e quarenta e dois iemenitas. Hanna levou para bordo as provisões e ele subiu a escada.

O fedor subiu-lhe ao nariz!

Não tivemos tempo de dar banho a todos desculpou-se

Hanna. Não sabíamos quando chegaria.

Ele meteu a cabeça pela cabina principal. Estava atafalhada de crianças. Estavam sentadas pelo chão, receosas, com as pernas cruzadas. O cheiro era horrível.

Foster entrou e fechou a porta à chave. Imediatamente o calor de 48°, não ventilado, começou a produzir os seus efeitos no cheiro. Conseguiu ir abrindo caminho. Quando chegou à cabina do piloto, estava verde. Abriu a janela para deixar entrar o ar, mas em vez disso sentiu uma onda de calor. Pôs os motores em movimento e enquanto rolava pela pista deitou a cabeça de fora da janela e vomitou. Tentou vomitar outra vez enquanto fazia o avião deslizar pela pista, levantando voo nos últimos

EXODUS 765

centímetros desta. Chupou um limão enquanto procurava ganhar altitude e finalmente, com o ar mais fresco, o seu estômago aquietou-se.

Havia turbulência e o avião dava grande saltos quando ele tentava subir mais. Venceu as dificuldades do estreito > de Bab el Mandeb e subiu em linha recta até ao centro do mar Vermelho, com a Arábia Saudita de um lado e o Egipto do outro.

Hanna entrou, também verde.

Não pode impedir que este avião ande aos saltos? perguntou. Estão todos a vomitar.

Foster fechou o aquecimento na cabina principal.

Vá lá e abra os ventiladores. Tentarei subir mais um pouco. O ar frio põe-nos finos.

Sentia a cabeça a latejar. Como diabo deixara que Stretch Thompson o metesse naquilo?

Meia hora depois, Hanna voltou.

Queixam-se de que estão gelados... e eu também.

Escolha: se eu abrir o aquecimento, começam outra vez a vomitar...

Deixe-os gelar murmurou Hanna, voltando para junto dos passageiros.

Momentos depois entrou a correr na cabina, gritando em hebraico.

Fale inglês!

Fogo... Fizeram uma fogueira para se aquecerem.

Foster ligou o piloto automático e saltou, atirando com as pessoas para a direita e para a esquerda. Tinham feito uma pequena fogueira no meio do chão. Enfurecido, apagou-a com os pés e foi ter com Hanna, que estava sem forças encostada à porta do compartimento.

Sabe falar com eles?

Sim... hebraico...

Foster passou-lhe o microfone para as mãos.

Diga-lhes que o primeiro que sair do seu lugar vai ;, tomar banho no mar Vermelho!

Os iemenitas nunca tinham ouvido um alto-falante.

Quando ouviram a voz de Hanna, começaram todos a

766 LEON URIS

apontar para o tecto, apavorados, chorando e encolhendo-se de medo.

Que diabo têm eles? Que é que lhes disse?

Nunca tinham ouvido nada de semelhante. Pensam que é Deus a dar-lhes ordens.

Ótimo. Não os desengane.

Durante as duas horas que se seguiram, as coisas correram razoavelmente. Houve alguns incidentes sem importância, nada suficientemente grave para pôr em risco o avião. Foster começava justamente a repousar quando sentiu uma enorme agitação na cabina principal. Fechou os olhos. «Senhor», suspirou, «a partir de hoje, serei um bom cristão. Deixai que este dia acabe.»

Hanna tornou a aparecer.

Tenho medo de perguntar murmurou Foster.

Tex disse ela , é padrinho de um menino.

Quê?

Acabamos de ter um parto.

Não pode ser... *não pode ser!*

Não há novidade disse Hanna. Dar à luz já é uma coisa rotineira para eles. A mãe e o filho estão bem.

Ele fechou os olhos e engoliu em seco.

«Durante uma hora não se passou mais nada», pensava Foster, desconfiado. Habituarão-se ao som dos motores da «águia» e, um por um começaram a dormir, fatigados da sua provação. Hanna trouxe a Foster uma tigela de caldo quente e riram-se dos acontecimentos do dia. Foster fez a Hanna inúmeras perguntas sobre os iemenitas e a guerra. .

Onde estamos agora?

Foster, primeiro e segundo piloto, navegador e radiotelegrafista, olhou para o mapa.

Daremos uma curva daqui a pouco e começaremos a subir o golfo de Akaba. À vinda para cá vi as linhas de batalha no deserto.

Espero que a guerra acabe em breve.

Sim, a guerra é dura. Como diabo é que se meteu num emprego destes? Seja o que for que lhe paguem, merece o dobro.

EXODUS 767

Hanna sorriu.

Não recebo dinheiro por isto.

Não recebe?

Não. Mandaram-me para cá. Talvez vá com eles criar um colonato ou talvez continue nestas viagens.

Não topo.

É difícil explicar. As pessoas de fora, às vezes, não compreendem o que nós sentimos. O dinheiro não significa nada para nós. Conseguir levar estas pessoas para Israel é tudo. Um dia explicar-lhe-ei melhor.

Foster encolheu os ombros. Estavam a acontecer muitas coisas estranhas. «Bem, não importa», pensou ele. «A viagem vale a pena, mas, com acontecimentos destes, uma chega.»

Passado um instante, Foster apontou em frente.

Ali é Israel! disse.

Hanna correu para o microfone.

Que diabo vai fazer?

Tex, deixe-me dizer-lhes, por favor. Eles estão à espera deste momento há... milhares de anos.

São capazes de despedaçar o avião!

Eu prometo... eu faço-os estar calmos.

Bem... vá lá.

Tornou a ligar o piloto automático e veio certificar-se de que não faziam o avião ir pelos ares. Hanna deu a notícia.

Seguiu-se uma inacreditável cena de júbilo. Choros, cantos, risos, preces. Gritos de alegria, danças, abraços.

Meu Deus disse Foster, espantado, quando ganhámos ao técnico da Geórgia a partida de *bowling* não : houve tanta alegria.

Uma iemenita pegou na mão dele e beijou-a. Foster afastou-se e voltou aos comandos. Os iemenitas continuaram a gritar e a cantar até Lida. Quando o avião tocou | no extremo da pista, o ruído foi superior ao dos motores. Foster viu-os sair em massa do avião, ajoelhar e beijar, chorando, a terra de Israel.

Adeus, Tex disse Hanna. Tenho pena de que se vá embora, mas divirta-se em Paris.

768 LEON URIS

Foster MacWilliams desceu lentamente do avião.
Observou a cena de alvoroço. Perto estacionavam ambulâncias
e autocarros. Havia dezenas de raparigas como
Hanna, misturando-se por entre os pequenos iemenitas.
acalmando-os e compartilhando do seu júbilo. Foster parou,
petrificado, ao fundo das escadas e dentro dele agitou-se
uma sensação estranha e desconhecida.
Nem sequer viu Stretch Thompsom, que se precipitava
para ele.

Bom trabalho, amigo Foster! Como se portou a caranguejola?
Hem?

Perguntei se tinha voado bem.

Como uma águia.

Meia dúzia de funcionários da emigração apertaram
efusivamente a mão de Foster e bateram-lhe nas costas.

Que tal se portaram?

Foi um voo fácil?

Foster encolheu os ombros.

Fácil disse ele, fácilimo.

Stretch levou Foster para longe das cenas de regozijo.

Foster parou e olhou para trás durante um segundo; Hanna
acenou-lhe com a mão e ele retribuiu.

Bem, Foster, agora podes ir para Paris. Já tenho tripulação
e desencantámos outra aeronave.

Se estás entalado, Stretch, posso fazer mais uma
viagem. Mas será a última.

Stretch coçou a cabeça.

Não sei... Bem, talvez possa contratar-te para uma
viagem, para experimentares o novo avião.

«Pescado!», disse Stretch, radiante, para consigo. «Consegui
pescar este maroto!»

Era o início da «operação Tapete Mágico».

Stretch Thompson, ex-Rei do Caranguejo Gigante, arranjava
aviadores americanos vulgares que tinham feito os
transportes aéreos de Berlim. Os novos pilotos e a tripulação
iam ficando gradualmente obcecados com a missão
de trazer os Iemenitas para a sua Terra Prometida.

Frequentemente, os aviões estavam a pontos de se desconjuntar.

Mas nunca se perdeu nenhuma aeronave, ape-

EXODUS 769

sar do trabalho excessivo e de não receberem a assistência necessária. Os pilotos do «Tapete Mágico» começaram a crer que os aviões que transportavam iemenitas se aguentavam no ar por intervenção divina.

Foster J. MacWilliams nunca chegou a Paris. Fez viagens para Adem até terem sido evacuados todos os iemenitas e depois participou na «operação Ali Babá»: o transporte dos judeus iraquianos de Bagdade Foster trabalhava durante mais tempo e a piores horas do que qualquer outro piloto na história da aviação. Assim que o seu avião aterrava em Lida com um carregamento de imigrantes, dormia algumas horas mesmo no aeroporto, enquanto tratavam do avião. Logo que este estava pronto, tornava a partir. Nos poucos anos que se seguiram, Foster fez quatrocentos voos, num total de milhões de quilómetros, levando quase cinquenta mil judeus para Israel.

Continuou a jurar que cada viagem era a última, até que casou com Hanna e alugou uma casa em Telavive.

O «Tapete Mágico» foi o início. Depois vieram do interior do Curdistão, do Iraque e da Turquia.

Uma tribo guerreira de judeus perdida em Hadra|maute, no Protectorado Oriental, arrastou-se até Adem. Saíram em massa dos campos de refugiados da
” Europa.

Vieram para Israel judeus de França, Itália, Jugoslávia, Checoslováquia, Roménia, Bulgária, Grécia e Escandinávia.

> Das extensas regiões do Norte de África vieram dos *mellahs* da Argélia, de Marrocos, do Egipto e da Tunísia.

Na África do Sul, a abastada comunidade judaica e os mais ardentes sionistas do mundo foram para Israel.

Vieram da China e da Índia, onde se tinham fixado três mil anos antes.

Vieram da Austrália, do Canadá e da Inglaterra.

Vieram da Argentina.

Caminharam através de desertos escaldantes.

Vieram em aviões desconjuntados.

Vieram em porões atulhados de cargueiros de gado

Vieram em luxuosos transatlânticos.

Vieram de setenta e quatro nações.

E. 49

770 LEON URIS

Os que andavam espalhados pelo mundo, os exilados os» indesejáveis, vieram para aquele pequeno canto de terra onde a palavra «judeu» não era uma expressão infamante.

CAPITULO II

As pequenas gotas transformaram-se numa corrente e depois num dilúvio de gente.

Em pouco tempo, o êxodo tinha duplicado a população de Israel e depressa começou a triplicá-la. A situação da economia, perturbada pela guerra, agravou-se com o afluxo de imigrantes. Chegou muita gente com pouco mais do que a roupa que trazia vestida. Muitos eram velhos, outros eram doentes e analfabetos, mas fosse qual fosse o estado em que estivessem, fosse qual fosse o aumento de encargos que representassem, as portas de Israel não se fecharam a nenhum judeu.

Vieram de todos os cantos da Terra e tinham vivido em toda a espécie de circunstâncias.

Desde a Galileia ao Negueve, cidades de tendas e feias aldeias compostas de barracões de chapa ondulada surgiram a ofuscar a paisagem. Centenas de milhares de pessoas viviam em barracas, em cabanas provisórias, fazendo(esgotar os recursos médicos, educacionais e de assistência. Contudo, existia uma atitude de optimismo por toda a terra. A partir do momento em que os oprimidos puseram o pé no solo de Israel, foi-lhes atribuída uma dignidade humana e uma liberdade que a maior parte deles nunca conhecera, e esta igualdade animava-os de uma energia e de uma decisão sem paralelo na história da humanidade.

Todos os dias surgiam novos colonatos agrícolas. Os imigrantes decidiram lutar pela recuperação das terras incultas e dos desertos com o fervor com que os antigos pioneiros tinham empreendido secar os pântanos.

Cidades e vilas pareciam brotar da terra.

Sul-africanos, sul-americanos e canadianos investiram

EXODUS 771

vastos capitais na indústria. Construíram-se fábricas cuja capacidade de produção atingiu um dos mais altos níveis da África ou da Ásia. A investigação científica em geral no campo da medicina e da agricultura chegou a um grau adiantado

Telavive desenvolveu-se, tornando-se numa movimentada metrópole de um quarto de milhão de habitantes, e Haifa tornou-se num dos portos mais importantes do Mediterrâneo. Em ambas as cidades surgiu a indústria pesada.

A Nova Jerusalém, a capital e o centro educacional da nova nação, alastrou para as montanhas.

Produtos químicos, drogas, medicamentos, mineração, engenharia, fabrico de sapatos e roupa a lista atingia os milhares. Montavam-se automóveis e construíam-se autocarros. Faziam-se pneus, delineavam-se pistas para aviões e a nação inteira foi abrangida por uma rede de estradas.

Casas, casas, casas as pessoas necessitavam de alojamentos e as silhuetas de betão e aço avançavam pelos arredores quase de hora a hora. O som do martelo, a música da broca, as betoneiras, o maçarico, nunca paravam em Israel!

As artes floresciam. Na Rua de Herzl e na Estrada de Allenby alinhavam-se livrarias. Em todos os *kibbutzim*, em todos os lares e em todos os *moshavim*, as estantes enchiam-se de livros escritos numa dezena de línguas. Músicos, pintores e escritores exprimiram esta sociedade nova e dinâmica em palavras, quadros e música.

De Metulla a Elath, de Jerusalém a Telavive, tinha-se a sensação inconfundível de se estar perante uma cidade em franco crescimento.

E, contudo, a vida era verdadeiramente dura. Israel era um país pobre e estéril e qualquer progresso só se fazia à custa de suor. Os operários trabalhavam exaustivamente e ganhavam pouco. Os que estavam nos colonatos lutando contra o solo labutavam em condições quase insuportáveis. Sobre todos os cidadãos recaíam impostos quase intoleráveis para compensar a entrada dos novos imigrantes.

Com corpo e espírito, sangue e trabalho iam fazendo esta pequena nação viver e crescer.

Entrou em funcionamento uma linha aérea nacional
A marinha mercante, em que flutuava a estrela de
David. começou a navegar para os quatro cantos da Terra.
Trabalhava-se com uma obstinação que conquistou a
simpatia do mundo civilizado. A jovem Israel tornava-se
um exemplo para toda a humanidade, pois era a expressão
do que se podia fazer com força de vontade e amor. Ninguém
aí trabalhava para vir a ter conforto durante a sua
vida; era tudo para o dia de amanhã, para as crianças,
para os novos imigrantes que entravam. E na esteira
deste impulso, a vigorosa e jovem geração *sabra* produziu
uma geração que nunca se humilharia de ter nascido judia.
Israel tornou-se uma epopeia na história da humanidade.
O deserto de Negueve constituía metade da área de
Israel. Compunha-se na sua maior parte de terrenos áridos,
com zonas que se assemelhavam à superfície da Lua. Era
esse o deserto de Paran e Zin, por onde Moisés errara
em busca da Terra Prometida. Era uma massa escaldante
de nua desolação, onde o calor, de 51°, incidia sobre infundáveis
campos de ardósia, ravinas e desfiladeiros. Quilómetro
após quilómetro de planaltos rochosos não dariam
vida a uma única folha de erva. Nenhum ser com vida,
nem mesmo um abutre, ousava penetrar ali.
O deserto de Negueve tornou-se o desafio de Israel ao
mundo. Os Israelitas tinham partido para o deserto! Viviam
ao calor inclemente e edificaram colónias sobre a rocha.
Fizeram o que Moisés havia feito: tiraram água das rochas
e fizeram a vida crescer.
Procuraram minérios. Tiraram potassa do mar Morto.
Das minas de cobre do rei Salomão, em repouso há eternidades,
saiu novamente o minério verde do qual era extraído
o metal. Encontraram-se vestígios de petróleo. Descobriu-se
uma montanha de ferro. Beerseba, à entrada
norte de Negueve, passou a ser de um dia para o outro
uma cidade em franco progresso.
A maior esperança do Negueve era Elath, no extremo
sul do golfo de Akaba. Quando as tropas israelitas chegaram
ao fim da Guerra da Libertação, consistia em duas

EXODUS 773

cabanas de lama. Israel sonhava fazer disto um porto de passagem directa para o Oriente, quando um dia os Egípcios levantassem o bloqueio naquele golfo. Construíam o porto, preparando-se para esse dia.

Foi para servir aqui, no deserto de Negueve, que o coronel Ari Ben Canaan se ofereceu depois da Guerra da Libertação. Foi encarregado de estudar cada centímetro deste importante ponto estratégico, cercado por três inimigos figadais: o Egipto, a Jordânia e a Arábia Saudita.

Ari dirigiu as tropas através dos abrasadores campos azul-acinzentado e leitos de rios, secos, por lugares impróprios para o ser humano viajar. Estabeleceu uma instrução militar tão árdua que poucos exércitos do mundo seriam capazes de a seguir. Todos os candidatos a oficial eram enviados a Ari para serem submetidos a algumas das mais duras provas físicas a que se podia ser sujeito.

As tropas permanentes de Ari ficaram conhecidas como as «(Feras do Negueve)». Era uma raça rude e corajosa -de ratos do deserto que odiavam o Negueve quando lá estavam e lhe sentiam a falta quando ausentes. Vinte descidas em pára-quedas, marchas forçadas de uma centena de quilómetros, construção de estradas, combates corpo a corpo, tudo fazia parte dos treinos que tornavam as «Feras do Negueve» homens entre os homens. Apenas os mais fortes eram escolhidos. O exército de Israel não dava medalhas por actos de coragem um soldado era considerado tão bravo como qualquer outro, mas os que usavam o escudo das «Feras do Negueve» eram especialmente temidos.

A base de Ari era Elath. Viu-a tornar-se numa cidade de um milhar de duros pioneiros Passou a ter água canalizada e as minas de cobre entraram em plena actividade.

Os caminhos transformavam-se em estradas, enquanto os Judeus trabalhavam para reforçar a sua posição no sul. Corriam boatos acerca da excentricidade do coronel Ben Canaan. Nunca se ria e raramente a sua expressão ; dura se modificava. Parecia roído por um desgosto e um desejo que o forçavam a atirar-se para a frente e também às suas tropas , quase para além dos limites da

774 LEON URIS

resistência humana. Durante dois longos anos recusou-se a sair do deserto.

Kitty Fremont tornara-se conhecida como «a Amiga», título até então conferido apenas a P. P. Malcolm, o fundador dos «Assaltantes Nocturnos». Após a Guerra da Libertação, Kitty embrenhou-se no trabalho de imigração, e em breve era ela a pessoa a resolver as dificuldades que se deparavam na Sociedade Colonizadora de Sião.

Em Janeiro de 1949, no começo do «Tapete Mágico», pediram a Kitty que deixasse Gan Dafna e fosse para Adem organizar os serviços médicos na secção das crianças do acampamento de Hashed. Kitty mostrou-se especialista nesta tarefa. Criou a ordem a partir do caos. Dava as instruções com firmeza e contudo era terna quando lidava com as crianças vindas do Iémen. Meses depois tornara-se indispensável à Sociedade Colonizadora do Sião.

De Adem foi directamente para Bagdade, para uma operação aérea cuja extensão era o dobro da dos iemenitas. Quando as coisas estavam em ordem no Iraque, acorreu a Marrocos, onde dezenas de milhares de Judeus saíam em massa dos *mellahs* de Casa Branca para «subir» até Israel.

Andou de local em local à medida que as *Aliyah* do êxodo se formavam. Fez rápidas visitas aos campos europeus de refugiados para dar solução a vários problemas e percorreu a Europa em busca de pessoal e provisões. Quando a enchente começou a diminuir, Kitty foi novamente chamada a Jerusalém, onde a Sociedade Colonizadora de Sião lhe deu um cargo de funcionária da Aliyah dos Jovens.

Ajudara a trazer as crianças. Agora encarregava-se da tarefa de as integrar na complexa sociedade de Israel. Havia aldeias, como Gan Dafna, que eram modelares, mas que não bastavam para as que chegavam. As mais velhas recebiam educação do exército de Israel, que se tornou o mais importante instrumento de integração do país, ensinando, entre outras coisas, todos os novos soldados a ler e a escrever hebraico.

Kitty Fremont falava agora hebreu correntemente. Era

EXODUS 775

frequente viajar até Jerusalém com Foster MacWilliams e um carregamento de crianças tuberculosas, ou visitar um *kibbutz* na fronteira. «*Shalom, Giveret Kitty*» eram palavras de todos os dias em centenas de locais onde estavam as suas crianças.

Alguma coisa se passava entretanto que simultaneamente alegrava e entristecia Kitty. Começou a ver os filhos dos jovens que conhecera em Gan Dafna que se tinham casado e partido para as colónias Alguns tinham sido crianças suas no campo de Chipre e no *Exodus*, e agora tinham filhos. Kitty vira crescer a engrenagem da Aliyah dos Jovens, que podia agora resolver qualquer emergência.

Ajudara a montar a administração e a instruir as pessoas, desde as primeiras tentativas, em que a inexperiência tornava as situações aflitivas, até terem constituído uma organização correndo sobre rodas. Kitty Fremont compreendeu subitamente, com o coração oprimido, que o seu trabalho estava terminado. Nem Karen nem Israel necessitariam dela, pelo que decidiu partir para sempre.

CAPÍTULO III

Barak Ben Canaan atingiu os seus 85 anos.

Retirou-se da vida pública, contentando-se com dirigir a sua herdade em Yad El. Era o que ele desejava havia meio século. Apesar da sua idade avançada, Barak continuava um homem vigoroso, lúcido e fisicamente capaz de aguentar um dia inteiro de trabalho nos campos A sua enorme barba estava quase toda branca, mas ainda havia nela vestígios da antiga chama vermelha, e as suas mãos ainda tinham muita força. Os anos que se seguiram à Guerra da Libertação deram-lhe grande contentamento. Tinha, finalmente, tempo para dedicar a si próprio e a Sara.

Mas a sua felicidade era limitada pela infelicidade de Jordana e Ari. Jordana não se conformara com a morte de David Ben Ami. Tornara-se retraída e inquieta. Estivera algum tempo em França, onde se entregou a ligações que

a não satisfizeram e acabaram em mágoa. Voltou finalmente a Jerusalém, a cidade de David, e regressou à Universidade, mas havia nela um eterno vazio.

Ari exilara-se para o Negueve. Barak sabia a razão do exílio de Ari, mas não conseguia ir até junto do filho.

Foi imediatamente a seguir ao seu 85.º aniversário que Barak começou a sentir dores no estômago. Durante muitas semanas, não falou nelas. Quando pensava nisso, sentia dores; a estas seguia-se uma tosse implicativa, impossível de esconder a Sara. Esta insistia em que ele consultasse o médico, mas Barak não fazia caso; às vezes chegava a prometer-lhe que o faria, mas encontrava sempre uma razão para o adiamento.

Barak recebeu um telefonema de Ben Gurion perguntando se ele e Sara queriam ir a Haifa aquando da comemoração do terceiro Dia da Independência e assistir na tribuna ao desfile das tropas. Era uma grande honra para o velho, que respondeu a aceitar. Sara aproveitou a viagem para o fazer prometer que se submeteria a um exame médico completo. Partiram para Haifa cinco dias antes dos festejos. Barak foi ao hospital, onde ficou até à véspera das comemorações da Independência.

Que disseram os médicos? perguntou Sara.

Barak riu-se.

Indigestão e velhice. Receitaram-me umas pílulas.

Sara tentou insistir no assunto.

Então, velhota. Estamos aqui para celebrar o Dia da Independência.

Nesse dia tinham acorrido a Haifa milhares de pessoas, que pediam boleias, iam de carro, de avião e de comboio. A cidade estava cheia de gente. Durante todo o dia apareceram no quarto do hotel de Barak pessoas que queriam apresentar-lhe cumprimentos.

A noite, uma parada de jovens, à luz de archotes, abriu as comemorações. Passaram diante do relvado da Câmara Municipal, em Har Hacarmel, e depois dos discursos habituais houve fogo de artifício, deitado do monte Carmelo.

A Rua de Herzl estava atulhada de dezenas de milhares de pessoas em toda a sua extensão. Alto-falantes transmi-

EXODUS 777

tiam música e por todos os cantos se formavam rodas

. para dançar a *hora*. Toda a rua era uma confusão de pés que rodopiavam, de música e de cor. Barak e Sara juntaram-se às rodas da *hora* e dançaram, sendo entusiasticamente aplaudidos.

. Barak e Sara foram considerados convidados de honra do Instituto Técnico, onde estava reunida a «Irmandade do Fogo» os guerreiros do Palmach durante as revoltas.

? Acenderam uma grande fogueira e os iemenitas e os árabes drusos dançaram, assou-se um cabrito, fez-se café árabe e um coro cantou canções orientais e bíblicas. Em todo o

parque do Instituto Técnico, rapazes e raparigas dos colonatos dormiam nos braços uns dos outros A «Irmandade do Fogo» dançou e cantou até romper o dia.

Sara e Barak regressaram o hotel para repousarem.

Em todas as ruas, as danças continuavam ainda ao romper do dia. À tarde partiram num carro aberto, pela rua do desfile, no meio de estrondosos aplausos, e tomaram lugar na tribuna, ao lado do Presidente.

Transportando bandeiras como as antigas tribos, a Nova Israel passou junto de Barak os iemenitas, agora soldados orgulhosos e combativos, os altos e fortes rapazes e raparigas *sabras*, os aviadores da África do Sul e da América e os combatentes vindos de todos os cantos do mundo.

Passaram as forças de escol dos pára-quedistas, com os seus bivaques vermelhos, e os guardas da fronteira, de uniformes verdes. Os tanques troavam e os aviões roncavam no céu. O coração de Barak emocionou-se quando a ovação aumentou num novo crescendo e os barbudos e duros soldados que compunham as «Feras do Negueve» fizeram continência ao pai do seu comandante.

Depois da parada houve mais discursos e festejos.

Quando, dois dias mais tarde, Barak e Sara partiram para Yad El, os dançarinos ainda rodopiavam nas ruas.

Mal chegaram à sua casa de Yad El, Barak foi acometido de um longo e terrível ataque de tosse, como se tivesse estado a reprimi-lo durante todo o tempo das comemorações.

Atirou-se, exausto, para a sua grande cadeira, enquanto Sara lhe trazia o remédio.

Eu bem te disse que a excitação seria demasiado

778 LEON URIS

forte admoestou ela. Devias começar a lembrar-te da idade que tens.

O pensamento de Barak ia para os jovens rudes e queimados pelo sol que marcharam na parada.

O exército de Israel...murmurou.

Vou fazer-te um pouco de chá disse ela, despenteando-o afectuosamente.

Barak pegou-lhe no pulso e puxou-a para o seu colo.

Ela pousou a cabeça no ombro dele e depois olhou-o interrogativamente, mas ele desviou os olhos

Agora, que acabaram as comemorações pediu

Sara, conta-me o que os médicos te disseram realmente.

Nunca consegui mentir-te muito bem disse ele.

Prometo que não me assusto.

Por favor, compreende que cheguei ao fim disse Barak. Acho que de há muito o sei.

Sara teve um pequeno soluço e mordeu os lábios.

Barak abanou a cabeça lentamente.

” É melhor mandares chamar o Ari e a Jordana.

Cancro?

Sim.

Há quanto tempo?

Há uns meses... uns meses maravilhosos.

Era difícil pensar em Barak como de outra coisa que não um gigante. Mas nas semanas que se seguiram a sua idade revelou-se de maneira assustadora. A carne desaparecera-lhe do corpo vigoroso, estava curvado e a pele era macilenta. Sofria dores intensas, mas ocultava-o, e, teimosamente, recusava-se a ir para um hospital.

Colocaram-lhe a cama junto de uma janela, para que pudesse passar os dias a olhar para os seus campos e para os montes até à fronteira do Líbano. Quando Ari chegou, encontrou Barak à janela, olhando com tristeza para o lugar onde Abu Yesha tinha deixado de existir.

Shalom, abba disse Ari, abraçando Barak. Vim logo que pude.

Shalom, Ari Deixa-me olhar para ti, filho. Já há tanto tempo... há mais de dois anos. Pensei que participasses nas comemorações com as tuas tropas.

EXODUS 779

Os Egípcios têm estado a fazer das suas em Nitzana.
Tivemos de exercer represálias.

Barak examinou o filho. Ari estava bronzado do sol
do Negueve e parecia forte como um leão.

Dás-te bem com o Negueve disse.

Que tolices são aquelas que a *ema* me contou?

Não te sintas obrigado a animar-me, Ari. Sou suficientemente
velho para morrer com dignidade.

Ari deitou um -pouco de brande num cálice e acendeu
um cigarro, enquanto Barak continuava a analisá-lo. Os
olhos do velho encheram-se de lágrimas.

Tenho sido feliz ultimamente; só o que me preocupa
és tu e a Jordana. Se eu pudesse partir sabendo que vos
deixava contentes...

Ari bebia o seu brande e desviou os olhos. Barak
pegou na mão do filho.

Disseram-me que poderias vir a ser um dia chefe
do Estado-Maior do exército de Israel, se te decidires
a sair do deserto.

Há muito trabalho a fazer no Negueve, pai. Alguém
tem de o fazer. Os Egípcios estão a formar bandos de assassinos
fedayeen para atravessarem a fronteira e atacarem as
nossas colónias

Mas tu não és feliz, Ari.

Feliz? Tu conheces-me, pai. Não sou feito para demonstrações
de felicidade como esses novos imigrantes.

Porque é que já há dois anos que não vinhas até cá?

Lamento não ter vindo.

Sabes, Ari, pela primeira vez na minha vida, nestes
dois últimos anos, pude permitir-me o luxo de estar sentado
a pensar. É excelente para um homem poder meditar em
paz. E nestas últimas semanas ainda tive mais tempo. Pensei
em tudo. Sei que não tenho sido bom pai. Não fiz o
que devia em relação a ti e a Jordana.

Então, pai... não digas isso. Não sejas sentimental.

Não, o que estou a dizer é verdade. Agora parece-me
ver muito claro. Tu e a Jordana, e eu... o pouco tempo
que tive para lhes dar... e a Sara, Ari, para uma família,
isto não está bem.

Pai... por favor. Nenhum filho recebeu o amor e a

780 LEON URIS

compreensão que eu tive. Talvez todos os pais creiam que podiam ter feito mais.

Barak abanou a cabeça.

Quando eras menino, já eras um homem. Estiveste a meu lado e trabalhaste comigo nesses pântanos quando tinhas» 12 anos. Não tornaste a precisar de mim desde que pus nas tuas mãos um chicote.

Não digas mais nada, pai. Neste país nós vivemos na medida em que trabalhamos pelo futuro. Foi assim que tiveste de viver e é assim que eu vivo agora. Não quero que te atormentes. Vivemos assim porque nunca tivemos alternativa.

É isso o que eu tento dizer a mim próprio, Ari. Que outra coisa teríamos? Um *ghetto*? Um campo de concentração?

Fornos de extermínio? Acho que isto vale tudo.

E, contudo, esta nossa liberdade... tem um preço tão alto... Queremos-lhe tanto que criámos uma raça de Tarzans para defendê-la. Não conseguimos dar-vos senão uma existência de mortandades e o risco de serem atirados ao mar.

Nenhum preço é demasiado alto para Israel disse Ari.

É, quando vejo que os olhos do meu filho estão tristes.

Não foste tu que tiraste o David Ben Ami à Jordana.

É o preço de ter nascido judeu. Não é melhor morrer pela nossa pátria do que morrer como o teu pai morreu, às mãos da turba, num *ghetto*?

Mas quem tem a culpa da tristeza do meu filho sou eu, Ari Barak passou a língua pelos lábios e engoliu em seco. A Jordana fez-se uma grande amiga de Kitty Fremont.

Ari ficou sobressaltado ao ouvir mencionar o nome dela

Kitty tem sido uma santa. Visita-nos quando está no Huleh. É pena que não a tenhas visto.

Pai... eu...

Pensas que não vejo nos olhos dessa mulher a sede que tem de ti. É assim que um homem ama, escondendo-se no deserto? Sim, Ari; digamos agora tudo até ao fim. Fu-

EXODUS 781

giste e escondeste-te dela. Di-lo. Di-lo a mim e di-lo a ti próprio.

Ari levantou-se da beira da cama e afastou-se.

Que coisa terrível é essa que trazes contigo que te impede de ir ter com essa mulher e dizer-lhe que tens o coração partido por causa dela?

Ari sentiu nas costas o olhar penetrante do pai. Voltou-se lentamente, de olhos baixos.

Ela disse-me uma vez que eu teria de sentir tanto a sua falta que me poria de joelhos.

Então põe-te de joelhos!

Não posso! Não sei como é! Não compreendes, pai eu nunca poderei ser o homem que ela deseja.

Barak suspirou tristemente.

E foi nisso que eu falhei, Ari. Vês, eu ter-me-ia ajoelhado um milhão de vezes diante da tua mãe. Ajoelhava-me porque preciso dela para viver. Ela é a minha força. Valha-me

Deus, Ari, eu participei na criação de uma raça de homens e mulheres tão duros que se recusam a saber o significado das lágrimas e da humildade

Ela disse-me isso uma vez murmurou Ari.

Confundiste ternura com fraqueza. Confundiste lágrimas com desonra. Forças-te a acreditar que depender de outra pessoa é ceder. És tão cego que não consegues amar.

Portanto, o que não consigo fazer não faço gritou Ari.

Tenho pena de ti, Ari. Tenho pena de ti e de mim.

No dia seguinte, Ari transportou o pai nos braços para o seu carro e levou-o a Tel Hai, àquele mesmo local por onde ele e seu irmão Akiva tinham entrado na Palestina havia mais de meio século.

Lá estavam as sepulturas dos Guardas, os primeiros judeus a pegarem em armas, no começo do século, em defesa das suas colónias, contra os beduínos. Foi como Guarda, recordou-se Barak, que conhecera Sara em Rosh Pinna.

Os túmulos dos mortos formavam duas filas, e havia uma dúzia de talhões destinados aos Guardas que ainda

782 LEON URIS

estavam vivos. Os restos de Akiva tinham sido transportados do pico de Elias para este lugar de honra. O talhão ao lado de Akiva estava reservado para Barak.

Ari levou o pai para lá das sepulturas, até ao local onde um grande leão de pedra olhava para o vale; simbolizava um rei defendendo a sua terra. Na base da estátua leram as palavras: «É BOM MORRER PELA PÁTRIA.»

Barak olhou para o vale. Havia núcleos de população por toda a parte. A seus pés nascia uma cidade com milhares de novos colonos. Pai e filho demoraram-se em Tel Hai até ao anoitecer e viram as luzes acender-se. Yad El. (Mão de Deus) ficava ao centro. Lá muito ao longe, jovens vigorosos acabavam de rasgar a terra de Gonen; viviam em tendas apenas a uns metros da fronteira síria. As luzes de Gonen acenderam-se também.

É bom ter uma pátria pela qual morrer disse Barak

Ari transportou o pai na descida da colina.

Dois dias depois, Barak morreu enquanto dormia; levaram-no para Tel Hai e enterraram-no ao lado de Akiva.

CAPÍTULO IV

Nas últimas etapas da Guerra da Libertação, Dov Landau alistou-se no exército de Israel e tomou parte na «operação das Dez Pragas» contra os Egípcios. A sua bravura no assalto a Suweidan valeu-lhe uma promoção. Durante vários meses, esteve no deserto como componente das «Feras do Deserto», sob o comando de Ari Ben Canaan: Este reconheceu as evidentes qualidades do rapaz e enviou-o para o norte, a fim de prestar provas. O exército propôs então a Dov que se matriculasse no Instituto Técnico de Haifa e seguisse um curso especializado estavam em estudo ambiciosos projectos de irrigação para recuperação de Negueve. Ele mostrou-se um esplêndido estudante.

EXODUS 783

Dov rompera completamente o véu de escuridão que antigamente o envolvia. Era agora cordial, bem-humorado, e mostrava invulgar compreensão pelos que sofriam. Ainda não era muito forte e tinha feições delicadas, mas tornara-se um belo rapaz. Ele e Karen amavam-se muito.

O seu romance era importunado com constantes separações, incerteza e tensão. O país estava agitado e o mesmo se passava com eles. Cada um tinha a seu cargo tarefas importantes e distintas, o que em Israel não era novidade: acontecera com Ari e Dafna, David e Jordana... De todas as vezes que se viam, o desejo e a frustração aumentavam. Dov, que adorava Karen, tornou-se o mais forte dos dois. Aos 21 anos era capitão de uma unidade de engenharia e era considerado um dos mais prometedores oficiais da sua especialidade. Passava o tempo a estudar no Instituto Técnico e no Instituto de Investigação Weizmann, em Rehovot.

Karen saiu de Gan Dafna após a Guerra da Libertação e ingressou também no exército. Aí continuou a instrução de enfermeiras. Obtivera uma experiência preciosa trabalhando com Kitty e acabou rapidamente os seus estudos e treino. A enfermagem era uma profissão que lhe era adequada. Queria um dia seguir o exemplo de Kitty e especializar-se no tratamento de crianças. Foi colocada num hospital do Sharon, o que lhe convinha, pois podia pedir uma boleia para Jerusalém quando Kitty lá estava e ir frequentemente a Haifa ver Dov.

Karen Hansen Clement transformava-se de linda rapariga em mulher fascinante. Era também notavelmente perfeita, pois a ternura e a afabilidade que a tinham caracterizado na juventude continuavam a existir na maturidade.

No mais profundo do espírito de Kitty surgia por vezes a ideia de que Karen talvez fosse com ela para a América, mas sabia que estava a iludir-se a si própria. Em momentos mais realistas compreendia que Karen não precisava dela. Kitty tinha cumprido a sua missão para com a rapariga, assim como para com Israel, de que Karen fazia agora parte e onde tinha raízes demasiado profundas para que pudessem ser arrancadas. E Kitty sabia que também já

784 LEON URIS

não precisava de Karen. Em tempos acreditara que nunca seria capaz de se separar da rapariga, mas esse vazio, essa fome afectiva de Kitty, preencheram-a ela com anos de abnegada dedicação pelos «seus filhos».

Kitty sabia não só que podia separar-se de Karen, mas que era até possível que um dia, em qualquer parte, tivesse de novo à sua espera uma vida equilibrada e verdadeiramente feliz.

Não, por Karen e por si própria, Kitty não receava deixar Israel. Mas tinha um receio, receio do próprio Israel.

Os Árabes sentaram-se junto da fronteira de Israel coçando as feridas e esperando o dia em que se lançariam sobre a pequena nação e a destruiriam com o seu anunciado «segundo ataque».

Os dirigentes árabes entregavam ao povo espingardas em vez de arados. Os poucos que compreendiam o sentido da luz de Israel e queriam viver em paz com os seus vizinhos eram assassinados. Da imprensa árabe, da rádio, dos seus chefes e dos púlpitos muçulmanos choviam as velhas arengas.

O povo árabe, já espremido até à última gota por chefes voluntariosos, foi ainda obrigado a pagar centenas de milhões de dólares de armamento. Deturpou-se a situação dos refugiados para a tornar insolúvel.

Nasser, o antigo capitão do exército que estivera em Faluja durante o cerco, agitava o mundo árabe como um Hitler em potência.

O canal de Suez foi fechado pelo Egipto aos navios israelitas e aos navios de outras nações que transportavam carregamentos para Israel, com violação do direito internacional. O golfo de Akaba foi bloqueado para impedir os Judeus de utilizarem o porto de Elath.

A Legião da Jordânia ignorou ostensivamente os termos do armistício que atribuíam aos Judeus o direito de livre acesso à Velha Jerusalém para prestarem culto no seu mais sagrado santuário, o Muro do Templo de Salomão.

EXODUS 785

Todas as nações árabes se recusaram a reconhecer a existência de Israel; todas as nações árabes juraram destruir Israel.

Seguiu-se a mais odiosa das medidas. Os Árabes, principalmente os egípcios da faixa de Gaza, organizaram bandos de *fedayeen* com o fim de exterminarem os Israelitas.

Estes bandos atravessavam de noite as fronteiras para matar, queimar os campos, cortar as canalizações de água, destruir. Incitados por chefes a transbordar de ódio, serviam-se de refugiados da Palestina, a quem torturavam. Israel, com todos os seus problemas, teve de adoptar um axioma realista: «Quando Hitler disse que ia exterminar os Judeus, o mundo não acreditou. Quando os Árabes o dizem, nós em Israel acreditamos.»

Em Israel, a instrução militar era obrigatória para as raparigas, tal como para os rapazes. Desde muito novos que aprendiam a manejar armas. Uma vez por ano, todos os homens recebiam um mês de instrução, até aos 45 anos. A milícia de Israel tornou-se relativamente à população a mais eficiente e a maior do mundo.

Os célebres *fedayeen* continuaram a cometer atrocidades sucessivas. Chegaram ao requinte de bombardear as casas das crianças nas colónias da fronteira.

Por fim, Israel não teve outra solução além das represálias.

O seu exército jurou matar dez árabes por cada israelita morto. Infelizmente, as represálias pareciam ser a única linguagem que os Árabes entendiam, a única coisa que podia detê-los.

Uma das medidas defensivas usada por Israel foi a criação de Nahal, ou seja o estabelecimento em larga escala de colónias militarizadas em pontos estratégicos.

Muitos grupos de rapazes e raparigas passaram a ser treinados no exército como unidades. Depois de uma instrução rápida, eram enviados para as fronteiras, para edificarem colonatos simultaneamente agrícolas e defensivos.

Construir uma muralha de carne nas fronteiras de Israel era uma resposta parcial ao terror dos *fedayeen*. Os colonatos destes jovens de menos de 20 anos ficavam a poucos metros da fronteira; viviam na boca do lobo.

E. 50

As condições de vida da fronteira eram extremamente duras. O vencimento dos jovens soldados-lavradores era de trinta dólares por ano. De um lado tinham a morte, do outro a terra estéril. E, contudo mais outro milagre da nação, os jovens israelitas ofereciam-se para passar toda a sua vida nos colonatos da fronteira. Iam calmamente e sem alarde. Como_ Jordana e Ari, David, Joab e Zev... Era o seu dever. Viviam sem pensar em ganhos materiais para si próprios, mas exclusivamente em Israel e no futuro.

A mais forte destas fronteiras era a faixa de Gaza, o dedo de terra que entrava pelo interior de Israel, constituindo, no fim da guerra, uma fronteira abortiva. A antiga Gaza, onde Sansão levantara os portões, tinha agora novos portões os dos campos de refugiados da Palestina. Os árabes dos campos mantinham-se apáticos e eram objecto da caridade mundial, enquanto os dirigentes egípcios os injectavam de ódio. Gaza era a base e campo de instrução dos *fedayeen* que os Egípcios protegiam. Foi neste local, a menos de 10 quilómetros do ninho do inimigo, que vinte e dois rapazes e dezasseis raparigas foram edificar um colonato Nahal.

Chamaram-lhe Nahal Midbar (Rio do Deserto).

Entre as dezasseis raparigas contavam-se a sua enfermeira, Karen Hansen Clement.

Dov acabara os seus estudos no Instituto Weizmann e fora transferido para os trabalhos de abastecimento de água no vale Huleh. Conseguiu uma licença de cinco dias antes de se apresentar no seu novo cargo, pelo que pôde ir de carro a Nahal Midbar ver Karen. Estavam separados havia seis semanas, desde que ela partira com o seu grupo. Dov demorou um dia a chegar ao distante local, no deserto de Negueve. Um caminho de macadame partia da estrada principal, ao longo da faixa de Gaza, e estendia-se alguns 4 quilómetros na direcção do colonato.

A maior parte de Nahal Midbar era ainda constituída por tendas. Só tinham construído uma barraca para comerem, outra para as alfaías e dois observatórios. O depósito da água e a canalização estavam quase prontos.

Estes escassos edifícios ficavam num canto batido pelos ventos, árido, desolado e cozido pelo sol,, que parecia o cabo do mundo. Na verdade, não ficava perto de nada. No horizonte avistava-se a silhueta sinistra de Gaza. Arame farpado e trincheiras defrontavam o inimigo. Estavam a lavrar os primeiros *dunams* de terra. Dov parou ao portão e olhou durante um momento. Nahal Midbar era deprimente. Então, de súbito, voltou os olhos para o mais belo jardim da Terra, pois viu Karen correndo para ele, vinda da tenda-hospital.

Dov! Dov! gritou ela, correndo pelo outeiro castanho e escalavrado e lançando-se nos braços que a esperavam. Abraçaram-se fortemente, com os corações a pulsarem de excitação e alegria.

Deram as mãos e Karen conduziu Dov até à cisterna; ele lavou o rosto suado e bebeu durante muito tempo. Depois, Karen levou-o para longe, por um caminho que passava pelo outeiro e ia dar a umas ruínas dos Nabateus. Era o posto avançado, precisamente no marco da fronteira, e lugar favorito dos rapazes e raparigas solitários. Karen fez sinal à sentinela de que a renderia, e esta compreendeu e afastou-se. Escolheram o caminho pelo meio das ruínas, até que chegaram a um templo antigo; esperaram até deixar de ver a sentinela. Karen olhou para o campo, através do arame farpado. Tudo estava em silêncio.

Ambos encostaram à parede as espingardas que traziam e abraçaram-se e beijaram-se.

Oh, Dov! Finalmente!

Quase morri de saudades tuas disse ele.

Beijaram-se novamente, sem se importarem com o ardente sol do meio-dia do deserto, cada um alheio a tudo o que não fosse o outro. Dov levou-a para um canto e sentaram-se na terra; Karen estava nos seus braços, e ele beijou-a, acariciou-a, e ela fechou os olhos, feliz. Depois, as mãos de Dov imobilizaram-se e olhou-a apenas com amor.

Tenho notícias maravilhosas disse ele.

Ela ergueu os olhos.

Que pode haver de mais maravilhoso do que este minuto?

Senta-te disse ele.

Que é, Dov?

Já sabias que eu tinha sido transferido para o Projecto do Huleh?

Claro.

Bom, ontem chamaram-me. Querem que eu esteja lá só até ao fim do Verão... depois que vá para a América seguir estudos mais adiantados! Para o Instituto de Tecnologia de Massachussetts!

Karen piscou os olhos.

Para a América? Estudar?

Sim... durante dois anos. Não resisti à tentação de vir cá dizer-te.

Ela forçou-se a sorrir.

Que bom, Dov! Orgulho-me tanto de ti... Então vais daqui a uns seis ou sete meses.

Ainda não lhes dei a resposta disse ele.--Queria falar contigo a este respeito.

Dois anos não é sempre disse Karen. Quando voltares, o *kibbutz* estará pronto. Teremos dois mil *dunams* de terra cultivada, uma biblioteca e uma creche cheia de bebés.

Espera aí... disse Dov. Não vou para a América ou para onde quer que seja sem ti. Casamo-nos já. Claro que a vida na América será difícil. Não podem dar-me grande mesada. Terei de trabalhar depois das aulas, mas tu podes também estudar enfermagem e trabalhar...

As coisas arranjam-se.

Karen estava muito calada. Olhou para longe e viu Gaza, que se erguia a distância, os observatórios e as trincheiras.

Não posso deixar Nahal Midbar murmurou ela. Ainda mal começámos. Os rapazes trabalham vinte horas por dia.

Karen... tens de pedir autorização.

Não, Dov, não posso. Se eu partir, as coisas tornam-se muito mais difíceis para todos.

Tens de ir. Não vou sem ti. Não compreendes o

EXODUS 789

que isto significa? Voltar daqui a dois anos e saber tudo o que há para saber sobre lençóis de água, perfuração e canalizações. Será perfeito. Viveremos juntos em Nanai Midbar e eu trabalharei aqui ao pé, no deserto. O *kibbutz* receberá o meu salário. Karen... serei cinquenta vezes mais útil a Israel do que sou agora.

Ela levantou-se e voltou-lhe as costas.

Isso está bem *para ti*. É importante para ti ires para a América, Eu agora faço mais falta aqui.

Dov empalideceu e deixou cair os ombros.

Pensei que te dava uma grande alegria...

Ela fitou-o.

Tu sabes que tens de ir e sabes que tenho de ficar.

Não, c'os diabos! Não posso estar longe de ti durante dois anos! Nem sequer dois dias.

Levantou-se, tomou-a nos braços, cobriu-lhe a boca de beijos, e ela retribuiu-lhe beijo por beijo. Choraram ambos, dizendo «amo-te» repetidas vezes; tinham as faces molhadas de transpiração e lágrimas e as mãos procuravam os corpos um do outro; deslizaram para o chão.

Sim! Agora! disse ela a chorar.

Dov levantou-se de repente e ficou a tremer. Cerrou os punhos com força.

Temos de acabar com isto.

Tudo era silêncio, à excepção dos soluços suaves de Karen. Dov ajoelhou ao lado dela.

Por favor, não chores, Karen.

Oh, Dov, que vamos *fazer*? Quando estou longe de ti, é como se não vivesse. E agora, sempre que nos vemos, as coisas acabam assim. Quando me deixas, ando doente, de tanto que sinto a tua falta.

Também a mim me custa muito disse ele. A culpa é minha. Vamos ter mais cuidado. Nada acontecerá antes de nos casarmos.

Ele ajudou-a a levantar-se.

Não me olhes assim, Karen. Nunca querei magoar-te.

Amo-te, Dov. Não estou envergonhada nem receosa por te querer.

790 LEON URIS

Não quero fazer nada que te prejudique disse ele.
Ficaram em silêncio, com os olhos a brilhar de amor
e os corpos tensos.

É melhor voltarmos para o *kibbutz* disse finalmente
Karen, com a voz repassada de tristeza.

Kitty conhecia já a maior parte de Israel e vira as
colônias mais agrestes. Sabia, ao dirigir-se para Nahal
Midbar, que era uma antecâmara do Inferno. Mas, apesar
de se ter preparado para o pior, o coração caiu-lhe aos pés
quando viu o colonato um forno colocado no caminho
de aguerridas hordas árabes.

Karen foi mostrar o *kibbutz* a Kitty com evidente orgulho
pelo que tinham feito em três meses. Havia algumas
novas barracas de madeira, mais uns *dunams* de terra
arada, mas o aspecto era desolador. Representava um trabalho
torturante de rapazes e raparigas durante o dia e
noites de vigília.

Daqui a uns anos disse Karen haverá árvores
e flores por toda a parte, se conseguirmos arranjar água
suficiente.

Foram para a sombra, para a tenda-hospital de Karen,
e ambas beberam água. Kitty olhou pela abertura da
tenda. Arame farpado e trincheiras. Nos campos, rapazes
e raparigas trabalhavam ao sol, enquanto outros caminhavam
atrás deles com espingardas, guardando-os. Uma
mão na espada e a outra no arado foi assim que reconstruíram
as muralhas de Jerusalém. Kitty olhou para

Karen. A rapariga era muito jovem e muito bela neste
lugar, dentro de poucos anos, estaria velha antes de tempo.

Está realmente a fazer planos para regressar à América?

Custa-me a acreditar, disse Karen.

Disse-lhes que queria um ano de licença. Ultimamente
tenho sentido muitas saudades. E agora, sem ti...

bem, durante um tempo, quero descansar. Pode ser que
regresse a Israel, não tenho a certeza.

Quando parte?

Depois da Páscoa.

Tão cedo? Quando se for embora, isto será horrível,
Kitty.

EXODUS 791

Tu agora és uma mulher, Karen. Tens a tua vida.

Não posso pensar que se vai embora.

Oh, escreveremos uma à outra e manter-nos-emos unidas. Quem sabe, depois de viver quatro anos neste vulcão, pode ser que ache o mundo demasiado monótono.

Tem de voltar, Kitty.

Kitty sorriu.

O tempo o dirá. Como está o Dov? Ouvi dizer que acabou o curso.

Karen evitou dizer a Kitty que tinham proposto a Dov ir para a América, porque sabia que Kitty tomaria o partido dele.

Mandaram-no para o lago Huleh. Projectam abrir

canais e fazer escoar o lago para o mar da Galileia, aproveitando-o para terra de cultivo.

Dov tornou-se um elemento muito importante. Ouvi dizer coisas fantásticas a respeito dele. Poderá vir cá passar a Páscoa?

Não me parece provável.

Kitty fez estalar os dedos.

|| Olha, tenho uma ideia esplêndida. A Jordana convidou-me para passar a Páscoa em Yad El, e eu prometi ir. O Dov está a trabalhar perto dali. Porque não vens a Yad El?

Tenho o dever de ficar no meu *kibbutz* durante a »» Páscoa.

Estarás aqui durante muitas Páscoas. Para mim seria um presente de despedida.

Karen sorriu.

Vou.

Bom. Como está o teu rapaz?

Bem... creio eu murmurou Karen, carrancuda.

Discutiram?

Não. Ele não discute comigo. Oh, Kitty, ele é tão estupidamente nobre que às vezes me dá vontade de gritar. Compreendo disse Kitty, franzindo as sobrancelhas.

És uma mulher feita, com 18 anos.

Não sei mesmo o que hei-de fazer, Kitty... eu... fico quase louca de pensar nele, e depois de todas as vezes que nos vemos ele toma a mesma atitude digna. Eles...

792 LEON URIS

são capazes de o mandar para longe. Talvez só nos casemos daqui por dois anos. Parece-me que vou rebentar.

Ama-lo muito, não é verdade?

Seria capaz de morrer de tanto que lhe quero. Não devia dizer isto?

Não, querida. Amar alguém assim é a coisa mais maravilhosa do mundo.

Kitty... desejo tanto amá-lo. Acha mal?

Se achava mal? Kitty lembrou-se de estar junto de uma cama e insinuar a Ari que Jordana era uma prostituta pelos momentos secretos que passava com David Ben Ami. Se achava mal? Quantas vezes ela lamentara aquelas palavras... David já morrera há três anos e Jordana ainda sofria profundamente. Mesmo com aquela casca dura de *sabra*, levaria para a sepultura um coração despedaçado. Se achava mal? Qual seria o futuro de Dov e Karen? Aquela hoste aguerrida para lá do arame farpado deixá-los-ia viver?

Karen... a sua querida menina...

Ama-o, Karen disse Kitty Ama-o com todo o amor que lhe tens.

Oh... Kitty!

Sim querida. Ama-o.

Ele tem tanto receio...

Então ajuda-o a não ter receio. És a mulher dele e é assim que deve ser.

Kitty sentiu-se interiormente vazia. Tinha dado a sua Karen para sempre. Sentiu a mão dela no seu ombro.

E a Kitty não pode ajudar o Ari?

Kitty sentiu um aperto no coração ao ouvir o nome dele.

Não há amor quando uma pessoa ama e a outra não.

Ficaram ambas em silêncio muito tempo. Kitty dirigiu-se para a abertura da tenda e olhou para fora. As moscas eram aos montes à sua volta. Voltou-se rapidamente e fitou Karen.

Não consigo ir-me embora sem te dizer como me aflige que tenhas vindo para este lugar.

EXODUS 793

As fronteiras têm de ser defendidas. É fácil dizer aos outros que o façam.

Nahal Midbar tem três meses e já há um rapaz e uma rapariga no cemitério, mortos pelos *fedayeen*.

Não encaramos as coisas assim, Kitty. Perderam-se dois, mas juntaram-se mais cinquenta a Nahal Midbar e outros cinquenta vieram edificar uma colónia a 5 quilómetros de distância porque viemos para aqui. Daqui a um ano teremos uma creche e mil *dunams* de terra cultivada.

E daqui a um ano começarás a envelhecer. Trabalharás dezoito horas por dia e passarás as noites nas trincheiras.

Tudo o que tu e o Dov tirarão daqui é um quarto de 2mX2,5m. Nem a roupa que vestirem será vossa.

Está enganada, Kitty. O Dov e eu teremos tudo.

Incluindo um quarto de milhão de assassinos árabes ao pé de vocês.

Não podemos zangar-nos com essa pobre gente disse Karen. Estão ali sentados dia após dia, mês após mês, fechados como animais, vendo os nossos campos porem-se verdes.

Kitty atirou-se para uma cama e enterrou o rosto nas mãos.

Kitty... ouça...

Não posso.

Por favor . ouça, por favor. Sabe que mesmo quando eu era pequena, na Dinamarca, perguntava a mim própria porque nascera judia. Agora sei a resposta. Deus não nos escolheu por sermos fracos ou fugirmos do perigo. Durante seis mil anos suportámos assassínios, desgostos e humilhações e conservámos a fé. Sobrevivemos a todos os que tentaram aniquilar-nos. Não vê, Kitty?...

Este pedaço de terra foi-nos destinado porque é a encruzilhada do mundo. É aqui que Deus quer que esteja o Seu povo . nas fronteiras, para defender e guardar as Suas leis, que são os alicerces da existência moral do homem. Em que outro lugar poderíamos viver?

Israel está entre a espada e a parede, gritou Kitty.

Sempre esteve e sempre estará... com selvagens a tentarem destruir-vos.

Ah, não, Kitty, não! Israel é a ponte entre a escuridão e a luz.

E de repente Kitty compreendeu: era tudo tão claro... tão maravilhosamente claro. A resposta era pois esta Israel, a ponte entre a escuridão e a luz.

CAPÍTULO V

Para um judeu há uma noite importante entre todas: a festa religiosa da Páscoa. A Páscoa é celebrada em memória da libertação do jugo do Egito. Os Egípcios, os primeiros opressores, tornaram-se o símbolo de todos os opressores de todos os judeus, através de todas as épocas. O ponto culminante é a véspera da Páscoa, quando tem lugar o Seder Festa da Libertação, para dar graças pela liberdade conseguida e oferecer esperança àqueles que a não têm. Em atenção aos exilados e aos perdidos pelo mundo, antes do renascimento de Israel, o Seder acabava sempre com as palavras: «...no próximo ano em Jerusalém».

Lê-se o Haggadah, um livro especial de orações, contos e canções da Páscoa, alguns escritos há três mil anos. O dono da casa recita a história do êxodo do Egito. O Seder era o momento culminante do ano. A dona da casa tinha de preparar-se para ele durante um mês. Tinham de limpar tudo. Tinha de preparar comidas e decorações próprias da Páscoa. Por toda Jerusalém se realizavam preparativos entusiásticos para o Seder. Nas colónias comunais, a mesa do Seder levaria centenas de pessoas. Outros lares tinham Seders pequenos e simples. À medida que a véspera da Páscoa se aproximava, Israel ia tomando um ar festivo.

Este ano, o Seder na casa dos Ben Canaan, em Yad El, devia ser um acontecimento relativamente pouco importante. Mas Sara tinha de cumprir à letra as tradições e rituais prescritos. Era um trabalho de amor e não deixaria que lho tirassem. Por dentro e por fora, a casa ficou

impecável. No dia da festa, as salas estavam cheias de enormes rosas da Galileia. Os *Menorah* castiçais do rito tinham sido areados até ficarem com um brilho ofuscante. Havia centenas de doces e frutas cristalizadas especiais da Páscoa. Tinham sido preparados todos os pratos especiais e a própria Sara trazia o seu melhor vestido.

Na véspera da Páscoa, Kitty e Sutherland foram de carro da vivenda dele para Yad El.

Essa ideia de deixar Israel é incrível murmurou Sutherland. Não consigo habituar-me a ela.

Já me fartei de pensar nisso, Bruce. É o melhor.

Na América costumamos dizer: «Despede-te deles enquanto riem.»

Acha realmente que a imigração já passou o auge?

Bem, digamos que já passou a primeira inundação.

Há muitas pequenas comunidades de judeus, como as polacas, Fechadas na Europa e que querem sair. Suspeito que os judeus do Egito podem ser atacados em qualquer altura. Mas o principal é que tenhamos pessoal e recursos para todas as emergências.

Refere-se às pequenas emergências disse Sutherland.

E as grandes?

Não compreendo.

Os Estados Unidos, têm 6 milhões de judeus e os

Russos têm 4 milhões. E eles?

Kitty reflectiu.

A maior parte dos poucos judeus que vieram dos Estados Unidos são uma de duas coisas. Ou são idealistas dos velhos tempos dos pioneiros, ou neuróticos em busca de um falso refúgio. Não acredito que chegue o dia em que os judeus americanos venham para Israel por medo ou porque sejam perseguidos. Se esse dia chegasse, não queria estar viva para o ver. Pelo que respeita aos Russos, há uma história estranha e que faz pensar e que muita gente não conhece.

Estou cheio de curiosidade disse Sutherland.

Bem, sabe que tentaram integrar os Judeus, enchendo-os de teorias. Tentaram fazê-los perder a sua identidade, deixando morrer os velhos e endoutrinando os

jovens desde o nascimento. Decerto que sabe que o anti-semitismo ainda grassa na Rússia.

Já ouvi dizer.

Foi no último dos dias mais santificados que aconteceu esta coisa inacreditável que prova o falhanço dos Sovietes. O embaixador de Israel foi à única sinagoga permitida em Moscovo. Após trinta anos de silêncio, trinta mil judeus apareceram nas ruas só para verem e tocarem no embaixador! Sim, um dia haverá uma grande *aliyah* na Rússia.

A história impressionou profundamente Sutherland, que ficou silencioso. Era a mesma velha história, a ideia que com tanta frequência lhe vinha ao espírito:... os *Judeus nunca perdem a sua identidade*. E... lá vem aquele dia de verdade em que têm de levantar-se e declarar as suas ideias. Pensou na sua adorada mãe...

Saíram da estrada principal para o *moshav* de Yad El.

Sara Ben Canaan saiu apressadamente de casa ao encontro dele. Houve abraços e saudações adequadas ao dia santo.

Somos os primeiros?

O Dov já chegou. Entrem, entrem... entrem.

Dov foi ter com eles à porta. Apertou a mão de Sutherland e abraçou Kitty efusivamente. Ela afastou-o um pouco dizendo:

Major Dov Landau! De cada vez que te vejo, estás mais belo.

Dov corou.

Sutherland examinava as rosas que Sara tinha na sala com uma ponta de inveja.

Onde estão os outros? perguntou Kitty.

A Jordana foi a Haifa a noite passada. Disse que voltaria cedo disse Sara.

Karen escreveu dizendo-me que sairia de Nahal Midhar ontem disse Dov Tem muito tempo para chegar cá. Talvez tenha ficado em Haifa a noite passada. Em todo o caso, pode ser que tenha de pedir uma boleia depois de Safed.

Não te preocupes disse Sutherland. Estará aqui a tempo do Seder.

Kitty ficou desapontada por Karen ainda não ter chegado, mas não disse nada aos outros. Os transportes eram péssimos, especialmente num dia santo.

Posso ajudá-la nalguma coisa? perguntou a Sara.

Pode estar sentada sem preocupações. Já lhe telefonaram uma dúzia de vezes do escritório do *moshav*.

Todas as suas crianças do Huleh sabem que vem. Disseram que virão cá durante o dia, antes do Seder.

Sara saiu para a cozinha.

Kitty voltou-se para Dov.

Ouvi dizer muitas coisas agradáveis a teu respeito,

Dov.

O rapaz encolheu os ombros.

Não sejas modesto. Soube que estás a trabalhar num projecto de aproveitamento de água do Jordão.

Se os Sírios nos deixarem e não deixam. É engraçado, a Síria e a Jordânia beneficiariam dele dez vezes mais do que nós. Mas desde que traga mais uns litros de água a Israel são contra.

Porquê? perguntou Sutherland.

Temos de alterar o curso do Jordão durante alguns quilómetros. Os Árabes dizem que o fazemos por razões defensivas, apesar de permitirmos a entrada de observadores seus. Oh, mas havemos de conseguir.

Dov respirou fundo. Era evidente que estava preocupado e Sutherland pressentiu que ele queria falar com Kitty em particular; por isso, foi até ao outro extremo da sala e entreteve-se a ver os livros dispostos nas estantes.

Kitty disse Dov. Queria falar-lhe antes de a Karen chegar.

Sim, Dov, imediatamente.

Ela é uma teimosa.

É, sim. Estive em Nahal Midbar há algumas semanas.

Tivemos uma grande conversa.

Ela disse-lhe que eu tinha uma oportunidade de ir estudar para a América?

Não, mas eu sabia. Bem vê, já estou em Israel há tanto tempo que arranjei o meu próprio sistema de espionagem.

Não sei o que hei-de fazer. Ela é fiel ao seu *kibbutz*.

Receio que se recusasse a partir. Eu... eu não posso deixá-la durante dois anos.

Eu insisto com ela. Kitty sorriu. Ela agora está a ceder. Vais ver, Dov, que tudo se há-de resolver. A porta da frente abriu-se e Jordana, com o seu cabelo vermelho a flutuar, entrou de braços abertos.

Shalom, a todos gritou ela.

Kitty abraçou-a.

Emá! chamou Jordana. Vem cá. Tenho uma surpresa para ti.

Sara saiu a correr da cozinha, precisamente quando Ari entrava.

Ari!

Estendeu a mão para tirar o lenço e ao mesmo tempo rompeu a chorar e abraçou-o.

Ari! Oh, Jordana, és um demónio de cabelo ruivo!

Porque é que não disseste que o Ari vinha?

Bem, pensei que cozinhavas o suficiente para mais uma pessoa disse ela, abraçando a mãe.

Seus diabos! disse Sara, sacudindo o indicador e esfregando suavemente os olhos. Deixa-me olhar para ti, filho. Ari, pareces cansado. Estás a trabalhar demasiado. Abraçaram-se novamente e riram.

Então Ari viu Kitty Fremont.

Na sala houve um silêncio embaraçoso, enquanto ambos se olhavam demorada e fixamente. Jordana, que preparara cuidadosamente o encontro, olhou de um para o outro.

Kitty levantou-se lentamente e acenou com a cabeça.

Shalom, Ari. disse baixinho.

Shalom murmurou ele.

Estejam à vontade disse Jordana, agarrando rapidamente o braço da mãe e levando-a novamente para a cozinha.

Dov apertou a mão de Ari.

Shalom, brigadeiro Ben Canaan disse ele.

Kitty observou Dov: os olhos do jovem brilhavam de admiração, vendo em Ari o quase lendário chefe «das Feras».

EXODUS 799

Shalom, Dov. Tens bom aspecto. Ouvi dizer que vais levar-nos água para o deserto.

Tentaremos tudo.

Sutherland e Ari cumprimentaram-se.

Recebi a sua carta, Sutherland, e teremos muito prazer na sua visita a Elath, sempre que queira.

Estou muito interessado em ver o Negueve com os meus próprios olhos. Talvez possamos combinar um dia. Ótimo. E o seu jardim?

Bem, devo dizer que as rosas de sua mãe são as primeiras *que* me causam inveja. É verdade, meu amigo, não deixarei que volte para Elath sem passar uma tarde na minha vivenda.

Farei o possível.

Seguiu-se novo silêncio embaraçoso quando Sutherland » olhou para Ari e para Kitty, que não tirara os olhos de Ari. Sutherland dirigiu-se rapidamente para Dov e levou-o para fora da sala.

Agora, major Landau, tens de contar-me como é que vocês planeiam fazer correr o lago Huleh para o mar da Galileia. Não é brincadeira. .

Ari e Kitty ficaram sós.

Tem bom aspecto disse Kitty finalmente.

Você também.

Fez-se outro silêncio.

Eu ...Ah... Como está a Karen? Vem?

Vem, sim. Estamos à espera dela a todo o momento.

Quer... quer dar um passeio? Lá fora está fresco.

Sim, porque não? disse Kitty.

Em silêncio, saíram do jardim e seguiram pela beira dos campos, passaram pelo olival e chegaram ao Jordão. Sentia-se o regresso da Primavera no cheiro e no aspecto de tudo. Ari acendeu dois cigarros e deu um a Kitty. Era ainda mais bela do que a recordação que dela conservava.

Kitty notou o olhar fixo de Ari.

Eu... estou realmente envergonhada por nunca ter ido a Elath. O comandante de Beerseba ofereceu-se várias vezes para me levar de avião. Vale a pena ver, creio eu.

800 LEON URIS

A água as montanhas são muito belas.

A cidade está a aumentar?

Cresceria mais rapidamente do que qualquer outra cidade do mundo se pudéssemos romper o bloqueio e abri-la como porto para o Oriente.

Ari perguntou Kitty gravemente, como estão as coisas por lá?

Como sempre estiveram... como sempre estarão.

Os bandos de *fedayeen* estão a tornar-se piores, não estão?

Esses pobres diabos não são quem verdadeiramente nos preocupa. Estão a reunir-se para invadir todo o Médio Oriente desde o Sinai. Vamos ter de os atacar primeiro, se quisermos sobreviver. Ari sorriu. Os meus rapazes dizem que devíamos atravessar a fronteira, chegar ao monte Sinai e restituir os Dez Mandamentos a Deus...

Tem-nos causado bastantes complicações.

Kitty olhou demoradamente para o rio, que borbulhava. Suspirou com nervosismo.

Estou tão preocupada por causa de Karen... Está na faixa de Gaza... Nahal Midbar.

Péssimo local murmurou Ari. Mas eles são fortes.

Vão ser bem sucedidos.

Sim, seria sempre isto que Ari responderia, pensou Kitty.

Ouvi dizer que vai regressar à América...

Kitty acenou com a cabeça afirmativamente.

Tornou-se uma mulher célebre.

Sou mais uma curiosidade disse Kitty.

É modesta.

Tenho a certeza de que Israel sobreviverá sem mim.

Porque se vai embora?

Acaba de ver o Dov... agora major Dov Landau.

É um excelente rapaz; Karen fica em boas mãos. Não sei... talvez não queira esgotar o bom acolhimento que me dispensaram. Talvez ainda não pertença inteiramente a este país. Talvez tenha saudades de casa. Há muitas razões. De qualquer forma, quero somente um ano de licença para passar o tempo a pensar só a pensar.

EXODUS 801

Talvez faça bem. É bom poder-se pensar sem as pressões impostas pela vida quotidiana. Foi um luxo que foi negado ao meu pai até há dois anos.

De repente sentiram-se sem palavras.

Será melhor irmos indo para casa disse Kitty.

Quero lá estar quando a Karen chegar. Além disso, estou à espera de algumas das minhas crianças.

Kitty... um momento, por favor.

Diga.

Deixe-me dizer-lhe que estou muito grato pela amizade que tem dedicado à Jordana. Tem sido boa para ela.

Tenho estado preocupado com o seu desassossego.

É uma rapariga muito infeliz. Nunca ninguém poderá avaliar a que ponto ela amava aquele *rapaz*.

Quando o esquecerá ela?

Não sei, Ari. Mas tenho vivido tanto tempo aqui que me tornei uma optimista inveterada. Um dia, a Jordana tornará a ser feliz.

Continuou a pairar entre eles uma pergunta que não fizeram. Existiria também felicidade para ela... e para ele, um dia?

É melhor voltarmos repetiu Kitty.

Durante todo o dia, as crianças de Kitty vieram de Gan Dafna e de meia dúzia de colónias do Huleh visitá-la.

A gente de Yad El veio ver Ari. Houve um afluxo constante de gente para casa dos Ben Canaan. Todos se lembravam da primeira vez que tinham visto Kitty, alheia

e estranha. Agora falava-lhes na sua língua, e todos erguiam os olhos para ela com admiração.

Muitas das suas crianças tinham vindo de longe para passarem apenas uns minutos com ela. Alguns recém-casados.

Quase todos vestiam o uniforme do exército de Israel.

À medida que a tarde passava, Kitty ia ficando aflita com a demora de Karen. Por várias vezes, Dov foi à estrada principal ver se a avistava.

Ao fim da tarde, os visitantes tinham todos partido para se prepararem para os seus Seders.

Onde diabo estará aquela rapariga? vociferou

E. - 51

802 LEON URIS

Kitty, exprimindo em termos de aborrecimento a sua preocupação.

Talvez já esteja perto disse Dov.

Podia ter telefonado a avisar-nos do atraso. A Karen

não costuma ser descuidada disse Kitty.

Ora vamos, Kitty disse Sutherland, bem sabe

que seria quase necessário um decreto para conseguir uma chamada telefónica.

Ari viu a inquietação de Kitty.

Ouçá... eu vou ao escritório do *moshav* e peço uma chamada especial para o *kibbutz* dela. Talvez eles saibam o caminho que ela tencionava tomar e possamos localizá-la.

Ficava-lhe muito grata disse Kitty.

Pouco depois de Ari ter partido, Sara entrou e disse que a mesa do Seder estava pronta e pediu que todos a fossem ver. Foi o seu momento de glória após um mês de labuta. Abriu a porta que dava para a sala de jantar e as visitas entraram conscienciosamente em bicos de pés e emitiram um coro de «ohs!» e «ahs!». Era na realidade uma mesa adequada a uma Festa de Libertação.

Os objectos de prata e as travessas brilhavam. Eram usados apenas uma vez por ano, neste dia. Os castiçais de prata reluziam no centro da mesa. Junto deles estava um grande cálice de prata de lei, trabalhada, chamado «Taça de Elias». Fora colocado ali e fora enchido de vinho para dar as boas-vindas ao profeta. Quando ele veio e bebeu pela taça, veio como precursor do Messias.

Em todos os lugares havia vinho especial e cálices de prata que durante o Seder deviam ser cheios quatro vezes, pelas quatro promessas de Deus; trazer, entregar, redimir e levar os filhos de Israel. O vinho, que simbolizava alegria, seria também bebido em pequenos goles durante a narrativa das Dez Pragas do Egipto ou quando fosse cantada a canção de Míriam acerca do mar Vermelho fechando-se sobre o exército do faraó.

À cabeceira havia uma almofada, para que o narrador da história do Êxodo pudesse descansar. Antigamente, apenas os homens livres repousavam, enquanto os escravos tinham de sentar-se, hirtos.

EXODUS 803

E no centro, junto dos castiçais, estava a velha travessa de ouro do Seder, contendo as comidas simbólicas. Havia *matzos*, o pão ázimo, para lhes lembrar que os filhos de Israel tiveram de sair tão depressa do Egito que o seu pão não foi levado. Havia um ovo, a simbolizar a oferta de boa vontade, agriões de água, pela vinda da Primavera, e o osso da perna de cabrito, para relembrar as ofertas a Deus no Grande Templo. Havia uma mistura de nozes, maçãs cortadas em cubos e *maror*, ervas amargas. As primeiras simbolizavam a argamassa que os Egípcios os obrigavam a fazer para as construções com tijolos e as ervas lembravam a amargura da escravidão. Sara fê-los sair e todos voltaram à saleta. Ao entrarem, foi Jordana quem primeiro viu Ari. Estava encostado aos alizares da porta, pálido e com uma expressão atordoada. Depois todos olharam para ele. Tentou falar, mas não pôde, e passado um instante todos compreenderam. Karen! Onde está ela perguntou Kitty. O queixo de Ari tremeu e ele baixou a cabeça. Onde está? A Karen morreu. Foi morta a noite passada por um bando de *fedayeen* de Gaza. Kitty soltou um grito de angústia e caiu para o chão. Kitty abriu os olhos e pestanejou. Bruce e Jordana estavam de joelhos junto dela. Recordou-se, atormentada, os olhos nublaram-se-lhe, estremeceu e murmurou: A minha menina... a minha menina... Sentou-se lentamente, Jordana e Sutherland, apáticos com o choque, estavam desfigurados e entorpecidos de dor. A Karen morreu... A Karen morreu... -Se eu pudesse ter morrido por ela... disse Jordana a chorar. Kitty tentou levantar-se. Deixe-se estar deitada, minha querida... deixe-se estar deitada, por favor disse Sutherland. Não... não disse Kitty, libertando-se de Sutherland. Tenho de ver o Dov. Tenho de ir ter com ele. Saiu cambaleando e encontrou Dov sentado no canto

da outra sala, de olhos encovados e rosto contorcido pela dor. Correu para ele e tomou-o nos braços.

Dov... meu pobre Dov murmurou Kitty a chorar.

Dov encostou a cabeça ao peito de Kitty a chorar, convulsivamente. Kitty embalou-o e choraram juntos, até que a escuridão envolveu a casa dos Ben Canaan e ninguém tinha mais lágrimas para chorar.

Ficarei contigo, Dov... Eu cuidarei de ti disse Kitty. Havemos de passar esta crise.

O jovem levantou-se, trémulo.

Isto há-de passar, Kitty disse. Continuarei a trabalhar. Hei-de fazer que ela se orgulhe de mim.

Peço-te, Dov, não voltes a ser como eras por causa disto.

Não disse ele. Já pensei nisso. Não posso odiá-los, porque a Karen não os odiava. Não era capaz de odiar nada que tivesse vida. Nós... ela dizia que com o ódio nós nunca poderemos ganhar...

Sara Ben Canaan estava à porta.

Eu sei que estamos todos desolados disse ela compadecida, mas devemos continuar com o Seder.

Kitty olhou para Dov, que fez um aceno de concordância.

Dirigiram-se em trágico cortejo para a sala de jantar.

Jordana fez parar Kitty à entrada da porta.

O Ari está sozinho no celeiro, disse Jordana.

Vai ter com ele?

Kitty saiu. Viu as luzes das outras casas do *moshav*.

Tinham começado o Seder. Precisamente neste momento, os chefes de família contavam a história milenária do Êxodo, como Sempre fora contada pelos antepassados e continuaria a ser pelos tempos fora. Principiou a chover, e Kitty apressou-se na direcção do celeiro, que uma trémula luz de lanterna iluminava. Entrou e olhou em redor. Ari estava sentado de costas para ela, sobre um fardo de feno. Aproximou-se dele e tocou-lhe no ombro.

Ari, o Seder está prestes a começar.

Ari voltou-se, ergueu os olhos para ela e recuou como se tivesse recebido uma pancada. Kitty ficou impressio-

EXODUS 805

nada com o rosto de Ari, desfigurado por um sofrimento que nunca vira num ser humano. Os olhos de Ari Ben Canaan estavam cheios de angústia. Olhou para ela, mas não deu mostras de a ver. Virou-se, escondendo o rosto entre as mãos, e os ombros descaíram-lhe com desânimo. Ari... temos de ter o Seder.

Durante toda a vida... toda a vida... vi-os matar todas as pessoas que amo... Já não resta nenhuma... nenhuma.

|>- As palavras vinham do mais profundo de um desespero incomportável. Ela ficou surpreendida e meio receosa pela emoção quase palpável que torturava a figura, agora ! , estranha, que tinha diante de si.

Morri com eles. Morri mil vezes. Por dentro sinto-me vazio... não tenho nada.

Ari... Ari...

Porque é que temos de enviar crianças para viver nesses lugares? Essa rapariga adorável... esse anjo... porquê... *porque é* que a mataram também?

Ari cambaleou. Toda a força, vigor e auto domínio que faziam dele o Ari Ben Canaan se tinham ido. O que estava diante de Kitty era uma massa cansada e vencida.

Porque é que temos de lutar pelo direito à vida, uma vez e outra, sempre que o Sól nasce?

Os anos de tensão, os anos de luta, os anos de mágoa, tinham-se acumulado numa vaga imensa. Ari levantou o rosto dolorido para o Céu e levantou os punhos acima da cabeça.

Meu Deus! Meu Deus! Porque não nos deixam em , paz? *Porque não nos deixam viver?*

Os seus ombros fortes descaíram, a cabeça pendeu-lhe para o peito, e ele continuou de pé a tremer.

Oh, Ari... Ari! disse Kitty a soluçar. O que eu te fiz! Porque não compreendi? Ari, meu querido... o que deves ter sofrido... Posso algum dia ter perdão por te magoar?

Ari estava exausto, esgotado. Caminhou ao longo de um estábulo.

Não me reconheço murmurou. Por favor, não conte isto aos outros.

806 LEON URIS

Será melhor entrarmos. Estão à nossa espera disse Kitty.

Kitty!

Caminhou para ela vagarosamente, até ficar à sua frente, olhando-a nos olhos. Depois ajoelhou-se lentamente, passou os braços em volta da cintura de Kitty e encostou a cabeça a ela.

Ari Ben Canaan chorou.

Era um som estranho e aflitivo de ouvir. Chorou do fundo da alma, por todas as vezes durante a sua vida em que o não pudera fazer. Chorou com uma mágoa infinita. Kitty apertou a cabeça dele levemente de encontro ao seu corpo, afagou-lhe o cabelo e murmurou-lhe palavras de conforto.

Não me deixes pediu Ari.

Ah, como ela desejaria ouvir essas palavras! «Sim», pensou ela, «ficarei esta noite e durante algum tempo, porque tu agora precisas de mim, Ari. Mas, mesmo mostrando lágrimas e humildade pela primeira vez na tua vida, envergonhas-te delas. Precisas de mim agora, mas amanhã...

amanhã serás novamente o Ari Ben Canaan. Serás todos os fortes e corajosos Ari Ben Canaan afeitos à tragédia.

E então... já não precisarás de mim».

Ela ajudou-o a levantar-se e limpou-lhe as lágrimas.

Ele sentia-se fraco. Kitty pôs o braço dele sobre os seus ombros e amparou-o com força.

Assim está bem, Ari. Podes apoiar-te em mim.

Saíram lentamente do celeiro. Pela janela viram Sara acender as velas e dizer algumas palavras de acção de graças.

Ari parou, tirou o braço de Kitty e endireitou-se; voltara a ter a sua figura habitual.

Já tão depressa se tornara outra vez Ari Ben Canaan.

Antes de entrarmos, Kitty, quero dizer-te uma coisa.

Quero dizer-te que nunca ameí Dafna como te amo a ti.

Sabes qual é a vida que terás de partilhar comigo.

Sei, Ari

Não sou como os outros homens... Podem passar

EXODUS 807

anos... posso nunca mais tornar a dizer a falta que sinto de ti está em primeiro lugar, antes de todas as coisas... antes das necessidades deste país. Serás capaz de compreender isto?

Compreenderei sempre.

Entraram na sala de jantar. Os homens puseram solidéus.

Dov e Jordana, Ari e Kitty, Sutherland e Sara.

Tinham os corações desfeitos pela dor. Quando Ari se encaminhou para a cabeceira da mesa, para tomar o lugar de Barak, Sutherland tocou-lhe no braço.

Se não se ofende disse ele, sou, dos presentes, o judeu mais velho. Posso dizer o Seder?

Temos muita honra respondeu Ari.

Sutherland dirigiu-se para a cabeceira da mesa, para o lugar do chefe da família. Todos se sentaram e abriram o seu Haggadah. Sutherland fez sinal a Dov Landau para começar.

Numa voz mal segura, Dov leu: *«Porque é esta noite diferente de todas as noites do ano?*

«Esta noite é diferente porque celebramos o momento mais importante do nosso povo. Nesta noite celebramos a sua partida, em triunfo, da escravidão para a liberdade.»

Edição n.º 1039

Este livro foi composto e impresso durante o mês de Outubro de 1960 nas Oficinas Gráficas da Editora Gráfica Portuguesa, L.da para Publicações Europa-América, L.da